UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MARIA DAS DORES DE VASCONCELOS CAVALCANTI MELO

LIÇÕES DA MATA ATLÂNTICA NO NORDESTE DO BRASIL.

SABERES E FAZERES DE UMA REDE DE GESTORES NA IMPLEMENTAÇÃO DE UM CORREDOR DE BIODIVERSIDADE

RECIFE

2017

MARIA DAS DORES DE VASCONCELOS CAVALCANTI MELO

LIÇÕES DA MATA ATLÂNTICA NO NORDESTE DO BRASIL.

Saberes e Fazeres de uma Rede de Gestores na implementação de um Corredor de Biodiversidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Linha de pesquisa: Dinâmicas das paisagens naturais e ecossistemas.

Orientadora: Profa. Dra. Eugênia Cristina Pereira

Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Tabarelli

RECIFE

2017

Ficha catalográfica

Catalogação na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

M528l Melo, Maria das Dores de Vasconcelos Cavalcanti.
Lições da Mata Atlântica no Nordeste do Brasil. Saberes e fazeres de uma Rede de gestores na implementação de um Corredor de Biodiversidade / Maria das Dores de Vasconcelos Cavalcanti Melo. – 2017.
352 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Profª. Drª. Eugênia Cristina Gonçalves Pereira.
Coorientador : Prof. Dr. Marcelo Tabarelli.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2017.
Inclui Referências e anexos.

1. Geografia. 2. Gestão ambiental. 3. Biodiversidade – Conservação. 4. Biodiversidade florestal. 5. Florestas tropicais – Conservação. 6. Mata atlântica. 7. Corredor de biodiversidade. I. Pereira, Eugênia Cristina Gonçalves (Orientadora). II. Tabarelli, Marcelo (Coorientador). III. Título.

918 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2018-010)

MARIA DAS DORES DE VASCONCELOS CAVALCANTI MELO

LIÇÕES DA MATA ATLÂNTICA NO NORDESTE DO BRASIL. SABERES E FAZERES DE UMA REDE DE GESTORES NA IMPLEMENTAÇÃO DE UM CORREDOR DE BIODIVERSIDADE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Aprovada em: 14/09/2017.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eugênia Cristina Gonçalves Pereira (Orientadora − Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Larissa Monteiro Rafael (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Carla Jeane Helfemsteller Coelho Dornelles (Examinadora Externa)
Universidade Tiradentes

Profa. Dra. Rosa Ester Rossini (Examinadora Externa)
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Rodrigo Dutra Gomes (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico aos meus filhos, Gabriel e Olivia.

AGRADECIMENTOS

Á Deus, a oportunidade de poder realizar mais essa tarefa de tanto aprendizado.

Ao meu companheiro e amado Fernando, pela companhia, ajuda e compreensão.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Geografia e Eugenia Pereira, pela amizade e orientação.

Á atenção, inspiração e confiança do amigo Marcelo Tabarelli, na concepção e construção deste trabalho.

Á orientação amiga do antropólogo Bruno Cesar Cavalcanti, da psicóloga Renata Lira, da filósofa Carla Dornelles e da geógrafa Larissa Rafael.

Aos amaneros, filhotes queridos que construíram junto comigo o sonho da AMANE, representados por Bruno Paes, Mariana Almeida, Bruno Pinho, Letícia Almeida, Renata Pires, Elizete Medeiros, Ravi Rocha, Cláudia Vital, Fábio Pereira, Fátima Ximenes, Nira Fialho, Michele Dechoum, David Balog, Denise Bacelar, Fernando Gadelha, Marcelo Pelizzoli, Carla Dornelles, Leonardo Rodrigues e Patriota (Antonio Aguiar). Aos queridos Paulo Junior e Renata Pires, pelas belas fotos.

Aos amigos da Mata Atlântica presentes na Sociedade Nordestina de Ecologia, representados por Osvaldo Lira e Raul Soares; no Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, representados por Clayton Lino; na Conservação Internacional, representada por Luiz Paulo Pinto; no WWF Brasil, representado pela Helena Maltez; na The Nature Conservancy, representada por Miguel Camon e Denise Levy; no CEPAN, representado por Severino Rodrigo; na SOS Mata Atlântica, representada por Márcia Hirota, Mário Mantovani e Beloyanes Monteiro e na SAVE Brasil, representada por Jaqueline Goerck, Pedro Develey e Tatiana Pongilupe, pela confiança e oportunidade de aprendizado no Pacto Murici e na AMANE.

Aos amigos moradores da floresta, agricultores, assentados, sentinelas incansáveis da Mata Atlântica, inspiradores no esforço de unir natureza e sociedade em busca de um mundo mais justo e harmonioso, representados pela Irmã Rita, em Murici, e Zezito, na Serra do Urubu.

Agradeço a todos os que me receberam para as entrevistas desta tese pelas fundamentais contribuições discutidas e apresentadas.

Agradeço, por fim, a CAPES, pela bolsa de doutorado que me permitiu realizar este estudo.

Terra Plana

Me pediram pra deixar de lado toda a tristeza,
pra só trazer alegrias e não falar de pobreza.
E mais, prometeram que se eu cantasse feliz,
agradava com certeza.
Eu que não posso enganar, misturo tudo o que vivo.
Canto sem competidor,
partindo da natureza do lugar onde nasci.
Faço versos com clareza, à rima, belo e tristeza.
Não separo dor de amor.
Deixo claro que a firmeza do meu canto vem da certeza que tenho,
de que o poder que cresce sobre a pobreza
e faz dos fracos riqueza,
foi que me fez cantador.

Geraldo Vandré

RESUMO

A Mata Atlântica no Brasil está reduzida a 12,5% da sua cobertura original e sob o seu domínio hoje habitam 145 milhões de pessoas, onde é produzido cerca de 70% do PIB nacional. As conquistas obtidas na sua proteção se deram sob o comando de redes de atores sociais. A estratégia adotada por essas redes tem sido a conexão de paisagens através de Corredores de vegetação, a composição de mosaicos com diferentes usos do solo e a formação de Corredores de biodiversidade. É consenso que a gestão integrada desses territórios permite a otimização no uso dos recursos, a agilidade na realização das ações e a troca de experiências e aprendizagens entre atores diversos, inclusive as populações locais. A constituição de redes de atores modelando territórios de biodiversidade é experimento recente, cujos resultados ainda não foram devidamente estudados e comprovados. Seguindo nessa direção, esta pesquisa teve como objetivo geral entender as contribuições dos gestores das unidades de conservação da Área Focal Murici (AL) – Urubu (PE), do Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste – CBMANE, articulados em rede, na implementação do CBMANE. Desse contexto, recortam-se as seguintes questões: a ação em rede contribui com a proteção da Mata Atlântica na Área Focal Murici Urubu do CBMANE através da consolidação desta unidade de planejamento e gestão da biodiversidade? Como esses gestores podem contribuir mais efetivamente para a implementação do CBMANE? A metodologia adotada foi, quanto à natureza, uma pesquisa aplicada; quanto à forma de abordagem, a qualitativa; e, quanto aos procedimentos técnicos, um estudo de caso. Para a obtenção dos dados foi realizada uma pesquisa documental e um levantamento de campo, onde foi utilizada a entrevista semiestruturada. Para a análise do conteúdo encontrado seguiu-se a categorização, como uma operação de classificação dos elementos dispostos no conjunto de cada entrevista. Os resultados encontrados foram apresentados em quatro categorias, sendo uma delas o plano de ação para o CBMANE. Estes resultados corroboram com a tese: as redes tornam as ações voltadas para a conservação da biodiversidade mais efetivas, por aumentar a escala de atuação, produzir e fazer circular grande número de informações estratégicas, exercer poder político institucional, possuir capacidade de mobilização e sensibilização da sociedade de maneira geral.

Palavras-chave: Mata Atlântica. Unidades de Conservação. Corredor de Biodiversidade. Redes.

ABSTRACT

The Atlantic Rain Forest in Brazil is reduced to 12.5% of its original coverage and under its domain now inhabit 145 million people, where approximately 70% of the national GDP is produced. The achievements gained in its protection came under the command of networks of social actors. The strategy adopted by these articulated national and international networks has been the connection of landscapes through vegetation corridors, the composition of mosaics with different uses of the soil and the formation of biodiversity corridors. It is a consensus that the integrated management of these territories allows the optimization of resource use, agility in carrying out actions and the exchange of experiences and learning among diverse actors, including local populations. The establishment of networks of actors modeling territories of biodiversity is a recent experiment, whose results have not yet been properly studied and proven. Following this direction, this research had as general objective to understand the contributions of the managers from the conservation units of the Focal Area Murici (AL) - Urubu (PE) and from the Atlantic Forest Biodiversity Corridor of the Northeast - CBMANE, articulated in network, in the implementation of CBMANE. From this context, this research cuts the following questions: Does the network action contribute to the protection of the Atlantic Forest in the CBMANE Murici Urubu focal area through the consolidation of this biodiversity planning and management unit? How can managers of conservation units in the Murici Urubu focal area contribute more effectively to the implementation of CBMANE? The thesis of this research is: Networks make actions aimed at biodiversity conservation more effective, by increasing the scale of action, producing and circulating a large number of strategic information, exerting political institutional power, mobilizing and sensitizing society in general. As for the nature, it is an applied research, as to the form of approach, it is qualitative and, as for the technical procedures, a case study was done. To obtain the data a documentary research was carried out; And a field survey, where the semi-structured interview was used. For the analysis of the content found the categorization was followed, as a classification operation of the elements arranged in the set of each interview. The results corroborate the thesis.

Key words: Atlantic Forest. Unit Conservation. Biodiversity Corridor. Network.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Vista aérea do Assentamento Pacas, tendo a ESEC Murici ao fundo da paisagem.....78

Fotografia 2 - Fachada do Centro de Educação para a Conservação da Mata Atlântica, em Murici, Alagoas.....81

Fotografia 3 - Atividades educativas no Centro de Educação para a Conservação da Mata Atlântica, em Murici, Alagoas.....81

Fotografia 4 - Atividades educativas no Centro de Educação para a Conservação da Mata Atlântica, em Lagoa dos Gatos, Pernambuco. 83

Fotografia 5 - Observação de Aves na RPPN Pedra D´Anta, em Lagoa dos Gatos, Pernambuco.....84

Fotografia 6 - Vista aérea da RPPN Pedra D´Anta, em Lagoa dos Gatos, Pernambuco.....85

Fotografia 7 - Centro de visitantes da RPPN Pedra D´Anta, em Lagoa dos Gatos, Pernambuco.....85

Fotografia 8 - Atividade realizada com equipe da AMANE durante o retiro pedagógico em 2011, na praia de Tamandaré, PE.....89

Fotografia 9 - Apresentação da Comadre Fulozinha no Evento Viva a Mata, SP.....123

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - distribuição biogeográfica da cobertura da floresta atlântica, apresentado em sua extensão original e remanescentes atuais divididos em oito unidades sub-regionais.....36

Mapa 2 - Sub-Regiões Biogeográficas (BSRs) baseadas nas principais áreas de endemismos para aves, borboletas e primatas como propostos por Silva e Casteleti (2003).....41

Mapa 3 – Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica.....43

Mapa 4 – Território do Programa Integrado de Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade (PICUS), da Mata Atlântica do Nordeste, com as áreas nucleares: 1 - Complexo Trapiche, 2 – Complexo Serra do Urubu, 3 – Complexo Serra Grande, 4 – Complexo Murici e 5 – Complexo Coruripe/Guachuma.....60

Mapa 5 - CBMANE (RN, PB, PE, AL, SE, BA).....72

Mapa 6 - Área Focal Murici – Urubu. 75

Mapa 7 – Imagem SPOT 2003 com delimitação da Estação Ecológica (ESEC), em amarelo, e das propriedades, em verde.....78

Mapa 8 - Localização do complexo da Serra do Urubu – Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Pedra D´anta / microbacias. 84

Mapa 9 - Zoneamento Ambiental da RPPN Pedra D´Anta, Lagoa dos Gatos, Pernambuco. 86

Mapa 10 - Zoneamento Ambiental da RPPN Pedra D´Anta. Zona de Recuperação 1.....87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Extensão das áreas protegidas nos países mais pobres do mundo.....24

Quadro 2 - Sistema de categorias de áreas protegidas da da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN).....28

Quadro 3 – Sistema de categorias de unidades de conservação (SNUC) - Grupo de Proteção Integral 45

Quadro 4 – Sistema de categorias de unidades de conservação (SNUC) - Grupo de Uso Sustentável..... 46

Quadro 5 - Lista dos principais projetos realizados pela AMANE - Período de 2005 a 2015.....62

Quadro 6 - Lista dos entrevistados nesta pesquisa.....90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Extensão da floresta atlântica em BSRs, como propostas por Silva e Casteleti (2003) e área mapeada pela SOS Mata Atlântica / Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) (2008).....39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMANE	Associação para a Proteção da Mata Atlântica do Nordeste
APA	Área de Proteção Ambiental
APAC	Agencia Pernambucana de Água e Clima
ARIE	Área de Relevante Interesse Ecológico
BI	BirdLife International
BIOSEV	Louis Dreyfus Group Company
BSRs	Sub-Regiões Biogeográficas
CBMANE	Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste
CDB	Convenção sobre a Diversidade Biológica
CEPAN	Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste
CELPE	Companhia Energética de Pernambuco
CI	Conservação Internacional
COBRAMAB	Comitê Brasileiro do Programa MaB
ESEC	Estação Ecológica
FEMA	Fundo Estadual de Meio Ambiente (PE)
FLONA	Floresta Nacional
Funbio	Fundo Brasileiro para a Biodiversidade
IARBMA	Instituto Amigos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
IBA	(na sigla em inglês) Áreas Importantes para a Conservação das Aves
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
ICMS	IMPOSTO SOBRE CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS
IMA	Instituto de Meio Ambiente de Alagoas
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
KBA	(na sigla em inglês) Áreas Chaves para a Conservação da Biodiversidade
MaB	Programa Homem e Biosfera (da sigla em inglês)
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MONA	Monumento Natural

ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PARNA	Parque Nacional
PIB	Produto Interno Bruto
PNUMA	Comissão Mundial para Áreas Protegidas do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PICUS	Programa Integrado de Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade
PDA	Projetos Demonstrativos do tipo A para Florestas Tropicais do Brasil
REBIO	Reserva Biológica
RESEX	Reserva Extrativista
REMA NE	Rede de Gestores de Unidades de Conservação do CBMANE
RDS	Reserva de Desenvolvimento Sustentável
RBMA	Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
RF	Reserva de Fauna
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Nacional
RVS	Refúgio de Vida Silvestre
SAVE Brasil	Sociedade para Conservação das Aves do Brasil
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SNE	Sociedade Nordestina de Ecologia
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
TNC	The Nature Conservancy
UC	Unidades de Conservação
UICN	União Internacional de Conservação da Natureza
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WWF Brasil	World Wildlife Fundation

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	18
1	**DOS CONCEITOS - A REVISÃO DA LITERATURA**.....	23
1.1	**Estratégias de conservação da biodiversidade**.....	23
1.1.1	O papel dos *hotspots* de biodiversidade.....	25
1.1.2	Áreas Protegidas.....	27
1.1.3	Áreas Protegidas e Pobreza – a experiência do Programa Integrado de Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade – PICUS.....	29
1.1.4	Corredores de biodiversidade.....	31
1.2	**A floresta atlântica**.....	34
1.3	**A mata atlântica no Brasil**.....	37
1.3.1	As Áreas Protegidas, Unidades de Conservação, Mosaicos e Corredores de Biodiversidade.....	43
1.4	**Redes**.....	51
1.4.1	As redes da mata atlântica.....	55
1.4.2	Do Pacto Murici à Rede de Gestores de Unidades de Conservação do CBMANE - REMA NE.....	57
2	**PROBLEMATIZAÇÃO – PROBLEMA – TESE**.....	65
3	**METODOLOGIA**.....	68
3.1	**Estratégia de pesquisa**.....	68
3.2	**Caracterização da área – objeto empírico**.....	70
3.2.1	O Corredor de Biodiversidade da Mata Atlantica do Nordeste - CBMANE.....	70
3.2.2	Área Focal Murici – Urubu.....	73
3.2.2.1	*O Complexo Florestal de Murici (CFM), em Alagoas*.....	76
3.2.2.2	*O Complexo Florestal da Serra do Urubu – CFSU*.....	82

3.3 **Procedimentos metodológicos**..... 87
3.3.1 Seleção dos gestores – o universo e a amostra..... 87
3.3.2 Realização das entrevistas..... 90
3.3.3 Transcrição das gravações – leitura e análise..... 92
4 **RESULTADOS E DISCUSSÃO**..... 93
4.1 **O estado da arte da biodiversidade na área focal Murici Urubu e os problemas das unidades de conservação do CBMANE**..... 93
4.2 **As redes na conservação da biodiversidade e o pacto Murici, sob a execuçãoda AMANE, na modelagem CBMANE**..... 100
4.3 **A colheita - as lições deixadas pela AMANE em seus dez anos de trabalho**..... 110
4.3.1 A missão..... 110
4.3.2 As conquistas..... 115
4.3.2.1 *O ICMBio e a relação com a população local*..... 116
4.3.2.2 *A produção de mudas, a agrofloresta e seus desdobramentos*..... 119
4.3.2.3 *Os Centros de Educação para a Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste* 121
4.3.2.4 As aprendizagens do trabalho em rede..... 123
4.4 **Principais dificuldades**..... 128
5 **O PLANO DE AÇÃO PARA O CBMANE – COMPONENTES E PARCERIAS PARA UM NOVO TEMPO**..... 132
6 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**..... 143
REFERÊNCIAS..... 147
ANEXO A – PARECER COSUBSTANCIADO DO CENTRO DE ETICA EM PEQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS..... 160
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... 164

ANEXO C - INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA..... 166

ANEXO D - CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)..... 167

ANEXO E - ROTEIRO TEMÁTICO PARA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA – Modelo 1..... 168

ANEXO F - ROTEIRO TEMÁTICO PARA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA – Modelo 2..... 171

ANEXO G - ROTEIRO TEMÁTICO PARA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA – Modelo 3..... 174

ANEXO H – ENTREVISTAS TRANSCRITAS..... 177

INTRODUÇÃO

A manutenção da biodiversidade em escala global é um problema que hoje se agrava considerando o aumento populacional e a combinação de consumo insustentável em países desenvolvidos com a pobreza persistente em países em desenvolvimento. A biodiversidade das áreas naturais vem sendo ameaçada pela expansão da agricultura, a urbanização, o desenvolvimento industrial, a superexploração dos recursos naturais, a poluição da água e do solo, e as doenças que ameaçam a continuidade da vida (MYERS, 1988; MITTERMEIER, 2011; LEWIS, S. *et al*., 2015; ZACHOS e HABEL, 2011). Esses processos se agravam com as mudanças climáticas, à medida que se modificam padrões de precipitação e temperatura, promovendo o aumento do nível dos oceanos, a perda de *habitats*, a perturbação dos processos ecológicos, a transformação das florestas em desertos e promovendo, também deslocamentos populacionais e aumento da pressão sobre os já escassos recursos naturais (ZACHOS e HABEL, 2011; CEDEPLAR, 2013).

Diante desse grande desafio imposto para as atuais e futuras gerações, há a necessidade do estabelecimento de prioridades para a conservação da biodiversidade, que vem sendo amplamente discutida na comunidade científica e entre os conservacionistas e tomadores de decisão. São esforços articulados, envolvendo expertises da conservação mundial, em busca de estratégias eficazes para reduzir o ritmo da extinção de espécies. Nessa direção foram criados e/ou consolidados conceitos e instrumentos chaves como os *hotspots* globais de biodiversidade (MYERS, 1988; MYERS *et al*., 2000; MITTERMEIER *et al*., 2004; MITTERMEIER, C.J. e LAMOURUX, J., 2005b), as áreas protegidas, dentre as quais as unidades de conservação, os mosaicos e os corredores ecológicos e de biodiversidade. Esses instrumentos de priorização espacial da conservação da biodiversidade vêm sendo adotados considerando a distribuição geográfica de espécies, suas populações biológicas e a ocorrência de processos ecológicos chave (MARGULES e PRESSEY, 2000; PINTO *et al*., 1997; OLIVEIRA-FILHO e FONTES 2000; SILVA e CASTELETI, 2003; TABARELLI *et al*., 2010).

Variando com a metodologia aplicada para a definição dessas áreas prioritárias, onde cada país define a sua legislação específica, cabe destacar a necessidade de ampliar a escala espacial da sua implementação para o nível da paisagem ou da região (RIBEIRO *et al*., 2009; SILVA *et al*., 2016). No caso dos ecossistemas terrestres tropicais, áreas isoladas não são

adequadas para a conservação da natureza. No entanto, são degraus essenciais para a construção de estratégias para a conservação e o uso sustentável da biodiversidade (MARETTI *et al*., 2012; MARGULES e PRESSEY, 2000).

Como estratégia para mitigar os efeitos da fragmentação e perda de biodiversidade, tem-se a conexão de paisagens, ou seja, de um conjunto de paisagens que se conectam através de corredores de vegetação e compõem mosaicos com diferentes usos do solo (HERRMANN, 2011). Um corredor ecológico ou de biodiversidade é uma unidade de planejamento regional, tendo as áreas protegidas como célula fundamental de gestão. A gestão integrada dessas áreas protegidas permite a otimização no uso dos recursos, a agilidade na realização das ações e a troca de experiências e aprendizagens, além de outros benefícios, como a consolidação dos corredores de biodiversidade (HERRMANN, 2011; RIBEIRO *et al*., 2009; TABARELLI *et al*., 2010; SILVA *et al*., 2016).

É consenso hoje que a participação de populações locais na gestão de áreas protegidas (seja unidades de conservação (UC) ou corredor de biodiversidade) é essencial para o manejo dos recursos naturais, a conservação da biodiversidade e o alcance da sustentabilidade (BORRINI-FEYERABEND *et al*. 2013; CALVET-MIR, L. *et al*., 2015; RIBEIRO *et al*., 2009). Essa participação tem sido confirmada e articulada em sucessivos congressos mundiais sobre parques nacionais e áreas protegidas (MACNEELY, 1992; CALVET-MIR, L. *et al*., 2015), assim como na Convenção da Diversidade Biológica (CONVENÇÃO SOBRE DIVERSIDADE BIOLÓGICA, 1992) e na estratégia de biodiversidade da União Europeia (EUROPEAN UNION, 2011; CALVET-MIR, L. *et al*., 2015). O que justifica essa compreensão é a constatação da garantia de legitimidade nas decisões e a sua continuidade ao longo do tempo, na realização de ações práticas de gestão participativa, como fiscalização, implementação de planos de manejo e participação em conselhos gestores. Questões de fundamental importância para a gestão dos recursos naturais, considerando o alto custo em recursos materiais, humanos e a instabilidade das políticas oficiais para a manutenção das áreas protegidas (CALVET-MIR, L. *et al*., 2015).

Para o estabelecimento de uma rede de áreas protegidas dispostas em um corredor de biodiversidade é necessário planejar a conectividade física dos *habitats* para ampliar a possibilidade de estabelecer o fluxo gênico e o tamanho das populações, condições necessárias para a persistência das espécies (VIEIRA, A. R., 2015). Assim, um corredor de biodiversidade se constitui, ao mesmo tempo, como uma ferramenta de estrutura,

planejamento e gestão, e como um fator motivador da articulação de pessoas e organizações em redes temáticas, por promover encontros e conversações.

O estudo das redes sociais entre atores envolvidos no manejo dos recursos naturais está ganhando atenção, considerando a oportunidade de inserir na gestão e manejo de áreas protegidas diferentes atores e verificar algumas características e funções dessas redes. A constituição de redes de atores modelando territórios de biodiversidade é experimento recente, cujos resultados ainda não foram devidamente estudados e comprovados. Há, portanto, a necessidade de estudos sobre o funcionamento dessas redes, de seus impactos sob a implementação das unidades de conservação e a conexão dessas unidades na constituição dos corredores de biodiversidade (BODIN, CRONA, ERNSTSON, 2005).

A floresta atlântica, localizada no Brasil, Argentina e Paraguai, tem experimentado um intenso processo de degradação, pois resta menos que 13% da sua cobertura original nesses países, e, ainda assim, disposta em pequenos fragmentos (CHEBEZ e HILGERT, 2003; HUANG *et al*.,2007, 2009; RIBEIRO *et al*.,2009; DE ANGELO, 2009; TABARELLI *et al*., 2010). Apesar do atual grau de degradação, novas espécies são descritas pela ciência a cada ano (MOORE, 2003; SILVA *et al*., 2016). O reconhecimento da riqueza da biodiversidade da floresta atlântica tem motivado uma mudança para preservar os remanescentes e restaurar a paisagem. Há riscos sérios de mais perda de biodiversidade, considerando o modelo de desenvolvimento adotado nesses países, ou ainda o modo de vida consumista em nossa contemporaneidade, que continua a aumentar a demanda sobre os recursos naturais (MOORE, 2003).

Uma estratégia que vem sendo adotada para a proteção da biodiversidade está ligada às áreas protegidas, cuja implementação não é recente e tem suscitado debates sobre sua efetiva contribuição, recebendo amplo apoio da sociedade na maioria dos países (PAZ *et al*., 2006). No entanto, com a constatação das perdas significativas da biodiversidade, mesmo adotando a criação e a implementação dessas áreas, outras ações de planejamento contra a extinção de espécies apontam para a integração dessas unidades em mosaicos, corredores de biodiversidade ou corredores ecológicos (SANDERSON *et al*., 2003; HERRMANN, 2011).

Para a floresta atlântica brasileira, denominada aqui de Mata Atlântica, em conformidade com a legislação brasileira, têm-se contabilizado resultados positivos em várias tendências como: o aumento do conhecimento sobre a sua biodiversidade; o aprimoramento de bases científicas para a sua conservação e restauração; a redução da degradação dos seus ecossistemas; a maior

percepção da sociedade acerca da degradação dos seus ecossistemas; novas áreas protegidas e novas políticas nacionais; os setores governamentais e privados mais proativos e engajados com a sociedade civil e articulados em redes de atores e um mercado de serviços ambientais que começa a se estruturar (SILVA *et al*., 2016). Apesar de todos esses esforços e resultados reconhecidos, a Mata Atlântica no Brasil ainda continua em um caminho de degradação, considerando os atuais estudos sobre as consequências das mudanças do clima (PBMC, 2012) e o entendimento sobre as respostas das florestas tropicais às pressões antrópicas (SCARANO, 2015; SILVA *et al*., 2016).

Seguindo nessa direção, esta pesquisa teve como objetivo geral entender as contribuições dos gestores das unidades de conservação da Área Focal Murici (AL) – Urubu (PE), do Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste (CBMANE), articulados em rede, na implementação do CBMANE. Por gestor de unidades de conservação se aplica, nessa pesquisa, o mesmo conceito adotado pela AMANE (MELO, 2010), como todo aquele que atua na gestão de uma UC e que participa ou pode participar do conselho gestor de uma unidade. É um grupo grande e bem diverso, o que demonstra o desafio de se implementar uma unidade, assim como a complexidade de oportunidades e ameaças para a sua gestão.

Através deste estudo de caso espera-se obter contribuições teóricas e lições no que se refere a estratégia de conservação baseada em corredores e o alcance desse objetivo com o auxilio de redes de gestores. Este estudo de caso é único no Brasil e um dos poucos no mundo, embora o corredor de biodiversidade seja considerado a única estratégia capaz de promover conservação de biodiversidade e desenvolvimento sustentável em biotas tropicais fragmentadas, como a Mata Atlântica.

Os seus objetivos específicos são: (1) Identificar e selecionar os gestores de unidades de conservação da Área Focal Murici Urubu, do CBMANE, em posições estratégicas na gestão das unidades de conservação; (2) descrever suas compreensões sobre o estado da arte da biodiversidade nessa Área Focal Murici Urubu; (3) Entender, por meio desses gestores, a relevância do trabalho em rede realizado pelo Pacto Murici, sob a coordenação executiva da AMANE, na modelagem do CBMANE; (4) Identificar e descrever as principais lições e aprendizagens desses gestores de maneira que possam ser replicadas para outras regiões na consolidação de um corredor de biodiversidade; (5) Elaborar, a partir dos achados do estudo, um plano de ação para a Área Focal Murici Urubu, do CBMANE (i.e. contribuição aplicada).

O título da tese: Lições da Mata Atlântica no Nordeste do Brasil. Saberes e Fazeres de uma Rede de Gestores na implementação de um Corredor de Biodiversidade. pode parecer demasiado abrangente, considerando que os entrevistados e o foco do trabalho se delimitam ao CBMANE e a sua Área Focal Murici Urubu. O CBMANE não inclui toda a Mata Atlântica do Nordeste, pois os Estados do Ceará, Piauí e litoral sul da Bahia não estão contemplados. No entanto, os dados levantados, a atuação da AMANE e, principalmente, os gestores entrevistados possuem atuação regional, nacional e internacional, justificando assim, as lições e aprendizagens na escala da região nordeste.

Esta tese foi desenvolvida em sete capítulos, sendo o primeiro esta Introdução; o segundo capítulo é dedicado à revisão de literatura, ou referencial teórico, buscando investigar os conceitos das principais categorias de análise do estudo. Os conceitos apresentados se articulam no terceiro capítulo, na construção da problemática e metodologia, donde se extrai o problema da pesquisa, que envolve a criação e o manejo de unidades de conservação de forma integrada permitindo que elas cumpram com seus objetivos, investigando se uma rede de gestores é parte da solução. O quinto capítulo apresenta os resultados e discussão, a partir dos dados da pesquisa de campo realizada com 21 gestores de unidades de conservação do CBMANE, sendo analisados a partir de quatro categorias, que foram orientadas pelos objetivos específicos, citados anteriormente. O plano de ação para o CBMANE delineado a partir das contribuições dos gestores entrevistados é apresentado no capítulo seis, destacado como um dos importantes resultados do trabalho por ser empírico e factível de aplicação. Por fim, o sétimo capítulo discorre sobre as principais considerações da pesquisa realizada e suas contribuições à conservação e uso sustentável da biodiversidade da Mata Atlântica do nordeste.

1 DOS CONCEITOS – A REVISÃO DA LITERATURA

1.1 Estratégias de conservação da biodiversidade

Reconhecer que a humanidade tem um dever moral de dividir o planeta com outras formas de vida é uma ideia que tem ampla aceitação, apesar das feridas que o ser humano tem infringido à natureza (as extinções estão ocorrendo centenas de vezes mais rapidamente que as taxas registradas na história dos fósseis). A pressão antrópica é o maior problema da conservação da biodiversidade, haja vista a lista de ameaças, reconhecida por todos aqueles que atuam na gestão de unidades de conservação: caça ilegal, invasão por agricultura, exploração madeireira, pastoreio, rodovias, incêndios, mineração, barragens, colonização, contaminação, excesso de pesca e turismo predatório (TERBORGH e SCHAIK, 2002).

A manutenção das populações biológicas nativas nos seus *habitats* naturais tem demonstrado ser a forma mais eficaz de conservar a biodiversidade (BALMFORD *et al.*, 2003), sendo portanto, necessário que se estabeleçam as áreas onde a conservação da biodiversidade deva ser prioritária sobre outros usos (RODRIGUES *et al.*, 2004). A proteção dessas populações nativas em seus *habitats* contra usos destrutivos tem sido valorizada e reconhecida (BRUNER *et al*., 2001; SANCHEZ-AZOFEIFA *et al*., 2003), considerado portanto a estratégia das áreas protegidas como um componente essencial para a conservação da biodiversidade (RODRIGUES *et al*., 2004; IUCN, 2014).

Quando devidamente manejadas, as áreas protegidas têm comprovada sua eficácia na proteção da fauna, da flora e de fungos, na persistência do bom funcionamento dos ecossistemas e uma solução chave para a perda da biodiversidade. As áreas protegidas devem ser consideradas como uma contribuição principal para a verdadeira sustentabilidade ambiental, cobrindo hoje 15,4% das áreas terrestres e áreas de águas interiores, 3,4% dos oceanos e 8,4% de todas as áreas marinhas dentro de jurisdição nacional (0-200 milhas náuticas) (IUCN, 2014). No entanto, o sexto Congresso Mundial de Parques, promovido pela IUCN, em 2014, em Sydney, na Austrália, comunica a redução generalizada do tamanho e destruição das áreas protegidas existentes, assim como o declínio no financiamento e apoio político.

O sexto Congresso Mundial de Parques indica a necessidade de priorizar a qualidade da implementação das áreas, não apenas a sua quantidade. Estas áreas precisam ser manejadas

efetivamente: hoje somente um quarto das áreas protegidas são efetivamente manejadas (UICN, 2014). A qualidade das áreas protegidas também requer que elas sejam estabelecidas em lugares certos, especialmente naquelas áreas onde elas possam prevenir o declínio e extinção de espécies, reduzam a perda de biodiversidade e permitam a manutenção dos serviços ecossistêmicos (UICN, 2014). Outras recomendações do Congresso (UICN, 2014) apontam para a necessidade de um amplo sistema de governança, envolvendo a iniciativa privada, os indígenas e comunidades, assim como para que as áreas protegidas sejam envolvidas dentro de um sistema de conservação integrado e conectividade em larga escala. Recomenda ainda atenção para a necessidade de monitoramento da biodiversidade das áreas protegidas, quanto a extensão e condição dos ecossistemas, risco de extinção de espécies e tendencias da população biológica. Para RODRIGUES *et al*. (2004) a rede mundial de áreas protegidas é ainda bem incompleta e não dá conta de garantir a conservação da biodiversidade em longo prazo, além do que as metas de conservação em áreas protegidas baseadas em percentagem de áreas não são adequadas pois, presumem que a biodiversidade está distribuída de maneira uniforme no Planeta, o que não é o caso.

Outra questão que agrava a situação da perda da biodiversidade em escala global é que a grande maioria das regiões identificadas como prioritárias para a expansão da rede mundial de áreas protegidas está localizada em países pobres que não possuem condições financeiras para suportar os custos de estabelecer e garantir o funcionamento das áreas protegidas (JAMES *et al*., 1999; SCHERL *et al*., 2006). Afirmativa comprovada pela tabela apresentada por Scherl *et al* (2006), onde consta que alguns dos países mais pobres do mundo têm uma significativa proporção do seu território qualificada como áreas protegidas (tabela 1).

Quadro 1 - Extensão das áreas protegidas nos países mais pobres do mundo

Extensão das áreas protegidas nos países mais pobres do mundo			
País (posição)	% Área Protegida	País (posição)	% Área Protegida
Tanzânia (1)	39.8	Zâmbia (7)	41.5
R.D.Congo (2)	8.3	Mali (8)	3.8
Burundi (=3)	5.3	Malaui (=9)	16.4
R. Congo (=3)	17.9	Nigéria (=9)	6.0
Serra Leoa (=3)	4.5	Etiópia (11)	16.5
Iêmen (6)	0	Madagascar (12)	3.1

Fonte: Os países foram classificados segundo a Paridade de Poder de Compra (Indicadores de Desenvolvimento Humano, do Banco Mundial, 2003); % da área protegida retirado de CHAPE *et al*., (2003). Fonte: SCHERL *et al*., 2003.

Pobreza e conservação da biodiversidade é tema recorrente para a maioria da comunidade conservacionista que acredita que reservar extensões de terra para a conservação da biodiversidade e uso sustentável de recursos deve ser conciliado num nível local com os meios de subsistência, oportunidades e capacidade de ação da população pobre (SCHERL *et al*., 2006). É consenso que as áreas protegidas não sejam concebidas como ilhas isoladas do contexto social, cultural e econômico, onde estão inseridas (SCHERL *et al*., 2006; DUDLEY *et al*., 1999; BARROW e FABRICIUS, 2002).

Apesar de parecer claros e explícitos os benefícios da proteção da biodiversidade, a importância dos serviços ambientais, como a produção de água e oxigênio (fundamentais para a sobrevivência humana), o equilíbrio do clima, a proteção do solo, dentre muitos outros, a humanidade não conseguiu internalizar esse conhecimento em práticas que promovam a continuidade, a sustentabilidade desses serviços. No entanto, anualmente, milhões de pessoas visitam as unidades de conservação no mundo, motivados pelo espetáculo diário da fauna e flora e o prazer da afinidade com a natureza. São essas práticas que fortalecem a estratégia da criação dessas áreas protegidas. Os parques atraem as populações urbanas que buscam oportunidades de recreação e relaxamento das tensões provocadas pela vida nas grandes cidades (TERBORGH e SCHAIK, 2002).

1.1.1 O papel dos *hotspots* de biodiversidade

Diante de um cenário de crise agravado com as consequências das mudanças climáticas, onde são contabilizados grandes desastres que vem se apresentando nas últimas décadas com a expansão da agricultura e da urbanização, a superexploração dos recursos naturais, a poluição química alterando os processos bioquímicos do solo, do ar e da água e a dispersão de doenças que ameaçam a vida (MILLENNIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT, 2005; MITTERMEIER *et al*., 2011), tem-se como principal ameaça a extinção de espécies, por ser algo irreversível (MITTERMEIER *et al*., 2011). A humanidade conhece menos que 10% desses recursos em vias de desaparecer (NOVOTNY et al., 2002). A Terra pode ser comparada a um vasto armazém que contém produtos que podem curar doenças como câncer, malária e outras ainda não conhecidas e por vir (MITTERMEIER *et al*., 2011). Apesar de pouco reconhecida pelo senso comum, a perda de espécies pode trazer consequências gravíssimas para a qualidade de vida na Terra, no médio e longo prazo, pois, os serviços da biodiversidade, são as bases da estrutura e função dos ecossistemas que suportam a espécie humana e toda a vida na Terra (McNEELY *et al*., 2009).

Em face desse grande desafio das atuais e futuras gerações há a necessidade do estabelecimento de prioridades para a conservação da biodiversidade, que se resume em uma pergunta: onde agir primeiro para reduzir a perda da biodiversidade? Estudos indicam para a verificação da vulnerabilidade, medindo o risco das espécies presentes na região, e a irreplicabilidade, verificando a extensão de qual substitutivo espacial existe para assegurar a biodiversidade (MARGULES e PRESSEY, 2000). No entanto, áreas com alto nível de endemismo, são irreplicáveis, portanto, algumas áreas precisam ser protegidas sob a pena de perda de muitas espécies ali existentes. Considerando ainda que a biodiversidade não é distribuída de maneira uniforme, há localidades com grandes concentrações de espécies endêmicas e ameaçadas, sendo, portanto, fundamental a sua proteção (ZACHOS e HABEL, 2011).

A primeira iniciativa buscando aplicar os princípios de irreplicabilidade e vulnerabilidade para guiar o planejamento da conservação em escala global foi o artigo de Norman Myers, denominado "*Threatened biotas: Hotspots in Tropical Forest*", em 1988. O conceito de *hotspot* (pontos quentes) foi estabelecido por Myers para definir quais são as áreas mais importantes para preservar a biodiversidade na terra, designando os biomas mais ricos em biodiversidade do planeta, e também aqueles mais ameaçados pela expansão de atividades humanas degradantes ao meio ambiente (MITTERMEIER *et al.*, 1999). Dez *hotspot*s na floresta tropical foram descritos com base no endemismo de plantas e altos níveis de perda de habitat, embora ainda sem critérios quantitativos para definição do status de *hotspot*. Em 1989, a Conservação Internacional adota o modelo dos *hotspots*, trabalhando com Myers a atualização sistemática dessas regiões, introduzindo dois critérios quantitativos para qualificar os *hotspots*: a região precisa conter menos que 1.500 plantas vasculares como endêmicas e ter 30% ou menos de sua vegetação original remanescente. A partir de então novos esforços foram realizados e publicações científicas foram consolidando o papel dos *hotspots* no planejamento da conservação da biodiversidade (MITTERMEIER *et al*., 2011). Atualmente o número total de *hotspots* chega a 35 regiões, detalhadas por Williams *et al* (2011), que combinados chegam a cobrir uma área de terra de 23.7 milhões de km², ou 15,9% da superfície terrestre.

1.1.2 Áreas Protegidas

O conceito de áreas protegidas vem se modificando e se adequando em cada país, ao longo dos anos. A UICN adota o seguinte conceito de área protegida: "é um espaço geográfico claramente definido, reconhecido, dedicado e gerido através de meios legais ou outros meios efetivos, para alcançar conservação da natureza em longo prazo, incluindo serviços ecológicos e valores culturais associados" (DUDLEY, 2008). A Convenção da Diversidade Biológica adota o conceito de área protegida como sendo "uma área definida geograficamente, que é designada ou regulamentada e gerida para o alcance de objetivos específicos de conservação" e, em seu artigo oitavo, ressalta a importância das áreas protegidas na conservação *in situ* da biodiversidade (CONVENÇÃO SOBRE A DIVERSIDADE BIOLÓGIA, 1992). Estima-se que hoje as áreas protegidas se encontrem em todos os diferentes biomas e zonas da biosfera (MEDEIROS e GARAY, 2006).

A discussão sobre a criação e implementação de áreas protegidas não é recente, tem já uma história de sucessos e fracassos, é controversa e conta com o apoio da sociedade em larga escala na maioria dos países (PAZ *et al*., 2006). Apesar da evolução significativa do conceito e dos experimentos nas últimas décadas, tanto em termos numéricos[1] quanto em instrumentos políticos e jurídicos, voltada à criação e/ou gestão, boa parte dessas áreas continuam distante da sociedade e, praticamente, não incorporadas aos processos de desenvolvimento local e regional, enfim, existindo apenas no papel. Assim, a compreensão do que seja patrimônio natural fica prejudicada, impedindo a valorização da figura das Unidades de Conservação e o seu franco desenvolvimento mediante suporte para atividades produtivas como ecoturismo, serviços ambientais ou o extrativismo seletivo, dentre outros (MEDEIROS e GARAY, 2006). Apesar de todas as evidencias, se constata o crescimento da consciência e valorização da questão ecológica no nível global, a participação popular em relação à qualidade de vida humana e o meio ambiente, a formação de redes em escala mundial, o que têm contribuído para pressionar os tomadores de decisão na constituição de políticas conservacionistas (VALLEJO, 2002).

As áreas protegidas podem ter características e objetivos distintos, adotando várias nomenclaturas em diferentes países. Buscando categorizar as áreas protegidas de acordo com seus objetivos a UICN desenvolveu um sistema de classificação, definindo aquelas de

[1] A Comissão Mundial para Áreas Protegidas do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente / PNUMA estima que o número total das áreas protegidas distribuídas no mundo é de 111.713 (WPCA/UNEP, 2005).

proteção mais rigorosa das atividades humanas (categorias I e II) e outras permitindo certas formas de intervenção, como o uso sustentável dos recursos naturais (categorias V e VI), dispostas no quadro abaixo (SCHERL *et al*., 2006).

Quadro 2 - Sistema de categorias de áreas protegidas da UICN

CATEGORIA	CARACTERÍSTICA
I - RESERVA NATURAL ESTRITA/ ÁREA NATURAL SILVESTRE	Áreas terrestres e/ou marítimas que possuem ecossistemas excepcionais ou representativos, características geológicas ou fisiológicas e/ou espécies disponíveis principalmente para a pesquisa científica e/ou monitoramento ambiental; ou extensas áreas de terra e/ou mar inalteradas ou pouco alteradas, que mantenham o seu caráter e influência naturais sem habitação permanente ou significante, protegidas e manejadas de forma a preservar a sua condição natural.
II – PARQUE NACIONAL: ÁREAS PROTEGIDAS CUJO MANEJO É VOLTADO PRINCIPALMENTE PARA A CONSERVAÇÃO DO ECOSSISTEMA E RECREAÇÃO	Áreas naturais terrestres e/ou marítimas destinadas a (a) proteger a integridade ecológica de um ou mais ecossistemas para esta e futuras gerações, (b) impedir a exploração ou ocupação contrárias aos propósitos da criação da área, e (c) fornecer uma base para oportunidades espirituais, científicas, educacionais, recreacionais e de visitação, as quais devem ser compatíveis ambiental e culturalmente.
III – MONUMENTO NATURAL: ÁREAS PROTEGIDAS CUJO MANEJO VISA PRINCIPALMENTE A CONSERVAÇÃO DE CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS	Áreas que contém uma ou mais características naturais ou naturais/culturais específicas que sejam de valor sobressalente ou único devido à sua raridade inerente, representativa de qualidades estéticas ou de importância cultural.
IV – ÁREAS DE MANEJO DE HABITAT/ ESPÉCIES: ÁREAS PROTEGIDAS CUJO MANEJO VISA PRINCIPALMENTE A CONSERVAÇÃO ATRAVÉS DA GESTÃO ATIVA	Áreas terrestres e/ou marinhas sujeitas à intervenção ativa com fins de manejo de modo a assegurar a preservação de *habitats* e/ou corresponder às necessidades de espécies específicas.
V – PAISAGEM TERRESTRE E MARINHA PROTEGIDAS: ÁREAS PROTEGIDAS CUJO MANEJO VISA PRINCIPALMENTE A CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM TERRESTRE/MARINHA E RECREAÇÃO	Áreas de terra abarcando costa e mar, onde a interação entre população e natureza no decorrer do tempo produziu uma área com características especiais de significativo valor estético, cultural e/ou ecológico, e frequentemente com grande diversidade biológica. Resguardar a integridade desta interação tradicional é vital para a proteção, conservação e desenvolvimento deste tipo de área.
ÁREA PROTEGIDA COM RECURSOS MANEJADOS: ÁREA PROTEGIDA CUJO MANEJO VISA PRINCIPALMENTE A UTILIZAÇÃO SUSTENTÁVEL DOS ECOSSISTEMAS NATURAIS	Áreas contendo predominantemente sistemas naturais não modificados, manejada para assegurar a proteção e preservação da diversidade biológica a longo prazo, e ao mesmo tempo possibilitar o fluxo de produtos naturais e serviços de modo a satisfazer as necessidades das comunidades.

Fonte: IUCN, 1994; CHAPE *et al*., 2003 *apud* SHERL *et al*., 2006.

Agrupadas de maneira integrada, as áreas protegidas podem contribuir com o desenvolvimento sustentável por meio da proteção de amostras representativas da diversidade biológica, da manutenção de processos e serviços ecológicos, e do cuidado com as tradições e interesses culturais e sociais, entre outros aspectos. Os objetivos das áreas protegidas

transcendem a sua localidade quando estão dispostas de maneira integrada e podem contribuir com a redução das consequências das mudanças climáticas, o alívio à pobreza, a escassez potencial dos recursos naturais e a erosão da biodiversidade. Há estudos e experimentos de tipos diferentes, mas complementares, de conjuntos de áreas protegidas, buscando tanto a integração dessas áreas com seu entorno ou na escala das paisagens, os mosaicos, as biorregiões (MARETTI *et al*., 2012), os corredores ecológicos ou de biodiversidade. O novo paradigma que se apresenta tem bases na compreensão de que a área protegida não pode ser vista como uma ilha e que deve ser abordada dentro de uma escala de paisagens ou regiões, por meio de organização espacial que busque atender a manutenção dos processos, das funções e dos serviços ecológicos (MARETTI *et al*., 2012).

1.1.3 Áreas Protegidas e Pobreza – a experiência do Programa Integrado de Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade - PICUS

A perda da biodiversidade tem sido associada à pobreza, considerando que a maior parte da pobreza é rural e que as áreas protegidas estão situadas nessas localidades (ADAMS *et al*., 2004). A criação dessas áreas impacta de forma negativa a pobreza, por expulsar populações do direito a terra e/ou restringir o uso dos recursos naturais. Apesar de haver aceitação sobre a importância de abordar, de maneira conjunta, a conservação da biodiversidade e o alívio da pobreza, os PICUS têm sido avaliados de forma negativa. Este é um debate acirrado e tem provocado a atenção internacional, desde 1972 com a Conferência sobre Meio Ambiente Humano, em Estocolmo e depois, com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, a Estratégia Mundial de Conservação de 1980; a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (cujo Relatório instituiu o termo Desenvolvimento Sustentável); a Conferencia das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, em 1992; a Cúpula para o Desenvolvimento Sustentável, em Joanesburgo, em 2002; a Sétima Conferência das Partes - COP 7, da Convenção da Diversidade Biológica - CDB, realizada em 2004; os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas e os Congressos Mundiais de Parques, realizados pela UICN (SCHERL *et al*, 2006; ADAMS *et al*., 2004).

Mesmo com o uso frequente do termo, o significado de pobreza tem sido difícil de mensurar, pode ser definido com base em critérios monetários, como renda per capita, ou não monetários, como saúde e mortalidade (ADAMS *et al*., 2004). Para Scherl *et al*.(2006) a pobreza é uma condição multifacetada que envolve diversas dimensões econômicas e sociais,

incluindo a falta de recursos e renda; a falta de oportunidades de participação em atividades produtivas; a falta de voz ativa e a capacidade de ação, sendo excluídos dos processos de decisão e governança e recursos legais; vulnerabilidade a desastres naturais ou causados pelo homem, doenças, choques econômicos; e incapacidade de promover e defender os interesses da comunidade.

Associar metas em projetos integrados de conservação e desenvolvimento tem sido o caminho adotado, considerando a necessidade das populações locais de serem inseridas de forma sistemática no planejamento das áreas protegidas. Durante o Terceiro Congresso Mundial de Parques, em 1982, em Bali, representantes da UICN afirmaram sobre a estreita relação entre áreas protegidas e pobreza, estabelecendo uma necessidade urgente de integração de objetivos e ações (ADAMS *et al*., 2004).

Há que se considerar que as áreas protegidas fornecem um grande número de serviços ambientais ou ecossistêmicos, seja para a sociedade como um todo, seja para as populações que vivem nelas ou no seu entorno. Quatro são as categorias definidas pela Avaliação Ecossistêmica do Milênio para os serviços ambientais ou ecossistêmicos: 1. Serviços de provisão - aqueles relacionados com a capacidade dos ecossistemas em prover bens, sejam alimentos, matéria prima para geração de energia, fitoterápicos, recursos genéticos e bioquímicos, plantas ornamentais e água; 2. Serviços reguladores - aqueles obtidos a partir de processos naturais que regulam as condições ambientais que sustentam a vida humana, como a purificação do ar, regulação do clima, purificação e regulação dos ciclos das águas, controle de enchentes e de erosão, tratamento de resíduos, desintoxicação e controle de pragas e doenças; 3. Serviços culturais - relacionados com a importância dos ecossistemas em oferecer benefícios recreacionais, educacionais, estéticos, espirituais; e 4. Serviços de suporte - os processos naturais necessários para que os outros serviços existam, como a reciclagem de nutrientes, a produção primária, a formação de solos, a polinização e a dispersão de sementes (MMA, 2012; SCHERL *et al*., 2006). As áreas protegidas também podem oferecer trabalho e renda associados à gestão local, como guardas ou guias florestais e ao turismo, em sua ampla abrangência (SCHERL *et al*., 2006).

O impacto das áreas protegidas sobre a vida das pessoas ainda é pouco conhecido. Nos países em desenvolvimento, grande parte das populações instaladas nas áreas rurais é pobre, marginalizada, com pouca oportunidade de se envolver em programas sociais e participar da gestão dos recursos naturais da sua região (FRANKS, 2003; McNEELY, 2004; WILKIE,

REDFORD e McSHANE, 2004; SCHERL *et al*., 2006). Sem considerar o contexto histórico e geográfico, o estatus econômico nacional e estratégias de desenvolvimento, fica difícil mostrar cientificamente relações de causalidade entre áreas protegidas e pobreza. Não há estudos científicos consistentes sobre o impacto em longo prazo das áreas protegidas nas comunidades do entorno (SCHERL *et al*., 2006), portanto, não há ainda como considerar que os PICUS sejam falhos. Este estudo pode contribuir com experimentos realizados nos últimos dez anos em uma região de alta biodiversidade, em Pernambuco e Alagoas, no Brasil.

Os PICUS vêm sendo implementados por organizações não governamentais desde a década de 80, sendo fortalecidos por fundos para a conservação da biodiversidade por agencias internacionais de desenvolvimento durante os anos 90 (McSHANE e WELLS, 2004). Estas iniciativas buscavam compensar as populações locais pela falta de acesso às áreas protegidas e fornecer fontes de renda alternativas que lhes permitam beneficiar-se economicamente da conservação, ao mesmo tempo buscando medidas que reduzissem as práticas destrutivas ao meio ambiente (SCHERL *et al*., 2006).

1.1.4 Corredores de biodiversidade

Apesar da constatação das perdas da biodiversidade (nos últimos 400 anos aproximadamente 250 espécies de aves, mamíferos, reptéis e anfíbios foram extintos como resultado das atividades humanas), a tomada de consciencia e as providencias quanto a conservaçao têm sido lenta e pouco eficaz, na maioria dos casos. Diante disso, ações de planejamento contra a extinção precisam ser tomadas, considerando estratégias eficientes para a proteção de *habitats* e processos ecológicos e evolucionários. Uma abordagem que vem sendo desenvolvida com grandes promessas de efetividade são os corredores de conservação da biodiversidade (SANDERSON *et al*., 2003). A motivação dessa abordagem se deu a partir das falhas na conservação da biodiversidade constatadas na adoção de estratégias implementadas anteriormente, que se basearam em características estéticas, recreacionais, economicas e espirituais; focalizando espécies carismáticas e economicamente importantes e definindo áreas relativamente pequenas. A primeira geração da jovem disciplina da conservação biológica, surgida na década de 1980, foi minimalista ao buscar reduzir os conflitos e os custos de implementação das áreas protegidas ao propor a criação de áreas com tamanhos reduzidos de população e *habitat* (SANDERSON *et al*., 2003).

Essa nova estratégia envolve maiores processos ecológicos e expande o foco da conservação de uma população local criticamente ameaçada para milhões de espécies e centenas de

indivíduos, que só podem ser mantidos em áreas muito grandes. A abordagem regional para o planejamento da conservação é fundamental para a manutenção dos componentes críticos da biodiversidade, sendo hoje acordado entre os biólogos da conservação (GALINDO-LEAL e BUNNELL, 1995; AYRES *et al*., 1997; SANDERSON e HARRIS, 1998; SOULÉ e TERBORGH, 1999; ZAVALETA *et al*., 2001; SANDERSON *et al*., 2003). Apesar de haver relutância entre os conservacionistas em incluir assentamentos humanos dentro de áreas protegidas, a nova estratégia indica a necessidade de ampliar o foco de atuação na paisagem, sendo necessária uma abordagem em duas escalas, a local e a paisagem mais abrangente. A intenção de um corredor de biodiversidade é engajar as necessidades de conservação e o desenvolvimento econômico, superando os benefícios para além da área protegida e até de sua zona de amortecimento ou zona tampão (SANDERSON *et al*., 2003). O papel dos corredores em facilitar a troca de indivíduos e aumentar as interações planta-animal como a polinização e a dispersão de sementes, vem sendo largamente comprovado em experimentos (TEWKSBURY *et al*., 2002; SANDERSON *et al*., 2003). Um corredor de larga escala pode conter vários arquipélagos ou complexos de *habitats*, isolados ou semi-isolados, áreas protegidas e outras reservas, tendo a função de trampolins para a circulação das espécies (WIENS, 1996; SANDERSON *et al*., 2003).

Como modelo de planejamento regional o corredor ecológico e/ou de biodiversidade foi proposto inicialmente para conservar as áreas de uso de espécies que requerem grandes extensões territoriais para a sua sobrevivência, evoluindo em seguida para conservar grandes regiões biologicamente estratégicas e sob pressão da fragmentação (HERRMANN, 2011). Essa abordagem mais ampla de conservação em paisagens regionais, não restrita apenas às unidades de conservação, envolve diversos campos de conhecimento e são, por essência, multidisciplinares. Assim, os corredores ampliam o foco da conservação, influenciando mais ativamente nas políticas públicas de uma região (HERRMANN, 2011).

Duas teorias foram importantes para impulsionar essa mudança de paradigma, das unidades de conservação para os corredores ecológicos e/ou de biodiversidade: a teoria da biogeografia de ilhas e posteriormente, da teoria de metapopulação. Robert Helmer MacArthur, ecólogo canadense, e Edward Osborne Wilson, biólogo norte-americano, propuseram a Teoria da Biogeografia de Ilhas ou Teoria do Equilíbrio Biogeográfico, na década de 60. Para a teoria do equilíbrio biogeográfico insular, o número de espécies em uma ilha depende do equilíbrio entre as taxas de extinção e imigração, que são influenciadas pela distância da ilha ao continente. Populações de pequena dimensão, como das ilhas, são mais vulneráveis à

extinção, consequência de competição ou de predação (MACARTHUR e WILSON, 2001). Mesmo que os autores não tratem na teoria, do planejamento da conservação, vários outros autores propuseram a sua aplicação no planejamento de áreas protegidas, como Diamond (1975), que a partir da teoria propõe critérios para orientar o desenho das reservas (HERRMANN, 2011).

Richard Levins, ecólogo norte-americano, propôs a teoria de metapopulações, em 1970, buscando entender à dinâmica das populações. Metapopulação é uma rede de populações formada por subpopulações espacialmente estruturadas em agrupamentos, cujos indivíduos se reproduzem localmente e onde a migração entre as populações pode influenciar a dinâmica local e o fluxo gênico da região (HANSKI e SIMBERLOFF, 1997). Assim, se para manter uma população viável de determinada espécie focal um remanescente de *habitat* natural isolado não é suficiente, uma metapopulação viável poderá se manter em um conjunto de áreas (remanescentes) bem conectadas (TAYLOR *et al*. 2006; BENNETT, 2003; HERRMANN, 2011).

Para estas duas teorias, a paisagem é um sistema de *habitat* e não *habitat*, e a matriz (não *habitat*) é uniforme e possui o mesmo grau de resistência ao deslocamento dos indivíduos. Esta foi uma questão que provocou críticas às teorias, considerando a grande variedade de matrizes com diferentes graus de resistências, permeabilidade, forma do fragmento e efeito de borda. O debate que surgiu a partir das teorias foi importante por ampliar as preocupações com a fragmentação do hábitat, apesar de que a aplicabilidade nas práticas de conservação ainda é pouca considerando a ausência de dados demográficos e informações sobre distancia de dispersão e permeabilidade diferencial, suficientes para a sua utilização (HERRMANN, 2011).

Sanderson (2003) define um corredor de biodiversidade como um espaço sub-regional, selecionado como uma unidade de larga escala para o planejamento e implementação da conservação da biodiversidade, sendo definido biológica e estrategicamente, conciliando ações de conservação com as exigências de desenvolvimento do território, extrapolando assim os limites de áreas protegidas existentes e suas zonas de amortecimento. Dessa maneira, o corredor abriga espaços de usos restritos, que podem ser áreas irreplicáveis, rede de áreas protegidas, e áreas com variados graus de ocupação humana, buscando integrar atividades economicamente viáveis e aquelas definidas para conservação da biodiversidade.

O desenho do corredor de biodiversidade deve ser definido considerando a escala e dinâmica dos objetivos da conservação das espécies ameaçadas e estabelecendo o melhor arranjo do uso da terra na paisagem onde ambas, a dinâmica das atividades humanas e os processos ecológicos e evolucionários coexistam (CABS e IESB, 2000; SANDERSON *et al*., 2003). Dois itens são importantes no desenho do corredor de biodiversidade, primeiro, o estabelecimento das áreas protegidas como âncoras e segundo, o planejamento dos usos compatíveis das demais áreas de interstícios, de conexão entre as áreas prioritárias para a conservação. Sem a garantia de atividades de baixo impacto no uso da terra, nas áreas de amortecimento, o sistema não pode ser compatível com a conservação da biodiversidade. Há que se destacar que os sistemas agroflorestais podem ser compatíveis para estas áreas de entorno desde que não utilizem espécies exóticas invasoras[2] (NOSS, 2002; SANDERSON *et al*., 2003).

Considerando que as Reservas da Biosfera adotam as unidades de conservação de proteção integral como áreas núcleo e que outras áreas protegidas estão dentro das suas zonas de transição e de amortecimento, têm-se os corredores de biodiversidade como uma extensão lógica das Reservas da Biosfera (IUCN, 1998).

1.2 A floresta atlântica

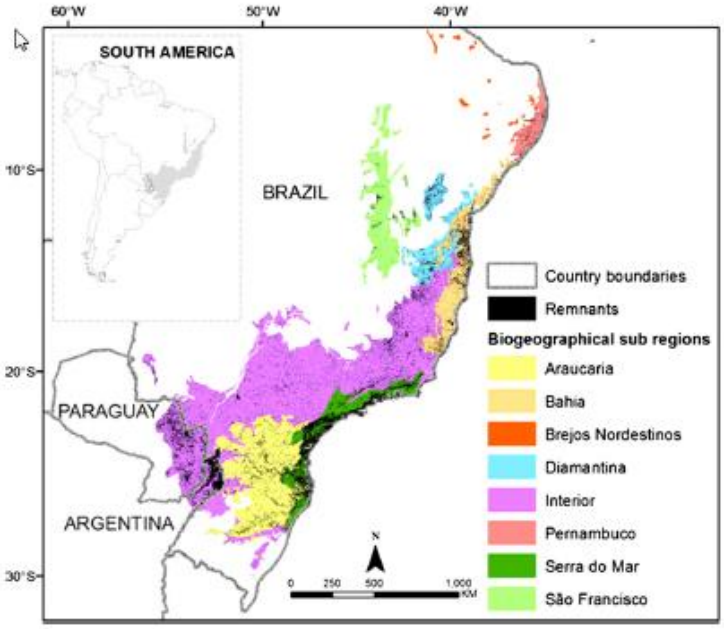
A floresta atlântica consiste em um enorme bloco de floresta (~1,5milhões de km²) que se estende por mais de 3.300km da costa brasileira e, a oeste, em pequenas ilhas no Paraguai e Argentina, (Mapa 1), abrigando mais que 20.000 espécies de plantas, 261 espécies de mamíferos, 688 espécies de aves, 200 espécies de répteis, 280 espécies de anfíbios e muito mais espécies que ainda requer descrição científica (GOERCK, 1997; MITTERMEYER *et al*., 1999; SILVA e CASTELETI, 2003; RIBEIRO *et al*., 2009). A fauna e flora da floresta atlântica deve incluir 1 a 8% do total das espécies do mundo (SILVA e CASTELETI, 2003; RIBEIRO *et al*., 2009). Essa floresta tem sido reconhecida internacionalmente como um dos 34 *hotspots* mundiais para a conservação da biodiversidade (MYERS, 1988; MITTERMEIER *et al*., 2005a; TABARELLI *et al*., 2010). Apesar da sua reconhecida importância, este bioma

[2] As espécies exóticas invasoras são consideradas aquelas que ameaçam a diversidade biológica, isto é, animais, plantas, fungos e microorganismos que podem afetar todos os tipos de ecossistemas (CDB, 1992). Considerada a segunda maior causa de perda de diversidade biológica em escala mundial, e a primeira em áreas protegidas e ilhas oceânicas.

vem sendo degradado desde o século XVI, com a chegada dos primeiros europeus ao Brasil (DEAN, 1997; CINCOTTA *et al*., 2000; TABARELLI *et al*., 2010). Estima-se que hoje 145 milhões de pessoas (70% da população brasileira) vivam ao longo da costa brasileira, constituindo a base de recursos para uma parcela considerável do Produto Interno Bruto (PIB) do país (SILVA *et al*., 2016). Considerando a pressão de um modelo de desenvolvimento voltado para a exploração, com práticas frequentes de caça, extração de madeira, coleta de produtos não florestais, expansão da fronteira agrícola, hoje se contabiliza apenas 12,9% (194.524 km²) da cobertura original da floresta atlãntica nos três países (CHEBEZ e HILGERT, 2003; HUANG *et al*.,2007,2009; RIBEIRO *et al*.,2009; DE ANGELO, 2009; TABARELLI *et al*., 2010). O monitoramento da cobertura florestal tem demonstrado ainda hoje um alto nível de devastação na maioria das regiões, com taxas anuais de 0,5% para a floresta atlântica como um todo (TEIXEIRA *et al*., 2009; TABARELLI *et al*., 2010); na Argentina não tem sido muito alta, considerando que os assentamentos humanos nas localidades tenham sido tardios, além de uma atuação estrita na proteção florestal (HOLZ e PLACCI, 2003; TABARELLI *et al*., 2010), no Paraguai (1970 – 2000), os desflorestamentos mais intensos têm sido recentes (HUANG *et al*., 2009; TABARELLI *et al*., 2010). No Brasil as taxas de perda tem reduzido nos últimos anos (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA e INPE, 2015; TABARELLI *et al*., 2010; SILVA *et al*., 2016). Esses resultados indicam que uma larga proporção da biodiversidade da floresta atlântica, incluindo 112 espécies de aves, está ameaçada com a extinção global (MARINI e GARCIA, 2005).

Essas paisagens modificadas pelo homem têm fornecido farto campo experimental para pesquisa e produção científica acerca dos impactos das atividades humanas na floresta tropical e o papel destas paisagens na provisão de serviços ambientais e na conservação da biodiversidade (METZGER, 2009; TABARELLI *et al*., 2010). Considerando ainda que estes estudos indicam a possibilidade de resultados semelhantes para outras paisagens tropicais fragmentadas, como a Amazônia, por exemplo (SANTOS *et al*., 2008; TABARELLI *et al*., 2010). As espécies endemicas registradas na floresta atlântica (40% de flora vascular e 16-69% de aves, mamíferos, répteis e anfíbios) (MITTERMEIER *et al*., 2005b; METZGER, 2009) não estão distribuídas de forma homogenea ao longo da latitude e nível de elevação da sua biota, considerando os padrões de distribuição biogeográfica pré-columbiano ou contemporâneo. São cinco os centros de endemismo reconhecidos para a floresta atlântica: Brejos nordestinos, Pernambuco, Bahia, Diamantina e Serra do Mar (SILVA e CASTELETI, 2003), que somam 397,754km², representando 25,6% de toda a floresta atlântica, hospedando

a grande maioria de espécies endêmicas, incluindo plantas, borboletas, anfíbios, aves e mamíferos (TABARELLI *et al*., 2010).



Mapa 1 - distribuição biogeográfica da cobertura da floresta atlântica, apresentado em sua extensão original e remanescentes atuais divididos em oito unidades sub-regionais (adaptados de SILVA e CASTELETI, 2003). Fontes para remanescentes da cobertura florestal: Argentina: Giraudo *et al*. (2003); Brasil: Ribeiro *et al*. (2009); e Paraguai: Huang *et al* (2007). Fonte: TABARELLI *et al*., 2010.

Apesar dos altos índices de riqueza de biodiversidade e ameaças, a floresta atlântica tem sofrido uma extraordinária perda de *habitat* desde a chegada dos colonizadores europeus, no século XVI, seguido pelos ciclos de exploração dos recursos naturais, expansão da agricultura colonial, industrialização e urbanização. Hoje este bioma está restrito a 12,5% de sua extensão original no Brasil, geralmente na forma de pequenos fragmentos, menores do que 100ha (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA e INPE, 2015); 24,9% no Paraguai (CARTES e YANOSKY, 2003; HUANG *et al*., 2007, 2009) e 38,7% na Argentina (CHEBEZ e HILGERT, 2003; DE ANGELO, 2009).

Mesmo considerando o grande esforço para a conservação da biota da floresta atlântica em áreas protegidas, que ultrapassa mil unidades de conservação, há consenso entre a comunidade científica que este número não garante a proteção efetiva da sua biodiversidade, em termos de cobertura de *habitat*, distribuição de espécies e viabilidade de população (CHIARELO e MELO, 2001; TABARELLI *et al*., 2010). Essa posição se justifica: 1. As áreas protegidas que assegurem a proteção mais efetiva da biodiversidade, conforme as categorias da UICN, cobrem apenas 1.7% do bioma (LAIRANA, 2003; RIBEIRO *et al*.,

2009; TABARELLI *et al*., 2010); 2. A maioria das áreas protegidas são pequenas para garantir a persistência das espécies de longo prazo (SILVA e TABARELLI, 2000; MARSDEN *et al*., 2005); 3. 80% de todos os remanescentes da floresta atlântica se encontram a uma distância de 10km da área protegida mais próxima (RIBEIRO *et al*., 2009; TABARELLI *et al*., 2010); 4. 57 de 104 espécies ameaçadas de vertebrados são consideradas espécies lacunas, isto é, precisam ainda ser registradas em alguma área protegida (PAGLIA *et al*., 2004; TABARELLI *et al.*, 2010).

É verificada na literatura certa confusão no uso do conceito de Floresta Atlântica e Mata Atlântica, não havendo consenso quanto a sua delimitação conceitual e territorial (RAFAEL, 2015). Para Coutinho (2006) a uniformidade na conceituação desses termos permitiriam a identificação e classificação mais seguras, e assim, maior eficácia na conservação dessas áreas. Para Rafael, (2015, p. 31) "de acordo com a legislação que regula a delimitação dessa região natural, o conceito de Mata Atlântica configura-se, na verdade, como um mosaico de biomas, absorvendo áreas do Cerrado e Caatinga e abrangendo áreas em outros biomas".

Apesar disso, no Brasil, prevaleceu a nomenclatura Mata Atlântica, conforme sua definição legal presente no Decreto nº6.660/2008 (BRASIL, 2008), que regulamenta a Lei nº11.428/2006 (BRASIL, 2006), conceito talhado nas incansáveis discussões durante a formulação da consistente legislação brasileira sobre o bioma. Decisão corroborada por Câmara, 1991, que considera o termo Mata Atlântica, mais abrangente, permitindo considerar suas múltiplas funções.

1.3 A mata atlântica no Brasil

Considerado um país megadiverso (MITTERMEIER *et al*., 1997; BRANDON *et al*., 2005), o Brasil conta com cinco importantes biomas e o maior sistema fluvial do mundo e tem a mais vasta biota continental da Terra. O Brasil ainda abriga cerca de 40% das florestas tropicais remanescentes do mundo e tem dois *hotspot*s de biodiversidade, a Mata Atlântica e o Cerrado (BRANDON *et al*., 2005). A Mata Atlântica é um bioma com múltiplas fitofisionomias, que cobria uma área de 1.309.736 km², considerada como domínio da Mata Atlântica, de acordo com a Lei da Mata Atlântica (BRASIL, 2006) e que correspondia a, aproximadamente, 15% do território brasileiro. Neste domínio original vivem, atualmente, 145 milhões de pessoas, 70

% da população brasileira, em 17 estados[3] e 3.429 municípios (SILVA *et al*., 2016) e localiza-se grande parte dos maiores polos industriais, agrícolas, químicos, petroleiros, portuários e turísticos do Brasil, respondendo por cerca de 70% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional (CNRBMA, 2012).

A biodiversidade da Mata Atlântica não está homogeneamente distribuída, mas, agrupada em sub-regiões biogeográficas que foram estudadas e definidas por Silva e Casteleti (2003) em cinco centros de endemismo (Bahia, Brejos Nordestinos, Pernambuco, Diamantina e Serra do Mar) e três regiões de transição (São Francisco, Araucária e Florestas Interiores), baseadas na distribuição de aves, borboletas e primatas (Tabela 1) (RIBEIRO *et al*., 2009). Estudos realizados por Ribeiro *et al*. (2009) nessas oito sub-regiões (BSRs) revelaram uma situação crítica para a Mata Atlântica: mais que 80% dos remanescentes são menores que 50ha, quase a metade dos remanescentes florestais está a menos que 100m da sua borda, a distância média entre fragmentos é grande (1.440m) e as áreas protegidas abrigam apenas 9% dos remanescentes florestais e 1% da floresta original. A maioria desses pequenos fragmentos não se conecta uns com os outros e é composto por estágios iniciais a médios de sucessão (VIANA *et al*., 1997; METZGER, 2009; RIBEIRO *et al*., 2009). O que restou dos grandes fragmentos está localizado em terrenos íngremes, justificado sua permanência pela dificuldade na ocupação humana (RIBEIRO *et al*., 2009).

[3] Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Fonte: Ribeiro et al., 2009

Tabela 1 - Extensão da floresta atlântica em sub-regiões biogeográficas (BSRs), como propostas por SILVA e Casteleti (2003) e área mapeada pela SOS Mata Atlântica / INPE (2008).

BSR	**Domínio da Mata Atlântica**	**Mapeado pela SOS Mata Atlântica / INPE (2008)**		
	Área (ha)	Área (ha)	% mapeado	% do total mapeado
Araucária	25.379,316	25.379,316	100	17
Bahia	12.241,168	12.241,168	100	8
Brejos Nordestinos	1.251,783	85,249	7	1
Diamantina	8.289,516	8.200,259	99	6
Interior	72.784,790	68.417,731	94	49
Pernambuco	3.893,790	3.132,167	80	3
Serra do Mar	11.413,471	11.413,471	100	8
São Francisco	12.940,866	10.715,533	83	9
	148.194,638	139.584,893	94	100

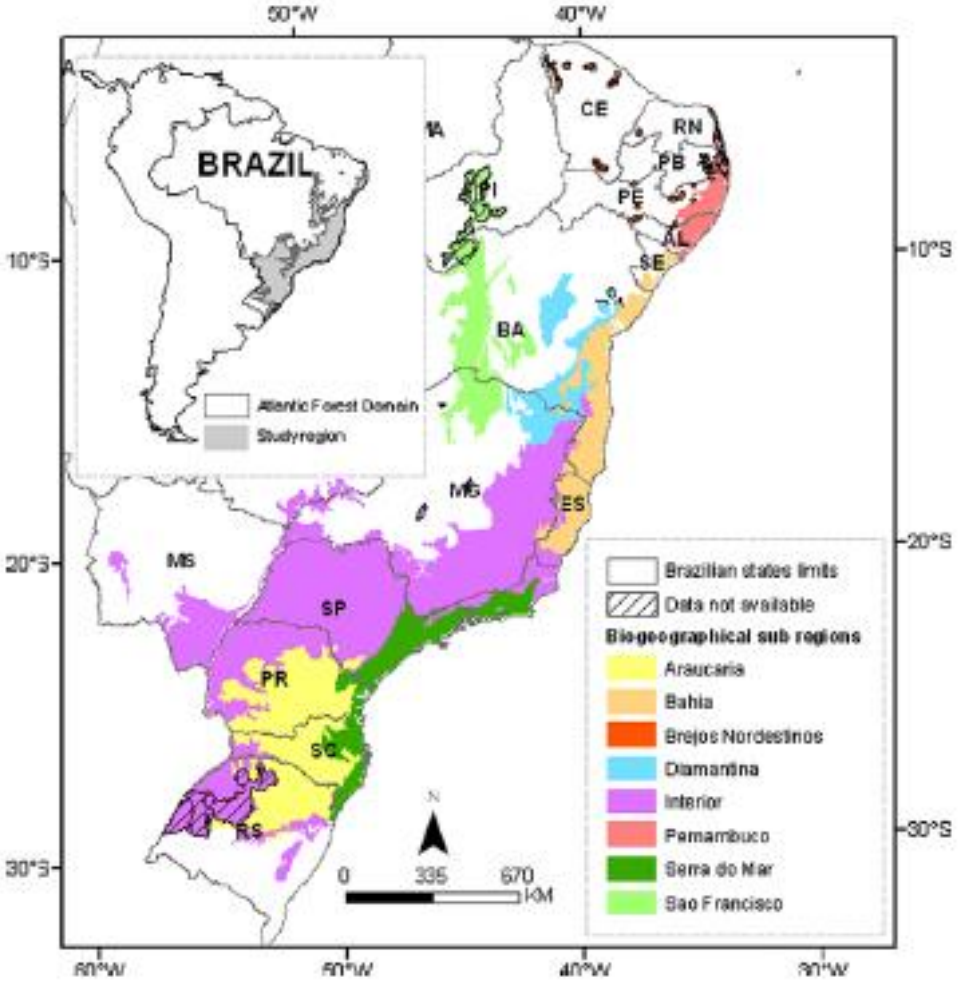
Fonte: RIBEIRO *et al.*, 2009

A BSR mais bem preservada é a da Serra do Mar, que abriga 36,5% da sua vegetação original, em seguida fica a Bahia, com 17,7% e Brejos Nordestinos, com 16%. Mais que 50% dos remanescentes florestais estão localizados na região da Serra do Mar e na região de Florestas do Interior, menos que 15% estão localizados nas regiões de Diamantina, São Francisco, Brejos Nordestinos e Pernambuco (RIBEIRO *et al*., 2009). A distribuição dos fragmentos da Mata Atlântica se dá em 245.173 unidades, sendo as maiores localizadas na Serra do Mar, principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e na zona costeira do Estado do Paraná. Estes grandes fragmentos juntos somam mais que dois milhões de hectares, mais que 13% de todos os remanescentes florestais. Dos 83,4% de todos os fragmentos da Mata Atlântica estão distribuídos em 204.469 unidades menores que 50 ha, e que contam 20,2% do total de remanescentes. Os estudos indicam ainda que 97% do total dos fragmentos são menores que 250 ha e representam quase 42% de toda a área florestada e que apenas 0,03% (77 fragmentos) são maiores que 10.000ha, que somam quase quatro milhões de ha. A Mata Atlântica do nordeste apresenta a pior situação de conservação, comparada com outras regiões, com exceção do sul da Bahia (RIBEIRO *et al*., 2009).

Os estudos realizados em 2009, por Ribeiro *et al*, em toda a Mata Atlântica brasileira demonstram alguns resultados relevantes, que indicam diretrizes para a conservação da Mata Atlântica no Brasil: 1. A maioria dos fragmentos encontrados são muito pequenos, menores que 50 ha; 2. A maior parte dos remanescentes florestais está perto das bordas florestais, indicando que a influencia da matriz pode ter fortes efeitos na maioria dos processos ecológicos florestais (UMETSU e PARDINI, 2007; UEZU *et al*., 2008; FONSECA *et al*.,

2009; PARDINI *et al*., 2009; VIEIRA *et al*., 2009); 3. Uma alternativa viável para aumentar a funcionalidade das áreas conectadas para espécies florestais deve ser o estabelecimento de cruzamentos entre os fragmentos através da matriz do entorno, (BOSCOLO *et al*., 2008; MARTENSEN *et al*., 2008); 4. Os pequenos fragmentos florestais, menores que 200 ha, possuem papel fundamental como trampolins, reduzindo o isolamento dos fragmentos (RIBEIRO *et al*., 2009). A partir desses estudos, algumas diretrizes são sugeridas: os maiores fragmentos maduros devem ser prioritários para a conservação; pequenos fragmentos devem ser manejados buscando a conexão, ligando mosaicos florestais; os efeitos de borda devem ser minimizados, seja com ações de restauração, agroflorestas ou usos que possibilitem a conectividade entre fragmentos; e, cada região deve ser estudada e planejada buscando atingir a conservação da biodiversidade conforme as características específicas de cada área. Considerando a situação de degradação e urgência de recuperação da Mata Atlântica do nordeste, esta região deve ser estabelecida como prioridade para o estabelecimento de conexões entre pequenos fragmentos (RIBEIRO *et al*., 2009).

Estudos mais recentes indicam que há apenas 1.382 fragmentos florestais acima de 1.000 hectares, correspondentes a 5% da cobertura nativa, e os maiores remanescentes do bioma estão localizados na costa do estado do Paraná com cerca de 500 mil hectares (SILVA *et al*., 2016).



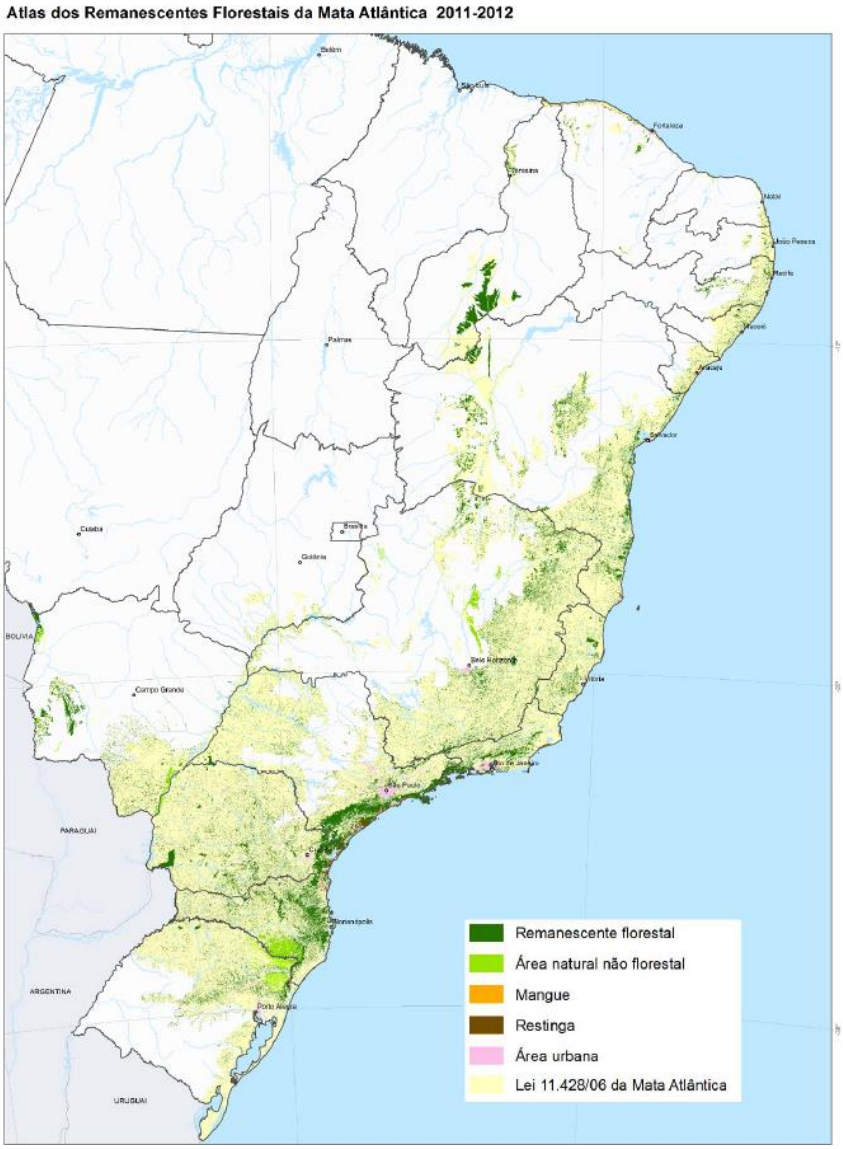
Mapa 2 - Sub-Regiões Biogeográficas (BSRs) baseadas nas principais áreas de endemismos para aves, borboletas e primatas como propostos por SILVA e CASTELETI (2003). Fonte: RIBEIRO *et al*., 2009.

Apesar do seu reconhecimento como um *hotspot* mundial, (CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL, 2013), de Patrimônio Nacional, pela Constituição Federal de 1988, de Reserva da Biosfera, pela UNESCO, e pelo Sistema Nacional de Unidades de conservação (BRASIL, 2000), hoje, 87,50% da floresta original foi perdida (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 2015).

O reconhecimento do recorte territorial da Mata Atlântica pelos brasileiros se deu a partir da década de 1980, tendo grande impulso com a publicação do 1º Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica, realizado pela Fundação SOS Mata Atlântica, juntamente com o INPE e o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). O Atlas tem a missão de mapear e monitorar a situação da Mata Atlântica e seus ecossistemas associados e vem sendo realizado desde 1990. Hoje o Atlas é uma ferramenta fundamental para quem atua na conservação da Mata Atlântica, fornecendo meios para

monitorar, controlar e definir novas unidades de conservação, entre outras utilidades (FUNDAÇÃO SOS ATLÂNTICA, 2015). Essa iniciativa revelou o primeiro "retrato de corpo inteiro" do bioma. Para Bourdieu (2004) a publicação é um ato de oficializar, pois, legaliza, implica a divulgação, em face de todos, firma um consenso diante da coisa revelada.

Outra iniciativa, também fundamental para a definição dos limites e abrangência do Domínio da Mata Atlântica, foi a realização do 1º Seminário Nacional para Avaliação e Ações Prioritárias para a Conservação da Mata Atlântica e Campos Sulinos, em agosto de 1999, em Atibaia, SP (CONSERVATION INTERNATIONAL *et al*, 2000). Vale destacar a importância do movimento SOS pró Mata Atlântica, surgido em São Paulo, e que impulsionou a criação da Fundação SOS Mata Atlântica (1986), da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (1991) e da Rede de ONGs da Mata Atlântica (1992), articulação que marcou a reversão do quadro de destruição desenfreado na Mata Atlântica. A mobilização dos ambientalistas, representados pelas universidades, órgãos de governo, sociedade civil organizada, empresários e população em geral, em prol da Mata Atlântica tem resultado na ampliação dos estudos e a sistematização de dados para a efetiva configuração territorial e composição do seu domínio (BRASIL, 2006).



Mapa 3 – Atlas dos Remanescentes florestais da Mata Atlântica. Fonte: FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 2013.

1.3.1 As Áreas Protegidas, Unidades de Conservação, Mosaicos e Corredores de Biodiversidade

Dois são os papéis principais das áreas protegidas, sendo o primeiro amostrar ou representar a biodiversidade de cada região, e o segundo separar essa biodiversidade dos processos que ameaçam a sua persistência (MARGULES; PRESSEY, 2000). Para Medeiros e Garay (2006), as áreas protegidas no Brasil, estão divididas em cinco categorias: as unidades de conservação, as reservas legais, as áreas de preservação permanente, as terras indígenas e os sítios de proteção, criados a partir das convenções e tratados internacionais, como as Reservas da Biosfera, os Sítios do Patrimônio da Humanidade e os Sítios Ramsar (MEDEIROS e

GARAY, 2006). Para Maretti *et al*. (2012) as áreas protegidas no Brasil, *stricto sensu*, são as unidades de conservação, por seu objetivo de conservação da biodiversidade, a delimitação explícita e a gestão especial e específica, de acordo com os conceitos de área protegida adotados pela UICN e pela CDB. As unidades de conservação são uma instituição, ou seja, um departamento, um nível organizacional, pressupondo equipe, orçamento, funções, atividades, representam uma definição do uso do solo (MARETTI *et al*., 2012).

A Lei que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação, SNUC, é a de nº 9.985, de 2000, que estabelece critérios e normas para a criação, implementação e gestão das unidades de conservação. Para esta Lei (artigo 2º, inciso I), unidade de conservação é o:

> espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

Dessa maneira, para que exista uma Unidade de Conservação, alguns elementos devem se fazer presentes: (i) relevância natural; (ii). ato oficial do poder público; (iii) delimitação territorial; e (iv) regime especial de gestão. Considerando ainda que seus limites são definidos de maneira a incluir o subsolo e o espaço aéreo, sempre que necessário, conforme art. 24 da Lei nº9.985/2000 (BRASIL, 2000). O SNUC também determina o sistema de categorias de gestão das unidades de conservação, que se organizam por objetivos, identificando possíveis sinergias entre as mesmas, restrições e diretrizes específicas para cada categoria. O sistema de categorias é estabelecido pela UICN e reconhecido por grande parte do mundo (MARETTI *et al*., 2012). O SNUC define dois grupos de unidades, sendo a de proteção integral aquela cujo objetivo é preservar a natureza, sendo permitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, e a de uso sustentável, com o objetivo de compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais, conforme o artigo 7º da Lei nº 9.985/2000, (BRASIL, 2000). Cinco são as categorias de proteção integral: Reserva Biológica (REBIO); Estação Ecológica (ESEC); Parque Nacional (PARNA); Monumento Natural (MONA) e Refúgio de Vida Silvestre (RVS) e sete são as categorias de uso sustentável: Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN); Área de Proteção Ambiental (APA); Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE); Reserva Extrativista (RESEX); Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS); Floresta Nacional (FLONA) e Reserva de Fauna (RF). O quadro 3 abaixo apresenta os objetivos e as características de cada categoria de Unidades de Conservação, segundo o SNUC.

Quadro 3 – Sistema de categorias de unidades de conservação (SNUC) - Grupo de Proteção Integral

CATEGORIA	OBJETIVO / CARACTERÍSTICA
RESERVA BIOLÓGICA - REBIO	Objetiva a ”preservação integral da biota e demais atributos naturais existentes em seus limites, sem interferência direta ou modificações ambientais, excetuando-se as medidas de recuperação de seus ecossistemas alterados e as ações de manejo necessárias para recuperar e preservar o equilíbrio natural, a diversidade biológica e os processos ecológicos naturais.” (BRASIL, 2000 - Lei nº 9.985/2000, Art. 10º); é de posse e domínio públicos; só é permitida a visitação pública quando por objetivo educacional, conforme regulamento específico.
ESTAÇÃO ECOLÓGICA - RESEC	Objetiva “a preservação da natureza e a realização de pesquisas científicas.” (BRASIL, 2000 - Lei nº 9.985/2000, Art. 9º); é de posse e domínio públicos; a visitação pública só é permitida quando com objetivo educacional, conforme plano de manejo ou regulamento específico.
PARQUE NACIONAL - PARNA	Objetiva “a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.”; é de posse e domínio públicos; “a visitação pública é sujeita as normas e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração, e àquelas previstas em regulamento.” (BRASIL, 2000 - Lei nº 9.985/2000, Art. 11º).
MONUMENTO NATURAL - MONA	Objetiva “preservar sítios naturais raros, singulares ou de grande beleza cênica.”; pode ser constituído por áreas particulares, desde que os usos sejam compatíveis com os objetivos da unidade; “a visitação pública está sujeita as condições e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração, e àquelas previstas em regulamento.” (BRASIL, 2000 - Lei nº 9.985/2000, Art. 12º).
REFÚGIO DE VIDA SILVESTRE - RVS	Objetiva “proteger ambientes naturais onde se asseguram condições para a existência ou reprodução de espécies ou comunidades da flora local e da fauna residente ou migratória.”; pode ser constituído por áreas particulares, desde que os usos sejam compatíveis com os objetivos da unidade; “a visitação pública está sujeita as normas e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração, e àquelas previstas em regulamento.”; (BRASIL, 2000 - Lei nº 9.985/2000, Art. 13º).

Fonte: Quadro desenvolvido pela autora, com base na Lei nº 9.985/2000 (BRASIL, 2000).

Quadro 4 – Sistema de categorias de unidades de conservação (SNUC) - Grupo de Uso Sustentável

CATEGORIA	**CARACTERÍSTICA**
RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL - RPPN	Objetiva a conservação da diversidade biológica; é uma área privada, gravada com perpetuidade; a visitação com objetivos turísticos, recreativos e educacionais, é permitida; os órgãos integrantes do SNUC poderão prestar orientação técnica e científica ao proprietário da unidade (BRASIL, 2000 - Lei nº 9.985/2000, Art. 21º).
ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL - APA	Objetiva "proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais"; "é uma área em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas"; a propriedade da terra pode ser pública ou privada (BRASIL, 2000 - Lei nº 9.985/2000, Art. 15º).
ÁREA DE RELEVANTE INTERESSE ECOLÓGICO - ARIE	Objetiva "manter os ecossistemas naturais de importância regional ou local e regular o uso admissível dessas áreas, de modo a compatibilizá-lo com os objetivos de conservação da natureza.";" é uma área em geral de pequena extensão, com pouca ou nenhuma ocupação humana, com características naturais extraordinárias ou que abriga exemplares raros da biota regional"; a propriedade da terra pode ser pública ou privada (BRASIL, 2000 - Lei nº 9.985/2000, Art. 16º).
RESERVA EXTRATIVISTA - RESEX	Objetiva proteger os meios de vida e a cultura de área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, assegurando o uso sustentável dos recursos naturais; é de domínio público, com uso concedido às populações extrativistas tradicionais; a visitação pública é permitida, desde que compatível com os interesses locais e de acordo com o seu Plano de Manejo (BRASIL, 2000 - Lei nº 9.985/2000, Art. 18º).
RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - RDS	Objetiva "preservar a natureza e assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e qualidade de vida e exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente desenvolvido por estas populações."; "é uma área natural que abriga populações tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações e adaptados às condições ecológicas locais e que desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e na manutenção da diversidade biológica."; é de domínio público; é permitida a visitação pública, desde que compatível com os interesses locais e conforme seu Plano de Manejo (BRASIL, 2000 - Lei nº 9.985/2000, Art. 20º).
FLORESTA NACIONAL - FLONA	Objetiva "o uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica, com ênfase em métodos para exploração sustentável de florestas nativas."; é de posse e domínios públicos; visitação pública permitida de acordo com o Plano de Manejo da unidade (BRASIL, 2000 - Lei nº 9.985/2000, Art. 17º).
RESERVA DE FAUNA - RF	"é uma área natural com populações animais de espécies nativas, terrestres ou aquáticas, residentes ou migratórias, adequadas para estudos técnico-científicos sobre o manejo econômico sustentável de recursos faunísticos."; é de posse e domínio públicos; a visitação pública pode ser permitida de maneira compatível com o manejo da unidade; a caça amadorística ou profissional é proibida (BRASIL, 2000 - Lei nº 9.985/2000, Art. 19º).

Fonte: Quadro desenvolvido pela autora, com base na Lei nº 9.985/2000.

Considerando que as categorias desenvolvidas e apresentadas pela UICN não devem ser obrigatoriamente implementadas pelos países, mas, devem servir como referências, um consenso para entendimentos mútuos, além de estatísticas, coleta, disponibilização e interpretação de dados, busca-se estabelecer uma correlação entre a classificação internacional de áreas protegidas, propostas pela UICN, e o sistema de categorias definidas no Brasil pelo SEUC.

Dentre as categorias do grupo de proteção integral, a **Reserva Biológica e a Estação Ecológica** são aquelas que se correlacionam com a categoria I(a) – Reserva Natural Estrita, da UICN, a preservação de amostras de ecossistemas, espécies e feições da geodiversidade de grande importância. Para essas categorias há limites rígidos de interferência mínima no local, buscando proteger a biodiversidade e seus processos ecológicos, assim como os interesses sociais correlatos como valores espirituais. Ainda nesse grupo, a categoria de **Parque Nacional** é a mais conhecida, por ser também a mais visitada, e classificada como categoria II da UICN. Seu objetivo principal é a conservação da natureza, estrutura e processos ecológicos, promovendo a educação e a recreação. Nessa categoria II da UICN há também relação com a Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN, do grupo de uso sustentável, no que tange aos seus objetivos de proteção dos ecossistemas e a visitação, havendo dissonância apenas quanto à dimensão da área, pois as RPPNs em geral são áreas pequenas e a categoria II tende a ser de escala maior (MARETTI *et al*., 2012).

Com objetivo de proteção de feições especiais de particular importância, predominantemente de atributos físicos, não raro de valor cênico, incluindo sua biodiversidade, tem-se a categoria III, da UICN, que se aproxima da categoria brasileira de **Monumento Natural**, do grupo de proteção integral. Não há referencias claras no sistema do SNUC sobre a categoria IV, cujo objetivo é a proteção de características ecológicas e específicas (conservação ativa), mas, pode-se considerar a Área de Relevante Interesse Ecológico, do grupo de uso sustentável. A categoria V, da UICN, trata de paisagem protegida seja terrestre ou marinha. Como o conceito de paisagem tem variações conforme a época histórica ou a ciência que enfoca, essa categoria tem promovido controversas. A paisagem de que trata essa categoria se refere a uma área onde tenha havido uma interação significativa entre a população e a natureza por algum tempo, produzindo um resultado de importância ecológica, cultural e cênica. No Brasil essa categoria se relaciona com a **Área de Proteção Ambiental**, do grupo de uso sustentável. Há muitas críticas e discussões sobre as APAs, seja pela dificuldade de compreensão de suas características e objetivos, seja pela necessidade de tratamento diferenciado das demais

unidades (MARETTI *et al*., 2012). Outras críticas são mais objetivadas na precariedade de implementação dessas unidades, por possuírem grandes áreas e muitas vezes incluírem bairros e cidades inteiras, a sua gestão fica diluída na gestão municipal, estadual ou federal, sem integração na gestão, sem foco, sem planejamento. Por não ser necessária a desapropriação e a fiscalização ser deficiente, é fácil criar essa unidade, com motivação política, mas, sem condições efetivas de implementação (PÁDUA, 2012).

A categoria VI da UICN foi fortemente influenciada pelos avanços na definição da categoria de **Reserva Extrativista**, do grupo de uso sustentável, antes não era compreensível que uma área com objetivo exclusivo de manejo de recursos naturais possa ser considerada como uma área protegida. Nesse caso, é o uso sustentável um meio para a conservação da natureza. Também se correlacionam nessa categoria VI as categorias de **Reserva de Desenvolvimento Sustentável e Floresta Nacional**, do grupo de uso sustentável (MARETTI *et al*., 2012). A Floresta Nacional também tem sido motivo de critica entre ambientalistas, considerando tanto a dificuldade de implementação e gestão quanto pelo seu objetivo em si, por não preservar a natureza, mas, servir como reguladora de mercado, através da oferta oportuna de madeira (PÁDUA, 2012).

Muitas são as críticas ao SNUC, dentre as principais, destacadas por Diegues, (2000), têm-se que (1) a legislação vê as unidades como ilhas interligadas entre si, sem nenhuma consideração sobre como esse sistema poderá contribuir para a conservação e o desenvolvimento sustentado do país como um todo; (2) a necessidade de aumentar as áreas protegidas, desconsiderando a presença de moradores na maioria dos ecossistemas a serem preservados; (3) as comunidades locais são tratadas como adversárias não como aliadas da conservação; (4) há a pouca participação das comunidades na decisão da criação das unidades, dentre outras. Uma questão citada por Diegues e que merece destaque ainda é que no SNUC não se estabelece diferença entre os vários grupos sociais e seus sistemas de reprodução social, cultural e econômica. São classificados do mesmo modo os grupos madeireiros, especuladores e as comunidades locais tradicionais, cujos objetivos e práticas são diferenciados para a conservação (DIEGUES, 2000).

É importante considerar que é no SNUC que surge oficialmente no seu artigo 26º, os conceitos como (1) Mosaico de Unidades de Conservação (BRASIL, 2000), (2) Reservas da Biosfera, e (3) Corredores Ecológicos (SNUC, 2000, art.2º, inciso XIX). Essas três figuras ou instrumentos de conservação e desenvolvimento sustentável oferecem oportunidades de

articulação entre as unidades e possibilidades de aproximação entre as categorias de proteção integral e de uso sustentável. De fato, esses conceitos estão de acordo com (1) a ideia chave de que a conservação da diversidade biológica só é efetiva se planejada em escalas espaciais amplas como paisagem e região e (2) o conceito de corredor de biodiversidade como o instrumento chave para a conservação da diversidade biológica, particularmente em paisagens fragmentadas. Esses mecanismos podem proporcionar grandes avanços na governança das unidades de conservação, possibilitando a integração entre diferentes categorias de unidade, grupos e esferas de gestão (PINHEIRO, 2010). A Mata Atlântica conta oficialmente com nove mosaicos, agregando 155 unidades de conservação e cobrindo cerca de 3,5 milhões de hectares, em 85 municípios (PINTO, 2014). O SNUC determina a participação social na gestão das unidades de conservação quando através da proposição dos conselhos gestores e de como estes devem ser estruturados.

Hoje, as unidades de conservação públicas e privadas na Mata Atlântica cobrem 9,1% (101.852km²) do seu território original, sendo apenas 2% em unidades de proteção integral (MMA, 2016). Mesmo sendo uma área considerável e um percentual expressivo, ainda está aquém do necessário para uma região de elevada diversidade biológica, cuja meta estabelecida pela Convenção de Diversidade Biológica e ratificada pelo governo brasileiro é de 17% de cobertura em áreas protegidas para o bioma no Brasil. Há ainda muitas áreas chave para a conservação da biodiversidade na Mata Atlântica em várias localidades (SILVA *et al*., 2016), inclusive na região nordeste, onde apesar de serem fragmentos de pequenas dimensões ainda abrigam biodiversidade significativa, em termos de endemismo e risco de extinção.

Na Mata Atlântica, a maior parte das unidades criadas teve como base o "Mapa de Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade" para a Mata Atlântica (MMA, 2004; MMA, 2007). Essa definição de áreas prioritárias foi produzida por um amplo e participativo processo de discussão em âmbito nacional, coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente. Nesse processo foram identificadas 879 áreas prioritárias para a Conservação na Mata Atlântica. Essas áreas passaram a constituir clara diretriz de governo, destacadas nos diversos processos de licenciamento e priorizadas nos fundos de promoção da conservação. O reconhecimento de vastas áreas do bioma como Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e quatro Sítios do Patrimônio Mundial Natural, ambos pela UNESCO e dois sítios Ramsar, no âmbito da Convenção sobre Zonas Úmidas, foram propostas e reconhecidas graças a esses estudos (MMA, 2004; MMA, 2007).

No que se refere à criação de unidades de conservação na Mata Atlântica, apesar do esforço dos governos, que nos últimos dez anos criaram mais de 60 unidades de conservação públicas de proteção integral, entre federais e estaduais, a categoria que mais cresceu em número foi a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), reconhecida tanto em nível federal, quanto estadual e municipal. De acordo com informações do Programa de Incentivo às Reservas Particulares do Patrimônio Natural, da Aliança para a Conservação da Mata Atlântica, ALIANÇA (2015), já foram criadas 1.230 RPPNs no Brasil, sendo mais de 860 na Mata Atlântica, protegendo 176.000 ha. Essas unidades garantem em seus territórios a proteção de espécies ameaçadas de extinção, como primatas – mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosália*) e o macaco-prego-do-peito-amarelo (*Cebus xanthosternos*), a ave Formigueiro-de-cauda-ruiva (*Myrmeciza ruficauda*) e o pau-brasil (Caesalpina echinata), dentre outras. Vale considerar que as RPPNs, de acordo com o SNUC (BRASIL, 2000), estão categorizadas como de uso sustentável, embora os usos permitidos para essa categoria, pesquisa científica e visitação com objetivos turísticos, recreativos e educacionais, sejam semelhantes a algumas unidades de proteção integral (ALIANÇA, 2015).

Todos esses esforços e avanços na contabilidade dos números de unidades de conservação, no entanto, não responde de fato, aos resultados diante da sua efetiva implementação. Para tanto, foram realizados dois ciclos de avaliação da efetividade de gestão das unidades de conservação do país, através do método Rappam (Rapid Assessment and Prioritization of Protected Area Management) nos últimos dez anos (ICMBio, 2011), o que demonstrou para um conjunto de unidades de conservação da Mata Atlântica, um avanço de 3% entre os dois ciclos, apresentando uma pontuação de 48,3% para índices gerais de efetividade de gestão (SILVA *et al*., 2016).

Apesar de extensa e bem reconhecida legislação ambiental brasileira, há ainda muito que se construir no que se trata de conceitos, como áreas protegidas, corredor de biodiversidade e corredor ecológico. Embora não sendo devidamente conceituadas, essas figuras estão presentes em políticas e fundos governamentais.

1.4 Redes

As redes se apresentam aqui como categoria de análise fundamental para a realização deste trabalho, por permitir a investigação das interações entre atores envolvidos, que podem ser pessoas, organizações, a Mata Atlântica ou as políticas públicas, desde que haja algum tipo de troca, sendo tangíveis (materiais) ou intangíveis (ideias, valores). Atualmente percebe-se um crescimento das redes nos mais diversos campos, cujos limites são improváveis, principalmente nos meios virtuais, demonstrando uma complexidade e infinidade de caminhos a serem explorados (FERREIRA, 2010).

Analisando as redes sociais, Barnes (1972) afirma que não existe uma teoria específica para as redes, considerando que suas estruturas se aplicam em qualquer campo teórico. As redes envolvem relacionamentos afetivos, profissionais, interesse mútuos, e favorecem os mais diversos propósitos (FERREIRA, 2010). Para Barabási (1999) as conexões das redes entre seus agentes, se dão de maneira aleatória, regidas por uma ordem dinâmica, onde alguns nós da rede possuem mais conexões que outros, denominados de conectores potenciais (*hubs*), aqueles com maior número de interação. Observa ainda que os conectores potenciais possuem a tendência de receberem ainda mais conexões, pois, quanto mais conexões um nó possuir maior será a chance de receber mais conexões (FERREIRA, 2010).

A palavra *reticulum*, do latim, redezinha, foi empregada inicialmente na astronomia, em seguida foi usada como bolsinha de senhora, *ridicule* (ridícula) [4]. Mas, segundo D. Parrochia, é com Lavoisier, na passagem do século XVIII para o século XIX, que, com a química, aparece a "verdadeira ciência da ligação e da comunicação das substâncias", reclamando "instrumentos teóricos que estão na origem do conceito científico de redes" (SANTOS, 2009). Trazer a tona, o conceito e a história do surgimento das redes, destaca um amplo debate acerca da técnica e sua capacidade virtual de criar condições sociais inéditas, de modificar a ordem econômica mundial e de transformar os territórios (DIAS, 2009). O papel das redes na organização territorial vem sendo objeto de vasta literatura a partir da década de setenta, resultando em muitos trabalhos, cujas especulações sobre os efeitos da inovação partem de um pressuposto de causalidade linear entre o desenvolvimento técnico e as transformações

[4] "A palavra *reseau* (rede) (de *résel*, Marie de France, século XII) é uma variante (com outro sufixo) do francês antigo *réseuil* (do latim *retiolus*, diminutivo de *retis*, "rede", que também deu *rets*). Ele designa, primitivamente, um conjunto de linhas entrelaçadas. Por analogia com a imagem de origem, chama-se "nó" da rede a cada interseção dessas linhas" (PARROCHIA, 1993 *apud* SANTOS, 2009).

espaciais, sociais ou econômicas. Foi dessa maneira que se difundiu em larga escala, a retórica do impacto, do efeito das redes técnicas na organização do território (DIAS, 2009).

No século XIX o mapa do mundo foi redesenhado a partir das inovações tecnológicas realizadas anteriormente.

> As trilhas e os caminhos de terra foram progressivamente substituídos pelas estradas de ferro no transporte de bens e mercadorias; com o advento do telégrafo e em seguida do telefone, a circulação das ordens e das novidades já dispensava a figura do mensageiro. (DIAS, 2009, p142).

De acordo com DIAS, 2009, o termo rede aparece como conceito chave e privilegiado no pensamento do filósofo e economista francês Saint-Simon, que defendeu a criação de um Estado organizado racionalmente por cientistas e industriais, cujos fundamentos morais deram sustentação à escola socialista fundada por seus discípulos. A escola de Saint-Simon objetivava o estabelecimento de um sistema geral de comunicações. Em 1832, o engenheiro e economista Michel Chevalier, discípulo do sansimonismo, utilizou o termo *rede* para evocar a relação entre as comunicações e o crédito (DIAS, 2009).

Nesse mesmo ano outros quatro engenheiros publicaram artigos que evoluíram no sentido de um sistema geral de comunicações, combinando estradas de ferro e canais, hierarquizados em dois níveis de tráfego: rede de primeira ordem e redes secundárias. Em 1863, o engenheiro Leon Lallane apresentou na Academia de Ciências um trabalho que buscava encontrar as leis que presidiam à configuração das redes de estradas de ferro. O trabalho foi considerado pelos historiadores, como o primeiro ensaio teórico consagrado às redes (RIBEILL, 1988). O que estava no cerne dos trabalhos apresentados era a integração territorial e de mercados, por meio da quebra de barreiras físicas, de maneira a reduzir os obstáculos para a circulação de mercadorias, matérias primas e capitais.

As redes servem então para duas funções estratégicas: circular e comunicar, sendo flexível e dinâmica, como construto inacabado, sendo um instrumento, por excelência, do poder (RAFFESTIN, 1980). Assim, todos os tipos de fluxos pressupõem a existência de redes, cujos nós são seus lugares de poder e referencia. É pela conexidade, principal propriedade das redes, onde acontece sua vivência na capacidade de solidarizar, conectar, inserir e excluir. Os organismos, nós das redes, não são neutros e, portanto, não possuem hegemonia e, nunca estão completamente conectados, acordados, mas, são articulados mediante interesses e posicionamentos técnicos, econômicos, políticos e sociais (SANTOS, 2009).

Para Santos, 2009, há duas grandes matrizes para enquadrar o conceito de redes, sendo uma que apenas considera a sua realidade material, e outra, onde é também levado em conta o dado social. A noção de um espaço reticulado que tanto encontramos num psicólogo como G. N. Fischer (1980), como num geógrafo como Claude Raffestin (1980), vem dessa construção deliberada do espaço como quadro de vida, pronto a responder aos estímulos da produção em todas as suas formas materiais e imateriais. Atuar em rede pressupõe não apenas ocupar áreas, mas, principalmente ativar pontos e linhas ou criar novas conexões (DURAND; LÉVY; RETAILLÉ, 1992; SANTOS, 2009). Nesse sentido, como uma teia de vida, as redes são os transmissores mais eficientes do processo de globalização e, ao longo da história, as redes técnicas são associadas às inovações que surgem em respostas a demandas sociais. A exigência de fluidez é uma característica do mundo atual, não basta, pois, produzir é indispensável por a produção em movimento (SANTOS, 2009).

A circulação modela a produção e o seu ritmo e agilidade promove a competitividade. As redes técnicas dão suporte à fluidez contemporânea. A renovação técnica determina a capacidade de atrair atividades competitivas em um movimento dinâmico. Assim, a fluidez é sempre relativa, promovendo a tendência de envelhecimento mais rápido dos subespaços que não dispõem de meios para se atualizar, do ponto de vista da fluidez (SANTOS, 2009). As redes são animadas por fluxos, mas, não prescindem de fixos, assim, são estáveis, mas, ao mesmo tempo, dinâmicas. Infraestruturas, objetos e lugares são construídos para favorecer a fluidez, como aeroportos, teleportos, autopistas, canais, gasodutos e ainda, bairros inteligentes, edifícios temáticos, objetos que promovem a circulação, como se também fossem fluxos. O movimento das redes inclui o local e o global simultaneamente, em dinâmicas próximas e universais, movidas por atores diversos, de pouca abrangência e por grandes organizações. Cada um com seu interesse específico e pontual na relação complexa de fluxos em pontos e fios. Para Santos (2009), as redes são concentradoras e dispersoras, condutoras de forças centrípetas e de forças centrífugas.

Por meio do movimento constante promovido pelos fluxos em redes, na escala planetária ou nacional, as redes no território são portadoras da ordem – através delas as grandes corporações se articulam, reduzindo o tempo de circulação em todas as escalas nas quais elas operam; e da desordem – numa velocidade sem precedentes engendram processos de exclusão social, marginalizam centros urbanos que tirava sua força dos laços de proximidade geográfica e alteram mercados de trabalho. As redes integram e desintegram, destroem velhos recortes espaciais e criam outros. Assim, promovem a homogeneização quando criam a

ordem, a integração e a constituição de solidariedades espaciais, ocultando a sua outra face, a da heterogeneização, que também é presente. Essa ambiguidade das redes se dá pelo seu caráter não definitivo, híbrido, misto (SANTOS, 2009).

Considerando que culturas consistem em processos de comunicação, cujas formas são baseadas na produção e consumo de sinais, a realidade e a representação simbólica conformam o ambiente onde a sociedade tem existido e atuado (CASTELLS, 1999). A fluidez das redes, em contínua superação, é responsável por mudanças brutais de valor dos objetos e dos lugares (SANTOS, 2009).

A rede global, como ferramenta primordial da revolução tecnológica atual, foi criada e se expandiu em um período histórico de reestruturação global do capitalismo, modelando uma nova sociedade capitalista e informacional (CASTELLS, 1999). Castells, (1999) relata o histórico de criação da internet, as redes das redes, instrumento supremo da globalização contemporânea. Na década de 1960, com vistas a impedir a tomada ou a destruição do sistema norte-americano de comunicações pelos soviéticos, em caso de guerra nuclear, a agência de projetos de pesquisa avançada do departamento de defesa dos Estados Unidos (a mídia DARPA) modelou uma arquitetura de rede. Uma rede, que não poderia ser controlada a partir de nenhum centro e que seria composta por milhares de redes de computadores autônomos com inúmeras maneiras de conexão, buscando assim contornar barreiras eletrônicas. Extrapolando as preocupações de uma extinta guerra fria, essa rede foi apropriada por indivíduos e grupos em todo o planeta com todas as variedades de objetivos (CASTELLS, 1999).

ASHDOWN, (2013) relata que, 60% dos quatro milhões de dólares que financiaram o ataque terrorista de 11 de Setembro, passaram efetivamente através das instituições instaladas nas Twin Towers destruídas. Por não ter controle, as redes podem construir ou destruir, promover a ordem ou o caos, todos podem usar este espaço de viagens em massa e lançar também venenos mortais. A revolução da tecnologia da informação atual, para Castells, (1999), é um evento histórico da mesma importância da revolução industrial do século XVIII, por induzir a descontinuidade dos padrões nas bases materiais da economia, sociedade e cultura e por sua penetrabilidade em todos os domínios da atividade humana.

A tecnologia da informação é para esta revolução o que as novas fontes de energia foram para as revoluções industriais sucessivas, do motor a vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e até mesmo à energia nuclear, visto que a geração e distribuição de energia foi o elemento

principal na base da sociedade industrial (CASTELLS, 1999). Uma característica da atual revolução tecnológica é a aplicação do conhecimento e da informação para a geração de conhecimento e do seu processamento na comunicação em um ciclo de realimentação cumulativo entre a produção da informação e o seu uso (CASTELLS, 1999).

Nesse sentido destacam-se três estágios evolutivos distintos observados nas últimas décadas: a automação das tarefas - no aprender, as experiências práticas – no usar e a reconfiguração das aplicações – na descoberta de novas aplicações. O processo de realimentação da nova tecnologia é rápido e sua difusão amplifica seu poder de forma infinita, na medida da sua apropriação e redefinição pelos usuários, que assim podem assumir o controle da tecnologia.

1.4.1 As redes da mata atlântica

O bioma Mata Atlântica, provavelmente por concentrar em seu território o maior contingente populacional, comparado com outros biomas brasileiros, historicamente ser também a mais antiga ocupação nacional, além de ser o bioma mais degradado, agregou o maior número de pessoas e organizações articuladas em redes e voltadas à sua proteção e recuperação.
Nesse sentido, abordaremos de maneira sucinta a formação da rede da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica - RBMA, da Rede de Organizações Não Governamentais (ONGs) da Mata Atlântica – RMA e do Pacto pela Restauração da Mata Atlântica. Todas essas redes nacionais com enfoque na proteção e recuperação da Mata Atlântica no Brasil. Em seguida e de modo a contextualizar a Rede de Gestores de Unidades de Conservação do CBMANE – REMA NE, será também descrita a criação do Pacto Murici e da Associação para a Proteção da Mata Atlântica - AMANE, como seu braço executivo.

A RBMA integra a Rede Mundial de Reservas da Biosfera do Programa *Man and Biosphere* – MaB da UNESCO, criado em Paris, em 1968. O MaB é um programa de cooperação científica internacional, cujo objetivo é promover o conhecimento, a prática e os valores humanos para implementar as boas relações entre as populações e o meio ambiente em todo o planeta (RBMA, 2012). A RBMA teve seu Comitê Nacional – COBRAMAB criado em 1974 e em 1991 aprovou sua primeira Reserva da Biosfera, a da Mata Atlântica, com a missão de contribuir para a relação harmônica entre as sociedades humanas e o ambiente onde está inserido o bioma. O sistema de gestão da RBMA é participativo e envolve, em comitês estaduais e conselho nacional, diferentes atores, em diferentes setores e escalas de atuação, chegando a articular 250 instituições, governamentais e não governamentais, além de

colaboradores e parceiros. As pessoas e instituições participantes promovem encontros presenciais e virtuais no desenvolvimento de programas e projetos voltados para a conservação da biodiversidade, valorização da sociodiversidade, fomento ao desenvolvimento econômico social, cultural e ecologicamente sustentável. A RBMA apoia ainda ações de difusão do conhecimento, educação ambiental e monitoramento da conservação e desenvolvimento sustentável (RBMA, 2012). É um conselho com função aglutinadora e articuladora importante para a política de conservação e uso sustentável da biodiversidade como o monitoramento anual do cumprimento dos objetivos e metas de Aichi-2020 para a Mata Atlântica (LINO e DIAS, 2014; SILVA *et al*., 2016).

Hoje a RBMA envolve 16 dos 17 estados de ocorrência da Mata Atlântica no Brasil, reconhecida em seis fases sucessivas entre 1991 a 2008 e contempla uma área com mais de 78 milhões de hectares, sendo de 62 milhões de hectares terrestres e 16 milhões de hectares marinha, envolvendo uma grande diversidade de Ecossistemas. É a maior reserva da biosfera entre as 564 reconhecidas pela UNESCO, em 109 países (RBMA, 2009).

A partir da década de 1990, principalmente após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Rio 92, evento que marcou a grande mobilização do movimento ambientalista brasileiro, foram criadas e também fortalecidas inúmeras ONGs. Essas organizações perceberam que, de maneira articulada, poderiam contribuir mais efetivamente com a proteção ambiental. Com o objetivo de tecer uma rede para a defesa, preservação e recuperação da Mata Atlântica, através da promoção de intercâmbio de informações, da mobilização, da ação política coordenada e do apoio mútuo entre as ONGs, a RMA foi criada em 1992. Buscando assim o fortalecimento das ações locais e regionais das entidades filiadas, apresentando soluções que as instituições individualmente não eram capazes de encontrar (APREMAVI, 2013).

Hoje a RMA conta com 317 instituições filiadas, entre organizações ambientalistas, socioambientais e de pesquisa, distribuídas nos 17 estados que se encontram no Domínio da Mata Atlântica, essa rede é vista como um coletivo legítimo e representativo e, nos seus mais de vinte anos já enumera diversas conquistas. Além da articulação e mobilização das ONGs filiadas, a rede também prioriza parcerias com outras redes e coalizões, no sentido de fortalecer ainda mais a atuação em defesa do bioma. São parcerias da RMA: o Grupo de Trabalho Amazônico, a Rede Cerrado, a Rede Pantanal, a Coalizão Rios Vivos, a Inter-redes, a Rede Brasileira de Educação Ambiental, a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e o Fórum

Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento - FBOMS. (APREMAVI, 2013).

O Pacto pela Restauração da Mata Atlântica é um movimento coletivo, permanente e autônomo, formado por governos, empresas, ONGs, instituições científicas, proprietários rurais e outros e gerido por um conselho de coordenação (CALMON, 2011). A sua missão é articular instituições públicas e privadas, governos, empresas e proprietários, com o objetivo de integrar seus esforços e recursos para a geração de resultados em conservação da biodiversidade, geração de trabalho e renda na cadeia produtiva da restauração, manutenção, valoração e pagamento de serviços ambientais e adequação legal das atividades agropecuárias nos 17 estados do bioma (PACTO, 2013). A meta do Pacto pela Restauração da Mata Atlântica é a restauração florestal de 15 milhões de hectares até o ano de 2050, distribuídos em planos anuais aprovados por seu Conselho de Coordenação (PACTO, 2013).

Essa rede, que hoje conta com a adesão de mais de 250 membros, incluindo organizações da sociedade civil, governos, empresas, centros de pesquisa, entre outros (MELO, 2013), possui um cadastro dos projetos de restauração ecológica, inserido em um banco de dados virtual, de fácil acessibilidade ao público. Em 2013 o *site* do Pacto informava 58.313,39 hectares contemplados em projetos de restauração. Há ao mesmo tempo o comprometimento do Pacto em disponibilizar um robusto referencial teórico para desenvolver e monitorar as ações, além da mobilização, captação de recursos e capacitação para a qualidade técnica de diferentes atores envolvidos na restauração ecológica (PACTO, 2013). A iniciativa não se restringe a apenas recuperar a cobertura florestal da Mata Atlântica, mas, busca simultaneamente promover a geração de trabalho e renda, a conservação da biodiversidade, a manutenção e a compensação por serviços ambientais, adequação ambiental e regularização da produção agropecuária (MELO, 2013).

1.4.2 Do Pacto Murici à Rede de Gestores de Unidades de Conservação do CBMANE - REMA NE

Este item foi construído com base em pesquisa documental no acervo da AMANE, contando com 23 relatórios trimestrais (janeiro de 2006 a julho de 2011); três relatórios anuais (2011, 2012 e 2013); 28 projetos aprovados e realizados com apoio de 16 fontes financiadores (Quadro 5), dentre órgãos governamentais, organizações não governamentais e empresas. Os dados foram complementados com as duas publicações da AMANE, Saberes e Fazeres da

Mata Atlântica do Nordeste – Lições para uma gestão participativa, 2010, e Saberes e Fazeres da Mata Atlântica do Nordeste – Tecendo uma rede de gestores, 2012 (AMANE, 2010; AMANE, 2012).

Com o objetivo de buscar novas oportunidades e aperfeiçoar a proteção da biodiversidade do complexo florestal de Murici, foi articulada pela SNE e Birdlife International uma visita técnica a região em julho de 2003, com a participação da SNE, TNC, Conservação Internacional (CI-Brasil), Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio), Fundação SOS Mata Atlântica (SOS) e BI. Desta reunião, foi definida a formalização de um acordo entre as organizações presentes com o objetivo de realizar um projeto para conservação e uso sustentável do Complexo Florestal de Murici. O Funbio assumiu então o compromisso de desenhar um Programa que viesse atender esta demanda, não apenas no nível regional, mas, para o bioma no Brasil. Todas as entidades estariam envolvidas na captação de recursos para este projeto, sendo formalizadas em um consórcio.

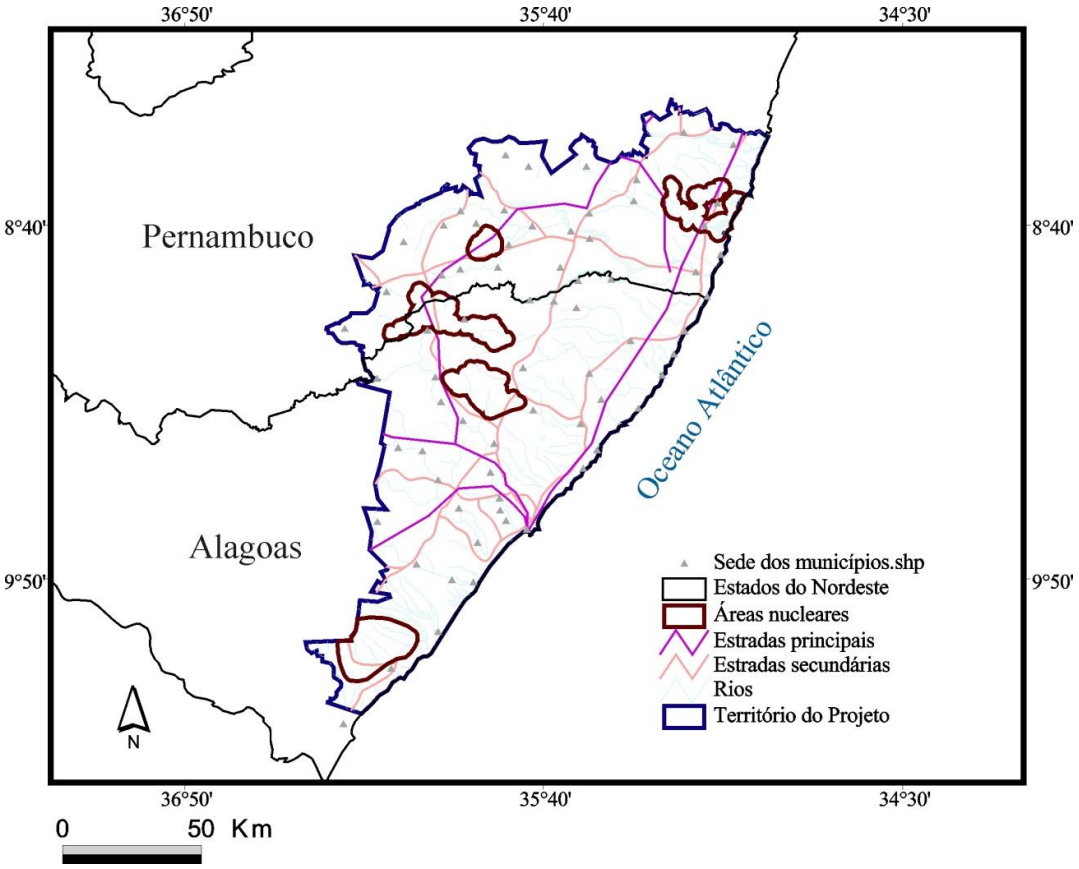
Outras reuniões aconteceram ainda em 2003 para definição do programa e do consórcio proponente. Foram convidados, além das entidades já envolvidas, o WWF Brasil, o Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste - CEPAN e o Instituto Amigos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica - IA RBMA. Em 19 de abril de 2004 o Funbio lançou o Edital PICUS, chamada de âmbito nacional. O objetivo geral do PICUS foi apoiar iniciativas voltadas para o desenvolvimento sustentável local, integrando e articulando esforços de conservação e uso sustentável dos recursos naturais, de forma a gerar impactos positivos, em curto prazo, em um determinado território.

A SNE liderou um consórcio formado por oito organizações: SNE, CI, TNC, WWF Brasil, BI, IA RBMA, CEPAN e a Fundação SOS Mata Atlântica apresentando proposta para a realização de um Diagnóstico e um Plano de Trabalho para o território. Com vistas a expandir as ações e articular novos parceiros, o grupo definiu uma área envolvendo 68 municípios, nos Estados de Pernambuco e Alagoas. Em maio de 2004, no Senado Federal, em Brasília, foi formalizado o Pacto Murici, com a participação das oito organizações consorciadas. O Pacto tem como objetivo catalisar ações e recursos para conjuntamente reverter o quadro de desmatamento e degradação da biodiversidade e criar formas de restaurar o funcionamento da paisagem e o desenvolvimento sustentável da Ecorregião Florestas Costeiras de Pernambuco.

O Pacto Murici foi objeto de programa Globo Ecologia[5] (GLOBO ECOLOGIA, 2015), que recebeu Menção honrosa – Premio Biodiversidade da Mata Atlântica – 2006, concedida à jornalista Beatriz Castro, da Rede Globo. Em junho de 2005, o Pacto Murici criou a AMANE, com a missão de proteger e recuperar a Mata Atlântica do Nordeste, por meio da conservação da biodiversidade e do desenvolvimento de benefícios socioambientais. Todas as entidades do Pacto Murici se tornaram sócias fundadoras da AMANE e formaram o seu Conselho Deliberativo, como pessoas jurídicas. Esse é um formato pouco comum utilizado pelas organizações não governamentais, sendo ainda inédita a articulação dessas organizações envolvidas, todas com um forte currículo de realizações e conquistas na área ambiental nacional e internacional.

A AMANE assumiu a coordenação do consórcio proponente do PICUS e apresentou versão final do projeto em maio de 2006. O Programa estabeleceu um território com uma área total de 1.673.560 hectares, abrangendo 68 municípios, sendo 40 de Alagoas e 28 de Pernambuco. Neste território foram definidos cinco sítios âncoras ou áreas prioritárias para intervenção, conforme Mapa 4, apresentado a seguir: em Pernambuco, os Complexos Florestais de Trapiche e Serra do Urubu, e em Alagoas, os Complexos Florestais de Murici, Usina Serra Grande e Coruripe-Guaxuma, ao sul do Estado. Três dos cinco sítios localizados em propriedades de usinas de açúcar – Trapiche, Usina Serra Grande, Coruripe e Guaxuma –, os outros dois sítios localizados em áreas de pequenos proprietários rurais e assentamentos de reforma agrária – Serra do Urubu e Murici.

[5] que pode ser visualizado no endereço: https://www.youtube.com/watch?v=y9rxPQ2mQEg



Mapa 4 – Território do Projeto PICUS, com as áreas nucleares: 1 - Complexo Trapiche, 2 – Complexo Serra do Urubu, 3 – Complexo Serra Grande, 4 – Complexo Murici e 5 – Complexo Coruripe/Guachuma. Fonte: AMANE, 2006a.

O projeto proposto pelo consórcio para um prazo de 10 anos estabeleceu um orçamento final de R$19.561.198,00, sendo R$15.361.198,00 como aporte do consórcio proponente como Recurso de Execução Direta (RED) e o restante seriam depositados em um Fundo Financeiro Comum (FDC). Esse FDC contaria com as seguintes fontes de recursos: 1/3 advindo das organizações do consórcio; 1/3 aporte do Funbio e 1/3 a ser captado conjuntamente pelo consórcio e o Funbio.

O projeto proposto pelo Consórcio liderado pela AMANE foi aprovado entre outras duas propostas, mas, antes da contratação, o Funbio decidiu pela não continuidade do Programa. O Conselho da AMANE resolveu dar prosseguimento às ações definidas no Plano de Trabalho e parte das atividades foram implementadas com recursos das próprias entidades parceiras e por meio de captação de recursos da AMANE com outros setores. Definiram-se dois focos de atuação: articulação com setor sucroalcooleiro, proprietário de fragmentos significativos de Mata Atlântica no nordeste e o desenvolvimento de ações voltadas para o desenvolvimento sustentável de populações moradoras do entorno dos principais fragmentos florestais dos seus sítios âncoras. Dessa maneira a atuação da AMANE contemplou os componentes:

Conservação da Biodiversidade, Desenvolvimento Sustentável, Políticas Públicas, Capacitação, Comunicação, Planejamento, Monitoramento e Avaliação e Gestão Administrativa e Financeira.

Ao longo de uma década de existência, a AMANE seguiu seu PICUS da Mata Atlântica do nordeste, ajustado, discutido e implementado em estreita parceria com as organizações do seu Conselho Deliberativo / Pacto Murici. Cerca de 30 projetos foram implementados com um orçamento estimado em seis milhões e quinhentos mil reais no período de 2005 a 2015, o que corresponde a 1/3 do RED proposto pelo consórcio no PICUS. Foram 16 as fontes financiadoras que podem ser divididas em cinco grupos: 1. Organizações do Pacto Murici – com a participação de 37,97% dos valores alocados; 2. o Estado de Pernambuco, por meio de editais públicos, com a participação de 9,11%; o governo federal, por meio de editais públicos como o do PDA/MMA, com a participação de 22,5%; 12,81% foi a participação de empresas, como a CELPE/NEOENERGIA, com o projeto Energia Verde, que restaurou 36 ha na RPPN Pedra D´Anta e outras organizações do terceiro setor como o Funbio e a Fundação Carlos Chagas, com a participação de 17,61%. Vale destacar que os recursos de execução indireta não foram registrados, pois, foram àqueles recursos gastos diretamente pelas organizações do Pacto Murici, em visitas, reuniões, equipamentos e apoio técnico. A AMANE contava com forte apoio nas ações de comunicação de várias organizações como a CI, a SOS, a TNC e o IA RBMA; contou ao longo dos dez anos com o apoio jurídico da SOS Mata Atlântica e apoio técnico com repasse de informações por parte de todas as organizações do Pacto.

Quadro 5 - Lista dos principais projetos realizados pela AMANE - Período de 2005 a 2015

	TÍTULO	FONTE	INÍCIO	TÉRMINO
1	APOIO INSTITUCIONAL	SOS/CI/SAVE/TNC/ WWF BRASIL	2005	2011
2	APOIO À PARTICIPAÇÃO NO VIVAMATA	SOS	2005	2013
3	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL PACAS	WWF BRASIL	2005	2007
4	DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL PACAS	SAVE	2005	2007
5	APOIO A RPPN PEDRA D´ANTA	SAVE	2005	2011
6	CAPACITAÇÃO EM GESTÃO PARTICIPATIVA DE UCs	PDA/MMA	2007	2010
7	REPARTIÇÃO DOS BENEFÍCIOS DA BIODIVERSIDADE DA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE	SEBRAE	2007	2009
8	1% FOR THE PLANET	VOLCON	2008	2009
9	APOIO AO PROGRAMA DE ESPÉCIES EXÓTICAS INVASORAS	TNC	2009	2009
10	REPARTIÇÃO DOS BENEFÍCIOS DA BIODIVERSIDADE DA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE	Funbio	2009	2009
11	PRODUZIR E CONSERVAR	CI	2009	2012
12	REDE DE GESTORES DO CEP	PDA/MMA	2009	2011
13	MOSAICOS DE RESERVAS PRIVADAS NA APA DE MURICI	ALIANÇA / SOS	2009	2010
14	CORREDOR DE BIODIVERSIDADE - CEP	CI	2010	
15	ENERGIA VERDE	CELPE	2010	2013
16	INVASÕES BIOLÓGICAS: EDUCAÇÃO E MANEJO	FEMA	2010	2013
17	CORREDORDA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE*	SAVE/PDA/MMA	2010	2012
18	PRODUZINDO ÁGUA NA SERRA DO URUBU**	APAC	2012	2014
19	PROJETO LIVROSPARATODOS	Fundação Carlos Chagas	2012	2013
20	CAPACITANDO LIDERANÇAS PARA A CONSERVAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE	Funbio	2012	2015
21	REDE DE GESTORES DO CORREDORDA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE	Funbio	2013	2015
22	PLANO DE MANEJO DA ESEC MURICI	ALIANÇA / SOS	2013	
23	FLORESTA E ÁGUA: RECUPERANDO NASCENTES NA BACIA DO RIO UMA **	APAC	2013	2013
24	PLANO DE MANEJO DA RPPN Pedra D´Anta	ALIANÇA / SOS	2013	2013
25	GARANTINDO A CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE: RESTAURAÇÃO ECOLÓGICA E MANEJO DE ESPÉCIES EXÓTICAS INVASORAS NA RPPN PEDRA D´ANTA, PE	ALIANÇA / SOS	2013	2013
26	SABERES POPULARES E EXPERIENCIAS AGROECOLÓGICA NO AMBITO DA REDE DE GSTORES DO CORREDORDA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE	PDA/MMA	2013	2013
27	PROGRAMA APPROXIMAR **	BIOSEV	2013	2013
28	PLANO MUNICIPAL DE PROTEÇAO E RECUPERAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA DE LAGOA DOS GATOS	FEMA	2014	2015

Fonte: AMANE 2005 a 2013.

Observações suplementares: *Projeto coordenado pela SAVE BRASIL em parceria com a AMANE.
** Projetos encerrados antes do término por motivos de dificuldades na gestão administrativa financeira da fonte financiadora.

Os principais resultados obtidos foram: a criação de quatro Unidades de conservação[6] (ações apoiadas pela AMANE); a elaboração de três Planos de Manejo[7]; dezenas de oficinas e cursos de capacitação em temas diversos para gestores de Unidades de conservação e moradores do entorno das Unidades, contemplando cerca de mil participantes; a criação e gestão de dois centros de educação para conservação da Mata Atlântica localizados em Murici, AL, e Lagoa dos Gatos, em PE, durante cinco anos; duas bibliotecas temáticas, sendo uma em cada centro; a restauração de 36 ha de Mata Atlântica com alta diversidade no entorno imediato da RPPN Pedra d´Anta, a delimitação do CBMANE e o apoio a formação da REMA NE. A temática de capacitação foi fortalecida com o projeto de capacitação em gestão participativa de unidades de conservação na Mata Atlântica do nordeste, primeiro projeto aprovado da AMANE em edital público do PDA/MMA, colaborando com a ampliação das capacidades dos gestores de unidades de conservação e influenciando políticas públicas para a conservação e uso sustentável do bioma Mata Atlântica no nordeste. Participaram da capacitação 145 gestores advindos de oito estados[8] do Nordeste, inseridos no domínio da Mata Atlântica, nos seguintes temas: Conservação da Biodiversidade, Geotecnologias Aplicadas à Conservação, Invasões Biológicas, Direito Ambiental, Planejamento Ambiental e Gestão Participativa, Sustentabilidade Socioambiental, Turismo Sustentável de Base Local, Ética e Resolução de Conflitos, Comunicação e Florestas Urbanas. O caráter participativo e integrador mostrou-se o fio condutor dos cursos, com um público bastante diversificado em relação à origem, escolaridade e formação. O projeto publicou um livro com a experiência, Saberes e Fazeres da Mata Atlântica do Nordeste – Lições para uma gestão participativa (AMANE, 2010).

Buscando proporcionar melhoria de trabalho e renda para populações moradoras do entorno das florestas, em Murici, e dessa forma reduzir o impacto das atividades antrópicas sobre os remanescentes florestais, foi realizado um Programa de Desenvolvimento Sustentável voltado para comunidades moradoras de assentamentos e acampamentos de reforma agrária. Com o apoio do SEBRAE AL e do Funbio, foi realizado projeto voltado à repartição dos benefícios da biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste, que ministrou capacitações temáticas[9] para essa população, com a participação de mais de mil participantes em dezenas de cursos e oficinas. A formação de uma feira semanal em Murici e de três cooperativas de agricultura familiar no município foram os principais êxitos dessa iniciativa. Ações semelhantes foram

[6] RPPN Pedra d´Anta; RPPN Vila d´Água (AL); RPPN Santa Maria (AL) e APA Aldeia Beberibe (PE).
[7] ESEC Murici (AL), RPPN Pedra d´Anta e RPPN Vila d´Água (AL).
[8] Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.
[9] Agroecologia, biojóias, artesanato com sementes, arte educação, gestão de cooperativas, associativismo e cooperativismo, gestão de negócios, criação de pequenos animais, horta orgânica, dentre outros.

replicadas no Complexo Florestal da Serra do Urubu, onde houve mobilização dos moradores do entorno da RPPN Pedra d´Anta, em parte concentrados no Assentamento Igrejinha.

Junto ao setor sucroalcooleiro, a AMANE atuou em parceria com o CEPAN e a CI, buscando a adequação ambiental das indústrias que detinham os maiores fragmentos florestais do território tratado, visando a redução de passivos ambientais. Foram realizadas capacitações em adequação de propriedades rurais e restauração florestal, disseminação do Guia Prático para Reflorestamento – Implementando Reflorestamentos com Alta Diversidade na Zona da Mata Nordestina (ALVES COSTA *et al*, 2008) e busca de parcerias para elaboração de projetos de carbono.

Buscando encontrar alternativas para reduzir a perda de biodiversidade, foi proposto ao PDA/MMA, em 2009, pela AMANE, um projeto para formação de uma rede de gestores de unidades de conservação, envolvendo os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Essa iniciativa teve a duração de dois anos e realizou encontros e oficinas nos diversos estados, implementando quatro redes virtuais, sendo uma para cada estado (AMANE, 2012). Em 2010, a AMANE, em parceria com a SAVE Brasil, desenvolve também com o apoio do PDA/MMA o projeto Corredor da Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste, tendo como objetivo a formulação de políticas públicas para a proteção da Mata Atlântica. Realizando com esta iniciativa, por dois anos, diversos encontros de gestores em rede e formulando um mapa do Corredor, envolvendo os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Esse projeto teve continuidade com outra iniciativa proposta em resposta a novo edital do Funbio com o projeto Rede de Gestores do Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste. A rede virtual de gestores foi então ampliada e esteve em funcionamento até 2015, com o envolvimento de mais de 600 gestores, realizou diversos encontros presenciais em cada estado do corredor com vistas a capacitar, articular iniciativas e ações conjuntas de vários atores estratégicos. Outros resultados já foram contabilizados nesse projeto como uma base de dados, um vídeo e a publicação Saberes e Fazeres da Mata Atlântica do Nordeste – tecendo uma rede de gestores, 2012 (AMANE, 2012).

2 PROBLEMATIZAÇÃO – PROBLEMA – TESE

A problemática que se inscreve neste trabalho envolve a destruição da biodiversidade da Mata Atlântica, a estratégia de unidades de conservação e corredores de biodiversidade, o papel dos gestores de unidades de conservação articulados em redes para implementar a sua gestão, de modo a que cumpram com seus objetivos de conservação da biodiversidade e desenvolvimento sustentável. Enfim, a ação em rede pode contribuir com a proteção da Mata Atlântica através de unidades de conservação e corredores de biodiversidade?

Considerando que a formulação de uma problemática consiste no ordenamento de um conjunto de fatores que permite a conscientização de um determinado problema, buscando assim jogar luz sobre as origens do mesmo e as interrogações iniciais que concernem a ele (MEDEIROS, 2012), segue-se a apresentação sistematizada desses fatores.

- A Mata Atlântica no Brasil está reduzida a 12,5% da sua cobertura original (SILVA *et al*., 2016).
- São dois os principais fatores que levam à extinção de espécies em florestas tropicais, a perda e a fragmentação de *habitats* (SALA, 2000).
- Quando devidamente manejadas as áreas protegidas têm comprovado sua eficácia na proteção da biodiversidade e no bom funcionamento dos ecossistemas (UICN, 2014).
- A estratégia adotada pela biologia da conservação no nível internacional para reduzir a destruição da biodiversidade se constitui na criação e implementação de unidades de conservação (VALLEJO, 2002).
- Apesar das unidades de conservação, públicas e privadas, na Mata Atlântica, cobrir 9,1% (101.852km²) do território nacional (MMA, 2016) esse número ainda está aquém da meta estabelecida pela Convenção de Diversidade Biológica e ratificada pelo governo brasileiro (SILVA *et al*., 2016).
- Áreas isoladas não são adequadas para a conservação da natureza, no entanto, são degraus essenciais para a construção de estratégias para a conservação e o uso sustentável da biodiversidade (MARGULES e PRESSEY, 2000).
- Para garantir uma gestão eficiente das áreas protegidas é necessário um amplo sistema de governança, envolvendo diversos atores, buscando a conservação integrada e a conectividade em larga escala (UICN, 2014).

- Considerando que as Reservas da Biosfera adotam as unidades de conservação de proteção integral como áreas núcleo e que outras áreas protegidas permitem a sua conexão, têm-se os Corredores de biodiversidade como uma extensão lógica das Reservas da Biosfera (UICN, 1998).
- Estudos apontam como o mais moderno conjunto de diretrizes para o planejamento da conservação da biodiversidade, as redes de áreas protegidas, que sejam conectadas por corredores ecológicos (SANDERSON *et al*., 2003; SANTOS *et al*., 2008; TABARELLI *et al*., 2010).

Considerando que a implementação de unidades de conservação representa a primeira instância para a consolidação de um corredor de biodiversidade; que essa gestão tornou-se mais complexa na medida em que é necessário integrar essas unidades, o gestor de unidades de conservação é peça fundamental nessa engrenagem, sendo sua ação desarticulada um empecilho à proteção da biodiversidade da Mata Atlântica no nordeste.

Partindo do pressuposto de que, na ausência de uma atuação eficiente por parte do estado, cabe à cidadania atuar, as redes têm um grande potencial na conservação da biodiversidade brasileira, não substituindo o governo, mas, organizando e implementando ações que assegurem o patrimônio natural de valor inestimável do Brasil. Essas ações tanto podem ser executivas no formato de projetos e programas demonstrativos e multiplicadores como também políticos no sentido de atuar na fiscalização e controle da gestão desse patrimônio natural, denunciando a responsabilidade política, civil e criminal daqueles que atentam contra a Natureza e a sociedade ao permitir a devastação. As redes envolvem muitos participantes e ainda possuem grande força de mobilização e convencimento para a sociedade de maneira geral (PALAZZO JR., 2007). Apesar de que essa participação é muito diferenciada nas redes, seja nos atores centrais, que são propositivos naqueles que participam como operadores ou beneficiários das ações, é importante saber distinguir e compreender esses níveis de envolvimento e contribuição.

Apesar de muitas redes voltadas a ações de conservação da biodiversidade no Brasil terem se constituído a partir da década de 1970, não há suficientes estudos acadêmicos que analisem o papel deste instrumento na melhoria da gestão da biodiversidade baseada em unidades de conservação e corredores de biodiversidade. Embora em teoria, as redes de gestores possam alavancar a conservação da diversidade biológica via melhoria da gestão de unidades de conservação e seus territórios, há uma carência de evidencias empíricas que possam suportar

lições, neste contexto. Aliada a falta de uma análise crítica das experiências, uma legislação insuficiente para delegar às redes o papel de definir ações estratégicas de atuação, apesar do seu reconhecimento por parte das instancias governamentais. É diante deste fato que aqui se propõe verificar a contribuição de uma rede de gestores de unidades de conservação para implementação do CBMANE.

Desse contexto, esta pesquisa recorta as seguintes questões (o problema):

- A ação em rede contribui com a proteção da Mata Atlântica na Área Focal Murici Urubu do CBMANE através da consolidação desta unidade de planejamento e gestão da biodiversidade?
- Como os gestores de unidades de conservação da Área Focal Murici Urubu podem contribuir mais efetivamente para a implementação do CBMANE?

Sendo assim, a tese da pesquisa: as redes tornam as ações voltadas para a conservação da biodiversidade mais efetivas, por aumentar a escala de atuação, produzir e fazer circular grande número de informações estratégicas, exercer poder político institucional, possuir capacidade de mobilização e sensibilização da sociedade de maneira geral.

No caso da Área Focal Murici – Urubu do CBMANE, a ação em rede permitiu o estabelecimento de ações articuladas na implementação de um plano de ação orientado e direcionado em estreita conexão com estudos avançados da biologia da conservação comprovados internacionalmente, permitindo a inserção de figuras estratégicas e testadas como eficazes, como as unidades de conservação e os corredores de biodiversidade. Tudo isso também integrado às diretrizes da Convenção da Diversidade Biológica, onde a conservação da biodiversidade e o seu uso sustentável também contempla a repartição dos benefícios dessa biodiversidade. Nesse caso as ações foram realmente inovadoras por alinhar a conservação da biodiversidade com a melhoria da qualidade de vida das populações moradoras do entorno das unidades de conservação, prioritariamente nos assentamentos de reforma agrária. As articulações em rede promoveram o fortalecimento das instituições e dos atores locais, empoderando as comunidades e seus representantes no diálogo com os órgãos governamentais, seja na participação em conselhos e fóruns, sejam em ações de fiscalização e controle das unidades de conservação.

3 METODOLOGIA

3.1 Estratégia de pesquisa

A pesquisa teórica desconstrói, reconstrói e transforma a arquitetura interna do saber, mudando o olhar sobre aquilo que nos cerca, com o intuito de fazer progredir o conhecimento, construindo o objeto científico em todas as suas dimensões (KAUFMANN, 2013).

Antes de discorrer sobre o caminho escolhido para a realização dessa pesquisa, apresenta-se a opção de atuar no sentido de contribuir com o paradigma emergente da ciência, como citado por Boaventura de Sousa Santos, 2010, considerando que: 1. Todo conhecimento científico natural é científico social, inserindo assim na matéria os conceitos de historicidade, de processo, de liberdade, de autodeterminação e até de consciência; 2. Todo conhecimento é local e total, sendo a fragmentação do conhecimento temática, não disciplinar; 3. Todo conhecimento é autoconhecimento, portanto, ensina a viver e traduz-se num saber prático; e, 4. Todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. O autor questiona nessa obra qual a contribuição da ciência para purificar ou para corromper os nossos costumes, buscando uma relação entre ciência e virtude, se contrapondo ao paradigma da ciência que foi mapeada e estruturada no século XVIII e início do XIX (SANTOS, 2010). Nessa perspectiva, o percurso metodológico adotado assume o compromisso com a transformação da realidade pesquisada (DORNELLES, 2011), considerando ainda o desafio e a complexidade de pesquisar a própria prática, pois a pesquisadora participou intensamente de todo o campo investigado em quase vinte anos de trabalho como ambientalista.

Outros pesquisadores já optaram por esse caminho, como poderemos citar o trabalho da pesquisadora e professora Carla Jeanne Helfemsteler Coelho Dornelles, na sua tese de doutorado apresentada na Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2011, onde discorre sobre seu percurso profissional no campo da educação formal e não formal, com o objetivo de propor caminhos em que processos educativos contribuam para o desenvolvimento de atitudes e postura ética, elucidando os limites e possibilidades da vivencia biocêntrica como metodologia educativa e da prática da educação biocêntrica em processo de formação humana, buscando identificar as formas mais eficazes de aplicação da proposta e em que nível ela contribui para a ética vista como alteridade. Também como exemplo, tem-se o trabalho da pesquisadora e professora da PUCRS, Ana Lúcia Freitas (2004) em sua tese intitulada “Pedagogia do Inédito – viável: contribuições da participação

pesquisante com educadores e educadoras". E ainda a tese do pesquisador Antonio Angelo Favaro Coppe, intitulada "A vivencia em grupos de Encontro: um estudo fenomenológico de depoimentos", apresentada em 2001, na UFRJ, onde enfatiza a necessidade de se viabilizar as pesquisas qualitativas e fenomenológicas sobre questões subjetivas do desenvolvimento humano (DORNELLES, 2011).

Esta pesquisa se realiza por razões de ordem prática, sendo, portanto, quanto à natureza, uma pesquisa aplicada (GIL, 1996), que busca contribuir com a proteção da Mata Atlântica do nordeste e ao mesmo tempo com os processos de desenvolvimento sustentável e repartição dos benefícios da sua biodiversidade. Considerando que, a adoção de um ou outro método depende da natureza do objeto da pesquisa; dos recursos materiais disponíveis; do nível de abrangência do estudo e do pesquisador, define-se quanto à forma de abordagem, a qualitativa e, quanto aos procedimentos técnicos, tem-se um estudo de caso (MEDEIROS, 2012). Os métodos qualitativos são mais adequados para compreender, detectar comportamentos, processos ou modelos teóricos (CAVALCANTI, 2013) e o estudo de caso permite, por meio da análise de casos isolados ou de pequenos grupos, a compreensão de determinados fatos, que podem ser representativos para outros, ou mesmo para todos os casos semelhantes (GIL, 1996).

Para a obtenção dos dados foi realizada uma pesquisa documental sobre os dez anos de atuação de uma rede de ONGs – o Pacto Murici, que cria uma organização – a AMANE, para o desenvolvimento de um programa – o PICUS; e um levantamento de campo, onde foi utilizada a entrevista semiestruturada, por constituir uma técnica alternativa para coleta de dados não documentados sobre determinado tema, como o que se pretende neste estudo de caso. A pesquisadora organizou a entrevista com um roteiro de questões sobre o tema, mas possibilitando que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal, permitindo uma flexibilidade e respostas mais amplas (GERHARDT *et al*., 2009; KELLEN, 2017).

Na condução da pesquisa de campo foi considerada a orientação apresentada por Cavalcanti (2013) e Kaufmann (2013), no que tange a entrevista compreensiva, que pode ser compreendida como um método de trabalho visando à produção teórica, não sendo apenas "uma instancia de verificação da teoria, mas, o *lócus* do seu nascedouro, o ponto de partida da problematização teórica sugerida pelos fatos" (CAVALCANTI, 2013, p. 14). Para a análise do conteúdo encontrado seguiu-se a categorização, como uma operação de classificação dos

elementos dispostos no conjunto de cada entrevista (BARDIN, 2011). As categorias foram orientadas pelos objetivos específicos desta pesquisa: 1. O estado da arte da biodiversidade na Área Focal Murici Urubu do CBMANE; 2. A relevância do trabalho em rede realizado pelo Pacto Murici, sob a coordenação executiva da AMANE, na modelagem do CBMANE; 3. As principais lições e aprendizagens desses gestores de maneira que possam ser replicadas para outras regiões na consolidação de um Corredor de Biodiversidade; e 4. Um plano de ação para a Área Focal Murici Urubu, do CBMANE.

3.2 Caracterização da área – objeto empírico [10]

3.2.1 O Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste – CBMANE

Com o objetivo de contribuir com a formulação de políticas públicas efetivas para a proteção e recuperação da Mata Atlântica no nordeste a Sociedade para a Conservação de Aves do Brasil – SAVE Brasil (coordenação geral), em parceria com a Associação para a Proteção da Mata Atlântica do Nordeste – AMANE (coordenação técnica), propôs ao Ministério do Meio Ambiente / Subprograma PDA, em edital público, em 2009, o projeto Corredor da Mata Atlântica do Nordeste: definição, planejamento e ações piloto para a formulação de políticas públicas. O projeto foi realizado no período de novembro de 2010 a novembro de 2012, seguindo o cumprimento de sete (7) metas: (1). Sistema de gestão técnica, administrativa e financeira instalado; (2). Articulação dos atores regionais para estabelecimento do Consórcio e Conselho Gestor do projeto; (3). Realização de diagnóstico e definição do CorredorNordeste; (4). Planejamento e Zoneamento do CorredorNordeste; (5). Implementação de ação piloto na Serra do Urubu, PE; (6). Implementação de ação piloto em Murici, AL; (7). Elaboração e implementação de sistema participativo de monitoria do projeto.

Os principais resultados obtidos foram: a publicação do Mapa do Corredor da Mata Atlântica do Nordeste (Mapa 5), envolvendo seis estados do Nordeste (Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia); a delimitação de 13 áreas focais, prioritárias para atuação, definidos de forma participativa pelo consórcio do projeto, seu conselho gestor e a formalização de um Colegiado da Rede de Gestores do Corredor- a REMA NE, contando com a participação de representantes de ONGs dos seis Estados envolvidos no Corredor: IA RBMA; SAVE BRASIL; AMANE; Grupo Ambientalista da Bahia - GAMBA (BA);

[10] Este capítulo foi construído com base em pesquisa documental no acervo da AMANE – 2010 a 2014.

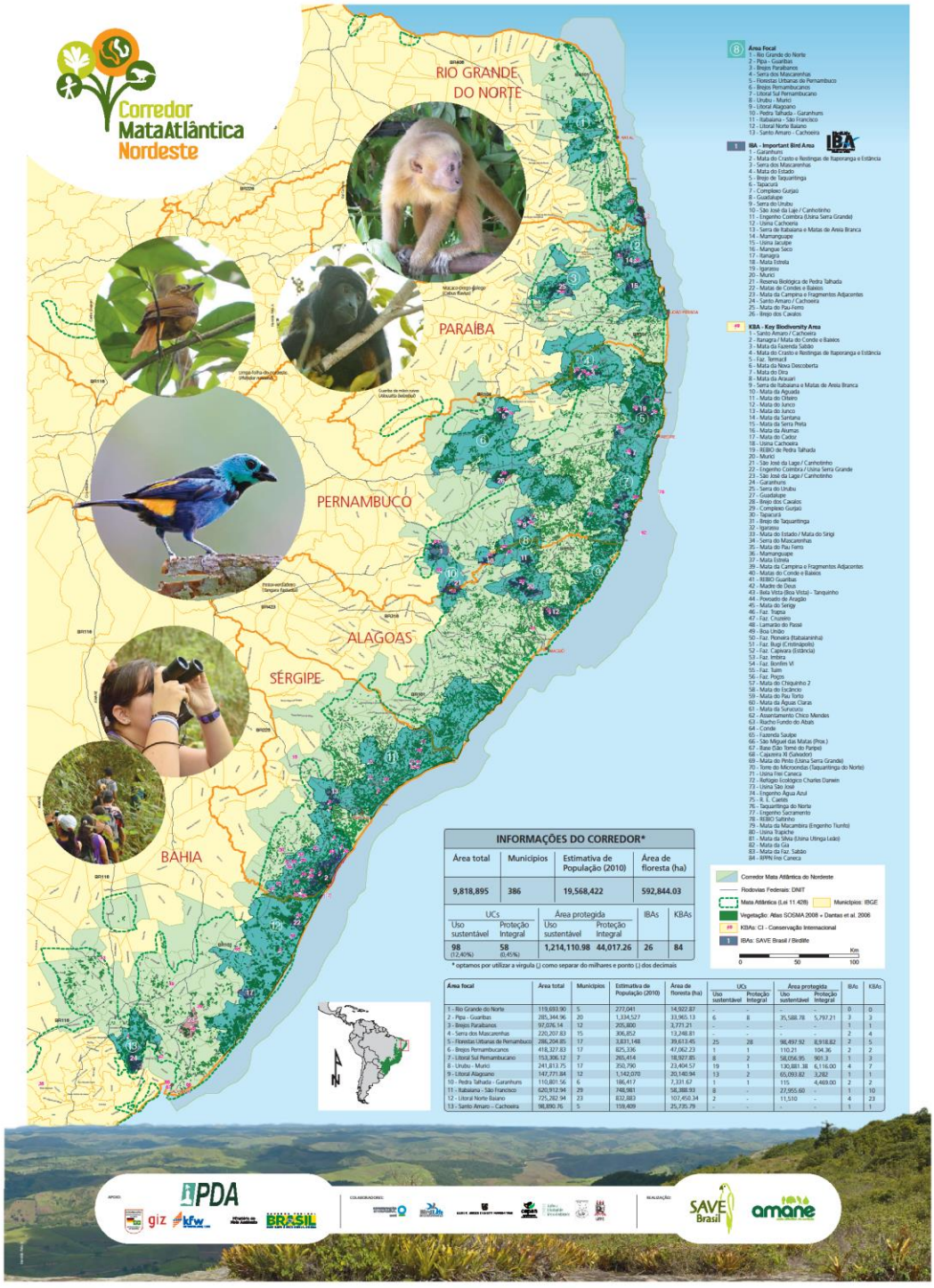
SEMEAR (SE); Organização de Preservação Ambiental - OPA (AL); CEPAN (PE); SNE (PB) [11] e Instituto para a salvaguarda das paisagens inspiradoras e dos refúgios ambientais – INSPIRA (RN). O Corredor envolve 387 municípios e uma população estimada de 19.568,422 habitantes (2010). Das 156 unidades de conservação existentes no CBMANE (até o ano de 2013), 98 estão na categoria de uso sustentável e 58 estão na categoria de proteção integral, conforme a Lei nº 9.985/2000, que estabelece o SNUC.

Com exceção das Áreas de Proteção Ambiental[12] (APA), e das Reservas Extrativistas[13] (RESEX) que são unidades que ocupam grandes áreas e, em grande parte, possuem adensamentos populacionais, como cidades, em seu perímetro (APAs) ou são utilizadas para manejo sustentável dos recursos (RESEX), a maior unidade de proteção integral localizada no CBMANE é a Estação Ecológica de Murici, com uma área de 6.116 ha. As demais unidades possuem em média, área com cerca de 200 ha, o que significa riscos altos para a manutenção da biodiversidade (MMA, 2016).

[11] www.rbma.org.br; www.savebrasil.org.br; www.amane.org.br; www.gamba.org.br; www.semear.org.br; www.opa.org.br; www.cepan.org.br; www.sne.org.br.

[12] Art. 15. A Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.

[13] Art. 18. A Reserva Extrativista é uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade.



Mapa 5 - CBMANE (RN, PB, PE, AL, SE, BA) Fonte: SAVE / AMANE, 2012.

O envolvimento das populações moradoras no entorno desses fragmentos florestais em ações de conservação e recuperação da Mata Atlântica foi a principal estratégia desenvolvida pelas organizações do Pacto Murici. Identificação de lideranças locais e atores estratégicos, apoio à formação de cooperativas e associações, identificação de Arranjos Produtivos Locais (APL),

oficinas de capacitação e criação de espaços como os centros de educação para a conservação da biodiversidade, foram algumas ações desenvolvidas e que promoveram a integração desses atores e a participação dos mesmos nas atividades de restauração ecológica, educação e fiscalização.

No trato com essa população moradora do entorno dos fragmentos florestais, os assentamentos e acampamentos de reforma agrária foram os grupos principais, por representarem os maiores adensamentos populacionais no entorno imediato das unidades de conservação. Essas populações podem representar ao mesmo tempo uma ameaça à biodiversidade como também uma oportunidade de apoio à fiscalização e ao desenvolvimento de ações de restauração.

As ações piloto implementadas na Área Focal Murici – Urubu foram focalizadas na criação e implementação das unidades de conservação (apoio á criação de RPPNs, elaboração de planos de manejo, capacitação para conselheiros das unidades de conservação), na implementação de dois centros de educação para a conservação da Mata Atlântica, na restauração florestal, na agroecologia e na monitoria da cobertura florestal.

A instalação de centros de educação para a conservação da biodiversidade nas cidades próximas aos principais fragmentos florestais, como em Murici, no caso da ESEC Murici, Alagoas, e Lagoa dos Gatos, no caso da RPPN Pedra D´Anta, em Pernambuco, atraíram as populações moradoras das áreas rurais, cujas expectativas e interesses eram similares à população das áreas ditas urbanas.

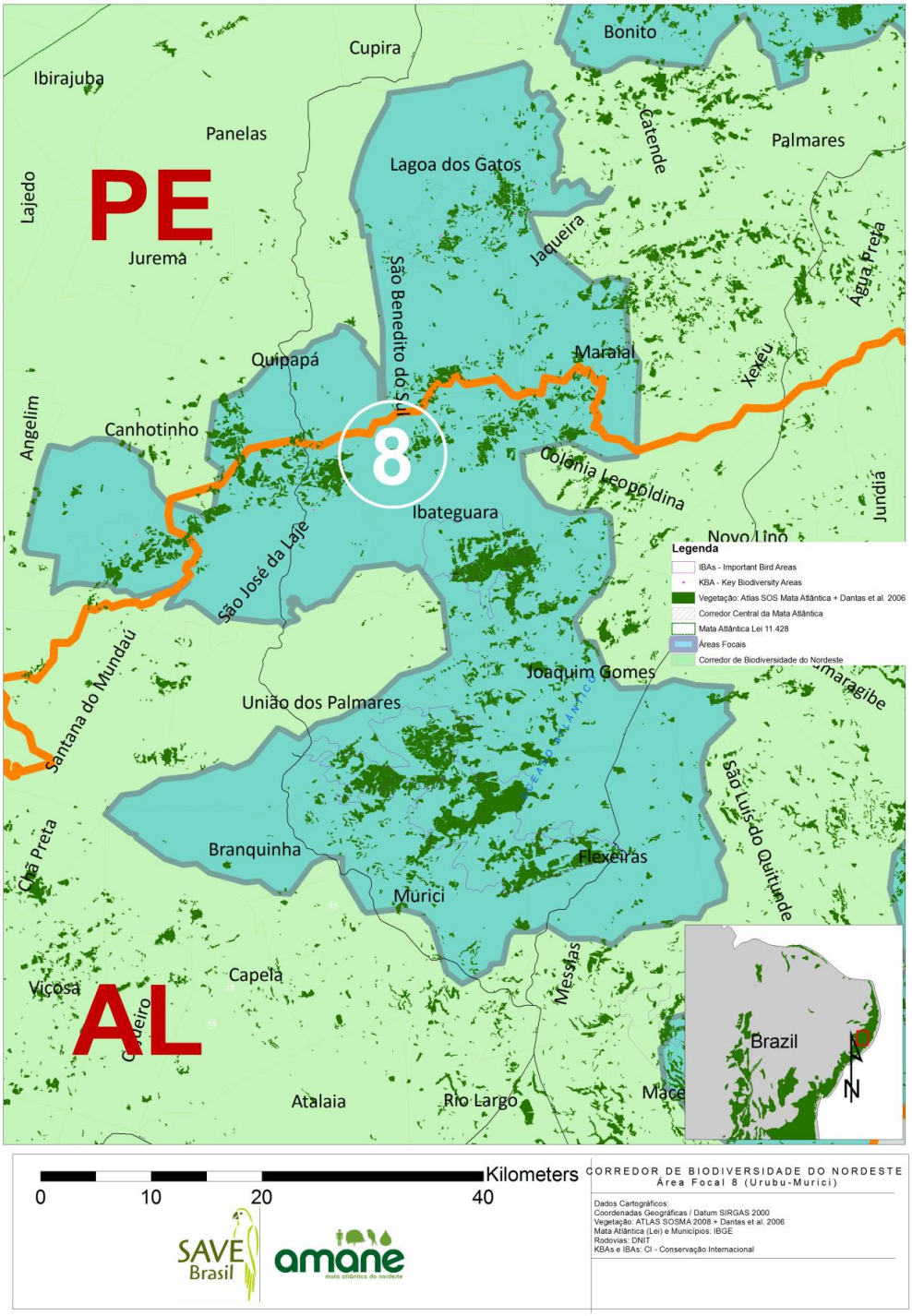
Dando continuidade à implementação do CBMANE, seja no fortalecimento da REMA NE, seja na capacitação de atores chaves nas áreas focais, a AMANE deu início a duas novas iniciativas, buscando apoio do Fundo Brasileiro de Biodiversidade – Funbio, em resposta a editais públicos. O projeto Rede de Gestores do CBMANE e o projeto Capacitando Lideranças para a Conservação da Mata Atlântica do Nordeste, realizados praticamente no mesmo período, foram fundamentais para consolidar as ações prioritárias para o reconhecimento do CBMANE diante dos seus atores e do seu público.

3.2.2 Área Focal Murici – Urubu

O domínio da Mata Atlântica na região nordeste, reconhecido pela Lei nº 11.428/2006 (BRASIL, 2006), é o menor domínio comparado a outras regiões onde também ocorre o

bioma. Esse território, ao tempo do descobrimento pelos portugueses, apresentava uma paisagem florestal contínua. O posterior uso e ocupação do solo determinado pela cultura da cana-de-açúcar em estruturas de latifúndio resultaram na atual fisionomia da paisagem regional, na qual restaram somente pequenos fragmentos da cobertura vegetal nativa, situados principalmente em encostas e grotões. A propriedade da terra é concentrada nos latifúndios com sistemas agroindustriais ou de pecuária extensiva. Pequenos mosaicos ainda existem com usos associados à subsistência de populações em assentamentos rurais. Ainda assim, a surpreendente biodiversidade remanescente justifica o esforço de conservação e recuperação necessário para garantir sua manutenção no longo prazo (AMANE, 2006b).

Como maneira de definir prioridades de atuação, que venham a estabelecer investimentos e estudos por estado, 13 Áreas Focais foram selecionadas dentro do CBMANE. A definição dos limites dessas áreas considerou: os maiores de fragmentos encontrados; o maior número de unidades de conservação; a presença de IBAs (BI) e KBAs (CI) e áreas prioritárias (MMA); e inserção nos limites do domínio da Mata Atlântica (BRASIL, 2016). No Mapa 6 é apresentada a Área Focal Murici – Urubu, cujas ações foram priorizadas pelo Pacto Murici e AMANE, e servem de exemplo para aprendizagem e reaplicação em outras áreas (AMANE, 2012). A seleção dessa Área Focal para o desenvolvimento desta pesquisa teve como principal motivação o esforço mobilizado pelo Pacto Murici nesta região. A Área Focal Murici – Urubu envolve dois importantes complexos florestais, o de Murici, em Alagoas, e o de Urubu, em Pernambuco. Está situada nos estados de Alagoas e Pernambuco, com uma área de 241.813,75ha, envolvendo 17 municípios, com uma população estimada em 350.790 habitantes (estimativa de 2010). Estima-se que, nessa região ainda permanecem 23.404,57ha de florestas, parte delas protegidas por 20 unidades de conservação, sendo apenas uma de proteção integral, a própria ESEC Murici, e as demais de uso sustentável. Reconhecida como de grande relevância para a conservação da biodiversidade, a Área Focal possui quatro áreas importantes para a conservação de aves, do inglês, IBAs, e sete áreas chaves para a biodiversidade, do inglês, KBAs.



Mapa 6 - Área Focal Murici – Urubu. Fonte: SAVE, AMANE, 2012.

3.2.2.1 *O Complexo Florestal de Murici (CFM), em Alagoas*

O CFM compreende uma área de mata situada entre a zona costeira e o agreste e é considerado um dos mais importantes remanescentes florestais do mundo e uma das regiões prioritárias para a conservação de aves no hemisfério ocidental. O CFM ocupa o mesmo território da Área de Proteção Ambiental - APA de Murici – criada pela Lei Estadual nº 5.907, de 14 de março de 1997, envolvendo integralmente os municípios de Messias, Murici, Branquinha, União dos Palmares, São José da Lage, Ibateguara, Joaquim Gomes, Colônia de Leopoldina e Flexeiras, cobrindo uma área de 116.100ha. A Estação Ecológica de Murici – ESEC Murici, criada em maio de 2001, possui uma área de 6.116 hectares, e está localizado a 50 km de Maceió, Alagoas. A ESEC Murici é a maior unidade de conservação, na categoria de proteção integral, da Mata Atlântica, ao norte do rio São Francisco.

Segundo Bencke *et al* (2006), Murici foi palco da descoberta de quatro novas espécies de aves endêmicas das florestas montanas do nordeste do Brasil, ao norte do rio São Francisco, todas descritas somente a partir de 1983. As matas de Murici abrigam mais espécies restritas a essas florestas do que qualquer outra área já amostrada na Mata Atlântica nordestina. Até recentemente Murici permaneceu a única área de ocorrência conhecida das espécies criticamente ameaçadas *M. snowi* (choquinha-de-alagoas) e *P. novaesi* (limpa-folha-do-nordeste).

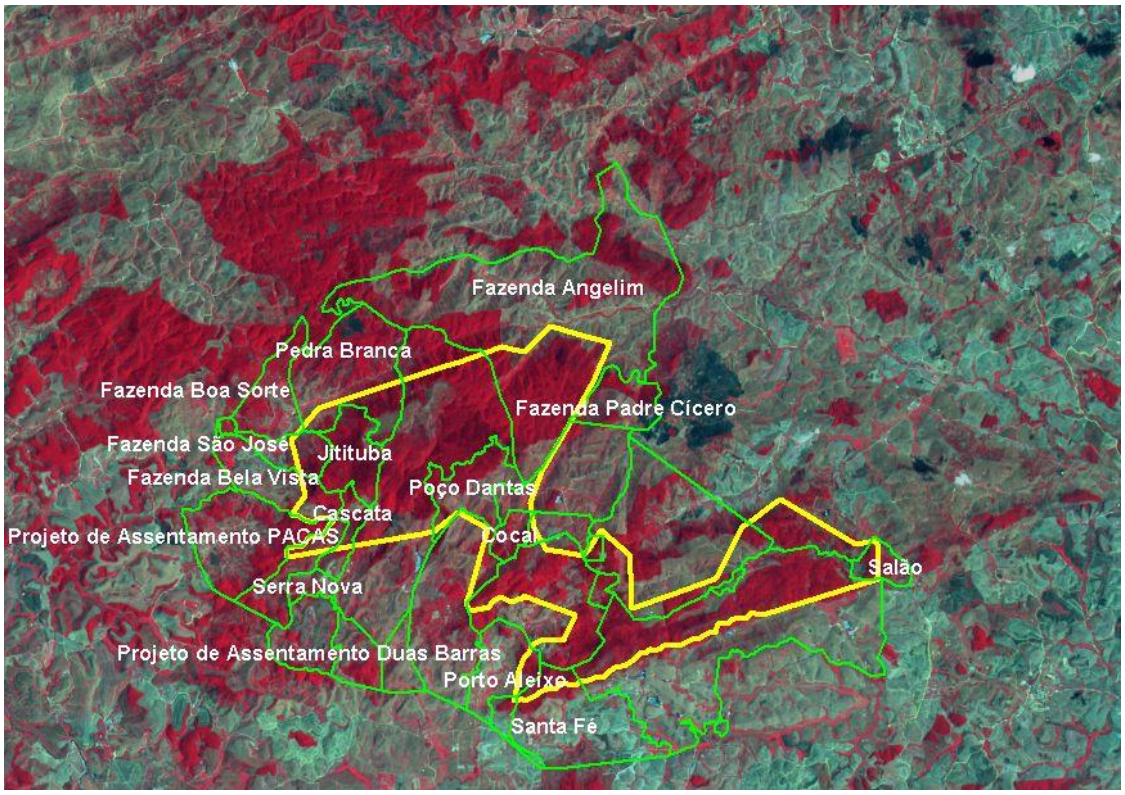
O processo da criação da Estação Ecológica de Murici foi iniciado em 1977, quando a então Secretaria Especial do Meio Ambiente - SEMA – procedeu ao levantamento de dados fundiários. À falta de sequencia das ações, o CONAMA resolveu, através da Resolução n° 005, de 05 de junho de 1984, declarar a área como Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) sem, contudo, estabelecer-lhe uma delimitação cartográfica. Em 1992, a Fundação Brasileira para Conservação da Natureza – FBCN passou a colaborar com a gestão na região, em área cedida em comodato pela Usina Bititinga (FBCN, 1976).

A Lei Estadual de Alagoas de n° 5.907, de 14 de março de 1997, incluiu os remanescentes florestais de Murici em uma grande Área de Proteção Ambiental (APA), com área de 116.100 ha. Entre os anos 1998 e 2000, já com as terras da Usina Bititinga *sub judice* para efeito de pagamento de dívidas, a então Representação do IBAMA/AL encaminhou propostas para retomada do processo de criação de Unidades de Conservação na área.

As atividades voltadas à conservação e ao uso sustentável da biodiversidade desenvolvidas no complexo florestal de Murici por organizações do Pacto Murici iniciaram no ano de 2000 quando a BirdLife International – BI - buscou estabelecer parceria com a Sociedade Nordestina de Ecologia – SNE, com a intenção de proteger a região considerada uma das áreas mais importantes para a conservação das aves no hemisfério sul, o CFM. A partir dessa parceria, a SNE realizou estudos básicos em um Diagnóstico Rápido que serviu de subsídio para a criação, por decreto presidencial, da Estação Ecológica de Murici, com data de 28 de maio de 2001.

Como a criação de uma unidades de conservação no Brasil não significa ainda uma garantia para a sua proteção, a BirdLife International buscou apoio de outras duas organizações não governamentais, o WWF Brasil e a The Nature Conservancy (TNC), para a implementação da ESEC. Assim, em 2001, teve início o projeto para apoio à implementação da ESEC, realizado pela SNE, em parceria com o WWF Brasil e a BI. Nesse projeto foram realizadas então três oficinas de planejamento estratégico, um plano de ação, apoio à implementação do conselho consultivo da ESEC e o levantamento fundiário preliminar dentro da Estação. A TNC, neste mesmo período, apoiou a elaboração de levantamento fundiário na área de entorno da ESEC. Este mapa foi de grande utilidade para o encaminhamento de ações futuras. Neste momento, dois principais enfoques foram dados aos trabalhos, sendo o conhecimento e monitoramento da avifauna, alavancado pela BI, e a prospecção fundiária, de interesse da TNC, criando a oportunidade de estudos para projetos de carbono ou compra de matas para proteção privada.

A contínua degradação deste fragmento florestal da Mata Atlântica ainda vem sendo verificada, apesar da criação da unidade de conservação federal e de diversos projetos implementados e em realização por várias organizações. Dentro da unidade era fácil (comum) observar caminhões com grande quantidade de madeira saindo da área, além de acampamentos de caçadores e cortes contínuos para retirada de lenha para uso doméstico. A figura abaixo apresenta os remanescentes florestais de Murici (em vermelho), a Estação Ecológica de Murici (em amarelo), a unidades de conservação criada com o apoio das organizações do Pacto Murici, em uma imagem de 2003.



Mapa 7 – Imagem SPOT 2003 com delimitação da ESEC (amarelo) e das propriedades (verde) – mapa produzido com o apoio da TNC e do WWF Brasil, a partir de dados levantados pela SNE. Fonte: Acervo da AMANE.

Fotografia 1 – Vista aérea do Assentamento Pacas e a ESEC Murici, tendo a ESEC Murici ao fundo da paisagem. Fotógrafo Paulo Junior. Fonte: Acervo AMANE.

De maneira a identificar as pressões antrópicas à ESEC, observada pelos pesquisadores da avifauna, em acampamentos clandestinos e armadilhas para caça, foi realizado um Censo

Demográfico na região da ESEC e do seu entorno imediato, sob a coordenação de pesquisadores da UFAL, com apoio financeiro da SNE. Nesse estudo foram identificadas 22 propriedades e uma população de cerca de duas mil pessoas, das quais 780 residiam em dois assentamentos agrícolas, o Assentamento denominado Che Guevara (tradicionalmente chamado de Pacas) e o Assentamento denominado Dom Hélder (tradicionalmente chamado de Duas Barras) (CAVALCANTI e BARROS, 2004). Vale destacar a importância e profundidade desse estudo para a compreensão do universo social do complexo florestal de Murici, onde também são dispostos antecedentes históricos na formação do território.

A partir desses dados os esforços foram envidados na busca de conhecer a população moradora da região, compreender seu contexto, suas práticas diante do meio ambiente local e apoiar essas comunidades na construção de um plano de ação comum, contemplando a conservação da biodiversidade e o seu uso sustentável. Sob a coordenação da AMANE foi formada equipe multidisciplinar, formada por antropóloga, assistente social, psicóloga social, engenheiro agrônomo, arquiteta e técnico agrícola, que atuou junto a comunidade, realizando reuniões, pesquisas e mobilizações, buscando assim encontrar as principais motivações dessas comunidades, identificar estratégias de melhorar a convivência da população com a floresta. A AMANE manteve por mais de dois anos uma sede no assentamento Che Guevara, no entorno imediato da ESEC Murici, para servir de base para alojamento de equipe e realização de reunões e capacitações. Considerando que a maior parte da população era oriunda de áreas periurbanas ou havia trabalhado no setor sucroalcooleiro, não possuíam qualquer experiência com o manejo da terra no sentido da produção de subsistência ou comercialização dos excedentes. A estratégia adotada pela equipe foi ouvir inicialmente a população, utilizando técnicas subjetivas e objetivas de acesso às comunidades, a realização de um programa amplo de capacitação, onde os temas eram sugeridos pelas comunidades, em seguida a orientação para articular ações em parcerias, associações e cooperativas.

Foram realizados cursos de capacitações em diversos temas, como educação ambiental, agroecologia, arte educação para crianças, hortas orgânicas, criação de pequenos animais, piscicultura, biojóias, artesanato com sementes, dentre outros. A intenção era atender todas as faixas etárias, sensibilizar e mobilizar a população para a conservação da biodiversidade, com enfoque nas aves ameaçadas assim como buscar alternativas de trabalho e renda para promover a melhoria de qualidade de vida sem aumentar o impacto sobre a biodiversidade local. Com a produção de alimentos resultantes das capacitações em agroecologia, hortas

orgânicas e outras oficinas, houve um excedente de produção e o interesse da comunidade do Assentamento Che Guevara, em organizar uma feira camponesa em Murici.

A feira foi instalada na praça principal de Murici e teve uma grande aceitação da população urbana, apesar de pouco ou nenhum apoio da Prefeitura local. Várias foram as fontes financiadoras dessas atividades, sendo em agroecologia, o WWF Brasil, em capacitações, o SEBRAE AL, em parceria com o IA RBMA, por meio do seu programa Mercado Mata Atlântica. Três cooperativas de agricultura familiar camponesa foram estruturadas na região, sendo duas oficializadas e já comercializando seus produtos para a merenda escolar municipal. Também no intuito de buscar uma relação saudável com o entorno da floresta, foram criados e monitorados módulos de agrofloresta, buscando conciliar a produção orgânica agrícola com fins comerciais e de subsistência com a plantação de mudas nativas da Mata Atlântica com potencial de aumento da biomassa. Em um dos módulos, a produção obteve cerca de 13.000 kg/ha, sendo passível de aumento (BACELAR *et al*., 2015).

O conselho gestor da unidade foi criado com o apoio da SNE, sendo acompanhando pela AMANE, e se reunindo até 2013. O Plano de Manejo de Murici foi elaborado pela AMANE sob a coordenação do ICMBIO, tendo apoio financeiro para algumas atividades da Aliança para a Conservação da Mata Atlântica (CI/SOS), mas, até hoje não foi publicado pelo ICMBio.

Para apoiar as ações de campo, pesquisa, mobilização e capacitação a AMANE e parceiros instalaram o Centro de Educação para a Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste, em Murici (CEC Murici), com o objetivo de desenvolver um processo de educação continuada e permanente com participação efetiva da comunidade envolvida com a ESEC Murici e de representantes das instituições locais, tanto aquelas de natureza formal quanto informal. Para atingir este objetivo foram estabelecidos processos educativos no centro, subsidiando o público presente acerca das características da Mata Atlântica, a sensibilização acerca do seu valor no ciclo da vida. Durante cinco anos, o centro de educação foi um espaço de encontro, diálogo e acolhida das ideias, anseios e sonhos das pessoas, tanto aquelas moradoras da cidade de Murici, como para as comunidades moradoras do entorno da unidade.

Fotografia 2. Fachada do Centro de Educação para a Conservação da Mata Atlântica. Murici, Alagoas. Fotografia: Paulo Melo Junior. Fonte: Acervo AMANE.

Fotografia 3 - Atividades educativas no Centro de Educação para a Conservação da Mata Atlântica. Murici, Alagoas. Fotógrafo Paulo Melo Junior. Fonte: Acervo AMANE.

Acolhendo diversidade de públicos, o Centro permitiu a interação de diversos grupos em encontros, como: reuniões do conselho consultivo da ESEC; capacitações para brigadistas de combate a incêndio, liderados pelo ICMBio; cursos de capacitação para gestores de Unidades de Conservação; contação de histórias para crianças e adolescentes e reuniões com as

cooperativas de produção da agricultura familiar camponesa e feirantes. O CEC Murici abrigou uma biblioteca temática para crianças e adolescentes das áreas urbanas e rurais de Murici.

Apesar de todo o esforço dessas diversas organizações, vale destacar que, como uma unidades de conservação de proteção integral, a AMANE e as outras organizações articuladas só podiam de fato atuar em parceria com o ICMBio ou nas áreas do entorno da ESEC Murici. Mesmo contando com bons e comprometidos profissionais na gerencia da unidade do ICMBio, em Murici, a lerdeza do serviço público não permitiu que as ações de conservação acontecessem no tempo necessário para impedir a degradação. Falta fiscalização eficiente para garantir a proteção e implementação da unidade. A regularização fundiária não foi efetivada e as propriedades continuam a realizar ações de agricultura (cana de açúcar principalmente) e pecuária. O acesso de caçadores não é inibido pelo poder público federal, não há cercamento, nem placas que indiquem a localização da ESEC.

3.2.2.2 *O Complexo Florestal da Serra do Urubu – CFSU*

O CFSU é formado por remanescentes de floresta atlântica montana situados nos municípios de Jaqueira e São Benedito do Sul com vegetação classificada como floresta ombrófila aberta e Lagoa dos Gatos com vegetação classificada como floresta estacional semidecidual, todos localizados na zona da mata no sul de Pernambuco (ALVES COSTA, *et al.,* 2008). A área delimitada como CFSU é de 10.600,93 ha, (Figura 1). Nesse território estima-se 1.282,85ha de remanescentes florestais em estágio avançado de regeneração e 3.879,75 ha em estágio inicial de regeneração, sendo 1.794,80 ha estimados para reposição de mata ciliar em Área de Preservação Permanente (APP) (AMANE, 2013). A Serra do Urubu foi eleita pela SAVE Brasil e BirdLife International como Área Importante para a Conservação das Aves (IBA) de atuação prioritária por abrigar um grande número de espécies de aves endêmicas e ameaçadas.O Ministério do Meio Ambiente também reconhece esta área de importância extremamente alta para a conservação da biodiversidade (MMA, 2004).

Foi devido ao status da região para a conservação da biodiversidade em escala global, que a SAVE Brasil adquiriu em 2004 uma propriedade com 360 hectares denominada Fazenda Pedra D'Anta (atualmente reconhecida como RPPN Pedra D'Anta). Como a RPPN é contígua com a RPPN Frei Caneca, as duas reservas juntas somam quase 1000 hectares de florestas preservadas e protegidas, portanto um dos maiores fragmentos de floresta atlântica montana

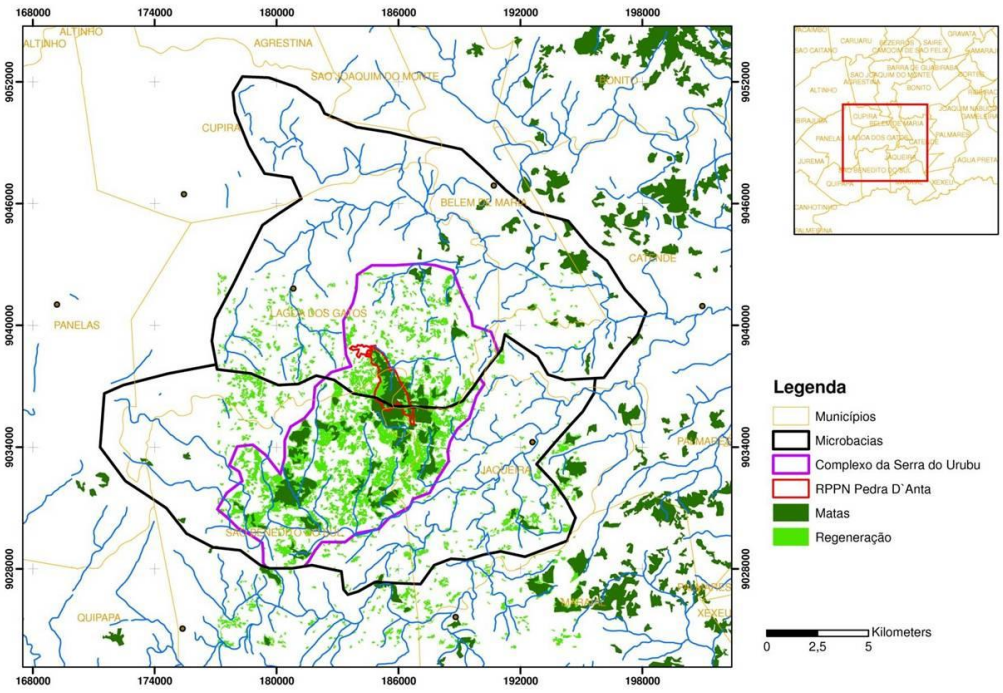
de Pernambuco. De 2005 a 2015 a AMANE e a SAVE Brasil atuaram juntas desenvolvendo as principais linhas de atuação: gestão e manutenção da reserva, restauração florestal, implementação de arranjos agroflorestais, educação para a conservação e monitoramento de aves. Esse último é uma importante ferramenta para monitorar a qualidade da floresta, a efetividade e sucesso das ações que foram empregadas para a conservação das aves ameaçadas.

A SAVE Brasil monitora as aves na RPPN e seu entorno imediato anualmente, desde 2005. Já foram registradas 237 espécies, sendo 33 espécies endêmicas de Mata Atlântica e 18 espécies endêmicas do Centro Pernambuco. Em relação às espécies ameaçadas e quase-ameaçadas foi registrado um total de 28 espécies, 12 espécies considerando a lista global (UICN) e 25 considerando a lista nacional do MMA.

Também no CFSU foram realizadas ações em educação ambiental para jovens e adultos, oficinas de agroecologia e apoio à implementação de módulos agroflorestais (figuras 4 e 5). Durante cinco anos a SAVE e a AMANE mantiveram um Centro de Educação para Conservação da Mata Atlântica na Serra do Urubu (CEC Urubu), na cidade de Lagoa dos Gatos, com atividades permanentes junto às escolas municipais (figura 4). Nesse período, houve a formação de grupo de jovens e professores, organização de um clube de observadores de aves (figura 5), a elaboração de um plano de ação para o Centro e a instalação de uma biblioteca temática. Hoje as atividades estão concentradas na Reserva, foi construído um Centro de Visitantes, seguindo a orientação do plano de manejo da RPPN (figura 7).

Fotografia 4. Atividades Educativas no Centro de Educação para a Conservação da Mata Atlântica na Serra do Urubu (CEC Urubu). Lagoa dos Gatos, Pernambuco. Fotógrafa Renata Pires. Fonte: Acervo AMANE.

Fotografia 5 - Observação de Aves na RPPN Pedra D´Anta. Lagoa dos Gatos, Pernambuco. Fonte: Acervo AMANE.

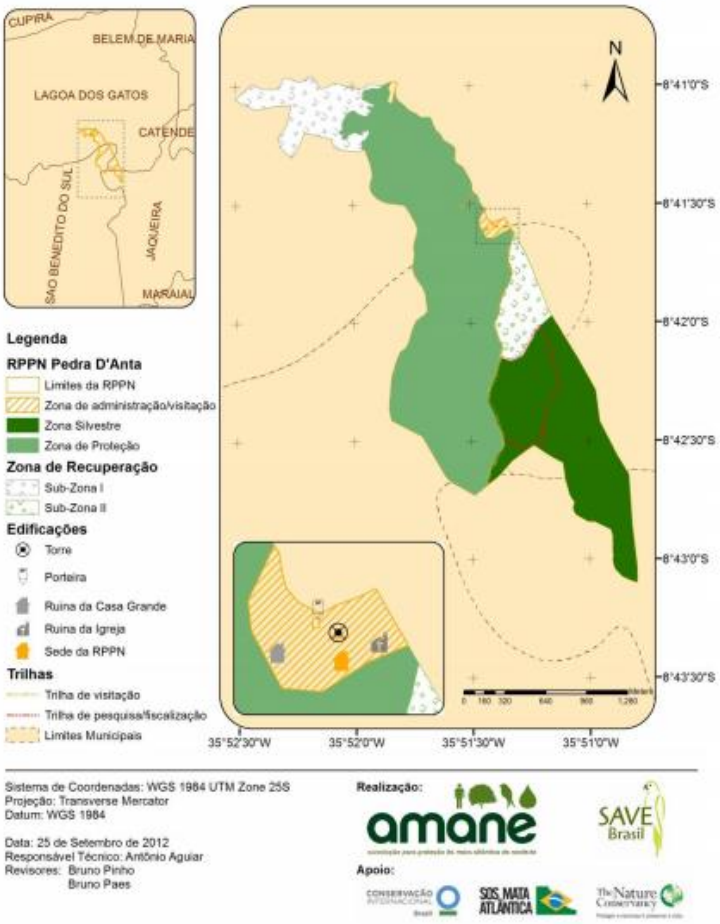


Mapa 8 - Localização do complexo florestal da Serra do Urubu – RPPN Pedra D´anta / microbacias. Fonte: Green Hill, 2010.

Fotografia 6. Vista aérea da RPPN Pedra D´Anta. Lagoa dos Gatos, Pernambuco. Fotógrafa: Maria das Dores Melo. Fonte: Acervo AMANE.

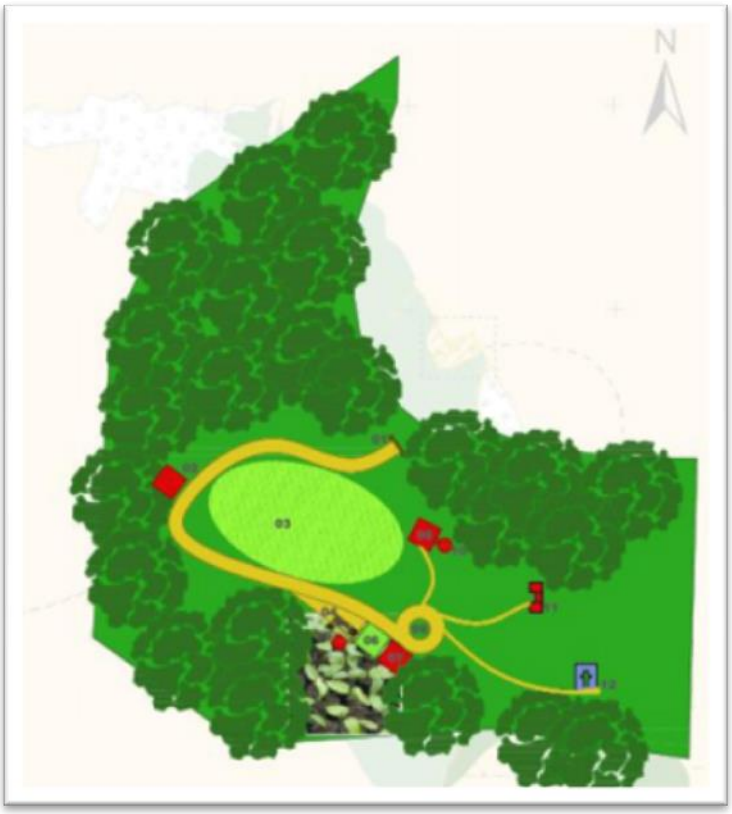
Com o fechamento do CEC Urubu, em 2014, a SAVE Brasil construiu um centro de visitantes na RPPN Pedra D´Anta, de maneira a continuar com ações educativas e de visitação à unidade (Fotografia 7).

Fotografia 7 - Centro de visitantes da RPPN Pedra D´Anta. Lagoa dos Gatos, Pernambuco. Fotógrafa: Maria das Dores Melo. Fonte: Acervo AMANE.



.

Mapa 9 - Zoneamento Ambiental da RPPN Pedra D´Anta. Lagoa dos Gatos, Pernambuco. Fonte: Plano de Manejo da RPPN Pedra D´Anta . Acervo AMANE.



Mapa 10 - Zoneamento Ambiental da RPPN Pedra D´Anta. Lagoa dos Gatos, Pernambuco – Zona de Recuperação 1. Fonte: Plano de Manejo da RPPN Pedra D´Anta . Acervo AMANE.

3.3 Procedimentos metodológicos

3.3.1 Seleção dos gestores – o universo e a amostra

Considerando o vasto território observado, a Área Focal Murici – Urubu, envolvendo 17 municípios dos Estados de Pernambuco e Alagoas, e dez anos de atuação do Pacto Murici e AMANE na mobilização de atores estratégicos nessa região, a identificação e seleção dos participantes contou com um universo estimado de 300 gestores representando 20 unidades de conservação, conforme relatórios dos projetos Rede de Gestores de Unidades de Conservação do Centro Endemismo Pernambuco, realizado no período de 2009 a 2011 (com apoio do PDA/MMA); projeto Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste, coordenado pela SAVE Brasil, com coordenação técnica da AMANE, realizado no período de 2012 a 2015 (com apoio do PDA/MMA); e projeto Rede de Gestores de Unidades de Conservação do CBMANE, realizado no período de 2013 a 2015, com o apoio do Funbio. Desse universo foi selecionada uma amostra de 21 gestores para participar da pesquisa, contemplando 14 instituições: AMANE, ICMBio, Assentamento Dom Hélder Câmara, Usina Serra Grande,

RPPN Osvaldo Timóteo, UFPE, Instituto de Meio Ambiente de Alagoas (IMA), CNRBMA, IA RBMA, UFAL, Prefeitura de Lagoa dos Gatos, SNE, CEPAN, identificados no Quadro 6.

Os critérios de seleção dos gestores para participar da entrevista levaram em conta: a representatividade na gestão de unidades de conservação da Área Focal Murici Urubu do CBMANE nos três níveis de governo; o envolvimento desses gestores com o trabalho realizado, sua presença e participação (frequência) nas iniciativas alavancadas pelo Pacto Murici / AMANE nos últimos dez anos; a apropriação do conteúdo abordado na pesquisa (participação e produção nas ações); o envolvimento e participação nas redes de trabalho na Mata Atlântica do nordeste (redes virtuais e presenciais); a vivência com a Mata Atlântica seja na moradia, seja no trabalho da sua conservação e uso sustentável (a dependência cotidiana da floresta); a experiência e habilidade de propor encaminhamentos para um plano de ação para a Área Focal Murici Urubu (observada na participação de planos de ação elaborados no período de atuação da AMANE). Muitos dos gestores relacionados nas atas dos relatórios da SAVE/AMANE poderiam ser incluídos, no entanto, o tamanho da amostra com 21 participantes, demonstrou cobrir as principais **categorias** descritas nos objetivos específicos desta pesquisa.

Todos os gestores selecionados estavam devidamente registrados nos relatórios da SAVE / AMANE, dessa maneira foi possível identificar e selecionar os participantes conforme critérios previamente estabelecidos. As entrevistas foram agendadas por telefone, conforme disponibilidade da pesquisadora e do gestor participante, os locais selecionados (nos Estados de Pernambuco, nas cidades de Recife, Olinda e Lagoa dos Gatos; e Alagoas, nas cidades de São José da Laje, Maceió e Murici) foram de escolha do entrevistado, todos os participantes eram do conhecimento da pesquisadora, o que promoveu sempre um ambiente de cooperação, compartilhamento e afetividade. Seguindo a orientação de Kaufmann, 2013, na entrevista compreensiva o pesquisador está envolvido com as questões de maneira a provocar o envolvimento também do entrevistado. Afinal, acredita-se que os processos e resultados foram realizados em rede e, portanto, a colheita também se deu num ambiente de construção conjunta. O objeto do estudo sendo a Mata Atlântica do nordeste, é prioridade e compromisso dos gestores na sua vida pessoal e na sua prática de atuação.

Sobre os entrevistados ainda, tem-se a detalhar que foram selecionados: três moradores locais, lideranças reconhecidas nas comunidades e nas organizações que atuam na região, pela capacidade de articular atores e mobilizar grupos e redes; o ICMBio foi representado por dois

gestores, o gerente da ESEC Murici nos primeiros anos do trabalho da AMANE e a atual gerente da unidade, cujas entrevistas foram complementares e esclarecedoras quanto ao estado da arte da gestão das unidades, no nível federal, na região; esses depoimentos foram ampliados com a visão dos entrevistados, técnicos do IMA AL, sendo um deles o gerente da APA de Murici; considerando a pouca participação das empresas nas redes, houve apenas um entrevistado representando o setor sucroalcooleiro, o gerente da Usina Serra Grande, cujo depoimento foi bem fiel a visão do setor sobre redes e gestão de unidades de conservação; uma proprietária de RPPN, com forte atuação política e também na área de turismo; a prefeitura de Lagoa dos Gatos foi representada por duas entrevistadas, sendo uma delas a prefeita do município naquela ocasião; duas universidades, a UFAL e a UFPE, foram representadas na pesquisa, com depoimentos profundamente contextualizados com o trabalho, considerando que esses professores também atuaram na região em iniciativas da AMANE; quatro organizações que participaram do Pacto Murici foram ouvidas, cujas falas acrescentaram uma visão estratégica e ampla sobre a importância dessa mobilização e projeto integrado e, por fim, quatro técnicos da equipe da AMANE foram entrevistados, o que demonstrou um testemunho claro e vivo da experiência de trabalho em uma organização que, também se destacou por uma gestão interna participativa com fins voltados também para um auto desenvolvimento.

Fotografia 8 - Atividade realizada com equipe da AMANE durante o retiro pedagógico em 2011, na praia de Tamandaré, PE. Fotógrafa: Cláudia Vital. Fonte: Acervo AMANE.

Quadro 6 - Lista dos entrevistados nesta pesquisa.

	SIGLA	INSTITUIÇÃO	SITUAÇÃO DE ENVOLVIMENTO
1	IR	Assentamento Dom Hélder	Agricultor, morador, Murici / AL
2	JO	Assentamento Dom Hélder	Agricultora, moradora, Murici / AL
3	ZZ	SAVE BRASIL	Agricultor, morador, Lagoa dos Gatos/PE
4	L N	IMA	Gov estadual
5	A N	IMA	Gov estadual
6	N M	ICMBio	Gov federal
7	JF	ICMBio	Gov federal
8	PM	Usina Serra Grande	Empresário
9	JM	RPPN Osvaldo Timóteo	Proprietário terra UC
10	A M	IA RBMA	ONG membro do Pacto Murici
11	CFL	CNRBMA	ONG membro do Pacto Murici
12	MT	UFPE / CEPAN	ONG membro do Pacto Murici
13	EB	SNE	ONG membro do Pacto Murici
14	ES	PMLG	Prefeitura
15	VS	PMLG	Prefeitura
16	BCC	UFAL	Universidade
17	MP	UFPE / AMANE	Universidade
18	RR	AMANE	Técnico AMANE
19	BP	AMANE	Técnico AMANE
20	FP	AMANE	Técnico AMANE
21	CC	AMANE	Técnico AMANE

Fonte: elaborado pela autora.

3.2.2 Realização das entrevistas

As entrevistas foram realizadas no período de setembro a novembro de 2016, conforme projeto apresentado e aprovado pelo Comitê de Ética em 03 de Agosto de 2016 (Parecer Consubstanciado disposto no Anexo A). Foram apresentados aos entrevistados os seguintes documentos, conforme orientação do Comitê de Ética: 1. Informações sobre a pesquisa (Anexo C); 2. Consentimento de participação como voluntário (Anexo D); 3. Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, (Anexo B). Não houve nenhuma reação contrária para assinatura dos TCLE por nenhum dos participantes. As entrevistas semi-estruturadas (Roteiros temáticos nos Anexos E,F,G) foram também apresentadas aos entrevistados, antes de inicio da sua realização. Em alguns casos, a pesquisadora lia cada pergunta e ouvia comentários e respostas. Em outros casos, o próprio entrevistado lia e respondia, caso houvesse alguma dúvida a pesquisadora respondia e em alguns casos também comentava ou

esclarecia os temas tratados. Todas as entrevistas foram gravadas tanto a fala do entrevistado quanto a fala da pesquisadora ao realizar as perguntas ou em comentar os temas tratados, seja para esclarecer a pergunta, seja para contribuir com as reflexões e memória dos fatos tratados, em aparelho celular, após autorização do gestor participante.

O tempo de duração de cada entrevista variou de trinta minutos à uma hora. Em algumas visitas de campo, como no Assentamento Dom Hélder, as entrevistas aconteciam em duas ou mais etapas, considerando a locomoção em campo da pesquisadora com o gestor participante. Uma das entrevistas foi gravada durante viagem de carro, de Recife para Maceió, quando o entrevistado pode discorrer sobre suas impressões e sentimentos, sobre os eventos e as estratégias adotadas pela AMANE no desenvolvimento dos seus projetos. Outra entrevista, realizada no Assentamento Dom Helder, em Murici, Alagoas, teve parte da sua realização em caminhadas de campo, observando a agrofloresta e demais plantios realizados nos lotes. A entrevistada falava e apontava para os plantios, identificando as ações realizadas e os resultados obtidos em sua propriedade.

Os itens tratados a seguir foram dispostos tendo como base o roteiro temático para entrevistas semi estruturadas, em três modelos (Anexos E,F,G). Há pouca diferenciação entre os modelos, sendo o primeiro, destinado às entrevistas para as ONGs que participaram do Pacto Murici (quatro entrevistas); o segundo modelo para a equipe técnica da AMANE (cinco entrevistas) e o terceiro modelo para os gestores de Unidades de Conservação da Área Focal Murici – Urubu (Assentamentos e morador – três; ICMBio – dois; UFAL – um; UFPE – um; PMLG - dois; IMA – dois; USGA – um).

A entrevista semi estruturada elaborada e aplicada foi composta por quatro etapas, sendo a primeira voltada à caracterização do entrevistado, que ficou como referência para análise dos dados, mas, não houve necessidade de discussão sobre o assunto, considerando o aspecto de sigilo com o conteúdo produzido, seguindo a orientação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE. A segunda etapa trata do trabalho do entrevistado na conservação da biodiversidade, identificando sua instituição e o envolvimento do mesmo com a missão da instituição e sua conexão dessa missão com sua vida pessoal. A terceira etapa trata especificamente do Pacto Murici e a quarta etapa trata das ações em rede e sua efetividade. A quinta etapa é focada no Plano de Ação para a Área Focal Murici Urubu, componentes, ações e parcerias.

A principal diferença entre os três modelos está no item III – sobre o Pacto Murici, que, para os membros das ONGs que participaram do Pacto Murici, houve um maior detalhamento sobre este acordo, verificando seus objetivos e expectativa de continuidade com o fechamento da AMANE. Para todas as entrevistas a pesquisadora apresentava o Mapa do Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste (SAVE / AMANE, 2012), quando tratava do Plano de Ação para a Área Focal Murici – Urubu. Os demais itens contaram com pequenos ajustes dependendo do nível de compreensão, intelectual e de alfabetização dos entrevistados. Dentre os entrevistados, havia doutores, mestres, graduados, técnicos de nível médio, semialfabetizados e não alfabetizados. Buscou-se ainda enfatizar a oportunidade de obter a visão descritiva e crítica do entrevistado a partir do lugar de moradia e atuação, da relação com instituições locais e o envolvimento com os projetos desenvolvidos pela AMANE e pelo Pacto Murici.

3.3.3 Transcrição das gravações – leitura e análise

A transcrição das gravações foi realizada pela pesquisadora, disposto no Anexo H. Cada entrevista foi ouvida, no mínimo, por duas vezes, sendo a primeira executada para digitação e a segunda para conferencia do texto escrito. O material produzido foi salvo em arquivo único para melhor análise do conteúdo. Os principais temas, fundamentais para responder as perguntas da tese e seus objetivos geral e específicos foram selecionados e estão dispostos no capítulo seguinte, Resultados e Discussões, buscando refletir sobre a tese apresentada e as respostas ao problema disposto na partida do trabalho.

Na análise do material foi realizada nova leitura, agora do material digitado. Inicialmente a estruturação desse conteúdo buscou seguir a sequencia das entrevistas semiestruturadas aplicadas, no entanto, na leitura e análise do material produzido foi possível identificar muitos outros temas que poderiam ser abordados. Foi necessário restringir os temas encontrados aos objetivos específicos desta tese sendo assim classificadas em quatro categorias, já citadas. Os trechos destacados no arquivo da transcrição das entrevistas foram copiados e colados em arquivo único, sintetizando a citação, seja direta ou indireta, e realizada reflexão, discussão e análise do tema tratado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

"Toda entrevista é de uma riqueza profunda e de uma complexidade infinita, cuja compreensão total é estritamente impensável" (KAUFMANN, 2013, p.40).

Com base na transcrição das 21 entrevistas realizadas com os gestores, são apresentados os resultados e a discussão acerca do material coletado e transcrito de maneira a buscar respostas para as perguntas formuladas e investigar sua tese.

4.1 O estado da arte da biodiversidade na área focal Murici Urubu e os problemas das unidades de conservação do CBMANE

Apesar de esse tema estar diluído em muitos trechos das entrevistas, ele é abordado principalmente quando da questão apresentada na entrevista: quais os problemas mais graves que dificultam a implementação das unidades de conservação do CBMANE?

A bricolagem que se constrói a partir das falas dos entrevistados sobre esse tema, que é amplo e complexo, evidencia a plena consciência dos gestores acerca dos problemas que imprimem a fragilidade do sistema de Unidades de Conservação nesta Área Focal Murici Urubu, sugerindo que os mesmos também atinjam este sistema no nível nacional, não apenas no bioma Mata Atlântica. "Existem problemas em várias escalas, mas, existe um problema que é básico, que é a implementação efetiva das unidades de conservação para que elas exerçam seu papel, cumpram seus objetivos..." (MT, 2016, p. 326).

Problemas gerais - Sobre as Unidades de Conservação do CBMANE um gestor público estadual sintetiza: "os principais problemas são todos os que você possa imaginar relacionados a áreas protegidas..." (AN, 2016, p. 248). Sem parecer superficial e generalista o gestor comenta o estado da arte das unidades no complexo florestal de Murici, a partir do lugar do órgão estadual de meio ambiente de Alagoas, como a fragmentação da Mata Atlântica na região; o fato desses fragmentos estarem situados em propriedades privadas, havendo, portanto, dificuldades de acesso às áreas para fiscalização; a escassez de recursos para gestão dessas unidades; a falta de regularização fundiária; a falta de diálogo entre órgãos de governo e a carência de políticas públicas que possam direcionar ações sistemáticas.

> ... algumas particularidades assim que a gente pode citar em termos de problemas, é inicialmente a questão (...) dela (a ESEC) ter sido criada depois do fortalecimento que a cana de açúcar teve nessas unidades então elas são formadas por fragmentos (...) em áreas particulares, são de usinas, então o acesso a elas já é complicado... (AN, 2016, p.249).

As ameaças descritas por gestores públicos nos níveis estaduais e federais se sobrepõem, se somam, sobre a ESEC Murici, há descrição sobre caças (tatu, cotia, aves) realizadas tanto por assentados quanto por caçadores que chegam em carros e equipamentos caros, apesar da legislação e fiscalização, atuam livremente por esporte e lazer (NM, 2016, p.187; IR, 2016, p. 179).

O uso do fogo para limpar áreas de cultivo de subsistência em assentamentos ou em plantios de cana de açúcar, mesmo em propriedades fora da Unidades de Conservação, oferecem riscos para a floresta, considerando a falta de aceiros, que venham a controlar o fogo, em caso de sua expansão para fora dos limites da propriedade manejada (NM, 2016, p.187).

O ICMBio tem mantido uma brigada ambiental, composta por sete servidores, para controlar incêndios nos seis meses mais secos do ano, mas há ameaças de redução ou extinção desse serviço; o que seria uma perda grande, considerando que é nesse período que a ESEC Murici tem alguma fiscalização, com essa equipe circulando pela Unidade. Apesar de que eles não podem oficialmente realizar trabalhos de fiscalização, mas monitoram, fotografam e o gerente pode solicitar uma fiscalização mais expressiva com equipes externas, ou fazer autuação posteriormente, com a ida de fiscais de fato ao local (NM, 2016, p.187).

A falta de instrumentos legais para a gestão efetiva das unidades é uma questão grave que aumenta a responsabilidade do gestor público, pois, não há cobertura legal para seus atos. Como gerir uma Unidades de Conservação pública, sendo sua área totalmente inserida em propriedades privadas? Que autonomia pode ter esse gerente público? E sem infraestrutura (recursos humanos e materiais), um plano de manejo ou um conselho gestor que divida responsabilidades sobre ações de diversos âmbitos e grandezas de soluções e consequências. Reflexões apresentadas na fala da gerente da APA de Murici: “Eu acho que é a falta de um plano de manejo, é um ponto, porque é um instrumento importantíssimo, né? O outro também é o seu acesso porque é... época de chuva o acesso é ruim prá você fiscalizar (...)” (LN, 2016, p. 259).

Assim, é claro para o gestor a importância desses instrumentos básicos como Plano de Manejo e Conselho Gestor, mas, há também a consciência de que, quando eles existem, normalmente não funcionam. O funcionamento dos conselhos gestores é discutido por ambientalista da SNE, com grande experiência em mobilização e educação ambiental. Ela considera a importância fundamental dos conselhos para a implementação das unidades, mas,

apesar dos esforços em capacitar e envolver diversos setores, quando não há acompanhamento dos processos por um longo período, a tendência é que eles parem de funcionar. ‘‘Falta um monitoramento do processo que vem depois, porque a gente sabe que não é só implantar o conselho, mas, até porque, parte desse conselho muitas vezes precisa de um apoio mais sistemático...“ (EB, 2016, p. 314). O conselho da ESEC Murici, por exemplo, foi criado pelas ONGs do Pacto Murici, ainda antes da criação da AMANE, foram realizadas oficinas, estatuto, regimento, e foi monitorado e assistido pela AMANE até 2013, com a sua paralisação o conselho também parou de se reunir.

A ameaça às Unidades devido à produção de carvão não tem destaque no complexo florestal de Murici, mas, é recorrente no complexo florestal da Serra do Urubu, apesar de tantos investimentos pedagógicos e de fiscalização promovidos pela SAVE Brasil e a AMANE ao longo de mais de uma década. Ainda há depoimento de moradora local e gestora pública (sobre a produção de carvão dentro da floresta) “Existe, e muito (...). Nunca parou, né? Diminuiu, reduziu muito, mas,... lá em casa passa, batem lá, vocês querem carvão? Aí passa de manhãzinha, (...) na rua vendendo carvão” (ES, 2016, p. 277).

Gestão pública - Considerando a condição de gestão pública das Unidades de Conservação, mesmo àquelas privadas, como as RPPNs, seus proprietários precisam constantemente de apoio à gestão, principalmente à fiscalização. A dificuldade na gestão do poder público nas Unidades é questão destacada por todos os entrevistados, demonstrando ser a questão fulcral da proteção da biodiversidade: “... a precariedade dos setores de meio ambiente no Brasil...” (CC, 2016, p.296).

A gestão descontínua do órgão estadual de meio ambiente de Alagoas, que nunca fez concurso público, contando com um quadro de funcionários que muda a cada governo, por indicações políticas, não consegue estabelecer um banco de dados eficiente, nem uma normatização de práticas relativas a planejamento, fiscalização e gestão das unidades de conservação (AN, 2016, p. 249). Esse gestor ressalta no trabalho da AMANE a articulação entre o órgão estadual e a secretaria de meio ambiente, que antes atuavam de forma isolada e que os encontros presenciais da rede e as capacitações aproximaram esses corpos técnicos, permitindo um trabalho conjunto (AN, 2016, p. 244).

> Eu acho que esse é um gargalo fundamental, não só na floresta atlântica, mas, no que se refere à conservação da biodiversidade e no desenvolvimento sustentável no Brasil, ou seja, as unidades de conservação e a sua implementação, o seu funcionamento, estão muito aquém do necessário e as redes podem ajudar a diminuir, na verdade, esse déficit, ou essa lacuna, ou essa

> falta generalizada de investimentos que na verdade são, em primeiro lugar, investimentos de ordem pública que está associado às entidades, as agencias que tomam conta das unidades de conservação... (MT, 2016.P. 326),

A pressão dos gestores dedicados e responsáveis, como os que foram selecionados para as entrevistas, é muito alta, chegando ao cúmulo de serem ameaçados de morte, como descreve um técnico da AMANE sobre ações em parceria com o ICMBio:

> (...) eu estava conversando com ele na sala ali e toca o telefone ele atende e diz tá, sim, tá, que mais? e desliga, fica parado. Aconteceu alguma coisa? eu vi que ele meio chocado né? Acabaram de dizer que vão me matar que vão fazer um bocado de coisa, mas, (...) e ele me chamava, estou precisando ir numa área, muitas vezes ele não queria ir só. Vamos simbora, fui várias vezes com ele... (FP, 2016, p.237)

O sofrimento do gestor responsável e comprometido é muito grande e o fato do seu isolamento, em áreas distantes dos centros urbanos, onde os mesmos não têm a convivência com seus familiares e amigos por longos períodos, torna a tarefa do servidor público, no caso dos gerentes de unidades, bastante árdua.

> Eu já me angustiei muito, (...) ficava sem dormir angustiado, (...) tem coisa prá resolver, tem que ir num sei aonde, tenho que ver num sei o que, (...) tinha gente que dizia que tem caçador num sei aonde e parece que tão desmatando num sei aonde ... (JF, 2016, p.240)

A equipe técnica das ONGs também reconhece as dificuldades: "... o próprio governo que é muito letárgico para implementar as políticas públicas, demora muito prá criar um plano de manejo, demora muito para criar um conselho gestor, demora muito prá por em prática ..." (BP, 2017, p. 350). A AMANE contribuiu de maneira expressiva na elaboração do Plano de Manejo da ESEC Murici, com base no seu banco de dados, sob a coordenação do ICMBio, entregou documento escrito, mapas e fotos, em fase de finalização, desde 2014. Até hoje não foi concluído, nem publicado. A ESEC Murici foi criada em 2002 e até hoje nenhuma propriedade foi desapropriada (NM, 2016; JF, 2016).

Há um caso surpreendente que aconteceu na ESEC Murici. Uma pequena propriedade, com cerca de 10 hectares, denominada de Sítio Yapiguara, com localização estratégica, dentro da ESEC Murici, cujo proprietário foi autuado pelo ICMBio, por haver construção irregular e o proprietário conseguiu que a mesma fosse excluída da Unidade. É um caso que abre precedente para outros semelhantes acontecerem, não só na ESEC Murici, mas, em outras Unidades e biomas brasileiros (JF, 2016).

Observando as falas do ponto de vista de quem está morando vizinho à mata, do gestor público que realiza eventuais incursões às Unidades, do setor acadêmico ou ainda das ONGs, é possível estabelecer graus de relevância nos fatos apresentados, como a fala da moradora de

um dos assentamentos vizinho à ESEC Murici: "... em si é o **desmatamento**, ter cuidado com o desmatamento porque o que mais acontece é isso, desmatamento..." (JO, 2016, p.193) e a fala de gerente da ESEC Murici: "Desmatamento (...) é raro hoje, mas, sempre há algum corte para aumento de área agrícola, gente que já planta, por exemplo, dentro da ESEC..." (NM, 2016, p. 187).

> Na questão ambiental... a gente ainda luta mas, aquela coisa, um tenta, o outro diz não, o ano passado chegou uma notificação de uma senhora que tinha desmatado o lote, a gente foi agoniada pro ICMBIO, aquela coisa, a gente pensa que (...) tá tudo bem e de repente chega aquela pancada. (...) Ainda tem aqueles que desmatam, parece que é de propósito (JO, 2016, p. 192).

Enfim, a análise se dá a partir da prática que se estabelece, sendo o morador capacitado e atento ao problema, seja o gestor público com pouca infraestrutura e atendendo a partir de denúncias e visitas esporádicas à unidade. Abaixo segue uma fala de moradora e liderança do assentamento Dom Hélder, sugerindo formas de parceria para a gestão da unidade.

> Os caçadores passam por aqui. Se tiver uma placa bem grande: viu alguém, viu o caçador? passando por aqui? ligue prá tal número. Ele vai ter cuidado, até porque de alguma forma, termina alguém não gostando dele passar por ali e isso ajuda assim... alguém sempre vai procurar proteger e vai denunciar e com essa denúncia, vai chegar a fiscalização e a pessoa não vai mais estragar, não é? (IR, 2016, p. 184)

Outro problema citado pelos gestores para a implementação de Unidades de Conservação trata da regularização fundiária (BP, 2017, p.350; AN, 2016, p. 249). Há a dificuldade de obtenção de documentação das propriedades para efetivação da compra, a falta de interesse de alguns proprietários em vender a propriedade, por não acreditar na efetiva implementação da Unidades de Conservação por parte do governo. Mesmo quando as ONGs conseguem captar recursos para comprar a propriedade e repassar para o governo, como foi o caso da AMANE, que apesar de ter captado recursos para a compra da Fazenda Salão, por possuir localização estratégica de acesso a ESEC Murici, pela BR 101, dentro dos limites da ESEC Murici, não conseguiu obter documentação necessária por parte do proprietário, para efetivar a compra. Esta propriedade seria repassada como doação para o governo federal, de maneira a iniciar o processo de regularização fundiária, garantindo um mínimo de estrutura física dentro da área para fiscalização (AMANE, 2005 a 2011).

A criação das **RPPNs** é reconhecida como uma estratégia fundamental para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica, iniciativa que tem sido liderada pela Aliança para a Conservação da Mata Atlântica (SILVA *et al*., 2016). Os gestores entrevistados ratificam esse reconhecimento, considerando o fato de ser um compromisso de preservação em perpetuidade

por um ator privado, de haver uma influencia benéfica para os proprietários do entorno diante dos benefícios que uma reserva privada pode trazer não só para o proprietário como para a região, na provisão de água, biodiversidade e proteção do solo (JM,2016).

Outra gestora considera que poderia haver um maior número de unidades privadas, se houvesse menos custos e burocracia para a criação, por parte do governo. Outra questão que pode dificultar, segundo a mesma gestora, é a falta de conhecimento dos proprietários acerca do processo de criação e gestão de uma reserva privada, provocando assim receio de perder a autonomia sobre a propriedade, ou reduzir seu valor venal (ES, 2016). Essas questões procedem, se a propriedade está protegida não pode haver desmatamento, portanto, o valor venal é menor e os usos terão que ser regidos pelo SNUC (BRASIL, 2000), o que supostamente reduz a autonomia do proprietário e possível interessado em sua compra, portanto, reduz o seu valor de mercado. Além do que, o proprietário pode ser penalizado pela degradação em sua propriedade.

Para a equipe técnica da AMANE, um problema relevante a ser considerado no tocante à gestão das unidades de conservação no CBMANE diz respeito à **sensibilização da população local** acerca da importância da proteção ambiental. Enfocando assim a questão do conhecimento sobre os benefícios dos serviços ambientais, não apenas na escala global, mas, também na escala local (RR, 2017; BP, 2017;FP, 2017; CC, 2017).

> As pessoas não tem noção do que seja (...) não sabe da importância, e isso leva ao... senso comum, (...) de que a Unidades de Conservação é um obstáculo (...), ela é o empecilho, ela é o problema, por uma falta total do entendimento do que seja a importância de delimitar essa área e criar condição de proteção, de cuidado dela (CC, 2016, p.296).

Para um gestor da equipe da AMANE, professor da UFPE, a maior dificuldade é que a sensibilidade ambiental não foi suficientemente incorporada pelo público em geral, se traduzindo, portanto na política do mercado, com a dimensão econômica atropelando a dimensão ambiental e não reconhecendo essa dimensão ambiental como valor, perdendo assim a sensibilidade com as coisas da vida, com a natureza, com o social (MP, 2016)

> eu acho que o problema maior de todos são as pessoas (...) envolvidas entenderem a importância (...) e conseguirem visualizar ganhos, (...) nem que seja o sentimento de estar protegendo, o sentimento de estar trabalhando junto, o sentimento de estar fazendo alguma coisa (FP, 2016, p. 229).

O ganho que este gestor se refere está presente em todo o esforço de educação, mobilização e comunicação no trabalho de proteção ambiental. É preciso que o tema seja valorizado e que seja moeda de troca, ganho para o público que se quer sensibilizar, seja o morador, vizinho da

floresta, seja o gestor público, seja o empresário, o político em cargo de comando em órgãos de gestão ambiental. A mídia auxiliou as ações da AMANE em muitas ocasiões, empoderando a população local na conservação ou denunciando ações de degradação. O gestor público é valorizado em seu lugar quando a unidade que ele é responsável tem alcance midiático. A população dos centros urbanos próximos se sensibiliza quando, a Unidades de Conservação do seu município ou do seu Estado é veiculada em mídias de amplo acesso. Essa veiculação também precisa estar associada à objetividade do seu ganho, aos serviços ecossistêmicos como a produção de água, o ar puro, a biodiversidade, a paisagem (FP, 2016; IR, 2016; J, 2016).

> Na fala das pessoas você vê, eu protejo por isso... e sempre é uma coisa palpável porque é ... limpa meu ar, porque conserva... minha água porque eu uso essa água prá produção porque eu não pago o imposto dessa terra, é porque... então (...) está relacionada a ganho e quando a pessoa não visualiza isso ela já barra de frente... (FP, 2016, p. 229).

Uma questão sempre presente nas entrevistas, de forma explícita ou implícita, é a questão da posse da terra, a relação do público e do privado, na implementação das unidades (FP, 2016; JM, 2016; IR, 2016; ES, 2016). O depoimento de uma proprietária é de que em uma RPPN, em comparação com uma unidade pública, há menos riscos de invasão e degradação. A proprietária entrevistada reivindica, no entanto, mais apoio do poder público para gestão das reservas privadas, considerando a sua importância na proteção da biodiversidade (JM,2016). Compreende-se nessa fala uma cobrança ao setor público, pois, o privado está cumprindo com uma função de gestão da biodiversidade e fornecimento de serviços ambientais, bens que são de todos e para todos.

> ...quando você diz que essa área vai tá intocável, isso incomoda as pessoas mesmo que a pessoa não seja dali, incomoda porque nada deveria ser intocável, ao mesmo tempo que quando é dela deveria ser intocável... (FP, 2016, p. 229).

O técnico da AMANE apresenta na afirmação acima sobre as dificuldades na compreensão acerca do público e do privado, do bem comum e dos serviços ambientais que extrapolam os limites físicos das propriedades. Exemplifica na fala dos jovens moradores do entorno das florestas as restrições de uso nas unidades de proteção integral: “é nosso, a gente tem que proteger então, eu quero desfrutar da cachoeira” (FP, 2016. P. 229). Quando é informado ao grupo que a visita só pode acontecer em uma ação de pesquisa, há uma questão: “Ah, mas, não é nosso?”. Há que estabelecer uma discussão bem fundamentada e inclusiva para que esse público compreenda essa dualidade, até porque, muitas vezes essa mesma cachoeira já foi utilizada pela comunidade anteriormente, antes da criação da unidade (FP, 2016, p. 229).

4.2 As redes na conservação da biodiversidade e o pacto Murici, sob a execução da AMANE, na modelagem do CBMANE

Essa categoria foi desenvolvida a partir da experiência do entrevistado com ações em redes e das seguintes questões apresentadas na entrevista: Qual a importância da ação em redes para as conquistas ambientais?; Que ações são mais efetivas em rede?

Como já tratado no capítulo II, as redes fazem parte da história de proteção da Mata Atlântica no Brasil e o reconhecimento da sua importância no processo de conter a devastação da biodiversidade tem sido reconhecido por todos os gestores entrevistados, independente do seu lugar de atuação ou convivência com o bioma. "A rede ela é esse espaço de (...) achar o caminho do meio. Achar o caminho que seja (...) da viabilidade" (BP, 2017, p. 350).

> Acho que um dos grandes fatores da rede, do trabalho em rede, é que eles ajudam a desenvolver ações coletivas que são baseadas em consensos, esses consensos são, digamos assim, valores e ideias (BC, 2016, p. 267)

Para a gestora do ICMBio, o trabalho em redes poderia ajudar na regularização fundiária por meio de pressão política, mobilização e coleta de documentos, assim como na captação de recursos para equipamentos, estrutura física para pesquisa, envolvimento de estudantes, comunicação e sensibilização sobre a importância da ESEC Murici para o público em geral. Fala ainda sobre a possibilidade de aumentar a área da unidade, como foi proposta pela AMANE no plano de manejo para a ESEC, com a inserção de fragmentos contíguos à ESEC. As redes também poderiam dar maior segurança aos gestores públicos, que se sentem ameaçados e inseguros: "A gente fica nas unidades, muito isolada..." (NM, 2016, p. 188). O ICMBio tinha por prática realizar reuniões com os gestores de unidades federais, mas, segundo informações da gestora, por falta de recursos desde 2015 não acontecem esses encontros, onde os gerentes de unidades trocavam experiências, ideias e fortaleciam suas estratégias (NM, 2016).

> Uma coisa que eu sempre reclamei, eu sentia falta em Murici, eu trabalhava, e eu executava, eu avaliava e eu me criticava, não tinha outra pessoa que eu pudesse (...) a AMANE é que me cutucava, mas, tinha isso, é uma dificuldade tremenda de fazer isso só, então essa rede daria exatamente isso, a gente chegar e contar, mostrar como você está atuando, ver como está atuando... (JF, 2016, p. 240)

Perguntando a uma moradora de assentamento vizinho da ESEC Murici sobre a força das redes para efetivar mudanças, a resposta é afirmativa, ressaltando que a ideia de punição deve ser revista. Além da punição, há que se "dar aquele empurrãozinho para tentar ajudar, né?" A moradora também dá ênfase ao bom exemplo para efetivar mudanças de comportamento, o

sucesso de quem age corretamente e obtém resultados, como a restauração florestal e a agrofloresta (JO, 2016, p. 192).

> ... a importância das redes, eu vejo assim, porque nem todo mundo tem tudo e nem todos têm tempo (...), aí, imagine que você pode olhar, quando é em rede a gente pode atingir vários parceiros e vários parceiros podem nos ajudar de várias formas né? (IR, 2016, p.183)

Perguntada sobre como as redes poderiam ajudar na fiscalização da ESEC Murici, uma moradora de assentamento vizinho explica:

> tá eu e você aqui, tem outra pessoa precisando, como nós participamos da rede, todos ajudariam, você da sua maneira, que poderia, eu da minha, um telefonando, avisando, outro acolhendo, outro fazendo um suco prá uma reunião, todos participariam, e todos iriam trabalhar em prol disso (IR, 2016. p.184)

Nesse sentido Richard Senett (2013, p.9) sintetiza "A cooperação azeita a máquina de concretização das coisas, e a partilha é capaz de compensar aquilo que acaso nos falte individualmente".

> O que a rede quer é a junção de mãos (...), é a ligação da minha mão com a sua formando um Corredor. Esse Corredorcom o objetivo de preservar a vida não é? A fauna, a flora e você sozinha não faz isso. A rede eu acho que ela tem esse papel fundamental de unir, de juntar, juntar forças, juntar elos não é? Em prol de qualquer ação (JM, 2016, p.202).

Para a gestora da RPPN Osvaldo Timóteo, no Brasil de hoje há cinco poderes, o executivo, o legislativo, o judiciário, a imprensa e as redes sociais. Considera as redes, o poder mais forte e que pode contribuir com a construção de um jeito novo de transformar o mundo (JM, 2016, p. 203).

> Eu acho assim que ações mais efetivas em rede é o fortalecimento do diálogo (...), fortalecimento de uma ideia, de um projeto, quando você joga esse projeto, essa ideia na rede você vai fortalecer o diálogo, você vai fortalecer justamente a perpetuação daquele objetivo, daquele segmento, que você está abraçando (...). Porque dentro da rede é uma pulverização muito grande de todas as contribuições, todas as contribuições, que eu pego parte de mim jogo prá você, você pega parte de você, junto com a minha parte já repassa, então a rede é pulverizada (...). Por (...) todos os capilares, todas as vertentes, com os mais longínquos que seja você consegue através da rede (JM, 2016, p.203).

Falas que suscitam o poema Tecendo a manhã, de João Cabral de Melo Neto (NETO, 2010, p. 149,150):

> Um galo sozinho não tece uma manhã:
> ele precisará sempre de outros galos.
> De um que apanhe esse grito que ele
> e o lance a outro; de um outro galo
> que apanhe o grito de um galo antes
> e o lance a outro; e de outros galos
> que com muitos outros galos se cruzem
> os fios de sol de seus gritos de galo,
> para que a manhã, desde uma teia tênue,
> se vá tecendo, entre todos os galos.
>
> E se encorpando em tela, entre todos,
> se erguendo tenda, onde entrem todos,
> se entretendo para todos, no toldo
> (a manhã) que plana livre de armação.
> A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
> que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Para a filósofa e professora atuante na equipe técnica da AMANE, a rede "promove o diálogo, a comunicação entre setores, (...) os setores individualizados ficam mais fracos (...) e ficam muito mais fortes em rede (...). A rede une e isso fortalece as pessoas" (CC, 2016, p. 298). Esse fortalecimento individual é explícito na fala da moradora do assentamento Dom Hélder, trabalhadora do campo, conhecedora dos problemas da sua localidade e que foi empoderada, a partir das capacitações realizadas pela AMANE, e hoje participa dos conselhos de saúde, da secretaria de saúde do Estado de Alagoas, da APA de Murici e é secretária da Cooperativa das Mulheres do Dom Helder - COPERDOM:

> Eu entrava num canto calada, saia muda, mesmo que o povo diz que eu sou muito arengueira, mesmo aquele pé de arenga, eu, depois da AMANE, depois das palestras, o que eu não entendia, eu perguntava, aí mais aquela timidez saiu mais, como é que eu falo... O conhecimento me abriu portas, né? (...) eu não conhecia muita coisa sobre a natureza, e depois que eu comecei a participar... algumas pessoas que tinham dúvidas, vinham perguntar e eu falava, as vezes eu não sabia explicar mas, eu corria pro Fábio - Fábio[14] como é isso aqui? Ele me dizia e eu passava prá pessoa, é isso (JO, 2016, p.191).

Vale ainda destacar a importância da participação nas redes dessas populações advindas dos movimentos sociais de base, onde há um exercício contínuo de diálogo, reflexões e discussões de conflitos, o que também fortalece essas individualidades. Na experiência obtida ao longo desses dez anos na região fica clara a percepção da diferença entre os moradores rurais de propriedades privadas daqueles articulados em movimentos sociais, moradores de assentamentos. Estes últimos são bem mais autônomos e seguros, com uma visão mais ampla

[14] A entrevistada se refere ao técnico agrícola Fábio Pereira, da equipe da AMANE.

do contexto político e da sua capacidade de articulação e luta pelos seus ideais (depoimento da própria autora, na sua experiência no trabalho da AMANE).

Alguns experimentos em rede florescem na informalidade, na conversação dialógica que se dá nos laços de amizade construídos na convivência. Essa prática acontece por meio de diálogos virtuais ou em caminhadas nos ambientes naturais, cenários de encantamento e paixão dos ambientalistas.

> Aí eu acredito que as coisas se dão mesmo pelo nível do encontro assim... então, eu acho que é fundamental que se promova o aspecto de encontro, o aspecto corporal, o aspecto vivencial, o aspecto experiencial, por exemplo, a pessoa tem que experienciar, se ela não sente que é... não adianta ela saber que a natureza é importante ela tem que viver, e tem que se sujar, ela tem que entrar nos espaços, ela tem que, tanto socialmente quanto ambientalmente. Se ela não fizer essa experiência física, real, corporal, do que se chama natureza, ela não vai, não vai haver uma transformação (MP, 2016, p.322).

"A experimentação convida à conversa dialógica, à discussão aberta sobre hipóteses, procedimentos e resultados" (SENNETT, 2013, p. 143).

Perguntado sobre que conquistas ambientais são mais efetivas em rede, um técnico da equipe da AMANE, ressalta os encontros presenciais, onde é relevante a troca de informações, de experiências e também a oportunidade de mudar o sentimento, a compreensão de aspectos vividos pelos demais.

> O encontro das pessoas que fortalece, é saber que tem alguém que é parecido comigo no que penso, que é parecido comigo no que trabalho e que sofre as mesmas angústias que eu e eu preciso dar a mão, apertar a mão dessa pessoa, saber que eu não estou sozinho nesse planeta, porque o nosso trabalho, eu acho que a coisa do ambientalismo, (...) essa rede presencial é perfeita prá isso. (FP, 2016, p. 216)

Aspecto ressaltado também por um agricultor, morador da RPPN Pedra D´Anta, funcionário da SAVE Brasil:

> Com rede ou sem rede... , estou sozinho porque fico muito distante do pessoal da rede, né? bem, bem distante, bem isolado porque vivo num canto que não tem comunicação, aí melhor era quando a gente se encontrava, fazia os encontros na reunião. (ZZ, 2016., p. 281)

A questão ambiental pede uma rede, por sua natureza complexa, por ser um direito difuso. Uma rede é invisível e tem infinitas possibilidades, vai abrangendo todos (CC, 2016), é um diálogo de saberes (MP, 2017). A rede educa e ao mesmo tempo pressiona, cumprindo esse importante papel, que supera a própria força da lei, pois mobiliza, envolve e compromete. Daí a importância de se pensar na metodologia das redes, para inserir estratégias e dinâmicas de sensibilização desses sujeitos, de maneira a fazê-los compreender a força da união, em redes

(CC, 2016). “Para o desafio da questão ambiental, a rede é a espinha dorsal da política pública” (BP, 2017, p.349).

> Então, a rede pode ajudar preenchendo algumas dessas lacunas, identificando oportunidades de recursos, de qualificação, de capacitação, chamando atenção da sociedade para a necessidade efetiva de implementação das unidades de conservação, chamando a atenção dos tomadores de decisão para essa necessidade. Então, as redes, elas se constituem num parceiro importante prá, (...), superar esse gargalo que é de natureza... de recursos necessários ao pleno funcionamento das unidades de conservação (MT, 2016, p. 346).

É consenso entre alguns gestores, a importância de uma instituição que assuma o papel de liderança. A fala da professora, bióloga e gestora da SNE, com grande experiência como ambientalista e reconhecimento nacional pelo seu trabalho, ilustra isso: ‘‘é preciso que haja, logicamente essa ... que puxa, a gente sabe disso, né? quem trabalha nas organizações a gente sabe disso, de que precisa realmente dessa liderança”, sem a qual se estabelece uma fragilidade na rede (EB, 2016, p. 148).

> A impressão que dá na minha vivência que não é pouca com esse tempo de estar envolvida em algumas redes, é que a gente não se planeja, a gente não se organiza, a gente é sempre pego de véspera, nos problemas e a gente não sabe atuar direito, entende? então a gente fica meio na improvisação (...) o que é que de mais importante que a gente precisa se debruçar para fortalecer as redes para que a gente possa gritar pelas coisas, conseguir (...) pelo menos algum barulho (EB, 2016, p.311).

Para alguns setores, no entanto, é fácil perceber a falta de interesse na participação de redes, pelo menos àquelas voltadas às questões ambientais, um deles é o poder público municipal, não pelas falas explícitas, mas, pela prática. Em nenhuma localidade dentro da Área Focal Murici Urubu houve uma participação expressiva desse setor nas redes apoiadas, sugeridas ou criadas pela AMANE (JM, 2016). Outro setor que não participou das redes nem observa nelas o seu potencial, foi o setor sucroalcooleiro: ‘‘... sem querer ser presunçoso, eu acredito que, antes de qualquer rede havia uma mentalidade da empresa na conservação...” (PM, 2016, p.196).

Profundamente, tratamos aqui sobre as relações entre humanos, a natureza fora do homem e suas decorrências. A história das lutas de militantes para a conservação e recuperação da Mata Atlântica tem sido escrita utilizando ferramentas como, o compartilhamento, a cooperação a troca e a competição.

Na tessitura do Pacto Murici houve muitos encontros presenciais em diversas localidades, como São Paulo, Brasília, Recife, Olinda, Curitiba e Rio de Janeiro, alimentados, acordados e subsidiados por mensagens eletrônicas, ao longo de mais de dois anos, em sua fase de

instalação. As relações pessoais e a presença física promovem uma melhor sinergia, intimidade na troca de decisões, estabelecimento de relações de confiança sendo, portanto formas de privilégio.

As primeiras ações de articulação do Pacto contaram com apenas duas organizações, a BI e a SNE, em seguida percebeu-se a importância de envolver novos atores de modo a diversificar e fortalecer essa rede em formação. Assim outras organizações foram se engajando e contribuindo com suas expertises no Programa que se desejava implementar. Nessas reuniões as trocas informais fortaleciam a autoridade, imbuída de legitimidade entre os parceiros; a confiança, o respeito mútuo entre pessoas e organizações, e a cooperação nos momentos de crise (SENETT, 2013).

Muitos foram os desafios enfrentados pelo Pacto, como a desistência do projeto PICUS pelo Funbio, um ano após a criação da AMANE; os períodos de secagem que inviabilizavam os plantios na Serra do Urubu, em Pernambuco; os conflitos entre assentados na instalação da Cooperativa de Agricultura Familiar; os momentos de violência na cidade de Murici, onde a equipe da AMANE ficava instalada; os conflitos entre proprietários e os movimentos sociais de reforma agrária, dentre outros. Como aprendizagem desses momentos há que se destacar que o problema que surge ou o erro que é compreendido pode se tornar um fato interessante, ilustrativo e permitir a checagem dos laços e compromissos assumidos pelas organizações e pessoas, assim como o aperfeiçoamento do alcance das metas.

Em seu livro A cultura do novo capitalismo, Sennett, 2012, questiona quais os valores e práticas são capazes de manter as pessoas unidas no momento em que as instituições em que vivem se fragmentam. Três são os desafios a serem enfrentados: 1. O tempo – com as mudanças do ambiente de trabalho, há que se cuidar das relações de curto prazo; 2. O Talento – como desenvolver novas capacidades potenciais, novos talentos, reinventar-se no rearranjo dos novos pactos e acordos; 3. O desprendimento - abrir mão, deixar o passado para trás (SENNETT, 2012).

Baldassare Castiglione, no seu Livro do Cortesão, 1528, apresenta o termo “sprezzatura”, que significa praticar, em todas as coisas, certa indiferença, transformar tudo que se faz ou diz em algo natural e simples. Essa leveza torna as pessoas mais sociáveis e a conversa flui com mais facilidade em um ambiente de cooperação e sociabilidade (SENNETT, 2013).

Para um conselheiro da AMANE, presidente do IA RBMA, Murici continua sendo uma palavra simbólica, no sentido de que é emblemática para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste, embora, sendo o principal alvo do Pacto Murici, esta Unidades de Conservação foi criada como uma das primeiras mobilizações do Pacto. Considerar que a ESEC Murici não foi implementada, significa dizer que, apesar de ter sido criada durante a mobilização da formação do Pacto Murici, pela SNE e BirdLife; da realização de diversos estudos elaborados pela AMANE para subsidiar o Plano de Manejo, que foi apresentado em fase de finalização ao ICMBio, em 2014; do Pacto Murici e da AMANE ter apoiado e mobilizado o seu conselho gestor e ter atuado em parceria com o ICMBio, ao longo de dez anos nas ações de gestão, nada disso hoje permite garantir a sua implementação, considerando que, principalmente não foi realizada a regularização fundiária. No entanto, para ele as principais contribuições do Pacto foram "integrar ações que eram isoladas de várias instituições e que o Pacto justamente permitiu isso". Conseguir cruzar interesses distintos, instituições que tinham visões e foco de atuação, diferentes. Foi um exercício de pensar como rede e obter uma visão multidisciplinar, destacando nisso uma inovação: "os projetos do Pacto foram os primeiros que começaram a tratar aqui a questão do social com a questão da conservação da biodiversidade, de maneira integrada no nordeste" (CFL, 2016, p. 300/301).

Outro aspecto destacado por esse conselheiro, presidente do CNRBMA, e pelo professor da UFPE e membro do CEPAN na época da formalização desse acordo, foi que o Pacto Murici chamou a atenção, em termos nacionais, para a conservação da diversidade biológica e o desenvolvimento sustentável da Mata Atlântica do nordeste (MT, 2016; CFL, 2016). Antes da década de 80 e 90 a Mata Atlântica não era reconhecida, no imaginário brasileiro, havia apenas a Amazônia, como floresta tropical, mas, a consciência da Mata Atlântica nordestina, nesse momento, ainda não era considerada pelo seu valor em termos de biodiversidade. Não havia conhecimento sobre a sua importância, nem os riscos de extinção das espécies aqui localizadas. Eram fragmentos muito reduzidos, com exceção do sul da Bahia. Esse reconhecimento recente "foi muito graças ao Pacto Murici, eu acho que essa importância não se perde" (CFL, 2016, p. 300, 301).

O Pacto transformou em prioridade de ação a floresta atlântica nordestina para vários atores, grupos de pessoas, instituições nacionais e internacionais, "eu entendo que o Pacto jogou, na verdade, a floresta atlântica nordestina na agenda nacional ou mesmo internacional de conservação, com desdobramentos até os dias de hoje" (MT, 2016. p.325). Hoje essa floresta está razoavelmente bem descrita, caracterizada, grande parte dos atores entendem sua

diversidade biológica, alem de haver uma reflexão sobre os desafios, as dificuldades, os instrumentos, prá que essa conservação exista. O maior limitante desse Pacto é a sua descontinuidade, embora ele não deixe de existir, perdeu fôlego por diversas circunstâncias (MT, 2016).

Sobre o Pacto Murici, o presidente do CNRBMA, avalia:

> Eu acho que houve um esforço muito grande, quase heroico mesmo, em parte às vezes querendo suprir as falhas de governos, muita coisa era governo que devia fazer e enquanto Pacto a gente tentou contribuir claramente prá isso e em parte pelo envolvimento da sociedade civil que ainda tem poucos movimentos, poucas ONGs... (CFL, 2016, p.303).

Uma inovação que também foi destacada na fala dos gestores é o próprio exercício do sistema de gestão, um conselho de várias entidades, algumas organizações locais, outras regionais, nacionais e internacionais, o que promovia uma riqueza muito grande pelas discussões em ambitos e escalas diversas. Outra inovação foi o fato dessa articulação e ação se dar no nordeste, uma região que foi esquecida na grande mobilização para a proteção da Mata Atlântica, ocorrida desde a década de 90 (CFL, 2016; RR, 2017,).

Críticas ao Pacto - Observa-se, no entanto, que o Pacto Murici não conseguiu ser bem compreendido nas bases de atuação do seu próprio trabalho na Mata Atlântica do nordeste, para as populações moradoras do entorno, as instituições parceiras locais ou mesmo para a equipe técnica da AMANE. O Pacto Murici, que na realidade atuava como o conselho deliberativo da AMANE, se reunia de portas fechadas, havendo, esporadicamente, algum evento público ou a participação de convidados para seus encontros. Esse, provavelmente era o formato desejado pelos conselheiros representantes das instituições envolvidas, considerando o pouco tempo disponível para as reuniões, a dificuldade de conseguir a presença de todos os seus membros e a otimização dos recursos para esses encontros.

Para a filosofa e educadora, atuante na equipe da AMANE, o Pacto era uma estrutura política ideológica que estabeleceu um programa e suas diretrizes, mas, que, em muitos momentos não compareceu, esteve ausente e que deveria ter atuado mais junto com a organização, ainda frágil e jovem. “Faltou, eu sinto que faltou muita escuta do Pacto, faltou escuta, faltou vir ver, faltou estar aqui”, complementa que, o fato da AMANE estar atuando em uma região do Brasil que, historicamente ficou na falta, em muitos setores, as conexões do Pacto poderiam ter sido mais efetivas, inclusive considerando o momento do seu fechamento (CC, 2016, p. 293).

No entanto, percebe-se certo ressentimento por parte dos agentes de mobilização local, que articulavam com os atores locais e recebiam assim essa demanda. “Eu acho que o Pacto não tinha uma agenda, pelo menos eu não conheci uma agenda onde se reunisse periodicamente (...) prá que você pudesse chamar mais pessoas e mais instituições para participar” (FP, 2016, p. 221). “Muitos achavam (...) que era um acordo entre um grupo específico de ONGs que querem é... blindar essa mata” (FP, 2016, p. 221).

As lideranças locais, moradores dos assentamentos, ligadas aos movimentos sociais, ao ver tantas logomarcas ao lado de cada ação da AMANE, perguntavam: “como é que pensa cada cabeça dessa? me diga o que quer cada cabeça dessa?” (FP, 2016, p. 221).

> E então não ficou claro prá equipe e a equipe não tinha claro prá passar pras pessoas (...). fosse os agricultores que estavam trabalhando fosse na participação do conselho da ESEC, no conselho da APA... e todos os momentos tinha que ficar muito claro o que cada um fez e tava batendo nessa tecla, uma questão política né? (FP, 2016, p. 221).

Uma ação que foi destacada como bem positiva nesse aspecto aconteceu nos cursos sobre o modelo colaborativo, ministrados pela Fundação SOS Mata Atlântica, sob a coordenação de Beloyanes Monteiro e Ana Lígia Schachetti, no CEC Murici. O curso aconteceu em dois momentos em anos consecutivos, sendo reforçado pela vinda do Caminhão da Fundação SOS no programa A Mata Atlântica é Aqui, o veículo se instalou em praça principal da cidade e atraiu grande público, principalmente crianças e jovens.

> Não era aquela SOS... não chegava aquela informação das outras ações da SOS que são maiores, da grande produção de mudas, do grande clickarvore, das manifestações de rua, essa coisa não... mas, ficou claro que essa instituição existe fisicamente e ela veio aqui e fez alguma coisa (FP, 2016, p. 223).

A participação do CEPAN também ficou bem evidente para esse grupo de moradores, na realização do projeto Fogões Ecoeficientes, quando foram distribuídos e instalados 70 fogões para uso econômico de lenha nos Assentamentos Dom Hélder Câmara e Che Guevara, em Murici. Uma moradora do Assentamento, beneficiada pelo projeto, diz: “a gente começou um namoro com a AMANE, a AMANE trouxe o CEPAN, (...) e a gente fez esse trabalho junto” (FP, 2016, p. 223).

A AMANE era uma coisa viva para a população local, na vivência nos centros de educação, no campo, na feira, nos eventos, mas, era vista sozinha, não como um conjunto de organizações, o Pacto Murici e seus parceiros não era visível, reconhecido (FP, 2016, p. 225).

> ela é um braço do pacto ela no fim se torna o Pacto na prática, na realidade, (...) O Pacto (...) identificou uma demanda necessária, fez uma identificação e a AMANE foi lá prá colocar em prática as necessidades dessa demanda (...) Então ela era muito autônoma, independente, ela

> tinha que se virar porque se ela esperasse pelos conselhos, tenho a impressão que ela não teria feito muitas coisas que ela fez (CC, 2016, p. 292).

Para a troca diferenciada tem-se a oportunidade de reduzir a competição agressiva, reconhecendo as zonas de tensão. Nas relações entre pessoas e instituições, em redes de trabalho, há que se definirem também os territórios, de maneira a favorecer as especialidades entre as instituições e dar oportunidades de sinergia e compartilhamento, evitando assim uma competição que possa prejudicar.

Em alguns casos era importante sublinhar essas questões, como no momento em que um edital era aberto com possibilidade de várias organizações do Pacto participar, a ação da AMANE era divulgar ao máximo entre organizações locais de maneira que muitas propostas fossem apresentadas e que todos pudessem concorrer. Importante, pois, o nordeste poderia se destacar no nível nacional apresentando bons projetos, havia o exercício da escrita e da elaboração de projetos por parte dessas organizações. Independente de quem conseguir obter a aprovação, todos ganham no momento em que o projeto vem para nossa região. Era importante destacar que nossa missão é proteger e recuperar a Mata Atlântica do nordeste, quanto mais projetos e instituições trabalhando nisso mais resultados seriam obtidos (BP, 2017). Em todas essas trocas a articulação de pessoas e instituições em redes e pactos é importante, senão fundamental, para a continuidade dos esforços para a conservação da biodiversidade.

Apesar de a cooperação dialógica pressupor um tipo específico de abertura, mobilizando a seu serviço antes a empatia que a simpatia, essa cooperação não é fácil de praticar, além do que nem sempre a cooperação é benigna, podendo unir pessoas que passam a fazer o mal juntas (SENNETT, 2013). Quando perguntado aos gestores sobre a sobrevivência do Pacto Murici, a sua continuidade, tem-se: “O Pacto tá pactuado, tá no papel ali que ele existe, mas, ele não existe porque está engavetado. A AMANE é que trazia o Pacto prá mesa e dialogava”. Para esse gestor, da equipe técnica da AMANE, hoje não há fórum nem espaço de diálogo para a Mata Atlântica do nordeste (BP, 2017, p. 353).

Para os membros das organizações do Pacto, entrevistados, o Pacto não morre, por não ter alcançado todas as suas metas, e por ter uma força latente, desenvolvida pelos gestores locais e pela sociedade por meio da mídia nacional “O Brasil conheceu isso aí (...) chamou a atenção e colocou a Mata Atlântica do nordeste no mapa da conservação do Brasil” (CFL, 2016, p. 300, 301).

4.3 A colheita - as lições deixadas pela AMANE em seus dez anos de trabalho

4.3.1 A missão

A missão da AMANE foi definida em oficina de planejamento estratégico realizada em abril de 2010, com a participação da equipe técnica da AMANE, Instituto Hórus, Fundação SOS Mata Atlântica, CI, CEPAN e TNC, sob a coordenação de Nira Fialho, em Recife (AMANE, 2005 a 2011).

Sendo a sua missão: proteger e recuperar a Mata Atlântica do Nordeste por meio da conservação da biodiversidade e do desenvolvimento de benefícios socioambientais. O grupo definiu ainda valores e princípios organizacionais para alcançar sua missão: integração de atores afins para o alcance dos seus objetivos; participação, mediante metodologias participativas que geram compromisso com as decisões e ações tomadas em consenso; os resultados sempre celebrados em conjunto com aqueles que contribuem direta e indiretamente para o alcance de resultados planejados; busca da inovação por meio da organização flexível e participativa no sentido de promover o desenvolvimento, a mudança e a aprendizagem; responsabilidade social por meio de apoio a mudanças socialmente responsáveis; transparência e objetividade; democratização das informações; honestidade, seriedade e respeito à diversidade; interdependência, reciclagem, flexibilidade, parceria e diversidade; relações institucionais são utilizadas para o alcance de sua missão; as ações de conservação devem contribuir para a melhoria de qualidade de vida das pessoas e da biodiversidade; e o processo de tomada de decisão da AMANE é descentralizado e participativo, tendo suas decisões compartilhadas com o seu Conselho Deliberativo (AMANE, 2005 a 2011).

Perguntar aos gestores sobre a missão da AMANE foi importante para checar a sua estratégia e a compreensão de cada gestor individualmente, atuando em seu lugar diferenciado, seja no governo, no setor empresarial, sendo morador do entorno, participante de conselhos gestores, representantes das ONGs do Pacto ou como membros da equipe da própria organização. Três perguntas foram destacadas, a primeira sobre a missão em si, a lembrança dela, a segunda sobre como poderia ter sido melhor e a terceira investigava como a missão da AMANE se articula com a sua missão de vida, buscando assim, perceber o envolvimento pessoal no trabalho e a perspectiva de continuidade das ações semeadas.

Sobre a missão principal da AMANE, o professor da UFPE e, na época do Pacto Murici, membro do CEPAN, afirma que é a “conservação de diversidade biológica numa perspectiva

que a conservação também seja um instrumento de desenvolvimento sustentável". Continuando, ele explica que essa missão "é também um valor pessoal, valor esse que reproduzo inclusive nas minhas atividades de ensino e pesquisa" (MT, 2016, p. 324).

A maioria dos gestores entrevistados associou a missão da AMANE à proteção da natureza com a melhoria da qualidade de vida dos moradores do entorno das florestas (JF, 2016, p. 236). Para uma agricultora, moradora do assentamento Dom Hélder, "a Missão da AMANE, quando tava aqui (...) ajudar a natureza e os que vivem nela a melhorar né? não destruir ela" (JO, 2016, p. 190).

Uma gestora do órgão estadual de meio ambiente de Alagoas define a missão da AMANE como "uma coisa transformadora..." por dois motivos explícitos, o primeiro trata da sua postura de vida: "ela mudou a minha atitude, a minha forma de pensar, assim, ela... ocorreu essa transformação... o lado mais assim, humanístico (...) visando mais pessoas, né? ter mais responsabilidade..." (LN, 2016, p. 257). Outro motivo citado trata da vivência em campo:

> Eu estive agora (...) em Pacas, lá eu acho que vocês conseguiram (...) atingir o objetivo de vocês naquele assentamento, pelo menos algumas pessoas lá estavam com uma responsabilidade ambiental grande, um cuidado com resíduo sólido, com o lixo... armazenar e depois de levar... algumas pessoas que foram capacitadas (...) têm esse cuidado de mudança, de transformação (LN, 2016, p. 257).

Essa mudança é relatada na sua prática como gerente da APA de Murici, sendo antes um trabalho mais voltado à fiscalização e hoje com um foco direcionado à educação, repasse de informação e uma atitude mais de parceria com as comunidades moradoras da APA, buscando ações conjuntas na gestão da Unidade (LN, 2016, p. 257).

A questão intrigante da repartição dos benefícios da biodiversidade, que permeia a missão da AMANE, um dos três pilares da Convenção da Diversidade Biológica (CDB, 1992) é citada por um técnico da AMANE: "Uma coisa da AMANE que não sai da minha cabeça era a repartição dos benefícios da Mata Atlântica (...) de entender a mata como um aliado para sobrevivência das comunidades, do ser humano em geral" (FP, 2016, p.216). Apesar de que, essa questão perpassa a compreensão da missão de maneira integral.

Como a missão poderia ter sido melhor? É uma questão que busca investigar as falhas, insucessos, pendências, mas, a compreensão expressiva dos gestores é de que seria melhor se não tivesse parado, enfim, como estava andando atendia às expectativas da missão (JO, 2016; JM, 2016; ZZ, 2016; AM, 2016; AN, 2016; BP, 2016).

Para Souto Maior e Stelzig, 2004, as interações sociais estabelecidas pelos indivíduos surgem em função de certos propósitos e impulsos, e são organizadas em campos sociais que permitem a localização dos indivíduos em uma estrutura social e as potencialidades interativas entre eles. Nesse sentido, a seleção da representante de família proprietária da RPPN Osvaldo Timóteo, (São José da Laje, Alagoas), localizada na Área Focal Murici – Urubu, foi importante para demonstrar os resultados da interação do grupo familiar à rede de gestores. São suas as palavras:

> a AMANE foi (...) um canal muito importante, principalmente prá gente de RPPN a gente deve muito a vocês, o caminhar, o guiar da nossa história, porque existia um sonho mas, não existia a concretização, a formalização, quer dizer, se tornar uma RPPN, (...) área de preservação perpétua, (...) e vocês foram justamente os padrinhos, as madrinhas, orientador prá gente realmente fazer essa formalização (JM, 2016, p. 198)

A AMANE deu o respaldo científico, técnico, orientação jurídica, no caso de formalização, tramite do processo da diplomação, de receber o título de RPPN (JM, 2016). O exemplo da família proprietária também serviu de estímulo para outras famílias com interesses comuns. O proprietário da RPPN chegou a receber o prêmio Muriqui, principal reconhecimento nacional de ações de proteção da Mata Atlântica, do CNRBMA. Destaque dado não tanto pela biodiversidade, pois, a propriedade é pequena com cerca de 20 ha e há menos de 20 anos era utilizada para produção de cana de açúcar, mas, pela iniciativa inovadora de proteger a biodiversidade e sensibilizar vizinhos fornecedores de cana na proteção da Mata Atlântica.

Também seguindo nesse sentido que nos fala Souto Maior e Stelzig, 2004, a participação do gerente da ESEC Murici, do ICMBio, nas ações desde a formalização do Pacto Murici, foi fundamental na sua integração e interação com as comunidades moradores do entorno da ESEC. É explícito o apoio recebido pelo gestor da AMANE e a parceria reconhecida pelos moradores nas suas falas: “O pessoal sempre fala, às vezes me cobravam (...): cadê a AMANE que não volta? (...) e eu digo é... arrumando projeto aí, dinheiro prá voltar” (JF, 2016, p.236). Quando perguntado sobre a missão da AMANE com sua missão de vida o gestor do ICMBio responde:

> Relacionamento total, porque a AMANE durante muito tempo era o apoio que eu tinha, (...) como apoio profissional para desenvolver certas ações ali eu sempre contava mais com a AMANE do que mesmo com a instituição. Às vezes eu recorria a AMANE para certas coisas, às vezes também a AMANE (...) me provocava e isso eu achava interessante porque muitas vezes o meu trabalho ficava aquém de determinados aspectos, de situações, (...) e a AMANE sempre vinha e me cobrava, e isso? e aquilo? Você não vai de tal maneira, isso... tanto profissionalmente como pessoalmente né? Meu trabalho como na minha vida foi importante (JF, 2016, p. 236).

Para o gestor do órgão estadual do meio ambiente de Alagoas, a AMANE foi um referencial, pois era uma associação que atuava em vários Estados da Mata Atlântica e que retornava os resultados da sua pesquisa, da política nacional da Mata Atlântica, como certo nivelamento, informando o estado da arte do bioma. Hoje, com a ausência da AMANE, se sente "ilhado" dentro do seu território restrito, do estado de Alagoas, sem saber o que está sendo desenvolvido em outras localidades (AN, 2016). A sua identificação com a missão vem da sua formação como geógrafo e mestrando em geografia, pela UFAL, e o enfoque dado pela AMANE para a questão socioambiental. O contato com a ONG foi estimulante, produtivo e o conhecimento, a formação combinava com certas ações que estavam sendo desenvolvidas no órgão governamental, como a formação de todos os conselhos gestores das Unidades Estaduais e depois uma rede formada por conselheiros dessas Unidades: "...caiu como uma luva mesmo" (AN, 2016, p.243). Todos os conselhos estão atuantes e uma vez por ano há um encontro de conselhos gestores dessas unidades estaduais.

> Isso foi fruto do bom trabalho de vocês, de divulgação e também o contato com a comunidade científica que trouxe muito conhecimento pra gente, trouxe informações muito interessantes sobre a constituição de projetos que estavam sendo feitos, que é isso que a gente sente muita falta hoje (AN, 2016, p.244).

Para outro gestor do órgão estadual de meio ambiente de Alagoas e também membro de organização do Pacto Murici, que acompanhou a AMANE desde suas primeiras reuniões de formação, destaca na missão da AMANE a pesquisa e o incentivo à formação de redes de gestores de unidades de conservação. Vale observar que esse foco nas redes de gestores veio surgir na organização somente a partir de 2010, durante a realização das capacitações do projeto Capacitação em gestão participativa de unidades de conservação, realizado pela AMANE, com o apoio do PDA/MMA, nos anos de 2007 a 2010 (AMANE, 2011). Havia, para ele e para outros gestores entrevistados, uma grande expectativa nessa missão, que foi frustrada, pela deficiência financeira, que deveria vir dos órgãos de governo, no nível estadual e federal (AM, 2016; ES, 2016).

Considerando a estreita parceria da AMANE com a Birdlife International e a SAVE Brasil, na região do CFSU, para alguns gestores dessas localidades a missão da AMANE estava associada diretamente a conservação de aves, seja para manter as existentes, evitando extinção de espécies, seja para "trazer de volta essas espécies que já estavam entrando na lista de ameaças de extinção, além de preservação e conservação da mata e dos recursos naturais" (ES, 2016, p. 272). A associação também se dá com a tarefa de cuidar da RPPN Pedra D´Anta e a oportunidade do trabalho para o município, como fala a prefeita de Lagoa dos Gatos, em

2016: “Hoje (...) as pessoas que vêm à cidade de Lagoa dos Gatos reconhece a reserva. O secretário (...) de cultura e turismo ele propaga muito bem, aonde que ele vá, ele fala da reserva, fala dos pássaros e eu acredito que, prá cidade, é muito importante” (VS, 2016, p. 284).

Um gestor entrevistado, que se destaca pelo seu compromisso e desempenho na proteção da biodiversidade na Serra do Urubu, morador local e funcionário da SAVE Brasil, ressalta a importância da missão da AMANE para a Mata Atlântica: “ela nasceu prá ajudar...no modo geral, no nordeste todo“ (ZZ, 2016, p. 280), dando ênfase no aprendizado, principalmente com a agroecologia, na mudança para uma vida mais saudável na alimentação e também como fonte de renda, pois, reduz as compras de alimento com a produção na propriedade (ZZ, 2016).

Para a equipe da AMANE, cujos gestores selecionados para a pesquisa atuaram na organização em longos períodos de tempo, variando de quatro a seis anos (CD, 2016; MP, 2016; BP, 2016; RR, 2016), a compreensão da sua missão associa a proteção da Mata Atlântica com o empoderamento social dos grupos moradores do entorno dos fragmentos florestais, de maneira sistêmica, baseada em uma prática educativa e em redes. Uma prática que reeduca para o significado da biodiversidade, conforme fala da filósofa e pedagoga:

> Proteger a Mata Atlântica pensando o que significa isso para a vida dos seres humanos e prá vida como todo (...) ela foi possível porque se a gente pensa que (...) não conseguiu proteger a Mata Atlântica (...) ainda tem desmatamento, mas, a gente sabe hoje o quanto pessoas já sabem o que significa isso, mudaram sua relação com esse bioma. Efetivamente quantas áreas, quanto foi plantado, o que foi feito, então é uma missão que faz sentido, que tem uma relevância e que a gente conseguiu alcançar muito dela (CC, 2016, p. 288).

Essa missão se coaduna com sua missão de vida, embora antes não houvesse essa compreensão, considerando-se uma beneficiada também porque a partir do trabalho na AMANE entendeu o lugar da Mata Atlântica na sua vida: “eu tinha essa ideia de que a Mata Atlântica é uma paisagem, uma mata que tá ali fora e tu não tens a noção dessa biodiversidade, desse bioma no sentido sistêmico disso” (CC, 2016, p. 289).

Nessa equipe, para os jovens biólogos, que iniciaram na organização antes mesmo de concluir a graduação, ou recém-formados, a AMANE foi um sonho factível durante esses anos de atuação. Cada sonho, cada projeto e sua implementação, era uma capacitação e uma experiência marcante: “trabalhar na AMANE foi minha formação profissional... A missão da

AMANE hoje é meu pilar (...) profissional, a minha base profissional foi construída com base nessa missão da AMANE ...” (BP, 2017, p.339).

> Essa missão meio que me ajudou a começar a construir um... talvez um caminho, um conceito, uma abordagem sobre o que é de fato proteger e recuperar e conservar (...) sim, o enfoque, e aí realmente essa missão (...) e esse enfoque me ajudou muito na minha formação (RR, 2017, p.328).

A participação expressiva desse jovem, que entrou na AMANE como estagiário no primeiro ano de sua graduação em Ciências Biológicas e Ambientais, da UFPE, sendo em seguida contratado como consultor, assessorando e coordenando projetos, assumindo em 2014 a Diretoria Executiva da organização, demonstra uma atuação também significativa na interação com a atividade acadêmica:

> ...como na universidade a gente sempre recebe muita informação e vivencia pouco, né? Eu, na universidade tinha o oposto também de passar muito das experiências que eu tinha prá trabalho, estudos, grupos... Então essa missão me ajudou bastante a construir, me construir no ponto de vista crítico né? Do que tava sendo repassado prá mim e do que eu vivenciava e aprendia na AMANE (RR, 2017, p.328).

Outro jovem cientista ambiental que atuou na AMANE por mais de seis anos, contribui, na sua fala, comparando sua experiência na pós-graduação e em órgão estadual de meio ambiente, depois da vivência na AMANE:

> ...quando se debatia muito **sobre desenvolvimento sustentável**, eu sentia que tinha uma coisa líquida ali, uma coisa muito subjetiva, muito abstrata na fala dos professores, (...) e outras pessoas, mas, (...), com a minha experiência com a missão da AMANE eu via que existia uma forma de se fazer um desenvolvimento sustentável, que era a partir da (...) repartição dos benefícios, de pensar na mata não como um lugar que está separado, mas, um lugar que está inserido no contexto das pessoas que moram ali (BP, 2017, p. 328).

4.3.2 As conquistas

Este item foi construído com base na quarta parte do questionário, sobre as ações realizadas pelo Pacto Murici por meio da AMANE, através das perguntas: Como você avalia as ações do Pacto Murici na AMANE? Como poderia ter sido melhor? Que contribuições o Pacto Murici e a AMANE em seus dez anos deixa para a luta de proteger a Mata Atlântica e outros biomas? Que contribuições o Pacto Murici e a AMANE deixam para a sua vida?

A filósofa e educadora atuante na equipe da AMANE faz uma síntese das ações, que classifica como bem concretas. Nas ações de conservação ela destaca a restauração ecológica de 36ha[15], na RPPN Pedra D´Anta, no complexo florestal de Urubu, onde hoje a SAVE Brasil

[15] Eu comecei em 2009 fazendo o censo com os biólogos e hoje o número de espécies de pássaros dobrou , (...) da reserva como um todo, e da restauração, tem acho que , tinha 1 , 2 no começo e agora tem mais de trinta, dentro da restauração (...), bichos que não se via no pasto... (ZZ, 2016, p. 115)

monitora as novas espécies de aves que se incorporam à biodiversidade da unidade e nas ações educativas destaca as capacitações realizadas para os gestores e as publicações resultantes (CC, 2016, p.294).

> A gente que trabalhou com a AMANE recebe feedbacks até hoje da publicação da AMANE (...). O livro é usado em disciplinas nos cursos de pós-graduação. Eu tenho uma disciplina de Direitos, Políticas Públicas e Meio Ambiente e Direitos Humanos que num dos conteúdos é usado todo o livro dividido em capítulos e os alunos fazem trabalhos (CC, 2016, p.294).

Dessa maneira, ela conclui que a AMANE ensinou metodologias diversas em disciplinas como educação ambiental, arte educação, agrofloresta, comunicação não violenta, dentre outras, inclusive essa pesquisa que aqui se apresenta, atuando multidisciplinarmente. O vínculo que se estabeleceu entre equipe técnica, agricultores e demais gestores, continua agindo em sub-redes, o que empodera os indivíduos e os grupos: "hoje o que a gente faz, (...), a gente faz porque aprendeu na AMANE. (...) a AMANE deixa esse legado, esse currículo de aprendizagem para esses profissionais que trabalhavam com ela" (CC, 2016, p.294).

4.3.2.1 *O ICMBio e a relação com a população local*

Uma questão que não foi inicialmente abordada nem prevista nas expectativas do Pacto Murici e da AMANE trata da relação do ICMBio e do IMA AL com as comunidades moradoras do entorno dos fragmentos florestais. Os resultados obtidos nas falas dos gestores entrevistados demonstram mudanças significativas na interação entre esses atores, cujas posições são chaves para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica. Nesse caso, tratando do complexo florestal de Murici, onde uma unidade federal, a ESEC Murici, gerida pelo ICMBio e uma unidade estadual, a APA de Murici, gerida pelo IMA AL, estão sobrepostas abrangendo o total de dez municípios. Na época da criação da ESEC, em 2001, dois grandes assentamentos agrícolas estavam instalados nos limites da Unidade, o Dom Hélder Câmara, também conhecido como Duas Barras, e o Assentamento Che Guevara, também conhecido como Pacas. Os dois assentamentos somavam mais de 700 habitantes, do total de cerca de 2000 moradores do denominado complexo florestal de Murici, que envolvia além da ESEC, as propriedades do seu entorno imediato, vizinhas limítrofes da Unidade (CAVALCANTI e BARROS, 2004).

Como já foi tratada anteriormente, a maior justificativa de criação da ESEC Murici foi a conservação das aves endêmicas e ameaçadas de extinção, assim, os primeiros estudos foram focados no levantamento e monitoramento dessas espécies de aves. Nesse momento o foco de

atuação das ONGs do Pacto não se detinha nas populações moradoras, no entanto, no momento em que se monitoravam as aves, houve a identificação do problema da caça, do desmatamento, seja por queimadas para a expansão da lavoura, ou da cultura da cana, por retirada de madeira para pequenas construções ou para a venda, a caça de lazer, ou para fomentar a cultura de criação de aves, prática comum na área rural do nordeste. Assim, foram mapeados também os acampamentos de caçadores que se localizavam próximos dos assentamentos, no entorno dos fragmentos florestais. Foi a partir daí a elaboração dos projetos voltados às populações locais, no sentido de conhecer e buscar alternativas de trabalho e renda, sensibilização para a questão ambiental, educação, agroecologia, dentre outros. Enfim, apesar do financiamento dos projetos e seus objetivos serem voltados para a conservação de aves e seu *habitat*, as ações precisavam ser também direcionadas para as pessoas daquele lugar.

A parceria com o ICMBio para a fiscalização da Unidade foi intensa e permanente ao longo desses dez anos e as capacitações foram constantes, com a participação desses diversos atores. Essa interação mudou a relação de controle do órgão federal estabelecida inicialmente com os moradores locais. Havia muita resistência e desconfiança na relação entre os diversos atores, como assentados, técnicos do IBAMA e do ICMBio, técnicos das ONGs locais, empresários do setor sucroalcooleiro, moradores, proprietários de terra e dos gestores de maneira geral (AMANE, 2005 a 2011).

> ...era inaceitável para o grupo todo que assentado tivesse sendo multado porque tem toda a conversa que era preciso que eles multassem na verdade eram os fazendeiros (...) eles tinham que multar as fazendas dos políticos daqui (...), vai multar a gente por ser pobre? Mas, a questão de ser pobre não quer dizer que pode infringir a lei e ele tinha infringido a lei (FP, 2016, p.206).

Uma estratégia adotada pela AMANE, nessa parceria com o ICMBio, foi sugerir ao gerente da ESEC Murici de realizar reuniões após as oficinas ou encontros de mobilização com os moradores, para fazer passar informações sobre o trabalho na gestão da Unidade. Estas reuniões e palestras tratavam sobre diversos temas, como: crimes ambientais, “tinha gente que não acreditava que criar passarinho fosse crime, aahhh... porque meu avô cria, porque meu pai criou, porque eu não posso criar?”, dúvidas sobre a retirada de madeira para uso doméstico ou de uma vara para construção foram esclarecidas pelo gerente. Outro tema tratado foi sobre a ESEC Murici, apresentando mapas e mostrando os limites da Unidade com as fazendas e os procedimentos legais conforme Código Florestal - Lei Federal nº 12.651/2012 (BRASIL,

2012) com as Áreas de Preservação Permanentes (APP) e as Reservas Legais dos Assentamentos (FP, 2016, p. 206).

Esses encontros colocaram frente a frente o órgão federal gestor da unidade com os moradores locais, "infratores", trazendo ambos para o mesmo lugar e mostrando que o interesse na conservação da biodiversidade deveria ser de todos. A conservação dos solos, a produção de água, enfim, os serviços ambientais da floresta estavam disponíveis também para aquelas comunidades, principalmente devido à sua proximidade com a floresta. O gerente deixava o telefone do ICMBIO, um celular dele e "as pessoas dos dois assentamentos começaram a telefonar e dizer, olha, está acontecendo isso, olha está acontecendo aquilo e fazer as denúncias, que era tudo o que ele precisava" (FP, 2016, p.206). A fala da liderança do Assentamento Dom Hélder esclarece essa parceria e a participação da AMANE, como articuladora dessa relação.

> ...eu tenho em mente isso, porque, não é fácil você pegar uma pessoa assustada e que tem medo, que só acha que as pessoas que preserva, vem prá..., porque hoje, o ICMBIO tem liberdade de sentar comigo, por quê? Porque existiu uma AMANE que nos convenceu do outro lado, do lado bom, não do lado ruim como a gente ouvia falar. Então, a gente teve essa parceria... (IR, 2016, p.179).

A fala do gerente do ICMBio ratifica o depoimento da agricultora, quando ressalta que a maior colheita na AMANE foi "mostrar um olhar diferente em relação ás populações do entorno" pois, na primeira impressão os assentados eram "pessoas que estavam agredindo a reserva, pessoas que tinham que ser multadas que tinham que ser afastadas", o trabalho na AMANE mostrou o contrário, as pessoas deveriam ser chamadas, sensibilizadas, "não são inimigos, são pessoas que a gente vai conviver com elas de uma maneira ou de outra e que a gente vai dar uma condição boa prá eles" (JF, 2016, p. 238). Hoje essa aprendizagem orienta o trabalho dele como gerente da REBIO de Pedra Talhada, localizada nos limites dos Estados de Pernambuco e Alagoas.

Outra estratégia adotada pela AMANE para estimular essa relação entre o órgão gestor federal e os moradores locais foi a sugestão de indicação desses assentados para o corpo de brigadistas, selecionado anualmente pelo ICMBio. Foi uma maneira de capacitar alguns assentados e comprometê-los na conservação da biodiversidade (NM, 2016, p.188). Segue o depoimento da atual gerente da ESEC Murici, sobre essa participação dos moradores locais:

> É bom porque eles conhecem a região, os vizinhos sabem que ele é brigadista, veste uniforme e ele também pode passar algo de onde ele vive, da família, da importância do trabalho que ele faz (NM, 2016, p. 189).

Foram identificados, no entanto, problemas decorrentes dessa estratégia, alguns contratados, no momento de lazer, também praticavam a caça e outros, conduziam caçadores, como brigadistas eles conheciam mais a região e sabiam onde encontrar o produto que buscavam (NM, 2016, p. 189).

4.3.2.2 *A produção de mudas, a agrofloresta e seus desdobramentos*

Considerada pelo Pacto Murici e pela AMANE como uma estratégia eficiente para envolver os fragmentos florestais das unidades de conservação, e/ou a sua zona de amortecimento, a agroecologia foi estratégia adotada para estabelecer conexões no Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste. A agroecologia pode ser caracterizada como uma prática sistêmica que integra princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à produção, promovendo a integridade dos recursos naturais e estimulando a inter-relação entre os seres humanos e o ambiente / agroecossistema[16] (ALTIERI, 2002). Para Goulart *et al* (2009), a agroecologia é um excelente aliado à conservação da biodiversidade por auxiliar na manutenção das áreas naturais remanescentes e substituir as paisagens degradadas, resultantes de monocultivos extensivos tradicionais. Uma alternativa, portanto para a manutenção de paisagens diante de um planejamento inclusivo da ocupação humana.

O diferencial do trabalho na AMANE com a agroecologia foi devido à sua articulação, diálogo com a conservação da biodiversidade, que, apesar de parecer uma grande integração, na realidade os grupos que atuam com conservação da biodiversidade e os que atuam com agroecologia, pouco dialogam, não trabalham de maneira integrada.

A mobilização das famílias agricultoras em Murici, AL, teve início após a criação da ESEC Murici, anos de 2003 e 2004, sob a coordenação da SNE, tendo o enfoque da agroecologia. Inicialmente, com o apoio do WWF Brasil, houve a tarefa de estabelecer cinco hortas e cinco sistemas agroflorestais, além do intercâmbio com 30 participantes, agricultores locais. Foram apenas quatro meses de atividades, cujas famílias iniciaram a implementação dos módulos agroflorestais e receberam assistência por dois meses (FP, 2016, p.214). A partir de 2005 a continuidade das ações na região ficaram sob a coordenação da AMANE, houve oficinas de

[16] Existem várias definições para a Agroecologia, podendo ser entendida como uma ciência, como um movimento, como uma abordagem ou como uma prática. Em sumo, pode ser entendida como uma abordagem que se fundamenta nas dinâmicas e ciclos da natureza, que os respeita, e por meio da valorização da diversidade, tenta imitá-los – não indo contra os mesmos, como acontece na agricultura convencional. (BACELAR *et al*., 2015)

capacitação para viveiristas e instalação de três viveiros de espécies nativas da Mata Atlântica. Grande parte da produção de mudas foi comprada pela Usina Serra Grande, localizada no município vizinho de São José da Laje, AL, tendo a AMANE como interveniente na comercialização. Nessa ocasião foi percebido que havia a expectativa de que a AMANE estabeleceria uma relação assistencialista, como era prática vigente em parcerias anteriores com órgãos de governo e outras ONGs. Os assentamentos estavam consolidando uma prática de receber apoio, ou até financiamento e não cumprir prazos ou metas, tornando-se assim inadimplentes perante órgãos financiadores (FB, 2016, p.214). Aos poucos, a partir das vivencias em campo e capacitações, ficou claro que a relação com a AMANE não tinha esse formato.

A AMANE mantinha uma casa alugada no Assentamento Che Guevara, onde realizava reuniões e hospedava a equipe durante as ações de mobilização e capacitação. A organização mantinha uma equipe multidisciplinar formada por técnico agrícola, socióloga, antropóloga, psicóloga, biólogos, agrônomo e arquitetas que se reunia periodicamente para discutir questões diversas sobre o andamento das ações e sua continuidade. O trabalho era mantido por projetos que se complementavam, de curto período de tempo e, em alguns momentos eram paralisados, devido à falta de financiamento. Inicialmente havia uma participação mais intensa das mulheres do assentamento, que vinham com suas crianças para discutir as questões da convivência com a natureza e as expectativas e desejos de melhorias na relação com a natureza, inserindo a questão de trabalho e renda. Uma oficina solicitada e que gerou bastante interesse das mulheres foi a produção de artesanato com sementes, chegando a gerar algum recurso para esse público, que, em sua maioria não conseguia renda, por se dedicar a afazeres domésticos, casa e crianças. Nessa ocasião, já havia também a mobilização de uma família no Assentamento, que se destacou na instalação da sementeira, do módulo agroflorestal e da produção de artesanato com sementes. Essa família foi fundamental na motivação das demais famílias do Assentamento Che Guevara.

Os homens então começaram a se envolver na produção de mudas e na agrofloresta, gerando um excedente de produção. A AMANE, nessa função, articulou com prefeitura local e apoiou a instalação de uma feira orgânica na praça principal de Murici, em frente à Prefeitura Municipal. Esse suporte foi dado apenas na primeira feira com dez bancos, em seguida eles assumiram os custos de um caminhão para transporte das mercadorias e as bancas de feira. “A gente só acompanhou essas duas feiras e aí já foi o final do projeto” (FB, 2016, p.214). A AMANE demorou quase um ano para retornar, devido à falta de projetos e recursos, foi uma surpresa encontrar, no retorno, a feira quase duplicada e em pleno funcionamento (FP, 2016).

A feira não só havia crescido como também outras feiras surgiram em municípios vizinhos e os agricultores começam também a participar de feira mensal dos sem terra, que já acontecia na Praça da UFAL, em Maceió. De modo a organizar melhor a produção e abrir possibilidade de incremento das vendas, surge a ideia da formalização de cooperativas de produtores da agricultura familiar, para tanto, a AMANE organizou capacitações e oficinas com os participantes da feira. Iniciativa que teve apoio do SEBRAE, por meio de projeto. O Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE - transfere recursos do governo federal para os Estados e municípios para aquisição de gêneros alimentícios destinados à merenda escolar e "até 30% dessa merenda escolar tem que ser comprada de cooperativas do município" (FP, 2016, p.225). Essa foi a grande motivação para a formalização das cooperativas que hoje somam três, em Murici (FP, 2016).

> As reuniões da Assembleia da Cooperativa a gente conseguia reunir 40 a 50 pessoas, e aí entre mulheres, jovens e adultos crianças, e tinha atividade pra todo mundo, (...) eles tiravam as dúvidas e depois eu visitava, ia no lote da propriedade, tirava dúvida de tudo, não só para agroecologia, dúvidas da criação de animais... (FP, 2016, p.210).

4.3.2.3 *Os Centros de Educação para a Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste*

Em 2009, o Pacto Murici, por meio da AMANE, decidiu instalar um Centro de Educação para a Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste, na cidade de Murici – CEC Murici - com o objetivo de atender a agenda de conservação e uso sustentável que a AMANE implementava desde 2005 na região. O local deveria assim abrigar vivências voltadas à educação ambiental, capacitação em práticas ecológicas, biblioteca temática, reuniões do conselho consultivo da ESEC Murici, oficinas e a consolidação das cooperativas na região (AMANE – 2005 a 2009). Meses antes a SAVE Brasil havia instalado um Centro de Educação em Lagoa dos Gatos, seguindo a mesma linha de atuação. A expectativa era de que, com a expansão das atividades os dois centros pudessem dialogar na implementação da rede de gestores e do Corredor de Biodiversidade. Havia grande interesse do público de maneira geral, em participar das reuniões, oficinas, debates, palestras: "...a gente nunca teve problema de de baixo público, de não conseguir pessoas, sempre tinha gente interessada nisso" (FP, 2016, p. 232).

> ... as pessoas se sentiam parte daquela casa e essa coisa da assembleia ordinária, que era uma reunião que acontecia todo mês, (...) era uma coisa que tava marcada, eles não deixavam de participar, eu vi uma vez eles ficarem na época de chuva, irem em condições muito ruins de transporte, estrada ruim (FP, 2016, p.210).

Esse sentimento de pertencimento e de inclusão foi sempre uma constante e um facilitador do trabalho de educação, fiscalização e planejamento:

> Pediram a casa para fazer duas festas de aniversário da feira. Isso prá mim foi importante porque iam dois assentamentos que, historicamente eles tinham divergências muito fortes antes da gente chegar eles tinham essas divergências, mas, mesmo assim naquele lugar eles conseguiam se unir e comemorar junto, estudar junto, aprender (FP, 2016. P.210).

Com a sobreposição de projetos na mesma área, muitas atividades ocorriam ao mesmo tempo e complementavam-se, a equipe técnica da AMANE, na época com quase vinte pessoas, em projetos diversos, que se revezava em ações periódicas, davam movimento e diversidade às ações (FP, 2016). Grupos locais eram atendidos semanalmente, cooperando, participando, como o Instituto Lagoa Viva, o Programa de Educação e Trabalho – PET, o coletivo jovem de Meio Ambiente – PROJOVEM. Há que se destacar ainda o estímulo que as ações desenvolvidas nos Centros promoveram em alguns indivíduos, como o estagiário, morador de Murici, que hoje é filósofo e lidera uma rede virtual temática, a faxineira, que participou de oficinas em São Paulo, pela Fundação Carlos Chagas, para contação de histórias, atuou como assistente da educadora em alguns projetos da AMANE, foi contratada pela Fundação SOS Mata Atlântica para acompanhar projeto de educação e hoje é estudante de graduação em Agroecologia, pelo Instituto Federal de Alagoas - IFAL (FP, 2016, p.213). Era visível o interesse das crianças nas ações dos centros: "Eu (...) via criança passar na rua, parar com o pai dizendo: é aqui ó... onde fala do bicho, da árvore, é aqui ó..." Os centros funcionavam também como base de apoio a pesquisas, sendo usado pela UFAL, ICMBio, UFPE e projeto RONDOM [17](FP, 2016, p.236).

Destaque dado às ações de educação foi a personagem da Comadre Fulozinha, interpretada pela bióloga e arte educadora Renata Pires, que contava histórias para crianças, estimulava a leitura e a proteção da floresta. A Comadre atuou também em eventos como o Viva a Mata, promovido pela SOS, em São Paulo e outros encontros promovidos pelo governo do Estado de Pernambuco, em unidades de conservação.

[17] Projeto desenvolvido pelo Ministério da Defesa, em parceria com governos estaduais, municipais e Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas, que contribui para a formação do jovem universitário como cidadão e para o desenvolvimento sustentável nas comunidades carentes. Fonte: http://www.projetorondon.defesa.gov.br/portal/

Fotografia 9 - Apresentação da Comadre Fulozinha, no Evento Viva a Mata, SP. Fotógrafo Paulo Melo Junior.
Fonte: Acervo da AMANE

O CEC Murici funcionou de 2009 a 2011, quando uma grande enchente ocorrida na região, quase o destruiu completamente, voltando a funcionar, restaurado, em 2012 e ficando em funcionamento até 2014, quando também o CEC – Urubu fechou as portas.

4.3.2.4 *As aprendizagens do trabalho em rede*

As aprendizagens foram colhidas nas falas dos entrevistados quando perguntados sobre as oportunidades do trabalho conduzido pela AMANE. Falando sobre a entrevista compreensiva, Kaufmann, 2013 (p. 99), explica: “Aquele que fala não se limita a dar informações”. O trabalho que se constrói é sobre a unidade identitária, apresentada ao entrevistador, de maneira experimental.

Uma das entrevistas aconteceu durante uma caminhada na propriedade da agricultora e liderança do Assentamento Dom Hélder, foi importante esse formato para perceber a memória do trabalho realizado presente no lugar, no campo, na propriedade, no assentamento. Para Yi-Fu-Tuan, 1983, os lugares possuem atributos de valor e significado construídos a partir de vivências no espaço, antes indiferenciado e desprovido de significação. Ao longo do tempo, os lugares adquirem identidade e se transformam em referências para as pessoas. Estas referências são constituídas por pensamentos e emoções que criam elos entre as pessoas e os lugares, contribuem para a formação da história de uma época. Sendo mais que espaço físico,

o lugar é o suporte através do qual se realizam as funções sociais e que lhe dá significado, construindo assim a sua identidade.

A **memória do lugar** está associada à participação da equipe no campo, o nome da equipe técnica é pronunciado na descrição das propriedades, nas culturas existentes, nos plantios, inclusive dá nome às árvores plantadas nos lotes (IR, 2016, p. 3). Nessa entrevista a agricultora indicava a localidade, sua prática, sua aprendizagem e associava o trabalho ao técnico que a orientou. A equipe da AMANE está impressa nos Assentamentos trabalhados, são marcos da memória que asseguram a intervenção e a constatação dos resultados obtidos, como a abundância de água em época de seca, a produção agrícola, a participação crescente da comunidade nas feiras, a manutenção da reserva legal do Assentamento, o diálogo com instituições fiscalizadoras e a gestão dos conflitos.

> a AMANE trouxe pessoas que amavam o que fazia e que as plantas foram plantadas e todas tem nome, sabe? A primeira sucupira que eu trouxe lá da AMANE, eu plantei, botei o nome seu, as primeiras mudas eu vou botando o nome de cada uma. Elas cresceram, estão vivas, então, eu acho que a AMANE nunca vai morrer porque aquela sucupira vai dar frutos e vai plantar outras plantas... outras sucupiras (IR, 2016, p.182).

"...nós estamos roçando as laranjeira, mas, ali embaixo eu e Fábio plantamos, temos cacau, temos... fizemos assim... uma misturada, né? ele dizia: aqui é sua agrofloresta" (IR, 2016, p.176). Essa afirmativa nomeia a iniciativa nova, aquela que não foi percebida, portanto, promove o poder de incluir a agricultora enquanto grupo de agricultores da agrofloresta, com um poder e força mais abrangente (BOURDIEU, 2004).

> Aí Helena quando veio me deu uma dica: naquela abertura ali, plantar capim e banana alta, tá vendo? Porque quando a água vier correndo dá uma paradinha. Aí a gente vai ver se vai plantar em curva de nível porque todas as vezes que chover, ela não leva o solo, a chuva não vai levar o solo. Ali é outro lugar onde ficam as cabras, embaixo é... quando Fábio vir vai ficar feliz. Eu fiz o açude, como planejava, sabe? (IR, 2016, p.176)

O gerente da ESEC Murici, do **ICMBio**, na época, dá testemunho da importância dos trabalhos realizados para o reconhecimento da Unidade, sejam seus limites físicos, seja a legislação, mas, também para "chamar a atenção" para a riqueza da floresta, não somente para os moradores locais, mas, também para os pesquisadores, o setor acadêmico, e a população de forma geral (JF, 2016, p. 240). A atual gestora da unidade ressalta também a importância da troca de experiências, da confiança junto à comunidade (NM, 2016, p.186).

"Olha... a AMANE iluminou, sabe? ela iluminou porque me ajudou a realizar muitos sonhos" (IR, 2016, p.179). A agricultora dá um testemunho das mudanças na prática com a agricultura e o meio ambiente no Assentamento Dom Hélder, em Murici, e ressalta a consciência em não

usar agrotóxico nem adubos químicos, e que, apesar da ausência da AMANE, a prática foi internalizada e garante a seriedade e compromisso em denominar as feiras de “ecológicas”. (IR, 2016, p.178).

A cooperação pode ser compreendida como uma troca em que as partes se beneficiam, com ganhos pessoais, institucionais e de resultados palpáveis. Nessa troca há que se ter habilidade, na escuta com atenção, no tato do agir, na busca de convergências, na gestão da discordância ou evitando a frustração em uma discussão difícil. Todas são atividades que Sennett, denomina “habilidades dialógicas” (SENNETT, 2013). Cunhada pelo crítico literário russo Mikhail Bakhtin, a dialógica se refere a uma discussão que não resulta na identificação de um terreno comum. Mesmo sem se chegar a esse acordo, as pessoas podem ampliar a compreensão recíproca e ter mais consciência dos seus próprios saberes (SENNETT, 2013).

> A dialógica é característica fundamental do pensamento complexo, ou seja, de um pensamento capaz de unir conceitos que tradicionalmente se opõem, considerados racionalmente antagônicos, e que até então se encontravam em compartimentos fechados (VASCONCELLOS, 2002, p. 114).

A conversação dialógica evolui pela empatia, a curiosidade e a aprendizagem sobre os outros, dando-lhes atenção, sem a obrigação de ser como eles e chegar a uma mesma conclusão (SENNETT, 2013). “A AMANE pelo tempo que ela passou é como se ela fosse uma casa, cuidava das pessoas, cuidava assim da limpeza, do fazer com a natureza. Eu tento cuidar, mas, eu não sei passar esse cuidado” (JO, 2016, p.191).

O equilíbrio entre a cooperação mútua e a competição deve ser encontrado na prática da conversação, coalizões, práticas comunitárias ou oficinas de trabalho (SENNETT, 2013).

> A AMANE ensinou a gente a sentar prá conversar, a gente não sabia. Era cada um por si e Deus por nós todos. Mas, Deus só pode ser por nós todos se nós sentarmos e dissermos o que nós queremos, tivermos juntos, ajudou a gente preservar a mata, a gente não desmatava tanto mas a gente usava muita madeira (...) (IR, 2016, p.178).

A orientação dada era para podar as árvores do lote, principalmente as espécies exóticas invasoras como jaqueiras, mangueiras, sabiá.

> ficaria mais baixo prá gente colher o fruto e teria madeira, (...), hoje você não vê carroçadas de lenha como antes, isso é muito bom, (...), que o pessoal não vai prá mata caçar. A gente tem o que comer, a gente não precisa disso, né? (IR, 2016, p.178).

O depoimento da agricultora e liderança do Assentamento Dom Hélder, exemplifica suas palavras tratando sobre a relação construída com o ICMBio e outros órgãos governamentais, que hoje mantém fácil diálogo e há mais confiança na conversação e negociação sobre eventuais infrações ou solicitações de melhorias para a localidade. A gestora também ressalta

como saldo desse empoderamento a autonomia das mulheres nas ações estratégicas de mobilização no Assentamento (IR, 2016, p.181,182).

Os trabalhos de mobilização, capacitação, principalmente aqueles desenvolvidos nos centros de educação imprimiram um censo de responsabilidade da população moradora do entorno das florestas diante da sua biodiversidade: "Quem mora na zona rural, assentado, acampado, somos nós que protegemos e isso nos dá uma grande responsabilidade, certo?". Observa-se ainda a percepção acerca dos serviços ambientais das florestas "… despertou em nós aquele senso, se eu desmato, vou ficar sem água, sem água ninguém vive e sem ar? então, eu preciso da mata, né? isso criou um bom senso" (IR, 2016, p.182).

Na expectativa de parada das atividades da AMANE, a liderança do Assentamento Dom Hélder entrou em contato com algumas instituições buscando desenvolver projetos semelhantes de maneira a encontrar soluções em conjunto. Os contatos foram com órgãos governamentais como o Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas - EMATER, SEBRAE, IFAL e Prefeitura. Algumas iniciativas já estão em implementação no Assentamento com o IFAL, na produção de adubo orgânico (IR, 2016).

Para o antropólogo, professor da UFAL, que coordenou o Censo Demográfico do Complexo Florestal de Murici, em 2004, com o apoio da SNE, uma semente de consciência ambiental, por menor que seja pode alterar "o *modus operandi* de qualquer comunidade, ela se perpetua, mesmo que não tenha uma escala que altere a realidade (...) ela não morre". Havendo sempre a possibilidade de ressurgimento das ações por outros agentes que intervenham com o que foi plantado, consolidado. Esses resultados podem vir em curto, médio ou longo prazo, embora não seja fácil mensurar, hoje já se pode observar o manejo sustentável em alguns setores das atividades agrícolas e do extrativismo (BC, 2016).

Para esse professor, citado acima, o desenvolvimento do trabalho no Censo Demográfico do Complexo Florestal de Murici, com a SNE, em 2004, e posteriormente no acompanhamento das ações de mobilização das comunidades, com a AMANE, deixou um saldo positivo bem acima do esperado. O trabalho resultou em um artigo científico para a Revista Horizontes Antropológicos, denominado Desejos de Cidade (CAVALCANTI e BARROS, 2007), sobre imaginários urbanos, coexistindo com essas populações assentadas, que tinham origem urbana. Posteriormente uma resenha sobre o mesmo artigo foi publicada em uma importante revista antropológica norte americana (CAVALCANTI e BARROS, 2006; PINHO, 2007).

Ressalta que, em termos metodológicos o estudo impulsionou os pesquisadores para outras pesquisas em temas diversos, mas, "que teve a mesma perspectiva de um engajamento, de um envolvimento com as comunidades", citando que, no trabalho desenvolvido com a AMANE na região, houve uma interação com a população assentada, um envolvimento posterior. "Foi uma pesquisa que me chamou muito a atenção para esse compromisso, para a ideia de você fazer pesquisas que elas não só satisfaçam suas curiosidades conceituais, teóricas, mas, pesquisas que tenham impacto na vida das pessoas" (BC, 2016, p.266).

> Então, isso foi prá mim o grande saldo desse trabalho com a AMANE, foi perceber que a gente pode unir, o trabalho produtivo da ciência com uma participação social da pessoa, do pesquisador, como um cidadão igual aquele que ele estuda (BC, 2016, p.266).

Algumas falas tratam da aprendizagem no nível do desenvolvimento pessoal do interlocutor a partir do trabalho na rede, suas relações e suas capacitações, como "conhecer essas pessoas me ajudou a formar quem eu sou hoje, pessoalmente" (BP, 2016, p.349). Em muitos casos, as realidades vivenciadas, sejam no contexto do indivíduo, sejam no contexto de grupo, são oportunidades que essas pessoas não teriam como conviver de maneira tão próxima, por exemplo, jovens de classe média fazendo o almoço para as comunidades e lavando a louça junto com um agricultor que não sabe ler e escrever, ou cultivar a terra junto e trocar saberes dessa prática (BP, 2017, p.349). Nesse sentido o filósofo e professor da UFPE, participante da equipe da AMANE comenta que a organização propiciou um "baita espaço de aprendizado (...) com o ambiente de trabalho, com os projetos em si (...) ao lidar com a equipe, com as comunidades (...) essas são as oportunidades fundamentais..." (MP, 2016, p.312).

> A oportunidade de ter trabalhado com essas pessoas, seja com os beneficiários dos projetos que são amigos hoje, todos os agricultores eu tenho certeza que qualquer um, a casa que eu chegar, tenho amigos, aprendi muito com eles, você não só vai lá ensinar, a gente aprende muito, como com a equipe também, com essa equipe multidisciplinar (FP, 2016, p.221).

Para aqueles que vivem nas áreas rurais, os encontros presenciais têm um valor ainda maior do que para os moradores das cidades, assim, as capacitações e os encontros da rede são destacados nas falas: "porque não é em todo canto que a gente se conhece, gente que a gente conhecia de vista e, de outros estados, (...) a gente uniu todo mundo, uniu as forças, fazendo essa rede de gestão..." (ZZ, 2016, p. 281).

Um jovem cientista ambiental da equipe técnica da AMANE comenta que a principal colheita foi a visão do ser interior, da capacidade de se auto-observar, de ver o aprendizado de dentro prá fora, vivenciando as questões profissionais ao mesmo tempo, refletir com o grupo as relações e os conflitos. "Essa colheita de olhar prá dentro de si e olhar pro outro, (...) foi o

principal legado que a AMANE deixou prá mim além da pessoa, do profissional" (BP, 2017, p.343).

Para o filosofa e educadora, da equipe da AMANE, o trabalho na organização ensinou coisas que já sabia na teoria, mas, não sabia na prática, como a lidar com a alteridade:

> eu pensava que a alteridade era que não sou eu, mas, não, porque quando eu encontro alguém que não sou eu mas, que eu tenho afinidade, isso é uma identidade, alteridade é aquele que me desafia (...), porque... eu simplesmente deixava no vácuo, a gente não precisa perturbar o outro mas, vai embora. E eu aprendi na AMANE a não ir embora, a ficar ali. Isso foi um aprendizado e é incrível como esse aprendizado eu estou usando nesse meu outro trabalho (CC, 2016, p.292).

Para gestores do setor público estadual, a mudança de atitude com relação à gestão de Unidades de Conservação foi uma aprendizagem significativa, pois, promove uma mudança nas intervenções, nas práticas e nos investimentos. A fala da gerente da APA de Murici, em Alagoas, demonstra essa compreensão, essa responsabilidade:

> ...prá mim ficou uma inquietação porque, quando você tem uma informação, você tem um saber, você tem mais uma responsabilidade né? Você não tem como você dizer: ahhh, eu não sabia disso, está ali, tudo foi passado tudo transmitido prá gente, então, você tem uma responsabilidade com o meio ambiente, com as pessoas, não era só uma interação ambiental, gerou também um lado social também, de ver o parceiro (LN, 2016, p.258).

Para outro gestor do órgão ambiental de Alagoas, o destaque é dado à comunicação com as pessoas e com os saberes, ele critica a compreensão de que o órgão ambiental é visto muitas vezes apenas para fiscalizar, licenciar e aplicar regras, aplicar a lei e que, a gestão de unidades de conservação implica em muitos outros itens. Para isso as capacitações deixaram muitas lições sobre o valor dos saberes de cada um, desde a comunidade tradicional até o doutor que atua na área. Perceber esses conhecimentos, suas articulações e suas práticas em uma gestão participativa foi uma aprendizagem que muda a estratégia na gestão das unidades (AN, 2016).

4.4 Principais dificuldades

As dificuldades foram colhidas nas falas dos entrevistados no que concerne ao trabalho conduzido pela AMANE, item III da entrevista.

"A AMANE sempre teve uma proposta muito arrojada de intervenção e tinha um limite de atuação..." (BC, 2016, p. 263). Para o antropólogo, professor da UFAL, essa limitação se deve ao seu foco de atuação na sustentabilidade e, portanto, na necessidade de partilhar suas ações com agentes locais, regionais, nacionais e até internacionais, não conseguindo executar todas as etapas do trabalho. O INCRA, por exemplo, não abraçava essa ideia de sustentabilidade,

que, no entanto, era um grande potencial de geração de renda e pouco usual nas políticas agrárias de assentamento. Esses agentes locais que geram políticas de assentamentos parecem insensíveis a uma proposta como a que a organização trazia: um bioma ameaçado, sensível como a Mata Atlântica, mas, com uma grande capacidade de estabelecer modelos para o Brasil (BC, 2016).

> a ideia de que você podia, a partir do manejo sustentável de um pedaço de floresta, (...) ter populações que garantissem aquele modo de vida em equilíbrio com aquelas áreas de reserva, você poderia chegar, por exemplo, a assentamentos diferenciados que servissem de modelo para outras regiões do Brasil que são sensíveis também, sobretudo na costa atlântica brasileira (BC, 2016, p.264).

Nesse sentido a professora e filósofa, membro da equipe da AMANE, considera que a ONG enfrentou um grande desafio no seu trabalho, pela falta de uma conjuntura de colaboração: "Uma ONG que atua com direitos fundamentais como o meio ambiente, com empoderamento social, ela enfrenta muitos desafios, porque o ecofator não é positivo lá fora, né?" (CC, 2016, p.291).

As maiores dificuldades objetivadas pelos gestores foram cinco: 1. A falta de recursos de maneira geral para a gestão de projetos e custeio da organização (FP, 2016; IR, 2016; BC, 2016; VS, 2016; RR, 2016; CFL, 2016); 2. A descontinuidade das ações da organização (FP, 2016; AN, 2016); 3. A falta de parceiros permanentes (IR, 2016; BC, 2016); 4. A dificuldade de parceria com órgãos de governo estadual, federal; prefeituras municipais e setor privado (FP, 2016; BC, 2016; BC, 2016) e 5. A insegurança na estratégia de captação de recursos em aplicação de projetos em editais (BP, 2017; MP, 2016; BP, 2017; RR, 2016).

Sobre a falta de recursos financeiros, a questão destacada pela grande maioria dos gestores consultados, é uma situação recorrente nas ONGs, a sobrevivência, o seu custeio, que não é previsto na grande maioria das fontes financiadoras, principalmente, às governamentais, onde o aporte de recurso pode ser maior (no caso da AMANE foi assim). Apesar de ser uma Organização Social de Interesse Público – OSCIP, os encargos não são aliviados para essas organizações que estão sujeitas a Auditorias regulares do Ministério Público, Controladoria Geral da União – CGU e outros financiadores, dependendo da fonte do recurso recebido. O nível de burocracia exigido para esses financiamentos ocupavam muito tempo em ações de controle e gestão, o que significava recursos humanos e financeiros gastos. A manutenção da equipe técnica capacitada pela organização também foi difícil considerando os baixos salários e a grande disponibilidade de tempo, inclusive para viagens por longos períodos. O que

manteve essa equipe por alguns períodos mais longos foi, principalmente, a motivação pela missão da organização e a grande potencialidade em capacitação.

Apesar de que, nesse período em que a AMANE esteve ativa, houve oportunidades significativas de captação de recursos por meio de editais públicos e privados, interesse do setor empresarial em se articular com organizações idôneas e assim, melhorar sua imagem pública. A organização teve que ajustar seu programa inicial, o PICUS, às oportunidades de recursos que surgiam. Apesar de ser um programa amplo, a seleção das ações se deu a partir da demanda dos editais e suas fontes financiadoras, de maneira geral. Nesse sentido, é importante ainda destacar as redes nacionais como a RBMA, a RMA e o Pacto pela restauração da Mata Atlântica, que atuavam em nível nacional e internacional, contribuindo para alavancagem de recursos em temas pertinentes ao projeto do Pacto Murici. Considerando também que, grande parte das ONGs que atuavam nessas redes também atuavam no Pacto, inclusive a própria AMANE, que participava de todas essas redes de articulação.

Considerando a forte parceria da AMANE com o ICMBio, para o gerente da ESEC e equipe da AMANE, a grande dificuldade foi a descontinuidade das ações da organização na região do Complexo Florestal de Murici (JF, 2016; FP, 2016).

> Quando a gente voltava tinha um tempo para se restabelecer a confiança das pessoas, se reiniciar processos, principalmente na agricultura porque eles não param de fazer agricultura, mas, no processo que a gente tava da transição para a agroecologia né? (...) a resistência a agroecologia ainda era muito grande... (FP, 2016, p.221).

Para o cientista ambiental, gestor, da equipe técnica da AMANE, a estratégia adotada pela organização na captação de recursos, aplicando projetos em editais públicos, não foi o melhor caminho, considerando que era necessário um esforço e gasto de energia e recursos materiais muito grandes para todas as fases, desde a elaboração de projetos até a sua implementação, em formatos extremamente burocráticos, com auditorias externas ou internas e atrasos na liberação dos recursos financeiros (BP, 2017, p.340).

O sentimento de perda da equipe da AMANE é sintetizado pela fala do jovem cientista ambiental, na frustração do sonho e da perspectiva de ver mudanças contínuas e progressivas tanto na conservação da biodiversidade quanto na repartição dos seus benefícios:

> ... a maior dificuldade que eu acho é a questão de você acreditar muito num projeto, de você saber que aquele projeto pode contribuir de fato para aquela missão que está se propondo e da missão geral da instituição mas, que ele não tem, um aporte, um apoio financeiro no sentido de sustentação financeira da instituição (RR, 2016, p.331).

O antropólogo e professor da UFAL destaca que houve uma coincidência da AMANE ter iniciado seus trabalhos em um período de crise da indústria sucroalcooleira na região, com o fechamento de usinas, o que poderia ter sido uma motivação para uma ocupação inteligente voltada para uma mudança no padrão de ocupação e desenvolvimento (BC, 206, p. 264).

> Isso foi uma pena porque é o Corredorda Mata Atlântica, da ESEC Murici, tem um entorno de área de cana de açúcar que é explorada há quase 500 anos, o milagre da gente ter esses pequenos nichos de floresta deveria ser levada a sério, (...) como uma possibilidade de reorganizar o uso desse território (BC, 206, p.264).

Quando perguntado em que a AMANE deveria ter investido mais, o presidente do CNRBMA destaca a necessidade de criar novas ONGs, filhotes que poderiam ter sido herdeiros desse esforço. Nesse sentido, a AMANE desenvolveu um projeto denominado Capacitando lideranças para a conservação da Mata Atlântica do nordeste, com apoio do Funbio, entre 2012 e 2015, cujo esforço realizou 10 cursos de capacitação em cada um dos complexos florestais de Murici e Urubu, um seminário integrador e publicou dois editais para que essas organizações embrionárias aplicassem propostas. Apesar da sua plena realização, foi um esforço que exigia continuidade, considerando a fragilidade da cultura de organizações dessas lideranças e suas estruturas deficitárias.

5 O PLANO DE AÇÃO PARA O CBMANE – COMPONENTES E PARCERIAS PARA UM NOVO TEMPO.

Para o desenho do Plano de Ação, foi solicitada dos entrevistados uma visão de futuro, depois das falas sobre o que houve e o que há, foi sugerido criar agora um novo Plano, pensando em mais uma década de trabalho. Considerando toda a aprendizagem adquirida, experiências, a relação de confiança e a consciência das dificuldades e oportunidades, as falas foram sendo tecidas em uma malha que abrigasse esses sonhos e visões. Foi elaborada uma planilha contendo os componentes e os parceiros indicados por cada um dos entrevistados, em seguida, todas as falas foram revistas e destacadas aquelas que estavam associadas e construíam um formato de Plano.

Embora não tenha sido solicitado aos entrevistados um enfoque nas estratégias do Plano, algumas falas foram direcionadas a essa habilidade, astúcia para um planejamento focado nos seus resultados mais amplos.

Nesse sentido, o presidente do Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica - CNRBMA, membro do Pacto Murici e do conselho da AMANE, que acompanhou o percurso da organização desde a sua criação, contribuindo, portanto, com a sua missão e execução, faz importantes reflexões, apresentadas a seguir. Para ele antes de pensar no plano é preciso rever as estratégias e parcerias “com quem nós podemos contar?” (CFL, 2016, p.309) e como nós podemos contar? Portanto, é necessário também refazer alianças iniciais, tendo uma visão política mais geral e de síntese (CFL, 2016).

Apesar de haver diagnósticos fragmentados, é importante destacar o que deu certo e o que não deu. Que práticas foram efetivadas e onde realmente funcionaram na realidade do nordeste, considerando sua extensão e grande diversidade de paisagens, situações, atores, oportunidades e dificuldades. Esse é o conhecimento de base que deve orientar as estratégias e direcionar o plano. Considerando ainda que hoje o Brasil passa por um momento de crise política, moral, ética e econômica, algumas estratégias que poderiam funcionar em outros momentos, hoje pode não conseguir bons resultados, exigindo assim um esforço e gasto de energia bem maior. Apesar disso, há os órgãos governamentais de meio ambiente, que possuem recursos humanos e materiais e têm a tarefa institucional de implementar a política de meio ambiente, portanto, de implementar as unidades de conservação, sendo atores fundamentais no plano (CFL, 2016).

Uma estratégia adotada em décadas anterior voltada à captação de recursos em grandes projetos com o apoio financeiro do Global Environmental Fund - GEF, Banco Mundial, dentre outros, ainda existe, mas, é cada vez mais difícil, considerando que o Brasil não é mais considerado um país subdesenvolvido e os problemas associados à corrupção e má gestão de recursos públicos não facilitam a disponibilização de recursos. Destaca ainda que fontes externas não apenas alocam recursos externos como também garantem a aplicação dos recursos internos para o meio ambiente, devido à exigência das contrapartidas do investimento público (CFL, 2016).

Outra estratégia citada pelo gestor trata da importância da articulação com o poder municipal, pois aqui no nordeste as unidades são muito pequenas, há muita fragmentação, daí a importância do trabalho no nível local de gestão pública, onde os municípios podem ser grandes aliados (CFL, 2016). Essa foi uma questão pouco trabalhada pela AMANE e por outras organizações no Brasil. Hoje, há uma iniciativa que vem tomando vulto, que são os planos municipais de Mata Atlântica, criado pela Lei da Mata Atlântica (BRASIL, 2006), cujo financiamento também é previsto neste instrumento legal, mas, que não foi implementado. Apesar do aumento do número de planos municipais elaborados, poucos conseguiram ser realizados de fato (EB, 2016).

Outro setor onde, apesar de tentativas do Pacto Murici, não houve resultados expressivos, foi o trabalho com os grandes proprietários de terras, principalmente com o setor sucroalcooleiro. A articulação com este setor é relevante, principalmente para conexão de grandes fragmentos em Corredores ecológicos. Há que se ter também uma estratégia de trabalho conjunto com os sindicatos de usinas e de fornecedores de cana, no sentido de regularização dos seus passivos ambientais, adequação ao Código Florestal, que significa a criação de Reservas Privadas, implementação de Áreas de Preservação Permanente (APP) e de Reserva Legal (RL). Essas estratégias precisam ser revistas, o diálogo com o setor privado deve ser retomado, considerando a situação hoje de legalização da produção, as principais dificuldades do setor e as alternativas que sejam viáveis também para a conservação da biodiversidade (CFL, 2016).

O apoio à criação e implementação de Reservas Privadas, estratégia que foi adotada pelo Pacto e pela AMANE, obtendo bons resultados com o aumento do número de RPPNs, elaboração de Planos de Manejo e inserção dos proprietários em ações estratégicas na região, precisa também ser avaliada hoje: “qual o gancho que nós temos hoje prá criar RPPNs?”, uma

alternativa seria fortalecer as políticas de Pagamento por Serviços Ambientais, tendo como uma opção o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços - ICMS (CFL, 2016).

Para a Área Focal Murici Urubu, no Complexo Florestal de Murici - CFM, a estratégia foi voltada a articulação com o poder público, na implementação da ESEC Murici, no nível federal e da APA de Murici, no nível estadual. No Complexo Florestal da Serra do Urubu a estratégia foi direcionada para a implementação de Reservas Privadas, tendo como núcleo central a RPPN Pedra D´Anta, propriedade da SAVE Brasil e a RPPN Frei Caneca, de propriedade da Usina Colônia, já desativada. As duas Reservas somam cerca de mil hectares, dimensão significativa de floresta protegida, para o nordeste. No Estado de Pernambuco há a lei que regulamenta o ICMS, portanto, o recurso advindo desse imposto para as prefeituras de Jaqueira (RPPN Frei Caneca) e Lagoa dos Gatos (RPPN Pedra D´Anta) é significativo. A opinião da gestora municipal, secretária de meio ambiente de Lagoa dos Gatos, corrobora com a importância de articulação com o poder público municipal no sentido de implementar ações de fortalecimento dessas reservas.

> Já que o município está se beneficiando (...) está recebendo o ICMS socioambiental, (...), aquela verba vem prá você ampliar aquele trabalho que você está fazendo, prá se investir dentro da área de uma educação ambiental, uma conscientização, uma ampliação desse projeto e (...), é uma forma que, melhoraria muito a ação da AMANE (ES, 2016, p.275).

Associando assim a articulação com o poder municipal, criação de reservas privadas e pagamento por serviços ambientais, “estou falando em trabalhar numa escala que é um pouco mais pulverizada e baseada em estímulo”, o que dá muito trabalho e gasto de recursos em mobilização, “Precisa ter quem banque isso” (CFL, 2016, p.309). O custo é alto e o resultado, em termos de áreas protegidas, é pequeno, mas, em termos de proteção de espécies endêmicas e ameaçadas de extinção, pode não ser, assim como, se avaliar ainda o potencial de replicagem dessas pequenas iniciativas.

Outro destaque dado pelo gestor é a atenção ao uso sustentável da Mata Atlântica, “Quais são os usos?”, para tanto há que se buscarem parcerias com movimentos sociais, organizações fortes na região que atuam na agroecologia, procurando encontrar pontos em comum (CFL, 2017, p.309).

O filósofo, professor da UFPE e membro da equipe técnica da AMANE, argumenta sobre a importância do aspecto pedagógico no plano: “como eu vou na direção das necessidades das pessoas?”. Esse aspecto pode esclarecer algumas formas de conduta que sejam sustentáveis e,

que, ao mesmo tempo, possa propiciar resultados individuais mais efetivos a curto, médio e longo prazo, atuando sempre de maneira participativa (MP, 2016, p.324).

Um aspecto novo e significativo levantado pelo cientista ambiental e membro da equipe técnica da AMANE trata do destaque a ser dado às minorias, como a questão do feminismo, o papel das mulheres na conservação, "entender um pouco (...) como é essas relações, trazer um pouco essas questões que são (...) mais atuais..." (RR, 2017, p. 337).

Outro aspecto inovador foi sugerido pelo antropólogo, professor da UFAL:

> eu acho que hoje a gente poderia fazer um **marketing territorial** ligado por exemplo, a madeira preciosa, (...) não se trabalha muito essa ideia como os europeus fazem. Enaltecer a madeira, como fazemos com as espécies animais, não é? a gente fala muito dos bichos em extinção e fala menos das madeiras, em desaparecimento, eu acho que deveria trabalhar junto tanto as espécies vegetais como animais. Fazer uma espécie de marketing de valorização de todas essas madeiras... (BC, 2016, p.271)

Envolvendo as várias abordagens, em síntese, a principal estratégia sugerida pelo presidente do CNRBMA é a mobilização de redes, envolvendo setores governamentais nos seus diversos níveis, na busca de implementar a célula primeira do Corredor de Biodiversidade, que é a Unidades de Conservação. "Esta base é que eu acho que vai compor os nódulos do Corredor, realmente" (CFL, 2016, p.309).

Para o professor da UFPE, na época membro do Pacto Murici, representando o CEPAN, a estratégia, a missão e os parceiros adotados pelo projeto inicial da AMANE, o PICUS - estão corretos, e hoje, essa tarefa se torna ainda mais importante, devido às mudanças climáticas e a vulnerabilidade ambiental e econômica da região. O Pacto Murici e o seu programa continuam extremamente atuais e relevantes (MT, 2016).

> O pacto não caducou, não é? Na sua missão, no seu sentido de urgência, na sua perspectiva de uma necessidade real. O Pacto precisa de continuidade seguindo aquilo que se propôs, reorganizando forças, rearticulando atores, mas, ele não precisa ser reinventado, o que ele precisa ser é reativado (MT, 2016, p.328).

Seguindo assim as orientações do professor, acima citado, buscou-se o PICUS, como inspiração, avaliando as ações que foram efetivadas e aquelas onde novos esforços teriam que ser alavancados. O PICUS desenhou um Plano Estratégico para a Conservação e o Uso Sustentável da Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste, tendo um prazo de dez anos e uma perspectiva de aporte financeiro na ordem de R$ 19.561.198,00, tendo como valor a ser desembolsado para formação de um Fundo Financeiro comum: R$ 2.100.000,00 a ser desembolsado pelo Funbio; R$ 2.100.000,00 pelo consórcio formado pelas organizações do Pacto Murici e R$ 15.361.198,00, definido como recurso de execução direta, ou seja, aporte

do consórcio e demais parceiros a serem investidos diretamente nas ações. Como já foi dito, o Funbio não levou adiante a iniciativa do PICUS e o consórcio que deu origem ao Pacto Murici e que criou a AMANE assumiu sua gestão (AMANE, 2006a).

O recurso que a AMANE conseguiu captar em dez anos para a execução das ações previstas no PICUS (e outras) foi à ordem de R$ 6.500.000,00, sem o aporte desse programa proposto pelo Funbio, e que foram obtidos por meio de aplicação de projetos em editais abertos ou projetos financiados diretamente pelas organizações do Pacto. Sendo dispostos na seguinte proporção: aplicação em editais abertos do governo federal (22,5%); do governo estadual de Pernambuco (9,11%); do terceiro setor (17,61%); de empresas (12,81%) e projetos financiados pelas organizações do Pacto Murici (37,97%) (AMANE, 2013).

Objetivo Geral do Plano de Ação: Planejar e implementar um conjunto de medidas articuladas, em escala local e regional, em uma Área Focal denominada Murici – Urubu, do CBMANE, incluindo os Estados de Pernambuco e Alagoas, a fim de reduzir drasticamente a probabilidade de extinção de espécies que ocorrem na Mata Atlântica do nordeste e proporcionar melhoria da qualidade de vida da população moradora da região, por meio de modelos de desenvolvimento sustentável (MP, 2016; MT, 2016; AMANE, 2006).

Os **Objetivos Específicos do Plano** são descritos abaixo.

(1) Ampliar a rede de Unidades de Conservação públicas e privadas na região e implementar as já existentes;

(2) Planejar, recuperar (quando for o caso) e implementar Corredores florestais entre as áreas chave, proporcionando maior conectividade na paisagem;

(3) Promover instrumentos, incentivos econômicos e melhores práticas de uso da terra, envolvendo a iniciativa privada e comunidades, especialmente no entorno de Unidades de Conservação;

(4) Gerar os conhecimentos científicos e técnicos necessários à execução de todas as etapas anteriores;

(5) Promover a articulação política e fortalecimento institucional para planejamento e implementação do Núcleo de Ação;

(6) Capacitar públicos chave em planejamento e gestão ambiental;

(7) Disseminar os resultados do Programa e sensibilizar públicos chave;

(8) Promover a melhoria da qualidade de vida das populações moradoras da Área Focal Murici - Urubu por meio de práticas ecológicas no manejo dos recursos naturais;

(9) Promover o empoderamento das populações locais do território do projeto reforçando as ações coletivas positivas de integração homem-natureza.

O Plano será desenvolvido em quatro componentes: 1. Mobilização e gestão em Redes, que envolverá alguns subcomponentes como Políticas Públicas, Educação, Comunicação, Planejamento, Monitoramento e Avaliação do Plano; 2. Conservação da Biodiversidade; 3. Desenvolvimento Sustentável e 4. Gestão Administrativa e Financeira.

Componente 1. Mobilização e gestão em redes - Este componente tem o objetivo de gerir o projeto, com ênfase na participação e mobilização das redes, usando as técnicas virtuais e realizando encontros presenciais na articulação de redes de redes (RR, 2017, p.337). Dessa maneira, este Plano pretende ampliar a participação de atores no desenvolvimento dos subcomponentes: Políticas Públicas, Gestão da Informação, Comunicação, Capacitação, Planejamento, Monitoramento e Avaliação do Plano, sendo a comunicação interna e externa ferramenta fundamental (LN, 2016; RR, 2017; FP, 2016). Esses subcomponentes devem seguir transversalmente nos demais componentes do Plano, colhendo informações e comunicando dentro das redes, discutindo e criando alternativas e soluções, estimulando e propiciando a formação de novas organizações de atores. Enfim, as redes "precisam ter alguém (...) que faça esse olhar da integração, senão é como se você tivesse os elos, mas, de certa forma às vezes até, cada um olhando para os seus interesses..." (EB, 2016, p. 317).

Uma questão de ordem mais geral que é tratada pelo presidente do CNRBMA, é a carência de uma educação voltada para a natureza e para os cidadãos, que poderia facilitar o convívio entre os cidadãos tanto em áreas rurais quanto em áreas urbanas, promovendo uma pressão sobre os recursos naturais, independente da classe econômica. Em síntese há uma estratégia de sobrevivência equivocada por um lado e a ganância por outro. Sendo assim, um problema de ordem cultural que não reconhece as unidades de conservação como parte do seu modelo de desenvolvimento, de autoestima nacional, identidade cultural. Daí a necessidade de um trabalho voltado à apropriação maior da sociedade sobre os benefícios que essa estratégia pode oferecer a sociedade como um todo. O que justifica a importância das redes para uma

educação ampla que também favorecesse a mobilização política da sociedade para ações efetivas de conservação da biodiversidade e do desenvolvimento sustentável (CFL, 2016, p. 305).

Pensar a educação nas redes como uma ação que pense no sujeito como aquele que possa ser libertado, não apenas repassando uma enxurrada de informações, mas, buscando desenvolver o autoconhecimento, inserir o sujeito como ele é ali naquela dinâmica, naquele ciclo, naquela região (RR, 2017).

> uma educação que realmente não só pense a conservação como uma prática que está distante, mas, uma prática que faz parte do cotidiano, uma prática que faz sentido prá ele, então pra fazer sentido precisa de uma (...) proposta de trazer uma educação mais profunda no sentido de que aquele sujeito mude os seus hábitos, (...) de acordo com o seu limite, mas, profundamente, né? (RR, 2017, p. 337)

Nesse sentido, Edgar Morin, (2013), nos ensina acerca dos sete saberes para a educação do futuro, quando ele trata sobre o conhecimento pertinente, que precisa ser contextualizado, "aquele simultaneamente analítico e sintético das partes religadas ao todo e do todo religado às partes". Outros saberes devem seguir a indicação de Morin, 2013, como ensinar a condição e a compreensão humana; a lidar com a incerteza e a consciência do planeta em seus diversos elementos. Esses saberes devem assim orientar e inspirar às ações de educação em seus vários níveis de abrangência.

As ações de captação de recursos também devem buscar a integração de saberes e um compartilhamento das linhas temáticas e dos diversos atores, na mobilização das comunidades rurais podem-se buscar alternativas para geração de renda que ao mesmo tempo estimule a proteção da biodiversidade (ES, 2016; FP, 2016). O fortalecimento das instituições existentes no território de atuação deve ser destacado nesse componente, assim como o estímulo à formação de novos grupos e organizações. As iniciativas desenvolvidas no projeto Capacitando lideranças para a conservação da Mata Atlântica do nordeste, já citado anteriormente, voltadas à formação de novas organizações e suas capacidades de captar recursos e elaborar projetos para fontes financiadoras, devem ser retomadas e ampliadas.

Considerando a alta concentração de terras historicamente nas mãos do setor sucroalcooleiro na região, é fundamental a retomada da articulação com o setor buscando encontrar alternativas para buscar outro modelo de desenvolvimento onde as unidades de conservação estejam inseridas (CFL, 2016).

A experiência dos intercâmbios entre agricultores foi bem lembrada pelos que participaram, são testemunhos de que houve estímulo para a mudança na prática agrícola desenvolvida pelas comunidades. Nas visitas havia conversas e demonstrações que sugeriam modelos diferenciados de lidar com a conservação da biodiversidade, da agroecologia, do turismo, a participação das escolas, "mobilizar a produção de mudas, esse Corredorde pessoas, de informação, (...) e depois ir trocar, um visitar a casa do outro (...) que eles troquem esses sentimentos de unidade..." (FP, 2016, p. 231).

Este componente deve ser também o responsável pela coordenação de pesquisas que devem perpassar todas as linhas temáticas e ainda, liderar o planejamento, monitoramento e avaliação do Plano.

Componente 2 - Conservação da Biodiversidade. Neste componente estão contempladas as principais questões referentes à conservação da biodiversidade na Área Focal Murici – Urubu, envolvendo, portanto, a implementação das unidades de conservação do CBMANE, principalmente àquelas inseridas nos complexos florestais, de Murici / AL e da Serra do Urubu / PE. Compreendendo a implementação de unidades como a elaboração e realização de planos de manejo, a criação e gestão dos seus conselhos gestores, o que pressupõe o apoio à: regularização fundiária, fiscalização, instalação de infraestrutura básica (como sede, acesso, equipe técnica), pesquisa (ampliação do conhecimento sobre ocorrência, distribuição e monitoramento da biodiversidade no território) e restauração de áreas críticas para a conservação da biodiversidade. A criação de novas unidades pode ser considerada aqui, embora, não haja prioridade, considerando o grande esforço que deve ser dado à boa gestão das unidades já criadas (NM, 2016; JF, 2016).

A justificativa desse componente está fundamentada na importância dessa região para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica brasileira e do continente americano, sendo considerado um *hotspot* e contabilizando uma perda de mais de 85% da sua cobertura florestal original (SILVA *et al.,* 2016). Considerando ainda o elevado número de espécies endêmicas (aquelas que estão restritas a certas regiões), ameaçadas de extinção e o fato de que as Unidades de Conservação no território são poucas, pequenas e não estão devidamente implementadas. Essa diversidade biológica, organizada na forma de ecossistemas, presta serviços ambientais importantes, como a manutenção de suprimento de água potável, proteção do solo e a manutenção do clima (SILVA *et al*., 2016). Esses serviços são fundamentais para

o desenvolvimento econômico e social de uma região com baixos níveis de desenvolvimento humano.

Com a realização dessas atividades de maneira articulada com os demais componentes espera-se reduzir drasticamente a probabilidade de extinção de espécies no território, não só através da melhoria do sistema de unidades de conservação, mas também pela incorporação do reflorestamento pelos setores produtivos. A restauração ecológica sendo realizada pelos setores produtivos, como as usinas de açúcar, pode contribuir com a redução do passivo ambiental do setor e melhoria de oportunidades de trabalho e renda para a população do entorno.

Assim este componente do projeto procura incorporar a biodiversidade dentro de uma estratégia maior de desenvolvimento sustentável para região à medida que busca incorporar a conservação da biodiversidade nas atividades econômicas regionais.

Componente 3. Desenvolvimento Sustentável. O Componente Desenvolvimento Sustentável terá como enfoque a reativação dos Centros de Educação para Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste - CEC, em Murici / AL e em Lagoa dos Gatos / PE. Cada CEC contará com um coordenador instalado permanentemente na localidade, fazendo a articulação das redes locais, apoiando as ações de capacitação, planejamento e conselhos gestores das unidades de conservação. Os centros funcionarão com atividades permanentes de sensibilização com uma agenda de vídeos debates, oficinas de leituras e contação de histórias, abrigando pequena biblioteca temática, atuando em articulação com as escolas locais e servindo de alojamento e apoio às atividades de pesquisa científica, agroecologia, as cooperativas, ao turismo ecológico e atividades de comunicação interna e externa. Este componente também atuará nas ações voltadas à agroecologia, com programas de capacitação continuada, assistência em campo, apoio às cooperativas de produção familiar e ao escoamento dessa produção em feiras.

Considerando o bom resultado obtido com a criação das cooperativas de produção agrícola, a proposta dos agricultores e equipe da AMANE é de que esse esforço deva ser retomado, buscando fortalecer essas instituições criadas e propiciando sua disseminação em outros sítios (FP, 2016). Vale destacar que, o empoderamento dessas comunidades por meio da agroecologia, educação socioambiental e da formação de cooperativas é uma estratégia fundamental para a mudança do paradigma instalado na região desde o século XVI.

Outra atividade associada à melhoria de oportunidade para trabalho e renda e que foi bastante citada pelos gestores é o turismo (BC, 2016; LN, 2016; JM, 2016). "O turismo seria um gancho, porque há muitas experiências que mostram que você pode ter, de fato, um turismo sustentável se ele for um turismo diferenciado..." (BC, 2016).

> ...se fala muito na nossa área de turismo ecológico, ele não é um turismo de massa, é um turismo tão específico que não movimenta a economia, ele não gera renda como poderia gerar. É um hippie ou outro circulando pelo mundo numa barraca que não é capaz de gerar sustentabilidade com uma rede hoteleira, por exemplo. Então nós temos uma série de elementos que são desarticulados na zona da mata desse nosso entorno (BC, 2016, p.271).

O antropólogo e professor da UFAL ressalta a importância de inserir nos roteiros turísticos os eventos históricos, como o Zumbi dos Palmares, sítio inserido ao CFM, sendo, portanto, importante formular uma política integrada e que possa "reunir certos capítulos da história costeira do Brasil, desde a ocupação holandesa até hoje..." gerando um turismo histórico que "retroalimentasse a preservação dos territórios, as marcas arqueológicas e junto com elas outros elementos caracterizadores dos lugares, como a sua fauna, a sua flora" (BC, 2016, p.271).

Houve também associação da atividade de turismo com as reservas privadas, pois, uma maneira de captação de recursos para a manutenção das RPPNs seria justamente o turismo ecológico, porque o público é diferenciado, com mais responsabilidade pela preservação "um turismo que você pode levar muitos benefícios tanto para a preservação cultural e a preservação da história gastronômica das comunidades (JM, 2016, p.205).

> Eu acho que deveria ter políticas públicas mais eficientes com esse olhar também, pra manter, (...) o homem no campo, ele tem que ser mantido com dignidade, comida na mesa, com dinheiro no bolso, sem precisar estar desmatando, sem precisar estar (...) matando as espécies para sobreviver (...) nós temos um produto que existe uma demanda muito grande... (JM, 2016, p.205).

A gestora da RPPN Osvaldo Timóteo sugere uma articulação do turismo com as ações de agroecologia dentro dos assentamentos, inserindo itens de gastronomia nessa relação, buscando um cardápio regional e orgânico no receptivo dos turistas. Sendo necessário, portanto, capacitação em gastronomia, receptivo, cultura local e artesanato, de modo a que houvesse uma maior motivação dos agentes diante das ofertas de roteiro turístico (JM, 2016).

O grande desafio deste componente está em construir, testar e apresentar alternativas socioeconômicas e ambientais para a promoção de melhorias na qualidade de vida da população sem necessariamente estar associada à pecuária e à cultura da cana-de-açúcar.

Componente 4. Gestão Administrativa Financeira. Uma questão fundamental deve ser amplamente discutida com todos os atores é a questão financeira, o financiamento que suportará esse plano deve ser desenhado de forma criativa tanto na definição de fontes quanto no orçamento nos moldes colaborativos, integrando e considerando os recursos já alocados pelas instituições governamentais para o cumprimento de metas comuns e buscando o menor custo das ações, integrando pesquisadores de universidades públicas e privadas.

A gestão administrativa e financeira do projeto tem início na sua fase de negociação, ajuste de orçamento, elaboração de manuais de procedimento e contrato. Neste sentido, serão realizadas atividades de rotina como abertura de conta, controle de saldos e transferências e repasses de recursos. Considerando que neste mesmo momento está em andamento a instalação de uma unidade coordenadora do projeto, ações serão desenvolvidas para a compra de equipamentos e instalações físicas da entidade.

Ao longo do desenvolvimento do projeto serão realizadas atividades voltadas à elaboração, acompanhamento dos relatórios financeiros e acompanhamento de auditorias anuais, bem como auditoria final do projeto.

Dentre os parceiros citados pelos gestores estão: órgãos governamentais em seus diversos níveis nos setores de agricultura, meio ambiente, órgãos reguladores, de fomento a pesquisa, câmaras de compensação de passivos ambientais (AN, 2016); setor turístico, ONGs, setor sucroalcooleiro (AF, 2016.); SEBRAE (LN, 2016); Ministério Público, sociedade civil (ES, 2016); universidades (BP, 2017) e movimentos sociais. A população local se insere no projeto não apenas como parceira, mas, também como executora de ações locais e estratégicas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

> "...buscar nas redes a solução para toda disparidades de comportamentos sociais seria um erro já que a rede nos dá apenas uma visão diferente do mundo de hoje, possibilitando talvez uma maneira diferente de lidar com problemas velhos e futuros" (FERREIRA, 2010, p.5).

Resgatando aqui o fio condutor dessa pesquisa: a ação em rede contribui com a proteção da Mata Atlântica na Área Focal Murici Urubu do CBMANE através da consolidação desta unidade de planejamento e gestão da biodiversidade?

Os resultados corroboram com a tese. As redes tornam as ações voltadas para a conservação da biodiversidade mais efetivas, por aumentar a escala de atuação, produzir e fazer circular grande número de informações estratégicas, exercer poder político institucional, possuir capacidade de mobilização e sensibilização da sociedade de maneira geral.

Nesse caminho, há um depoimento do presidente do CNRBMA, onde afirma que o trabalho em redes é fundamental, especialmente em três questões, sendo a primeira, direcionada às políticas públicas, a segunda, à capacitação e a terceira à implementação de grandes projetos. No campo das políticas públicas ele destaca a capacidade de mobilização das redes, em tempo curto e com grande abrangência, local, regional, nacional e internacional. Como principais contribuições na formulação de políticas públicas o trabalho do Pacto Murici e da AMANE produziu o CBMANE, importante instrumento para direcionar ações e investimentos, assim como a efetiva participação na elaboração do Sistema Estadual de Unidades de Conservação, do Estado de Pernambuco – SEUC PE, inserindo temas como pagamento por serviços ambientais e espécies exóticas invasoras, além da criação das Florestas Urbanas, único Estado brasileiro que adotou essa categoria de uso sustentável. As redes imprimem força aos movimentos. No campo da capacitação, a troca de informações, o intercambio de experiências "enriquece brutalmente nas redes", aumentando a capacidade de formar pessoas e envolve-las em ações conjuntas, muito mais fácil que em instituições isoladas (CFL, 2016). O trabalho desenvolvido pelo Pacto Murici e AMANE mobilizou um público superior a mil participantes em oficinas, cursos e reuniões temáticas, voltadas ao desenvolvimento local e planejamento participativo em toda a região nordeste.

O terceiro campo, a implementação de grandes projetos, é o desafio maior dos três, pois envolve interesses diversos de pessoas e instituições, no entanto, tem uma capacidade grande em desenvolver ações efetivas, inclusive motivando e pressionando os governos a aplicarem seus recursos humanos e materiais em suas próprias missões de proteção da biodiversidade.

Dois exemplos são ilustrados pelo gestor, sendo o primeiro a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, que foi inspiração e base do trabalho do Pacto Murici e da AMANE, por ser também uma rede que modela um território de biodiversidade, sendo esse de grande escala, envolvendo 17 dos 16 Estados onde a Mata Atlântica brasileira se localiza, sendo gerido por um conselho nacional com a participação dos diversos setores governamentais, nos nível municipal, estadual e federal, além de moradores, população tradicional, setor empresarial, terceiro setor e comunidade acadêmica. A AMANE coordenou o colegiado regional nordeste do CNRBMA, cujos membros formaram o conselho gestor da rede de gestores de unidades de conservação da Mata Atlântica do nordeste, a REMA NE. Foi esse grupo que modelou o CBMANE, em reuniões presenciais, visitas de campo e repasse de informações sobre a situação do bioma em cada Estado envolvido (CFL, 2016).

Em algumas falas dos gestores se evidenciou o momento de crise em que se passa hoje, quando, pela primeira vez na história da humanidade, há a consciência geral de uma crise ambiental sem precedentes, onde o planeta entra em colapso, com aumento populacional, extinção de espécies, poluição e esgotamento dos recursos naturais, insegurança alimentar, considerando ainda uma gestão pública ineficiente para o meio ambiente (PM, 2016; CC, 2016; MP, 2016). Nesse sentido, o trabalho da AMANE é ressaltado como fundamental e inovador por atuar tanto com a conservação da biodiversidade, com a segurança alimentar, a redução da pobreza e a repartição dos benefícios da biodiversidade em uma escala que pode ser significativa contando com a mobilização das redes. Também no nível do indivíduo essa crise se apresenta.

> Estou passando pelo que Paulo Freire chama da justa raiva. A gente está com a justa raiva assim do que está acontecendo, a gente não está só abandonado, tem um boicote com relação ao que se faz, né? Então, é tão difícil confiar se a gente vai conseguir uma parceria seja de uma empresa privada, seja do governo... (CC, 2016, p.300).

O problema civilizatório passa pela questão ambiental, na realidade, são desenraizamentos no lidar com a vida, na relação com o ambiente e com a cultura. Essa questão não é isolada, está associada ao consumo excessivo, a deficiência na saúde, na justiça comunitária, nas relações humanas. Assim, na hora de se intervir, de se propor ações restaurativas é preciso considerar todas essas dimensões (MP, 2016).

No momento de crise é comum observar certa apatia, o que pode ser uma forma de se proteger da baixa expectativa diante da qualidade de vida, do futuro do planeta e da ética nas relações com os indivíduos e com a vida como um todo. As redes podem ter um papel

fundamental na reversão desse quadro, não apenas repassando informações, mas, conectando energias, integrando saberes, potencializando sonhos e expectativas de sucesso no sentido contrário do que se vê instalado no sistema (MP. 2016).

O trabalho da conservação da biodiversidade e do desenvolvimento sustentável pressupõe resultados práticos, objetivos, portanto, o engajamento da sociedade é pressuposto para alcançar resultados concretos, em síntese, é o maior desafio (MT, 2016).

Sobre a estratégia da modelagem do CBMANE, o professor da UFPE e membro do CEPAN, no momento da criação do Pacto Murici, ratifica a iniciativa sem crítica nem restrição, considerando que a ciência vai nessa direção, que a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável devem ser pensados em escala regional, sendo o imperativo biológico, político, econômico e social. O trabalho desenvolvido, portanto, pelo Pacto e pela AMANE atuou em uma escala espacial adequada, com os melhores instrumentos e conceitos que a ciência tem colocado a disposição, não é uma estratégia que caducou, é atual e a melhor receita que a biologia da conservação apresenta (MT, 2016).

As contribuições que o Pacto e a AMANE em seus dez anos deixam para a luta de proteger a Mata Atlântica e outros biomas têm como destaque o fato de fazer história, o que não se perde, tem uma documentação importante e essa trajetória serve de referencia para os novos, até para os que ainda não surgiram. Exemplos foram dados nesse sentido, como a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza - FBCN, no Rio de Janeiro, e a Associação Gaúcha de Proteção aos Recursos Naturais – AGAPAN, que apesar de não existirem mais, continuam influenciando outros e contribuindo com o seu legado e acervo. “Nessa coisa de colocar a Mata Atlântica no mapa e (...) servir de referencia (...) fez história e essa história não se perde” (CFL, 2016, p.303). “A Mata Atlântica do nordeste passou a existir. Essa foi a grande diferença” (CFL, 2016, p.311).

Algumas publicações foram produzidas, a partir do trabalho da AMANE e do Pacto Murici, sejam subsídios para políticas públicas, como publicação da CPRH (2015), com o mapa do CBMANE, estabelecendo assim o reconhecimento do Corredor no nível das ações do Estado de Pernambuco, teses de doutorado como a de Larissa Rafael (2015), UPFE, e Coelho (2011), UFBA, e o artigo de Laila Sandroni (2015), tratando do saber e poder na zona da mata nordestina. Publicações da AMANE também se constituem em referências para o seu trabalho ao longo dos dez anos de atuação, como Saberes e Fazeres da Mata Atlântica do Nordeste, dois volumes (2010 e 2012), e a cartilha sobre Espécies Exóticas Invasoras (AMANE, 2011).

Uma publicação de Cláudia Costa (2012) denominada Uma Floresta de Oportunidades um novo olhar sobre a Mata Atlântica do Nordeste, faz uma retrospectiva de 2000 a 2011 da atuação das ONGs na região, que inclui as ações do Pacto Murici e da AMANE.

Com a desmobilização das ações da AMANE há a necessidade de que sejam eleitos novos atores para exercer essa articulação da escala local para a estadual, nacional e internacional, em ações voltadas para a conservação da biodiversidade, o uso sustentável e as alternativas de trabalho e renda. Para tanto, o Pacto Murici deve ser acionado pelas instituições componentes na busca de alternativas de continuidade das ações estabelecidas pelo PICUS, elaborado em 2004 e deste novo plano aqui apresentado, que deve ser ratificado pelas redes. Uma ação política institucional deve ser priorizada: a oficialização do CBMANE, no âmbito nacional, com vistas a captação de recursos e direcionamento de estudos, pesquisas e implementação de áreas focais de atuação.

REFERÊNCIAS

ADAMS, W. M.; AVELING, R.; BROCKINGTON, D.; DICKSON, B.;ELLIOT, J.; HUTTON, J.; ROE,D.; VIRA,B.; WOLMER, W. **Biodiversity Conservation and the Eradication of Poverty**. Science 306, 1146 (2004)

ALIANÇA. Disponível em: http://www.sosma.org.br/projeto/programa-de-incentivo-rppns-da-mata-atlantica/. Acesso em 06 de março de 2015.

ALTIERI, MIGUEL A. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002. 592 p.

ALVES-COSTA, Cecilia P. *et al*. **Implementando reflorestamentos com alta diversidade na Zona da Mata Nordestina**: Guia Prático. **Recife: J. Luiz Vasconcelos**, 2008.

AMANE – Associação para a proteção da Mata Atlântica do nordeste. **Relatórios de atividades trimestrais**. 23v. 2005 a 2011. Trabalho não publicado.

_____. **Plano de ação do programa integrado de conservação e uso sustentável da biodiversidade da Mata Atlântica do nordeste**. p.126. 2006a. Trabalho não publicado.

_____. **Diagnóstico do programa integrado de conservação e uso sustentável da biodiversidade da Mata Atlântica do nordeste**. p.284. 2006b. Trabalho não publicado.

_____. **Saberes e Fazeres da Mata Atlântica do Nordeste**: lições para uma gestão participativa. v. 1. Recife: AMANE, 2010.

_____. **Relatórios de atividades anuais**. 2011. Trabalho não publicado.

_____. **Relatórios de atividades anuais**. 2012. Trabalho não publicado.

_____. **Saberes e Fazeres da Mata Atlântica do Nordeste**: tecendo uma rede de gestores. v. 2. Recife: AMANE, 2012b.

_____. **Relatórios de atividades anuais**. 2013. Trabalho não publicado.

_____. **Plano de manejo da RPPN Pedra D´Anta**. 2013. P.147. Trabalho não publicado.

_____ **Invasões Biológicas**: uma ameaça invisível. Recife: AMANE, 2011.

APREMAVI. Disponível em: http://www.apremavi.org.br/mata-atlantica/salvando-a-mata/a-rede-de-ongs-da-mata-atlantica. Acesso em: 26 de julho de 2013.

ASHDOWN, P. **A mudança do poder global**. Disponível em: http://www.ted.com/talks/paddy_ashdown_the_global_power_shift.html. Acesso em: 25 jul. 2013.

AYRES, J.M.; FONSECA, G.A.B. da; RYLANDS, A.B. QUEIROZ, H.L.; PINTO, L.P. ; MATERSON, D; CAVALCANTI, R. **Abordagens Inovadoras para Conservação da Biodiversidade do Brasil**: Os Corredores Ecológicos das Florestas Neotropicais do Brasil – Versão 3.0. Programa Piloto para a Proteção das florestas Neotropicais. Projeto Parques e Reservas. Brasília: MMA, IBAMA, 1997.

BACELAR, D. F.; MIRANDA, A. L. S.; SILVA, F. J. P.; MELO, M. D. V. C.; ROCHA, R. S. **Entre a descrença e a esperança**: sete anos de experiências agroecológicas para a valorização da agrobiodiversidade e promoção da sustentabilidade em Pernambuco e Alagoas. II Seminário Internacional de Agroecologia e III Seminário Internacional de Agroecologia e II Jornada dos povos de Pernambuco. UFRPE, 2015.

BALMFORD, Andrew; WHITTEN, Tony. **Who should pay for tropical conservation, and how could the costs be met?**. **Oryx**, v. 37, n. 2, p. 238-250, 2003.

BARABÁSI, A. L. **Mean-field theory for scale-free random networks.** Physica A, 272, p. 173-187, 1999.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARNES, J.A. **Social Networks.** Cambridge: Module 26, p.1-29, 1972.

BARROW, E.; FABRICIUS, C. **Do rural people really benefit from protected areas-rhetoric or reality?**. Parks, v. 12, n. 2, p. 67-79, 2002.

BENCKE, G. A.; MAURÍCIO, G. N.; DEVELEY, P. F., GOERCK, J. M. **Áreas Importantes para a Conservação das Aves no Brasil**, Parte I–Estados do Domínio da Mata Atlântica. São Paulo: SAVE Brasil, 2006.

BENNETT, A.F. **Linkages in the landscape**: the role of corridors and connectivity in wildlife conservation. UICN, Gland, Switzerland and Cambridge, UK: 2003. Disponível em: http://lib.icimod.org/record/11345/files/5370.pdf. Acesso em: 20.01.2017.

BODIN, O.; CRONA, B.; ERNSTSON, H. **Social Network in Natural Resource Management**: What Is There to Learn from a Structural perspective? Ecology and Society 11 (2): r2. 2005. Disponível em: http:www.ecologyandsociety.org/vol11/iss2/resp2/. Acesso em: 03.01.2017.

BORRINI-FEYERABEND *et al*. **Governance of protected areas: from undestanding to action**. Best practice protected areas guidelines. Series nº20. IUCN, Gland, Switzerland, 2013. Disponível em: http://cmsdata.iucn.org/downloads/governance_of_protected_areas___from_understanding_to_action.pdf. Acesso em: 18.12.2016.

BOSCOLO, D.; CANDIA-GALLARDO, C.; AWADE, M.; METZGER, J. P. **Importance of Interhabitat Gaps and Stepping-Stones for Lesser Woodcreepers (Xiphorhynchus fuscus) in the Atlantic Forest, Brazil**. Biotropica, v. 40, n. 3, p. 273-276, 2008.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

BRANDON, K.; FONSECA, G. A. B.; RYLANDS, A. B.; SILVA, J. M. C. **Conservação brasileira**: desafios e oportunidades. In: Megadiversidade 1.1, 2005, 7-13.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm. Acesso em: 23.07.2013.

BRASIL. **Lei nº12.651de 25 de maio de 2012**. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nos 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nos 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12651.htm. Acesso em: 21.08.2017.

BRASIL. **Lei nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006**. Dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11428.htm. Acesso: 23.07.13.

BRUNER, A. G., GULLISON, R. E., RICE, R. E.; FONSECA, G. A. B. **Effectiveness of Parks in Protecting Tropical Biodiversity**. Science, v. 291, n. 5501, p. 125-128, 2001.

CABS/CI/IESB. **Designing Sustainable Landscapes**. Ilhéus, BA: Center for Applied Biodiversity Science (CABS), Conservation International, Washington, DC, and Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia. 2000.

CALMON, M.; BRANCALION, P. H.; PAESE, A.; ARONSON, J.; CASTRO, P.; DA SILVA, S. C.; RODRIGUES, R. R. **Emerging threats and opportunities for large-scale ecological restoration in the Atlantic Forest of Brazil**. *Restoration Ecol*ogy, vol.19, no.2, p. 154-158, 2011.

CALVET-MIR, L. *et al*. **Participation in Protected Areas: a social network case study in Catalonia, Spain**. In: Ecology and Society. V. 20; nº 4. Artigo 45. Catalonia, Espanha: 2015. Disponível em: http://www.ecologyandsociety.org/vol20/iss4/art45/. Acesso em: 15.12.2016.

CARTES, J.L.; YANOSKY, A., 2003. **Dynamics of biodiversity loss in the Paraguayan Atlantic Forest: an introduction**. In: GALINDO-LEAL, C.; CÂMARA, I.G. (Eds.), The Atlantic Forest of South America: Biodiversity Status, Threats, and Outlook. Island Press, Washington, DC, pp. 267-269.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Volume I (A era da informação: economia, sociedade e cultura). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTI, B.C.; BARROS, R.R.A. **Censo Demográfico do Complexo Florestal de Murici**. Não publicado, 2004.

CAVALCANTI, B.C.; BARROS, R.R.A. **Desejos de Cidade** – imaginários urbanos em assentamentos rurais numa área de reserva de Mata Atlântica brasileira. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 12,n.25, p.217-235, jan/jun. 2006.

CAVALCANTI, B. C.; BARROS, R. R. A. ***City Desires and Sustainability the Brazilian Atlantic Forest Reserve***. In: Current Anthropology, vol. 18, n.3, p.346, 2007.

CAVALCANTI, B. C. Apresentação. **A entrevista compreensiva ou o elogio da pequena teoria**. In: KAUFMANN, Jean-Claude. **A Entrevista Compreensiva**. Um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes: Maceió, AL: EDUFAL, 2013

CEDEPLAR; UFMG; FIOCRUZ. **Mudanças Climáticas, migrações e saúde: cenários para o Nordeste Brasileiro** – 2000 – 2050. Rio de Janeiro. 2013.

CHEBEZ, J.C., HILGERT, N., 2003. **Brief history of conservation in the Paraná Forest**. In: GALINDO-LEAL, C., CÂMARA, I.G. (Eds), The Atlantic Forest of South America: Biodiversity Status, Threats, and Outlook, Island Press, Washington, DC, pp. 141-159.

CHIARELLO, A.G.; MELO, F.R., 2001. **Primate population densities and sizes in Atlantic Forest remnants of northern Espírito Santo, Brazil**. International Journal of Primatology 22, 379-396.

CINCOTTTA, R.P. WISNEWSKY, J., ENGELMAN, R., 2000. **Human population in the biodiversity *hotspot*s**. Natures 404, 990-992.

COELHO, C.J.H. **A ética biocêntrica tecida na alteridade através da educação biocêntrica**: transformações existenciais e mudança paradigmática. 2011. 454 f. Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador.

CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL. **Mata Atlântica**. Disponível em: <http://www.conservation.org.br/onde/mata_atlantica/> Acesso em: 23 jul. 2013.

CONSERVATION INTERNATIONAL DO BRASIL; FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA; FUNDAÇÃO BIODIVERSITAS; INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS; SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO, SEMAD; INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS – MG. **Avaliação e Ações Prioritárias para a Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos**. Brasília: MMA/SBF, 2000.

CONVENÇÃO SOBRE A DIVERSIDADE BIOLÓGICA. Geneva, Switzerland: 1992. Disponível em: cbd.int/convention/articles/?a=cbd-02. Acesso em:

COPPE, A.A.F. **A vivência em grupos de encontro: um estudo fenomenológico de depoimentos**. 2001. 151f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

COSTA, Cláudia. **Uma Floresta de Oportunidades** um novo olhar sobre a Mata Atlântica do Nordeste. Belo Horizonte: Conservação Internacional, 2012.

COUTINHO, L. M. O conceito de bioma. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 1, p. 13–23, mar. 2006.

DEAN, W. **A ferro e fogo**. A história da devastação da Mata Atlântica Brasileira. MOREIRA, C.K. (trad.) 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DE ANGELO, C.; 2009. **El paisaje Del Bosque Atlãntico Del Alto Paraná y sus efectos sobre la distribución y estructura poblacional Del jaguar (Panthera onça) y El puma (Puma concolor)**. Ph. D. Dissertacion, Buenos Aires, p.252.

DIAMOND, J. M. **The island dilemma**: lessons of modern biogeographic studies for the design of natural reserves. *Biological conservation* 7.2 (1975): 129-146.

DIAS, Leila Christina. **Redes**: Emergência e Organização. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p.141-162.

DIEGUES, A.C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª Ed. São Paulo: Hucitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000.

DUDLEY, NIGEL, *et al*. **Challenges for protected areas in the 21st century**. *Partnerships for protection: New strategies for planning and management for protected* areas (1999): 3-12.

DUDLEY, N. **Guidelines for applying protected area management categories**. IUCN, Gland, Switzerland: 2008.

EUROPEAN UNION. **The EU biodiversity strategy to 2020**. Publications Office of the European Union, Luxembourg City, Luxembourg: 2011.

FBCN. **Conceito de conservação**. [trad. J.L.Belart].RiodeJaneiro:FundaçãoBrasileira para a Conservação da Natureza - Belém, SUDAM, 1976.

FERREIRA, Toniel, and V. Antônio Filho. **Teoria de redes**: uma abordagem social. *Revista Conteúdo* 1.3 (2010): 1-19.

FONSECA, C.R., GANADE, G., BALDISSERA, R., BECKER, C.G., BOELTER, C.R., BRESCOVIT, A.D., CAMPOS, L.M., FLECK, T., FONSECA, V.S., HARTZ, S.M., JONER, F., KÄFFER, M.I., LEAL-ZANCHET, A.M., MARCELLI, M.P., MESQUITA, A.S., MONDIN, C.A., PAZ, C.P., PETRY, M.V., PIOVEZAN, F.N., PUTZKE, J., STRANZ, A., VERGARA, M., VIEIRA, E.M., 2009. **Towards an ecologically sustainable forestry in the Atlantic Forest**. Biological Conservation 142, 1144–1154.

FRANKS, P. **Poverty and Environmental Degradation in the context of Integrated Conservation and Development**. CARE/WWF perspective. Apresentado no V Congresso Mundial de parques, Durban, 2003.

FREITAS, A.L. **Pedagogia no inédito-viável**: contribuições da participação pesquisante em defesa de uma política pública e inclusiva de formação com educadores e educadoras. Tese de doutorado. Proto alegre: PUCRS, 2004.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA; INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. **Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica** - Período 2013-2014. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica, 2015, p. 60.

GALINDO-LEAL, C; BUNNELL, F. **Ecossystem Management**: Implications and opportunities of a new paradigm. The Forestry Chronicle 1995.

GERHARDT, Tatiana Engel; RAMOS, Ieda Cristina Alves; RIQUINHO, Deise Lisboa; SANTOS, Daniel Labernarde dos. Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 65-88.

GIL. A.C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

GLOBO ECOLOGIA, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y9rxPQ2mQEg. Acesso em: 12 de maio de 2015.

GOERCK, J. M. **Patterns of rarity in the birds of the Atlantic forest of Brazil**. *Conservation Biology* 11.1 (1997): 112-118.

GOULART, FERNANDO F.; VANDERMEER, JOHN; PERFECTO, IVETTE; MATTA-MACHADO, RODRIGO P. **Análise agroecológica de dois paradigmas modernos**. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 4, n. 3, p. 76-85, 2009.

GREEN HILL. **Mapa de localização do complexo florestal da Serra do Urubu**. Não publicado. 2010.

HERRMANN, Gisela. **Incorporando a teoria ao planejamento regional da conservação**: a experiência do Corredorecológico da Mantiqueira. Belo Horizonte: Valor Natural, 2011.

HOLZ, S.; PLACCI, G., 2003. **Socioeconomic roots of biodiversity loss in missiones**. In: GALINDO-LEAL, C.; CÂMARA, I.G. (Eds.), The Atlantic Forest of South America: Biodiversity Status, Threats, and Outlook. Island Press, Washington, DC.

HUANG, C.Q.; KIM, S.; ALTSTATT, A.; TOWSHEND, J.R.G.;DAVIS, P.; SONG,K.; TUCKER, C.J.; RODAS, O.; YANOSKY, A.; CLAY, R.; MUSINSKI, J., 2007. **Rapid loss of Paraguay´s Atlantic Forest and the status of protected areas** – a landscape assessment. Remote Sensing of Environment 106, 460-466.

HUANG, C.Q.; KIM, S.; ALTSTATT, A.; TOWSHEND, J.R.G.; DAVIS, P.; SONG,K.; TUCKER, C.J.; RODAS, O.; YANOSKY, A.; CLAY, R.; MUSINSKI, J., 2009**. Assessment of Paraguay´s Forest cover change using landsat observations**. Global and Planetary Change 67, 1-12.

ICMBio-Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Avaliação comparada das aplicações do método Rappam nas unidades de conservação federais, nos ciclos 2005-06 e 2010**. Brasília: ICMBio, 2011, p. 134.

IUCN. **A strategy of innovative approaches and recommendations to reach conservation goals in the next decade**. In: IUCN WORLD PARKS CONGRESS, 6, 2014, Sydney, 2014. Disponível em: http://worldparkscongress.org/downloads/approaches/Stream1.pdf. Acesso em: 09.01.2017.

IUCN. **Biosphere Reserves** – Myth or Reality? Proceedings of a Workshop at the 1996 IUCN World Conservation Congress, Montreal, Canadá. IUCN, Gland, Switzerland and Cambridge, UK, 59 pp. 1998.

JAMES, A. N., GASTON, K.J, e BALMFORD, A. **Balancing the Earth´s accounts**. Nature, 401, 323 – 324. 1999.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A Entrevista Compreensiva**. Um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes: Maceió, AL: EDUFAL, 2013.

LAIRANA, W.F., 2009. **A challenge for conservation**: Atlantic Forest protected areas In: In: GALINDO-LEAL, C., CÂMARA, I.G. (Eds), The Atlantic Forest of South America: Biodiversity Status, Threats, and Outlook, Island Press, Washington, DC, 2003. pp. 141-159.

LÉVY, Jacques; DURAND, Marie-Françoise; RETAILLÉ, Denis. Le monde–espaces et systèmes. **Paris, Presses de la fondations nationale des sciences economiques e Dalloz**, 1992.

LEWIS, Simon L.; EDWARDS, David P.; GALBRAITH, David. **Increasing human dominance of tropical forests**. *Science*, vol.349, 2015, pp. 827-832

LINO, C. F.; DIAS, H. (orgs.). **Anuário Mata Atlântica**. Convenção da Diversidade Biológica / Metas de Aichi - A Mata Atlântica e as Metas Nacionais da Biodiversidade para 2020. São Paulo: IA-RBMA, 2014.

MACARTHUR, R. H.; WILSON, E. O. **The theory of island biogeography**. 13. ed. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

MARETTI, C.C.; CATAPAN, M.I.S.; ABREU, M.J.P.;OLIVEIRA, J.E.D. **Áreas Protegidas: definições, tipos e conjuntos** – reflexões conceituais e diretrizes para gestão. In: CASES, M.O. (org.) Gestão de Unidades de Conservação: compartilhando uma experiência de capacitação. Brasília: WWF Brasil / IPÊ, 2012.

MARGULES, C.R.; PRESSEY, R.L**. Systematic conservation planning**. Nature, 405:249-253. 2000. Disponível em; http://www.nature.com/nature/journal/v405/n6783/full/405243a0.html. Acesso em: 03.01.2017.

MARINI, M.A.; GARCIA, F.I., 2005. **Bird conservation in Brazil**. Conservation Biology 19, 665-671.

MARSDEN, S.J.;WHIFFIN, M.; GALETTI, M.; FIELDING, A.H., 2005. **How well will Brazil´s system of Atlantic Forest reserves maintain viable bird populations?** Biodiversity and Conservation 14, 2835-2853.

McNEELY, J., editor. **Parks for life**: report of the IVth world congress on national parks and protected areas. IUCN, Gland, Switzerland: 1992.

McNEELY, J.A. **At least do no harm**: poverty and protected areas in China. Discussion paper for the CCICED Protected Areas Task Force, 2004.

McNEELY, J.A.; MITTERMEIER, R.A.; BROOKS, T.M.; BOLTZ, F.; ASH, N. **The wealth of nature: ecosystem services, biodiversity, and human well-being**. México City: CEMEX, 2009.

MARTENSEN, A. C.; PIMENTEL, R. G.; METZGER, J. P. **Relative effects of fragment size and connectivity on bird community in the Atlantic Rain Forest**: implications for conservation. **Biological Conservation**, v. 141, n. 9, p. 2184-2192, 2008.

MEDEIROS, J. B.. **Redação Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2012 (11ª edição).

MEDEIROS, R.; GARAY, I. **Singularidades do sistema de áreas protegidas para a conservação e uso da biodiversidade brasileira**. In: Dimensões Humanas da Biodiversidade: o desafio de novas relações sociedade - natureza no século XXI. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2006.

MELO, Felipe P.L. *et al*. **Priority setting for scaling-up tropical forest restoration projects: early lessons from the Atlantic Forest Restoration Pact**. *Environmental Science e Policy*, vol.33, 2013, pp. 395-404.

MELO, M. D. V. C. **Da terra fértil: os gestores, quem são?** In: AMANE. Saberes e fazeres da Mata Atlântica do Nordeste: lições para uma gestão participativa. Recife: AMANE, 2010. p. 45-64.

MITTERMEIER R.A.; ROBLES-GIL, P.; MITTERMEIER, C.G. (eds.). **Megadiversity**: Earth´s biologically wealthiest nations. CEMEX, Agrupacion Serra Madre, S.C., Mexico, 1997.

MITTERMEIER, R. A.; MYERS, N.; ROBLES-GIL, P.; MITTERMEIER, C. G. (Editores). **Hotspots**. Earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions. Mexico city: CEMEX, Agrupación Sierra Madre, 1999.

MITTERMEIER, R. A., P. R. Gil, M. Hoffmann, J. Pilgrim, J. Brooks, C. G. Miitermeier, J.Lamourux e G. A. B. Fonseca. 2004. **Hotspots Revisited**: Earth's Biologically Richest and Most Endangered Terrestrial Ecoregions. Cemex. Washington, DC.

MITTERMEIER, R.A.; DA FONSECA, G.A.B.; RYLANDS, A.B.; BRANDOM, K., 2005a. **A brief history of conservation in Brazil**. Conservation Biology 19, 601-607.

MITTERMEIER, C.J.; LAMOURUX, J., 2005b. ***Hotspots* revisited**: Earth´s biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions. CEMEX, Washington, DC.

MITTERMEIER, R.A., *et al*. **Global biodiversity conservation**: the critical role of *hotspots*. In: Biodiversity *hotspots*. Springer Berlin Heidelberg, 2011. p 3-22.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Decreto nº 5.092, de 21 de maio de 2004**. Define regras para identificação de áreas prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade, no âmbito das atribuições do Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5092.htm> Acesso em: 23 jul. 2013.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Áreas Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira**. Atualização: Portaria MMA nº 9, de 23 de janeiro de 2007. Brasília, DF, 2007. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/biodiversidade31.pdf. Acesso em: 18.03.2015.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Pagamento por serviços ambientais na Mata Atlântica**. Lições aprendidas e desafios. Brasília, DF, 2012.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. Cadastro Nacional de Unidades de Conservação. **Tabela consolidada das unidades de conservação**, em 09.08.2016. Disponível em: http://www.mma.gov.br/images/arquivo/80112/CNUC_Agosto%20-%20Categorias_copy.pdf. Acesso em: 07.01.2017.

METZGER, M.A., 2009. **Conservation issues in the Brazilian Atlantic Florest**. Biological Conservation 142, 1138-1140.

MOORE, G. **Preface**. in: LEAL, C.G.; CAMARA, I.G. (editors). **The Atlantic Forest of South America**. Biodiversity, Status, Threats, and Outlook. Washington: Island Press, 2003. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BRelr=eid=FkPy-K4iroACeoi=fndepg=PR11edq=atlantic+forest+and+biodiversity+conservationeots=XOtvmwywKSesig=fBJZxPE9KkKhLlvzdrOOS4ig7s8#v=onepageeq=atlantic%20forest%20and%20biodiversity%20conservationef=false. Acesso em; 02.01.2017.

MORIN, Edgar. **Educação e Complexidade**: Os Sete Saberes e outros ensaios. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MYERS, N. **Threatened biotas**: "*hotspots*" in:Tropical forests. Environmentalist 1988. P. 187-208.

MYERS, N., R. A. MITTERMEIER, C. G. MITTERMEIER, G. A. B. FONSECA e J. KENT. 2000. **Biodiversity hotspots for conservation priorities**. Nature 403: 853-858.

NETO, J.C.M. Poemas. **Para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

NOSS, R. **Context Matters**: considerations for large-scale conservation. Conservation Biology in Practice, 2002.

NOVOTNY, V.; BASSET, Y.; MILLER, S.E.; GWEIBLEN, G.D.; BREMER, B.; CIZEK, L.; DROZD, P. **Low host specificity of herbivorous insects in a tropical forest**. Nature 416, 2002. p. 841-844.

OLIVEIRA-FILHO, A. T. e M. A. L. FONTES. 2000. **Patterns of floristic differentiation among Atlantic Forests in southeastern Brazil and the influence of climate**. Biotropica 32(4b): 793-810

PACTO PELA RESTAURAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA. **Pacto pela Restauração da Mata Atlântica**. Disponível em: http://www.pactomataatlantica.org.br/index.aspx?lang=pt-br. Acesso em 26 de julho de 2013.

PÁDUA, M.T.J. **Unidades de Conservação no Brasil**: lutando por parques de verdade. In: PALAZZO JR.; CARBOGIM, J.B.P. (org.). Conservação da natureza e eu com isso? Fortaleza, CE. : Editora Fundação Brasil Cidadão, 2012.

PAGLIA, A.P.; PAESE, A.; BEDÊ, L.; FONSECA, M.; PINTO, L.P.; MACHADO, R.B., 2004. **Conservation gaps and irreplaceable sites for protecting vertebrates species in the Brazilian Forest**. In: Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Fundação O Boticário de Proteção à Natureza e Rede Nacional Pró Unidades de Conservação, Curitiba, PR. Pp. 39-50.

PALAZZO JR., José Truda. **Conservação da Biodiversidade no Brasil**: desafios para a Sociedade. In: REDE MARINHO-COSTEIRA E HÍDRICA DO BRASIL (REMA). Estratégias de conservação da biodiversidade no Brasil. Fortaleza: Fundação Brasil Cidadão, 2007. p. 6-9.

PARDINI, R., FARIA, D., ACCACIO, G.M., LAPS, R.R., MARIANO, E., PACIENCIA, M.L.B., DIXO, M., BAUMGARTEN, J., 2009. **The challenge of maintaining Atlantic forest biodiversity**: a multi-taxa conservation assessment of an agro-forestry mosaic in southern Bahia. Biological Conservation 142, 1178–1190

PAZ, R.J.; FREITAS, G.L; SOUZA, E.A. **Unidades de Conservação no Brasil**. História e legislação. João Pessoa, PB: Editora Universitária, 2006. Disponível em: 09.01.2017.

PBMC - **Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas**. Primeiro Relatório de Avaliação Nacional. Rio de Janeiro: Coppe, 2012. p. 31.

PINHEIRO, Marcos R. (org.). **Recomendações para reconhecimento e implementação de mosaicos de áreas protegidas**. Brasília: GTZ, 2010, p. 82.

PINHO, P. **City Desires and Sustentability in the Brazilian Atlantic Foresty Reserve**. In: Anthropological Currents, vol. 18, n.3, p. 346, 2007

PINTO, L. P. S., J. P. DE O. COSTA, G. A. B. FONSECA E C. M. R. COSTA (eds.). 1997. **Mata Atlântica**: ciência, conservação e políticas. Documentos Ambientais, Secretaria do Meio Ambiente, Governo do Estado de São Paulo, São Paulo

PINTO, Luiz Paulo. **Status e os novos desafios das unidades de conservação na Amazônia e Mata Atlântica**. In: Lima, G.S.; Almeida, M.P.; Ribeiro, G.A. (orgs.). *Manejo e conservação de áreas protegidas*. Universidade Federal de Viçosa: Viçosa, 2014, p. 41-58.

RAFAEL, Larissa Monteiro. **Relação entre áreas protegidas e comunidades rurais para a conservação e sustentabilidade do corredor de biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste**. 2015. 121 f. Tese de doutorado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

RBMA. **Reserva da Biosfera da Mata Atlântica**: Fase VI. São Paulo, Instituto Amigos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, nº38, 2009.

RBMA - **Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Anuário da Mata Atlântica 2012**. Disponível em: http://www.rbma.org.br/anuariomataatlantica/pdf/panorama_portugues.pdf. Acesso em: 23 jul. 2013.

RAFFESTIN, Claude. **Pour une géographie du pouvoir**. Paris: Litec.1980.

RODRIGUES, A.S.L. *et al*. **Análise global de lacunas de conservação global GAP ANALYSIS**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, IV, 2004, Curitiba, PR. Anais, 2004. p. 03-15.

RIBEILL, G. **Au temps de la révolution ferroviaire, l´utopique réseau**. In Dupuy, G., Réseaux territoriaux. Caen, Paradigme, 1988, pp. 51-66.

RIBEIRO, M.V.; METZGER, J.P.; MARTENSEN, A.C.; PONZONI, F.J.; HIROTA, M.M. **The Brazilian Atlantic Forest**: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation*, vol.142, 2009, pp. 1141-1153.

SALA, Osvaldo E. *et al*. **Global biodiversity scenarios for the year 2100**. **science**, v. 287, n. 5459, p. 1770-1774, 2000.

SANCHEZ-AZOFEIFA, G.A., DAILY, G.C., PFAFF, A.S.P. e BUSCH, C. 2003. **Integrity and isolation of Costa Rica´s national parks and biological reserves; examining the dynamics of land-cover change**. Biological Conservation 109, 123-135.

SANDRONI, Laila. **Conservação da Biodiversidade no Corredor da Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste**: saber e poder na zona da "mata" nordestina. In: 39º Congresso Anual da ANPOCS. Caxambú, 2015. Disponível em: http://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/spg/spg11/9903-conservacao-da-biodiversidade-no-corredor-da-mata-atlantica-do-nordeste-saber-e-poder-na-zona-da-mata-nordestina/file. Acesso em 24.12.2017.

SANDERSON, J.; ALGER, K.; FONSECA, G.A.B.; GALINDO-LEAL, C.; INCHAUSTY, V.H.; MORRISON, K. **Biodiversity Conservation Corridors**: Planning, Iplementing, and Monitoring Sustainable Landscapes. Washington, DC.: Conservation International, 2003.

SAVE BRASIL – Sociedade brasileira para a conservação de aves / AMANE – Associação para a proteção da Mata Atlântica do nordeste. **Mapa do Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do nordeste**. São Paulo: SAVE, 2012.

SCHERL, L.M.; WILSON, A.; WILD, R.;BLOCKUS, J.; FRANKS, P.; McNEELY, J.A.; McSHANE, T.O. **As áreas protegidas podem contribuir para a redução da pobreza?** Oportunidades e limitações. IUCN, Gland, Suiça e Cambridge, Reino Unido, 2006. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BReq=SCHERL%2C+L.M.%3B+WILSON%2C+A.%3B+WILD%2C+R.%3BBLOCKUS%2C+J.%3B+FRANKS%2C+P.%3B+McNEELY%2C+J.A.%3B+McSHANE%2C+T.O.+As+%C3%A1reas+protegidas+podem+contribuir+para+a+redu%C3%A7%C3%A3o+da+pobreza%3F+Oportunidades+e+limita%C3%A7%C3%B5es.+IUCN%2C+Gland%2C+Sui%C3%A7a+e+Cambridge%2C+Reino+Unido%2C+ebtnG=elr=. Acesso em: 10.01.2017.

SCARANO, F. R.; CEOTTO, P. **Brazilian Atlantic forest**: impact, vulnerability, and adaptation to climate change. *Biodivers Conserv*, 2015. doi:10.1007/s10531015-0972-y

SILVA, JOSE MARIA CARDOSO, AND MARCELO TABARELLI. **Tree species impoverishment and the future flora of the Atlantic forest of northeast Brazil**. *Nature* 404.6773 (2000): 72.

SILVA, J. M. C. e C. H. M. CASTELETI. 2003. **Status of the biodiversity of the Atlantic Forest of Brazil**. In: C. Galindo-Leal e I.G. Câmara (eds.). The Atlantic Forest of South America: biodiversity status, threats, and outlook. p. 43-59. Center for Applied Biodiversity Science and Island Press. Washington, D.C.

SILVA, J.M.C.; PINTO, L.P.; HIROTA, M.; BEDÊ, L.; TABARELLI, M. **Conservação da Mata Atlântica brasileira** – um balanço dos últimos dez anos. P. 435-458. In: CABRAL e BUSTAMANTE (orgs.). Metamorfoses Florestais: Culturas, Ecologias e as Transformações Históricas da Mata Atlântica. Curitiba, PR: Prismas, 2016.

SANTOS, B.A.; PERES, C.A.; OLIVEIRA,M.A.; GRILLO, A.; ALVES-COSTA, C.P.; TABARELLI, M., 2008. **Drastic erosion in functional attributes of tree assemblages in Atlantic Forest fragments of northeastern Brazil**. Biological Conservation 141, 249-260.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Discurso sobre a ciência**. Ed.12º. Rio de Janeiro: Afrontamentos, 2010

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SENETT, R. Juntos. **Os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Editora Record. Rio de Janeiro. 2013.

SOULÉ, MICHAEL E., AND JOHN TERBORGH. **Conserving nature at regional and continental scales—a scientific program for North America**. BioScience 49.10 (1999): 809-817.

SOUTO MAIOR, F.; STELZIG, S. **Sobre trajetórias de sociabilidades**: a ideia de relé social como mecanismo criador de novas redes socias. Politica e Sociedade, 2004. P. 57 a 77.

TABARELLI, M.; AGUIAR, A.V.; RIBEIRO, M.C.; METZGER, J.P.; PERES, C.A. **Prospects for biodiversity conservation in the Atlantic Forest**: Lessons from aging human-modified landscapes. Biological Conservation, 143, 2010 p2328-2340.

TAYLOR, P. D.; FAHRIG L. e WITH, K.A. **Landscape connectivity**: a return to the basics in Crooks e Sanjayan, M. Conectivity conservation. Conservation Biology 14. Cambridge University Press. New York, USA. 2006.

TEIXEIRA, A.M.G.; SOARES, B.S.; FREITAS, S.R.; METZGER, J.P., 2009. **Modeling landscape dynamics in na Atlantic rain Forest region**: implications for conservation. Forest Ecology and Management 257, 1219-1230.

TERBORGH, J. e SCHAIK, C.V. 2002. **Por que o mundo precisa de parques**. In: Tornando os Parques Eficientes, 25, Curitiba: Ed. da UFPR/ Fundação O Boticário.

TEWKSBURY, L.T.; CASAGRANDE, R.A; SCHWARZ-LAENDER AND P. HAEFLIGER. **Potencial for biological control of Phragmites australis in North America**. Biological Control, 2002. 23: 191-212.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar** – a Perspectiva da Experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. Editora Difel, São Paulo, 1983.

UEZU, A., BEYER, D.D., METZGER, J.P., 2008. **Can agroforest woodlots work as stepping stones for birds in the Atlantic Forest region?** Biodiversity and Conservation 17, 1907–1922.

UMETSU, FABIANA; PARDINI, RENATA. **Small mammals in a mosaic of forest remnants and anthropogenic *habitats***—evaluating matrix quality in an Atlantic forest landscape. Landscape Ecology, v. 22, n. 4, p. 517-530, 2007.

VASCONCELLOS, M. J. **Delineando o paradigma da Ciência Tradicional**. E. Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2002, 268p.

VALLEJO, L.R. **Unidades de Conservação**: uma discussão teórica à luz dos conceitos de território e de políticas públicas. GEO graphia, vol 4 n.8. 2002. Disponível em: http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/88. Acesso em: 04.01.2017.

VIANA, VIRGÍLIO M., AND L. A. F. V. PINHEIRO. **Conservação da biodiversidade em fragmentos florestais**. *Série técnica IPEF* 12.32 (1998): 25-42.

VIEIRA, M.V., OLIFIERS, N., DELCIELLOS, A.C., ANTUNES, V.Z., BERNARDO, L.R., GRELLE, C.E.V., CERQUEIRA, R., 2009. **Land use vs. fragment size and isolation as determinants of small mammal composition and richness in Atlantic Forest remnants**. Biological Conservation 142, 1191–1200.

VIEIRA, A.R. Capítulo II. **Redes e Conectores**. In: LAMAS, I.R.; CREPALDI, M.O.; MESQUITA, C.A.B. Memórias da Rede de Gestores das Unidades de Conservação do CorredorCentral da Mata Atlântica. Belo Horizonte, MG: Conservação Internacional, 2015.

WELLS, Michael P.; MCSHANE, Thomas O. Integrating protected area management with local needs and aspirations. **AMBIO: a Journal of the Human Environment**, v. 33, n. 8, p. 513-519, 2004.

WIENS, J. **Wildlife in patchy environments**: metapopulations, mosaics and management. In: McCULLOUGH, D.R. (ed.). Metapopulationas and Wildlife Conservation. Washington, DC.: Island Press, 1996.

WILKIE, D. S.; REDFORD, K.H. e McSHANE, T.O. em prep. **Talking of rights for natural resource conservation: a discussion about compensation**. Artigo apresentado a Oryx, june 2004.

WILLIANS, K.J.; FORD, A.; ROSAUER, D.; DE SILVA, N.; MITTERMEIER, R.; BRUCE, C.; LARSEN, F.W.; MARGULES, C. Forests of East Australia: the 35th biodiversity hotspot. In: ZACHOS, F.E.; HABEL,J.C.(eds.). **Biodiversity *hotspots***: distribution and protection of conservation priority areas. Springer, Heidelberg, 2011.

ZACHOS, E.F.; HABEL, J.C. (Ed.). **Biodiversity *Hotspots***: Distribution and Protection of conservation Priority Areas. Luxemburgo: Springer, 2011. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BRelr=eid=MRp9NoUfLVwCeoi=fndepg=PR3edq=threats+to+global+biodiversity+-+marcelo+tabarellieots=1oC4uTfND4esig=M_M5vBkVpaZhpFXvhKd528V4920#v=onepageeqef=false. Acesso em: 29.12.2016.

ZAVALETA, E.S.; HOBBS, R.J.; MOONEY, H.A. **Viewing invasive species removal in a whole-ecosystem context**. Trends in Ecology and Evolution, 2001. 16:454-459.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CENTRO DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEP-CCS-UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE / UFPE-

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CONTRIBUIÇÃO DE UMA REDE DE GESTORES DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO CORREDOR DA MATA

Pesquisador: MARIA DAS DORES DE VASCONCELOS CAVALCANTI MELO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 57331916.1.0000.5208

Instituição Proponente: CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.662.571

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa do Departamento de Ciências Geográficas, Pós-Graduação em Geografia, cujo título é "A contribuição de uma rede de gestores de unidades de conservação para a implementação do corredor da mata atlântica do nordeste", coordenado pela pesquisadora Profa. Dra. Eugenia Pereira e executado pela doutoranda Maria das Dores de Vasconcelos Cavalcanti Melo.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral da pesquisa é investigar as ações realizadas pelos gestores das Unidades de Conservação da Área Focal Murici (AL) – Urubu (PE), do Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste – CMANE, articulados em rede, de modo a entender as suas contribuições na implementação do Corredor.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto de talha de forma objetiva, apresentando os níveis de riscos inerentes a metodologia de pesquisa, que compreende a realização de entrevistas e reuniões com pessoas chaves para a compreensão do problema e a proposição de soluções que venham a contribuir na implementação do CMANE e, da mesma forma, destaca as estratégias de minimização destes riscos, que são mínimos frente aos benefícios que se descortinam com a relevância da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa se mostra muito relevante destacando impactos visíveis para melhoria no programa de conservação conforme o programa do Sistema Nacional de Unidade de Conservação, cujo recorte da pesquisa se aplica especificamente na da Área Focal Murici (AL) – Urubu (PE), do Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste. O projeto além de muito bem detalhado esclarece com precisão, as expectativas que se concretizam para melhorias no Sistema Nacional de Unidades de Conservação e para as políticas públicas na região.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos e documentos obrigatórios ao projeto foram apresentados de forma coerente e adequada ao que se prescreve, tanto para o Projeto Detalhado de Pesquisa, quanto para o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Recomendações:

Não há recomendações para o projeto!

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto merece destaque e deve ser aprovado, porque o resultado desse trabalho servirá de base para a elaboração de um plano de ação para a área focal, que servirá de modelo para as demais 12 áreas focais do Corredor da Mata Atlântica do Nordeste.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Protocolo foi avaliado na reunião do CEP e está APROVADO para iniciar a coleta de dados. Informamos que a APROVAÇÃO DEFINITIVA do projeto só será dada após o envio da Notificação com o Relatório Final da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final para envia-lo via "Notificação", pela Plataforma Brasil. Siga as instruções do link "Para enviar Relatório Final", disponível no site do CEP/UFPE. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao voluntário participante (Item V.3., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Para projetos com mais de um ano de execução, é obrigatório que o pesquisador responsável pelo Protocolo de Pesquisa apresente a este Comitê de Ética, relatórios parciais das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (Item X.1.3.b., da

Resolução CNS/MS Nº 466/12).

O CEP/UFPE deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (item V.5., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). É papel do/a pesquisador/a assegurar todas as medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e ainda, enviar notificação à ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, junto com seu posicionamento.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_547470.pdf	27/06/2016 10:06:54		Aceito
Outros	JUSTIFICATIVA_AUSENCIA_CARTA_ANUENCIA.pdf	27/06/2016 08:08:15	MARIA DAS DORES DE VASCONCELOS CAVALCANTI MELO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PESQUISA_MDVCM.pdf	25/06/2016 18:59:34	MARIA DAS DORES DE VASCONCELOS CAVALCANTI MELO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MDVCM.pdf	25/06/2016 18:03:42	MARIA DAS DORES DE VASCONCELOS CAVALCANTI MELO	Aceito
Outros	Curriculo_mdvcm.pdf	15/06/2016 21:15:55	MARIA DAS DORES DE VASCONCELOS CAVALCANTI MELO	Aceito
Outros	Termo_confidencialidade_MDVCM.pdf	15/06/2016 21:13:17	MARIA DAS DORES DE VASCONCELOS CAVALCANTI MELO	Aceito
Outros	Curriculo_Marcelo_Tabarelli.pdf	14/06/2016 17:51:57	MARIA DAS DORES DE VASCONCELOS CAVALCANTI MELO	Aceito
Outros	Curriculo_Eugenia_Pereira.pdf	14/06/2016 17:50:43	MARIA DAS DORES DE VASCONCELOS CAVALCANTI MELO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_ROSTO.pdf	08/06/2016 16:44:53	MARIA DAS DORES DE VASCONCELOS CAVALCANTI MELO	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Continuação do Parecer: 1.662.571

Não

RECIFE, 03 de Agosto de 2016

Assinado por:
LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador)

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia de Ciências Humanas
Departamento de Ciências Geográficas
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa **A Contribuição de uma rede de gestores de Unidades de Conservação para a implementação do Corredorda Mata Atlântica do Nordeste**, que está sob a responsabilidade da pesquisadora **Maria das Dores de Vasconcelos Cavalcanti Melo**, com endereço na Rua Siqueira Campos, 56, Varadouro, Olinda, Pernambuco. CEP 53010-250. Telefone para contato (81) 999693878 (aceita ligação a cobrar), endereço de e-mail: melomariadasdores@gmail.com e está sob a orientação da: Dra. Eugênia Cristina Gonçalves Pereira. Telefones para contato: 81 9900-0977, e-mail verticillaris@gmail.com.

O objetivo da pesquisa é Investigar as ações realizadas pelos gestores das Unidades de Conservação da Área Focal Murici (AL) – Urubu (PE), do Corredorda Mata Atlântica do Nordeste – CMANE, articulados em rede, de modo a entender as suas contribuições na implementação do Corredor.

Para a realização da pesquisa, a pesquisadora responsável fará algumas perguntas que serão gravadas e feitas as devidas anotações. O tempo dedicado a aplicação do questionário é previsto ocupar uma hora do seu tempo, mas, fica ao seu critério reduzir este período, caso não tenha esta disponibilidade.

Caso a entrevista ocasionar algum constrangimento ou desconforto, é importante que seja informado a pesquisadora, para que a mesma mude a conduta e se ajuste à sua melhor disposição. O local para a realização da entrevista será indicado pelo Sr. (Sra.).

Considerando que toda pesquisa envolvendo seres humanos, envolve risco mínimo, tem-se nesse caso, o incomodo de disponibilizar tempo para responder o questionário e receber a pesquisadora. O risco pode ser de ordem emocional, pelo fato da pesquisadora rememorar experiências e vivências acontecidas nos últimos dez anos na criação e

implementação de Unidades de Conservação, lutas ambientalistas e conflitos políticos e institucionais.

Como benefício da pesquisa tem-se a compreensão de que a reflexão sobre a vivência de lideranças e atores sociais na construção de políticas públicas ambientais devem oferecer oportunidades de construção de novos saberes sobre o tema que continua sendo vivenciado pelos grupos entrevistados. A conversação estabelecida amplia a compreensão dos fatos e pode propiciar novos processos.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa: gravações e anotações das entrevistas serão armazenados por um período de cinco anos, em meio digital e analógico (impresso) na residência da pesquisadora Maria das Dores de Vasconcelos Cavalcanti Melo, no endereço citado acima, e sob a sua responsabilidade.

Após a conclusão da pesquisa e decorridos o período de cinco anos, todos os dados produzidos, como gravações e anotações das entrevistas serão destruídos, não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente.

Este Termo de Consentimento pode conter alguns tópicos que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa a quem está lhe entrevistando, para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre tudo que está respondendo. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite em fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa o (a) Sr. (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Também garantimos que o (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

ANEXO C - INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Essa pesquisa busca compreender como se dá os trabalhos realizados em rede para a conservação da Mata Atlântica do Nordeste, onde o Sr. (Sra.) mora ou atua. Para isso, gostaria de fazer algumas perguntas simples sobre a sua experiência nas práticas realizadas ao longo dos últimos dez anos junto com organizações não governamentais e também com o poder público, com enfoque na conservação da natureza. De modo algum será testado o seu conhecimento, mas, a importância da sua experiência nesse assunto na região.

Vale ressaltar que a sua escolha como participante da pesquisa indica a importância da sua atuação no tema e deve contribuir para a melhoria da sua prática.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar dessa pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pela pesquisadora (ressarcimento de transporte e alimentação).

_____

(assinatura da pesquisadora)

ANEXO D - CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar do estudo **A contribuição de uma rede de gestores de Unidades de Conservação para a implementação do Corredorda Mata Atlântica do Nordeste**, como voluntário (a).

Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:
Assinatura:

Nome:
Assinatura:

ANEXO E - ROTEIRO TEMÁTICO PARA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

Modelo 1 - ONGs do PACTO MURICI

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Geografia – PPGEO

Maria das Dores de Vasconcelos Cavalcanti Melo – entrevistadora

Entrevista nº

Data:

Local da entrevista -

Período de entrevista –

I - CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO:

1. Nome
2. Endereço
3. Local de trabalho
4. Naturalidade
5. Idade
    a) até 18
    b) 19 a 40

a) 41 a 60

b) + de 60

6. Sexo
    a) masculino
    b) feminino

7. Profissão

8. Atividade profissional

Grau de escolaridade

a) 2º grau

b) 3º grau

c) Especializações / pós graduações (temas)

II O TRABALHO NA CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

9. Você está vinculado a alguma ONG hoje? E na época da criação do Pacto Murici, em que organização estava vinculado?

10. Há quanto tempo atua ou atuou nessa organização?

11. Qual a missão dessa organização (que atua ou atuou)?

12. O que acha dessa missão? Poderia ser melhor?

13. De que maneira essa missão está inserida na sua vida, se coaduna com a sua missão de vida?

14. Como o seu trabalho poderia ser melhor?

III O PACTO MURICI – PM e AMANE

15. Como foi a sua participação no PM?

16. Como você avalia as ações do PM na AMANE?

17. Como poderia ter sido melhor?

18. O PM se encerra com a AMANE ou ele continua? Se continua, como tem sido e como seria?

19. Que contribuições o PM e a AMANE, em seus dez anos, deixam para a luta de proteger a Mata Atlântica e outros biomas?

IV AÇÃO AMBIENTAL EM REDE

20. Você participa de outras redes? Quais?

21. Que ações são mais efetivas em rede?

22. Qual a importância da ação em redes para as conquistas ambientais?

23. Quais os problemas mais graves que dificultam a implementação das UCs do Corredorda Mata Atlântica do Nordeste?

24. Como as ações articuladas em rede podem contribuir na resolução desses problemas?

V – UM PLANO DE AÇÃO PARA A ÁREA FOCAL MURICI – URUBU

25. Que Componentes e Ações poderiam compor um Plano de Ação para a Área Focal Murici – Urubu do Corredorda Mata Atlântica do Nordeste, considerando a experiência adquirida com o PM?

26. Quais seriam os principais parceiros desse Plano de Ação? Considerando a exequibilidade estratégica, física e financeira.

VI - OBSERVAÇÕES SOBRE O AMBIENTE, O GESTUAL, O CONTEXTO.

ANEXO F - ROTEIRO TEMÁTICO PARA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

Modelo 2 – EQUIPE TÉCNICA DA AMANE

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Geografia – PPGEO

Maria das Dores de Vasconcelos Cavalcanti Melo – entrevistadora

Entrevista nº

Data:

Local da entrevista -

Período de entrevista –

I - CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO:

1. Nome
2. Endereço
3. Local de trabalho
4. Naturalidade
5. Idade

a) até 18

c) 19 a 40

c) 41 a 60

d) + de 60

6. Sexo
    a) masculino
    b) feminino

7. Atividade profissional
8. Grau de escolaridade
    a) Alfabetizado
    b) 1º grau
    c) 2º grau
    d) 3º grau
    e) Especializações / pós graduações (temas)

II O TRABALHO NA CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

9. Você está vinculado a alguma ONG hoje? E na época da criação do Pacto Murici, em que organização estava vinculado?
10. Há quanto tempo atuou na AMANE? Em que período?
11. Qual a missão da AMANE? O que acha dessa missão? Como poderia ter sido melhor?
12. De que maneira essa missão está inserida na sua vida, se coaduna com a sua missão de vida?
13. Em que atividades / projetos esteve envolvido na AMANE?
14. Quais as principais dificuldades e oportunidades do trabalho na AMANE?
15. Como o seu trabalho poderia ter sido melhor?
16. Qual a colheita principal que a sua atuação na AMANE deixa para sua vida?

IV O PACTO MURICI – PM e AMANE

17. Como você avalia as ações do PM na AMANE?
18. Como poderia ter sido melhor?
19. Que contribuições o PM e a AMANE, em seus dez anos, deixam para a luta de proteger a Mata Atlântica e outros biomas?

V AÇÃO AMBIENTAL EM REDE

20. Você participa de outras ONGs / redes? Quais?

21. Que ações voltadas para a proteção ambiental, você desenvolve em rede? Como você usa as redes para desenvolver seu trabalho?

22. Que ações são mais efetivas em rede?

23. Qual a importância da ação em redes para as conquistas ambientais?

24. Quais os problemas mais graves que dificultam a implementação das UCs do Corredorda Mata Atlântica do Nordeste?

25. Como as ações articuladas em rede podem contribuir na resolução desses problemas?

VI – UM PLANO DE AÇÃO PARA A ÁREA FOCAL MURICI – URUBU

26. Que Componentes e Ações poderiam compor um Plano de Ação para a Área Focal Murici – Urubu do Corredorda Mata Atlântica do Nordeste?

27. Quais seriam os principais parceiros desse Plano de Ação? Considerando a exequibilidade estratégica, física e financeira.

VI - OBSERVAÇÕES SOBRE O AMBIENTE, O GESTUAL, O CONTEXTO.

ANEXO G - ROTEIRO TEMÁTICO PARA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA.

Modelo 3 – GESTORES DE UCs DA ÁREA FOCAL MURICI – URUBU

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Geografia – PPGEO

Maria das Dores de Vasconcelos Cavalcanti Melo – entrevistadora

Entrevista nº

Data:

Local da entrevista -

Período de entrevista –

I - CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO:

1. Nome
2. Endereço
3. Local de trabalho
4. Naturalidade
5. Idade
    a) até 18
    b) 19 a 40
    c) 41 a 60
    d) + de 60
6. Sexo
    a) masculino
    b) feminino

7. Atividade profissional
8. Grau de escolaridade
    a) Alfabetizado
    b) 1º grau
    c) 2º grau
    d) 3º grau
    e) Especializações / pós graduações (temas)

III O TRABALHO

9. Você está vinculado a alguma ONG hoje? E na época da criação do Pacto Murici, em que organização estava vinculado?
10. Há quanto tempo atuou em parceria com a AMANE? Em que período?
11. Qual a missão da AMANE? O que acha dessa missão? Como poderia ter sido melhor?
12. De que maneira essa missão está inserida na sua vida, se coaduna com a sua missão de vida?
13. Em que atividades / projetos esteve envolvido na AMANE?
14. Quais as principais dificuldades e oportunidades do trabalho com a AMANE?
15. Como o seu trabalho poderia ter sido melhor?
16. Qual a colheita principal que a sua atuação em parceria com a AMANE deixa para sua vida?

IV O PACTO MURICI – PM e AMANE

17. Como você avalia as ações do PM na AMANE?
18. Como poderia ter sido melhor?
19. Que contribuições o PM e a AMANE, em seus dez anos, deixam para a luta de proteger a Mata Atlântica e outros biomas?

20. Que contribuições o PM e a AMANE trouxeram para a sua vida?

V AÇÃO AMBIENTAL EM REDE

21. Você participa de outras ONGs / redes? Quais?

22. Qual a importância da ação em redes para as conquistas ambientais?

23. Que ações são mais efetivas em rede?

24. Quais os problemas mais graves que dificultam a implementação das UCs do Corredorda Mata Atlântica do Nordeste? Como as ações articuladas em rede podem contribuir?

VI – UM PLANO DE AÇÃO PARA A ÁREA FOCAL MURICI – URUBU

25. Que Componentes e Ações poderiam compor um Plano de Ação para a Área Focal Murici – Urubu do Corredorda Mata Atlântica do Nordeste?

26. Quais seriam os principais parceiros desse Plano de Ação?

VI OBSERVAÇÕES SOBRE O AMBIENTE, O GESTUAL, O CONTEXTO

ANEXO H – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

1. ENTREVISTA IR

porque... elas fizeram o projeto, né...o projeto da... que nós fizemos para construir o viveiro e um chiqueiro de galinha aí fizemos todas as duas iguais para que a gente tivesse a mesma chance. (isso foi depois que a AMANE saiu) não, ainda tava no período da AMANE só que a gente sabia que parece que ia ter uma parada e que depois ia continuar e até hoje a gente ficou sem Fábio, né... que nos dava dica... esse laranjal aqui foi plantado com ele, apesar que os vizinhos diziam que não ia dar nada que aqui é um solo cheio de pedra, ruim, aí plantei com Fábio, na época, esse laranjal...já no finalzinho. Agora, como cuidar? Eu não sabia. Aí Lucilene disse: olha Rita, tem uma assistência técnica que é pela... pela... o APL, e lá conheci uma... a gestora, a Valdelane, que até hoje é, e... Murici não tava envolvido, mas, ela dizia assim ó: você vem, assista, não proíbo você assistir não. Venha. E com isso, eu fiquei indo. Quando... aí ele.. ela falou assim: aí eu disse: Mulher, já tem três anos que eu to andando pro APL e... como eu fazer para eu ficar inserida? aí ela disse: olha, tem que a Prefeitura de Murici pedir. Aí eu disse: meu Deus do Céu... aí fui, mas, ninguém dá... num dava muito valor. Ahhh... depois a gente faz o pedido... aí eu disse um dia a ela: você é quem vai fazer esse pedido, eu levo, eles assinam e eu trago prá vocês de volta. Ela disse: não, Helena vai fazer, chamou Helena, (Helena da Prefeitura) aí ela fez e disse: agora você vai atrás do prefeito. Você acredita... eu passei o dia todo, até 12 horas da noite? Esperando ser atendida, aí quando Remi (Calheiros, o prefeito de Murici) viu, disse: não, por isso não, eu assino. Aí assinou, aí nós ficamos tendo assistência técnica e... já foi o ano passado, aí aprendemos fazer as caldas, que a gente não sabia, a calda bodaleza, a podar e... quando foi esse ano tá tendo APL, mas, agora quem tá no lugar é a EMATER e assim... não andou ainda, eles não tem... (antes era quem?). era o APL, era essa instituição que... a EMATER também vai fazer parte do APL, só que... tá muito devagar. (APL é Arranjo Produtivo Local). Sim. (Mas, não é uma organização). Não, não é. É pelo governo, junto com SEBRAE, Prefeitura, né? Aí a menina, a gestora é uma ótima gestora, dependendo de quando você vier... eu vou ligar prá ela prá ela vim prá gente conversarmos juntos. Aí aqui, como o terreno é descido, temos muitas fruteiras. (seu terreno vai até aqui?) é, até onde vai essas estacas, das estacas prá lá é meu, daqui já é do vizinho, sabe?aí, nós tamos roçando as laranjeira, mas, ali embaixo eu e Fábio plantamos, temos cacau, temos... fizemos assim... uma misturada, né? ele dizia: aqui é sua agrofloresta. Replantamos, aí temos o bananal embaixo, que vou mostrar, (na parte do rio, né?) é. (que rio é

esse?) aqui é um riachozinho que tem várias nascentes que vai dar lá no rio, que vai formar um rio, chamado Bulangi. Certo? Essa Margem... essa varzeazinha aqui, dizem, as pessoas mais antigas, que antigamente era um rio e aqui era tudo mata, que era a mata do tucano, que, até hoje nós temos tucanos por aqui. Era a mata do tucano. (A reserva legal do Assentamento fica onde?) fica do outro lado. Nós temos a reserva que... essa... esses pequenos fragmentos que a gente deixou, né? Os lotes em, teve alguns deles que já deixaram, aí ali tem uma matinha, aqui tem outra, ali tem outra, sabe? Aí ali em baixo a gente replantou tudinho com as mudas que pegamos da AMANE, aí replantamos todas as nascentes até embaixo prá poder fortalecer o rio. Por incrível que pareça, em 2012 e 13 tivemos uma seca aqui em Alagoas, num foi? Aí nessa seca não senti falta d´água, os outros ficaram sem água. Eu aqui onde eu replantei não teve falta d´água, água a gente tinha prá dar, prá usar, aí ali a gente tá com uma área de experimento de laranja que o pessoal trouxe lá da Bahia, tamos vendo como é que ela vai reagir. Ali onde tem os cajueiros, onde eu e Fábio plantamos, ali tudo é cajueiro, 180 pés de cajueiro. Ali tudo é, são cajueiro. Do outro lado é inhame, ó, guandu, feijão, macaxeira. Esse lado é... ali é cajueiro, aí nós vamos roçar esse ano, dar uma podada neles e plantar outras árvores junto (a sua é até essa cerca aí...) é, aqui ó, toda essa... até lá. Aí Helena (Maltez) quando veio me deu uma dica: naquela abertura ali plantar capim e banana alta, tá vendo? Porque quando a água vier correndo dá uma paradinha. Aí a gente vai ver se vai plantar em curva de nível porque todas as vezes que chover, ela não leva o solo, a chuva não vai levar o solo. (Aquela construção ali é o que?) Ali é outro lugar onde fica as cabras, embaixo é... quando Fábio vir vai ficar feliz. Eu fiz o açude, como planejava, sabe? E esse ano eu vou plantar ali, os pés de pinha e graviola. (você está sozinha, com Sr. Geraldo, ou tem mais alguém que ajudava?) quando nós estamos com dinheiro pagamos sempre o menino da vizinha Rosa, aí já ajuda. Porque... meu sobrinho tava com a gente, mas, ele arrumou um emprego de carteira assinada, ganhando melhorzinho aí foi embora, com a esposa. Aí agora nós estamos sozinho assim. Quando eu vou à feira... esses dias é porque eu adoeci aí tive que ficar em casa de repouso. Mas, eu vou pas feira, nas quartas feiras, na UFAL, vender tapioca, (Sara: e eu vou vender sabão e caju) isso... a Sara também vai vender caju, vender laranja... caju, laranja, tudo que tem aqui, graviola. (Sara: não tem mais caju, né mãe?) É, agora a safra acabou, mas, já vai começar. Aí tudo que a gente tem aqui, jaca, manga, laranja (leite das cabras?) tiro leite das cabras (Sara: a gente come) como leite, faço queijo, e... assim, a vida da gente, a gente vive da agricultura, Geraldo é aposentado, Sara ficou com uma pensão de um salário, (Sara: ganho dinheiro de salário. Ohhh!!) e nós... (seu marido que morreu ai ficou a pensão). (Sara: até hoje eu tenho dinheiro, né? do salário?) é. (fica aplicado é?) é, eu aplico a

metade e o restante ajuda nas despesas. Vai ser a faculdade dela mais tarde. Vamos prá feira, vamos prá roça, aí Sara vai prá feira, vai prá roça quando eu vou. A gente plantou bastante milho esse ano. Tem oito mil pés de inhame. Pelas chuvas e pelo desenvolvimento do inhame, tudo vai dar certo.

Hoje nós temos quatro alunos da IFAL né... muito participativos. Eles mesmo estando de recesso, eles veem, até os professores veem, nós estamos fazendo uma horta, uma pequena horta, orgânica. Eu vejo assim, que a AMANE não acabou no coração da gente, porque aqueles que tinha consciência de não usar... que foi conscientizada através de palestras, de reuniões, a não usar agrotóxicos na terra, adubos químicos, não usamos, né? Quer dizer que foi uma construção, não acabou, porque poderia dizer, ah, agora vou fazer o que eu quero, não, quem já tinha em mente de... de construir essa relação com a natureza e... ficou, né? tanto que... eu ainda tenho a esperança de tudo ... voltar... quem sabe um dia volta ao normal e a gente ter... assim, é... porque aprendemos muita coisa e a conversa, o sentar prá conversar ficou. (você na época do Pacto estava vinculada a alguma ONG hoje) Não, hoje nenhuma ONG nos assiste. (a associação do assentamento e a cooperativa...) é, hoje nós temos assim... a associação e estamos com a cooperativa. Então, nós somos vinculados à associação do assentamento e a cooperativa. (você é presidente da associação) sou. Nós estamos em período eleitoral e... (já há quanto tempo está na presidência?) desde 2011, né? já fui reeleita duas vezes, o processo requer... o pessoal não quer que eu saia, mas, existe um estatuto que a gente tem que obedecer. Eu prefiro obedecer, né? (na época da criação do Pacto você já era da associação?) já era sócia, da associação, (então, em quanto tempo atuou em parceria com a AMANE?) desde 2005 nós já começamos a parceria com a AMANE, ter conhecimento, ir para as reuniões, assistir as palestras, participar de cursos né? aí tivemos assim, logo após teve a feira, aí... foi muito bom. (e qual é a missão da AMANE, que você acha que é) a misssão da AMANE é converter as pessoas, né? eu tenho em mente isso, porque, não é fácil você pegar uma pessoa assustada e que tem medo, que só acha que as pessoas que preserva, vem prá..., porque hoje, o ICMBIO tem liberdade de sentar comigo, por que? porque existiu uma AMANE que nos convenceu do outro lado, do lado bom, não do lado ruim como a gente ouvia falar. Então, a gente teve essa parceria, outra coisa, convencer as pessoas a não usar agrotóxico, foi muito bom, isso foi muito bom. Mostrar que, a cana, quando jogava aqueles aviões cheios de veneno era prejudicial, tanto prá nós, como pros animais, né? hoje você pode encontrar alguém com passarinhos, mas, são passarinhos que eles... de cativeiro, canário belga, mas, nunca vê passarinhos nativos, sabe onde está mas, aquilo é nosso, prá gente

manter, prá ele viver aqui (na natureza) na natureza. Essa parceria foi muito boa, convencer e converter alguém, não é fácil. (a missão, o que acha e como poderia ser melhor) olha, é uma missão árdua, certo? nós queremos muito mas, você para converter e convencer é... dura tempo, dura esforço, de todos os lados... (quando você fala em convencer e converter, em que?) você converter é ter aquela pessoa do seu lado, converter é o que você tá ensinando o que é certo, o que é bom e convencer é chegar até você (mas, em relação a que) nós, segundo assim... é não usar agrotóxico, não prender os animais, proteger as nossas fontes, né? isso foi assim, algo bom, que... a Irmã Geny não está aqui porque foi cuidar da filha, no hospital, mas, ela foi uma das que a gente trouxe muita muda, que a gente plantou lá, a nascente protegida, né? eu achei aquilo muito bom e bonito. Ela... a outra vizinha, ela plantou, e tá lá, daqui a gente já vê uma pequenina mata, então, assim... Ahhh ela não vai ter o que comer, vai ter o que comer, vai ter onde plantar e vai ter a matinha dela. Isso foi muito bom, ajudou muito. O que ela poderia ajudar melhor, né? É, as vezes a gente quer muito mas, é um trabalho de formiguinha. Hoje, onde a gente está hoje, mas, a gente sofreu, pra fazer estrada então, a AMANE sofreu prá fazer a estrada, né? e hoje alguém já anda por ela. A IFAL aqui, hoje já... o APL - Arranjo Produtivo Local, já existe é... mas tudo isso foi uma estrada feita, porque quando a AMANE passou esses tempo adormecida, eu tenho certeza que é só uma dormência, é só um período, todos nós passamos por isso, quando houve essa dormência nós não esquecemos da AMANE... Vamos prá AMANE. É o nosso lugar que a gente discute, que a gente as vezes entra em desavença, naquele momento mas, tem um lado bom, porque a gente vai ver os dois lados. A gente pode ir por aqui ou por aqui? né? então, a AMANE ensinou a gente a sentar prá conversar, a gente não sabia. Era cada um por si e Deus por nós todos. Mas, Deus só pode ser por nós todos se nós sentarmos e dissermos o que nós queremos, tivermos juntos, ajudou a gente preservar a mata, que, em termos... a gente não desmatávamos tanto mas a gente usava muita madeira, o ensino é que a gente cortasse, desgarrasse as nossa árvores de casa mesmo, do lote, as nossas mangueiras, as nossas jaqueiras, os nossos cajueiros, podasse, ficaria mais baixo prá gente colher o fruto e teria madeira, isso foi permeando, hoje você não vê carroçadas de lenha como antes, não vê, isso é muito bom, hoje a AMANE criou esse lado, que o pessoal não vai prá mata caçar. A gente tem o que comer, a gente não precisa disso, né? Então, foi convencido, foi convertido. O lado bom nosso. (de que maneira essa missão se coaduna com a sua missão de vida) Olha... a AMANE iluminou, sabe? ela iluminou porque me ajudou a realizar muitos sonhos, o colégio... As vezes alguém diz assim: mas, como porque a gente sentava. Como hoje, o que a gente precisa? cada um foi falando e a gente quer algo melhor. A AMANE ouvia, tinha coisas que ainda não aconteceu, e

tá prá acontecer, tem coisas que já aconteceu. Hoje nós temos colégio, é... os jovens participam, se talvez a AMANE não tivesse, os jovens não participariam. Os jovens participavam da AMANE e participam. Hoje muitos estão casados e muitas estão casadas, mas, participam, eles vão prá reunião, discutem. Quis ser sócio da cooperativa, né? isso é bom ter jovens. (quantos associados tem a cooperativa?) temos 25, é um bom número, temos muitos jovens, temos 10 jovens de uma cooperativa de assentamento, ter jovens, é muito raro. (as atividades e projetos, que você se envolveu na AMANE, você fez o curso de capacitação?) fiz. Tivemos planos de manejo, tivemos... porque cada mês que nós se sentava lá, a gente botava tudo que tinha de desejo e, de alguma forma, a AMANE tentava suprir. Entendeu? de alguma forma. (as principais dificuldades e oportunidades do trabalho com a AMANE) Principais dificuldades: a gente não encontrou parceiros permanentes, né? Hoje eu vejo a AMANE adormecida porque os parceiros permanentes assim... o que encontramos permanentes não conseguiu ter possibilidade. O que conseguiu possibilidade como os governos, não olha com bons olhos quem protege o meio ambiente. Essa foi uma grande dificuldade, **a falta de verba foi a maior dificuldade**. A **oportunidade**, eles nos ajudou a gente a aprender como lidar com as situações. Chegar na prefeitura e dizermos que temos direitos porque... temos deveres para com eles... se a gente vota neles, somos cidadãos precisamos das coisas que precisamos. Isso ajudou bastante. Essa foi de grandes oportunidades, como a feira. A feira, muitos esquecem mas, eu nunca esqueço. Eu tive período de que o que fazia na feira era só aquilo que tinha na minha casa, fora o que eu tinha, né? que eu tenho, a macaxeira, a mandioca, a banana, a laranja o limão, a galinha, o ovo, a farinha, mas, faltava muitos produtos e eu tinha que vender o que eu tinha um pouco, e era aquele dinheiro prá pagar energia, para comprar remédios para meu esposo, porque ele passou um tempo sem receber a aposentadoria e ele tomava remédio controlado e era muito e eu lembro que num aniversário da minha filha , do primeiro aniversário dela, que eu pensei que não ia conseguir fazer. Do dinheiro da feira toda semana eu guardava dez reais. Consegui fazer o aniversário da minha filha, e eu nunca esqueci que veio do dinheiro da feira que foi uma das conquistas que a AMANE teve inserida. (qual a colheita principal) Outra coisa foi a **autonomia das mulheres**, isso nos ajudou muito, sabe? isso foi assim, hoje eu sou presidente. Quando eu saí da reunião de lá da AMANE, já estava decidido, né? nós fomos fazer um curso e quando nós estávamos no curso e disseram: quem vai ser o presidente e disseram, escolham qualquer um, aí foi dado esse ... é bom que se encontre alguém que tenha o perfil, de ter vontade, de ter o melhor prá todos. Vamos, aí descobriram. Ali foi o ponto crucial. Hoje, está um pouquinho afastado, mas, Sr. Eraldo tem um lado muito bom, D. Josefa, eu amo eles de

coração. Estão um pouco afastados, isso é filho com mãe, isso né? irmãos as vezes encrencam, mas, eu amo muito eles porque assim, mesmo hoje se eu precisar, eu sei que a gente ainda senta e conversa porque foi assim, eram momentos únicos que a gente tinha, muitos momentos únicos. (como avalia as ações do pacto na AMANE) como eu avalio? Olha, a avaliação eu tenho como ponto positivo, certo? se alguém me pedisse a nota, eu daria 10,00. Eu sei que muita coisa boa ainda vai acontecer. Minhas esperanças nunca morreram sabe? eu acredito que muita gente ainda vão assim.... como nós se orgulhamos, você viu... desde quando eu era menina, que eu ia prá AMANE. Então, até hoje, quando eu digo, vamos prá reunião, é lá na AMANE. Então, ela existe. Ela tem corpo, tem alma, talvez esteja um pouco adormecida, com relação a pessoas que venham nos trazer conhecimento, mas, em algum lugar tem alguém que vai, que vai nos ouvir, sabe? Eu acredito muito em anjos e em algum lugar existe muitos anjos, transformados em pessoas que, tem vontade que o mundo continue sendo melhor, que a natureza esteja presente, que elas não morram, sabe? eu acredito muito nisso. Por isso mesmo eu espero que as coisas melhorem, vão melhorar, eu tenho certeza, elas vão melhorar. (pensar na mata atlântica, a ação da AMANE e no Pacto o que deixam) olha, fez com que a gente olhasse que nós é que protegemos, nós. Quem mora na zona rural, assentado, acampado, somos nós que protegemos e isso nos dá uma grande responsabilidade, certo? é... deixou assim na mente da gente que nós somos os responsáveis, se a mata vier dali, deixar de existir é porque nós permitimos. Se alguém entrasse e cortasse essas árvores e pegassem as nossas plantas, levasse as nossas aves, é... nos deu um censo de responsabilidade com o meio ambiente, despertou em nós aquele senso, se eu desmato, vou ficar sem água, sem água ninguém vive e sem ar. então, eu preciso da mata, né? isso criou um bom senso. Eu já via um mundo um pouco verde. Amo o verde, porque sem o verde fica difícil as outras cores sobressair. O sol só brilha por causa do verde, e o verde só existe por causa da chuva e só existe a chuva por causa do verde que existe o sol para fazer fotossíntese e fazer a gente vivermos. E só existe o verde se a gente preservarmos, isso foi um bonsenso que a AMANE sempre nos levou. Olhar o lado de preservar, não é aquele lado... eu lembro que um dia eu deixei de usar fraldas descartáveis na Sara, no dia de uma palestra na AMANE quando disse que durava tantos anos, trezentos anos né? o vidro, tinha plástico... e quando eu olhei, mais de cem anos uma fralda descartável, eu disse: Meu Deus que desgraça eu estou fazendo? né? é bom, é, mas, ao mesmo tempo o que que estou fazendo da minha vida. Porque nem reciclável ela é. Aí eu peguei... já usava poucas, agora, eu disse prá mim mesma, não vou mais usar, essas são as últimas fraldas que eu tenho, não compre mais João, porque Sara vai usar fraldas de pano. Ele também gostava desse lado ambientalista. Aí ele disse, que bom, isso é que é o

melhor. Isso, sabe? outras coisas... aprendi a reciclar, isso ajudou o assentamento hoje briga para que a caçamba do lixo venha pegar o lixo. Nós juntamos, antes, você vinha aqui e era lixo por todo canto. Era... Hoje não, hoje já se cria o senso, que o lixo é seu, o lixo é seu, aquele lixo que apodrece a natureza se encarrega de fazer o composto, mas, o plástico, é meu, fui eu que produzi, fui eu que comprei o pacote de biscoito que tem o plástico, eu que leve prá minha casa e que dê um fim determinado prá aquilo. Então, a AMANE nos ajudou muito nisso. (participa de outras ONGs) As Associações, o APL, existe, de uma certa forma, a IFAL, também né? tem projetos né? prá eles lá, a AMANE a também, aprender a colher, porque, é como eu disse, hoje chega as pessoas e a gente senta prá conversar. Antes, a gente não dava ouvido e nem queria ouvir, né? então, se hoje o ICMBIO vem e é bem recebido, né? Conversando, mas, teve momentos que não foram assim. Não era bem recebido, ninguém conversava e as vezes se brigava muito. né? Nós tivemos essa... eu digo todo dia, esse lado que a AMANE teve foi como construir um caminho, uma estrada, as pessoas andam por essa estrada, quantas pessoas já num sofreu por essa estrada? muitas... prá você abrir uma estrada é... custa. Eu não sei quantas noites você passou sem dormir. Entendeu? mas, tava fazendo uma estrada. Eu não sei quanto sofrimento você passou. Mas, eu passeio por ela e hoje outros passam com facilidade pela estrada que você construiu, com muita dificuldade, que eu sei que não foi fácil. Cada coisa que tem ali guardadinha, se tem o maior cuidado, porque é como se fosse assim a nossa história. Ali tá a nossa história, ali é nosso. Hoje nós temos mil tijolos ali e assim... ficou prá gente tentar... cada uma dar um pouquinho prá gente comprar as telhas, prá levantar, comprar cimento, prá gente ver se a gente levanta e no próximo ano a gente já tá no que é nosso mesmo e que ninguém retire que seja um prédio nosso e que todo mundo... que fique prá sempre que fique prá os nossos netos sabendo que existia a AMANE no início. Que o meu bisneto saiba que existiu a AMANE, então, como eu disse, sua mãe se foi, mas, produziu muitos frutos bons. E que esses frutos não ficam só na casa dela e quando eu disse que você construiu uma estrada difícil, é com muita dificuldade, né? é sangrando, é suando, é caindo, é se levantando é... prá você fazer uma estrada não é fácil. Mesmo hoje, com todo o aparato mas, não é fácil abrir uma estrada então eu olho como a AMANE algo que vai perdurar por muitos anos. Mesmo que os outros lugares esqueceram, mas, nós não, nós não esquecemos né? Eles não esqueceram, tanto que... quem ia prá AMANE? muitos levantaram, tá ali eles não esqueceram... o cuidado com os fogões, né? muitos tem o maior cuidado, que quando chega o pessoal aqui, muitos dizem, foi a AMANE quem fez o projeto prá gente e... muitos dizem, eu fui em tal lugar e não achei nenhum mas, no assentamento a gente tem o maior cuidado, porque é prá ficar pros nossos netos prá os nossos bisnetos, a gente pensa isso.

(em redes, nessas associações nesses grupos há redes de articulação, rede de pessoas) sim. isso... hoje também tá entrando os folcolares, uma rede de pessoas, né? (ligado a igreja) da igreja católica. Os folcolares, é... também temos assim... temos o APL, o movimento de mulheres sempre continuou do nosso lado, o movimento CPT também né? e... assim, essa estrada na qual a AMANE construiu com muita dificuldade hoje vejo bons frutos e perspectivas de melhora, porque a gente... o que a gente trouxe... eu lembro lá do Sr. Antonio, que nós fomos na casa dele e ele disse: eu acho que ninguém vai plantar, se um dia eu tiver oportunidade de voltar lá vou dizer aqui olha, a AMANE trouxe pessoas que amavam o que fazia e que as plantas foram plantadas e todas tem nome, sabe? a primeira sucupira que eu trouxe lá da AMANE, eu plantei, botei o nome seu, as primeiras mudas eu vou botar o nome de cada uma. Elas cresceram, estão vivas, então, eu acho que a AMANE nunca vai morrer porque aquela sucupira vai dar frutos e vai plantar outras plantas... outras sucupiras. Outro dia alguém disse: eu preciso dessa sucupira prá fazer uma linha... eu disse, olha, eu ajudo a comprar uma linha mas, eu não derrubo minha sucupira porque aí tem uma história, essa história é a primeira muda que eu peguei da AMANE plantei, ela já está grande, mas, isso em 2007, foi a primeira muda que eu peguei, então eu fico alegre sabe? eu espero assim... que alguns que eu sei que Fábio amava o serviço que fazia e ama muito a gente, né? as meninas, Renata, os outros, é... assim, eles se sentavam com tanto cuidado... aquele que... (Bruno?) Bruuuno, fez de tudo para a feira funcionar, os panfletos, eu guardei alguns prá ter assim guardado como memória, como história prá nós, né? que se um dia ele voltar aqui ele vai ver que não foi perdido o tempo dele, como eu disse, a feira, foi bom ter novas pessoas, mas, em todas feiras tem alguém que foi da feira, de Murici, do tempo da AMANE. Isso foi prá gente assim... isso criou força prá todos. Muito bom. (como você vê a ação em rede para as conquistas ambientais) a importância assim... em redes porque... a importância em redes, eu vejo assim, porque nem todo mundo tem tudo e nem todos têm tempo, todo o tempo prá me dar, aí, imagine que você pode olha, quando é em rede a gente pode atingir vários parceiros e vários parceiros podem nos ajudar de várias formas né? porque as vezes alguém diz assim: eu não vou levar o médico prá lá porque precisa proteger a mata mas, as vezes eu vou prá mata cortar lenha prá fazer um fogo porque o dinheiro do botijão eu vou comprar o remédio, então, alguém trouxesse o médico aquele dinheiro que eu ia comprar a lenha, já fica, né? e outras e outras coisa, então o trabalho em rede dá certo por isso porque são muitos parceiros envolvidos e quando tem muitos parceiros envolvidos também a comunidade tem mais envolvimento porque as vezes só com um... vamos dizer, vamos pensar: eu só vou levar o ICMBIO, não ficaria fácil eu trazer vários, porque as vezes alguém não tá interessado de me

mente naquele momento só nas árvores e nas aves, e nos animais que tá na mata, tem gente que não está interessado, mas, se eu levar um dentista... ahh, meu dente tá doendo, mas, lá vou, falo, além de fazer a consulta, vai ter uma palestra sobre meio ambiente. Aquela pessoa vai ficar vai prá o dentista, vai se cuidar e vai se conscientizar que a gente precisa de tudo prá poder viver, e eu acho que trabalho em rede dá muito certo. (sobre a ESEC Murici, quais os problemas mais graves que dificultam a sua implementação?) eu acho, é a fiscalização que nós temos pouco, poucas pessoas, né? é... outro dia até eu sugeri, colocar placas como aqui... a estrada que vai pro corredor. Os caçadores passam por aqui. Se tiver uma placa bem grande: viu alguém, viu o caçador? passando por aqui? ligue prá tal número. Ele vai ter cuidado, até porque de alguma forma, termina alguém não gostando dele passar por ali e isso ajuda assim... as vezes não tem muitos fiscais, mas, tem medidas que ajuda, então... alguém sempre vai procurar proteger e vai denunciar e com essa denúncia, vai chegar a fiscalização e a pessoa não vai mais estragar, não é? (como essas redes poderiam ajudar nessa fiscalização?) como elas poderiam ajudar nessa fiscalização... é porque um, vamos dizer, tá eu e você aqui, tem outra pessoa precisando, como nós participamos da rede, todos ajudaria, você da sua maneira, que poderia, eu da minha. (telefonando...) um telefonando, avisando, outro acolhendo, outro fazendo um suco prá uma reunião, todos participariam, e todos iriam trabalhar em pró disso. (que componentes um plano de ação para Murici, nesse momento de crise no país, que estratégia) alavancar o futuro, eu acho que, é... olhando assim, tem pessoas que são amantes da natureza e que gostaria de participar, gostaria de ajudar alguém a cuidar da natureza as vezes a pessoa não pode cuidar mas, gosta que alguém cuide da natureza, de visitar, né? poderia assim, adotar, vim, no caso, como eu disse a você, um dermatologista mas, viesse alguém também ligado a natureza, falar sobre a natureza sobre o meio ambiente, porque hoje nós estamos passando por essa fase de câncer de pele porque destruímos mata, e até o dermatologista para olhar a pele das pessoas mas, ia ter alguém que ia me ajudar a provar que aquilo só aconteceu porque há muitos anos alguém prejudicou muito mais e hoje a gente está sofrendo. né? alguém destruiu, aí o técnico ligado e voltado pra comunidade, pras crianças porque as vezes a gente só vê o lado adulto, hoje. Eu vejo muito o lado da criança né? se tivesse alguém, uma vez por mês, duas vezes por mês, fosse na escola e contasse histórias, levasse livrozinhos, né? E... falasse com as crianças, hoje tem professores aqui que sou amante deles porque tem deles que eu digo: olha, o meio ambiente vai ficar do jeito que tá? vamos pegar os meninos, tive que ir com eles catando os plásticos, isso causava um impacto no pai porque... a senhora veio?!... claro, porque vocês deixam tudo sujo! e porta suja, que porta nojenta! eu tenho uma certa intimidade e falo isso, professor já não fala, não, é por

causa do meio ambiente. Eu falo assim porque tenho intimidade com eles. Isso ajuda, né? quem fez isso? Eles me veem como AMANE, a Irmã Rita da AMANE. Então, eu vejo muito esse lado, você educando as crianças... vai ser melhor, porque não vai ter que punir eles quando ficar adulto, vai ter que ver o rio secar, a fonte secar e não ter água. (quem seriam os principais parceiros?) olha, professores, médicos, dentistas, é... assim, industriais, pessoas assim que pudessem e quisessem investir no meio ambiente, né? quisesse mesmo, é como se fosse adotar, porque você adotando um assentamento você vai cuidar e vai ter uma certa intimidade. Hoje você vem até minha casa porque nós temos uma certa intimidade. né? então, esses parceiros a gente teria as mesmas intimidades. Eu vim olhar como tá a mata, Eu vim olhar como está os rios. Vamos lá levar os jovens, levar as crianças, isso ia ajudar muito.Sabe? porque se um jovem hoje não desmata, prá mim já é ... 5, mas, se uma criança não desmata, prá mim já é 10, porque dali eu sei que os meus netos, eles não vão desmatar, porque a minha filha não desmata. né? então, o hoje tem que pensar nas crianças, e eu sei que nós adultos pensamos hoje no nós, como a gente faz prá vender... a gente precisa muito disso, mas, precisa de alguém que olhe para as crianças, que eduque, que seja parceira no colégio, é aí onde eles vão ter uma visão, chegar em casa e, as vezes... Outro dia eu tava lavando os pratos, e tava a torneira aberta, Sara disse bem assim: bonito né, mãe? a senhora tá vendo que tá faltando água no planeta e tá aí desperdiçando. Aí não precisou ela xingar para sentir que tava apanhando. Eu parei e pensei: Puxa, minha filha tá dizendo isso, aí fiquei caladinha, fui lavar a louça aí procurei gastar menos água, então, se educando aos pouquinhos, se toda criança chegar em casa a gente dizer olha, não jogue o plástico, leve prá sua casa quando comer o biscoito ou então, bote no lixeiro, aí aquilo vai fazer com que os pais se sintam como me senti, quando ela disse, pare de gastar, pare de gastar... água assim mãe, o planeta daqui a uns dias vai ficar sem água e a senhora ajudou, né? aí eu pensei, eu tenho muita água, mas, realmente nem aí, deu aquela sensação que eu também tava participando do crime que muitos participam. né? o crime que muitos participam. Eu acredito que a AMANE só tá adormecida, mas, que em breve ela vai voltar a funcionar a todo vapor, sabe? Eu ainda vejo a AMANE brilhando. Ainda vai ter parceiros que acreditam, eu vejo. (eu vejo que pode ser em outro formato) Isso, é como eu disse, um formato adotivo, prá adotar. Você quer adotar o assentamento Dom Hélder? E quantas vezes você pode ir no ano adotando?

2. ENTREVISTA NM

(É vinculado a alguma ong?) Não. (E na época do pacto murici em que organização era vinculada?) Era servidora do ICMBIO. (há quanto tempo atuou em parceria com a AMANE?)

Bom, acho que, mais ou menos uns dois anos, né? (é, desde que voce entrou como gerente) Não, quando eu entrei como gerente... antes de eu entrar como gerente, eu participei de uma capacitação acho que, de gestão participativa, naquele encontro das irmãs, em Maceió. Eu participei em uma semana, eu não era gestora, ainda, mas, ia ser. (voce voltou na outra semana? Para o curso?) Não foi um anterior não que o JF participou? Esse eu não participei não. Esse foi JF que participou, porque eu participei um de uma semana. Final de 2012 ou começo de 2013. Também reuniões, quando a gente foi a Brasília... sobre o plano de manejo, JF estava perto de sair... plano de manejo, 2013, final de 2013, novembro de 2013. Fui nomeada gestora em agosto de 2013. (voce sabe qual a missão da AMANE?) A missão da AMANE era colaborar para a conservação da mata atlântica né? propiciando a participação de atores locais, comunidades, instituições... mais ou menos isso. (e o que voce acha dessa missão?) Ahhh muito importante, tá fazendo muita falta, tem uma ligação, ter uma referências, né? a gente trabalhar aqui só nessa região, realmente tem essa rede, cadê as outras ONGs que não estão aparecendo para saber como está a mata aqui. (Como voce acha que poderia ter sido melhor?) Eu não posso também dizer isso, eu acho que tem as limitações, de vocês mesmo que trabalhava na ONG, essa captação de recursos todo o trabalho de... capacitar e acolher novos funcionários e também deslocamentos, que trabalhava em Pernambuco e aqui, é... mas, claro que, se tivesse uma equipe maior, se tivesse mais participação poderia ter acho que resultados mais sólidos, né? mas, sempre numa situação ideal (de que maneira essa missão está inserida com a sua missão de vida afinidade) Eu a tanto tempo trabalhando aqui antes do ICMBIO, IBAMA, ICMBIO, tudo que seja referente a manter conservar a mata atlântica, as espécies, a biodiversidade, tudo é muito bem vindo, trabalhar em conjunto, a gente não quer trabalhar sozinho. (voce falou alguns projetos que participou, quais outros?) Foi algo acho em planejamento participativo, teve esse?... nas irmãs, é isso... provavelmente em 2013. Houve esse também do hotel sete colinas, em Olinda, ... alguma coisa sobre educação ambiental, da rede de gestores, como você falou, né? (certo, projeto produzir e conservar) Infelizmente eu só pude participar desses... (a gente escolheu a espécie símbolo do corredor) Acho que foi. (e o plano de manejo, né?) Isso. Mas, já na fase, mais pro final né? porque no inicio, eu não participei. (as dificuldades e oportunidades no trabalho com a AMANE?) Bom, realmente não posso falar muito porque o antigo gestor foi que participou mais disso, mas, é... eu gostaria de ter participado mais se tivesse continuado hoje a instituição um colaborador, um parceiro como a AMANE, para tocar, para conscientizar o pessoal, os conselheiros, precisa reativar o conselho consultivo da ESEC, né? Qual foi o complemento da pergunta? (dificuldades e oportunidades...) Sim oportunidade...

muito bom assim, a capacitação, a troca, a oportunidade de estar em contato assim essas ONGs relacionados com a conservação da mata atlântica, o meio ambiente, em geral. (qual a colheita principal da parceria deixa para sua vida?) Que é muito importante essa troca, experiências, estar junto com a comunidade, né? explicando e fazendo a comunidade perceber a importância de se conservar o meio ambiente, no nosso caso aqui a mata atlântica, para a sua geração e as futuras gerações. (e sobre o pacto murici, como você avalia as ações do pacto na AMANE?) Bom, realmente nessa eu não vou poder responder, não sei. (... o que em dez anos o que a AMANE deixa para a luta de proteger outros biomas) Aqui na nossa realidade eu acho que contribuiu principalmente para a conscientização dos assentados rurais que eles conseguiram... a AMANE, o Pacto Murici, conseguiu chegar até eles coisa que a gente também por falta de pessoal a gente não tem esse contato muito próximo. (você participa de outras ações em rede?) não. (não tem rede de gestores do icmbio?) Não. Tem rede de fiscais, tem grupos de fiscais, tem whatsapp do grupo de fiscais, dos servidores (voce participa?). Participo, mas, é pouco atuante, eu participo ... ações para (antes tinha uma rede de todos os gerentes...) não... principalmente com a criação do ICMBIO a gente ficou sem um ponto de apoio como a gente tinha no IBAMA, em Maceió, no prédio, né? no IBAMA. A gente fica nas unidades, muito isolados, a gente fica na Paraíba, a coordenação, daí a gente é... houve uma reunião dos gestores das unidades no início de 2014, não, inicio de 2015. Em 2016 já não teve recurso prá ter, esse encontro em uma semana, todos os gestores das 32 unidades de conservação, isso era muito importante né? se encontrar, trocar experiências, conversando quando precisar, sabendo o que o outro tá fazendo, trocar ideias, mas, a gente não tem, realmente a gente não tem, trabalha muito isolado. Até problemas de comunicação as vezes a gente tem, né? problemas de internet... telefone cortado por atraso de pagamento, tem muitas unidades que não tem é... telefone também (desde que você assumiu como está o problemas das ameaças na ESEC) Ameaças... ameaça de caça continua, uma questão cultural aqui da região e parece que de todo o Brasil... caça tatu, cutia, ainda (isso vem dos assentamentos?) Também dos assentamentos, tem caçadores de hobby, que vem com carrões, é o pessoal, a Irmã Rita mesmo comentou, fazem aquilo por brincadeira. Sobre fogo né a gente continua tendo a brigada seis meses por ano, eram sete brigadistas, esse ano vai ser reduzido prá seis. Já ameaçaram desde o ano passado cortar a brigada, mas, seria péssimo né? porque se a gente não consegue percorrer a ESEC pelo menos eles tendo o chefe que pode dirigir né? eles não podem fazer trabalho de fiscalização, mas, é um monitoramento, eles podem ver... então já ameaçou no ano passado a gente teve que escrever... justificar fotos e tudo mais, a importância da manutenção da ESEC por ela tá também circundada por cana de açúcar, dentro

tem muito pasto, mas, circundando tem muita cana de açúcar então, no tempo seco é uma ameaça do fogo invadir a área de mata (tem aceiros?) Tem mas, são pequenos então, tem que sempre tá ... (são fornecedores) É fornecedores, mas, sempre tem que tá atento porque senão acontece. É, essa última brigada só teve um foco de incêndio mas, a anterior teve cinco, a anterior a essa que teve cinco não teve nenhum .... então é muito variado, irregular. (voces continuam chamando moradores do entorno para a brigada?) A gente acha bom a agente faz a divulgação. O ano passado foi feita uma seleção com ex brigadistas ou aqueles que já fizeram o curso, por conta de corte de recurso, esse anos disseram que vai ter curso, então é bom porque é importante pessoas que nunca foram brigadistas entrarem e fazerem o curso, prá ter uma mistura porque acontece muitos exbrigadistas não conseguem trabalho e depois de três anos eles podem retornar e também não é bom ficar com uma brigada só de exbrigadistas porque são pessoas que querem entrar, trabalhar conosco, acham que é um jogo de cartas marcadas então com o curso é importante, faz uma seleção aí tem que divulgar aqui, em Murici, em Flexeiras, então é uma questão que, o pessoal de Flexeiras também sente falta porque é uma questão de ... geralmente são classificados mais o pessoal aqui de Murici, porque realmente são os que mais se inscrevem. Outras ameaças é... que outras ameaças a gente teria? Caça, poluição essa coisa assim de.. (construção...) Não, construção não. Desmatamento volta e meia, volta e meia não, é raro hoje, mas, sempre há algum corte para aumento de área agrícola, gente que já planta, por exemplo, dentro da ESEC, é 100% não regularizado né? o fundiário. Então, as propriedades ainda está nas mãos dos particulares, então, eles tem um cultivo de banana por exemplo, aí então eles tiram, vão tirando um pedaço da mata para ir aumentando a área de cultivo então, quando a gente percebe eles são autuados, vem fiscalização de outros estados, vem algumas operações, duas a três por ano, gostaríamos que fosse muito mais, mas, com o corte, é geral né? a última que a gente teve foi abril. (voce acha que isso na época da AMANE era mais fácil, tinha uma ajuda mais efetiva, alguma contribuição quanto a isso?) Bom, podia não ser muita, mas, de qualquer forma era uma contribuição, entrava em contato com assentados, fazendo trabalhos e com a cooperativa, fazendo cooperações, então sempre tavam... é bom sempre estar enfatizando, estar reforçando... essa importância de conservar aquela mata que, prá muitos não tem valor algum né? então, tendo quem sempre ... trabalhando esse trabalho de conscientização é importante. (em síntese, o que o trabalho em rede poderia ajudar?) Bom, primeiro eu acho que ia fazer uma pressão para a regularização fundiária realmente acontecer né? e aí também, consequentemente teria que aumentar o número de servidores, a estrutura mínima né? de ... funcionamento, no caso a gente teria uma sede dentro dos limites né? porque a gente funciona

aqui a mais ou menos 20 km do acesso a ESEC e aí ... em tudo, acho que ia ajudar em pesquisa, porque projetos, recursos, apoios porque a gente poderia construir um alojamento, abrigar mais pesquisas (captação de recursos...) Isso e até no movimento mesmo de... estudantes, pesquisas de ter tudo isso mais sólido assim é.... até diminuiria... com isso a população em redor do estado, da região iam entender a importância, a função dessa estação ecológica tem as áreas vizinhas também de mata que poderiam ser mais conservadas, até teve um movimento seu né? de querer aumentar a área da ESEC, com áreas que ficaram fora do desenho original. No plano de manejo, pois é, tem áreas ali que é muito procurada por caçadores que são vizinhas a ESEC, não são da ESEC mas, também tá ali e eles não podem entrar na ESEC também porque nossas placas de fiscalização são muito destruídas por facão, por tiros de armas de fogo, então teria mais uma visibilidade, uma importância, um acolhimento porque é a gente também conta muito com a sorte (voce se sente ameaçada nessa função?) um pouco, por exemplo, acho que foi o ano passado, teve uma autuação num assentamento rural, vizinho mesmo a ESEC. A pessoa vem aqui depois de receber o auto reclamando que não tava fazendo nada de mais, cortou umas árvores, aliás, mas, nem cortou, nem permitiu, alguém chegou lá e cortou e já chega meio exaltado porque... o que pode acontecer, mas, meio que como que a gente deve fechar os olhos prá essas coisas é realmente ... por isso que eu prefiro que a fiscalização, essas coisas fiscais sabem que partem daqui, aqui é o ICMBIO , mas, que venham de outra região, pelo menos diminui um pouco essa pressão... (quando a brigada é formada por assentados?) É... é o seguinte, a gente nem sabe direito, a gente com mais tempo a gente vai ter essa resposta exatamente. É bom porque eles conhecem a região, os vizinhos sabem que ele é brigadista, veste uniforme e ele também pode passar algo de onde ele vive, da família, da importância do trabalho que ele faz. Só que, tenho ouvido que os assentados tem a cultura da caça então, e se antes, no momento de lazer, que ele está sendo contratado como brigadistas, de lazer ele as vezes, tem algum que as vezes caça, e os outros que não concordam muito com isso, não falam, não denunciam, com medo de represália. Então, essa cultura da caça ou ... acontece também do brigadista que não conhecia a ESEC conhece todos os detalhes e depois, vai conduzir caçadores. Por isso que uma fiscalização mais permanente, mais atuante, ... aí a gente fica totalmente... (que componentes para um plano de ação para esta área) Primeiro adquirir áreas prioritárias assim, no caso que a gente pensa fazenda Salão, aquela região ali né? perto de Flexeiras. Por ali, Salão, São João, Poço Verde, já tem acesso, tem o processo de duplicação da BR 101 que também ficou de colocar sinalização, uma guarita e daí se ampliando esse processo de desapropriação para áreas mais conservadas as mais importantes em termos de biodiversidade

que é a região da mata da Bananeira. Junto a isso um ... o aumento da nossa estrutura básica principalmente servidores e vigilantes que coloca colocando a sede onde fica a Fazenda Salão, a gente precisa desse reforço porque senão de nada vai adiantar. (os componentes seriam 1 a questão fundiária?) É. Melhora da infra estrutura (a outra seria fiscalização) É, também. Eu acho que esses três, já abrange bastante. (fundiária, fiscalização e...) Melhora da infra estrutura e também aquisição de novos servidores prá a área. Porque com esse do aumento de servidores aí propicia a poder trabalhar com a região, com escolas, com a região. (e quais os principais parceiros) Primeiro, o governo federal, depois acho que seria interessante as prefeituras locais, universidade, e essas ONGs aí, as ONGs que fizeram parte do Pacto Murici (depois do afastamento da AMANE voce não teve mais contato com outras ongs?) Não. Ninguém procurou. (...) material e humano. (e no caso das redes? nesse plano de ação) Bom, se elas conseguirem captar recursos ou pressionarem o governo a agilizar esse processo da regularização fundiária, do plano de manejo que tá ... a nosso ver, atrasado, já... divulgação que eles trabalham bem , divulgação dessas espécies endêmicas e ameaçadas, principalmente de aves, né? (voce tinha falado que ia prá um evento...) Não, não sei se dá tempo, eles falaram desse evento mas, demoraram para convidar. Aqui a gente funciona cada dia mais precariamente, questão de recursos é só mais cortes.

3. ENTREVISTA JO

(Em 2005, na época do Pacto Murici, voce estava vinculada a alguma organização) Não. (e depois?) Não. Depois... eu acho que ainda só... (da associação de moradores daqui) era... eu já era daqui, secretária aqui do assentamento e depois eu comecei a participar da APA, tirando isso não. (A APA era em que?) Era que, a gente começou... eu comecei a participar da APA pela AMANE, a participar da reunião (da reunião do conselho?) Isso. (Conselho Deliberativo da APA, e você não participa mais?) Não, eu participei até o ano passado. (e aí voce começou a trabalhar junto com a AMANE desde quando?) Acho que, depois de dois anos... porque é assim, eu não fiquei no começo, no começo, já entrei um pouco antes da parte dos fogões, essa parte (não sabe que ano foi não?) Não lembro. (então foi depois dos fogões?) É, quando comecei a participar, ir nas palestras e cursos que dava né? (quais cursos você participou?) Mas era mais sobre capacitação... (você fez aquele que a gente fez em Maceió, nas freiras? nas duas vezes?) Foi. (você tem o certificado como gestor de unidade de conservação?) Tenho. (fora isso...) Só no assentamento mesmo, com Denise, (que foi naquela reunião que foi lá com as freiras?) Foi. Eu participei quase todas as reuniões do plano de manejo. (fora isso, aqui, você tem agrofloresta?) Não, fiz não agrofloresta, eu tava participando assim, mas, eu

não fiz como Dona Rita, que Dona Rita ampliou no lote, né? Só era por alto (só de conhecimento) É. (você imagina a missão da AMANE?) Missão da AMANE quando tava aqui imagina ainda que seja, que ela ajude a natureza e os que vivem nela a melhorar né? não destruir ela (e voce acha o que dessa missão?) Eu acho importante porque muitas vezes a gente não liga né? até eu mesma, eu participo de muitas coisas e as vezes eu esqueço, eu faço,eu derrubo um pau, que não deveria e muita gente que não conhece faz pior, né? então eu acho (o que voce acha que poderia ter sido melhor, ficou faltando?) Poderia ter sido melhor... não me passa... o tempo que eu passei, o tempo que eles ajudaram foi importante, né? que eles não tivessem parado né? mas, pelo que eu entendi foi por causa de recurso... muita coisa lá e também a gente não pode dizer que quer ir, conseguir tudo né? (bom era que tivesse continuado, crescido? de que maneira essa missão tem haver com a sua vida?) Assim eu acho que na parte de querer cuidar né? A AMANE pelo tempo que ela passou é como se ela fosse uma casa, cuidava das pessoas, cuidava assim da limpeza, fazer com a natureza. Eu tento cuidar mas, eu não sei passar esse cuidado. Todo mundo é falho, eu tento aconselhar, não é assim, não é assim, mas, acho que o meu jeito não é o certo. No tempo da AMANE a gente tentava acertar mais um pouco porque sempre tava alguém ali indicando conselhos, a gente tomava e dava também, agora a gente vê a coisa errada tenta cuidar mas, não sabe o certo como dá né? repassar, acho que isso. (voce lembra dos projeto...) O da cooperativa foi criada na AMANE né? (a cooperativa você foi desde o início né? a feira voce participava da feira?) eu, ainda fiz o cadastro mas, eu não participei não, quem participou , quem ia, o nome era o meu, mas, que ia era o meu pai, que so vendia mais verduras (como era o nome dele?) José Evanildo, todo mundo conhece como Doca. Ele foi poucas feiras. (quais as dificuldades e oportunidades do trabalho da AMANE?) As oportunidades é que a gente tinha mais conhecimentos eu também conheci tive o conhecimento do manejo das coisas que eu tinha, eu tinha o manejo da natureza que eu não sabia. E as dificuldades eu nem... (...) nem sei... (...) acho que, prá mim, as dificuldades em si como eu era só de participar das reuniões, articular com Dona Rita, eu não fui de plantar, de atuar pra mim foi mais passar adiante, não sei como falar... (a replicagem... a colheita principal) Eu consegui prá mim mas, prá passar prá alguém a minha dificuldade foi mais essa. Acho que foi isso. (o que voce destaca então é o conhecimento e a possibilidade de repassar) ahhan. (como voce avalia as ações...) Assim o que foi muito bom porque, depois da AMANE eu morava aqui no assentamento mas, eu não tinha noção do que era assim, nada, eu era secretaria mas, não tinha aquela noção, mas, depois da AMANE eu tive a noção o que era preservação... por alto, acho que isso. Que as palestras, ele vinha dar as palestras e a gente ia prá lá também, né? (em relação a proteger a mata

atlântica o que acha que a AMANE foi mais importante) Acho que foi muito porque antes todo mundo queria, qualquer coisa ia prá mata, prá fazer uma cabaninha, ia prá mata, prá fazer lenha prá toca fogo, e depois da AMANE, assim, continuaram indo mas, foi pouco, que foi uma que fosse um empurrãoanzinho para diminuir o desmatamento (e na sua vida o que melhorou, mudou, contribuiu) Contribuição? (...) mudou como uma vez eu disse, eu entrava num canto calava saia muda, mesmo que o povo diz que eu sou muito arengueira, mesmo aquele pé de arenga eu depois da AMANE, depois das palestras, o que eu não entendia, eu perguntava aí mais aquela timidez saiu mais, como é que eu falo. O conhecimento me abriu portas né? também. Que, eu não conhecia muita coisa sobre a natureza, e depois que eu comecei a participar... eu não pude cuidar o lote mesmo, algumas pessoas que tinham dúvidas, vinham perguntar e eu falava as vezes eu não sabia explicar mas, eu corria pro Fábio, Fábio como é isso aqui? Ele me dizia e eu passava prá pessoa, é isso. (voce participa de outras ongs hoje?) hoje... o conselho de saúde e do conselho da APA, eu não sei mais se eu to, porque depois de três reuniões não é mais conselheiro né?então não sei mais se eu tou. Eu também não sei, desde o ano passado que eu não participo, eles não mandaram o convite mais (e do conselho de saúde, voce está por onde?) É... pela secretaria de saúde, a secretaria de saúde que ... (fora isso tem a associação de moradores?) É, e a Cooperativa. Que agora não é mais COOPF é COOPERDOM, uma coisa assim, cooperativas das mulheres do Dom., eu nem lembro, foi eu e ela que inventou mas, é uma coisa que bem assim, eu não sei como ficou a sigla, M de mulheres do Dom, eu sei que o nome completo é cooperativas das mulheres do Dom que a menina até brinca, que tem dois homens mas, ... Dom de Dom Helder. (e assim, o que voce acha a importancia das ações em rede para as conquistas ambiientais) Eu acho que é importante, né? um pouco de cada prá prá natureza, só que não seria só eu, teria que ser mais, porque só uma andorinha não faz verão né? só eu participando dessas ONGs, eu e Dona Rita, os outros é... a gente passa mas, eles ficam, é. (porque? qual a dificuldade maior das redes, deles se acordarem, será que não sabem da importancia?) Eu acho que eles mesmos, não sei, porque a gente mesmo bate tanto na mesma tecla que, as vezes a gente deixa de mão, que fala, fala, fala, que mais Dona Rita fala né? mas, parece que não ligam, aí pronto. (dentro das ações em redes, que ações são mais efetivas?) aqui? (de uma forma geral) O mais é a saúde, agora, que a gente luta e luta, com o atraso que foi, a gente ainda ainda comparece, acho que isso (comparece e consegue ser mais eficiente?) Ainda não, total não. (e na questão ambiental?) Na questão ambiental... a gente ainda luta mas, aquela coisa, um tenta, o outro diz não, o ano passado chegou uma notificação de uma senhora que tinha desmatado o lote, a gente foi agoniada pro ICMBio, aquela coisa, a gente pensa que não tá que tá tudo bem e de

repente chega aquela pancada. É como ... tentar impedir mas, a gente não consegue tudo. Ainda tem aqueles que desmatam, parece que é de propósito. (e se as redes fossem mais fortes, voce acha que mudava?) Acho que sim, porque não era como aquela coisa só de punir né? ahhh desmatou vai pagar aquela multa, aí pagou, prá eles ... eu já paguei e se fizer de novo eles não vão, acho que é isso. Não é so punir e sim dar aquela punição mas também desse aquele empurrãozinho prá tentar ajudar, né? (é porque tem a questão a multa é mais importante que a conscientização?) É. Também tem isso. Aí... (tem que saber o jeito certo prá cada pessoa?) É. (no caso da uc, quais os problemas mais graves, como as ações em rede poderiam contribuir?) Os problemas mais graves é o desmatamento, muitas pessoas ainda continua, desmatando. Agora não lembro não... (em relação ao desmatamento, que ações poderiam ser mais fortes em rede? qual a força da rede) Acho que o pessoal ver o resultado dos primeiros, exemplo tivesse um reflorestamento, visse o resultado, desse bons frutos, eu acho que eles iam se espelhar, acho que é isso, mas, também não sei como. Como passar isso prá eles que... (no caso da agrofloresta... se a gente fosse pensar num plano de ação, que componentes seriam mais importantes?) Eu acho que ia cuidar mais da reserva, de água e fazer mais a agrofloresta, porque aqui mesmo tem, tem, eles não mexem mais na reserva por causa dessa briga que tem com o ICMBIO, porque se o ICMBIO não tivesse em cima eu acho que não tinha mais nada por aqui de mata, mas, nos lotes e você olha e só vê o lote, você não vê uma árvore, acho que é isso. (o que voce chama de cuidar da unidade?) Eu chamaria de cuidar (cuidar é bem amplo, tudo isso seria cuidar) É assim, porque tem muita gente que tem rio no lote e a beira do lote é cheio de mato, essas coisas assim, poluída porque assim quando você olha é... tem rio, como lá mesmo, detrás de casa passa o rio aí tem gente que tem fossa perto, lixo, joga lixo, essas coisas, eu falo cuidar assim. (...) assim, exemplo, cada pessoa no seu lote tivesse a sua agrofloresta aí teria um (no caso da unidade em si) A unidade em si né? (A ESEC) Ela em si é o desmatamento, ter cuidado com o desmatamento porque o que mais acontece é isso, desmatamento, essas coisas. (e quem seriam os parceiros?) Parceiros, como assim? (...) o assentamento em si, junto com o ICMBIO (mais alguém? e o INCRA?) O INCRA pelo pouco que eu sei não é mais INCRA, não tem mais INCRA, Dona Rita disse mas, eu esqueci, agora é outro nome, as pessoas que era vinculado ao INCRA, uns se juntou com esse agora e outros não tão mais. E tamos sem INCRA. (uma situação ideal para essa região) Uma coisa que tivesse aqui no assentamento, ou na região, agora não passa nada não.

4. ENTREVISTA PM

(Está vinculado a alguma empresa hoje? A mesma da época do pacto murici, em 2005? A empresa em que voce está vinculada realizou ações em parceria com a AMANE?) Eu não sei porque você participou disso aqui mas, nunca uma coisa com muita... é... registrando nada, o que foi que a usina participou com a AMANE? Eu não me lembro de nada oficialmente, receber o pessoal que vinha através de você e da AMANE naturalmente. O pessoal que era conselheiro de ONG, presidente de ONG e a gente com o maior prazer do mundo mostrou o que a gente tinha, porque como a empresa é uma empresa conservacionista se interessou em participar desse ponto, mas, não me lembro da gente ter feito nada a não ser colaborar com as visitas, receber um pessoal aqui, foi só isso. (qual a missão da amane? o que voce acha que é a missão da amane?) A missão da AMANE é importantíssima no sentido em que a gente tá precisando cada vez mais de voltar o nosso planeta a voltar a condições viáveis porque tem uma coisa que me preocupa muito é esse excesso de população que tá crescendo em ritmo mais do que em progressão geométrica. Há 50 anos atrás a gente tinha 2 bilhões de habitantes na terra hoje depois de 50 anos depois somente a gente 7 bilhões e meio, então prá caber esse povo todo usando o que usa, fazendo uso de mata de combustível, de alimento, é preciso que haja realmente um cuidado maior com o planeta, então eu acho que o trabalho da AMANE em conservar as matas no caso a mata atlântica é fundamental. É preciso que haja muita, muito mais é... órgãos trabalhando nesse sentido e aquela parte socioambiental num lugar onde existe tanta pobreza, se você vem e ensina a trabalhar de uma maneira sustentável, tirando seu sustento do trabalho agrícola e algum tempo conservando mata eu acho que é um trabalho maravilhoso embora eu acho dificílimo. (como são as atividades da sua empresa poderiam ser melhor?) Bom, pelo lado da AMANE, se a gente tivesse feito com as matas que nós temos, RPPN, que seria uma maneira de preservar a mata oficialmente pela AMANE, mas, como a empresa preserva bem as matas, preferiu manter essa administração e o exemplo que a gente dá é muito bom porque a gente tem as matas muito preservadas, fizemos é... corredores entre um bloco e outro de mata fazendo os animais passarem, então a gente não deixa que tire nada das matas da empresa, nem a gente mesmo usa. A gente só usa madeira muitas vezes comprada fora ou então das que cai dentro da mata pela idade pelas intempéries,a gente não desmata mais, a gente não desmata. A gente hoje não usa mais, que quando eu cheguei aqui há 40 anos atrás a gente usava lenha como combustível, hoje pela melhoria da a preocupação de preservar também a gente tem um balanço térmico da empresa também muito bem muito bom, e a gente hoje usa o bagaço da cana como combustível e até sobra e a gente vende

energia elétrica por causa do combustível fornecido pelo bagaço. (mas, voce não acha que tem algumas ações que a amane se envolveu e trabalhou não so com unidades de conservação, mas, também com educação ambiental, com restauração que a empresa poderia ter se envolvido mais?) Nós fizemos, nós fizemos, não tenho na cabeça os números, nós fizemos reflorestamento muitos anos seguidos, reflorestamento de árvores nativas da região e começamos a plantar também eucalipto prá poder, quando precisar de madeira a gente não entrar na mata primitiva e sim na mata exótica que a gente tem eucalipto e a gente não precisa mais de madeira nenhuma nem comprada, porque de comprar a gente traria de outro lugar mas, seria de mata também então a gente hoje produz a madeira que usa eucalipto então eu acho que... repete a pergunta, que foi... (como a usina poderia ter partilhado mais, integração maior nessas áreas, restauração e educação ambiental, a amane tinha parceria com o pacto, protocolo de restauração...) Quando você fala restauração é replantio? (É) Como eu disse a você muitas vezes eu poderia levantar quantos hectares nós já fizemos de reflorestamento então, independente da AMANE, não estou querendo desmerecer o trabalho da AMANE, mas, independente da AMANE, nós fizemos por iniciativa própria, muito reflorestamento, fizemos muitos reflorestamento, eu poderei dizer isso em números, só não tenho aqui... na cabeça agora, mas, essa parte de recuperação a gente tem feito além do cuidado para não haver depreciação da mata, a gente tem feito replantio de mata, onde as áreas de cana tem sido mais difíceis hoje em dia, falta de mão de obra, a gente não faz questão de plantar mata. (em relação ao pacto murici, dentro do que voce conhece, que contribuições ele teria nesses dez anos na luta de proteger esse bioma?) Esse exemplo que você deu, não conheço o pacto murici muito de perto, mas, pelo que tenho visto e ouvido dizer até por você mesmo, é que existe uma coisa que teve êxito e tem muita gente lá vivendo de desenvolvimento sustentável, feliz, aprendendo muito e a AMANE foi assim um vetor de conhecimento desse pessoal menos informado que hoje eles podem fazer reuniões, podem pleitear coisas de órgãos públicos e hoje vive sozinha, quer dizer, esse assentamento de Murici hoje é um exemplo que pode que todo mundo devia conhecer, que muita gente vive baseado nos conhecimentos que tiveram da AMANE eles vivem bem, ou pelo menos dentro do possível, vivem equilibradamente sem desgaste e mantendo a sua vida sustentavelmente pela agricultura familiar, preservação da mata. (voce participa de outras redes elas são mais efetivos nos seus propósitos?) A gente participa, não chamaria de redes mas, participa de convênios com universidades que eu acho uma coisa muito importante, que os grupos das universidades, as vezes Marcelo Tabarelli, na frente, fizeram grandes pesquisas nas matas da usina, estudando tipos de vegetação, tipo de animais que existiam, a flora e a fauna que eles descobriram por

aqui. Existe até um artigo na revista National Geographic, que tem uma revista da National geographic, inclusive em inglês, também, que fala inclusive da usina Serra Grande, elogiando muito por causa dos convênios que a gente tem com diversas universidades, então a gente tem esse metiê, a gente vive sempre cercado de gente querendo aproveitar das reservas que nós temos. (quais as ações mais efetivas em redes? não só as de conservação, mas, de usinas, fornecedores, que tipos de articulações em redes voces tem?) Nós já tivemos muito mais, mas, infelizmente, esse PROALCOOL, que foi uma assunto que fez inveja ao mundo inteiro foi desprestigiado pelo governo e as usinas entraram numa crise que não tiveram mais tempo a não ser para procurar pagar as contas e procurar não fechar, a exemplo de muitas outras que já fecharam. Felizmente nós vamos ainda sustentando bem e a tendência agora está sendo melhorar, porém, que eu acho que mais detonou esses relacionamentos com pesquisas e com essas universidades e tudo foi a condição tão precária em que as usinas se viu metidas que trabalharam somente para sobreviver, então, nessa hora a gente pensa menos. (no caso das conquistas ambientais, qual a importância das ações em rede? garantir alguma área importante, a manutenção de uma área dessa...) Eu acho que... sem querer ser presunçoso, eu acredito que, antes de qualquer rede havia uma mentalidade da empresa de conservação, você conhece bem e todo mundo sabe disso, nós temos a maior área de mata preservada em empresa privada no nordeste, então, o resultado de investida de outras... redes, enfim, eu volto a citar que a AMANE dá um excelente exemplo, mas, não diretamente houve aqui uma mudança muito grande por conta disso porque já existia um raciocínio em cima desse setor que intuía a preservar. E as universidades também foi uma coisa muito boa, que nós tivemos convênios com universidades que nos deram muita... muita... muito ensinamento. (os problemas mais graves que dificultam as unidades de conservação, a usina prefere por conta própria manter suas reservas e como as ações em rede poderiam contribuir) Eu não, eu não digo que temos dificuldade de manter esse trabalho que nós fazemos, inclusive de conservação de matas, nós não temos dificuldades, o problema é que o setor como se viu muito prejudicado e espezinhado pelo governo, a gente terminou mas, não chegamos com isso a prejudicar em nada o ... a conservação das matas. (independente da empresa, a empresa faz melhor...) Eu não disse que faz melhor eu disse que tá satisfazendo (eu acredito...) Pode ser até que, com a AMANE fosse melhor, mas, com a gente preferiu manter como tava fazendo porque dava certo (A AMANE não se propôs a manter as matas...) eu citei a AMANE só como exemplo. (não seria a AMANE que iria cuidar da unidade de conservação, seria o estado, a indústria consegue manter melhor do que o estado) Sem dúvida, (quais os maiores problemas dessas unidades de conservação? não dentro da empresa, fora) Eu só posso dizer

do que eu ouço falar, é que tudo que vai pro estado ainda tem uma tendência de abandono que os interesses de quem toma a frente das repartições que hoje eu vou fazer uma crítica aqui de uma fiscalização exagerada é... eu podia lhe dar exemplos de exageros nas exigências do Ministério de Trabalho sem dizer que a gente quer diminuir o direito do trabalhador, mas, uma perseguição propriamente dita, porque a gente faz uma coisa como o ministério pede e logo em seguida eles vem querendo mostrar outras coisas que a gente antes não tinha obrigação e que vem como obrigação a gente é canetado tem que pagar multas enormes de coisas que a gente nem sabia que existia. Então, eu acho que esse é um dos motivos que eu acho que a gente... voltando a sua pergunta... (sobre a ESEC MURICI?) A ESEC MURICI é um exemplo dentre muitos que deu certo, entre muitos não, eu... de muitos exemplos, que deu certo, eu não conheço mais em outras regiões, prá lhe responder, com a precisão, eu não sei. (então, as ações em rede contribuem?) Tem que contribuir. Enquanto tiver gente interessado em que se faça funcionar bem, alguma coisa tem que ficar melhor, mas, muito melhor. Mas, infelizmente não se vê isso frequentemente. (se fossemos começar do zero e fazer um novo plano de ação para a região, que componentes seriam contemplados) Eu não posso dizer outros componentes, eu posso dizer que o Pacto Murici deu muito certo, eu acho que dever-se-ia fazer, tentar, pelo menos, repetir os procedimentos que foram feitos lá em outras áreas. O que deu certo lá, não se deve mexer no que tá ganhando né? deve incrementar e ajudar na medida do que for possível e fazer novos assentamentos nesse sentido. (quem seriam os principais parceiros?) Seriam as ONGs que trabalham com esse interesse porque não acredito ainda que nada que venha do estado, sem querer ser subversivo, não acredito ainda que mentalidade do funcionalismo, a não ser com raríssimas e honrosas exceções tenha capacidade de fazer um assentamento desse sem as ONGs e as pessoas que se dedicam a ... de corpo e alma a esse tema.

5. ENTREVISTA JM

(voce está vinculada a alguma ong hoje?) hoje não (e na época do pacto Murici?) 2005, a gente tinha uma parceria forte com a AMANE, né? não tinha uma ONG específica não. (em quanto tempo atuou em parceria com a AMANE?) Nossa parceria foi com uns oito anos, né? foi mais ou menos isso, Dorinha, foi desde o início logo... foi em 2005 não é? até praticamente agora 2012, 20113, nos estamos né? foi mais ou menos isso (qual a missão da AMANE que voce se lembra?) A missão maior AMANE é a missão da preservação né? a missão dela é justamente é... buscar né? a AMANE foi uma coisa assim um canal muito importante, principalmente prá gente de RPPN a gente deve muito a vocês, o caminhar, o

guiar da nossa história, porque existia um sonho mas, não existia a concretização a formalização, quer dizer, se tornar uma RPPN, de transformar parte da Fazenda Santa Maria em uma área de preservação perpétua uma RPPN e vocês foram justamente os padrinhos, as madrinhas, o orientador prá gente realmente fazer essa formalização, não é? (...) Nós fomos à AMANE lá em Recife, várias vezes, não é? nós visitamos, vocês vieram muito participaram muito de reuniões, trabalhos de estudos, né? e a Reserva tinha aquele apoio né? um apoio logístico que a gente, pra gente era um prazer imenso e ao mesmo tempo cientificamente a gente ia absorvendo muita coisa né? porque quando a gente partiu prá fazer a RPPN foi uma coisa assim do desejo, a gente nem sabia que existia essa questão, essa sigla RPPN, existia o desejo de papai, que, ao morrer, aquela história de transformar... parou de cana, aquela coisa, aquele sonho de criança que ele teve, desde 7 anos, quando ele era cortador de cana e queria ser, ter a certeza que, ao morrer, aquela mata não fosse destruída jamais, aí a gente realmente, legalmente não sabia de nada foi quando a gente começou a ter no caminho a AMANE na sua pessoa Dorinha, que nos deu assim muita base, muita sustentação nisso né? e a concretização, a formalização mesmo, quando a gente... nós nos conhecemos naquele primeiro seminário né? lá na Reserva foi que a gente ficou sabendo que existia o decreto né? através do presidente Fernando Henrique Cardoso, criando as RPPNs e também passamos um período lá no IBAMA, que agora é ICMBIO né? tentando formalizar a RPPN ali, né? a nível federal e foi quando o governador Ronaldo Lessa criou justamente através de decreto e deu ao IMA esse poder também de fazer, criar as RPPNs estaduais e assim foi feito foi rápido o tramite e foi muito importante (como voce acha que essa missão da AMANE poderia ter sido melhor?) Olhe, eu não diria que seria melhor, eu acho que você, a AMANE, ela deu, tudo e mais alguma coisa dentro do seu campo de atuação, do seu limite, da sua esfera de poder, de articulação, quer dizer, foi através de vocês que formamos um gancho na SOS Mata Atlântica, essa... trouxe a SOS lá prá reserva prá gente né? eu acho assim, eu não diria que melhoraria não eu acho assim que, não foi a AMANE, foi assim a questão da gestão pública, da questão realmente de governo, de ... vocês fizeram até demais, né? com dedicação, a responsabilidade, o empenho do fazer e o que deixou de fazer não foi porque vocês não quiseram foi porque faltou realmente recursos, recursos financeiros que pudessem ampliar um quadro de pessoal, recurso financeiro que pudesse fazer mais projetos, que esses projetos fossem mais, vocês realizaram muitos projetos importantes. E eu tenho certeza que, se tivesse condições faria muito mais então eu não colocaria a AMANE, eu acho que a AMANE fez o papel dela muito bem sabe? (de que maneira essa missão da AMANE está inserida na sua vida, se coaduna com a sua missão de vida?) Eu acho que foi um casamento perfeito né? nós já tínhamos o desejo,

essa ideia da questão da preservação ambiental, da questão da ... fauna, flora, do sonho né? do pai ecologista, eu sempre digo que, nossa família ela não tem nenhuma formação acadêmica na área ambiental toda a nossa formação é de coração, é da alma, e a gente sabe, uma coisa que é muito claro, ecologia é antes de qualquer coisa, missão de vida, se alguém quiser pegar a ecologia e fazer dela comércio, não vai porque a ecologia ainda está eu acho né? Dorinha, num patamar ainda muito insipiente sabe? Insipiente assim com... na criação de leis mais é... severas, não digo severas assim o termo, mas, leis que ... mais eficientes entendeu? então a gente vê o seguinte que a AMANE só veio a somar porque foi um casamento perfeito voces nos deram a... todo o respaldo científico nos deram orientação, técnica, nos deram orientação, até de certa forma jurídica, no caso de formalização, tramite, da questão da diplomação, de receber o título de RPPN, então, essa parte, a gente deve 100% a vocês né? isso foi uma coisa assim muito importante. Esse casamento foi muito bom. (que atividades e projetos esteve envolvida na AMANE?) Ahh, nós tivemos vários, foi aquele projeto da ... teve do SEBRAE, teve ... ahhh o de Repartição dos Benefícios, nós tivemos a ... tivemos muitas oficinas na reserva , tivemos aquela de bijouteria, né? teve justamente com a Reserva a Biosfera da Mata Atlântica, teve a oficina não só essa parte... mas, teve também oficina de palestras tivemos muitos encontros lá na Reserva né? foi muito importante essa parte né? (teve também a capacitação em gestão participativa que voce participou) Ahh... sim, aquilo foi muito importante, no Centro de Educação, fomos várias vezes, não só para a capacitação como palestras que tinham, apresentação de outros trabalhos né? a... nós participamos também do plano de manejo lá da Vila d´água a gente também foi assistir, aprende né? com os resultados dessas pesquisas, com os resultados dos trabalhos (em síntese, quais as principais dificuldades e oportunidades do trabalho com a AMANE?) (...) olha, a dificuldade é que a gente sempre quer mais, por exemplo, nós uma coisa que voce da AMANE tentou e não conseguiu, lógico, é trazer um projeto para dentro da RPPN, eu não digo que foi dificuldade da AMANE, foi alguns projetos né? voce fez alguns projetos prá SOS Mata Atlântica, Plano de Manejo, plantas invasoras, ... e também teve outros projetos que nós tentamos, eu não vou dizer que foi dificuldade da AMANE, porque o leque de projetos, o leque de necessidades é muito grande e infelizmente não tivemos nenhum projeto desses,... de restauração, houve também aquela proposta de fazer uma sementeira lá dentro da reserva, né? entendeu? o clickarvore aí eu não posso dizer que foi dificuldade, eu posso dizer que não foi aprovação, que foi feito os projetos, foram, entendeu Dorinha? a dificuldade foi que eles não foram aprovados rsrsrs (e assim, como eles poderiam ter sido melhor?) olhe fica até difícil como é que poderia ter sido melhor, tudo tudo tudo tudo no final a gente esbarra na questão financeira de recursos não é?

e quando é recursos voce se limita a recursos humanos e recursos materiais e... como voces, a AMANE tinha um leque muito grande de abrangencia, o nordeste praticamente todo né? e voces tinham... mas, eu acredito o seguinte, não foi nem a AMANE, não houve uma parceria ... não houve ... foi tentado várias vezes, com os governos municipais né? para que eles pudessem estar mais perto das comunidades nos municipios mas, houve muitas tentativas, eu me lembro que nós fazíamos reunião na praça, debaixo das árvores porque o poder publico prá ele a ecologia não existia, no caso de Murici essa coisa toda, então é como falei prá voce, eu acho assim sabe? não é missa de corpo presente não mas, houve assim um empenho muito grande uma doação muito grande, de muita responsabilidade, todos os técnicos que passaram por lá, toda a sua equipe, houve uma doação não foi feito mais porque,... não foi feito (qual foi a principal colheita que deixa para a sua vida?)Vida pessoal? olha, o ganho que eu acho é que através da AMANE eu fui picada pela causa verde né? e agente realmente aumentou, com essa parceria com a AMANE com essa convivência aumentou a minha consciência ambiental, aumentou mais o meu amor né? aumentou mais o acreditar que a gente pode ter um mundo economicamente vável, socialmente justo e ecologicamente correto então é... um pensar no futuro e eu acredito nisso, mas, seria muito importante que esse ecologiamente fosse mais efetivo, fosse mais palpável, fosse mais então... voces deixaram muito isso com a gente sabe Dorinha? foi muito bom. (como voce avalia as ações do pacto Murici na AMANE?) O pacto é... o nome é interessante, quando a gente faz um pacto a gente espera que esse pacto ele seja ele seja, como é que se diz, ele seja efetivado na íntegra, quando a gente faz um pacto, um pacto com quem? com uma pessoa com várias pessoas e... se tratando de território do pacto, lá do pacto murici, primeiro a essência ela foi muito importante né? quando você pensar que nós detemos ainda um fragmento da mata atlântica original, essa luta é em preservar pelo menos aquele pedacinho, não deixar destruir mais o que foi destruído esse pacto é uma coisa muito forte. Quando se faz uma coisa com várias entidades sempre existe elos que se quebram que se rompem. em essência ficou, entendeu Dorinha? ficou a semente e a sensação que as vezes a gente pensa de frustração porque a nossa expectativa, voce como ser humano, não como AMANE, quanto você se doou, quanto cada um dos técnicos, cada um dos parceiros e as vezes a gente sente que os elos eles se rompem ão porque voce quiz, se rompe com o tempo no cansaço, nas frustrações né? das pessoas. Mas, eu acho que o Pacto foi uma coisa muito importante, sabe Dorinha? e eu que assim que não foi nada em vão. Quem sabe daqui a uns anos, umas décadas a semente tá lá, florescendo, germinando, quem sabe a gente em outra geração quem sabe assistir... mas, tem a certeza, sabe aquela coisa assim eu tenho certeza que eu deixei a minha contribuição dentro da minha expectativa a minha contribuição muito forte

não é? porque houve a doação do meu dia do meu momento porque essa questão ecológica eu sempre volto a falar pra você, se você entra com o olhar financeiro, não funciona as pessoas que entram nessa questão ecológica ela entra mais com o sentimento, realmente de missão de vida, de amor mesmo, porque se não tiver amor pelo verde, pela preservação, não acreditar porque existe uma guerra que se trava todo segundo que é desenvolvimento e a ecologia, o meio ambiente, quer dizer onde há m.. onde há dinheiro há destruição, então, esses dois olhares, até quando nós vamos ter o momento de trégua, de paz, que eu possa realmente viver, caminhar junto com o desenvolvimento mas, com a preservação e a gente vê lógico, que esses anos todos, esses séculos de destruição, o planeta taí agonizando com suas temperaturas, com seus aquecimentos globais com a extinção de várias espécies, então, são coisas que são perdas, perdas minhas, sua, de todos nós, principalmente a questão da água que a gente sabe que, quanto mais desmatam as nascentes elas não existem mais e não sei como é que o homem vai fazer se ele não parar prá pensar né? e agir, né? o que que eu vou fazer para irrigar minha cana irrigar a minha lavoura, se não tenho mais mata? tendo mata eu não tenho nascente, se eu não tenho nascente não tenho água, se não tenho água, não tenho vida, quer dizer isso é um processo natural né? mas, eu acho que, nesse contexto sabe Dorinha eu acho que todos nós somos perdedores, só temos a perder, todos nós perdemos ao longo dessa nossa civilização, sabe? (voce participa de outras ONGs hoje?) Não. A única coisa que eu mantenho, que eu participo atualmente é o conselho gestor da APA né? da APA de Murici essa... muito capenga porque quando existe trocas de pessoas dentro da esfera de governo, tanto municipal como estadual e federal existe essa cultura do recomeço e isso é um atraso terríve, l cada mudança, tudo que a Dorinha fez, a Jacineide fez parece que não tem sentido mais, não existiu, é no lixo, aí vai começar a querer fazer a roda, que ela já existe da mesma coisa, não tem aquela cultura de dizer, poxa, eu vou na minha pesquisa... não, fizemos até aqui então vamos adiante gente, não vamos recomeçar pelo amor de Deus, né? então é eu acho assim, por exemplo, uma coisa importante que foi deixado, como legado, essa questão do turismo, como a gente viu que, para manter aquela matinha da RPPN em pé, precisava de ter alguma atividade financeira, né? e a oportunidade de transformar aquilo ali no turismo sustentável não é? e ao longo desses dez anos é que nós estamos fazendo levando, fazendo palestra, sensibilizando, plantando... projeto de reflorestamento é uma coisa que a gente vem a dez anos fazendo né? aquele projeto de 50 mil árvores permanece, cada pessoa que chega a gente faz toda aquela vivência de plantar uma árvore, então, o que nos dá satisfação é que nós estamos fazendo a nossa parte, entendeu Dorinha? e isso é tudo sabe? as vezes quando papai se senta lá na área da fazenda, olha assim, oh! minha filha como tem plano, ahh que coisa

linda, porque eu ajudei a ele a fazer esse sonho, né? e infelizmente a gente vê que não existe a quantidade de conhecimento, não existe, porque para você preservar você... não existe a contrapartida do governo né? rola a 500 mil anos a questão de imposto verde a questão do trabalho ... essa permuta do trabalho ... não existe, quer dizer se você tem uma estrutura que devaste 500 mil árvores, sabe que existe as RPPNs que elas poderiam fazer uma permuta lá de ajuda financeira, do replantio lá nessa área de fazer fazer...fazer, fazer como se fosse assim, se voltar, como assim, vamos recuperar aquelas nascentes né? daquelas RPPNs, isso são tantas coisas que podem ser feitas, né? quer dizer que pode trabalhar junto mas, isso são mão ooo, rsrs... são estradas diferentes não sei se estou contribuindo, entendeu, estou falando assim...né? eu estou falando as coisas que a gente vai... (qual a importancia das ações em rede para as conquistas ambientais?) eu acho que é fundamental, quando se fala em rede eu acho que, nesse mundo globalizado a gente deixou de ser eu prá ser nós, né? então a rede, na minha cabeça, a rede tem muito isso, do nós, rede é o que? é o conjunto, e diga aquela ideia, você trabalhou muito essa questão dos corredores, quer dizer, já se fez muito mas, tava precisando se fazer muito mais né? esses corredores, é... ligando os fragmentos, isso era de uma vitalidade importantíssima, da manutenção das espécies, tanto da fauna como da flora, né? e a gente sabe que ainda não conseguimos Dorinha essa questão da rede nesse sentido assim focando nesse aspecto, to colocando a rede no sentido do ... de unir os fragmentos da mata atlântica, mas, a rede como pessoas pensando na defesa isso é um processo que eu acredito que não vai terminar nunca. (...) se você falar assim a rede e corredor justamente o que a rede quer é a junção de mãos e a junção de que, é a ligação da minha mão com a sua formando um corredor Esse corredor com o objetivo de preservar a vida não é? a fauna, a flora e você sozinha não faz isso a rede eu acho que ela tem esse papel fundamental de unir, de juntar, juntar forças, juntar elos não é? em prol de qualquer ação não é? (que ações elas são mais efetivas em rede?) Eu acho assim que ações mais efetivas em rede é o fortalecimento do diálogo né? o fortalecimento do diálogo, a rede ela tem um instrumento muito forte que é o fortalecimento do diálogo, fortalecimento de uma ideia, de um projeto, quando você joga esse projeto, essa ideia na rede você vai fortalecer o diálogo você vai fortalecer justamente a perpetuação de daquele objetivo, daquele segmento, que você está abraçando. Então, rede, eu acho uma coisa bem interessante, além de fortalecer ela é um caminho sem volta, quando você consegue estabelecer contatos através de redes, você não sabe mais retroceder, não é? porque dentro da rede é uma pulverização muito grande de todas as contribuições, todas as contribuições, que eu pego parte de mim jogo prá você você pega parte de você, junto com a minha parte já repassa, então a rede é pulverizada e ela é... como é que se diz, oxigenada, né?

por todas as... por todos os capilares, todos as ... as vertentes, com os mais longínquos que seja você conseguir através da rede, então eu acho que a rede é fundamental e eu sempre digo, voltando a rede até prá... questão do hoje, eu digo assim que hoje no Brasil, nós temos 5 poderes, 5, o poder executivo, o poder legislativo, o poder judiciário nós temos o quarto poder que é a imprensa e o quinto poder que são as redes sociais. Esse quinto poder é mais forte que esses quatro. As pessoas começam a ter uma dimensão do seu poder e as redes elas estão contribuindo com você construir um mundo do jeito que nós queremos não do jeito que eles querem, eles são apenas passageiros então, eu acho que essas contribuições das redes no sentido da comunicação, da rede social, da rede do trabalho, enfim, a rede na sua amplitude, ela tem essa força sabe Dorinha? transformadora, eu acho que através da rede a gente pode transformar o mundo, para melhor e para pior, viu? rsrsrs depende em que mãos elas se encontram é... depende de que mãos elas estão. mas, eu acho assim que a rede é a certeza do nós. Na minha tradução, a rede é a certeza do nós. Eu deixo de ser eu prá ser nós. (quais os problemas mais graves que dificultam a implementação das unidades de conservação? e como as ações em redes podem ser mais efetivas) Olha uma coisa que eu acho da minha pouca leitura de ambientalista, essa vivencia ambiental, eu acho assim que as RPPNs elas têm um fator primordial para a preservação porque quando você fala RPPN você está com uma área de preservação perpétua dentro da mão de um privado que ela, que o entorno respeita, como é que se diz, o entorno ... não invade, então assim, preserva. Eu acho assim se desse mais condições às RPPNs existirem e sobreviverem financeiramente. Existe um custo disso né? seria, eu acho que seria uma das saídas primordiais para a preservação ambiental. Porque quando você parte para um... qualquer área ambiental que ela saia da esfera particular e vai para o público... o público ainda não tá consciente de que aquilo ali é nosso aí vai invasões, depredações, né? não existe um olhar do **cuidado** não é? não existe um olhar do cuidado e se a gente faz um trabalho voltado para o incentivo maior com recursos com benefícios para quem tá preservando é... para manutenção das nascentes, para manutenção é... de determinadas espécies tanto da fauna, como da flora que esteja ameaçada de extinção, ela tá muito mais protegida dentro de uma RPPN do que fora dela com certeza, né? então eu acho assim, e outra coisa importante também a gente pode através das RPPNs, a gente pode dar um suporte justamente na questão do turismo porque você leva o turista para vivenciar aquilo que já não existe mais, o cantar do pássaro, a ... conhecer as espécies nativas, conhecer os biomas, né? conhecer, penetrar dentro da natureza e vivenciar a riqueza que ela tem, então você pode vivenciar tudo isso com o foco do turismo também, sabe? por que? porque o turista, ele vai, ele precisa disso, como estou muito voltada para essa questão do turismo a gente percebe que

o turismo que mais cresce no mundo é o turismo ecológico. E esse turismo ecológico ele é um turismo de preservação, não é? primeiro porque é um público diferenciado, é um público que já tem toda assim uma formação sensitiva, sua sensibilidade e o seu cuidado e a sua responsabilidade da preservação tá muito maior do que outros turismo, e é um turismo segmentado não é? Não é um turismo de massa não é? então é um turismo que você pode levar muitos benefícios para tanto a preservação cultural a preservação da história gastronômica das comunidades e o turismo pode muito bem estar dentro desse viés eu acho que deveria ter políticas públicas mais eficientes com esse olhar também, pra manter, primeiro prá manter o homem no campo, ele tem que ser mantido com dignidade, comida na mesa, com dinheiro no bolso, sem precisar estar desmatando, sem precisar estar petecando, tá matando as espécies para sobreviver, então a gente tem assim, como é? nós temos um produto que existe uma demanda muito grande e essa demanda vive aonde? vive nos centros urbanos não é? quando elas saem dos centros urbanos e vem para o interior ela vai vivenciar uma coisa que ela ouviu falar na época da vovó não é? então você pode muito bem... então por exemplo essa coisa da agricultura familiar o suporte muito forte também do turismo, quer dizer, é você levar um turista pra aquelas comunidades para eles vivenciarem e eles preservarem justamente e conhecerem aquela cultura, a cultura da mandioca, da farinha, do beiju, da tapioca, do café e sabe de uma coisa importantíssima também o viés de todas as alimentações sem agrotóxicos né? isso é que é o mais importante, né? você saber que tá indo para um determinado local onde tem um cuidado maior na horta, na horta, de todas as hortaliças e também no pomar saber que aquela laranja, qualquer fruta ali não levou agrotóxico nenhum e, isso também é muito importante porque existe aquela guerra né? quando voce pega o herbicida, e qualquer veneno né? prá matar uma praga voce tá desequilibrando todo uma cadeia né? aí você... quer dizer, você é um caminho sem fim porque você desequilibra porque aparece outra, outras outras, outras e aí quebrou a cadeia alimentar daquele sistema né? (se a gente pensasse em um plano de ação para a área focal murici urubu, que componentes a gente faria nesse plano de ação?) Olhe, o foco que estou vivendo, que é o foco do turismo né? faria um plano de ação onde nós iríamos trabalhar essas comunidades para receber os turistas, tá entendendo? nós iríamos trabalhar a gastronomia, nós iríamos trabalhar o artesanato não é? porque aí o turista tem aquela coisa prá onde eu vou aí eu vou lá prá Murici, que que tem lá em termos de turismo, ah... nós temos lá em Murici 14 , 14, já catalogadas, 14 cachoeiras viu? catalogadas o que nós temos em Murici? Nós temos um endemismo que só existe lá. Então você tem um produto, ícone no mundo que não existe, quer dizer... você tem um produto ícone, nós já estamos sabendo que ... temos que aproveitar e tirar proveito disso em benefício

da preservação dele e em benefício da preservação da comunidade prá sobrevivência, pro desenvolvimento, da sustentabilidade. Então eu acho assim, que se fosse fazer um plano de ação, eu colocaria toda essa questão em ... isto é, no meu viés que estou trabalhando que é o turismo, levar o turismo para a gastronomia, para a preservação da cultura, a preservação do artesanato, a questão cultural né? isso iria fazer com o que? a gente em contrapartida a gente ia ter menos desmatamento porque nós íamos tá fazendo um plano de ação focado no turismo da observação de pássaros, então, se eu quero fazer observação de pássaros então quem é o meu condutor, quem é o meu condutor? principal? o nativo, que tá lá dentro né? então a gente vai ter o que? nós vamos ter um nativo que ele vai ter a credencial do conhecimento e nós vamos ter o que? nós vamos ter que eles trazem os turistas e eles poderão observação de pássaros eles poderão fazer rapel nas cachoeiras, eles poderão fazer o turismo de fotografia de pássaros, que é outro segmento, além de observar, existe os amantes das fotografias né? existe o turista que ele vai, que são os trilheiros que gostam de caminhar, que é importante, que esse... prá você ter uma ideia Dorinha, no mundo existe 6 milhões de adeptos, de adeptos ao turismo de observação de aves, 6 milhões, o maior público se encontra na Europa, na Europa e uma parte nos Estados Unidos, então se você pensar, se a gente fizesse um plano de ação aqui para ... to colocando aqui a ... prá Murici, a ESEC se a gente atrai, são 6 milhões, não precisava... se a gente conseguisse trazer 1% disso a gente não tinha condições de atender 1%, não tinha condições ... 6 milhões... então, e mesmo assim existe uma demanda muito grande entendeu Dorinha? então eu faria, eu focaria todo ... eu né? voltado, lógico isso não impediria que outro estudiosos teriam outros segmentos a fazer né? mas, essa questão do turismo trazendo justamente isso do turismo sustentável, do turismo voltado, do turismo ordenado, né? e um turismo focado justamente nisso, na preservação das espécies, na preservação da cultura, da preservação da gastronomia, o artesanato, então eu focaria nisso sabe Dorinha? com certeza. Se você quiser pode me contatar, me convidar que eu ...rsrs entro.

6. ENTREVISTA FP

Logo assim que eu cheguei pro centro de educação, não foi nem nas ações anteriores, mas, pro centro de educação, pra ficar lá no centro, tinha sido pouco tempo, há pouco tempo tinha acontecido de JF ter botado lá duas pessoas do Pacas, estou tentando lembrar o nome dele... tinha um deles que trabalhava com a gente na feira porque ele tinha plantado banana na ESEC e as pessoas diziam... (era lá de duas barras?) não, do Pacas (Irmã Rita falou, comentou...) o problema da bananeira lá também? isso aí é um outro problema... eu chego lá. Eu não lembro o nome dele que era a outra pessoa que tinha caminhão também como Paulo, ele plantou

bananeira, JF autuou, mas, eles fizeram um acordo lá na audiência com o Ministério Público prá ele plantar umas mudas, mas, mesmo assim era inaceitável para o grupo todo que assentado tivesse sendo multado porque tem toda a conversa que era preciso que eles multassem na verdade eram os fazendeiros tinha aquela cobrança que eles tinham que multar as fazendas dos políticos daqui porque não vai multar a fazenda... depois do pacas que tinha a cachoeira e tal, vai multar a gente por ser pobre, mas, a questão de ser pobre não quer dizer que pode infringir a lei e ele tinha infringido a lei. Então a gente conseguiu levar, com aquela coisa de levar JF prá fazer palestra durante as oficinas, porque tinha reunião da assembleia da cooperativa, depois da reunião da assembleia, lembra que tinha uma reunião voltada para agroecologia e as vezes sobrava um tempo, eu chamava JF para dar palestra. Ele deu três palestras se não me engano, a primeira sobre o que era crime ambiental, que essa gerou uma discussão muito boa, porque tinha gente que não acreditava que criar passarinho fosse crime, ha... porque meu avô cria, porque meu pai criou, porque eu não posso criar? e desde as coisas de tirar madeira, de como se tirar madeira, de alguma forma se colher madeira seca também era crime, então, tudo isso ele tirou dúvidas. Aí depois ele fez apresentação da ESEC, também todo mundo gostou porque ficou sabendo, tinha gente que tinha dúvidas sobre qual era os verdadeiros limites da ESEC com os mapas e tal, entender e eles conversaram não só nos mapas mas, qual o limite mesmo, termina na fazenda de cicrano, na porteira tal, isso eu lembro muito claro que isso foi muito bom. (eu me lembro, eu acho que participei) então prá eles saberem ela começa aqui e termina ali e como JF conhecia muito bem a região ele dialogou muito bem. E a terceira foi sobre eu acho que foi na semana de meio ambiente, sobre Mata Atlântica que ele falou. E isso, essas conversas trouxe ele prá mesma sala que essas pessoas, de igual prá igual e depois disso...eu acho que ele vai colocando na fala dele que todo mundo começou... deixava o telefone do ICMBIO deixava um celular dele e as pessoas dos dois assentamentos começaram a telefonar e dizer olha está acontecendo isso, olha está acontecendo aquilo e fazer as denuncias que era tudo o que ele precisava embora que sempre tenha atrito. Teve um atrito que ele tava até comigo, a gente foi junto prá o assentamento que ele queria ver a parte da agricultura, a gente ia visitar a propriedade da Irmã Rita, chegou lá, o danado do meu lado viu uma casa com passarinho pendurado na rsrsrs ... na cumeeira da casa e ele pegou o passarinho. O camarada ficou muito brabo comigo mas, depois de um pouco conversa... ele sabia que tava errado não é? não podia criar o passarinho. Isso foi uma coisa. E a outra coisa que a Irmão Rita coloca foi as bananeiras que tavam plantadas, que JF nem participou, foi os meninos da Brigada, porque tem a área dos 20% do Assentamento, que fica ali por trás da casa de Janaína e eu acho que é tio de Janaína, se não me engano, plantou

bananeiras lá e tava dentro na área de 20% e a própria Irmã Rita avisou a ele que não era pra plantar e aí a Brigada passando por lá, a própria Irmão Rita falou com a Brigada para tirar as bananeiras que ele já tinha sido avisado em duas reuniões e não tinha tirado. Quando a Brigada foi lá, falou com JF, JF autorizou, tirou essas bananeiras e isso gerou um conflito muito forte mas, (Ela contou...) mas, tinha autorização dela. Ela já tinha falado com essas pessoas, que não podia, que era errado.

Os pontos fortes que eu lembro do primeiro trabalho desde que a gente começou com a SNE é que quando a gente chegou em Pacas, eles já eram muito divididos e muito desconfiados, né? não sei o que tinha acontecido de projeto antes, mas, eu lembro que nas primeira reuniões com Vera todo mundo tinha um pé atrás sobre o que que a gente queria fazer (não era só eles né? FP, o IBAMA, todo mundo tinha um pé atras né?) todo mundo tinha um pé atrás muito grande e o que que realmente a gente queria. Eu lembro que naquele primeiro processo a gente tinha que selecionar cinco famílias prá iniciar cinco hortas e cinco agroflorestas deu um trabalho enorme para a gente ter pessoas interessadas. Eu acho que só deu certo depois do intercâmbio quando a gente levou 30 famílias prá conhecer o trabalho do Centro Sabia lá em Ribeirão no Assentamento Serrinha, eles visitaram o Pólo Paciência e Seu Pedro que hoje a gente precisa ir lá, Seu Pedro está numa das melhores propriedades com Agroecologia no Estado e depois deles virem o trabalho feito, a coisa acontecido é que a gente conseguiu os cinco participantes e olhe que prá fazer a agrofloresta também não tava... não era tão interessante prá eles, o interesse maior era prá horta orgânica mesmo mas, foi a base, acabou dando certo e a partir dessa horta surgiu a ideia da feira. E uma das coisas que surpreendeu, lembra que a gente se eu não me engano salvou por duas feiras, a primeira que a gente alugou os bancos, que eles não tinham recursos nenhum. Era uma época econômica muito ruim prá eles lá, eu lembro. Então, não tinham dinheiro, a gente conseguiu o apoio da prefeitura prá liberar a praça prá fazer e uma caçamba prá ir buscar os materiais e ainda deu bastante trabalho porque a caçamba só foi na principal, todo mundo teve que levar as coisas dos lotes prá principal. Mas, deu certo a primeira e a segunda feira que a gente fez uma faixa já prá segunda, com o apoio de Fal prá divulgação e tal. Aí a gente passou um tempo sem ir lá, não foi? (é, quase um ano eu acho) Acho que você foi, você me informou, ligou prá mim depois e disse olha, a feira continuou. E, eu não vou mentir, não acreditava que a feira, com tão pouco apoio pudesse continuar e não só continuou como aumentou e eu lembro da Irmã Rita nesse primeiro processo, nesses seis meses que a gente fez várias capacitações, que inclusive a gente abriu né? prá que eles pedissem as capacitações, a gente fez coisas que acabou nem

tendo tanto interesse deles. Eu lembro que eu fiz uma de caprinos e ovinos , teve uma de piscicultura também que... tem muitas coisas que eles pediam e ... mas, não sabiam como... era só uma vontade mas, não sabia se era aquilo que ia dar certo e aí a Irmã Rita veio para participar de algumas capacitações. Ela falava do Dom Hélder, a gente tinha feito uma ou duas visitas ao Dom Helder, mas, eu acho que num... pensava se tinha pernas para chegar ao Dom Helder né? e na verdade o Dom Helder acabou vindo através da feira quando a gente voltou prá segunda ação o Dom Helder já estava totalmente presente, dentro da feira aí eu lembro, na terceira ação que eu lembro que foi no SEBRAE, no projeto SEBRAE. Angela e Irmã Rita não mobilizaram só os assentamentos, a gente já tinha acesso aos acampamentos. As oficinas que a gente fez com o SEBRAE teve a participação dos três acampamentos isso foi muito bom (Os acampamentos ficavam na br, na entrada para Pacas?) na verdade eram 4, porque o da BR era dividido em dois tinha o Santa Cruz, que eles chamavam a Cruzinha, que ele chamava José alguma coisa... e tinha Seu Vânio, que era antes de chegar no Santa Cruz, eram 4 acampamentos (teve um que se tornou depois assentamento?) isso, foi (era no caminho ali...) é justamente o que não estou lembrando o nome. Mas, então, o trabalho das hortas foi um trabalho tão... do ponto de vista pontual, a gente ia uma semana por mês e na verdade se tornavam 3 dias porque o primeiro dia, a metade do dia era a ida, chegando lá tinha que ver as questões políticas , eram três dias só de campo, o último dia era a volta foi muito pontual, mas, o pilar daquela época específico foi Dão e Angela que fizeram com muita vontade e incentivaram outras pessoas como seu Bao. Teve a capacitação que Seu Bao foi (foi você Raul e seu Bao) é, foi eu e Seu Bao que fomos para Alto Paraíso, foram 20 dias de capacitação com Ernest, da Oca Brasil sobre agrofloresta, mas, é aquela coisa eu acho que se Seu Dão tivesse ido teria sido mais ... mas, a escolha deles foi Bao. Que eu lembro que já nesses últimos intercâmbios, eu ouvi Seu Dão dizendo, não vou dar a minha vaga mais prá ninguém, porque tanta gente daqui foi e não quis fazer, não quis trabalhar com a coisa. E essa coisa de sensibilizar é difícil, porque não basta sensibilizar, as pessoas têm várias outras escolhas da vida. Bao acabou escolhendo sair para ajudar um irmão... no comércio e trabalhar com outras coisas. Queria voltar lá agora prá ver como é que tava. Aí depois disso, como eu falei antes, tem esse divisor do trabalho que é muito forte, antes do centro de educação e depois do centro de educação, porque com o centro de educação e a minha presença lá prá eles eu acho que ficou muito claro a AMANE chegou prá ficar, não são mais aquelas pessoas que chegam de carro, passam uma semana e quando vai embora parece que leva tudo embora né? e ter uma pessoa fixa lá, era alguém prá se consultar, que até eu tive que trabalhar um pouco isso porque as vezes cinco horas da manhã tinha gente lá já batendo na porta querendo

tirar dúvidas, tal, mas, eles entediam que a casa era deles, era um local deles de reunião mas, (...) já no centro de educação. Porque no assentamento, quando eu fiquei em Pacas, uma vez por mês, eu não tava na casa, eu passava o dia visitando, eram cinco propriedades e eu passava o dia, na verdade eu tinha uma agenda que era meio dia em cada uma, então eles não me encontravam lá e encontravam a gente quando eram as reuniões, geralmente Vera que organizava. Essas reuniões de Vera tinha um contexto muito específico, então não viam... não era uma coisa que ia todo mundo, então tem essa diferença, eram mais mulheres. E naquela época na minha ação eu não fazia reuniões com eles para agricultura era mais a visita em loco mesmo, em casa, tirando dúvidas com as cinco famílias interessadas e as oficinas que a gente fez, as oficinas atingiam um bom público mas, era uma coisa muito pulverizada. Com o centro de educação mesmo, em Murici, com a casa lá. As reuniões da Assembléia da Cooperativa a gente conseguia reunir 40 a 50 pessoas, e aí entre mulheres, jovens e adultos crianças, e tinha atividade pra todo mundo, a gente trabalhava. A gente fez atividade com os jovens do Dom Helder, que a Irmã Rita pediu... Com as crianças do Dom Helder, com as crianças do Pacas dentro do projeto Corredores a gente atingiu acho que o maior público e a coisa da agricultura em si, com a feira, toda quinta feira eu tava na feira ... eles tiravam as dúvidas e depois eu visitava, ia no lote da propriedade, tirava dúvida de tudo, não só para agroecologia, dúvidas da criação de animais e até as dúvidas políticas que a gente tinha que intervir. A AMANE as vezes tinha que dar opinião, se cobravam uma opinião da AMANE sobre as coisas. Aí eu vejo muito esse divisor de águas, entre as ações pontuais, onde você chega passa uma semana com uma missão (quanto tempo você passou no centro de educação morando lá?) acho que foi mais de dois anos, porque teve as paradas, teve ... (o centro desativou em 2014, então foi de 2009... 2011 teve a cheia, quase um ano parado... voce morava antes e continuou morando depois) isso. Foram 3 anos eu acho, (um ano antes de dois anos depois da cheia.) E aí mudou muito esse tempo lá, as pessoas se sentiam parte daquela casa e essa coisa da assembleia ordinária, que era uma reunião que acontecia todo mês, independente do ... era uma coisa que tava marcada, eles não deixavam de participar, eu vi uma vez que eles ficarem na época de chuva, irem em condições muito ruins de transporte, estrada ruim (ficavam cansados, depois de passar a noite fazendo colheita...) isso, arrumando as coisas da feira e indo prá feira, participar da feira mas, ficavam para a Assembleia. Pediram a casa para fazer duas festas de aniversário da feira. Isso prá mim foi importante porque iam dois assentamentos que, historicamente eles tinham divergências muito fortes antes da gente chegar eles tinham essas divergências, mas, mesmo assim naquele lugar eles conseguiam se unir e comemorar junto, estudar junto, aprender. A cooperativa não saiu nos moldes que a

gente desenhou, mas, no fundo foi vitorioso, eu acho que saíram... são três cooperativas hoje. Então eles entenderam prá que serve a cooperativa e fizeram funcionar as três, ao meu ver isso foi um ganho enorme. E não só no ponto de vista legal de cooperativa, que tinham que tá participando, que tá vendendo, tá participando de feira, mas, de reunir eles, de trabalhar junto, de tomar decisão junto. Quando a gente chegou a gente viu que isso não acontecia nas assembleias de nenhum dos assentamentos. O... agora me faltou o nome deles, que era presidente do Pacas... (Bel) Bel, quando a gente chegou ainda com a SNE, ele era extremamente arredio com nosso trabalho. Eu lembro que fui com Raul para uma Assembleia deles e a Assembleia era a maior confusão (...). Ai a gente, eu lembro que a primeira semana foi muito difícil porque eles tinham altos conflitos entre eles lá no Pacas. O único momento que o Pacas conseguiu tomar uma decisão de forma coletiva era quando tava nas Assembleias com a AMANE, sem a AMANE, eles se digladiavam sempre. O Dom Helder tinha menos conflitos mas, não conseguia ser unido. O Dom Helder só conseguiu a união que está hoje depois que a Irmã Rita chegou ao comando do Assentamento. Ela já era uma grande liderança mas, não era oficial. Aí eu lembro isso, ficou marcado o dia da eleição da Irmã Rita né? Porque a Irmã Rita não era candidata na eleição, não sei se você lembra disso. A gente fez uma assembleia normal da cooperativa, terminou decidiu um monte de coisa da feira, porque a cooperativa acabava organizando a feira junto, eles pediram isso né? coincidia que as pessoas que organizavam a feira junto tinha um representante de cada assentamento para organização da feira, para cuidar da limpeza e segurança, participação dentre outras coisas. E tinha terminado essa assembleia eu lembro que a Irmã Lia pediu para usar, falou comigo, a gente pode usar aqui para fazer uma reunião, eu disse, é claro a casa é de vocês. Enquanto eles se reuniam eu fiquei conversando com a Irmã Rita sobre pagamento da cooperativa porque muita gente não tava pagando a cota parte e aí depois, quando eles terminaram a reunião, a Irmã Lia chamou. Era uma reunião só do Dom Helder. Chamou eu e a Irmã Rita e ela perguntou assim na lata: Fábio, você apoia a Irmã Rita para presidente do Assentamento? Eu disse, calma, devagar, você está perguntando a Fábio ou a AMANE? Tem que lembrar que são duas coisas aqui. A AMANE você não vai responder não, vai falar com Dorinha né? Eu disse sim. Mas, você, enquanto pessoa. Eu, enquanto pessoa, acho que é uma decisão democrática, tem que ... mas, a Irmã Rita não se inscreveu no... prá ser presidente, ela disse que não queria que era muita responsabilidade. Aí a Irmã Lia disse olha, vai todo mundo votar na senhora amanhã, viu? As mulheres já decidiram e a gente vai falar com os homens e a senhora vai ter que se inscrever, se não se inscrever, a gente inscreve, que até a decisão já tinha sido previamente tomada para ser Sr. Eraldo né? para presidente do assentamento

porque ele era militante da CPT, então a CPT já tinha pensado nisso e estava articulando as pessoas e aí a Irmã Lia junto com as outras mulheres mudaram essa história e no outro dia após a votação tinha essa história . Cinco horas da tarde Janaína ligou prá mim dizendo: a Irmã Rita é presidente o Assentamento, mas sai agora só oficializar. Então a gente participou disso, não foi a gente que promoveu, mas, participou de todo essa tomada de decisão e se não tivesse essa casa, que era uma casa neutra... Como aquela casa era neutra, as vezes o bicho pegava, naquela feira tinha muito problema mesmo e lá a gente conseguia... tinha uma discussão ou outra, mas, tinha um respeito pelo lugar. Aqui não é o lugar de se brigar, de vez em quando eu também dava uns gritos, tinha que ser mais... ter um pulso mais firme né? prá focar as coisas a gente tá aqui não é prá isso é pra crescer junto, vamos esquecer as desavenças, vamos focar, pensar a frente, você batendo nessa tecla, criava esse sentimento de que se a gente tá aqui prá dar um passo a frente ao invés de ficar nas birrinhas antigas, né? isso foi muito forte. Eu tanto tava lá como alguém da equipe tava sempre também, esse movimento também acho que era muito importante, não só a parte de agricultura e agroecologia, mas, vinha Letícia tava vindo pro Corredores depois Renata vindo com o Corredor depois teve a capacitação com Denise, então eram outros rostos que apareciam, depois Bruno Paes vinha sempre que tinha outra ação então todo mundo falava. Você ia periodicamente, tinha sempre uma expectativa pela vinda de Dorinha, se tinha uma coisa muito difícil que eles não queriam passar por mim prá não desgastar, eu sentia isso também, prá não desgastar a minha imagem, espera Dorinha chegar, porque Dorinha pode chegar e ser mais dura e direta, ela tem esse poder de ser mais dura e direta prá tomar essa... resolver esse problema e ela vai, ninguém vai ficar com raiva dela. **Essa coisa do lidar mesmo com as pessoas, acho que foi uma das experiências mais ricas que eu tive profissionalmente foi essa de morar lá, conviver lá ir diretamente na casa deles, tava lá quase toda semana na casa de um, na casa de outro.** O processo dos fogões mesmo, com o CEPAN, (os fogões estão funcionando...) e olhe que os fogões vieram com problemas, a gente consertou depois e deu certo e eles aceitaram. Isso é uma coisa... que cada dá problema ninguém quer que você conserte mais, é só falar mal né? não, a gente voltou, a empresa mandou o técnico (eles estão fazendo manutenção, trocando...) a parte de dentro, a chaminé. Mas, isso tudo é... como o rapaz veio para consertar e foi de casa em casa se conversou muito sobre o fogão com ele então se tirou muita dúvida, se teve muita ideia. E no processo de escolha das famílias, porque, imagina lá no Pacas tinha 150 famílias na época e a gente escolheu 40 isso não foi fácil, tinha os critérios de participação, de (Dom Helder foram quantas?) foram 40 de 48 famílias, só que 4 estavam em situação irregular ainda com o INCRA, então, Irmã Rita é... se

aproveitou disso prá evitar, para minimizar os conflitos, que essas famílias não estavam regularizadas no INCRA e tinham 4 famílias que eram filhos de assentados que fizeram casa dentro do mesmo lote aí ela dizia né? Na RB mesmo só tinha 41 pessoas aí foi fácil, não lembro, mas, parece que quem foi excluído foi uma pessoa do que tinha casa na rua e que tinha mais tempo em Murici do que lá aí foi como se tivesse atendido a quase todos e o sentimento: todo mundo foi beneficiado. Já Pacas foi meio pesado para as meninas decidirem, mas, mais uma vez a importância da AMANE tá lá, conseguiu com muita conversa se chegar as 40 famílias beneficiadas. E na época, o único problema que teve foi com o filho de Bateguara, que queria vender o fogão, instalar, mas, a gente com conversa também, Joana pressionou ele, eu ajudei, eles instalou... (interessante que amanhã na feira, verificar quantos que trabalharam com a gente ainda continuam lá). Era Santa Cruz, Bota Velha, e aquele da entrada, não lembro (SEDE) era Sede, mas, era dividido em Sede 1 e Sede 2. (mas, o que foi regularizado... ficava no caminho de pacas...) eu sei que quando a gente saiu de lá, estava surgindo um novo acampamento, que era em frente lá a Bodega do Português, não sei se aquilo continuou... Outra coisa, o trabalho com as escolas também foi muito importante com o projeto Corredores, a formação dos professores, a parceria com o Instituto Lagoa Viva, ali foi crucial porque a gente conseguiu levar essa discussão de colocar a mata atlântica dentro do currículo né? tendo a educação ambiental como tema transversal mas o tema específico de mata atlântica foi muito bom. Trabalhamos com o PET, o PROJOVEM, com os jovens do coletivo jovem de meio ambiente (eram várias redes, né?) isso. Ilson hoje é um grande pensador dentro do município, está se formando em fiolosofia, criou um grupo no whatsapp café filosófico, onde eu participo, discussões profundas sobre tudo... sempre agradece a AMANE pelas oportunidades que ele teve de estagiar, de aprender com a gente né? Outra coisa, eu sou suspeito prá falar, o envolvimento de Patrícia, né? que chegou prá ajudar com o trabalho de... trabalhando com limpeza e tal e acabou trabalhando (a família toda se engajou) isso. E ela terminou trabalhando no caminhão da SOS, viajando o nordeste inteiro. Ai começou a faculdade que ela queria tanto, de educação física, depois desistiu e agora está fazendo pedagogia (que bom né?) pedagogia, porque educação física não era o que ela queria, mas, não parou, está trabalhando no município e assim, mudou muito, mudou a vida dela, os conceitos e tal (ela está trabalhando em um consultorio médico, né?) é. Fazendo de tudo um pouco, está morando na casa dela, até tinha falado da tua ida e ela falou que se quisesse ficar na casa dela não tinha problema. Eu é que não posso ficar lá porque o namorado dela não ia gostar muito (rsrsrs) (...)

Eu me chamo FP, técnico em agropecuária. (voce está vinculado a alguma ONG hoje? e na época da criação do pacto murici em qual organização estava vinculado?) Hoje eu estou vinculado a AVSI, como consultor, que é Associação voluntários para o serviço internacional - e na época da criação do Pacto eu estava vinculado era a SNE ainda, não era AMANE, tava com o projeto de... eu não lembro o título do projeto... mas era coisa do desenvolvimento sustentável do Assentamento Pacas, se não me engano (Era. Com o WWF?). Um projeto curto, se não me engano de 4 meses onde a gente desenvolveu 5 hortas, 5 sistemas agroflorestais, fizemos um intercambio com 30 participantes do assentamento, é... e duas palestras voltadas para a agroecologia e mais uma reunião para seleção das cinco famílias. Acho que foram essas as atividades, acompanhamos as 5 famílias por 2 meses só e formamos a horta e as agroflorestas, nesse trabalho. No segundo trabalho foi que a gente fez a feira... ou foi no primeiro... não tenho bem essa recordação (a feira ainda foi com a sne ou com a AMANE?) não, a feira foi com a AMANE , mas, não foi na primeira vez (é, porque depois a wwf continuou com a gente..) é, continuou, aí teve 6 meses de trabalho e eu fiquei lá, se alugou a casa e eu ficava lá (No Assentamento Pacas?) é, eu ficava lá uma vez por mês uma casa lá no assentamento e eu ficava lá uma semana por mes lá nessa casa e também uma vez por mês tinha uma visita onde Vera fazia as ações com as mulheres, reuniões. Tinha a ação de Raul, com as sementeiras, produção de mudas, curso de viveiricultura com Raul, e teve outros cursos também nessa segunda fase, que a gente fez curso de caprino e ovino e curso de piscicultura, com pessoal do mundo PET, que eu convidei (Era com a SNE ou com a AMANE?) era com a AMANE, foi primeira ação com a AMANE, com a SNE foi muito curto, foram 4 meses, que deu a abertura né? com a SNE a gente participou também de reuniões do assentamento, para conhecer, as assembleias, que a gente viu que era bastante difícil porque eles não conseguiam se organizar internamente e então a tomada de decisão pra escolha das famílias para participar as 5 hortas e das 5 agroflorestas foi muito difícil não porque eles tinham interesse, mas, porque achavam que iam ganhar alguma coisa mais com isso lembro que Raul se estressava muito com isso para explicar que não tinha nenhum benefício, a não ser trabalho, conhecimento e trabalho prá que eles obtivessem benefícios com o trabalho que a gente não levava nada dado, diferente de alguns projetos que eles estavam acostumados a receber ... uma das coisas que a gente viu é que... o entendimento que eles tinham de projeto eram coisas que vinham ... que o INCRA trazia, o governo, de outras ONGs, até que era prá dar as coisas, né? era sempre dar, trazer cesta básica, entregava trazer casal de animais... eu lembro que eles receberam em um projeto, um casal de caprino mas, a fundo perdido, receberam e não tinham nem a obrigação de ah... se você recebe um casal

vamos procriar, trabalhar para procriar, aumentar o rebanho, mas, não, muita gente recebia, na outra semana vendia, trocava por moto, isso tudo ainda naquela época do primeiro projeto. No segundo projeto, quando a gente ficou lá e ficou conhecendo mais a comunidade, aí teve também... o curso de viveiricultura foi no primeiro, depois Raul teve lá acompanhando a produção de mudas que ia ser comercializada prá usina... não lembro se era Coruripe... não... usina de Serinhaém, Trapiche. comprou, Raul conseguiu fazer isso... comprou mudas de Bao e de Seu Dão e do finado Bida, Seu Bida. foi. quando... dois meses quando eu cheguei em Murici já na segunda fase, teve um infarte no caminho aí eram Dão, Bida e Bao, que produziram mudas e comercializaram foi o primeiro trabalho que gerou renda prá eles e nesses outros seis meses, a gente começou... fez esses cursos Rachel também tava fazendo... não lembro direito... era ... quando Vera saiu ela ficou fazendo as reuniões prá trabalhar organização com eles, trabalhar a formação e organização do grupo. Tinha uma coisa que com Vera as reuniões eram só com as mulheres com Rachel as reuniões já foi com uma participação mais abrangente teve aquele curso com Aglailson que Rachel trouxe prá o início dos trabalhos com artesanato que elas solicitaram essa coisa de artesanato foi muito bom que era biojóias uma renda prás mulheres, foi ao primeiro momento que pintou, que apareceu uma renda para as mulheres que é uma coisa diferenciada porque a produção sempre foi muito direcionada para os homens. Eu visitava cinco casas que era Dão, Bida, Bao Seu Fumacê, eita não lembro o nome, a gente chamava Fumacê, que também já faleceu e tinha outra pessoa... não me recordo quem era o quinto, que foi o primeiro a desistir. Eu recordo que ao final dos seis meses com horta mesmo só tava Bao e Dão, Bida era mais dedicado à produção de mudas. Ele gostava de trabalhar com mudas, com agricultura e ele tinha um sonho com a piscicultura, mas, mesmo assim, com essa produção de Bao e Dão, eles começaram a nos cobrar a comercialização, foi quando a gente surgiu a ideia, eu lembro de uma reunião, quando a AMANE ainda era uma sala só, surgiu a ideia deu a ideia de tentar uma feira, então Angela tinha mobilizado, convidaram vários outros que tinham produção de macaxeira, de inhame, tava na época de inhame, de frutas, prá todo mundo reunir e se reunisse alguma feira, aí com Rachel a gente fez essa reunião é... eles participaram disseram que o que tinham de produção era suficiente para montar uma feira, a gente foi, eu, Rachel e Raul conversamos com Marcos Tenório, que era secretário de agricultura na época, e Marcos Tenório cedeu um caminhão para ir buscar uma caçamba num dia específico, uma vez na semana, era prá tentar quatro feiras por mês, uma vez na semana buscar e levar depois o que sobrasse e cedeu a praça, a gente ate pediu um documento, ele nunca deu esse documento que oficializasse, cedendo a praça mas, ele de boca cedeu e funcionou. Eu lembro que a primeira feira, Raul

teve a ideia de, porque não tinham bancos, eles queriam fazer com lona no chão e ia ficar muito feio, a gente alugou bancos de feira. Era coisa baratinha, acho que quatro reais, o rapaz trazia, foram 10 bancos na segunda feira eles já alugaram do bolso deles e a gente em vez de alugar banco a gente fez uma faixa nos fizemos uma faixa que explicava que era feira camponesa. Teve uma discussão com eles também, Rachel fez essa discussão de qual seria o nome da feira e chegou esse título de feira camponesa. Que seria feira do Pacas, mas, depois Angela... Angela já trazia Irmã Rita prá algumas reuniões e queria sempre incluir o Dom Helder. Essa iniciativa foi dela, ela tinha essa coisa de trazer, de juntar, e aí botou feira camponesa, que ficou. A gente só acompanhou essas duas feiras e aí já foi o final do projeto. E nas feiras era produção e tinha uma banca das mulheres só com biojóias (que foi o resultado do trabalho do Aglailson) isso, foi o Aglailson, mas, era suficiente, elas se empolgaram até porque tinha muita semente. Ele fez uma caminhada, eles entraram naquela mata atrás da casa de Angela, e voltaram, eu me lembro, com um saco de tudo que é semente. Era época de semente, era verão, e eles conseguiram muitas sementes, além de ... a gente no trabalho de agroecologia, a gente plantou muito feijão de porco, aí era feijão de porco, feijão guandú para adubação e crotalária. Então, eram três sementes, uma branca, uma cinza e uma preta, então essa mistura... Então, tinha muita semente dessa e eles usaram muito, então foi muito proveitoso e fora a produção, principalmente de hortaliças era uma coisa que a gente percebeu na época que não tinha muito comércio na cidade das folhas, alface, rúcula é... eram os dois tipos de alface que eles tinham o crespo e liso, a rúcula que saia mais e beterraba. Foi uma coisa que Dão teve uma resistência muito grande de plantar na época, porque vou vender isso a quem? mas, que vendeu muito, beterraba que ficaram boas e na... primeira rodada e na segunda rodada foi pimentão, durante esses seis meses, foram duas produções, uma média de 3 messes cada produto que a gente ainda acompanhou. (então, você ficou na AMANE... de 2005 quando ela nasceu até 2014.) foi, (em várias funções...) é. Em várias funções. (e aí, qual a missão da AMANE voce sabe assim?) Eu não lembro não... rsrs. Uma coisa da AMANE que não sai da minha cabeça era a repartição dos benefícios da mata atlântica quando eu penso em AMANE eu penso... é a primeira coisa que me vem na cabeça, a repartição desses benefícios de entender a mata como um aliado para sobrevivência das comunidades, do ser humano em geral. Quando falo em comunidades, não só em comunidades rurais mas, nos municípios e tudo... de entender, de preservar prá poder usufruir também dela, conservar prá também usufruir. (o que que voce acha dessa missão?) Perfeita. rsrsrs. Eu sou suspeito prá falar, mas, é o que eu acredito ainda hoje né? você conseguir conviver com o meio ambiente... Sinceramente, nunca fui conservacionista, eu não gostava de algumas posturas

conservacionistas que sabia que não ia funcionar, principalmente na realidade que a gente encontrou. A gente encontrou duas áreas importantíssimas, eu já estou ligando com Lagoa dos Gatos, mas, todas as duas áreas importantíssimas em termos de biodiversidade cheio de pessoas ao redor, não tinha como mais isolar essas áreas, não tinha como trabalhar dessa forma, era trabalhar com essas pessoas e eu sempre pensei em trabalhar com essas pessoas para ajudar a conservar. Se eu tinha entendido a importância de conservar, porque elas não entenderiam? a importância de conviver e, como dizer... usufruir desses benefícios que essa área pode trazer, sem estar degradando ela, que era essas duas... e falando de Murici, especificamente, essas duas populações, que eram dois assentamentos mais próximos e tinham cinco acampamentos mais próximos, naquela época que estavam surgindo que era Sede 1, Sede 2, lembrei do que virou assentamento: Flor do bosque, era Sede 1, Sede 2, Flor do Bosque, que virou assentamento também, Santa Cruz e Bota Velha. Os assentamentos Pacas, a gente chegou naquela época a contar que tinha 153 famílias e ia crescendo exponencialmente, porque cada filho que casa.. faz uma casa lá, ou feito Bao, um primo que ficou desempregado, não tinha como pagar aluguel aqui foi com a família pra lá, faz uma casinha e ajuda na produção, comida não falta e não é uma diversidade grande de comida, mas, sempre tem macaxeira, tem carne, dá prá se virar então é uma coisa que tá crescendo, mesmo sendo vivo, a gente diz que um assentamento é um organismo vivo, hoje tem x famílias, hoje tem menos, amanhã tem mais mas, a ideia que a gente tava vendo era que sempre tava crescendo então, essas populações iam crescer e iam criar pressão sobre o que a gente chamava de zona de amortecimento, não sei nem se usam... parece que mudaram. É, zona de amortecimento então quando eu fui entendendo o que era AMANE... eu tinha vindo só da agroecologia que trabalhava com comunidades rurais mas, não tinha o entendimento do homem com a natureza na agroecologia que trabalhava com populações rurais, tinha o entendimento do homem com a natureza, mas, não tinha o entendimento da conservação da biodiversidade entendeu? até porque a discussão das exóticas invasoras foi um choque muito grande prá mim, porque a gente planta invasoras nos sistemas agroflorestais prá ajudar a massa e tal, depois eu fui entendendo a técnica de ter cuidado com elas. Nunca imaginei que uma planta pudesse trazer malefícios a biodiversidade em algum momento por algum motivo mas isso foi uma coisa muito nova e que me ajudou muito com o trabalho em agroecologia futuro que desenvolvi. E aí é isso. Acho que casou muito bem, porque eu vinha de uma coisa mais seca, de comunidades rurais isoladas, que viviam num deserto verde, que era da cana de açúcar, era minha experiência e peguei uma coisa nova que era aqui em Alagoas, que de um lado tinha o deserto verde que era cana de açúcar e do outro lado tinha essa maravilha, essa

coisa nova que era prá se trabalhar na mata atlântica que traz benefícios e também traz algumas coisa né? Dão foi muito atacado, toda essa ... que a gente falou foi muito atacado, porque veio capivaras, veio pacas, lagartos, veio vários animais, veio saguins tudo de dentro da mata para atacar a horta dele e... que era que morava mais próximo da mata e... sim, uma coisa que eu ia esquecendo, nesse último projeto fiz o primeiro planejamento da propriedade de Dão, foi até com Fal, a gente planejou toda a propriedade, espero que a gente tinha guardado aqueles documentos... fez também... a... isso foi depois, o trabalho da fossa céptica, isso foi em outro momento, mas, nesse planejamento já entrava aquele trabalho. Tava dentro do planejamento dos sonhos dele, porque ele queria reabrir aquele açude, que ele acabou nunca conseguindo porque tinha que ter trator, era uma coisa, mas, a gente fez uma caixa d´água com lona que a gente usou por uns seis meses, pelos seis meses a gente enchia de água da chuva e ele bombeava por gravidade para o sistema de irrigação, que funcionou, além de planejar o que ia ser plantado para comercializar de acordo com o mercado feira que tava iniciando da primeira feira ainda, da primeira pra segunda prá gente ver o que deu mais , o que eles investiram, foi tudo muito rápido, mas, a gente tentou dar um norte, quando saiu a gente deixou um norte, né? no papelzinho para que eles seguissem (e aí, como voce acha que podia ter sido melhor?) poderia ter sido melhor... vou apontar os problemas que eu acho que a gente enfrentou foi essa coisa de estar parando, a gente fez 4 meses parou quase um ano, fez 6 meses, parou quase dois anos aí veio com uma coisa pontual que foi o SEBRAE foi do SEBRAE ainda teve alguns meses prá depois vir o centro de educação e teve outras ações pontuais que teve... que não era da parte da agroecologia, que era a minha parte mas, eu sei que aconteceu que foi um curso de acho que foi SEBRAE também, eles tiveram duas oficinas, uma prá biojóias também, que foi diferente da de Aglailson que aí é que elas disseram, as meninas que participaram que mesmo sendo uma oficina maior com técnicas maiores que foi lá na RPPN de Osvaldo Timóteo, elas se sentiram mais abraçados com aquela pequeninha que foi na casa do assentamento com Aglailson, não sei se... como não assisti, se por metodologia ou por ser muito grande, com a metodologia do SEBRAE assustava um pouco elas entendeu? elas gostaram dele porque foi feito no miudinho, no pequenininho, saiam juntos para coletar sementes e ele era muito bom no diálogo com elas, ele criou esses laços e teve também junto com essa do SEBRAE uma do ... uma oficina do beneficiamento da produção, que ficou dividia a opinião, eu me lembro, umas gostaram porque aprenderam receitas novas e outras acharam muito complicado porque... tudo bem o SEBRAE tinha que seguir os padrões deles mas, tinha que ter toca, tinha que ter óculos, eles achavam que, com tudo aquilo não dava prá fazer daquele jeito não dava prá fazer na cozinha de casa prá vender mas, outras acharam que

as receitas novas ajudaram e até eu não me lembro, mas, D. Zefinha é que parece que usava as receitas do SEBRAE para fazer bolo prá feira. (voltando a história da missão, de que maneira essa missão está inserida na sua vida e se coaduna com a sua missão de vida?) Eu acho que, como pessoa, é... essa coisa mesmo de dividir, você acha que tem que compartilhar do conhecimento a tudo entender que o meio ambiente é o ambiente como todo, é nosso me ajudou muito a compreender essa coisa do que é propriedade privada e o que não é... tinha nos trabalhos anteriores, até na minha formação, ou deformação técnica tinha uma coisa de respeitar os limites das propriedades e tal e, o dono da propriedade parecia que era dono de tudo e esquecia que não se trabalha essas coisas das leis ambientais, pelo menos não foi trabalhado no meu curso ou não sei se não era tão claro para os professores, era propriedade rural, eu trabalho com propriedade rural e dentro dessa propriedade se for pro progresso se for para o desenvolvimento, principalmente econômico da coisa o que tiver de meio ambiente... a gente tirou, substitui né? a gente tinha muito claro que agrofloresta podia substituir mata e não é bem assim. Eu acho que, do ponto de vista profissional isso foi muito esclarecedor prá mim, o cuidado com as exóticas, tinha coisa do verde, qualquer verde não substitui outro verde então de entender a real importância da mata atlântica especificamente falando, entender a coisa nova do hotspot, de que não era só a mata atlântica, mas, ser uma área importantíssima de mata atlântica, tudo isso contribuiu não só no profissional mas, no entendimento de pessoa né? do mundo, você conseguir que... ver que as coisas podem ser mais amplas, mais holísticas, né? não tá fechado, quando você sai de um faculdade, você tá muito focado e esquece que tem coisas maiores acontecendo e se abrir pra essas coisas, aí vai também da equipe o trabalho com uma equipe multidisciplinar. Eu acho que, até hoje, foi único na minha vida e eu não consegui trabalhar em outros lugares com tantos profissionais em tantas áreas diferentes e a forma como foi conduzido essa equipe, de cada um poder falar e ter sua hora de fala e construir e se ouvir todo esse trabalho da AMANE foi construído em conjunto, não só com os técnicos mas, com os agricultores desde a primeira fase nesses quatro meses foi pouquinho mas, a gente fazia reunião, ouvia o que eles queriam e trabalhavam com aquilo então não tinha trabalhado, olha que tinha passado umas três casas antes, três ONGs que nem sempre era assim, as vezes o projeto vem muito fechado e a gente tinha que seguir e tinha até alguns atropelos com as famílias né? na AMANE não, a construção dos projetos da AMANE sempre foi participativo então isso foi muito diferente prá mim, como pessoa e como profissional. (voce lembra os projetos que voce se envolveu na AMANE? mais algum que voce lembra?) Sim, teve o ... depois do projeto SEBRAE, no projeto SEBRAE eu fiz só capacitação mas, foi bom para restabelecer o contato que eu já fazia, eu passei quase dois

anos como assessor do Banco do Nordeste, tava distante então, trouxe prá perto novamente, prá junto, e depois do SEBRAE veio o Centro de Educação em si né? prá trabalhar na coordenação lá do centro de educação. Aí sim, quando você perguntou como é que poderia ter sido melhor, se não tivesse tido essas paradas se eu tivesse dado continuidade nesse processo sem as paradas, porque quando a gente voltava tinha um tempo para se restabelecer a confiança as pessoas, se reiniciar processos, principalmente na agricultura porque eles não param de fazer agricultura mas, no processo que a gente tava da transição para a agroecologia né? a gente então tinha que reiniciar esses processos foi muito difícil essa coisa das paradas e é... se a gente pudesse ter uma equipe lá, como eu fiquei lá pelos dois anos, a gente conseguiu fazer... com o centro de educação, eu fiquei morando lá então você vê que consegui fortalecer essa coisa do grupo, acho que é muito visível no trabalho que a gente conseguiu de fortalecer o grupo de unir o grupo, de criar um norte junto com eles para eles seguir eles verem qual seriam os próximos passos e trabalhar um pouco da agricultura, eu gostaria de ter focado mas na agricultura, mas, a resistência a agroecologia ainda era muito grande, então se a gente pudesse ter uma pessoa lá que fizesse o mesmo pela educação a gente... porque eu fazia um pouco de tudo né? porque eu trabalhei com os meninos do PET, no corredores, trabalhei com os jovens do PROJOVEM, trabalhei com os jovens do COLETIVO JOVEM PARA O MEIO AMBIENTE, então tinha, a gente tinha uma agenda muito fechada para atender o máximo de público, mas, era uma pessoa se dividindo para todas essas... se a gente tivesse profissionais que tivesse lá direto, se pudesse ter conseguido ter uma equipe específica lá para trabalhar cada assunto que a gente tava pensando acho que seria muito mais positivo. Se tivesse uns cinco técnicos naquela casa, atuando semanalmente isso seria extremamente positivo. (qual a colheita principal que a sua atuação na AMANE deixa para a sua vida?) prá minha vida? como eu falei né? a oportunidade de ter trabalhado com essas pessoas, seja com os beneficiários dos projetos que são amigos hoje, todos os agricultores eu tenho certeza que qualquer um, a casa que eu chegar, tenho amigos, aprendi muito com eles, você não só vai lá ensinar, a gente aprende muito, como com a equipe também, com essa equipe multidisciplinar. Hoje eu trabalho com uma bióloga e começo a falar de biodiversidade com ela de coisa... ela fica boba... falta prá você um diploma, você aprendeu tudo sobre esse assunto né? e isso você aprende com a convivência, participando de todos os momentos. A AMANE deu a capacidade da gente se formar, participar do curso de formação de gestores, participar das redes. Nesse caso a rede foi muito importantes porque vinham pessoas de todo os estados, de várias funções de várias formações, conversando sobre vários assuntos, que era estratégico para a conservação dessa mata atlântica. Então, tinham várias visões, então eu

gosto de tá captando a ideia de cada pessoa, então isso foi muito importante do ponto de vista profissional do ponto de vista pessoal, as amizades que a gente criou com essas pessoas, os momentos únicos de formação que a AMANE me proporcionou, no início da AMANE, junto com a WWF consegui fazer o curso do Ernest, que era um sonho pessoal, de formação, os momentos de formação que a gente tinha, todo ano na AMANE que era momento único, aquele do final de ano, que a gente planejava as coisas, que a gente desenhava o futuro da AMANE, dinâmicas únicas que a gente participou com biodança, a dinâmica do pão, e todos os momentos que a gente tinha nos nossos retiros, eu não encontrei em lugar nenhum então isso prá formação como pessoa foi muito... (pensando agora no pacto murici, como voce avalia o pacto na AMANE, essa relação entre o pacto e a AMANE?) Eu penso que a AMANE criou o PACTO, essa ideia surgiu de você com as pessoas junto com a AMANE. A AMANE foi o braço para chamar essas instituições, prá criar esse acordo, esse pacto, prá proteger essa mata atlântica a nível de nordeste mas, ficava no sonho, a gente não tinha pernas mas, pelo menos nessas duas áreas prioritárias que a gente tinha definido, a gente conseguiu direcionar ações prá lá, dentro do possível. É claro que eu penso que podia ser maior, se pudesse realmente ter envolvido ai a gente precisava... uma coisa que a gente não conseguiu, ao meu ver foi capital, empresas que pudessem entender o valor disso e entrar com o capital. Porque a gente tinha vontade... tem ainda né? a gente tem vontade a gente tem profissionais capacitados, a gente tem um capital social incrível, mas, sempre falta o capital. Porque que não teve essa equipe lá, porque a gente não tinha o capital prá manter essa equipe lá prá manter e isso é a falta de envolvimento político e quando falo político é do senso de entender as coisas né? do mesmo jeito que esse pacto conseguiu atingir. A maioria que participava eram ONGs, instituições governamentais voltados ao meio ambiente. As instituições que estavam longe a gente não conseguiu trazer ou instituições que estavam perto, por exemplo, uma prefeitura local que a gente poderia desenvolver muita coisa junto com a gente a gente não conseguiu trazer, isso eu falo de Murici, eu falo de Lagoa dos Gatos, eu falo de Recife, do ponto de vista maior, até aqui de Maceió, governos estaduais, os governos municipais não estavam acontecendo nunca conseguiram entender o que era esse pacto e qual era a função real dele. Muitos achavam que, eu ouvi dizer que era um acordo entre um grupo específico de ONGs que querem é... blindar essa mata. Não conseguiam entender a importância da preservação e que como eles poderiam ganhar juntos eu acho que faltou um pouco disso de... mostrar como é que.. venha prá cá que você ganha também, você ganha nisso, nisso e nisso e tinha o receio de algumas instituições de entrar no pacto, e quando você falava do pacto... ia prá algum lugar falar do Pacto sempre tinha aqueles olhar de lado assim, como se dissesse,

aqui é um grupo fechado que quer trabalhar uma coisa fechada, que quer trazer recurso só prá eles sabe... a ideia do pacto era recurso para aquele nicho e não era, pelo menos ao meu ver, era trazer a maior quantidade de gente, de instituições possíveis e que a instituição podia entrar, então, nunca ficou claro. A instituição prá entrar não precisava tá com recurso então ela oferecesse esse voluntariado mão de obra, ou pelo menos se propusesse a divulgar a ideia já era alguma coisa e isso não ficava bem claro. (que contribuições o pacto e a AMANE em dez anos deixam para a luta de proteger a mata atlântica e outros biomas?) No macro, aí vem a rede né? Eu acho que aquilo que a gente conversou de conseguir desde a capacitação, juntar as pessoas chaves que estavam envolvidas, ou seja, aquele que estavam envolvidos numa unidade de conservação. Primeiro gerar essa ideia que gestor de unidade de conservação não é só o funcionário do governo ou do município que era responsável ou o dono da RPPN, gestor da unidade de conservação era qualquer pessoa que se interessasse por ela, que estava participando dessa gestão direta ou indiretamente. É como a repartição dos benefícios da biodiversidade da mata atlântica, são duas sacadas únicas, e isso pros jovens... os jovens adoravam essa história, eu também sou gestor da unidade, também posso, não é? juntar essas pessoas chaves e ver, mostrar a elas, olha, você tem os mesmos problemas, todo mundo tem o mesmo problema então, se a gente pensar junto esses problemas, a gente tem soluções que de repente pode ser testada em cada um, e o que der certo a gente pode trocar informações... eita, e como é que a gente troca informações? foi muito o que aconteceu num curso que eu participei em Imbassaí, eles criaram uma rede, logo no penúltimo dia do curso pensou; olha, a gente tem soluções aí no curso que eu participei, que foi o da Bahia, de capacitação, gestão participativa, e aí ficou aquela dúvida, como todo mundo viu, tinha muitos problemas, ficou aquele sentimento de que tinha várias ideias prá todo mundo tinha os mesmos problemas e tinha várias ideias prá superar cada problema, então, vamos por em prática, porque uma coisa a gente criou lá um planejamento, como é que pode-se trabalhar mas, tem que ver na prática, todo mundo já tinha essa maturidade, vamos testar, e aí, depois que testar? como é que a gente troca figurinhas? até prá dizer, olha, no meu canto deu certo só trocar telefones aqui parecia que não ia funcionar. Criaram lá a EMANAR, que era ligado ao nome AMANE. O nome AMANE, esse nome sempre foi muito forte, né? era ligado ao nome AMANE. Aí criaram a rede EMANAR, que era uma rede de emails, ainda... o facebook ainda não era usado com essa ideia, não tinha whatsapp e tal, então era uma rede de email mesmo mas, se você poderia... mandar um email e todos recebiam e eu participei da EMANAR por uns dois anos trocando informações com eles e tal (Era só Bahia) É, era só eles. Eu tava com eles de Murici, mas, era aquela coisa, como estava em Murici, fiz o curso junto, era parte do grupo então você

vê que não tinha essa divisão. Não tinha ideia de divisão de estado, de município, não, você estava no mesmo barco, vai passar pelos mesmos problemas então trabalha junto Eu acho que essa coisa da problemática junto, une muitas pessoas, faz com que você busque a solução junto é, você compartilha e quando você encontra a solução fica feliz e consegue compartilhar a coisa ... então, todo mundo vai ficando feliz não tem resultado mais forte do que deixar voce feliz ou tranquilo, se livrar de um problema, né? então isso eu acho que isso foi o primeiro passo é a... esse curso com a ideia da participação e não tinha funcionado se não tivesse dado toda a abertura de participação, de contar os problemas, eu acho que se a AMANE trabalhasse como uma lógica que todo mundo faz de achar que sabe os problemas e traz ... os resultados seriam mais um curso, uma coisa pro currículo de todo mundo, mas, uma metodologia participativa foi impar nisso, como no próprio, a metodologia participativa que foi aplicada para criação do plano do centro de educação. (pensando assim no Pacto que nasce com essa coisa da articulação política institucional né? na realidade é uma rede institucional é... que é uma coisa inovadora, então assim, como é que tem assim de aprendizado, mais... de destaque nisso aí e também como poderia ter sido melhor, como a gente podia ter aproveitado mais esse...) Ao meu ver, como essa não é muito a minha praia, dizendo assim, ao meu ver ele precisava ser mais movimentado precisava ter tido mais... ter se reunido mais e ter pensado, mais divulgação, ficou parecendo ser só aquele grupo fechado, mesmo você apresentando em momentos específicos, mas, eu acho que o Pacto não tinha uma agenda, pelo menos eu não conheci uma agenda onde se reunisse periodicamente e tivesse um ... uma agenda de divulgação periodicamente prá que vc pudesse chamar mais pessoas e mais instituições para participar estar participando. Eu sei que você tinha que fechar e assinar com um grupo específico né? mas, se você pudesse chamar para participar, como funciona um conselho? sabe? acho que faltou um pouco disso e de que essas ações, e aí eu me incluo também, acho que a gente esquecia muito... nas ações de base, lembrar que tinha haver com o pacto, entendeu? tinha que tá batendo nessa tecla, olha, a gente tá aqui porque tem haver com isso, isso isso também, que tá acontecendo isso por isso também desde uma ação que eu sei que veio bem depois, que a gente parece que foi sozinha, que foi ideia sozinha como os ecofogões, mas, ela não teria acontecido se não tivesse tido o pacto para criar a ESEC prá criar, articular as pessoas, prá lembrar... então eu acho que faltou a gente essa coisa de estar lembrando ele prá que ele parecesse importante, eu acho que prá mim que tava nessa base, ficou muito apagado, ficou muito apagado a importância dele (do pacto) (o envolvimento da equipe com as evoluções do pacto?) isso, lembrar que cada um participou disso, daquilo e daquilo outro, mesmo que seja com ideias, a gente fica muito naquilo de que só quem participou foi... se ela

trouxe o projeto ou se ela trouxe o recurso... não ela tá participando porque ela trouxe ideias... a própria ideia da ... uma coisa que eu sempre vi, a AMANE é uma associação né? de associação a gente entende, era ótimo dizer isso aos agricultores que a AMANE é uma associação e eles entendiam muito claro que nessa associação tinham várias cabeças e que cada cabeça pensava de um jeito. A Irmã Rita chegou a me perguntar me diz como é... porque ela via as logos ... eu acho que foi no folder do centro de educação ... ela perguntou a mim, com essa linguagem: como é que pensa cada cabeça dessa? me diga o que que quer cada cabeça dessa. E então não ficou claro prá equipe e a equipe não tinha claro prá passar pras pessoas seja ... fosse os agricultores que estavam trabalhando fosse na participação do conselho da ESEC que no conselho da APA... e todos os momentos tinha que ficar muito claro o que cada um fez e tava batendo nessa tecla, uma questão política né? política tem um pouco de lobby, a gente esqueceu de fazer esse loby do pacto eu acho que faltou isso, um pouco do lobby do pacto em todas as instancias, desde a base até lá em cima, ficava é... eu acho que é aquela coisa... como a gente sabe a gente tende a achar que todo mundo sabe e as vezes as pessoas estão ali e não entendem como funciona como é que funcionava e principalmente quais foram as origens da coisa. Eu acho que até você comentou também, teve esse sentimento de chegar no lugar e a pessoa não entender de que, estou aqui trabalhando prá essa ESEC mas, fique-se claro, a ESEC tá aqui porque eu me esforcei prá tá aqui, eu participei, eu tive a ideia junto com outras pessoas, eu estou aqui antes de existir ela e uma pessoa que chega agora, de repente, não sabe, não sonha e tal e se sente que está num posto acima e que você nem opinião pode dar. Aí acho que faltou isso da gente fazer esse lobby do pacto e de qual era a importância dele e qual era a importância de cada instituição. Qual o papel de cada instituição do Pacto? porque isso tinha definido o que cada um podia fazer no pacto dentro das suas limitações. Se você tem um órgão governamental, que era fiscalização, qual é a função dele? principalmente fazer o trabalho dele, focada nessa coisa do pacto né? e a gente... faltou um pouco disso, ao meu ver. (você participa de outras redes?) Anhram... Redes que eu participo hoje ... duas redes sobre agroecologia, uma só com alunos do SERTA do grupo... desses os grupos são formados agora de técnicos sobre agroecologia aí eu participo de uma rede que tanto um grupo do facebook como de whatsapp onde tem muita discussão sobre agroecologia e ... como sabem que eu sou mais velho e tenho um pouco essa experiência, são 15 anos de estrada, professor...rsrsrs.... participo de uma rede de discussão filosófica que quem me incluiu foi Ilson, lá de Murici, nosso estagiário, né? que conheci Ilson como um acaso, quando eu cheguei na primeira, segunda, terceira semana, a gente não tinha internet ainda e eu ia na lan house para ver os emails e eu vi lá tava ele com uma página de

meio ambiente aberta, eu digo, é o momento né? aí eu disse, olha, gosta de meio ambiente? to com uma ONG aqui... fiz o convite e ele trouxe prá dentro da AMANE o coletivo jovem de meio ambiente né? e eu acho que o maior feito dentro do coletivo como um todo, além da AMANE ceder a casa prá eles se reunirem, porque eles se reuniam na praça, não tinham local, ceder a casa para eles ... para reunião deles, não lembro qual foi o ano, mas, no segundo ano de atuação eles foram num congresso, a gente até ajudou com duas passagens, cem reais, mas, eles conseguiram ir os quatro deles, porque eram as quatro vagas que tinham para o congresso em Arapiraca, o congresso era sobre mudanças climáticas, acho que foi em 2010. 2009 para 2010, que era o ápice dessa discussão. Mesmo assim eles chegaram batendo na tecla, incluíram na própria discussão a mata atlântica que foram da gente tanto conversar, tanto falar mata atlântica e eles conseguiram entrar na pauta lá das rodas de discussão, mata atlântica, aí era mudanças climáticas como é que mata atlântica ... eles levaram já a ideia de que estavam a mata atlântica é aqui, eu moro na mata atlântica todas essas campanhas... SOS, já tinham estavam entrando na cabeça deles. Porque a ideia era eles ajudarem no caminhão, aí poucos meses antes do caminhão chegar ... teve a enchente que acabou mudando um monte de coisas. mas, a gente tava nessa de formar eles com essa discussão de mata atlântica mais aprofundada prá participar do caminhão como voluntários e eles acabaram levando essa ideia com eles e foi muito marcante. (que ações voltadas à proteção amiental voce desenvolve em redes e como usa as redes para desenvolver seu trabalho?) falando da rede social como um... como todo mundo usa o facebook, ... as pessoas dizem que o meu facebook tem mais de trabalho que... ao invés de estar postando viagens... estou sempre postando coisas de trabalho e tudo que é voltado para meio ambiente, eu sei que agroecologia tem a perna em meio ambiente mas, o foco maior é produção de alimentos, é segurança alimentar, dentre outras coisas, mas, eu sempre que posso estou falando em conservação da biodiversidade então eu sigo hoje nas redes sociais, eu sigo a SOS, eu sigo a CI, e então que tudo que é publicação que eu acho que é interessante deles eu compartilho, eu repasso as informações usando essas redes e faço mesmo com esse grupo, o grupo que é de agroecologia há uma discussão forte sobre agroecologia alfinetando né? sobre a conservação, como a maioria do grupo é do sertão, então não é minha... não estudei muito da caatinga, mas, eu fico alfinetando, estão discutindo a criação de bode extensivo é legal, dá certo, mas, a caatinga como é que fica? ah... nunca traz problemas, mas, vocês já pensaram e as mudas que estão nascendo, que eles estão comendo e tal... aí eu fico alfinetando, com cuidado e quando tem alguma... tinha uma publicação da CI sobre que tavam prá... nem sei se aconteceu, tinham criado a reserva do tatu bola, na caatinga e iam desfazer e a CI fez um colocação diretamente nesse grupo então as redes hoje que

participo, não são redes físicas infelizmente não tenho tempo nem conheço mais redes físicas de encontros mas, essa rede virtual então eu sou um militante de rede virtual que trago informações prá lá e prá cá e provoco e tal... isso que a gente trabalhou na AMANE. (que ações são mais efetivas em redes e quais as conquistas ambientais, o que você destaca de mais interessante?) Nas redes físicas, que a gente conseguiu fazer... (presenciais) é, presenciais que era o encontro das pessoas, é a troca de informações, a troca de experiências, acho que isso é único não só... porque tem duas coisas, uma é a troca de informações, informações polidas que é de um seminário que um vai fala uma coisa, ou num momento de fala ele troca o conhecimento que ele pode ter adquirido em vários lugares , mas, a troca de experiência mesmo que eu vivi , eu sinto, do to sentindo isso, de mudar o sentimento, eu acho que isso só é mais único, que perpassa aquele encontro formal e tem a hora do cofee break, tem a hora do almoço, que você vê as pessoas se sentarem e fazerem aquela conversa mais intima, mais próxima eu prestava muita atenção nisso, sempre observei muito isso e o encontro das pessoas que fortalece, é saber que tem alguém que é parecido comigo no que penso, que é parecido comigo no que trabalho e que sofre as mesmas angústias que eu e eu preciso dar a mão, apertar a mão dessa pessoa, saber que eu não estou sozinho nesse planeta, porque o nosso trabalho eu acho que a coisa do ambientalismo, as vezes a gente se sente muito sozinho e essa rede presencial é perfeito prá isso. Olhar no olho e saber que tem pessoas com a mesma ideia, que carregam os mesmos sonhos, então isso é único, e, na rede virtual mais forte é a informação bem quando ela é precisa e colocada na hora certa não adianta eu estar numa rede dessa do whatsapp e começar a todo dia jogar uma informação que se torna uma pessoa chata, mas, na hora que surge uma discussão que eu vejo que é hora de entrar aquela informação que eu sei que é de âmbito maior eu saber aplicar a informação de um âmbito maior entendeu? esperar as pessoas ficarem com sede daquele conhecimento ai você ... é a hora de você colocar aquele conhecimento e direcionado prá aquilo que você está trabalhando. É... Irmã Rita, Ilson, Angela, eu acho que Ilson chegou até a perguntar mais diretamente Irmã Rita perguntou aquela do que como pensar, mas, ela não deu o passo mas, Ilson perguntou mais diretamente o que cada instituição dessa, a gente tá vendo, a gente vê as logos, é tudo bonitinho, com toda a apresentação da gente tinham as logos e chamam a atenção as logos bonitinhas, mas, eles queriam saber o que que cada um está fazendo pela AMANE, cada um desse injeta dinheiro, é isso? não, cada um desses faz um trabalho ? eu acho que respondeu muito quando Belô veio, pela SOS, e fez aquele trabalho que era... (o modelo colaborativo) isso, modelo colaborativo e ele foi muito próximo das pessoas , a gente reuniu toda a cooperativa então ficou muito claro, esses são ... o pessoal da AMANE que tá fazendo uma

coisa aqui, tá fazendo um curso que bom que até se confundia um pouco prá eles a SOS era Belô e o modelo colaborativo. Não era aquela SOS... não chegava aquela informação das outras ações da SOS que são maiores, da grande produção de mudas, do grande clickarvore, das manifestações de rua, essa coisa não... mas, ficou claro que essas instituições existem fisicamente e ela veio aqui e fez alguma coisa. Mas, as outras ficava muito nebulosa, CEPAN apareceu quando veio com os fogões, entendeu? é muito claro no vídeo quando a Irmã Rita diz, foi muito bom que a gente começou um namoro com a AMANE, a AMANE trouxe o CEPAN, ela não entendia a AMANE e o CEPAN não era... a AMANE trouxe o CEPAN e a gente fez esse trabalho junto. Mas, eu acho que a gente não conseguiu deixar claro, mesmo ela sabendo, mas, deixar claro ... não ficava claro a participação das outras instituições como no Pacto ainda ficava mais distante ainda entendeu? se a gente tivesse pudesse ter pensado nessa estratégia do lobby, isso não só prá base mas, pra todas as camadas que a gente trabalhasse fazer esse lobby, dizer olha, esse pacto tem essa função, olha essa associação com cada participante desse tem essa função e até um pouco de pressionar no ... não sei se fosse a estratégia, eu não estava no conselho com você, não sei como era a cabeça mas, pressionava numa reunião do conselho (voce foi para alguma areunião do conselho?) Eu fui prá uma só...não, eu participei de uma em Olinda e outra que foi em Murici. Foram duas reuniões que eu participei uma em Olinda e outra aqui em Murici. Mas, aí eu falando... foram reuniões abertas, a gente sabe ... voltando as reuniões eu não sei porque tinham umas reuniões mais fechadas, as que eu participei foram reuniões mais abertas que tinham coisas que, claro, vocês não iam discutir, eram focadas, principalmente a de Murici foi para conhecerem o trabalho, conhecerem as pessoas, não era tomada de decisão, mas, em reuniões mais fechadas talvez pudesse ter sido uma estratégia de dizer, olha, nosso amigo está fazendo isso, as pessoas falam as pessoas tal ... e você que está mais parado como é que poderia também ter uma ação né? eu acho que poderia, só uma ideia da minha cabeça, mas, que eu acho que nas diversas camadas que a gente tinha, pelo menos as que eu trabalhava diretamente que era os agricultores, crianças e jovens com os conselhos, faltava esse entendimento do que era o papel de cada uma, então, por isso que as vezes na cabeça deles, muitas vezes a AMANE não era associação, a AMANE era uma coisa e isso eles eram parceiros (o Pacto era outra coisa) O Pacto ainda era uma outra coisa, com parceiros mais distantes ainda, eu acho que era isso, por isso que não sei se você sente, a AMANE é uma coisa viva prá eles, mas, é sozinha, não é um conjunto de um todo. Na fala as vezes tinha muito isso, a gente não conseguiu deixar claro essa ligação de que tudo era uma coisa só, que tava ligado, que nasceu junto. A gente contou poucas vezes a gente contou essa história completa prá todo mundo, não sei se a gente achava

cansativo ou era uma questão de tempo, de ordem de tempo, não contava muito essa história completa. (quais os problemas mais graves que dificultam para a implementação das UCs do corredor?) eu acho que o problema maior de todos são as pessoas dos que estão envolvidas entenderem a importância entendeu? e conseguirem visualizar ganhos, porque o ser humano vai muito atrás de ganho, ele não quer fazer alguma coisa se não ganhar, nem que seja o sentimento de estar protegendo, o sentimento de estar trabalhando junto, o sentimento de estar fazendo alguma coisa. Mas, essa coisa da sensibilização, então tinha dificuldade no trabalho com o poder público porque nunca visualizou ganho, tinha dificuldade de ser UC para criação de propriedade privada porque poucos proprietários viam ganhos, o mesmo problema vai da conservação, do cuidado, se, quem tá lá próximo, seja o município, seja a comunidade rural não vê que pode ter ganho. Na fala das pessoas você vê, eu protejo por isso... e sempre é uma coisa palpável porque é ... limpa meu ar, porque conserva meu ... minha água porque eu uso essa água prá produção porque eu não pago o imposto dessa terra, é porque... então é uma coisa que está relacionada a ganho e quando a pessoa não visualiza isso ela já barra de frente, e como a gente dependia muito do público para criação, em todas as instancias tanto que, eu percebi que não tinha muito interesse de IMA aqui, CPRH lá... não havia muito interesse não estar engajado nessa história, era como uma luta sozinha, a AMANE lutar sozinha, levar essa discussão pros lugares sozinha, eu não lembro de outra instituição com o mesmo pensamento, com a mesma ação, com o mesmo trabalho, com o mesmo empenho, porque...ganho, não havia ganho, não... se sentia, faltou agora um pouco... nem o ganho do sentimento de dizer: não, eu ajudei a preservar o meio, nem as vezes pro próprio ego eu ajudei, eu participei disso aqui, não era suficiente pro empenho pelo menos é uma das coisas mais difíceis a outra é o apego a terra, né? era... um dos maiores problemas que a gente teve, que foi em Pacas era justamente na divisa porque o agricultor invadiu a área da UC aí JF teve que autuar duas vezes entendeu? o apego a terra, então quando você diz que essa área vai tá intocável, isso incomoda as pessoas mesmo que a pessoa não seja dali, incomoda porque nada deveria ser intocável, ao mesmo tempo que quando é dela deveria ser intocável, eu não consegui entender essas relações, né? da propriedade, essa relação aprofundada da propriedade. Quando você dizia que uma UC era uma propriedade fechada as pessoas até assustam. Quando a gente foi conversar com os jovens ahh, é nosso, a gente tem que proteger então eu quero desfrutar da cachoeira, até pode se for uma visita de pesquisa de conhecimento toma um banho lá e tal, mas, não é prá toda semana. Ah, mas, não é nosso? então ter essa dualidade de entender que é seu que você pode desfrutar mas, com ressalvas e tem áreas que ... aquela coisa, tem áreas que você nem pode ir porque tem um documento prá isso que era o plano de manejo. Isso

assustava as pessoas ah, tá eu vou proteger se eles estão me tirando o acesso? então eu via muito era... a gente precisava de mais ferramentas pra trabalhar isso na cabeça das pessoas entendeu olha, é seu, você pode ter acesso restrito aqui, mas, essa área deve ficar é... intocável, mas, é bom prá você que fique intocável, não conseguia ver porque que fique intocável e é bom prá mim? ficava a mais metodologias e técnicas prá gente acessar isso na cabeça das pessoas inclusive eu acho que isso é o principal medo de áreas de preservação, de conservação, como você fala, em que uma área vai ficar... vai separar essa área, você já está... você mexe com esse intimo das pessoas. O que é público e também é meu e sendo publico eu também tenho que respeitar e não poder ir, isso dá um nó na cabeça das pessoas, que muita gente acha que criar uma ESEC, uma estação ecológica, criar uma área protegida é prá gente ter a natureza linda, mas, eu me sinto como um repórter que posso ir lá, que posso tomar banho de cachoeira, que tira fotos lindas, que vê os animais lindos disponíveis, porque eu estou aceitando que proteja e aí você deixa a coisa bem diferente assusta entendeu? você pode ir até lá e tirar uma foto mas, tem que ser autorizado, tem que ser muito bem... e aí você começa a dizer ahh, vocês privatizam prá mim mas, vem um caçador de fora e começa a... aí já abre prá diversos outros problemas,(...) que é mais fácil. (olhando prá esse mapa aqui da área focal murici urubu e aí imagina se hoje a gente fosse fazer um **plano de ação** para essa área, murici urubu que componentes e ações seriam mais importantes prá voce?) Reunir essas pessoas e intercambiar essas pessoas isso prá as ações, eu acho que deu muito certo, que a gente tava trabalhando de agricultura e agroecologia eu coloco as duas coisas, porque muitas vezes eu trabalhava só agricultura que era resolver problemas simples, de pragas, de doenças, de animais e tal, agricultura e agroecologia pras comunidades que estão no entorno das duas áreas focais, trabalhar as escolas com essa temática de conservação da mata atlântica e tudo... como a gente... , eu acho que esse projeto dos que eu participei da AMANE que deu muito certo foi o corredores, uma ideia muito parecida com aquela dos corredores só que faltava uma coisa que era intercambiar, é trabalhar um tempo, sei lá... um período de seis meses, um ano, em cada um e depois intercambiar, levar prá ver o que o outro tá construindo, prá gerar o mesmo sentimento que a gente ... o mesmo sentimento que a gente conseguiu fazer com os gestores de unidades de conservação, entendeu? olha, a gente tem aqui a estação ecológica, é nosso precioso que a gente quer trabalhar o conjunto prá conservar e também coisas prá minha vida, então como é que eu posso trabalhar junto todas aquelas ideias que se tinha, se tem um plano de manejo, se tem uma área que pode ser visitada, tem visita guiada os jovens se interessam de fazer isso, as escolas se interessam de ir lá, do ponto de vista de pedagógico, de aprendizado, pelos agricultores estão trabalhando, vai trabalhar técnicas de agroecologia

porque vai ajudar no meio ambiente e vai ser um corredor também para os pássaros, porque era um corredor de informação, também um corredor físico que isso aí é uma coisa que demanda , isso aí já é uma esfera maior esse corredor físico porque são muitas terras e vão mobilizar terras, vão mobilizar produção de mudas e tal, esse corredor de pessoas, de informação, aí prá essas duas áreas você criar, vamos dizer, três cinco escolas que possam ter uma formação e depois ir trocar, um visitar a casa do outro e pensar na... de toda a metodologia participativa que a gente trabalhou e como é que eles trocam os sentimentos, além da informação que eles troquem esses sentimentos de unidade, de... somos iguais nisso e naquilo, entendeu? e deixar que, com a tecnologia de hoje, eu juro que vai surgir os grupos, vai se fazer essas redes vai sair com whatsapp, com facebook, vai criar essa rede sozinho, num precisa formalizar, a rede, eu tenho muito medo, que quando formaliza a rede as vezes perde o encanto, tem que deixar, essas pessoas tem que se tornar amigos e o que vai tornar elas amigos é esse conhecer, é esse visitar aí seria com os agricultores das comunidades com as escolas, porque aí você envolve jovens e crianças das escolas, com os professores e não só os professores, aí você pega outras pessoas do grupo docente, seria corpo docente e discente alguém que trabalha na escola também, entendeu? voce envolver o máximo de pessoas também, porque uma coisa que eu vi, tanto em Murici como em Lagoa dos Gatos que é a faxineira entrava caladinha na sala e vinha assistir um outro professor em uma matéria que não tinha nada haver, posso assistir? pode assistir. é uma coisa tão nova e vai da carência dessas duas regiões que quando chega alguém com um discurso novo tudo organizado, tudo bonitinho, preparado por pessoas que sabem o que estão fazendo chama, tanto que no corredor a gente nunca teve problema de público, de baixo público, de não conseguir pessoas, sempre tinha gente interessada nisso e isso me estalava: se pudesse ser maior, vai ter gente se pudesse ter mais recurso, gente é o que não falta e o que eles cobravam então era isso né? como é lá? então a gente dizia, a gente tá aqui hoje e amanhã a gente vai fazer a mesma coisa... como é lá? como é as pessoas lá? e aí lá encheu tb de gente? e lotou feito a gente? o desejo de saber como era o outro grupo. Aí falei agricultores, escolas e tem outra coisa... nova que é uma coisa feito a que eles fizeram agora na APA que foi com as prefeituras mas, eu acho que a gente podia ser mais, a gente pudesse envolver prefeitura, empresários, (principais parceiros) isso, empresários, porque eu entrei num mundo de... essa coisa de ser empreendedor e conheci muita gente e vi que tem muita gente que, se você convidar, vai pra um evento como esse focado em negócio e eu acho que essa ideia de mata atlântica pode gerar bons negócios não é só negócios do ponto de vista capitalista selvagem, destruidor tudo não, mas, que a gente possa trazer ideias de bons negócios, seja da coisa simples da produção de

mudas, até outras coisas, um empresário que vai trabalhar sei lá... um artista que tem a ideia de fazer um artesanato voltado para, um empresário que vai trabalhar, ele vê essa coisa e trabalha com transportes, disse não, se vocês trabalham com as visitas guiadas eu faço o transporte, eu faço o transporte diferenciado para garantir meu mercado, o que que precisa, vou levar ONGs e tal é... eu já trago os documentos para os pais assinarem prontos e vocês não tem trabalho com isso. muita gente querendo criar negócio, querendo ver nicho de negócios que se a gente convidar prá esses momentos, eu acredito que vêm e participam e o mais importante, a política. Você mostrar prá o político local e ai são duas coisas bem principais o vereador e o cabo eleitoral do vereador que é o que lida com as pessoas de que essa discussão é importante, de que ela está acontecendo e de que as pessoas gostam dela (você tentou fazer isso lá não?) Em Murici, tentei no início e me frustrei e acabei deixando de mão (tentamos tb lá em lagoa dos gatos, lembra? plano municipal da mata atlântica... plano de manejo, reuniões na camara...) mas, aí eu ta havendo outras estratégias são outros olhos, se você reúne as pessoas, eles sabem que você está reunindo as pessoas e eu acho que a gente ia direto neles, eles acham ... a gente estava precisando, ia pedir alguma coisa sabe? mas, se você reúne as pessoas, olha, to com um evento aonde eu vou ter 100 pessoas te interessa participar? era mudar as estratégias né? jogar um pouco o jogo deles, quando eles vêm massa, eles aparecem que isso aconteceu lá em alguns momentos, quando a gente tava com a casa cheia, chegaram umas pessoas em Lagoa dos Gatos, que eram cabos eleitorais aí tem uma ação que a gente fazia, Letícia também tinha muito disso, a gente dizia ahh não vamos dar muita atenção porque esse povo quer voto, um repúdio com eles. Hoje eu penso que era hora de trazer e colocar no lugar também tem que dar o devido lugar você está aqui como ouvinte, aprenda alguma coisa com a gente tal, se quiser fala, se for político a gente pode ser mais incisivo e dizer: olha, aqui não é lugar prá isso mas, a amizade continua e tal. Tem que ter esse jogo de cintura que eu acho que na época não tinha hoje eu tenho mais essa visão né? na época eu não tinha, mas, não dá prá trabalhar sem essas pessoas, infelizmente não dá prá trabalhar, a gente trabalhou muito a margem deles e aí quando a gente tentou se aproximar muitas vezes, como lá em Murici, eles não queriam. um ofício que tinha que entregar a Renanzinho, só consegui entregar porque encontrei com ele no estacionamento porque senão ... dei de seis viagens e aquele homem nunca tava, mentira, ele tava na sala mas, quando uma certa vez eu parei o carro,ia falar com Marcos Tenório, ele parou o carro, desce o segurança e até quando fui prá ele até o segurança assustou mas, ele recebe bem, falei com ele mostrei, ele leu o ofício rapidinho assinou, protocolou e me devolveu, mas, se não fosse isso porque não tinha interesse, mas, ele sabia, ele sabia qual era a ONG, ele sabia que eu era da ONG, ele

sabia tudo que acontecia ali, entendeu? porque é o que é interessante porque as vezes você acha que não quer lhe receber porque não sabe não, ele sabe mas, eles fazem esse jogo que eles fazem muito isso com a população né? se voce me procura você precisa de mim né? a gente não pode procurar direto a gente tem que fazer com que eles venham até você demonstrando força política e pensar em outras estratégias, eu só acho que a gente pecou nisso também de não conseguir se aproximar mais de uma forma mais efetiva, a gente também tinha medo um pouco também de incorporar demais eles e eles acabarem usando nosso trabalho como ferramenta politica e acabar ficando nem uma coisa, nem acontecia nem uma coisa nem outra. E outra coisa é essa de buscar os empreendedores, buscar gente que tá interessado, porque eu acho que, aquela menina que fornecia almoço prá gente, a professora que também forneceu salgados e bolos, aquelas pessoas eram empreendedoras, elas foram ali também com essa meta e deu certo prá elas, e deu certo prá elas. Então a gente encontra pessoas assim tanto a gente usar essa mão de obra local e isso a gente sempre fez .. pras coisas locais, mas, isso também chama as pessoas participarem e aonde for até hoje elas levam a informação na cabeça porque viram porque participaram entendeu? é buscar essas pessoas que eram mais fáceis e a gente acabou não deixando... deixando um pouco de mão. O trabalho com as escolas mesmo, que eu não consegui fazer de como tava no plano e aí foi a coisa do preconceito, porque chegava um técnico prá apresentar um plano para uma escola né? prá pessoas de nível superior, de nível médio então teve muito preconceito comigo nesse sentido, eles não entendiam. Já tinham um preconceito de que era um técnico de agropecuária está no centro de educação porque não alguém daqui? eu dizia a voce que precisava ser alguém de lá, mas, lá não tinha tão preparados. (tinha Ilson que aos poucos foi...) É, mas, quando a gente chegou não tinha, isso foi logo que a gente chegou que eu conversei muito isso com Carla e ela viu que nesse mundo da educação tem muito desse preconceito quanto mais título você tem mais respeitado você é, se você não tem título você pode ter mais experiência, trabalhar no ... não serve, né? que todo mundo ouviu muito Carla porque é doutora. Depois no miúdo todo mundo queria conversar com ela, como era mestrado, o doutorado, não sei que e tal. Mas, aí era prá ter aproximado mais essa comunidade da escola do centro de educação, e aí o mesmo cuidado que a gente tinha que ter com os políticos e não deixar usar, era o cuidado que tinha que ter com a escola porque começou a acontecer com o projovem e com o PETI, que é do tipo, vou levar os meninos, esse problema que é minha turma, e por uma tarde ela está fora dos meus olhos, entendeu? e não era isso era que o professor participasse eu tinha que lembrar que a aula é sua e eu vou, a gente vai fazer um cine debate hoje e fazer uma palestra e depois, voce tem que estar aqui comigo e ajudando a controlar e ajudando a entender e participando

né? não é chegar... o professor chegava, toma a turma e pega o celular e ia lá pro escritório sabe? do tipo menos um dia menos uma tarde era mais ou menos isso e pensar sempre nessas estratégias de incluir todo mundo, convidar e incluir. Mas, pro plano de ação acho que é isso, poder público empresarial colocar dentro e a questão das comunidades escolar que é quem tem tempo, né? e jovens e crianças junto às comunidade escolar e as comunidades ainda que eu pensava muito, discutia com Renata, como é que a gente traria mães e pais adultos, sabe? porque a gente só... porque são cheios de afazeres durante o dia inteiro, essa coisa de como convencer a pessoa e deixar o momento de cuidar da casa, de deixar o trabalho, deixar até um hobby, uma coisa que gosta prá ir ver esse assunto, prá bater nessa tecla. (da sua experiência, comparando os dois complexos florestais como é que você vê a diferença entre murici, o que foi de experiência marcante, o que deu certo em um e outro centro.) A estratégia da cooperativa em Murici foi perfeita para o objetivo de reunir as pessoas e de trabalhar com elas diversas temáticas mas, ela como cooperativa para unir os dois assentamentos deu errado, agente viu que eram histórias diferentes que por mais metodologias que a gente tentou, não conseguiu unir e eram tão diferentes que virou três cooperativas, né? Duas cooperativas no Assentamento Pacas e uma cooperativa no Assentamento Dom Helder e eu acho que possivelmente surja outra no Dom Helder, se Sr. Eraldo fincar o pé com a CPT junto, ele encontra um porque a Irmã Rita por ser pragmática não agrada a todos. Liderança nenhuma agrada a todos, o que não é ruim, porque não aconteceu isso porque Sr. Eraldo acho que até hoje comercializa com a cooperativa de Pacas, Sr Eraldo comercializa com Pacas, mas se não fosse isso ele tinha aberto uma nova, uma outra cooperativa que também a ideia de cooperativa, a Irmã Rita tem essa cooperativa prá organizar pessoas prá feira mas, não entrou ainda no ...mas, ela não acessa os outros mercados até porque ela teve uma má experiência em PEA e PENAI quando ela chegou lá eram questões políticas. PEA, programa de emergência alimentar, do governo estadual que vai para a CONAB e a CONAB distribui prás escolas estaduais para merenda de escola estadual e o PENAI é um programa nacional de alimentação na escola, é o governo do município que recebe esse recurso. Ele tem que comprar até 30% da merenda escolar, até 30% dessa merenda escolar tem que ser comprada do ... cooperativas do município. O PEA não tem uma percentagem, a pessoa tem que ir na CONAB, se cadastrar recebe uma lista do que eles compram, é um processo mais trabalhoso e o PENAI, que é municipal, tem muita política então que iniciou a cooperativa de Paulo, eu não lembro... como é o nome, começou a vender e depois daquela da COOPMATA viu, cresceu o olho, abriu a cooperativa e chamou Sr. Eraldo, chamou outras pessoas do Pacas que não tava e ela tinha conhecimento com a secretaria de agricultura e pegou os contratos na frente da outra. A outra

gritou, esperneou e dividiram esses contratos, mas, me parece que a dela ainda ficava com 60% e a de Paulo com 40%, mas, é uma coisa que, prá ser sincero, dá prá comportar 10 cooperativas no município. E Murici tinha, naquela época 6 escolas municipais Murici cresceu, aí eu vou falar .. Murici hoje está com dois bairros novos, que foram pós enchente esses bairros estão inflando com pessoas que estão lá, a gente está tendo um êxodo urbano agora né? com essa crise nos últimos anos, não tem trabalho, as pessoas estão vindo para cidades do interior (...) prá casa dos pais e tal, a vida é mais barata, a vida é mais lenta, mais tranquila, então se não tem lá, não tem aqui, melhor voltar prá cá reunindo os familiares então está inflando esses bairros, então cada bairro desse tem mais duas escolas então é mais... escolas grandes parecidas com a nossa então é mais consumo, isso voltando para o que você perguntou do que ameaça as estações ecológicas, eu fico preocupado com esses dois bairros porque eu lembro que era um riacho que sai da ESEC, que passava dentro de Murici, não lembro o nome dele, ele agora passa pelo Olavo Calheiros e Patrícia me disse que ele entra ... sai da ESEC limpinho passa do outro lado um esgoto puro então são coisas desse tipo que parecem pequenas né? mas, aí aumentou a quantidade de lixo eu não sei como é que ficou aquela discussão que tava na estação ecológica de Murici, ia ter um consórcio do grande lixão, que vai ser aterro mas, que não vai ser aterro sanitário do município ia ser aonde? em Murici, aonde? perto da ESEC entendeu? então essas coisas... a AMANE não está lá mais lá e a gente era quem batia bem de frente nesse tipo de coisa né? pragmático um não e essas ameaças, essa coisa em Murici é bem diferente. Mas, voltando, o que deu certo, a cooperativa dessa organização das pessoas que acabou gerando outras cooperativas que... a cooperativa acho que foi um mote prá gente, prá trabalhar as pessoas trabalhou muito conflito de pessoas que não teria como mensurar de forma alguma, a gente conseguiu apaziguar, conseguiu fazer com que eles se entendessem se entendia a própria história. ah... uma mudança que foi única a criação da feira com geração de renda que mesmo pouca no início, mas, incentivou a aumentar a produção, isso deu muito certo em Murici. Então vendendo eu planto mais se eu planto mais eu entendo que preciso de recursos naturais e você está batendo meio que recurso natural depende da mata, então fechava muito bem esse circulo de conversas que acontecia, e você conseguia... a gente conseguiu trazer dos diversos momentos, do primeiro ao último projeto isso em todas as instancias, veio gente de outros assentamentos como você viu lá de Branquinha, veio de União dos Palmares, com as reuniões do conselho que sem a AMANE parece que não acontece mais, parece que o conselho da ESEC, a gente trazia diversas instituições, a gente trouxe os agricultores para esse conselho, a Irmã Rita apareceu nesse conselho, Angela apareceu nesse conselho. Do mesmo jeito que elas apareceram dentro do

conselho da APA, eu lembro que na época falavam dos conselhos das outras APAs não tinham representantes de comunidade, e a gente pegava pelo braço mesmo e levava, né? pegar pelo braço e vamos porque vocês têm que participar, voces vão entender. Sentei com Irmã Rita e com Janaína que tinha mais vontade, Angela faltava, reuniões com elas para dizer, olha, a gente vai discutir isso isso isso isso, e o que que eu digo, você vai dizer o que achar, vocês são a cooperativa, vocês são também e digam o que vocês acham, não estou guiando vocês só estou dizendo qual é a conversa prá vocês estarem preparadas acho que foi fundamental. Isso deu muito certo, a produção, esse trabalho com eles. O trabalho que estava sendo feito que foi feito dentro dos corredores, com os jovens, com os ... as crianças, foi muito importante porque eu me lembro, encontrar criança na rua sabia que era da AMANE então sabia que era o trabalho de meio ambiente, então a grosso modo, já tinha essa visão. Eu tava vendo aqui via criança passar na rua, parar com o pai dizendo: é aqui óo... onde fala do bicho, da árvore, é aqui ó então voce tinha essa coisa de estar no caminho certo do trabalho é... uma coisa que não aparece, não sei nem se dá prá aparecer é a fiscalização da gente, muitas vezes eu ia prá dentro da mata com JF porque não tinha com quem ir, não tinha brigada, e ele perguntava, tem coragem? eu dizia, vamos simbora. (...) Essa experiência, eu tava do lado dele quando ele recebeu uma ameaça uma vez e JF... engraçado eu tava conversando com ele na sala ali e toca o telefone ele atende e diz tá, sim, tá, que mais? e desliga, fica parado. Aconteceu alguma coisa? eu vi que ele meio chocado né? acabaram de dizer que vão me matar que vão fazer um bocado de coisa mas, ele levava... e ele me chamava, estou precisando ir numa área, muitas vezes ele não queria ir só. Vamos simbora, fui várias vezes com ele, é... outras vezes ia eu, ele, ele chamava ... me faltou o nome, que era um agricultor de Pacas, que era brigadista preferido dele... mas, bem, a gente ia, prá ir três homens no carro que diferenciava muito, ele tinha esse apoio, e as vezes, eu tava.. algumas vezes que eu tava com a L200 que ele foi comigo, vestido normal, só prá passar numa área quando viam o carro dele já corriam o carro da gente não assustava, porque era ONG, era diferente mas, ele podia ver, depois ele voltava. A gente se ajudava nas coisas, o processo de seleção dos brigadistas, ele usou o centro de educação.

Uma outra coisa que aconteceu no centro foi o apoio a pesquisa, um exemplo foi o professor Márcio Efe, da UFAL, que trazia um grupo de alunos, prá fazer observação de aves, catalogar aves, na estação ecológica e ele fazia suas reuniões no centro de educação e chegavam a equipe ia prá lá. Era o local deles fazerem reunião, usar banheiro, se planejar antes de ir prá campo porque no ICMBIO não tinha espaço prá isso aí depois de traçarem todo o plano, eles

passavam no ICMBIO e com JF, informavam que estavam na área e iam prá campo. Aquela Caroline Tibúrcio que tava pesquisando ofídios, sempre passava no centro para tomar um banho prá se organizar, (ela era da ufal?) Eu acho que era da UFAL a pesquisa dela, era aluna da UFAL trabalha com ofídios, o projeto RONDOM quando chegou na cidade a prefeitura não sabia o que fazer com eles. Primeira coisa que fez, leva prá AMANE, que a AMANE orienta, aí uma coisa que sempre foi difícil foi conseguir ir na Estação Ecológica com autorização de JF né? JF barrava o máximo isso que era uma forma de evitar que parecesse turismo todo mundo pode ir e tal. Então, professores, quando solicitavam, vinham primeiro à AMANE prá eu falar com JF prá eu conseguir essa autorização prá ele ir junto, prá ele acompanhar, JF era meio inacessível as pessoas achavam, tinham essa lenda que ele não gostava de falar com as pessoas, não deixava qualquer um ir e se a AMANE falasse era mais fácil, foi isso com RONDOM foi isso com escolas, prá levar alunos, foi interessante, essa relação... lembrar né?

7. ENTREVISTA JF

(você hoje está vinculado a alguma ong? não. e nem na época do pacto?) não. (há quanto tempo atuou em parceria com a AMANE?) foram ... 2003 a 2013, dez anos né? quando saí da ESEC Murici. (voce lembra qual a missão da AMANE?) a missão da AMANE... sempre proteger a mata de Murici dando condições aquelas pessoas que vivem no entorno de viverem em harmonia com a mata, não agredir a mata, usufruir dela preservando dando condições pras pessoas conseguirem viver dessa maneira E O QUE VOCE ACHA DESSA MISSÃO E COMO ELA PODERIA TER SIDO MELHOR? a missão é ... eu acho o que deve ser feito né? nenhuma unidade de conservação, por mais... na categoria de proteção ela vive isolada, ela sempre vai ter uma população no entorno e de alguma maneira vai interagir com ela, então a maneira de agir atuar para que essa interação seja menos agressiva possível a unidade, eu acho que falta uma AMANE foi recurso financeiro e pessoal também prá fazer um trabalho mais ... além do que foi feito, foi um trabalho muito bom. um trabalho que, até hoje ainda tem resultados lá. O pessoal sempre fala, as vezes me cobravam, eu tava lá há pouco tempo e o pessoal: cade a AMANE? cade a AMANE que não volta? e aí? continuar o trabalho... e eu digo é, arrumando projeto aí, dinheiro prá voltar. (e aí tentando fazer esse link entre a missão da AMANE e a sua missão de vida, que que você acha que ela se relaciona?) missão da AMANE com minha missão de vida? relacionamento total, porque a AMANE durante muito tempo era o apoio que eu tinha, era onde eu tinha assim toda a questão profissional, como apoio profissional para desenvolver certas ações ali eu sempre contava mais com a AMANE

do que mesmo com a instituição. as vezes eu recorria a AMANE para certas coisas, as vezes também a AMANE provocava as coisas as vezes me provocava e isso eu achava interessante porque muitas vezes ficava o meu trabalho ficava aquém de determinados aspectos, de situações, determinadas ação e a AMANE ficava sempre vinha e me cobrava, e isso? e aquilo? voce não vai de tal maneira, isso... tanto profissionalmente como pessoalmente né? meu trabalho como na minha vida foi importante. (voce lembra os principais projetos que voce se envolveu com a AMANE?) olha, ... biojóias, educação ambiental, acho que foi a parte que mais envolvi que foi com educação ambiental mas, o centro de educação, acho que foi a parte que mais teve também o curso de capacitação, também a AMANE quando fez o plano de manejo, foi a AMANE que a gente fez né? a elaboração do plano de manejo muita coisa do trabalho junto com a AMANE, né? aqueles estudos que a AMANE fez lá . (prá você quais as principais dificuldades e oportunidades do trabalho com a AMANE?) as oportunidades foi mostrar um olhar diferente em relação às populações do entorno, né? um olhar diferente dos assentados que a primeira impressão que a gente tinha é que eram pessoas que estavam agredindo a reserva, pessoas que tinham que ser multadas que tinham que ser afastadas, que tinham que... a AMANE mostrou o contrário, não, pessoas que você tinha que chamar prá você, isso eu tenho levado até hoje no trabalho da REBIO é um trabalho mais difícil, porque tem gente que mora dentro de áreas já indenizadas, posseiros que a gente quer tirar que tirar da melhor maneira possível evitando... não são inimigos, são pessoas que a gente vai conviver com elas de uma maneira ou de outra e que a gente vai dar uma condição boa prá eles. E esse tipo de visão eu sinceramente não tinha, a AMANE mostra principalmente os assentados. Os assentados eu via como um aquelas criaturas... assentado é destruidor, tinha que chegar junto e transformar esse potencial destrutivo que eles tinham era um potencial de proteção. Isso foi o que a AMANE deixou. (as principais dificuldades no trabalho com a AMANE.) É... os períodos de afastamento dela. A AMANE vinha e começava um trabalho depois afastava e ficava sem um sem uma continuidade, sem ter como, e ficava ... e a gente sem saber como viver. (e como poderia ter sisdo melhor?) se tivesse uma frequência, alguns projetos eram interrompidos antes de concluir, pessoal ficava... se tivesse continuidade... (o que voce acha que seria a colheita principal que sua atuação em parceria com a AMANE deixa para a sua vida?) É isso que eu já falei. Esse novo olhar sobre as populações que vivem no entorno das unidades de conservação. a maneira de ver essas pessoas, essa foi a principal contribuição que a AMANE deixou. (avaliando o pacto murici, que voce esteve naquele momento inaugural, em 2004.) Naquela foto estava magrinho... peraí, naquela foto... (nesssa trajetória, o pacto murici fez 10 anos como voce avalia essas ações do Pacto Murici e até em termos de

multiplicador, o que ele deixa o que foi mais significativo, em termos de gestão de unidade de conservação?) Um ponto principal desse pacto murici foi a divulgação que ele teve Ele saiu, foi divulgado na imprensa, muita gente sempre falava desse pacto Murici, eu vejo mais nesse sentido, a parte de atuação lá mesmo no local é o que a AMANE vem fazendo, estava fazendo, (na realidade a AMANE era o braço executivo do pacto. o que a AMANE fez é o que o pacto fez.) Mas, essa divulgação maior esse pacto deu amplitude (e em termos de contribuição da mata atlântica e outros biomas? que exemplo isso pode dar, que contribuições em 10 anos nessa estratégia de criar uma ong, deixa em termos de experiência?) O pacto... é basicamente o que eu já falei, trazer um novo olhar sobre a condição das pessoas que estão lá no entorno dentro da unidade de conservação em termos de implementação de unidade de conservação. porque a unidade de conservação é como um ser vivo, não pode viver isolado. Então, essa contribuição que a AMANE deu nesses 10 anos, mostrar que as pessoas fora dependem da unidade de conservação certo? elas tem que ter um olhar de parceria, de tentar encontrar uma solução para que elas aproveitem a riqueza que tem lá na mata. porque muitas vezes a riqueza a gente nem sabe que tem, chamar a atenção prá isso, isso é que é o principal. e partir daí, partir não só daqueles que estão mais próximos diretamente da mata, mas, também prá universidades, sede de municípios, todas as pessoas do entorno terem uma atenção melhor, saber da importância, que você tá lembrado da luta que a gente teve lá em Murici, da luta de convencer o pessoal, da riqueza que vocês têm, vocês não sabem o que vocês têm, em relação as aves, a água que vem de lá, e eles ... muita gente não sabe que existia aquilo ali nem a importância que tinha. Isso também lá na REBIO , é a mesma coisa. Toda a água já vem da REBIO, a gente tem que bater na tecla, Gente, se vocês não tomarem conta... não vai ter mai água. é o que a gente mais toca lá. lá não tem a AMANE, a NORDESTA lá, ela atua de maneira diferente, não atua como a AMANE, a atuação dela é assim, de dar benefício, dar posto de saude, dar escola, dar coisas. A AMANE ia lá e como que diz assim, ensinava a pescar. A NORDESTA chega mais prá dar o peixe... uma coisa assim. A diferença básica é essa, então desse sentido o trabalho da AMANE e do Pacto Murici deixa isso, deixa essa lição prá lá. Deixa a proteção da unidade prá o pessoal que mora lá. vizinhos, assentados, né? eles é que tem que tomar conta e ... o que se devia fazer ali? o que é melhor para preservar? e não a gente do ICMBIO, você vai ter que fazer isso e isso. Isso que eu acho que, se a AMANE não conseguiu acho que ela deu uma muito forte chamou a consciência disso (muita coisa disso tá no plano de manejo né? que ainda não saiu) eu não sei o que que falta não (...) não sei o que que falta prá sair, o da REBIO também está pronto mas, não sei o que é que engancha (pensando mais na questão das redes, voce participa de outras

redes?) não... (mesmo dentro do icmbio não tem rede não? nem dos gerentes?) ahh, tem dos gerentes que a gente faz tem amizade pessoal com o chefe de várias unidades, a gente se reune quando tem algum problema, a gente ... vamos fazer uma operação aqui prá me ajudar, a gente vai lá e... o que que eu faço aqui? a gente informalmente, não tem uma rede estabelecida não, a gente faz isso. (as ações em redes são importantes para as conquistas ambientais? no caso da AMANE ela é resultado de uma rede e também contribuiu para a construção da rede de gestores, qual a importância das ações em rede para as conquistas ambientais?) É, achei fundamental que seja formado assim, em rede mesmo. Porque a gente não se sente tão isolado, a gente na unidades de conservação a gente se sente muito isolado, a gente se sente ... além de trabalhar num meio difícil que é meio ambiente, pouca gente as vezes a gente tentar mostrar que é importante e tudo mais, ainda é muito isolado, a rede daria uma sustentação melhor, eu senti muito em apoiar, onde discutir os problemas. Uma coisa que eu sempre reclamei, eu sentia falta em Murici, eu trabalhava, e eu executava, eu avaliava e eu me criticava, não tinha outra pessoa que eu pudesse ... ei rapaz ta errado, faz assim, né melhor fazer assado? e aquilo ali? a AMANE é que me cutucava, mas, tinha isso, é uma dificuldade tremenda de fazer isso só, então essa rede daria exatamente isso a gente chegar e contar mostrar como você está atuando, ver como está atuando, ver, rapaz, eu nem fiz isso. então o que aconteceu comigo é as vezes de ele tá la na coordenação e a pessoa lá de uma unidade lá de Sergipe e comentar assim ahh, eu fiz isso e isso questão de postes que instalaram lá na unidade. ... a celpe colocou uns postes lá há pouco tempo eu tava sem saber o que fazer e coinscidente que lá em Sergipe também fizeram isso e ele falou eu fiz isso, então eu disse é assim que vou fazer. Não era uma rede era um outro assunto e me ajudou. Aí se eu tivesse tempo a rede, (voce participava da rede de gestores que a AMANE organizou?) Participava, (essa rede tinha esse tipo de discussão? ajudava?) muito pouco, porque era muito dispersa. teve esse... precisava ser mais específica (que ações seriam mais efetivas em rede?) basicamente era a divulgação da experiência de outras pessoas, das ideias que outras pessoas têm. As vezes você tem uma ideia na sua unidade e lá não tem como implantar mas, em outra tem como... essa ideia, essas ações. As vezes você quer fazer uma coisa ali e não tem... não sabe nem como (em relação a fiscalização?) exatamente como é que faz, as vezes bota muita dificuldade, as vezes não tem essa dificuldade toda... muitas vezes a gente deixa de tomar uma atitude porque essa atitude acha que não, essa não vai dar resultado e outro diz eu fiz assim, assim assim e eu então vou fazer também. Aí outro diz ahh, eu já fiz assim, deu certo, é isso. (prá voce quais os problemas mais graves que dificultam a implementação das unidades de conservação nessa região do corredor?) Falta de pessoal, é principal, tem pouca gente , você

tem que se desdobrar, fazer tudo não é? aí realmente você não consegue priorizar você tenta priorizar e não consegue porque você tem sempre uma questão mais urgente. fora quando vem o ministério público quando vem, você para tudo prá atender e aquela situação vai ficando, vai ficando, um dia chega a cobrança, você tem que parar e voltar de onde você parou, se tivesse gente suficiente, você dividia as tarefas, responsabilizar certas ações (você falou desse compartilhamento... a rede poderia suprir um pouco isso no caso de ajudar nas tarefas) Poderia, mas, eu acho que, no dia a dia a rede poderia suprir em determinadas situações coisas... no dia a dia, nas unidades, naquela rotina diária que você precisa na unidade, sem pessoal efetivo o trabalho não anda não, você tem que gente prá fazer a ação diária (Operacional) É operacional mesmo... é só brincando de preservar e de proteger Eu já me angustiei muito, no tempo de Murici eu ficava sem dormir angustiado, ai meu Deus, tem coisa prá resolver, tem que ir num sei aonde, tenho que ver num sei o que, tem que e tinha gente que dizia que tem caçador num sei aonde e parece que tão desmatando num sei aonde aí chegou um dia que eu disse, peraí eu não vou resolver, estou me estressando sem necessidade, vamos o que der, vamos devagarinho. tava... tinha uma época que eu tava meio angustiado, triste nervoso. Eu via as coisas e não tinha condição de resolver, ninguém ajudava, depois eu disse, tenho que me controlar, fico meio nervoso tinha que deixar, se não deixar... (voce passa a semana lá?) não, eu fico três ou quatro dias as vezes ... porque lá tem a parte de Pernambuco e de Alagoas né? As vezes eu estou em Garanhuns e fico mais na parte de Alagoas. O problema maior é Pernambuco, Pernambuco é ... foi a maior degradação do país tem um problema grave lá que é os moradores, (20:32) O problema maior é Pernambuco, Pernambuco é ... foi a maior degradação do país tem um problema grave lá que é os moradores, o IBAMA indenizou uma área em 2015 e deixou mais de 50 famílias dentro ... prá tirar esse pessoal, é trabalho. A gente indenizou alguns mas, eles voltaram com advogado, disse que o dinheiro foi pouco e voltaram estão ameaçando multar todo mundo, mas, o advogado disse que vai botar na justiça e aí já foram na delegacia porque disseram que estão expulsando o povo das casas deles é a maior dificuldade é essa do lado de Pernambuco. Eu fico lá até a quinta, a sexta, estou viajando muito prá operação aqui na Costa dos Corais o pessoal ... quase todo mes tem operação aqui (fiscalização?) É fiscalização. tem um colegiado de auto de infração lá eu tb participo, então é essa... eu tentei fazer uma rotina, quando tava na quinta mas, nunca dá (esse colegiado eles têm uma articulação permanente ou é só pontual?) Não, dois em dois meses eles se encontram prá julgar os auto de infração mas, é só da regional aqui todos os autos são lavrados, os processos são ... se reúnem cinco, seis (são quantas pessoas?) Na regional? Cabedelo tem umas oito ou nove pessoas e tá chegando mais mas, a gente é ... do colegiado,

daqui, de Paulo Afonso, de Natal, outro é do Seridó, são setores de várias unidades que se reúnem, umas cinco, de dois em dois meses a gente se reúne e faz esses julgamentos porque o pessoal tava dando muita importancia a multar,multava, multava, multava, mas, o processo ... e ai? tem que julgar e dá um fim a esse processo, julgar e botar na dívida ativa entra na justiça ... concentrou muito nos últimos anos prá tentar dar com isso, tanto é que a regional daqui está sendo um modelo pro Brasil todinho a gente já foi prá Rondonia, prá montar o colegiado de lá, depois vai prá Florianópolis, Rio de Janeiro, e lá tem processos que já estão preescrevendo, cinco anos se voce não mexer no processo, não, três anos, se voce não mexer morre, cinco anos, morre, tem muitos que estão preescrevendo o pessoal tá... e aqui a gente conseguiu já estamos julgando processos agora de 2014, 2015, e assim vai mas, isso demora muito tempo, duas semanas... mas, graças a Deus, eu tenho... eu dei sorte, achei um rapaz de Lagoa do Ouro, ele é terceirizado que veio ajudar a gente lá, mas, ele conhece muita coisa lá e eu to aqui . O problema então, ele conhece tudo e vai lá (e a NORDESTA?) A Nordesta fica lá ela tava até botando um pessoal lá para andar na mata atrás de caçador, mas, aí eu desaconselhei porque o pessoal não anda armado só vai se confrontar com caçador, vai fazer o que? se eles me disserem onde é que eles estão, os caçadores vão dizer, foi fuladno, vai trazer problemas prá eles aí.... tá certo é muito perigoso prá esse pessoal, deixar a NORDESTA dar apoio quando a gente precisa de alguma coisa de gente... ela botava três funcionários prá ajudar a gente, tem a brigada e quando não tem a brigada ela botava dois ... ela contratava dois ex brigadistas prá ficar com a gente esse tempo. Ela contratou agora por causa desse problema daí aí eu falei com ela mas, o apoio... ela dá muito apoio, não se nega não quando ela vê que o trabalho tá andando e tem alguma coisa ...(pensando em uma perspectiva futura, o corredor foi desenhado, pernambuco já publicou o mapa, e murici urubu está bem delimitada. se fosse pensar um plano de ação para essa área focal, que componentes principais... abre o mapa... avalia e localiza) A questão das RPPNs... não existe nenhum tipo de ação... (a conexão pode ser com ações... chama a NORDESTA prá cá... rsrs) tem aquele projeto... (exemplos de componentes...) principalmente a regularização de Murici, né? esse é o principal educação ambiental também tinha que ... mais importante é regularizar Murici ... Cá entre nós a coordenação regional não está satisfeita não com Murici muito parado, não anda nada lá, ... só eu não vou prá lá ... prá lá eu não volto não, por enquanto não. sei não... outra pessoa prá lá. Ela so faltou pedir prá eu voltar, deixei ela lá, deixei Nelma lá, mas, estou aqui, o que você precisar... vou a campo para fiscalização... tinha um rapaz prá ajudar mas, já saiu... Bom, seria a regularização da ESEC e educação ambiental, fiscalização teria que ... CPRH... chamei a CPRH para o conselho da REBIO, mas, nunca mais apareceu eu vou até excluir do conselho

... Seria basicamente isso, (e os parceiros?) Prefeituras, tinha que ser os primeiros parceiros de toda a unidade a prefeitura é que teria que ... não sei como tá hoje , mas, deve tá... é difícil prefeituras quis ajudar mas, não teve condições... aí teria que ser prefeituras, tem umas cidades que até ... o pessoal lá é interessado, quer de alguma maneira ajudar, sei que eles têm dificuldade, mas, ao menos vão p o conselho, dão sugestões, prefeituras ... é uma dificuldade... mas, seriam as prefeituras, o governo do estado e organizações ... as ONGs. Tem uma RPPN aqui em Pilar, Chã de Pilar, Francisco Quintela, ele preserva, aí construiu um conjunto habitacional colado a RPPN dele 200 famílias, aí me chamou lá pessoal... eu não posso fazer nada a minha RPPN não tem zona de amortecimento aí ligou prá mim, prá gente dar uma olhada e ver o que que faz realmente so se tiver algum... aí deu uma chuva e alagou um pedaço da RPPN aí eu autuei, eles fizeram uns projetos para tirar a água botar do outro lado da pista... aí estamos tentando resolver, não vai durar muito não (e o recurso da compensação da esec murici - br 101 já entrou dinheiro?) não. ainda não e o que entrar aqui prá Murici era eles são fazer toda a sinalização do trecho da BR três quilômetros e meio, eles vão fazer toda a sinalização, eu pedi prá reduzir a (e a compra da fazenda salão?) não, aí é da compensação ambiental. não porque ainda não fecharam o processo. Fizeram uma avaliação já, foi avaliada a propriedade e ta em nome da cooperativa, não sei como é, tava registrada na justiça porque tem um pessoal dizendo que não interessa se está na justiça ou não, a gente vai pegar e vai mandar pagar, a gente já tem o dinheiro. (em relação a implementação da esec? a AMANE criou a esec, fez o diagnóstico, estruturou, mas, tem a implementação, o que ela poderia ter feito mais?) Tinha que comprar uma sede lá e ... eu lembro lá em SP, a SOS quis comprar a área e acabaram não comprando, inclusive toda aquela propriedade tá na justiça, não sei se você está sabendo. (da Salão?) não, daquele sítio lá do Yapiguara, que ele construiu lá, aí foi reformado e vendeu prá outro e esse que comprou tava fazendo uma ... o pessoal da brigada passou por lá e disse oia, o pessoal vendeu o sítio Yapiguara e o dono novo quer lhe conhecer aí quando eu tiver dando a volta vou lá pra conhecer ele. Ai eu ia passando, entrei, ele tava lá na rede com a filha dele e a gente tava conversando e preserva, aqui tá dentro da ESEC vai ter que desapropriar e olhei assim, na beira do riacho ele tinha limpado assim, tinha feito um buraco de pedra. Vai fazer o que ali? ele disse, eu vou represar e fazer uma piscina prá minha filha. Eu disse, não pode não, ele disse por que? porque está dentro da Estação Ecológica o senhor não pode fazer isso não. a margem do riacho. Ahhh, mas, a fazenda eu comprei, fazer o que? eu disse, não pode não. Vamos fazer o seguinte: cubra aquele buraco ali, replante ali, à margem do riacho e pronto, a gente fica amigo. não, de maneira nenhuma, Bom, o senhor é que sabe. Autuei. Ficou brabo, olha, eu sou advogado. EStá no seu direito, o

senhor vai se defender, tem 20 dias, ... teve até a polícia federal foi lá depois fazer a vistoria na área, ele queria impedir a polícia de entrar. O delegado mandou arrombar o cadeado que ele fechou o cadeado com corrente que era prá eu não entrar nem ninguém mais entrar. O delegado chegou mandou abrir e foi uma confusão danada. Ali ele entrou com uma ação eu disse olha, toda vez que uma pessoa vinha aqui e iam comprar esse sítio, o pessoal ligava prá mim e perguntava ah... quero fazer uma pousada, não, não podenão, desistiam... ah, rapel... pode não e a pessoa desistia, e não disseram nada ao senhor não? não, então o senhor não está sabendo. ele até disse mas, aqui é Flexeiras, como é que é Estação Eológica de Murici? não tem nada haver com Murici... eu so sei que ele entrou com uma ação na justiça e ganhou, o ICMBIO perdeu. A área dele não faz parte mais da reserva... (...) tá um buraco no meio da unidade. Ele pode ser multado por qualquer outro dano ambiental mas, não por estar dentro da unidade porque ele não está mais na unidade porque o juiz diz que caducou o decreto e não está mais ... ou seja nem o ICMBIO pode... (abre um precendente terrível...) é. E o ICMBIO não pode entrar com um processo, ele estava com um processo de desapropriação multado e foi interrompido eu sei que não pode mais tomar nenhuma ação para desapropriar aquela unidade, aqueles dois hectares (ele pode construir, ele pode fazer o que quiser...) é, ele não está mais... Ele pode ser autuado por qualquer outra coisa. Eu não sei como o ICMBIO perdeu, quando eu soube eu fiquei tranquilo porque que... em várias unidades já entraram com esse tipo de ação e o ICMBIO derrubou e esse perdeu, perdeu, perderam. O produtor tá calado... quer dizer doutor que tá um buraco lá no meio da ESEC? infelizmente eu fui atrás de uma liminar, já fui para o tribunal, o tribunal ... e perdeu, desse jeito é a gente ficar olhando lá, se ele cometer qualquer outro crime ambiental seja em relação a unidade, a gente pode autuar... (o problema maior é o precedente...) É. Aí inclusive outro rapaz que foi autuado lá no Sítio Cocal eu fiquei sabendo a pouco tempo, mostrei uma casa lá e a gente autuou, eu tava lá ainda, aí entrou com esse mesmo... pegou essa decisão e jogou eu disse olha, ... ele também olha... essa aí ainda não foi... todo mundo vai recorrer disso, negócio perigoso, só sei que infelizmente é isso nem pode mais fiscalizar como unidade de conservação, mas, como uma propriedade qualquer.

8. ENTREVISTA AN

(você está vinculado a alguma ONG hoje?) Hoje não. (e na época da criação do Pacto Murici?) Não, com vínculo em ONG não, a gente participava junto às ONGs só que dentro do instituto aqui de meio ambiente. (há quanto tempo atuou em parceria com a AMANE?) Muito tempo, foi um bom tempo, a AMANE fez o Pacto Murici em... (2004) 2004. Eu entrei no

IMA em 2005, então, já tava feito, então desde 2005 até o último projeto praticamente, que foi a construção daquele mapa, não foi? O Corredor, pronto, então foi de 2005 até... rsrs, foram muitas reuniões vocês foram essenciais aqui para o setor. A capacitação dos chefes de APAs... curso de capacitação de gestores de Unidades de Conservação, foi essencial. (na sua visão, qual é a missão da AMANE? você lembra? o que você acha assim...) Eu lembro que é englobar toda essa situação de proteção da mata atlântica aqui do nordeste, né? Especificamente aqui no nordeste, fomentando essas pesquisas essas capacitações de pessoas, parcerias com outras entidades para que pudesse né? ter ações efetivas não é? de recuperação, gestão da nossa mata atlântica aqui nordestina. Mais ou menos isso, me desculpe se por acaso... rsrs (e o que você acha dessa missão?) Olha, ela é extremamente importante e posso até dizer que hoje a gente sente muita falta porque é...era uma referencial, é, a gente tinha uma referência, tinha uma associação que a gente sabia que atuava nos vários estados aqui na abrangência da mata atlântica e a gente tinha um feedback do que tava acontecendo, do que cada estado tava fazendo nas pesquisas que estavam sendo feitas e até uma espécie de um nivelamento, né? De todos os estados componentes. Como é que está o estado da mata atlântica, o acompanhamento e hoje... a gente sente muita falta. A gente não tem um referencial, a gente vive praticamente assim numa ... naquela redomazinha do estado né? no caso eu estou falando como uma pessoa que trabalha no órgão estadual, que tem o seu território, então a gente fica meio que ilhado sem saber o que está sendo desenvolvido nos outros estados. A pesquisa científica tem esse lado ruim de as vezes tá muito é..., como eu poderia dizer... muito circunscrita não é? Cada estado... pouco divulgado. Não é divulgado, uma crítica que a gente faz, por exemplo, a pesquisa científica que ela é feita muito prá atender o seu currículo lates, ela é colocada numa revista eletrônica e fica ali, precisa ser melhor divulgado mais ampliada isso aí, mais popularizada. (como se não tivesse um foco, uma meta né? aquela coisa a meta é somente cumprir a formação...) Humm. É isso aí, a meta é cumprir aquela situação da formação e poderia se produzir também coisas, tantos órgãos poderiam produzir alguma situação mais efetiva, mais prática, vamos dizer assim. (e assim, como você acha que poderia ter sido melhor?) Como poderia ter sido melhor? seguinte, já foi bem interessante o que já foi proposto pela AMANE, feito por ela pelo menos o que concerne a nossa participação, a nossa atuação, mas, assim, se pudesse ter havido uma uma... como é que eu poderia dizer a palavra... a palavra tá na ponta da língua poderia ser ser... ser feito setorização, em cada estado representações em que pudesse atuar cada estado assim, pudesse ser agregado. É porque vocês corriam bastante, né? Porque mesmo havendo o posto aqui de Murici, num é? A gente sabe que ajudou bastante, principalmente na situação da comunidade

lá, mas, depois a gente sentiu falta, né? A situação de não existir mais, não é? Então seria mais isso, seria a construção de equipes, de unidades, unidades estaduais que poderia ter sido uma situação de mais... rsrsrs (e aí como essa missão está inserida na sua vida, se enquadra na sua missão de vida) Ah! com certeza, eu acredito que sim, porque, faz parte da minha formação, eu sou geógrafo, a linha geográfica que tem o instituto de geografia, desenvolvimento e meio ambiente está no próprio nome né? Então, eles focam bastante nas questões socioambientais é... e essa interação com a sociedade, essa interação com o meio ambiente essa interação com a produção do espaço, então é a gente já sai da universidade com esse viés, então, trabalhar aqui no instituto, depois ter o contato com os ensinamentos da AMANE foi muito interessante, muito produtivo prá gente até prá ampliar o conhecimento, não só dar direção de setores mas, também dos técnicos que, produziram bastante e a época, a época não, foram vários anos, mas, determinadas atividades foram muito interessantes porque combinaram com situações em que estavam formando os conselhos gestores, que tava se produzindo uma rede, vamos dizer assim, uma rede interna para que depois ela pudesse se externalizar a partir dos projetos que vocês produziram, então foi muito legal, caiu como uma luva mesmo porque a... (em que atividades, projetos, você esteve envolvido na AMANE?) Dorinha... eu lembro que meu primeiro contato com a AMANE foi em 2005, numa reunião que estava falando, já do recém formado Pacto Murici e reativando certas alianças com os órgãos, tanto que Afrânio me levou lá, o primeiro contato que tive com vocês. (foi aqui, né?) Não, foi lá em Recife, não, a reunião foi lá em Murici. É o contato foi aqui, mas, logo depois várias reuniões a respeito da... acho que estavam sondando a gestão de áreas protegidas, participamos da questão da capacitação de ... (houve uma reunião aqui, do pacto, no hotel, acho que até foi Afrânio que apoiou) Não, não participei dessa, se foi depois de 2005 foi muito capaz de ter participado. Então, teve a capacitação dos... gestores de Unidades de Conservação, o projeto redes. A capacitação foi aquela em dois momentos , em dois módulos. Existiu também os encontros também da Reserva da Biosfera também então, eu posso estar confundindo, você lembra que eu fui com Afrânio, né? Então, em reuniões, é... em reuniões com o pessoal da SAVE BRASIL, reuniões... a questão do Corredor de Murici, também o Corredor Pernambuco. Foi tudo, Afrânio não me deixava ficar de fora não... (quais as principais dificuldades e oportunidades do trabalho com a AMANE?) Olha, as principais dificuldades, eu não me recordo assim de dificuldades, de trabalhar com a associação não foi possível e... a questão assim... e... (oportunidades) As oportunidades eu já tinha comentado a questão de aproveitarmos bastante o conhecimento e aplicar diretamente na gestão de áreas protegidas principalmente nas unidades, á época... as nossas unidades, a maioria são aqui na

região aqui da mata atlântica mesmo, hoje tem aqui na caatinga embora isso não diferencie na hora da gestão e na hora do contato, na hora do... isso foi muito legal. A parceria que a gente acabou firmando. A gente pode dizer que vocês foram uma espécie de liga entre o IMA e a Secretaria de Meio Ambiente. A gente trabalhava muito afastado, entendeu? (os encontros aí...) Os encontros e a capacitação as técnicas que trabalharam lá elas foram se aproximando a gente, tanto que toda a criação do conselho gestor daqui sempre era um trabalho conjunto, eles faziam essa parte burocrática, a gente fazia... (vocês criaram os conselhos gestores de todas as unidades?) Praticamente, hoje só não tem o conselho as duas unidades mais recentes que a gente tem lá no sertão. Uma já foi feito a eleição, a gente está só esperando sair no diário oficial, é a do Refúgio do Craunam e a outra é a Estação Curral do Meio que a gente ainda está em fase de . Ela já está reconhecida, mas, a gente está só em fase de um diagnóstico para começar a chamar o pessoal, né? Embora ela é muito pequenininha e o conselho dela vai ser um pouco diminuto, e é uma Estação Ecológica então, a gente é quem tem mesmo atuação. (esses conselhos se reunem?) Se reúnem. (e vocês tem um grupo de conselho, um colegiado de conselho) Isso, exatamente. E uma vez por ano então a gente faz um encontro de conselhos gestores das Unidades Estaduais. Isso foi fruto dessa situação de tanto a formação do conselho, e a rede, ne? Se fez interna com eles. Isso foi fruto do bom trabalho de vocês, de divulgação e também o contato com a comunidade científica que trouxe muito conhecimento pra gente, trouxe informações muito interessantes sobre a constituição de projetos que estavam sendo feitos, que é isso que a gente sente muita falta hoje. (quem está hoje na coordenação lá da APA?) Qual APA? (A APA de Murici) A APA de Murici? É a técnica Lana, hoje, você lembra Lana? (ela fez capacitação com a AMANE). Fez, ela na época tava cuidando de Sta Rita, da APA Sta Rita. Ela ainda permanece lá. Ela está com o foco muito nos assentamentos projeto dela ali, é que foi a primeira etapa e participou também com os gestores municipais, e a próxima etapa agora ela está com os assentamentos deve estar nas escolas também e bem legal assim. (e aí assim, qual a colheita principal que a atuação na AMANE deixa para a sua vida?) Olha acredito que é essa situação do ... é a comunicação, vou ser menos lapidado, vou ser grosso. Acho que a questão da comunicação, a comunicação com as pessoas, a comunicação com... a partir dos saberes entendeu? Quando a gente atua num órgão ambiental e tem, e passa a ter esse viés social, porque muita gente acha que o órgão ambiental é cuidar do desmatamento, é fiscalizar, não é? Fiscalizar e aplicar regras, utilizar a fiscalização e aplicar regras. Utilizar a legislação, aplicar regras e tal mas, quando a gente... como o setor aqui, também é a gestão da unidade de conservação, a gestão implica o que? Implica na sociedade, no contato com a sociedade, isso trouxe uma situação muito legal prá

mim, porque antes era um técnico que era muito assim cartesiano, vamos dizer assim e hoje a gente consegue ter um contato assim com as pessoas, saber diferenciar é... saber é valorizar os saberes de cada um, desde aquela comunidadezinha tradicional lá até o bambambam super doutor que atua na área, a gente saber como entrar em contato com cada um, saber puxar o tipo de saber deles, tanto que, nas reuniões do conselho é... a gente passou a entender muito mais na prática o que significa essa... a situação da gestão participativa, né? Da diversidade de saberes, do mesmo peso dentro disso ... isso a gente foca bastante nisso... briga, quando alguém quer falar mais que o outro, tem o mesmo direito que você, saber ouvir as pessoas, acho que isso foi bem interessante, bem modificador. (como você avalia as ações do Pacto Murici na AMANE, na realidade se misturam um pouco, o Pacto que tem uma dimensão mais política e como é que a AMANE foi eficiente, serviu) É, como eu te disse, é eu já tinha entrado em 2005, a discussão do pacto foi feita antes. Mas, o que eu percebi assim é que era uma situação tão mesclada, não é? que eu não... diria assim, havia uma atuação só do Pacto nas ações, havia uma atuação só de outros projetos de vocês. Vocês conseguiam em uma reunião só em uma situação só, tratar de diversas situações eu via isso pelas reuniões da Reserva da Biosfera, vocês aproveitavam o mesmo fórum para discutir várias situações era assim muito intenso... rsrsrs... não era uma reuniãozinha... entravam pelas noites. Então eu acho que ficou bem mesclado depois das situações quando tinham que se tratar do Pacto, vocês, eee aproveitavam bem o momento para ter aquelas pessoas ali, aquelas representações ali e tanto assim que, aqui, por exemplo, aqui pelo IMA, na época eu fui diretor do IMA, das Unidades de Conservação, eu tava lá tanto prá conhecer quanto para verificar essas situações, que vocês estavam tratando de uma situação que não tinha nada haver, mas, aquela reunião ia se tratar de situações, então, acho que vocês mesclavam bem, não tinha perda de tempo. Então eu acho que as ações do Pacto estão bem mescladas dentro dos encontros, vamos dizer assim. (A AMANE era um braço executivo do pacto e o pacto tinha esse caráter mais político) Essa seria uma situação que eu não teria tanto knowhow, tanto conhecimento mas, quando eu ouvia vocês falando da questão do Pacto eu já percebia que, dentro do ambiente, das discussões, das tratativas, havia também a mescla dele lá. (que contribuições o pacto e a AMANE, em seus dez anos, deixa para a luta de proteger a mata atlântica e outros biomas, que ações poderiam ser multiplicadas?) Olhe como eu te disse como na primeira eu não tive tanto contato, mas, eu acho que a própria instituição da AMANE entendeu? a partir dele, como o braço direito, como você acabou de dizer, eu acho que foi uma das ações mais efetivas em que a gente pode ver assim a coisa da prática né? Ela acontecer na prática. Que já que é uma situação política precisa do executivo daquela situação, então, foi bem interessante, bem intenso, acho que foi

uma das situação mais interessantes tanto falando em nome do órgão ambiental, mas, também na participação das ONGs, das comunidades tradicionais que vocês conseguiram agregar, trouxe gente de diversos meios dentro de uma ... eu lembro bem, só a realização das capacitações com as comunidades tradicionais, junto com os técnicos, ali discutindo ali, foi muito rico aquilo ali. Então, seria isso. Seria a própria instituição da AMANE em si como o executivo, né? das propostas do Pacto, eu acho que foi um ganho tremendo. (dentro disso, filtrando prá sua vida, o que isso traz prá sua vida, em ganho pessoal) É, talvez confunda um pouco com a resposta da pergunta passada, essa situação da interação com as pessoas, de se levar em conta o conhecimento tradicional, de tornar aquilo o setor, não vou dizer o setor, vou dizer tornar alguém que não seja tão tão... atento só as questões ambiente pelo ambiente, que hoje a gente sabe que não existe se não tiver a participação humana nessas questões. Eh.. eu lembro do mito moderno da natureza intocada, também concordo muito com essa situação, entendeu? Tem que haver a... é a gente saber ter a mudança de concepção que cuidar da natureza não é deixar lá intocada você precisa envolver as pessoas nisso. (sobre o livro de Diegues, eu fico questionando se a gente trabalhou com população tradicional, o que seria população tradicional e conhecimento tradicional na nossa região, seria o ... da cana, ou os quilombolas, e a gente não trabalhou com os quilombolas a gente tinha um foco, entorno das unidades e florestas e aí no entorno das florestas tinha os assentamento de reforma agrária e eram eles que a gente trabalhava. quem seria população tradicional e o que seria conhecimento tradicional?) Eu concordo com você, embora devido a tudo que já foi modificado aqui na nossa região se a gente fosse querer trabalhar exclusivamente com população tradicional ali você não iria ter a abrangência do que hoje interfere naquela área natural. (o que eles estão tão desconectados com o próprio sítio natural deles né? 500 anos de uma exploração pesada e em cima da paisagem então, eles não identificam espécies nativas a paisagem deles é a cana) É... até índios lá no meio da Amazônia, hoje em dia, devido ao contato, né? Terminou que a gente foi perdendo muito dessa identidade aí. (então, você participa de outras redes, ongs, hoje?) Hoje não, hoje devido essa questão da ... dos segmentos acadêmicos, estou no Mestrado. (dentro da academia, mesmo dentro do ima, eu entendo que um conselho de colegiado, seria uma rede) Ahhh tá, sim, com certeza, a gente faz parte de vários conselhos de Unidades de Conservação olhando por essa... (se a gente for pensar, nossos whatsapp... são redes, emails são redes) Com a questão de atuar diretamente em ONGs não, mas, atuar com as ONGs, com a Academia, com as comunidades... (com a Reserva da Biosfera) é... a gente continua com alguns conselhos de Unidades (a Reserva está fazendo o trabalho do Anuário) É, é verdade, a gente respondeu algumas questões junto com Afrânio.

(qual a importância das ações em rede para as conquistas ambientais) Rapaz... se eu pudesse voltar várias respostas que eu dei dava para juntar mas,... é... ela é extremamente importante, porque é... hoje em dia atuar na área ambiental, só hoje não, né? Porque há um bom tempo é algo assim meio cruel, você se vê as vezes só ou então seu grupo se vê só em um universo de tendências capitalistas pesadas de tendências transformadoras pesadas e você briga com quem faz a legislação, você briga com quem é dono de território, você briga com o próprio governo, então dentro do seu próprio ambiente você briga, então quando você... quando é reapresentado a você,ou que você tem contato com a rede de gestores e pessoas que tem o mesmo pensamento que você, o mesmo foco ou então que não seja o mesmo, mas, tenha o foco complementar, isso é bem assim **compensador**, assim você vê que não está só e você vê que você tem complementaridade de ações, de formações, ajudam você, ajudam no seu desenvolvimento como um todo, posso dizer assim que toda essa produção, toda essa produção, até como você acabou de dizer, redes desde um celular, desde um grupo de pessoas, ela traz uma quantidade de informação as vezes muito pesada, a quantidade, em relação a quantidade mas, assim, quando a gente consegue focar o que a gente realmente precisa é foi o que foi produto de várias situações que a gente teve né? Como eu havia dito a você.... só a formação dos conselhos para um estado que não tinha nenhum... nenhum na época e depois todos, bah! todos formados e atuando, a gente considerou também como uma espécie de uma contribuição muito forte, né? Da atuação da AMANE, das redes, né? e aí depois interligar isso aí, a gente considera um encontro de gestores como uma espécie de uma rede maior que outras redes aqui do estado. (você sabe até que no nível federal não se está fazendo isso) Não, tanto que, nós convidamos sempre alguns órgãos, alguns... representativos das associações federais também, porque tanto como a gente faz o encontro dos conselhos de gestores das unidades estaduais de Alagoas, porque prá fazer de um modo geral, teria que contar com o ICMBIO e toda uma organização e por sequencia eles tinham que ter contato com Brasília e isso aí a gente acredita que ia ser algo meio burocrático mas, não necessariamente a gente os deixa de fora não, a gente convida prá participar com a gente. (Nelma me falou que ia ter uma reunião agora em Ibateguara...) Isso, o encontro desse ano foi aqui na MOTONAUTICA, um clube aqui em Alagoas, em Maceió, e a gente convidou o atual gestor da Costa dos Corais porque eles conseguiram uma situação que está difícil para várias unidades, que é um pouco independência financeira, eles conseguiram verba, direcionaram, a Costa dos Corais tem uma importância nacional e mundial tremenda né? a questão da aglomeração de corais, a maior aglomeração de corais da costa brasileira né? Então é... ele passou muita coisa legal prá gente, passou muita situação interessante é... o pessoal ficou assim muito curioso de saber como essa

independência financeira vocês fizeram e tal. E a gente considera isso um ganho que a gente só teve a partir do projeto. Se fosse só um curso feito prá uma ou duas pessoas não teria ido prá frente não. (quais os problemas mais graves que dificultam a implementação das unidades de conservação nessa região do corredor, no caso aí do pacto murici, área focal murici, como as ações articuladas em rede podem contribuir) Olha, os principais problemas são todos os que você possa imaginar relacionados a áreas protegidas porque, infelizmente, é... o estado... (abro o mapa, aqui a área focal murici urubu) É, essa área abrange diversas RPPNs tem a APA de Murici, a Estação Ecológica, estou falando pelo lado alagoano, conheço pouco pro lado de Pernambuco, mas, ela tem uma... algumas particularidades assim que a gente pode citar em termos de problemas, é inicialmente a questão do ...dela ter sido criada depois do fortalecimento que a cana de açúcar teve nessas unidades então elas são formadas por fragmentos que estão formadas em áreas particulares são de usinas, então o acesso a elas já é complicado, então, algumas, a gente pode elencar, como você mesmo conhece, Serra Grande e tal. Foram pessoas que já tiveram uma visão, isso aqui tem uma serventia, nem que seja prá água, prá garantir a água nem que seja prá isso. Então, além do trivial, qualquer unidade a gente não tem verba específica para unidades de conservação no nível estadual, a gente está esperando nós participamos junto com o corpo técnico aqui do IMA, contribuindo para a implementação da política de meio ambiente a gente colocou que aqui tem que ter ou o pagamento por serviços ambientais, o ICMS Ecológico, tá lá disposto prá que seja regulamentado, mas, pelo menos vai constar, né? fica instituído mesmo que depois regulamente, porque isso deixa, e com essa atual situação de crise econômica que os estados, o país, o mundo, enfim, é ... cada vez mais o direcionamento de verbas para plano de manejo, para fiscalização, isso vai se tornando cada vez mais é... forte né? Prá questão de atuação e tal logística, pessoal, capacidade e tal. O órgão ambiental como eu tinha dito prá você in off, o órgão nunca fez concurso público, então conta com indicações, indicações muitas vezes absorve o trabalho legal ... sazonal, não tem uma equipe técnica, que, saem pessoas e entram pessoas mas, permaneçam uma equipe, né? Enquanto fica a gente e outras pessoas que já estão há um tempo aqui né? Sabem como funciona, pode passar um conhecimento tudo bem, mas, é quando eu havia te dito antes, o órgão está perdendo seu pessoal para o tempo, o pessoal está se aposentando o órgão está ficando acéfalo, entra gente nova é meio que perdido né? No escuro, pegando o trem andando, mas, as situações específicas são essas, são áreas assim que tem uma luta de donos de terra muito forte, tem a política muito forte nessa região aí, são grupos ou pessoas mesmo que têm um poder político pesado e questão de acessos também né? A área aqui da região de Murici, a zona da mata vamos dizer aqui, os acessos não

são fáceis, então é tudo uma conjuntura. A regularização fundiária também, com certeza, não tem um diálogo legal entre INCRA e o governo... quando a gente vê... ahh, já direcionamos aqui um grupo para uma área que aqui é uma reserva legal deles e, portanto não tem um acompanhamento. (quantas reservas tem o estado hoje?) Atualmente tem ao todo 54 e na mata atlântica Dorinha.... vamos dizer que tenha umas... vamos subtrair do sertão... quase 40. (se a gente pensar em um **plano de ação** hoje, quais os principais componentes que você acha que devia ter) Primeira coisa, acho que os principais componentes é a questão econômica porque a área ela é pobre, ela tem a acumulação dos grandes proprietários mas, quem fica a margem disso é muito pouco e eles... (trabalho e renda né?) É. Como essa população pode ter uma renda, pode tirar sustento daí, para que ela possa, entre aspas, respeitar o que proteger. Como é que eu posso proteger se eu não tenho de onde tirar meu alimento se eu preciso vender madeira, se eu preciso caçar, se eu preciso não é? a gente sabe que existe os problemas sociais prá isso mas a gente sabe também que o pessoal não absorve somente os problemas, não se contenta somente com o problema social, a gente vem notando isso muitas áreas, a gente vê o pessoal... ontem mesmo recebi um pessoal, do vale gás, gente boa, agregado ao bolsa família mas, eles não se contentam só com isso, parece que aquilo ali é uma verba prá certos usos, ah, se eu preciso comprar um gás, se eu preciso fazer isso... ahhh eu tenho que conseguir arranjar um dinheiro por fora, é estranho né? É uma situação estranha né? Mas, infelizmente eles não foram assim a população não era...entendeu Dorinha, a questão econômica, pelo que a gente nota, precisamos de atuação é o principal, outras situações justamente também é relativa a questão econômica, a questão econômica de quem tem mais condição, é o que, é a questão de expansão, expansão de área, expansão agrícola, é o pasto, o pasto tá tá muito forte (fiscalização...) fiscalização e ao mesmo tempo o que? Órgãos complementares estarem atuando porque o órgão ambiental é a situação de que vai ver o dano ambiental causado, a inconsistência, mas, é... situações de o que? ... a gente conversando com o pessoal da secretaria de agricultura, olhe, hoje em dia o pessoal usa técnicas muito arcaicas, entendeu? Precisam de grandes áreas, grandes quantidades de áreas, não precisava disso tudo, a questão do CAR também muito sério, muito importante. Hoje o IMA, tem um setor específico aqui que faz o cadastramento, que atua relativo ao CAR, e muitos produtores aqui é... sempre se pergunta, como é que eu vou deixar uma reserva legal de uma área dessa mesmo que sejam módulos muito pequenos. Entendeu? (na verdade é a implementação do código florestal) É resumindo, exatamente. Mas, (entraria tanto no trabalho de fiscalização, quanto no de banco de dados) É, nessa questão econômica e essa questão situação do código florestal. (e os principais parceiros desses planos) Os parceiros desse plano? Acho que os órgãos

governamentais com certeza incluindo, inserindo vamos dizer assim, além dos órgãos que já de cara, você já coloca, meio ambiente, agricultura, meio ambiente, existem outros que tem uma posição estratégica nisso aí só que eles têm uma resistência a se encaixar nisso aí não é? Por exemplo, órgãos reguladores, esses órgãos de fomento a pesquisa, essa questão econômica por exemplo, então, será que não ... secretarias de agricultura, secretarias de finanças prá ver justamente a questão de onde direcionar verba, por exemplo, essa questão do ICMS Ecológico né? Triste que a gente ainda não tenha, então, órgãos como a secretaria da fazenda que poderiam ver situações práticas de instituir isso, elas não acompanham os órgãos ambientais na sua realidade, se a gente manda um... faz reuniões, manda um ofício, eles simplesmente participam, mas, é... vamos ver, mas, é interessante vivenciar essa realidade e ver que, realmente a gente tinha que instituir essas políticas de conservação e preservação lá o município que está ali preservando a sua mata atlântica sua mata ciliar, seja o que for, suas áreas nativas não é? Ele teria prioridade e repasse desse tipo de verba, então isso a gente percebe que não entra é tão difícil, é burocrático e sempre esbarra num não, a gente não tem dinheiro mas, não sabem que estão perdendo uma ótima oportunidade de estar dando prá essas áreas aqui o retorno delas prá disponiblilidade de água, de biodiversidade, de tudo aquilo que a gente já sabe e conhece. A gente vive bastante isso.

9. ENTREVISTA AM

Instituto de Meio Ambiente do Estado de Alagoas, com relação ao item 9 é... do questionário, na época da realização do Pacto eu estava vinculado e continuo ainda vinculado ao Instituto Amigos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. É... em parceria com a AMANE desde o começo nós tivemos inclusive o prazer de fazer a.. de presidir a assembleia de criação da AMANE que foi aqui em Alagoas na ocasião. A **missão** da AMANE era de divulgar, de pesquisar e de incentivar a formação da rede de gestores de unidades de conservação dentro do complexo florístico do nordeste brasileiro. Essa missão era muito importante e a gente tinha uma expectativa de uma grande ação, de uma grande vitória nesse nessa missão que, entretanto, foi frustrada pela deficiência financeira, por falta de apoio financeiro dos governos tanto estaduais, quanto central, governo federal. É... acho que se houvesse um apoio maciço, um apoio forte por parte dos governantes, a missão teria sido exatamente, totalmente cumprida e teria sido bem melhor prá todos nós a execução desse trabalho. De que maneira essa missão está inserida na sua vida? Eu acredito que, nós aqui, nesse ... no Estado de Alagoas, tínhamos nós aqui, no Estado de Alagoas, nós aqui, eu e o colega Alex Nazário, nós abraçamos isso como uma causa e trabalhamos em conjunto com os colegas de outros estados

e com a coordenação da AMANE, com a Dorinha, com o RAvi, etc. para que conseguíssemos atingir os objetivos da missão, alguma coisa foi feita, as atividades foram desenvolvidas, projetos foram realizados, nós tivemos a realização de oficinas, tivemos a realização de inventários com assentamentos rurais, inventários com... cooperativas e associações de artesões, enfim, tivemos alguns ganhos, esses ganhos inclusive auxiliaram o Conselho Nacional da Reserva da Biosfera a montar o programa chamado Mercado Mata Atlântica em que Alagoas tem sete entidades envolvidas e reconhecidas como entidades padrão de qualidade em 20 que existem reconhecidas hoje no Brasil. É... quais as principais dificuldades e oportunidades do trabalho com a AMANE? Já falei, dificuldade sempre foi dificuldade financeira a... as pessoas trabalhavam por idealismo não havia salário pro pessoal, dois ou três funcionários da AMANE recebia salário quando havia projeto financiado o resto era por prazer de trabalhar, por prazer de servir, era voluntariado e isso causava dificuldade. E oportunidade era o interesse de todos nós de produzir alguma coisa, de mostrar capacidade de produção e mostrar que tínhamos um objetivo a cumprir e tentávamos cumprir esse objetivo. Como seu trabalho poderia ter sido melhor? É... eu acredito que, dentro das possibilidades da ocasião, e dentro do que se propunha a fazer, nós fizemos o melhor que podíamos, melhor que isso seria se nós tivéssemos, por parte do governo de Alagoas, no meu caso específico, sido colocado exclusivamente para trabalhar essa atividade, o que seria... é... ilusório, seria utópico porque o Estado tem os seus compromissos, tem as suas ações e a gente tem que atender as prioridades do Estado de Alagoas. Qual a colheita principal que a sua atuação na AMANE deixa para a sua vida? Olha, ... foi gratificante, foi muito bom, realmente a gente tinha ... discussões, eu sou meio polêmico e a... nossa querida... antiga presidente da AMANE também é polêmica e a gente brigava um bocado, mas, era aquela briga, aquela briga de... irmãos que buscavam melhorar cada vez mais a participação de cada um. Foi muito bom ter convivido com esse grupo de trabalho pra mim foi importante, consolidou amizades, e de qualquer sorte, por pequeno que tenha sido a gente vai deixar um pouquinho de nossa vida na ... no resgate da mata atlântica do nordeste brasileiro. O pacto de Murici é... foi um trabalho que surgiu também de discussões da AMANE com... WWF, com a CI, com a SOS Mata Atlântica, com o Instituto Amigos da Reserva da Biosfera e se fez um trabalho de interesse muito grande para a preservação da mata atlântica brasileira. Voltada especificamente para o complexo florístico de... do nordeste, Alagoas, Pernambuco. Acho que as ações de... dentro das dificuldades e dentro das oportunidades de trabalho, se fez alguma coisa, foi válido, se conseguiu é... avaliar... alertar a população da importância da mata. Alguma coisa foi preservada, chamou-se atenção das autoridades, é... prefeituras foram alertadas, os Estados

foram alertados, e principalmente os detentores das florestas, das matas, foram advertidos e alertados prá necessidade de preservação dos seus remanescentes, principalmente visando a manutenção das nascentes e assegurar a oferta de água naquelas regiões. Como poderia ter sido melhor, eu acho que é redundante dizer que melhor seria se tivesse recursos e apoio dos governos, apoio governamental, apoio oficial, para que se fizesse mais e mais atividades e mais e mais trabalho, tivesse possibilidade de ter mais gente trabalhando nesse projeto. Contribuição dos dez anos deixa prá luta.... pelo que já disse... é repetitivo, eu acredito que esses dez anos de trabalho, de luta foi ... é... deixa como contribuição a ... o esclarecimento e o alerta e a educação ambiental da população de modo geral para as necessidades de proteger a mata, acredito que, hoje em dia, é... um... em consequência de todo esse trabalho que foi mantido que foi feito, do trabalho que foi desenvolvido pelos órgãos ambientais, houve uma redução bem acentuada do desmatamento e aqui em Alagoas, por exemplo, com o programa do conselho nacional, houve um incremento muito grande de recuperação florestal o órgão ambiental, IMA, tem feito ajustamento de conduta com o setor sucroalcooleiro e a gente tem conseguido reduzir bastante, praticamente é... salvo engano, no exercício passado o desmatamento total autorizado de pequenas áreas atingiu no total 45, 47 hectares, no estado de Alagoas, 47 há uma pessoa desmata numa semana, até de uma noite pro dia, então é... realmente todo esse trabalho surtiu efeito, vem surtindo efeito e a gente tem ... fica satisfeito em saber que tudo isso tem melhorado as condições de ação e de preservação da mata atlântica brasileira. Bom, ações ambientais em rede ... (um enfoque que você trabalhou bastante com as usinas, tenta fazer esse link com as usinas... o recurso das usinas, das empresas também é importante né?) É, o setor privado de Alagoas, por uma iniciativa nossa de transformar algumas áreas dessas em postos avançados da reserva da biosfera eles responderam bastante fortemente e a gente tem hoje uma qualidade muito grande e um investimento bastante acentuado por parte do setor, caiu muito agora por causa dessa crise financeira mundial, pela situação de recurso, pelo preço do açúcar algumas usinas fecharam, mas, a gente tem mantido esse trabalho ... o programa de reflorestamento de recuperação florestal das usinas continua, acabamos agora de fechar um documento da usina Seresta em que há um comprovação científica de inventariar a mata da usina e de plantio de 114 ha de nova área de mata com cerca de 130.000 mudas nativas no ano passado, enfim, as usinas de açúcar que estão operantes continuam mantendo até porque, essa visibilidade internacional do Muriqui nas suas publicidades, nas suas publicações, nos seus sites, etc., demonstram que eles estão tendo responsabilidade ambiental e isso é um mais para os compradores externos, compradores internacionais, esse investimento ele permanece as usinas que estão operando e

que são detentoras de postos avançados elas tem recursos alocados especificamente para preservação ambiental e isso é um uma contribuição que, efetivamente se fez e que se faz para a preservação, nós temos um trabalho de mercado mata atlântica que a gente tem sete grandes associações de artesãos que são mantidos pelo mantenedores dos postos avançados, mantidos pelas usinas e que tem gerado renda prá cerca de 2.500 famílias espalhadas pelo Estado em áreas de entorno de mata atlântica, o que... criando, gerando renda prá esse pessoal, a gente tem assegurado que eles não vão agredir a mata, não fazer retirada de material da mata e cortar a mata como faziam anteriormente. Participação de ONG, eu não participo (e o IA RBMA?), eu não participo dessas... das ONGs tradicionais, das ONGs que a gente conhece, eu participo de uma entidade que é uma OSCIP, que é o Instituto Amigos da Reserva da Biosfera que é um braço operacional do conselho nacional, então, posso dizer que participo de attividade de ONG, mas, não de uma ONG específica do modo tradicional mas, de uma OSCIP que é um braço do conselho nacional. A importância das ações em rede para as conquistas ambientais é mais do que claro que ninguém sozinho vai conseguir fazer nada então, se você tiver participação de diversas pessoas formando uma malha, formando uma..., um braço forte você será efetivamente forte e conseguirá ampliar suas conquistas, sozinho você faz, sozinho você faz dois em rede você vai fazer 20. Então, realmente a rede é importante, a rede amplia a capacidade operacional dos indivíduos em si. Que ações são mais efetivas em rede, eu acho que toda ação que é realizada em rede ela é efetiva. Eu acho que como uma ação mais efetiva eu acredito... eu colocaria o esclarecimento, a educação ambiental, esclarecimento para a população de um modo geral, eu acho que... essa ação da rede, essa ação de cada um de nós, a ação que estamos desenvolvendo no dia a dia ela tem mostrado a população que é necessário preservar, é um dever nosso preservar e é uma vantagem prá gente manter..., é muito melhor prá gente manter uma árvore em pé do que uma árvore morta. Então eu acredito que uma das ações mais efetivas é a ação de educação ambiental, da transmissão desse conhecimento, dessa necessidade. (você pode citar como exemplo o IARBMA no CNRBMA dentro do programa MAB... tudo é rede né?) É. Os pilares do programa MaB é transmissão do conhecimento científico, a preservação do bioma e é a geração de renda para a população e essas ações realmente em rede, você tendo o conselho, tendo os comitês estaduais, que é uma rede, você tendo os postos avançados, que é uma rede, você tem efetivação dessas ações com mais qualidade, com mais abrangência e com mais visão para a população. Quais os problemas mais graves que dificultam a implementação das unidades de conservação do corredor mata atlântica. Isso aqui volta a ser redundante porque o problema mais grave é o problema financeiro, é o problema maior que dificulta a conservação

é justamente a questão financeira porque você cria a unidade de conservação, uma APA por exemplo, é uma balela, uma APA não tem nenhuma proteção, é uma unidade de conservação muito tênue, muito frágil em que você não tem absolutamente domínio sobre ela. Quando você faz uma unidade de conservação de conservação integral aí você vai ter que ter recurso para indenizar, prá desapropriar, prá ser proprietário efetivo da área, aí não tem recurso, não tem... a população não aceita, a população prá você fazer tem que fazer consulta pública, o público não quer, o público acha que vai perder direito de explorar entre aspas aquela situação, então tudo isso dificulta a implementação efetiva. Então, criar uma APA é uma coisa muito fácil, não sai do papel e as nossas unidades de conservação, 90% delas e até mais do que isso não tem plano de manejo, não tem gestor sequer, fica meramente no papel, então, não é uma ação que a gente possa considerar como bastante importante e bastante efetiva, ela é uma ação mais ou menos empírica, mais ou menos aquilo que a gente diz: ação prá inglês ver. Com relação a componentes e ações que poderiam compor um plano de ação prá área...(...) É... acredito que, para você efetivar essa área de Murici Urubu, sem dúvida para um plano de ação a gente teria que ter a criação de um grupo gestor, efetivo, com um gerente da unidade, aí complica porque isso aqui tem (...) várias unidades aqui dentro, e tem... ela é toda no estado de Alagoas, né? (no Estado de Pernambuco também) É. Ela é biestadual ela pega um pedaço de Alagoas, um pedaço de Pernambuco, então, já complica, quem seria o gestor, seria nomeado por Pernambuco, seria nomeado por Alagoas, aí já começa jogo de interesse, enfim, deveria ter alguém, supragovernamental que pudesse gerir efetivamente esse sistema é... um bom plano de educação ambiental no local é... é bastante importante e bastante importante e realmente efetivo seria a aplicação de algum programa de geração de renda para a população local que pudesse assegurar uma qualidade de vida de tal modo que essas pessoas aqui residentes não buscassem a ... por exemplo, a lenha prá cozinhar, tivesse recurso pra comprar o gás para fazer sua refeição, não buscasse tirar lenha prá fazer o aquecimento, não buscasse é... destruir a mata ou vender ou colher coisas... enfim, é... de tal modo que esses tivessem a consciência efetiva de que, manter a mata manter o complexo em pé é muito melhor, é muito mais rentável, é muito mais negócio prá eles, um programa por exemplo de ecoturismo aqui dentro, convidar pessoas de fora, capacitar guias aqui na população para que, fazer visitação, incentivar o ... a iniciativa privada a criação de resorts aqui dentro porque no nordeste a gente tem praia, praia, praia e só praia. Praia está na margem das grandes cidades, das grandes capitais onde não há o que preservar então, a gente precisava era levar o turista, levar o pessoal para o interior, prá conhecer os pássaros, os animais, a biosfera, a biota das matas, dos remanescentes florestais e, de tal maneira que ele se deliciassem com as belezas naturais, mas,

deixasse lá recursos financeiros prá população sobreviver sem que houvesse agressão a natureza, é... Os principais parceiros sem dúvida seriam os governos estaduais, municipais e a iniciativa privada setor turístico, setor hoteleiro, é... e as ONGs responsáveis que trabalham com preservação efetiva do Complexo da mata atlântica. Essas seriam...nessa área do complexo aí existem algumas usinas (....são 17 municípios, 19 unidades de uso sustentável e 1 de proteção integral). Nessa área a gente tem 19 unidades de desenvolvimento sustentável, essas 19 são de proteção muito frágil e um única de proteção integral, que é a ESEC Murici, que existe há mais de 15 anos mas, não saiu do papel, não tem plano diretor, não tem plano de manejo, não tem... tem um gestor que faz das tripas coração (...JF saiu) que dá um duro desgraçado mas, que agora já nem mais está por lá, já saiu da gerencia da unidade. Enfim, são aquelas situações que ... mudanças de governo, interferências políticas etec., etc., que inviabilizam a as ações de ... que são consideradas por alguns de somenas importância. Infelizmente é isso o que acontece infelizmente a gente tem um ideal e esse ideal em algumas situações são considerado como loucura, como utopia, as pessoas olham prá gente, olham prá Dorinha, por exemplo, e dizem, aquilo é uma doida (rsrs), olham prá Afrânio e dizem Afrânio é maluco e... por aí vai, o JF que tava lá... na coisa, também é maluco. Enfim, quem quer preservar, quem quer cuidar da mata, quem quer respeitar o que o ... a constituição brasileira diz que todos somos responsáveis pela preservação do meio ambiente, todos esses são chamados de maluco, somos maluco porque temos o ideal de preservar, nós temos o ideal de ... de transferir pros nossos filhos e nossos netos, uma qualidade de vida que a gente ainda conseguiu alcançar e que nossos avós tiveram o melhor qualidade que nós e eu ... que se a gente não tiver um apoio efetivo e não tiver malucos como nós, beleza, trabalhando nossos netos não vão ter qualidade de vida seguramente.

10. ENTREVISTA LN

(você esta vinculada a alguma ONG hoje? e na época do Pacto Murici?) Não.... (há quanto tempo atuou em parceria com a AMANE?) Foi... eu acho que eu participei daquela primeira oficina que vocês vieram dar aqui em Maceió, só que eu não recordo... (Alex ajuda... de gestores...) foi a primeira, você estava junto comigo... (falando com Alex) isso, que a gente começou a ser ... foi em Sergipe. A gente começou aqui as Unidades de Conservação, em 2007, correto? a Unidade de Conservação foi criado em 2007, esse setor aqui no IMA, os chefes de APA, os chefes de APA, os chefes de APA, né? Foi em 2007. Aí eu acho que isso foi em 2009, foi logo em seguida, acho que 2009. (então, na sua lembrança, qual é a missão

da AMANE?) Então, ela mudou a atitude, mudou a minha atitude, a minha forma de pensar, assim, ela... ocorreu essa transformação assim ... O lado mais assim, humanística, né? Mais... visando mais pessoas, né? Ter mais responsabilidade... (qual a tua formação básica?) A minha acadêmica é contadora rsrsrs...e a minha especialização é em Gestão Ambiental. Agora eu tenho um curso também de Meteorologia né? mas, aqui... rsrs (interessante É...isso não influencia na capacidade...) E Tenho 16 anos de IMA, ou melhor 17 agora. (qual a missão que você acha que a amane, qual era a missão da AMANE) Acho que era uma coisa transformadora, que eu tive agora num... na Pacas, lá e eu acho que vocês conseguiram acho que atingir o objetivo de vocês naquele assentamento, pelo menos algumas pessoas lá tava com uma responsabilidade ambiental grande, né? um cuidado com resíduo sólido, com o lixo... armazenar e depois de levar... algumas pessoas que foram capacitadas tiveram esse... tem esse cuidado de mudança, de transformação. (e de que maneira essa missão está inserida na sua vida, se coaduna com a sua missão de vida) Pronto... a forma de eu gerir a APA agora antes eu tava mais... tinha um... meu trabalho era mais de fiscalização, hoje eu to mais levando a informação para estas comunidades para ver se a gente também muda alguma coisa, chega como parceira através da educação então estou mais focando meu trabalho ultimamente na gestão da APA nesse viés agora. Não deixando, lógico, a fiscalização, que tem que ter tanto é que agora eu fui lá prá ver mas, o foco assim, o principal agora, o meu objetivo agora maior é esse, é levar informação que eles moram numa APA, que eles estão ... quais são os cuidados que eles tem que ter por estar em uma área protegida, mostrar prá eles os direitos que eles têm, os deveres que eles têm prá que não ocorra assim: a gente fez porque a gente não sabia. E buscar alternativas também, tá levando alguns projetos de geração de renda para ter uma outra alternativa que não seja só desmatar, apreender animais, geralmente nesse foco da mata atlântica né? Conservar mais a sua biodiversidade lá. (você lembra de capacitação, fora isso você lembra de algum outro projeto que você se envolveu na AMANE?) Poucas reuniões que eu estava presente, mas, não como gestora, outro colega meu, que eu fui, mas, não eram poucas reuniões. O foco mais era... o que me **inquietou** mais foi essas capacitações que a gente teve, foram mais reflexivas, né? (você assumiu a APA quando?) Faz um ano e... acho que um ano e meio, né Alex? com data eu sou muito ruim. ... É. Um ano e meio. (quais as principais dificuldades e oportunidades do trabalho com a AMANE) Dificuldade? de trabalhar com a AMANE eu... não posso nem... eu não tive nenhum trabalho direto, né? o que ocorreu comigo é foi essa **capacitação,** então, não tem como avaliar esse item, porque não tive esse trabalho com vocês. Achei que podia ter agora o prazer de continuar, mas, infelizmente, né? (qual é a colheita principal que essa parceria com a AMANE DEIXA para a

sua vida pessoal e também profissional) Pessoal, né? Então o lado profissional, foi como eu disse a mudança de atitudes, né? Em relação a gerir uma Unidade de Conservação, como eu já frisei antes. E prá mim ficou uma inquietação assim porque quando você tem uma informação, você tem um saber, você tem mais uma responsabilidade né? Você não tem como você dizer: ahhh, eu não sabia disso, tali tudo foi passado tudo transmitido prá gente,então, você tem uma responsabilidade com o meio ambiente, com as pessoas, não era só uma interação ambiental gerou também um lado social também, de ver o parceiro, ver o ... (no caso do Pacto Murici, o Pacto Murici foi aquela organização de 8 ONGS que criou a AMANE como braço executivo, teve atuação da AMANE com o PICUS, que contribuição, dentro de tudo isso, como você avalia o Pacto na AMANE para proteger a mata atlântica e outros biomas?) Então, a pouca informação que eu tenho assim de mais concreta foi em relação ao assentamento da Pacas, que eu tive lá, né? então eu vi assim, eles mostrando o fogão ecológico, então já evitava a retirada de madeira deles, né? mas, assim... os cursos de observação de pássaros, que e não sei, acho que vocês também levaram prá lá já prá tirar o foco de prender os passarinhos, né? E, é... pouca coisa assim né? Porque realmente, como eu falei, eu ficava mais nessa parte metropolitana aqui que era de mangue, mais próximo da cidade, onde vocês não tinham muita atuação né? Mas, eu acho que mudou as atitudes, que as pessoas tinham lá, muitas pessoas já tavam transmitindo, passando prá outras né? o modo de fazer, quando tem uma referencia, a líder até lá do assentamento, esqueci o nome dela. (tinham Angela e Dão, que eram lideranças lá?) Não sei agora o nome dela... (No Dom Hélder tem a Irmã Rita?) É, acho que era Rita... Então, ela já tinha todo um planejamento dentro da própria casa dela assim né? que eu acho que isso foi passado já através de vocês né? Creio eu. (foi o acompanhamento da agrofloresta) Isso então assim, a implementação de projetos né? Dentro lá que ficou a raiz, deixou a sementinha, deixou uma inquietação prá eles né? (são várias feiras que eles participam) Isso, então isso tem assim que manter, senão essa chaminha vai apagando. Senti assim uma outra coisa que vocês ficaram muito assim, pelo que eu percebo muito ali em Murici, na cidade, naquela região ali porque a mata assim, eu agora eu não conhecia a região da APA de Murici, então quando eu fui trabalhar, precisa ver mais o lado de União, lado de Murici, que é o lado que está mais devastado e no entanto, eu não percebo isso. Eu percebo que o lado em que eles disseram que era mais tranquilo, é o lado que está mais destruído porque é mata atlântica, é Joaquim Gomes, porque é o lado que você tem dificuldade de adentrar e quando você adentra lá você vê assim aquelas cortinas só de mata e a mata sendo ali destruída e onde não tem ninguém ali atuando, não tinha ONG, não tinha nada. Eu acho que vocês centralizaram assim... (dentro da esec, né/a gente trabalhava no

roteiro das aves ameaçadas) E esse local, eu fui lá eles estavam falando do pintor sete cores né? Aí falaram: aqui tem vários desses. A gente já viu muitos assim. (tem duas áreas de mata que no PLANO DE MANEJO da ESEC a gente propôs ampliação que está dentro da APA que é justamente a reserva de Dr. Jairo você conhece? E a Fazenda Santa Maria, que é de Fernando Amorim, que o INCRA comprou.) A gente indo agora assim, está fazendo um trabalho com as prefeituras que se prontificaram para estar mais parceiros, juntos. Então, concluímos Flexeira e estamos vendo Joaquim Gomes, que lá tem muita mata ainda. Tem uma área até que o INCRA, não comprou, pela quantidade de mata que tem e assim ele... a informação chegou deturpada para os assentados. Lá porque essa área não foi comprada porque eles tinham preservado a mata então, estavam desconstruindo tudo aquilo que a gente vem tentando construir né? Mas, o que eu acho negativo foi essa de focar mais uma comunidade, uma região. (você participa de outras redes) Não. (mas, dentro da própria instituição...) Tem uma rede dos gestores dos conselho né? isso... na APA de lá eu fiquei na APA de Murici e tem assim, aquela rede, eu posso falar que é rede a dos conselhos que tem nossa... chega a ser uma rede, né? Uma rede das Unidades de Conservação, é estaduais, daqui do Estado e a rede outra que é a nossa que é a reunião que a gente faz com todo o conselho né? Que é bimestral, de dois em dois meses a gente está se reunindo e tá sendo itinerante. (e qual a importância das ações em rede para as conquistas ambientais) As parcerias firmadas nessas reuniões né? Onde você observa que tem várias instituições onde a gente... são discutidas nossas ações lá aí então dá prá agregar a BPA, com INCRA, com FUNAI, com a gente (de fiscalização?) E de ações também educativas (planejamento?) Correto, são oportunidades que a gente tem nessa ocasião. Por exemplo, a FUNAI, a FUNAI tem todo um... uma particularidade como a gente vai trabalhar, então nessa próxima reunião ele vai mostrar quais são essas particularidades que a gente tem que entrar numa comunidade dessa. A gente não pode abordar um índio, né? Da forma que a gente aborda um assentamento da forma que a gente aborda um... então é isso as parcerias que eu acho que é o forte da... (o que você considera como os problemas mais graves que dificultam a implementação das unidades, no caso da APA de murici, quais os problemas mais graves da implementação?) Eu acho que é a falta de um plano de manejo, é um ponto, porque é um instrumento importantíssimo, né? O outro também é o seu acesso porque é... época de chuva o acesso é ruim prá você fiscalizar e eu acho que a informação também é um ponto também. Eu acho que a falta de informação que eles têm. Eles moram numa área de proteção e não sabem que moram e não sabem o que é uma área de proteção. Esse é um intuito nosso né? a gente começou esse projeto de cima prá baixo, levando prá os gestores municipais, que foram os prefeitos, os vereadores, levando as

informações prá eles. e agora a gente tá chegando na comunidade. A gente não foi aquela coisa de, vamos crescer com o pequeno, levar até... não, a gente foi logo do maior a hierarquia maior que tem os tomadores de decisão até a gente chegar nos verdadeiros usuários né? A informação acho que é também um ponto também negativo né? Um entrave. (sugiro entrar em contato com IR para conhecer o Assentamento Dom Hélder) A gente até tentou... achei até estranho assim... porque ela tinha se prontificado até a ir lá prás nossas reuniões, uma as primeiras prá colocar justamente isso, a visão dela prá os demais conselheiros e não conseguiu adesão não... (ela tem problemas de saúde...) pode ter sido né? É né? a gente tentou mas, vamos retomar isso, porque o conselho ele tava muito disperso e a gente ainda tá tentando resgatar essa confiança do conselho (e a articulação também com os diversos conselheiros também é uma coisa inovadora) Isssso, é, mas, eu digo até do próprio conselho de Murici por ter um... distância né? São dez municípios... né? a gente tá tentando fazer, tentando não, a gente tá fazendo reuniões itinerantes, adesão, mas, a gente não consegue. A gente coloca até carro a disposição e tudo, mas, existem pessoas que não vai por timidez, você acredita? Ainda tem secretário que não vai, eu não vou porque eu não vou falar... mas, você não precisa nem falar, mas, ainda tem essa... (mostra o mapa do corredor, é política pública, a CPRH publicou esse mapa. aqui está área focal MURICI URUBU. se fóssemos fazer um plano de ação, quais os componentes que se destacavam?) Componentes como assim? (componentes com cabeça de chave de ações, temas, que temas seriam principais?) Eu sei. Eu ainda estou focando muito essa parte aqui da Educação, a Educação Ambiental e eu acho que o turismo, acho que o turismo é insustentável também. O turismo como fonte de renda... porque, o que tem de beleza cênica, nessa região e de riqueza, de cachoeiras que a gente mudaria até o foco de que Alagoas é só praia, né? então essa região é muito rica de cachoeiras, cachoeiras que eu não sabia que existia, prá você fazer.... o atrativo ... (Jacineide...) É, nessa minha gestão ela ainda não foi prá nenhuma das reuniões nossas, ela iria nessa agora mas, por problema de saúde ela não foi, mas, a gente tá aguardando ela ... prá ir junto com a gente, é. (então, seria educação e turismo, e quais parceiros você acha que contaria para esse trabalho?) Olha, é o ... nessa penúltima reunião a gente chamou o SEBRAE prá dar um reforço, o SEBRAE tem uma linha também nesse trabalho, as ONGs também, nossas secretarias que a gente já tem, né? (mais alguma coisa que você destacaria desse trabalho com a AMANE ao longo desses dez anos?) Não, Dorinha, é uma pena que eu não tive oportunidade de trabalhar com vocês, né? que a minha relação com a AMANE foi mais de capacitação, (você foi no Centro de Educação para conservação, de Murici?) Lá onde vocês tinham? Fui, fui a algumas reuniões ainda... de capacitação e, reuniões de conselho não porque eu não era da APA. (tinha também da ESEC)

Isso, porque eu acho que muita gente até ouviu falar ... mas, lá as pessoas só falam da ESEC, ESEC, a APA de Murici não conhece. Foi bem isso.

11. ENTREVISTA BC

(o vínculo na época do PACTO) já era UFAL. (o contato com a AMANE, parcerias com a AMANE) Foi o censo demográfico da ESEC Murici (o censo foi na época da SNE) Eu me confundo, é verdade, foi com a SNE... Com a AMANE foi o desdobramento desse contato inicial da época da Sociedade Nordestina de Ecologia,

quando a gente trabalhou com aquele Censo na região do Complexo, foi, foi... foi meu envolvimento inicial com a questão ambiental da mata e que teve desdobramentos acadêmicos posteriores né... e também com a AMANE, né?.. com colaborações, né? mais esporádicas (reuniões e...) é reuniões e discussões que a gente fez com algumas temáticas ligadas ao trabalho, né? sustentabilidade, meio ambiente e aquelas populações humanas dessas áreas vulneráveis.. (missão da AMANE) olha.. eu acho que... eu penso que... as organizações... não governamentais que trabalham com a questão ambiental, elas têm, todas elas, de um modo ou de outro,é... um papel de disseminar uma sensibilidade com questões do meio ambiente que continua sendo na nossa sociedade um tema secundarizado nas políticas públicas, né?... no sistema educacional de um modo geral, né? e nos debates mais amplos da sociedade né? o ...tema do ambientalismo ele geralmente é muito retórico, não é? é um valor social, todo mundo concorda com ele, não é? mas, poucos de fato praticam uma vida pessoal ou grupal que seja mais ativa disso, né? então eu acho que essas organizações quando elas intervém, além dos objetivos mais imediatos de.... de .. de tocar questões práticas, ela cumpre essa função, ao meu ver, fundamental de arregimentar o crescimento das pessoas envolvidas com uma sensibilidade ecológica, sustentável, com ideias de educação ambiental, de transformação das pessoas um pouco pelo conhecimento da realidade do ambiente natural brasileiro e local.né? então eu acho que isso é uma bandeira assim de todos mas, que essas organizações, de fato levam mais a prática, né? (as principais ações que acompanhou na AMANE) olha, eu vi muita ação de... envolvimento das comunidades locais né? dessas áreas focais, dessas áreas de interesse mais imediatos, como as reservas de mata atlântica e as comunidades do entorno dessas reservas, seja no sentido de fazê-las perceber a riqueza ambiental onde elas estão inseridas, né? seja de transformá-las em agentes preservacionistas. eu vi muitas ações nessa direção, transmissão de conhecimento, não é? acessibilidade a tecnologias de manejo, não é? ações desse tipo, ações práticas e ações didáticas, pedagógicas,

né?... nesses dois campos, né? no campo mais de mexer com conceitos e sensibilizar as pessoas para uma cultura favorável ao ambiente e por outro lado ações imediatas, práticas de intervenção homem natureza, sabe? seja no sentido de explorar os recursos de maneira sustentável, seja no sentido de preservar, de não deixar que outros agentes os destruam porque quando você educa as pessoas você as tornam num certo sentido, atentas a questões que elas antes não tinham percepção delas né? elas se tornam agentes preservacionistas por serem sensíveis a essas novas questões. (qual a importância dessa missão, eficácia) olha eu acho que existe uma dimensão que nos escapa analisar, que são as consequências futuras disso, porque é... muitas dessas ações precisam sempre de continuidade, quando elas não têm elas podem simplesmente... é... morrerem, desaparecerem ou permanecerem vivas de uma forma cambiante, não é? muito incidental, sem ter volume né? nem escala para alterar o estado de coisas, elas podem existir de um jeito quase que catártico, existir por existir, digamos assim, gerar empregabilidade prá ongueiros, prá gestores de organizações mais do que, de fato, impactar a realidade e transformá-la. Então, isso é um risco que esse trabalho tem, exatamente por que eles sobrevivem de recursos que são cambiantes, que hora existem e hora desaparecem. Como eles não tem muitas vezes fontes permanentes, né?... é... os programas, eles mesmos, muitas vezes não se sustentam, não se mantem, então há um risco. Por outro lado, a existência dessas ações, plantando né? uma semente que seja, de consciência ambiental, alterando, por exemplo, por isso mesmo, o *modus operandi* de qualquer comunidade, ela se perpetua, mesmo que não tenha uma escala que altere a realidade, se ela se perpetua, se ela não morre, né? **ela tem sempre uma possibilidade de ressurgimento por outros agentes que intervenham, que não essas primeiras ONGs que plantaram essa semente né?** então, isso também é um ganho não é? que se pode... pode advir de qualquer interferência nesse campo, não é? então eu vejo que há resultados de curto prazo, de médio e de longo prazo.Os de curto prazo a gente pode mensurar com as ações que são efetivadas, não é? com manejos sustentáveis em alguns setores da atividade agrícola, da atividade artesanal, do extrativismo, né? a gente pode ter bons exemplos disso né? mas, é sempre um diagnóstico, eu acho, é... temporário né? ... parcial, né? digamos assim... é difícil mensurar o ... a dimensão e... né? que pode atingir um trabalho desse quando a gente pensa no por vir, no que estar por vir porque isso... a gente tem uma variável aí que nos escapa, que são os agentes públicos, as eleições, as forças, as crises, as diferentes facetas dos agentes que intervém no território. (dificuldades e oportunidades, como poderia ter sido melhor) olhe, eu acho que a limitação de recursos sempre foi um impeditivo de crescimento, eu acho assim que a AMANE sempre teve uma proposta muito arrojada de intervenção e tinha um limite de atuação, porque

essa intervenção pelo... pelo próprio caráter de sustentabilidade que ela defendia, ela precisava por exemplo, partilhar suas ações com outros agentes, agentes locais, agentes regionais e agentes nacionais ou até agentes internacionais, então, nesse conjunto de parcerias, não é? a AMANE tinha uma limitação na condução das coisas porque ela não podia executar todas as etapas não é? nem garantir que as outras instituições assim o fizessem, né? então isso sempre me pareceu um problema, por exemplo, a logística do trabalho da AMANE. Tinha pouco... apoio, né? porque nos projetos, as metas eram realmente de uma ....assim, eram fascinantes... como você pensava na... na criação de corredores de biodiversidade, numa agricultura sustentável, no manejo consciente do homem local, do assentado, por exemplo, no entorno de uma reserva. Um dos limites do trabalho da AMANE... gestores públicos, como por exemplo, INCRA, não abraçaram a mesma ideologia em relação as ideias de sustentabilidade, então, por exemplo, na ESEC Murici, eu vi um potencial gigantesco de geração de renda pouco usual nas políticas agrárias de assentamento, por exemplo, um extrativismo inteligente, com algumas espécies vegetais, o trabalho com... é... o manejo, por exemplo, de um serpentário, me parecia extremamente possível de ser feito, não é? ou com produtos como mel silvestre, coisas que você pudesse agregar valor não é? de... produtos orgânicos, né? produtos da mata, um marketing territorial, que prá isso precisaria de agentes locais no nível de governo municipal e estadual. Então esses agentes locais e o órgão que gere a política de assentamentos, por exemplo, me pareceu sempre insensíveis a proposta ...da AMANE, a proposta de uma...de tomar uma área sensível de... mata atlântica, sensível do ponto de vista da sua fragilidade n´? mas, também da capacidade que ela poderia ter de servir de exemplo para modelos piloto de assentamentos agrários no Brasil. Isso foi desprezado, não é? a ideia de que você podia, a partir do manejo sustentável de um pedaço de floresta, você revelar, não é? a coo presença humana, você ter populações que garantisse aquele modo de vida em equilíbrio com aquelas áreas de reserva, você poderia chegar por exemplo assentamentos diferenciados que servissem de modelo para outras regiões do Brasil que são sensíveis também, sobretudo na costa atlântica brasileira. Você ia ter condições parecidas. Isso foi uma pena porque é o corredor da mata atlântica, da ESEC Murici tem um entorno de área de cana de açúcar que é explorada a quase 500 anos, o milagre da gente ter esses pequenos nichos de floresta deveria ser levada a sério, né? como uma possibilidade de reorganizar o uso desse território. Houve uma coincidência muito grande desse trabalho que a AMANE fez nessa área e um período de crise da indústria sucroalcooleira na região, então, houve fechamento de usinas e aquilo poderia ser um adicional para você pensar numa ocupação inteligente daquela área, como se fosse uma oportunidade que se perdeu e que

ainda continua se perdendo. porque ela está aí, é sempre possível rever esse tipo de política, mas, não há nenhuma sinalização no INCRA de que uma absorção dessas lições de sustentabilidade da mata atlântica. Não há uma política que diferencie a forma como os homens são assentados nessa área e em outras. (missão da AMANE e missão da sua vida) eu acho que teve uma coisa muito importante que foi primeiro, prá fazer esse trabalho que inicialmente era uma pesquisa quantitativa, um censo demográfico, de populações habitando sistemas de vida distintos, como fazendas tradicionais e assentamentos. Essa dupla forma de ocupação do território, ela nos levou a ler a historiografia da região do ponto de vista da sua... do registro das suas matas, então, teve um ganho acadêmico, do ponto de vista de... eu me interessar por uma literatura local que envolvia a documentação concernente as matas, né? e outras coisas inesperadas, porque por exemplo, desse censo, nós fizemos um artigo, eu e Rachel, por exemplo, foi publicado pela Revista Horizontes Antropológicos, que se chamava Desejos de Cidade, que era um estudo sobre imaginários urbanos, né? coexistindo com essas populações assentadas, porque elas tinham origem urbana e esse artigo recebeu uma tradução em inglês, da CIELO, e ele foi resultado..., ele resultou numa resenha, por exemplo em uma grande revista antropológica norte americana. Então inesperadamente, um assunto que, em princípio, não era minha área de atuação foi aquele que gerou um ganho acadêmico maior prá mim, por exemplo, com esse tipo de repercussão. E ... por outro lado, em termos metodológicos foi também um estudo que nos impulsionou para outras pesquisas que fizemos depois sobre temas absolutamente variados, como o bordado filé, mas, que teve a mesma perspectiva de um engajamento, de um envolvimento com as comunidades. Assim, do mesmo jeito que com a ESEC Murici a gente terminou tendo uma interação com assentados, desenvolvendo laços posteriores de contato e tudo mais, foi uma pesquisa, um trabalho que me chamou muito a atenção para esse compromisso, para a ideia de você fazer pesquisas que elas não só satisfaçam suas curiosidades conceituais, teóricas, né? mas, pesquisas que tenham impacto na vida das pessoas. Isso prá mim hoje é uma coisa clara. **Meu interesse em pesquisa envolve necessariamente algum tipo de retorno social**. **Hoje eu levo mais a sério a ideia do compromisso do pesquisador, não é?** Eu sou financiado, eu sou sustentado, digamos assim, pelo estado para produzir conhecimento. Como quem me paga são os impostos da população, eu hoje acho que eu devo também nas minhas escolhas temáticas atentar para este fato. Eu devo estudar aquilo que, num certo sentido, retribui as fontes que me sustentam que são os impostos da população, que são as outras pessoas da sociedade em que habito. Então eu acho que essa pesquisa mostrou isso, porque é... o trabalho de ... investigação sobre as questões ambientais, elas geram uma massa crítica que houve da parte da AMANE,

um interesse de, por exemplo, de devolver as populações desse contexto ecológico esse conhecimento, de um modo ou de outro, dzier prá eles assim: isso é importante, essa ave está em extinção, essa espécie só existe aqui. Então, é um conhecimento que voltou para essa população. Estudando outros temas depois, isso sempre me veio a mente, né? de que, por exemplo, estudando o bordado filé, o conhecimento livresco, documental que eu busco sobre esse bordado, sua origem, tudo mais. A gente, sobre forma de seminários e oficinas, devolve a essa população esse conhecimento, para que elas tenham o manejo comercial, por exemplo, do seu produto, quando estão diante dos turistas, elas tenham uma narrativa competente sobre aquilo que elas fazem, sobre o ofício que elas fazem. Porque necessariamente elas não têm conhecimento. Então, as populações assentadas da ESEC Murici, elas, ao receberem oficinas da AMANE né? elas estavam recebendo conhecimentos de profissionais, entre os quais, eu me incluo,produziram em alguma fase dessas intervenções e devolveram sob a forma de oficinas,de palestras, de intervenções, as mais diversas, para as populações que usufruem desse espaço, com o fito de que elas tenham uma relação mais harmonica com a vida delas. Então, isso foi prá mim o grande saldo desse trabalho com a AMANE, foi perceber que a gente pode unir, o trabalho produtivo da ciência com um... a participação social da pessoa, do pesquisador, como um cidadão igual aquele que ele estuda.(sobre o pacto Murici) olha, eu não me sinto muito a vontade para avaliar isso... (...) a ideia que tenho sempre é que esses pactos emperram muito no compromisso a posteriori a estas assinaturas. Os agentes públicos, por exemplo, eles se comprometem muito facilmente e com essa mesma facilidade com que se comprometem, eles também se engessam muito e as coisas ficam em termos mais catárticos, que práticos. E isso não é só nesse caso, é de modo geral, desde G4, G8, desde os grandes acordos internacionais, sobre o clima, e tudo, eles tem essa marca de um... grandes conferencias, multilaterais, elas em princípios todos concordam com um monte de coisas nos pontos mais fundamentais, mas, os resultados são muito inferior... as metas nunca são de fato alcançadas, não é? elas existem para sinalizar uma esperança mais do que para se transformar em realidade. então um pacto murici por exemplo, ele saiu do horizonte, nós não ouvimos mais falar de ... a sua existência, hoje em dia seria difícil imaginar onde está esse pacto, onde estão esses atores.... eles não se reveem, não há continuidade... uma prestação de contas desse Pacto. (o Pacto... foi objetivado pela AMANE, a AMANE era seu braço executivo, o conselho da AMANE) Não havendo AMANE não há mais pacto. Não saberia dizer o que ficou disso (uma estratégia de política pública) É... eu acho difícil de entender assim o que ficou disso pelo meu distanciamento desse tema e dessa área especificamente. (A AMANE faz o Pacto existir, o pacto como uma rede de organizações) uma coisa que acho lamentável é,

particularmente, que de Maceió, particularmente de Alagoas, é que nós somos um... uma sociedade. Maceió foi uma cidade que, nos anos 70, quando se criou o Salgema, atual Braskem, uma industria dentro da cidade, no Trapiche da Barra, próximo a Lagoa Mundaú, o impacto daquela indústria foi tamanha no urbanismo da cidade que deslocou o crescimento urbano, a parte rica da cidade para o litoral norte, Ponta Verde, Pajuçara, quando se começou a vir morar nessa orla, foi meados da década de 70, o projeto inicial era ocupar o Trapiche e a área da Lagoa. A partir desse momento, houve uma movimentação de movimentos ecológicos na cidade. O movimento pela vida foi um movimento forte de ambientalistas, arquitetos e tal, ambientalistas aqui da cidade, e depois disso não teve continuidade. Eu acho chocante que uma cidade que vive do turismo, que vive das suas praias, que decanta isso aos 4 cantos do mundo, que é um nordeste diferente, costeiro, litorâneo, belo, não tenha uma sensibilidade ecológica, movimentos sociais ligados a questão ambiental, nem contra a poluição das lagoas, nem dos mares, nem dos rios, nem dos mananciais, muito menos das florestas. Não há, localmente, movimentos nessa direção que sejam expressivos, não há ONGs potentes, não há nada e a AMANE resultou de um pacto, fomentado por agentes externos não é? seja SNE, seja SOS Mata Atlântica, seja WWF, todos foram agentes externos que passaram por aqui, que tentaram implementar localmente essas bandeiras e elas não germinaram pelo menos no patamar que se podia esperar. E os agentes ambientais locais que foram parceiros não tiveram nessas parcerias, é isso que eu queria dizer quando eu falei do pacto, a sensibilidade de ter, dizer: Pô, essa é uma boa ideia, copiar e levar a frente. Então, o desaparecimento da AMANE não justifica a ausência de uma continuidade que os agentes locais tiveram contatos, porque esses agentes, na esfera pública se comportam como funcionários públicos, então.. esses agentes públicos, não, digamos assim... se multiplicaram como agentes civis, eles não... quer dizer... porque não é só uma mudança de governo, o cara que tava envolvido com isso, podia migrar para o ambiente das ONGs, posteriormente a sua passagem como gestor público não é? e trabalhar junto a outras iniciativas. Isso não parece ter acontecido num volume expressivo, seja na universidade, seja no governo estadual, municipal, as ações ligadas ao ambiente elas existem mas, elas são ainda muito setorizadas e elas não se agregam numa força maior e poderia justificar isso. Por exemplo, no último verão, em plena estação turísticas a um ano atrás. Isso tem acontecido com as chuvas de verão, as vezes chuvas intensas em Maceió, têm provocado manchas no mar de degetos sanitários, né? humanos, né? de fossa, é... da parte mais rica da cidade, da orla, né? ... daqui da Jatíuca até a Ponta Verde, tem ficado tudo escuro de fezes, de degetos sanitários, que são colocadas na rede pluvial pelos edificios ricos, né? prá baratear custos de taxas de esgoto com a CASAL, quer dizer, por centavos.... seria aí o valor

disso diluído nos condomínios, nos condôminos. Se pratica isso, por exemplo, isso não gera uma passeata,não gera um protesto, não gera absolutamente nada nem mesmo um inquérito, mesmo muitas vezes só algumas matérias jornalistas, e um empurra empurra, a prefeitura culpa a companhia de abastecimento que devolve prá rede pluvial da prefeitura, e fica essa briga né? mas, a população civil ela não tem uma indignação capaz de transformar isso numa ação. Então eu acho isso lastimável que esses esforços não gerem como resultado secundário, digamos, de suas ações, esse envolvimento mais ampliado, mas, de todo modo essas ações chamam a atenção para um campo de expressão que um dia será posto em cheque pelo caos da situação ambiental para uma cidade que se quer turística. (redes) de redes sociais como se tem falado, não (no sentido de redes de trabalho) sim, participo de algumas iniciativas coletivas de algum trabalho que envolve ações específicas com pessoas específicas assim (que ações são mais efetivas em rede?) olha... é...bom, eu tenho feito trabalhos de extensão universitária que tem ocorrido numa articulação entre é... o trabalho de ensino, né? de formação e a intervenção em determinadas áreas da realidade social de... Maceió, por exemplo, como no caso das Associações de bordadeiras do Filé, é... isso nos levou a criar, né? eu sou membro, por exemplo, do INBORDAL, que é um instituto do bordado é... do filé, da área das lagoas Mundaú Manguaba. Então eu tenho feito ações que envolvem associações é... profissionais de trabalhadores de determinados setores, e a pesquisa acadêmica, né? (a importância das redes para as conquistas ambientais) olha, eu acho que um dos grandes fatores da rede, do trabalho em rede, é que eles ajudam a desenvolver, não é? ações coletivas que são baseadas em consensos, não é? esses consensos são, digamos assim, valores, é... ideias, projetos em torno de temas comuns das pessoas, então, por exemplo, aqui em Alagoas, a gente tem muito as pequenas economias do artesanato, não só o bordado filé... agora mesmo Rachel está envolvida com a Ilha do Ferro, que é uma pequena comunidade que produz o artesanato em madeira no sertão do São Francisco. Poltronas de tronco de madeira que são famosas no Brasil todo hoje. Ou essas bordadeiras da lagoa, das duas lagoas, é... e a gente imagina por exemplo, que no caso das bordadeiras do filé, foi criado uma indicação geográfica, envolvendo 2 lagoas e 6 municípios, e a nossa ideia é que desse envolvimento com o bordado. porque o bordado se tornou a renda principal em vários nichos populacionais nessas duas lagoas, que a pesca está numa crise, né? por conta do assoreamento e da sujeira, da poluição das lagoas. A nossa ideia é que isso derive uma discussão ampliada sobre a preservação das lagoas, né? isso cria um movimento social ampliado, uma ação coletiva ampliada que envolva por exemplo as colonias de pesca, junto com as bordadeiras e com os outros agentes, ONGs ambientais... a gente cria uma cadeia mais poderosa de pressão sobre os

agentes públicos, porque eles recebem financiamento para tratar mananciais, prá fazer barramentos nos municipíos dos seus lixos que são jogados in natura nos afluentes e acabam poluindo a lagoa, poluindo o ambiente, diminuindo a pesca... então, criar uma sensibilidade em cadeia com esses diversos atores, é um projeto que a gente alimenta mas, essa rede ela não existe, existem ações isoladas que ainda precisam ser construídas. Então, o trabalho em rede tem essa capacidade de criar rede de redes, digamos assim, fazer com que agentes diferentes se interessem por um objeto comum a todos eles, então, por exemplo, parcerias nossas com a pesquisa com o SEBRAE, nos fizeram perceber, por exemplo, que existe, também ligada ao SEBRAE, APLs ligada ao mel, produção do mel de abelha na área das lagoas que envolve uma indicação geográfica, sobre o própolis vermelho. Então, os empresários do própolis vermelho, nada tem a ver, em princípio com a cadeia produtiva do bordado filé a não ser o fato de que ambos estão no mesmo território. Então, a ambos pode interessar, por exemplo, a qualidade das águas, que por sua vez, é fundamental para um outro agente que são os pescadores, então esses três fatores, que são o produtor de mel, de bordado, as bordadeiras, os pescadores, são agentes que vivem desse ecossistema, mas, que não operam conjuntamente, são forças absolutamente separadas uma das outras, ainda, mesmo que no caso das bordadeiras, você tenha muitas vezes, marido e mulher, pescador e bordadeira,não é? mas, a gente tem muito mais um trabalho distinto, porque as bordadeiras não dependem diretamente das águas, elas dependem diretamente das águas, na medida em que elas são casadas com aqueles que dependem das águas para serem pescadores, Então na medida que o trabalho cresce, você transforma pescadores em bordadeiros, em homens que bordam, do que propriamente o crescimento do bordado, fortalecer a atividade da pesca, como deveria ser. Digamos assim, a dignidade que eu encontro no artesa nato do bordado deve ensinar a busca da dignidade que existe na atividade da pesca. mas, isso não atem ocorrido ainda, porque prá isso falta um trabalho que eu acho que falta a nós, acadêmicos e produtores do conhecimento, que é de você criar um entendimento de um conhecimento complexo que envolve, porque a... a arte de bordar em rede, que é o que é o bordado filé, ele é uma aplicação, por isso que é um bordado, sobre uma tela, que é uma rede primária, essa rede primária, que é em algodão, ela é originalmente produzida por mulheres que aprenderam a consertar redes de seus maridos, é do auxílio a pesca, que nasce o ofício de fazer redes para o filé. Então, há uma origem comum nesses dois ofícios, cabe a nós, fazer esse conhecimento circular e criar organicidade e parceria entre esses agentes produtores, não é? isso deveria gerar uma sensibilidade pela qualidade da lagoa.Os pescadores têm essa sensibilidade de despoluir a lagoa, falta a eles é... uma parceria, eles como categoria eles não têm força expressiva. Os produtores de mel, por

exemplo, por sua vez, eles precisam do mangue fértil, porque as abelhas para produzir o própolis vermelho, elas precisam de um mangue chamado rabo de buchio, que é específico dessa lagoa. Então a mortandade desse mangue, o assoreamento, o... a especulação imobiliária nas áreas de manguezal... tudo isso... a diminuição portanto, desse bioma, a morte desse bioma é a morte dessa atividade, então, tudo ali contribui para que haja um entendimento complexo do que seja o complexo estuarino lagunar Mundaú Manguaba, então, do ponto de vista do ecologista isso é sabido e consciente não é? mas, isso precisa se tornar um conhecimento comum, um conhecimento banal, e um conhecimento incorporado na vida da população... para gerar uma prática transformadora e esses agentes teriam um capital social correspondente a isso.Então são forças desagregadas que eu acho que o trabalho em rede tem muito o que fazer nesse sentido. Então, há movimentos aqui nossos, por exemplo, de, nos congressos academicos, e da gente criar um grande congresso sobre o complexo lagunar chamado CELMM - Complexo Estuarino Lagunar Mundaú Manguaba. Então, a gente tem por exemplo, essas lagoas decantadas na poesia, a gente tem um... Jorge de Lima, por exemplo, produziu, uma obra como Calunga, a partir da vida na Lagoa Mundaú e no entorno dessa lagoa. entao falta reunir esses atores todos, que vai dos poetas, do interesse meramente literário com a área das lagoas até os ecológistas, os estudiosos da fauna e da pesca. A gente precisa ter um entendimento, digamos assim, articulado, desses agentes todos, multidisciplinar, digamos assim, um entendimento multidisciplinar da importância da lagoa para a vida da cidade, prá vida do território. Então eu acho que as redes, o trabalho em rede pode ajudar nisso né? porisso ele é um trabalho importante. (vendo o mapa, identificando a área focal - um plano de ação) olha veja bem, a partir desse trabalho que a gente realizou junto com a AMANE e a universidade, anos atrás, o que me chamou atenção foi primeiro a literatura historiográfica, destinar a essa área um alto valor, em termos de madeira, qualidade de floresta, mesmo que do ponto de vista utilitário, do ponto de vista do desmatamento, mas, eu acho que hoje a gente poderia fazer um marketing territorial ligado por exemplo, a madeira preciosa, que não existe no Brasil, não se trabalha muito essa ideia como os europeus fazem. Enaltecer a madeira, como fazemos com as espécies animais, não é? a gente fala muito dos bichos em extinção e fala menos das madeiras, em desaparecimento, eu acho que deveria trabalhar junto tanto as espécies vegetais como animais. Fazer uma espécie de marketing de valorização de todas essas madeiras, deveria ter um conhecimento mais banalisado sobre as espécies vegetais, é ... que são típicas de mata atlântica nessa parte do país. Por exemplo, quando a gente fez o livro da iconografia a gente se lembrou muito de um tipo... a catleia, de orquídea que é abundante namata atlântica, como um ícone alagoano, que se você acabar com

a mata acaba com essa espécie. Então eu acho que falta uma grande e permanente campanha para valorização das espécies com novos conceitos que motivem isso. Relativamente com as espécies animais isso tem caminhado melhor, as políticas de reprodução de animais é... lá ou cá tem um resultado positivo, como foi com a ararinha azul, isso gera uma repercussão favorável, otimista, você pega um espécie que estava desaparecimento e tirá-la de uma lista negra de espécies em desaparecimento. Então, por exemplo, você tem madeiras de lei, como se diz e ser melhor trabalhada como preciosas pelas suas qualidades medicinais, pelas suas qualidades artesanais, pela sua qualidade como matéria, então eu acho que popularizar esse conhecimento seria uma dessas formas. E ela poderia ser feita de maneira sustentável se a gente pensar, que os agentes públicos, o estado, por exemplo, promove muito mal, na nossa região, o turismo ecológico. é muito um turismo de sol e mar, de entretenimento. Se fala muito na nossa área de turismo ecológico, ele não é um turismo de massa, é um turismo tão específico que não movimenta a economia, ele não gera renda como poderia gerar. É um hippie ou outro circulando pelo mundo numa barraca que não é capaz de gerar sustentabilidade com uma rede hoteleira, por exemplo. Então nós temos uma série de elementos que são desarticulados na zona da mata desse nosso entorno. Você tem eventos históricos como zumbi dos palmares. Todo o Zumbi dos Palmares, é um vizinho da mata atlântica e a gente não consegue criar uma política que uma coisa se integre na outra é... que a gente reúna por exemplo certos capítulos da história costeira do Brasil, desde a ocupação holandesa até hoje que a gente pudesse gerar um turismo histórico que ao mesmo tempo retroalimentasse a preservação dos territórios, as marcas arqueológicas e junto com elas as outros elementos caracterizadores dos lugares, como a sua fauna, a sua flora, tudo muito separado, muito desintegrado, como se não pudesse caminhar junto, então eu acho que falta muito juntar esses elementos. Se você faz, por exemplo, rotas turísticas nessa área de preservação, você pode transformar a atividade turística em uma atividade educativa. O turismo seria um gancho, um componente, porque há muitas experiências que mostram que você pode ter, de fato, um turismo sustentável se ele for, de fato, um turismo diferenciado, ele não pode ser predador, deseducador. Mas, por exemplo, não existe nenhuma rota, nenhuma trilha dos palmares, existem tentativas frustradas, porque você não vê, nenhuma trilha ecológica que busque, por exemplo, como se busca o caminho de Santiago, você poderia buscar a busca dos Palmares, Palmares profundo, poderia ser uma trilha ecológica, não é? que atravessasse corredores de mata atlântica que sinalize reservas ecológicas é... por exemplo, na época da cabanagem, na época, dos cabanos, dos papa méis, que era como se referia a escravos fugidos, que viviam nas matas, comendo mel, então, você poderia fazer, né? as rotas

dos papa méis, que, necessariamente, seria a rota das matas. Você poderia criar um roteiro, a busca do mel, não é? do mel silvestre, moradores que não estão assentados, que moram em área de mata , que criam abelhas em modos bem primitivos, bem tradicionais, esses poderiam ser incentivados a criar esse mel, numa rota de um roteiro ecológico. Você podia vender a passagem de caminhantes, associar isso a coleta do mel, fazer um calendário onde as pessoas podiam passear na mata e voltar com garrafas de mel, Você podia promover isso. Como a própria ideia da feira rural, você podia criar, por exemplo, uma feira onde o comprador fosse comprar no campo. Você transformar isso num dia de lazer. Num domingo, a feira no campo, em vez da feira vir prá cidade, você levar as pessoas prá conhecer, prá comprar na roça. Se essas coisas não fossem sustentáveis do ponto de vista econômico elas com certeza poderiam fazer parte do calendário das famílias. Porque isso poderia acontecer de um jeito muito espontâneo, você poderia gerar uma cultura disso. Agora precisa ter uma política que induza isso, você vê, a Braskem, ela tem um corredor verde aqui no Trapiche que tem uma série de animais silvestres vivendo em cativeiro aqui dentro da cidade. Eu considero uma ideia meio esdrúxula porque era muito melhor que a BRASKEM financiasse os animais em seu habitat e promovesse caminhadas ecológicas a zona de mata. Aqui você cria um zoológico, para diversão, das crianças, mas, que não transforma isso numa mudança comportamental em relação às zonas de mata, então a gente tem uma...

12. ENTREVISTA ES

(você está vinculada a alguma ong hoje?). Não. (e na época do pacto?) Não, na época do Pacto eu estava vinculada a Prefeitura foi quando a gente fez uma parceria com a SAVE. (PARA...) Aí a gente trabalhava, a gente tentava dar uma assistência à SAVE que era para ... no sentido da conservação da Serra do Urubu (em relação a amane, que trabalhos você realizou com a amane, que parcerias e em que período?) É... em relação a AMANE creio que desde ... 2005, desde 2005 que a gente fez essa parceria e que inclusive existiu, existia um Pacto entre Prefeitura, Ministério Público e SAVE, IBAMA, CPRH e CIPOMA. Não sei a situação desse Pacto atual, mas, foi onde foi desenvolvido os projetos, teve um de Zidedeando no Nordeste, que foi envolveu a área de educação do município e secretaria de agricultura, recursos hídricos e meio ambiente a qui do município, também o início de trabalhos para a construção do plano de mata atlântica, que parou e teve outras capacitações aqui envolvendo a AMANE com a comunidade do entorno da reserva e também aqui do... da sede do município que foram desenvolvidas juntamente a ... no escritório da sede aqui dentro do município, no centro de educação. (você lembra a missão da AMANE?) A missão da AMANE era a

conservação da ... a conservação das aves né? prá manter ... pra manutenção e justamente prá tentar trazer de volta essas espécies que já estavam entrando na lista de ameaças de extinção, além de preservação e conservação da mata e dos recursos naturais. (e o que que você acha dessa missão?) Olha Dorinha, prá Lagoa dos Gatos, é de fundamental importância já que a gente tem resquícios de mata atlântica aqui, não só de mata atlântica mas, também de caatinga, quando a ... eu tomei conhecimento da SAVE, foi justamente no ano de 2005, e aí foi feito uma parceria e a gente começou a acompanhar a ... da SAVE aqui do município, no entanto, você olhando ainda hoje prá Lagoa dos Gatos, tem outro sentido de mata atlântica, eu acho que é uma das cidades de Pernambuco mais ricas, em recursos naturais, no entanto hoje tá praticamente sendo destruída, praticamente não, tá sendo destruída pelo ... pela busca do poder, dinheiro, como agora a pouco mesmo foi desmatado mais de 60ha de mata de segundo grau, com árvores com mais de ... com árvores de espécies nativas com mais de 50 anos, e foi derrubada do modo mais absurdo que existe, foi com ligado... uma corrente, ligada a duas máquinas e foi passando por cima de tudo e depois as máquinas vieram triturando toda a madeira prá produção de limão, eu ainda acionei o ... fiz uma
denúncia ao CPRH (NO MUNICÍPIO DE LAGOA DOS GATOS?), agora a pouco. No município de Lagoa dos Gatos, agora a pouco. Fiz uma denúncia ao CPRH, pedi ajuda ao IBAMA mas, o CPRH veio duas ou três vezes e junto com o CIPOMA, só que, foi derrubado, foi plantado limão, já estão colhendo e já estão derrubando outras áreas prá plantar e não está sendo feito nada porque dizem que o rapaz que comprou é muito poderoso e aí não se pode fazer nada, tem o ministério público também que não tem ação, pelo menos que eu saiba, que eu vejo, se tiver eu não tenho conhecimento e aí até essa... reserva do Urubu, que graças a Deus ela se mantém, se não fosse a SAVE, nem existiria mais, as pessoas tem pessoas que pouco conhecem tem pessoas que realmente do municípios... eu não digo nem poucas, hoje muita gente já conhece, já usufrui dela, mas, só que vê-se mais como ponto turístico e ela não é um ponto turístico ela é um ponto de conservação dos recursos naturais, ela é prá proteger, é prá incentivar que outras áreas de proteção seja criada, que outras unidades de conservação venham a ser criadas e mais tarde a população... que a melhor forma que se tem é cuidar porque, a partir do momento que você destrói uma área de mata, você está destruindo a si próprio. A natureza vai mandar a conta e você vai ter de pagar, a natureza vai ser destruída, vai daqui a dez, quinze, vinte, trinta anos ela vai conseguir se recompor, ela ... Tem espécie que não vai voltar, infelizmente tem espécie que não vai voltar graças a incompetência, a falta de... não é nem de conhecimento, é a falta de atitude do ser humano porque não é falta de conhecimento, é achar que meio ambiente não tem valor de nada, não vai ajudar em nada,

quando a vida da gente depende exclusivamente disso, a qualidade de vida hoje você vê, tem várias doenças o povo vai se perguntar porque, vê o impacto que tá causando o aquecimento global, a alimentação hoje toda a base de agrotóxico. ... pronto, aqui é riquíssimo em água, a maioria dos produtos da feira vem da CEASA, que são produtos que são cheios de veneno. Aí você diz que em Lagoa dos Gatos não tem como gerar renda? Lógico que Lagoa dos Gatos tem como gerar renda, só precisa capacitar produtores, investir nisso, conscientizar e mostrar o que é o melhor, o que é melhor, não é chegar lá e dizer... mostrar o que é isso não, é mostrar que aquilo é o melhor, porque, de discurso não adianta, tem que partir prá prática e, Lagoa dos Gatos hoje. É porque você não conhece o município todo porque se você conhecesse você ia ficar mais encantada do que você já é por Lagoa dos Gatos e, aí quando se diz, tem que investir em turismo, ... com certeza que tem, o turismo ecológico, o turismo rural, que mantenha, que faça as pessoas verem que podem ganhar dinheiro sem destruírem. (voltando para a missão da amane, como poderia ter sido melhor?) Olhe a missão da AMANE ela poderia ter sido melhor se houvesse o apoio maior tanto do poder público municipal quanto dos órgãos federais porque você sabe, como se é...quando se é uma ONG você precisa de incentivos, você precisa de apoio, financiamento melhor para conseguir que o trabalho teria sido melhor se justamente tivesse um apoio, um apoio, mas, um apoio é, como eu digo de ajudar no melhoramento da estrada, da capacitação, de vez de investimento mesmo, já que o município está se beneficiando mesmo com isso, o município está recebendo o ICMS socioambiental, que como você sabe e eu sei disso também que, quando a gente recebe um ICMS socioambiental, aquela verba vem prá você ampliar aquele trabalho que você está fazendo, prá se investir dentro da área de uma educação ambiental, uma conscientização, uma ampliação desse projeto e é justamente, é uma forma que, melhoraria muito a ação da AMANE, não só da AMANE como de outras ONGs, porque eu tenho certeza que o maior empecilho é esse, falta de apoio (DE QUE MANEIRA ESSA MISSÃO ESTÁ INSERIDA NA SUA VIDA, SE COADUNA COM A SUA MISSÃO DE VIDA?) Lógico, com certeza, lógico que está envolvida como quando eu decidi trabalhar dentro desse meio não foi só uma questão financeira, até porque você sabe que não... que não dá ... esse dinheiro dá prá pagar as contas, mas é uma qualidade de vida, mas, você trabalhar com aquilo que você acredita, que é o que funciona, que vai fazer da sua vida melhor, não só da sua vida mas, da vida das outras pessoas, dos outros seres vivos. (em que projetos você esteve envolvido na amane) Zidedeando, teve também, na época, eu acabei me envolvendo também quando tava fazendo a pesquisa, foi a pesquisa de campo, do levantamento das áreas do entorno, das aves presentes na reserva, já participei de algumas visitas também, com o pessoal da universidade federal de

Pernambuco que vieram prá fazer pesquisa na Serra do Urubu e também junto com a secretaria de educação, em parceria com a AMANE. (plano de ação de mata atlântica, o centro de educação) É, o plano de ação da mata atlântica, o centro de educação também, a gente teve várias capacitação pela AMANE/SAVE (você não fez a capacitação dos cursos de 2 semanas?) foi onde? (em Itamaracá) não, não. Fui não. (quais as principais facilidades e dificuldades com o trabalho com a amane?) Olha as principais dificuldades é justamente essa da falta de apoio que a gente teve, inclusive teve uma capacitação que foi feita em parceria com a secretaria da juventude (foi) É... justamente a questão de apoio e... assim, se justamente eu acho que tinha questão financeira, se tivesse mais recurso tinha tido mais, porque quando você envolve a população, eu lembro até que teve uma capacitação que se fez um plantio de mudas ao redor da lagoa (foi) que foi de educação, que foi envolvido alunos de várias escolas e aí quando se faz uma ação dessa, se tivesse uma continuidade, pelo menos uma vez por mês, os resultados seriam melhores. (e as oportunidades?) Olha, as oportunidades é... quando eu estava, quando eu comecei a trabalhar com ... fazer essa parceria com AMANE na época, eu era diretora de meio ambiente depois com um ano estava respondendo pela secretaria de meio ambiente, com dois anos eu era secretária,não, fiquei na secretaria durante dois anos e ... secretaria de cultura e turismo eu era também professora de biologia do município, então, pra mim as oportunidades vieram consecutivos, a partir de conhecimentos que você obtém é... contato com outros profissionais da área, também, que vieram até o município e a maior é... o conhecimento... (qual a colheita principal que a parceria com a amane deixa para a sua vida pessoal?) prá minha vida? o conhecimento. (em relação ao pacto murici o que você conhece e como avalia as ações do pacto, na amane? ... enquanto rede como agiu e como poderia ter sido melhor) na realidade, agora você falando agora eu lembro de umas capacitações que teve que veio pessoas de outros municípios também, que foi também que trabalham com a AMANE e aí, justamente, quando é... com esse pacto é eu acho que foi unindo forças, justamente pra fortalecer o trabalho aqui em Lagoa dos Gatos que até poderia ser ampliado... que até tinha planos de se aumentar a área né? era um, se não me engano, que era trazer a RPPN de Serra ... a RPPN vizinha, de Frei Caneca prá Serra do Urubu e aí o município foi o maior beneficiado, como no início eu falei, justamente por conta disso, a área se manteve preservada e até hoje, divulga o município né? Lagoa dos Gatos se tornou mais visível perante até outros países, com se vê que até pessoas de outros países vem fazer pesquisa da área e até em seu entorno apesar que, também acaba chamando a atenção das pessoas, de forma negativa, que acham que por ser uma unidade, eu não sei como está a situação da pesca... da pesca não existe, mas, da caça no entorno existe com certeza. Hoje, eu tenho certeza que Lagoa dos Gatos existe a

caça pela capivara, caça pelo jacaré, aí as pessoas vão, justamente ali, no entorno, sítio Cajueiro, Igrejinha, Mundo novo, existe uma caça predatória muito grande... ninguém faz nada prá mudar (se você fosse elencar os componentes do trabalho com a amane, você falou capacitação) Capacitação, teve fiscalização também, divulgação do município, é... teve a questão também do conhecimento da população, o ... desencadeou o interesse da população em querer conhecer em querer cuidar (sensibilização) É, a sensibilização da população local e também a parceria né? que é importante essa parceria do poder público, ministério público e até a própria comunidade. (a questão das redes, no caso o pacto era uma rede) Justamente essa rede que fortalece, não é? porque, quando é um só a dificuldade já é grande, na realidade, quando é um só, aí a dificuldade se torna, praticamente impossível de serem vencida e justamente esse fato, quando se reunir, quando houve a reunião a junção desses órgãos de certa forma facilitou o acesso, apoio e também até prá trazer pro município, prá levar a população prá lá porque eu acho que sem a associação, sem a AMANE, sem a é.. no caso, tem a parceria com o CEPAN, aí eu acho que seria mais complicado, a dificuldade seria maior. (você acha que nessas redes, que ações são mais efetivas em rede?) não, dentro da oportunidade mesmo, da sensibilização, da comunidade, porque aí quando a gente teve aqui, a gente veio... acho que teve um período que veio, foi um pessoal da universidade federal, que veio Marcelo Pelizzoli também, teve Débora que também deu capacitação da... do CPRH, quando faz essa junção o objetivo a ser alcançado ele se torna mais curto, (potencializa) (você participa de outras ONGs?) Hoje não. (redes?) Não. ONGs não, hoje eu dou assistência a uma RPPN, eu dou consultoria no caso, é uma RPPN... e sou técnica responsável hoje pela criação de unidade municipal, no município de Agrestina. (e nessas atividades você não tem, não usa a rede para potencializar essas ações?) Não, não. (nem as redes sociais, whatsapp?) Não, a gente tem uma tem uma página no face, que justamente a gente usa prá divulgação. Só. Agora, essa rede que você tá falando, como você tá falando de junção de outras instituições a gente tá buscando agora parceria com o IBAMA, CPRH e SEMAS. Inclusive encontrei com uma amiga sua que passou um tempão tempão me olhando, acho que conheço você de algum lugar... acho que de Lagoa... eu não sei mas, acho que te vi numa foto com Dorinha, eu acho que te conheço , é Giannina, da SEMAS, eu acho que sabia desde a hora que cheguei... A SEMAS tá dando um apoio a gente grande e o CPRH inclusive a gente tá em busca também, a gente tá buscando uma parceria com a universidade federal prá ver a questão de desenvolvimento de projeto de pesquisa na área que até agora não foi feita nenhum tipo de pesquisa, em Agrestina, e é uma área de.... lá a gente tem uma RPPN e tá fazendo essa unidade de conservação agora que é ela tá com 500ha, ela tá com 500ha, (mata atlântica ou

caatinga?) ela tá em área de transição, mas, prevalece mata atlântica, é, brejo de altitude (que ações são mais importantes, em rede, para as conquistas ambientais?) é desenvolvimento de projetos que conscientize a população sem impor ou amedrontar mas, que leve a informação de acordo com a realidade de cada um, sem chegar e dizer, você não pode fazer isso porque senão vai ser preso. Você não pode fazer isso... porque sua vida... você não pode chegar e dizer Dorinha, você não pode fazer isso nessa área, porque faz para a sobrevivência, aqui tem uma produção de carvão, mas, se eu chegar e (ainda existe?) Existe, e muito (MAS, VOLTOU?) Nunca parou né? Diminuiu, reduziu muito mas, é como eu lhe disse, Lagoa dos Gatos tem resquícios de mata, muito bom e muito grande, eu já falei com o ministério público sobre isso porque... lá em casa passa, batem lá, vocês querem carvão? Aí passa de manhãzinha, 5, 6 horas, 4, 6 horas da manhã passa na rua vendendo carvão, aí eu cheguei e disse, olhe Dorinha, você não pode desmatar para produzir carvão, o custo do carvão prá você vai sair porisso, isso, isso e isso, você vai ganhar tanto, eu tenho que dar uma opção prá te mostrar que você vai lucrar mais fazendo isso, não adianta chegar e impor dizendo que você vai ser preso, solução prá isso, e justamente isso, se essa rede se unisse junto ao ministério público, ao poder público, prá desenvolvimento de uma atividade de renda que não degradasse o meio ambiente, por exemplo, uma produção de carvão... você não vai mais produzir carvão mas, eu vou trazer aqui é... uma toyota com quinze pessoas que você vai ser guia turístico então você precisa ... de um rio limpo, você precisa atuar você vai ganhar muito mais do que você ficar com um saco de carvão. E que a gente vê que isso tem em vários lugares e poderia fazer aqui. É como você chega em Fernando de Noronha e você tem aquelas pousadas familiares não é? Você aluga um quarto que as pessoas aqui reclamam não tem trabalho mas, prá criar e aí eu tenho aí, prá fazer um grupo na minha casa, na tua fica duas, na minha fica duas, na minha fica três e aí a gente tá ganhando dinheiro e gerando renda prá outras pessoas e sem precisar destruir, cuidando, porque a partir do momento em que você ganha você vai querer cuidar prá ganhar mais. (quais os problemas mais graves que dificultam as unidades de conservação) Olhe, as dificuldades hoje que eu vejo é justamente os custos que se tem, prá criação, as vezes o proprietário quer fazer mas, não tem recursos prá arcar a burocratização e a falta de apoio do poder público que é um beneficiado mas, que só quer se beneficiar, não quer contribuir e também a conscientização de alguns proprietários que tem, mas, tem medo de criar porque a partir do momento que cria eles não podem derrubar, né? e eles têm... porque a partir do momento que cria é como se não pertencesse mais a você entendeu? É como se pertencesse ao governo e não é assim, a partir de criar uma unidade de conservação não significa que você deixa de ser o proprietário, significa apenas que aquela

área não poderá ser destruída e que vai ser cuidada e que o município se... se o município em parceria com entidades como a SAVE e a AMANE e o próprio consenso... por exemplo eu preciso de mais unidades de conservação no município mas, eu não tenho profissionais, mas, a AMANE tem, então a gente vai ver se a gente entra com os custos e trabalho e aí todo mundo é beneficiado, principalmente o município, não é uma questão só do ICMS socioambiental mas, é a manutenção daquela área, da preservação, da vida, dos animais, da fauna, da flora, da água, da qualidade da água, que hoje todo mundo sabe que a água é hoje como se fosse ... é um ouro líquido e está sendo destruído. Uma prefeitura não faz uma unidade de tratamento para ganhar dinheiro e fica todo o esgoto do município no rio e aí tá resolvido o problema... não é responsabilidade mais do município e pronto (você sabe o valor, a ordem de grandeza do recurso que é repassado para o município da rppn, do icms?) Olha, da última vez que eu vi tava em nove mil reais, porque varia, cada mês ele varia de acordo com os impostos já que esse dinheiro... mensal, nove mil mensal, eu já vi mês que era oito mil, e aí também, além do ICMS socioambiental que a prefeitura recebe da reserva também recebe do aterro sanitário, né? Inclusive o aterro sanitário, o município tá... existe uma probabilidade de perder porque as licenças ambientais não foram renovadas porque prá renovar uma licença tem custo né? então, não estão, então, a ultima informação que eu vi é que não estão renovando a licença de aterro sanitário aí vai para renovar, cumprir né? porque não é chegar lá e dizer eu quero renovar e pago não, tem que cumprir né? dentro dos critérios para que justamente possa ter essa licença e continuar operando. É como Lagoa dos Gatos, Lagoa dos Gatos, Dorinha tem muita mata, imagina se... (lagoa recebe de frei caneca?) Não, de Frei Caneca não. Frei Caneca vai prá Jaqueira, poderia receber de Frei Caneca se a prefeitura se mobilizasse, fosse lá e alegasse e provasse que assim, né? alegasse que parte da reserva de Frei Caneca que fica dentro do município de Lagoa dos Gatos e que a gente sabe que fica né? então a partir que fica, Lagoa dos Gatos também tem o direito de ter um percentual do ICMS Socioambiental, não é só lutar pelo ICMS Socioambiental, aí também tem uma parcela de cumprimentos que é preciso que a prefeitura também tem que ter né? porque não é só chegar e dizer olhe eu pegar e receber o ICMS da Reserva Serra do Urubu e eu não vou fazer nada de contrapartida? Eu teria que ... eu teria que, pelo menos manter as estradas muito bem... com acesso livre, né? isso era o mínimo, isso é o mínimo. E, a última vez que eu fui não tava tão ruim não, mas, aí dar uma assistência maior porque, se tem condição prá isso, não tá saindo do cofre da prefeitura, tá saindo , no caso do ICMS que está saindo em favor daquela área, por mim acho que não teria problema nenhum em investimento em até por exemplo, melhorar as estradas e, por exemplo, pegar uma área bem próxima, faz uma desapropriação, faz um

consenso com um proprietário, faz um dinheiro, contrata profissionais para manutenção dessas unidades e aí é gerando... é um benefício que vai aumentando cada vez mais para a prefeitura que não tem nada a perder, só ganhar. (no mapa do corredor, que componentes para um plano de ação hoje?) Como? (que estratégias? subprojetos) Conscientização, fiscalização e comunicação e tem um que é o principal que é justamente Mobilização das comunidades que vivem aqui para uma geração de renda que incentivassem elas a participar da proteção dessa área (gerar renda, né?) (quais os principais parceiros?) Os principais parceiros seriam, creio que, o poder público, ministério público e sociedade civil, sociedade civil, que é o maior beneficiário, né? ´(você prá fazer o plano, precisa de quem planeje quem pague quem execute) Certo, mas, aí quando você fala em quem planeja, mas, quando eu falei da questão do poder público do ministério, é como se fosse justamente a junção de apoio, porque se você deixar para o ministério público fazer, não, pro poder público fazer, ele não vai fazer então teria que ter justamente uma empresa especializada, (e as ONGs?) justamente, mas, uma ONG não é uma empresa? (não, empresa vida lucro, né?) Não, uma ONG, porque quando uma empresa vai, quando você fala numa empresa, quando você fala... quando eu me referi a empresa eu me referi justamente a uma ONG, um órgão executivo, porque, se você fala, se você deixar para uma empresa, uma empresa realmente vai justamente buscar o lucro e não o objetivo principal que é de manter, de cuidar de proteger, e fazer com que aquela área evolua, ela vai chegar, construir, fazer com que aquela área pegar o dinheiro dela, superfaturar em termos de 200% e pronto mas, é justamente, se você deixar para o poder público ele ... os profissionais não vão é... talvez não seja capacitado e talvez não vão fazer um trabalho que convém. Quando eu falo em ministério público, poder público e sociedade civil é justamente na questão de apoio, de participação, de conscientização prá manutenção daquela área. (e quem paga?) Olhe, na realidade, quando eu falei prá você desde o início, seria pago pelo poder público ou patrocinadores porque, se você já tem essa área, você recebe o ICMS dessa área, nada mais justo do que você contribuir prá isso, porque quanto mais benefícios tiver dentro dessa área daqui mais você vai ser beneficiada. (...) E eu acredito até que o poder público poderia efetuar o plano, se tivesse, por exemplo, dentro do município tendo uma secretaria de meio ambiente, estruturada... com material, com equipamento, com estrutura, específica, o município, eu creio que conseguiria fazer. (com recurso do icms?) É, com recurso do próprio ICMS. Porque você vê uma coisa... (ele é usado com que?) Aí eu não sei responder porque ele tá ... uma pergunta, você acha que você, por exemplo, a AMANE, ela não conseguiria fazer o plano da Serra do urubu com esse valor de nove mil por mês? Não conseguiria? (dava prá fazer muita coisa, ad perpetum né?) mas, é justamente, não é uma

verba que vem só aquele mês, vem todos os meses, então, funcionários... digamos que você faça um contrato de um funcionário, um trabalho de oito meses, você paga dois mil, dois mil e quinhentos por mês? Aí não dá prá fazer? Hoje eu não sei qual é a destinação, eu não faço mais parte do governo, não sei qual é. (mas, ele deve entrar no orçamento? na folha?) Ele deve entrar dentro do orçamento já que ele vem pelo ... ele vem junto com o IFPM, não é? quando é feito o depósito acho que é em conjunto, não é depositado ICMS tal, tal tal, então o extrato de depósito que você vai lá, foi tanto disso, tanto daquilo, você vai ver quanto foi do ICMS, não é aquela coisa que entra o valor e você não sabe quanto é, entendeu? Quando você vai para o tribunal de contas, que você pega, você vê, ICMS socioambiental X, valor de saúde, X, valor disso, X, aí hoje, hoje eu acho que o município tem o portal da transparência aí eu não sei se é colocado ou se não é, acho que deveria, deveria ser colocado, mas, aí eu não sei como é isso, na realidade, na última vez que eu fui entrar tava fora do ar, três semanas seguidas tava fora do ar. Acho que, quando eu estava na gestão aí sempre como você mesmo sabe, tinha a qustão de tentar que um percentual desse ICMS fosse investido na área que a gente recebe que é justamente a Serra do urubu já que a gente recebe recebia, então o ICMS que a gente recebe da Serra do urubu deveria ser nada mais justo investir parte do percentual na melhoria da área, sempre a gente defendeu e até hoje nunca foi feito, pelo menos até quando eu sai não tinha sido feito, não sei se está sendo feito né? (VOCÊ SAIU QUANDO?) Eu sai em dezembro de 2015.

13. ENTREVISTA ZZ

(você acha que a missão da AMANE era qual? na sua cabeça) A missão da AMANE foi muito importante porque eu no grupo gestor a gente aprendeu muito. Aprendeu muito e criou uma rede de gestor (ela nasceu prá fazer o que?). Ela nasceu prá ajudar, no momento em que trabalha com mata atlântica foi um... A AMANE para desenvolver vários projetos e ajudar no modo geral, no nordeste todo. (o que você acha dessa missão e o que poderia ter sido melhor?nesses dez anos) podia ter continuado, né? assim... (o ruim é que acabou) é, devia ter continuado vários projetos, vários cursos mais do que teve a gente só tinha o que ganhar o que aprender mais (de que maneira essa missão está inserida na sua vida) Com a AMANE eu aprendi muito e em relação a minha vida eu mudei muito porque com o incentivo da agroecologia, vê... o sentido melhor pra minha

vida, então foi uma grande ajuda (a agrofloresta tem te dado muita coisa?) Tem me dado muita coisa, saudável, eu aprendi a viver mais saudável (na alimentação da família...) na alimentação da família e na renda porque a gente produzindo coisa saudável a gente não

compra, aí... (você lembra os projetos e atividades que fez com a amane e que lhe chamaram mais atenção?) Os cursos chamou muito atenção que foi onde aprendemos muito e todos os projetos foi excelente né? o projeto de produzir água na serra do urubu foi um projeto bem interessante na restauração, o energia verde, junto com o pessoal da AMANE, o centro de educação que levava as crianças para ser novo gestor né? (principais projetos, facilidades e dificuldades) Facilidade sempre teve muito, assim, na ajuda. Dificuldade tinha quando a gente ia reunir as pessoa e não conseguia reunir todo mundo que a gente queria, nem todo mundo que a gente queria, ... mais gente então só foi a dificuldade que a gente tivemos foi de reunir as pessoa mesmo. (e as oportunidades) Oportunidade foi boa a gente aprendeu muito então, Aprendizagem, de aprender, desenvolver, com a vida do dia a dia foi excelente o aprendizado (e se não tivesse tido a AMANE, qual seria a diferença?). A diferença era grande porque a gente ia ficar sem conhecimento, né? sem ter conhecimento das coisas que aconteciam (que outras coisas?) O encontro com as pessoas mesmo né? porque não é em todo canto que a gente se conhecer, gente que a gente conhecia de vista e, de outros estados, foi aonde a gente uniu todo mundo, unir as forças, fazer essa rede de gestão, isso é importante porque conhecer o que a gente não tinha aqui, que outras pessoas conheciam mas, a gente não tinha conhecimento. Foi uma coisa muito importante. (como podia ter sido melhor?) A AMANE fez um trabalho excelente a gente faltava umas coisas junto com o poder público né? você chegava no município e a gente não conseguia, realmente o pessoal do município não nos ajudava quando a gente precisava de várias coisas, então faltou muito por parte do poder público, porque depender da AMANE... (no início principalmente né?) É. No início a gente ficou preso sem ter a ajuda do poder público. (e em relação a fiscalização?) a fiscalização também foi tão boa que (ajudou?) a AMANE ajudou muito né? a gente não tinha recurso também da AMANE para fazer tudo. (e o pacto murici, o que você sabe dele?) O pacto de Murici foi um só engano pro pessoal porque a AMANE chega lá e cria esse pacto e a juntar o pessoal todinho da associação, o pessoal de Murici, eu agradeço muito o pessoal da AMANE, que tive conhecimento e aprendizagem grande e (e também a participação das ongs) é, teve o encontro das ONGs que participaram, se juntaram, o desenvolvimento do pessoal e conhecimento mesmo né? quem não conhecia. (o trabalho de restauração que a amane liderou o que hoje, você na save acha que fez a diferença? plantou 36ha). Foi uma grande ajuda, hoje a gente tá querendo retomar o trabalho da AMANE assim, em relação a SAVE, complementar umas coisa que, perdeu, né? é natural, então escrevendo um projeto prá ver se consegue implantar de novo, retomar o ... algumas coisas, mas, foi um passo grande, né? porque a gente tinha 36ha de pasto e hoje já se transformou em mata e ta se mantendo (...), tá fazendo

monitoramento das aves (...), eu comecei em 2009 fazendo o censo com os meninos , os biólogos e hoje o número de espécies de pássaros dobrou que não tinha na época, (...) da reserva como um todo, e da restauração, tem acho que , tinha 1 , 2 no começo e agora tem 36, mais de trinta, dentro da restauração agora, dentro da mata, bichos que não se via no pasto hoje está na restauração. (a SAVE esta querendo refazer alguns projetos que na AMANE começou é isso?) A SAVE está fazendo alguns projetos da AMANE, adotar o mesmo plano da AMANE e plantar mais algumas plantas prá melhorar mais o trabalho. (e o plano de manejo?) o plano da manejo o único que foi feito é só o da amane mesmo, só o que a amane fez. (se você pensar assim, o trabalho da amane fez 10 anos, que experiência para a mata atlântica poderia ser replicada em outros biomas, o que, de mais importante pode ser registrado). Esse de produzindo água, né? que foi um projeto grande que poderia levar prá ... sei que não pode fazer milagre... o produzindo água era pras nascentes, recuperando nascentes e plantando mesmo a mata, né? porque plantando mesmo na caatinga, se plantar vai ser bem melhor também pro pessoal que convive lá. (eles têm esses projetos? a save deve ter esses projetos...) É, não sei. (em relação a essa rede do pacto, você acha que a amane poderia ter existido sem esse pacto?) A AMANE foi a principal que juntou todas as redes, todas as ONGs, mas, a AMANE poderia ter continuado mais, né? porque a AMANE foi como se fosse a mãe de todas as outras ONGS né? incentivo a criar esse pacto, a restauração, a agrofloresta, tudo foi a AMANE que criou então, deveria continuar, então a AMANE... (você acha que ela acabou por que?) Rsrs... acabou porque não teve apoio do poder público, né? os projetos se acabou e então não teve ajuda não teve incentivo do poder público. (você participa de outras redes?) não. (na rede de gestores você participou nos encontros, nos eventos...) Essa rede devia se ajudar mais, sempre realizando os encontros (...) os encontros presenciais. (o que que essas redes poderiam ajudar mais?) Planejamento, fiscalizar, e ter os encontros mesmo pra cada um saber o que cada um tá fazendo né? (...) troca de informação, né? (se sentir menos sozinho?) Com rede ou sem rede... (com rede ou sem rede você fica sempre sozinho?) É, to sozinho porque fico muito distante do pessoal da rede, né? bem, bem distante, bem isolado porque vivo num canto que não tem comunicação, aí melhor era quando a gente se encontrava, fazia os encontros na reunião. (quais são os problemas mais graves que dificultam a implementação da rppn pedra d´anta?) o acesso, eu... meio de comunicação que não tem, né? (no caso da rppn, e problema de fiscalização como está?) A fiscalização tá zero né? quando tinha a AMANE aqui ainda tinha fiscalização, sem a AMANE não existe nem fiscalização (Prefeitura, Ministério Público, CPRH?) Não. Ninguém. (está tendo invasão em outras áreas?) Tá, em outras áreas tá, na SAVE é que não tá. Mas, na RPPN Frei Caneca

mesmo, estão sempre tirando madeira, tão sempre caçando, capturando animal. (e essas redes poderiam contribuir) Essas redes poderiam contribuir, ajudar a AMANE, se tivesse vários encontros e o pessoal da rede tivesse conhecimento das vários áreas, poderia contribuir muito com a ajuda da fiscalização. (enquanto conhecimento, fiscalização, reuniões que aconteciam na época do MPE) É. (se a gente pensasse nessa área de murici urubu, que componentes seriam importantes para um projeto novo) Poderia fazer um... sempre ter ideia... é impossível, fazer um corredor de mata ligando Urubu e Murici. (mas, como a gente ia fazer o corredor, no meio tem a usina serra grande, um componente seria restauração) Aí o poder público tinha que entrar (como parceiros) como parceiro e se pudesse comprar, se fosse legal, comprar, tem muita terra legal de usineiro, fazendeiro, aí o poder público entrava no meio e obrigaria aí a gente plantava. (restauração e regularização fundiária, tem que criar unidade de conservação) Tem que criar Unidade de Conservação (e o dinheiro?) O dinheiro... do meio ambiente, do Ministério do Meio Ambiente, né? (um parceiro seria também o ministério) É, porque tem que fazer isso mesmo. (o que seria mais importante para um plano?) Tinha que ter uma ONG feito a AMANE, administrando, gerenciando isso, porque quem conhece as áreas e que começou a fazer tudo, então, quando a AMANE voltar e retomar todos os projetos que ficou prá trás, né? (informação, base de dados da amane) (e os gestores, como fazer para eles atuarem?) Os gestores iam atuar cada um na sua área e um ajudando os outros, cada um ajudar e se unir, né? fazer a rede mesmo. (...) Rearticular (aí a rede funcionaria como?) Com os encontros (...) presenciais, cada um fazendo o seu papel, né? ajudando os outros, cada um fazendo o que aprendeu. (porque tem também a internet e tem uma coisa que foi importante, os encontros e as capacitações) É. O esforço foi ... (onde a gente podia pegar dinheiro privado?) O pessoal do poder público tem que obrigar o fazendeiro, o usineiro , a fazer, porque como eles desmatam muito, (...) tem a lei, então, por lei eles têm que ter 20% de mata na sua propriedade, tem canto aí que não tem nem 5%, então o poder público é que tem que entrar mesmo e... prá poder ... fazer a lei valer mesmo (se a gente fosse destacar as principais contribuições da amane nesses 10 anos você diria o que?) O destaque da AMANE, foi, a melhor coisa, a aprendizagem, os cursos, as reuniões que se encontrou com todo mundo. (você fez o curso de capacitação onde?) em Itamaracá, depois nós fomos prá outros cursos de agroecologia, né? que fiquemos lá em Paulista e em Olinda, o outro foi em Olinda. (paulista? Abreu e lima) Em Jones. (o sete colinas foi o encontro da rede, pelo Funbio)(você participou de um dos dois módulos do curso) Fui prá Rio Formoso também, foi para curso de agroecologia. (qual a repercussão do trabalho da AMANE na SAVE, onde você trabalha) O trabalho da AMANE foi o que ajudou mais do que propriamente da SAVE, eu to com a

SAVE hoje mas, a AMANE foi que desenvolveu o trabalho, foi que me ajudou a plantar e fazer o trabalho mesmo. A AMANE foi quem deu todo o incentivo, que desde o começou desde o começo junto com a SAVE e quem me ajudou mesmo foi a AMANE. (e hoje, sem a AMANE?) Hoje estou isolado porque o povo da SAVE tá em São Paulo e a AMANE tá faltando a presença da AMANE aqui. (a gestora da RPPN fica aqui ou em Recife?) Fica em Recife, a gestora fica na cidade mas, ajuda é pouco demais, ela vai prá Recife, fica aqui mas, vai pro Recife na sexta, volta na quarta feira. (ela vem toda semana prá cá?) Vem. Eu acho que vem, (...) ela não vai lá não. Uma vez por mês ela vai lá. (você faz o trabalho mesmo de fiscalização?) É. Fiscalização e ajudo ela quando ela precisa, né? ajudando. (tem quantos projetos hoje?) Não tem projeto hoje, tem só o projeto que ela tá ... os projetos que a AMANE tinha de levar os alunos prá mata de ficar nas escolas, no momento não está sendo executado não. (Pedro está a frente?) Pedro entregou tudo prá ela mas, atualmente tá parado. (mas, pelo menos tá protegido?) É. Tá protegido porque eu faço o meu trabalho, né? (e a relação com a prefeitura como está?) Continua como o que a AMANE tinha mas, ajuda mesmo não tem, de nada. (a estrada?) A estrada tem umas partes que não consegue passar de jeito nenhum. (e o turismo? tem ido gente?) Não, essa semana foi um jornal que veio mas, turismo mesmo tá parado porque não tem acesso, não tem... (a casinha não está recebendo ninguém?) Não, muito pouca gente, no começo do ano recebeu muita gente mas, agora...

14. ENTREVISTA VS

(na época do pacto murici, em 2005, você já estava como prefeita de lagoa dos gatos?) Não. Eu entrei na prefeitura em 2013, janeiro de 2013. (em 2005 você era comerciante – farmácia e padaria?) Era comerciante. (tinha cargo anterior?) Não. Já entrei como prefeita. (você tinha conhecimento da AMANE e começou a trabalhar em parceria com a AMANE quando?) em 2013 (e aí de 2013 até ...) Eu fui eleita em 2012 mas, só tomei posse em 2013 e fico até 2016. (foi tão intensa a parceria que pensei que fosse mais tempo) Não, foi não. Foi dessa data. (o que você acha que era a missão da AMANE?) A tarefa da AMANE é cuidar da nossa reserva na qual eu acredito que vocês cuidaram muito bem, entendeu? Hoje é reconhecida, hoje as pessoas que vêm a cidade de Lagoa dos Gatos reconhece a reserva. Meu secretário que é Adeilson Soares , secretário de cultura e turismo ele propaga muito bem, onde que ele vá, ele fala da reserva, fala dos pássaros e eu acredito que, prá cidade é muito importante. (como você acha que podia ter sido melhor?) Eu acredito que falta mais recurso prá fazer mais ações, prá poder propagar mais . Mais recursos. (qual a identidade que você tem dessa missão com a sua vida? que afinidade você tem de proteger a floresta, a reserva?) Eu acho que é

muito importante, prá vida de todo lagoatense, porque preserva a natureza onde tem que preservar, devido as chuvas, devido ao ar que respira, então é muito importante, onde as pessoas realmente possam valorizar o meio ambiente, então eu acredito que é de grande importância. (você lembra dos principais projetos que você participou com a AMANE?) Lembro das reuniões na câmara que foram feitas, né? nos estudantes que a AMANE sempre procurou que era prá eles verem como plantar, na arborização que fez na cidade na qual a gente tem uma pracinha ali em cima que tem algumas plantas que veio de lá da reserva, tipo pau Brasil, tipo aquela... (ipê), ipê que foi plantado em volta da lagoa e também de frente a pracinha da escola Cinecista, antigo Cinecista. Tem lá os pés de ipê, estão bem grandinhos, os da lagoa estão maiores, os ipês, tudo isso veio da reserva, os ipês. E nos estudantes fizeram várias reuniões na qual eles realmente reconheceram o valor da AMANE em termos de plantar uma árvore, em termos de saber realmente o que é a nossa reserva. Isso foi muito divulgado nas escolas, por meio da AMANE para os estudantes. (antes disso, quando você entrou na prefeitura você já sabia da reserva?) Já já sabia da reserva através do pessoal da AMANE que vinha na padaria, então eu, feito Tati e outras pessoas também, Pedro, Letícia, Leo, Pedro, Tati e Dorinha. (quais as principais dificuldades e facilidades desse trabalho da AMANE?) Oportunidade prá prefeitura é que eu acho que a reserva é muito importante e também assim o que vocês trouxeram de benefício para a cidade na qual plantaram árvores, falaram sobre meio ambiente, sobre a reserva, sobre os pássaros que tem lá, então eu acho que os benefícios é muito grande porque a gente entende que a população precisa realmente entender o que é a reserva, o que ela representa para o nosso município então, dificilmente a gente encontra os pássaros, então a gente sabe que Lagoa dos Gatos a gente tá com esse tipo de pássaros que realmente é um privilégio prá Lagoa dos Gatos a gente ter essa reserva. (se você fosse fazer uma síntese, qual seria a questão mais importante dessa parceria com a amane, que collheita principal?) Eu acredito que seja no turismo para que a população assim realmente pudesse fazer um trabalho de divulgação para que os outros municípios viessem conhecer e valorizar mais o turismo porque aqui em Lagoa dos Gatos, eu acho que o que a gente tem de mais importante é a reserva. Então eu acho que tinha que ser feito um trabalho educacional no turismo, onde a gente pudesse divulgar para os estudantes de faculdades prá vir conhecer a reserva, prá que a gente pudesse ir nos hotéis próximos a Lagoa dos Gatos dizer que tinha uma reserva prá que as pessoas pudessem vir e conhecer. (a principal atividade economica de Lagoa qual é?) Olhe, a gente hoje não tem uma agricultura como se tinha no passado. No passado se plantava muita mandioca, se plantava muito assim... goiaba, se plantava milho feijão, mas, hoje em dia a agricultura não é tanto explorada assim dessa

maneira mas, uma agricultura de subsistência mesmo, entendeu? E eu acho que se devia valorizar mais a agricultura, então a cidade vive de feiras livres, vive do bolsa família, vive de aposentados, e, a principal atividade é a prefeitura. (são quantos habitantes?) 16.615. (você acha que a questão ambiental, a questão da reserva podia ser um fator de alavancagem de recursos?) Sim. Eu acredito que, se houvesse, eu acredito muito, se houvesse uma divulgação maior eu acho que daria prá poder...veja só, a gente tem um espaço na qual a gente tem um artesanato aí a gente tem um espaço onde a gente tem um museu, se as pessoas viessem prá Lagoa dos Gatos prá visitar a reserva a gente teria artesanato local, então a gente poderia investir mais em pousadas, nos hotéis, então eu acredito que a economia do município melhoraria muito. (quando fizemos o plano de ação, uma ação destacada foi o paisagismo da lagoa, a questão da arborização... a cidade tem um apelo ecológico pelos gatos maracajás...) Inclusive a gente tem um gato maracajá que ele tá no museu do nosso município que é um gato maracajá que foi encontrado ele tá lá no museu. Aí eu acredito que, se investisse mais na reserva, investisse mais no turismo então eu acho que a cidade também, a economia local... (o pacto murici, você lembra o que era? como uma rede pode beneficiar ações de gestão ambiental) Isso foi em 2005, então eu não tenho lembrança. (as ONG que você conheceu foi a AMANE e a SAVE e que mistura as duas) Foi. A gente misturava muito as duas tanto a AMANE como a SAVE. Aí em 2005 eu não tinha conhecimento ainda, só via quando chegava na padaria... eu não tinha assim, não conhecia. (...) Inclusive muitos jovens eles nem sequer conhecia, a reserva, hoje, depois da AMANE é que eles começaram, depois das escolas não é? A divulgação é que eles começaram a conhecer, que muitos moradores daqui não conhecia a AMANE, nem sequer conhecia a reserva, então através do conhecimento, das escolas é que vieram a conhecer. (é que tinha um trabalho com as escolas... você já participou de alguma ONG, ou de rede?) Não, nunca participei não. (nem entre prefeitos e partido político?) Não. (o que você acha que essas redes que existem podem contribuir prá questão ambiental?) Eu acho que elas poderiam contribuir porque os jovens todos estão ligados nas internet, ligados aos facebook então, ligados a tudo que é tecnologia oferece então, quanto mais informações nas redes sociais, mais, as divulgações chegam mais rápidos (...comunicação, fiscalização...) Justamente, porque eu acho que tudo através ... hoje tudo é ligado às redes sociais, qualquer notícia que vc vê, todo mundo tá sabendo, porque antes era... (vocês usam as redes sociais para campanha política?) Não, a gente ainda vai usar porque só depois de 16.08 é que vai oficializar, aonde vai ser usada, mas, agora não. Agora não, só depois. (quais os problemas mais graves dessa reserva, a rppn, e que dificultam a sua implementação?) A estrada, que é o acesso, né? hoje lá a gente já tem um local que antes não

tinha onde as pessoas antes chegavam e não tinha um local de apoio hoje... (você foi para a inauguração da base física da rppn?) Eu tive um compromisso nesse dia, quem foi foi o secretário de turismo, Adeilson. Eu estou devendo essa visita ainda. Mas, Adeilson sempre vai lá, fala com Zezito, está sempre tratando das estradas. Inclusive a gente foi prá uma reunião em Cupira, no hotel fazenda e Adeilson propagou muito a reserva, tirou umas fotos lá, na Pousada Lar da Glória, muito bom ali. Na reunião teve várias cidades que se reuniram lá nesse dia e Adeilson mostrou a reserva e todos que estavam lá ficaram encantados. (as ações articuladas em rede poderiam então contribuir?) É. Aí a gente tem o acesso, um acesso melhor prá ficar mais fácil porque hoje prá gente chegar lá na reserva se usa as toyotas, eu acho que hoje fica entorno de R$150,00 prá chegar lá na reserva e se tivesse um acesso melhor você poderia ir em qualquer carro, hoje tem as toyotas prá poder chegar e no inverno realmente o acesso é muito difícil (e o ICMS, como poderia contribuir?) É. A gente teria que saber qual o valor destinado prá gente poder ver né? eu hoje, até hoje a gente nunca sabe o valor que realmente vem destinado prá reserva. Eu sempre debati isso que é prá poder a gente saber o que que a gente pode (a prefeitura não identifica?) Não identifica, Adeilson até quer ir no local prá poder a gente ver o valor que Adeilson sempre bate nisso. (se hoje houvesse recursos para um plano de ação, que ações seriam mais importante?) O acesso é o mais importante, depois do acesso, a divulgação (seria também a infra estrutura né?) É. Até porque hoje já tem um espaço lá e assim (e mais o turismo?) É. O turismo sem sombra de dúvida, por que qual seria o objetivo? É que as pessoas viessem visitar Lagoa dos Gatos, visitasse o espaço cultural que é esse museu, visitasse o artesanato e depois fosse até a reserva. O espaço cultural já está instalado, no qual a gente já tem todo o nosso município, onde a gente mostra... (onde é?) Aqui em frente, é uma casa antiga, mostra a história de todos os prefeitos que já passaram pela cidade, todos os vereadores, jogadores de futebol, padres, então retrata realmente a história de Lagoa dos Gatos, então quem chega realmente se encanta com a casa. São dois professores que fazem a história de Lagoa dos Gatos, a professora Elisabete Luna e o professor Fernando Moura. Eles foi quem fizeram esse trabalho e a prefeitura apoiou prá que eles fizessem esse espaço cultural. Depois do espaço cultural, vizinho, a prefeitura dá apoio ao artesanato onde a prefeitura paga o aluguel para que essa casa seja para os artesãos da cidade fazer seus trabalhos e lá colocarem prá se vender. Então quem chega de fora que vai na cidade vê vários artesãos que você pode levar uma lembrancinha da cidade, tipo um gato como chaveiro da cidade, tem vários trabalhos. (e o museu?) O museu é esse, o espaço cultural , o próprio espaço cultural. (fora isso teria a RPPN?) É, porque a gente tem uma lagoa, mas, a nossa lagoa precisa muito ainda para atrair a gente não tem o atrativo. É um desejo muito

grande que eu possa realmente realizar, como gestora do município, é transformar aquela lagoa em ponto turístico. (e recursos?) O nosso município hoje a gente só recebe recursos hoje prá saúde e educação, porque a gente sempre tá no CALC, aí a gente não consegue, então prá que a gente possa fazer um trabalho ali na Lagoa era preciso a gente ter realmente uma condição que a gente pudesse, porque tem que arborizar, que iluminar, (...) a gente já tem o nosso projeto, a gente já tem, faz tempo que a gente tem o projeto, só não tem o dinheiro prá executar. É um projeto muito bom, muito bonito, sabe? A gente tem uns quiosque, na qual a gente precisava ali na Lagoa, a gente tem todo um projeto voltado prá lagoa, todo arborizado, iluminado, uma academia da cidade lá, a gente tem todo esse projeto agora o que falta é recurso (o que você acha que quem poderia pagar isso?) Quem poderia pagar isso tinha que vir uma verba assim federal (quem poderia ser os parceiros?) É porque com o CALC que a gente tem ele não tá limpo, a gente tem um CALC sujo, então fica difícil a gente conseguir recursos, porque se a gente tivesse, por exemplo a secretaria de cultura e turismo, se a gente tivesse recursos que a gente pudesse investir lá, mas, infelizmente a gente não tem, a gente tem saúde e educação aí se torna difícil porisso, porque ali se torna realmente de um grande projeto prá gente poder ter um grande projeto, um projeto a gente tem, aliás, precisava realmente de verbas. (parceiros, fora o governo federal você vê mais algum?) Não, ... só te tivesse assim, uma ONG né? patrocinadores tipo... seria o que? A Natura por exemplo, algo assim né? PETROBRÁS, que pudesse investir. (mas, já houve alguma abordagem prá isso?) Não. A gente viu um projeto que... janelas.... para o rio, um projeto que tem, mas, falta documentação, porque eles pedem toda documentação da lagoa, tudo aí a gente tá tentando ver se a gente consegue. (mas, é recurso de onde?) É uma ONG. Janelas para o rio. Aí eles procuram uma cidade, onde tem uma lagoa, tipo aqui assim, uma lagoa na cidade prá poder ver se faz tipo assim, um parque ecológico. (que estratégia mais em relação a um plano de ação?) Não, acho que a gente fica assim, só aguardando que a gente possa sair do CALC prá poder a gente ver se... (tem prazo prá sair do CALC?) Não, porque são vários. Vários débitos, não tem prazo porque já vem de gestões passadas aí se torna muito difícil, a gente consegue sair de uma, mas, não consegue sair de outra, ou seja, faz tempo que a gente luta, mas, não conseguiu, aí a gente ia recorrer ao governo federal prá que a gente pudesse ter realmente nosso projeto ser executado, (você tem articulação com outros municípios?) Não. Tem não. (dentro do seu plano para a próxima gestão, que açoes voltadas para a questão ambiental, você sugere?) Já pensa em fazer algo pela reserva para que a gente possa, o acesso a estrada, para que a gente possa... é falho isso aí a divulgação também para que a gente pudesse ter uma divulgação melhor, para que a gente possa realmente ver a nossa reserva mais divulgada.

(alternativas de trabalho e renda...) Foi antes do concurso, é porque assim, o nosso projeto para que a gente possa ver a população ter uma profissão, tipo costureira, tipo artesanato, então a gente procura curso profissionalizante que a gente queria ver, porque a gente tem a cidade vizinha que é Cupira e Cupira é uma tendência muito grande para fabricos, tipo fundos de quintal, e lá existe realmente fabricos, tipo assim, fabricos de confecções de bolsas de bebe, de jogos de sofá e várias assim... artigos infantis, e a gente aqui em Lagoa dos Gatos não tem ainda tendência justamente prá que a gente possa assim ser uma Toritama uma Santa Cruz, prá investir, prá atrair, prá investir no nosso comércio, tipo assim, a gente vê Santa Cruz ele é a malha, a gente vê Toritama, é o jeans, a gente vê Cupira é as coisas prá criança, prá bebê, enxoval, lá assim tem muitos fabricos e agente em Lagoa dos Gatos queria ver se a gente fazia cursos profissionalizantes para ter mão de obra mais barata e o pessoal saísse de Cupira prá investir aqui em mão de obra, a gente pudesse ter mais costureiras para investir aqui em mão de obra, porque em Cupira a gente não encontra os jovens nas calçadas, nas praças porque eles estão trabalhando e a gente aqui não tem trabalho que seria a gente investir nos cursos profissionalizantes para que ele pudessem aprender a costurar mas, a gente não tem essa tendência. (e as pessoas que saíram da prefeitura, foram embora ou estão aqui?) Não, as pessoas que saíram elas estão assim, sendo feirantes , aqui tem uma tendência muito grande para feirantes, outros fizeram outros concursos, porque depois do concurso elas foram estimuladas a fazer outros concursos ... ou em outras prefeituras. Lagoa só fez um concurso mas, tem gente aqui que passou prá Tamandaré, tem pessoas que passou para outras cidades que fizeram o concurso. Então, as pessoas ou são feirantes ou estudaram para outros concursos. Mostrando a eles que não poderiam jogar o lixo fora, mostrando a eles que a gente tem uma lagoa ali onde as pessoas jogam garrafa pet, onde as pessoas jogam realmente lixo na lagoa, então tinha que realmente ter um trabalho educacional nas escolas para que a gente pudesse melhorar o meio ambiente e eu acredito que só melhora o meio ambiente com educação. E essa educação a gente tinha que trabalhar ela nas escolas onde as crianças pequenas pudessem chegar em casa e dizer ao pai e a mãe que não podia jogar o lixo fora que tinha que preservar o meio ambiente, então começa tudo com educação, então eu acredito que o investimento seria esse, nas escolas, para que a gente pudesse... (O CENTRO DE EDUCAÇÃO AJUDAVA?) Ajudava muito porque os jovens iam prá La e realmente eles faziam aqueles passeios e a reserva as pessoas tinham sempre informações sobre o que é a AMANE sobre o que é SAVE, sobre o que é a mata, a reserva, então eu acho que tudo começa na educação então, tudo seria um trabalho educacional.

15. ENTREVISTA CC

Atualmente não estou vinculada a nenhuma Organização Não Governamental e no período do Pacto também não, participei entre esses dois momentos. Na AMANE de 2009 a 2014, 2014 isso. (qual a missão da AMANE prá você?) A missão da AMANE é a proteção da mata atlântica, mas, a proteção da mata atlântica passa pela pelo empoderamento social dos grupos, todos sociais que estão no entorno, né? porque é sistêmico e eu diria que a missão da AMANE, não pelo que eu me lembro do que está escrito, mas, pelo que eu me lembro da gente fazer, então, passa por uma educação, uma reeducação das pessoas com relação ao que seja essa mata atlântica na nossa vida assim. A missão dela foi muito fazer a gente compreender o que é isso, e aí por isso é proteger a mata atlântica no final das contas, com isso ... reeducar a gente para o que é, o que significa a biodiversidade. A missão da AMANE foi esta. (o que você acha dessa missão e como ela podia ter sido melhor?) A missão em si, não sei se é o caso, né? ela ser melhor, mas, o que eu acho isso como missão, como meta, é é... faz sentido, é relevante porque pensa assim que iria proteger a mata atlântica pensando o que significa isso para a vida dos seres humanos e prá vida como todo é uma boa missão, agora o que significa isso em termos de concretização dessa missão é ... ela foi possível porque se a gente pensa que... as vezes a gente pensa que não conseguiu proteger a mata atlântica porque não... ainda tem desmatamento, mas, a gente sabe hoje o quanto... quantas pessoas já sabem o que significa isso, mudaram sua relação com esse bioma. Efetivamente quantas áreas, quanto foi plantado, o que foi feito, então é uma missão que faz sentido, que tem uma relevância e que a gente conseguiu alcançar muito dela. (de que maneira essa missão está inserida na sua vida, se coaduna com a sua missão de vida?) Sim. Essa missão ela coaduna com a minha missão de vida, mas, eu nem sabia direito. Porque eu fui uma das pessoas beneficiadas em termos de entender esse lugar da mata atlântica na minha vida. As vezes a gente pode... e eu tinha, imagina, eu tinha essa ideia né? de que a mata atlântica é uma paisagem, uma mata que tá ali fora e tu não tem a noção dessa biodiversidade, desse bioma no sentido sistêmico disso. Então eu já tinha uma perspectiva de que se eu pudesse fazer alguma coisa prá contribuir, prá proteger, prá cuidar da natureza, mas, depois que eu trabalhei com a AMANE, que eu fui entender o que significa isso, que a gente vai vendo todas as nuances disso, principalmente, claro, eu vou falar muito da minha área, não tem como não, mas, como eu não sou uma engenheira florestal, uma bióloga, o que eu mais vi de proteger a mata atlântica teve haver com o que eu entendo mais que é, as pessoas que estavam ali no entorno, a mudança da relação delas com esse bioma, com essa mata atlântica. Então isso faz parte,

isso coaduna, isso faz parte da minha vida porque para além de proteger a mata a gente tá cuidando da vida, né? a gente tá cuidando da vida como um todo, a gente tá com isso, melhorando a qualidade da vida da gente, só em entender melhor o que é a gente já mudou a qualidade da vida, não é? e esclarecimento é uma forma de melhorar a qualidade de vida, perceber né? Como isso está inserido então faz, tem muita relação mesmo com minhas metas pessoais de vida, no sentido agora de proteger a natureza mas, no sentido de ter o entendimento do que significou e do significa essa mata como um elemento sistêmico na vida da gente assim. (que atividades e projetos você esteve envolvida na AMANE?) Que atividades desse projeto é... eu tive no projeto do pda, projeto de capacitação de gestores de Unidades de Conservação, onde eu assumi uma das disciplinas que formavam o curso de capacitação, numa certa medida contribui com a coordenação do projeto, no sentido... de coordenação pedagógica,no sentido da gente eee... propor, planejar a sistemática, acompanhar o trabalho e coordenar pedagogicamente, né? e, no monitoramento também, assumi o monitoramento dele, né? e depois na sistematização do projeto, a gente tem um..., como um dos resultados, a gente tem uma publicação, que não só narra como foi o percurso, podendo talvez se constituir em um elemento para outras pessoas também aprenderem a desenvolver outros projetos mas, apresenta um pouco do que a gente fez, dos resultados e elementos epistemológicos, porque a gente tem... acabou também desenvolvendo metodologias, né? nesse PDA Capacitação. E... é um dos melhores, uma das atividades que mais marcou a minha trajetória profissional, foi muito enriquecedor. (QUAIS as principais dificuldades e oportunidades desse trabalho na AMANE?) Dificuldades do trabalho com a AMANE ou com a Organização Não Governamental? Gostaria que a pergunta fosse com a Organização Não Governamental porque... é um trabalho... quando a gente trabalha como consultor aí eu... não dá prá dizer com a AMANE, com a AMANE eu não tive dificuldades porque foi uma oportunidade de aprender, entrar numa área que não é especificamente minha, aprender prá caramba sobre uma área, sobre biodiversidade, sobre outras áreas, aprender em termos de relacionamento, não só com os pares, com as pessoas queridas com quem eu trabalhei, mas, aprender a dialogar com a alteridade, eu tinha que dialogar com pessoas que representam ideologias que a gente não concorda, né? eu aprendi muito né? com Dorinha ensinando como a gente lida com aquele que não sou eu... então, com a AMANE eu agora não tou conseguindo lembrar de uma dificuldade. Mas, trabalhar como consultor, é, as vezes gera uma insegurança na gente, porque a gente tem não sei se é uma ilusão, mas, a necessidade de ter algumas garantias, eu, muitas vezes sofria porque gostava do trabalho mas, sentia que precisava de alguma coisa que eu tivesse a sensação, mais estável, a sensação de segurança. A

dificuldade que eu pessoalmente tive de ser consultora era o receio né? dessa coisa da estabilidade e tal. Mas, a AMANE me proporcionou esse aprendizado e é uma sensação boa estar numa equipe de trabalho onde todo mundo está imbuído não é em todo lugar que a gente trabalha assim e outra questão importante que eu queria ressaltar é a... o comprometimento assim né? tem uma ética do cuidado e do envolvimento das pessoas com aquilo que está muda o trabalho e que não tá muito fácil da gente encontrar em outros ambientes de trabalho. Então, não estou me lembrando agora de uma dificuldade, eu poderia dizer que, como eu sou de outro Estado e tem já uma estrada percorrida, eu podes vezes eu tinha a dificuldade dos deslocamentos... a gente quer as vezes um pouco de sossego. As dificuldades prá mim foram um pouco essas, mas, nenhuma no trabalho. Sim, e aí eu não sei se é isso que tu pergunta, nós, enquanto grupo, tínhamos muitas dificuldades né? porque a Organização Não Governamental ela enfrenta um desafio prá fazer seu trabalho, né? toda uma conjuntura. Nós não temos uma conjuntura da colaboração e a ONG é da colaboração, então se é também essa a pergunta, então não foi eu... Uma ONG que atua com direitos fundamentais com meio ambiente com empoderamento social ela enfrenta muitos desafios, porque o ecofator não é positivo lá fora, né? (como o seu trabalho poderia ter sido melhor?) Talvez esses fatores que eu listei há pouco, né? dos receios, da falta de estabilidade, e desses deslocamentos me colocassem num lugar em que eu não dedicava muitas vezes talvez o tempo, a presença que uma pessoa que estivesse ocupando o papel que eu estava ocupando tivesse que dedicar, então acho que poderia... em muitos momentos eu avaliava assim que eu poderia ter contribuído mais, dado mais, e essas circunstâncias me faziam talvez deixar algumas coisas em haver assim. E fazer com que muitas vezes meus colegas que estavam aqui cobrissem. Então eu acho que a agente poder ter feito melhor, né? Essa é uma avaliação possível, a outra, eu estava entrando também em uma área que é multidisciplinar mas, que predominava as áreas que eu tive que aprender, então, ao entrar eu fazia um esforço para entender a linguagem, aprender... e é bem possível que o tempo que eu usava para aprender, o grupo que já sabia, ficava me esperando, então isso podia ter sido melhor. Enfim, agora que eu consiga me lembrar, acho que esses dois pontos me vem do que poderia ter sido melhor. (qual a colheita principal, o que a sua atuação na amane deixa para a sua vida.) O aprendizado da... tem tantos aprendizados que eu podia dizer os aprendizados das questões que nós trabalhamos, eu aprendi o que é Unidade de Conservação, eu aprendi o que é que é biodiversidade. Porque pode parecer louco, porque quando eu vou prá AMANE eu sou uma doutoranda, filósofa, educadora, eu não sabia o que era Unidade de Conservação, não sabia o que era Mata Atlântica, sabia o que era, mas, não sabia, não fazia ideia do que era. Não sabia o que era biodiversidade, o sentido disso. A

gente sabia o que era, mas, não sabe. Então, poderia dizer isso, mas, tem um outro aprendizado ali das relações interpessoais e que foi muito válido e que eu estou levando hoje num outro trabalho. É... isto que eu mencionei antes, que Dorinha ensinou prá gente o tempo todo né? que o diabo engendra o bem, não vou esquecer dessa frase nunca, e que, a primeira vez que eu ouvi, eu me assustei, né? mas, entre... abre aspas porque é frase dela e isso me ensinou a lidar com a alteridade, eu pensava que a alteridade era que não sou eu, mas, não, porque quando eu encontro alguém que não sou eu mas, que eu tenho afinidade, isso é uma identidade, alteridade é aquele que me desafia e eu aprendi na AMANE a fazer isso, porque eu não... eu simplesmente deixava no vácuo, a gente não precisa perturbar o outro mas, vai embora. E eu aprendi na AMANE a não ir embora, a ficar ali. Isso foi um aprendizado e é incrível como esse aprendizado eu estou usando nesse meu outro trabalho. Se eu não tivesse aprendido isso, talvez eu não estivesse hoje me sustentando nessa nova atividade. Outra aprendizagem da AMANE que é incrível como estou usando hoje, eu aprendi a fazer projetos na AMANE e ainda faltou, falta tempo, tem que ter outra AMANE, porque a parte financeira eu não aprendi tanto e os projetos que a parte dos projetos onde eu fui bem foi o que eu aprendi na AMANE e a parte que eu reprovei atualmente em projeto foi essa partezinha financeira que me faltou, que a gente era um trabalho de equipe e a outra pessoa fazia a parte financeira e eu não sabia fazer um projeto prá gente captar um recurso, aprendi na AMANE. E aprendi na AMANE a fazer aqueles textos prolixos e Dorinha dizia: escreva isso em três linhas e já tá bom, as pessoas precisam entender. Hoje se eu não tivesse conseguido fazer isso eu também não tinha nem entrado onde eu tou porque ninguém quer ficar discutindo hoje o sexo dos anjos, a gente quer entender e eu aprendi a fazer isso na AMANE. Então, tem muitos aprendizados, o aprendizado da relação interpessoal, o aprendizado da aceitação, que é uma maturidade e o aprendizado de escrever projetos, saber o que é captar recursos o que que interessa dizer, entender isso que é uma forma de tu... é análise, síntese, é Gestalt isso. Então a AMANE ensina coisas que eu já sabia na filosofia teoricamente, mas não sabia na prática e a AMANE me ensinou na prática. Muitas coisas, mas, me veem algumas delas agora. (como você avalia as ações do pacto murici, na amane (relembro o pacto murici) Eu participei de algumas reuniões é... como eu avalio essa relação, né? Primeiro é interessante pensar que, então, se não tem o Pacto não tem a AMANE. Acho que é importante dizer que já tem aí algo, né? de significativo na relação. Mas, a AMANE talvez não seja... ela é um braço do pacto ela no fim se torna o Pacto na prática, na realidade, o pacto pode ter ficado como uma ideia e a AMANE foi a possibilidade de concretização e que gerou um desdobramento, se eu conheço um pouco, conheço consideravelmente muitos projetos que a AMANE executou nesse

período que eu tive lá. Talvez eu não tenha tanto domínio do Pacto assim, mas, com certeza a sensação que eu tenho é que a AMANE é uma concretização de uma ideia que é o Pacto. O Pacto eu acho que ele fez uma avaliação muito pertinente. Ele identificou uma demanda necessária, fez uma identificação e a AMANE foi lá prá colocar em prática as necessidades dessa demanda assim, né? E aí o Pacto ajudou em termos de conselho, o Pacto ajudava em muitos sentidos, aconselhava, ajudava talvez a tomar as decisões, mas, muitas vezes a AMANE, ela como uma criança, que a gente sempre usava essa metáfora, né? filha do Pacto, ela tinha que ser tão adulta prá esse pai e mãe do Pacto. Porque a AMANE era uma criança adulta, que fazia muita coisa quase só e que fez muita coisa. Então ela era muito autônoma, independente, ela tinha que se virar porque se ela esperasse pelos conselhos, tenho a impressão que ela não teria feito muitas coisas que ela fez. Então, ela é uma criança que se virou muito cedo, ficou adulta antes da idade da maturidade. (o que poderia ter sido melhor - o pacto era uma instância política que subsidiou a criação da AMANE e ficou de alguma forma dessa situação, o conselho apoiando e cerceando, trazendo a AMANE para uma realidade possível) É... Então tá, porque um coisa é apoiar e cercear, acho que os pais fazem muito bem isso. E isso é bom. Cercear é bom. Todo mundo precisa passar pela castração, pelo cerceamento. O problema não é quando apoia e tá no momento de cercear. O problema é quando as vezes não comparece então é uma estrutura política, mas, uma estrutura política ideológica que pensou alguma coisa e o Pacto enquanto conselho, enquanto órgãos que constituíam este conselho. A minha percepção é que em algumas vezes ele talvez se tivesse uma... algumas vezes ele pudesse **ter atuado mais junto** com a AMANE. Acho que o problema não foi cercear, foi algumas vezes uma falta, eu sinto isso, uma falta assim, então, não por a AMANE, em alguns momentos, ser frágil, pequenininha, que precisasse, mas, por uma visão sistêmica das coisas. Então, as vezes, esses que são maiores, tem mais tempo do ponto de vista sistêmico, tem coisas que tu não faz sem a rede, sem a conexão e quando falta aquele ponto da conexão, tu pode ser grande ou pequeno, é algo que só seria feito com a conexão e que algumas vezes eu sentia falta dos pontos de conexão do Pacto e a gente tudo bem, porque coincidiu com a AMANE, nesse momento, ela não está tão atuante, que é assim que eu vejo, né? não consigo dizer que a AMANE fechou, a AMANE não está atuando agora, acho que isso pode acontecer tantas coisas mas, coincidiu que, neste momento ela não esteja muito atuante porque nós estamos aí com uma ... uma crise mas, será que é só isso? Será que essa necessária conexão desses pontos da rede que muitas vezes não houve também não fez que tivesse que congelar as ações por um tempo? Faltou, eu sinto que faltou muita escuta do Pacto, faltou escuta, faltou vir ver, faltou estar aqui e não é por nada né? a AMANE está numa

região do Brasil que historicamente ficou na falta, em muitos outros setores. O nordeste... acontece isso com o nordeste né? e ele precisa desses outros pontos, então eu vejo um pouco assim. A AMANE se desdobrou até, né? prá suprir quando a gente não tinha esses pontos de conexão prás atividades que fazia, que é sistêmica, precisaria. (que contribuições o pacto e a AMANE, em seus dez anos deixa para luta de proteger a mata atlântica e outros biomas?) Primeiro, ações bem concretas, né? ações de conservação que aconteceram em alguns lugares, ações de... a ação educativa de meio ambiente, educação ambiental, ação educativa do que é conservação é um legado assim que a AMANE deixa. A gente enxerga isso porque têm produtos concretos, a gente tem publicação, muitas pessoas usam os livros da AMANE. A gente que trabalhou com a AMANE recebe feedbacks até hoje da publicação da AMANE, né? O livro é usado em disciplinas nos cursos de pós graduação. Eu tenho uma disciplina de Direitos Póliticas Públicas e Meio Ambiente e Direitos Humanos que ahh... num dos conteúdos é usado todo o livro dividido em capítulos e os alunos fazem trabalhos, né? e depois isso dá desdobramentos porque eles vão procurar o material e entregam feedbacks que estão entendendo questões que não entendiam tanto do ponto de vista de explicação do que significam os conceitos que trata toda essa conservação da biodiversidade da mata atlântica, como a AMANE ensinou metodologias, né? AMANE ensinou metodologias de educação ambiental, de agrofloresta, de permacultura, de comunicação não violenta, então a AMANE ela atuou multidisciplinarmente e se encarregou de fazer algo que todo mundo devia fazer do meu ponto de vista que é... por isso que publicação é importante porque taí... a AMANE está provisoriamente sem atuar, mas, ela está atuando porque cada pessoa que lê o material da AMANE, ela está atuando né? então ela deixa isso, deixa essas áreas que foram preservadas e, esta pesquisa que está em curso , que a gente está conversando sobre ela, ela pode mostrar o que aconteceu com as pessoas que passaram pela AMANE também. As pessoas que se encontram né? em situações sociais mais vulneráveis e que hoje relatam que conseguem ter uma outra noção da vida, das coisas, se comunicar de forma diferente, trabalhar de forma diferente, isso a gente chama de empoderamento, então eu acho que ela empodeirou, e as pessoas que não se encontravam nessa situação de vulnerabilidade, os próprios técnicos, né? os profissionais da AMANE. Há pouco tempo eu falava, muitos de nós, hoje o que a gente faz, o nosso trabalho, a gente faz porque aprendeu na AMANE. Esse é o verdadeiro curriculo, esse é o verdadeiro curriculo. Então, a AMANE deixa esse legado, esse currículo de aprendizagem para esses profissionais que trabalhavam com ela, deixa as redes que se formaram com esses profissionais, tem uns que estão trabalhando juntos até hoje, deixa essas publicações aí e quantas pessoas estão desdobrando essas metodologias e deixa esse

empoderamento social, fora os reflorestamentos. (você participa de outras redes?) Redes como a gente tinha não, mais sistematizadas com na AMANE, que eu me lembre agora, não. A gente está vivendo no formato de redes, né? Hoje no trabalho, cada grupo de discussão, cada grupo de pesquisa, cada grupo de sala de aula formou uma rede, então essas redes eu tenho participado, mas, a rede que a AMANE projetou né? e conseguiu organizar com esses grupos de gestores ela foi uma rede formal mesmo de atuação. Então não estou participando de uma assim. Que ações em rede você participa e como você usa as redes no seu trabalho? Eu acho que prá mim é uma pergunta bem tranquila de responder. Hoje, por exemplo, no lugar que eu vivo, que é Aracaju, Sergipe, a gente tem uma atuação né? muito voltada à agroecologia, por exemplo e agente faz um trabalho em rede porque um grupo atua oferecendo uma assistência técnica para os agricultores e um grupo paralelo atua tentando fazer o escoamento dessas pessoas e um grupo paralelo dentro de um mesmo grupo de uma rede atua fazendo a divulgação, da venda do produto, aonde eu me insiro no momento, da venda do produto desses agricultores, porque o que a gente quer no final das contas também é que eles não só produzam mas, que eles escoem o quando eles estão com os produtos na cidade que eles não voltem prá casa com o caminhão cheio, porque senão a gente vai abortar o processo né? e isso está acontecendo por causa da rede. A rede tem sido fundamental prá isso porque, é incrível né? como e... a rede no sentido de ter uma rede de pessoas, física, mas, a rede no sentido virtual ela tem contribuído muito né? prá divulgar isso, prá gente chamar mais pessoas, prá conscientização disso e isso num aspecto e no aspecto do ensino, da pesquisa, que eu sou professora hoje, trabalho com pesquisa, a gente também atua em rede, é impressionante como ela facilita a discussão dos temas, tu propõe uma questão prá te pensar na rede, as pessoas vão e tu distribui na rede o que é prá ler e estudar, aí as pessoas estudam e aí tu discute nessa rede. Quando tu chega in loco, fisicamente, presencialmente, tu tem um avanço do trabalho que se não fosse a rede tu não teria. A rede ajuda, contribui. (que ações são mais efetivas em rede? qual a importância das redes para as conquistas ambientais?) Que ações são mais efetivas em rede? A questão ambiental ela é uma questão que pede uma rede, né? ela é de natureza... ela é de natureza de alta complexidade, é um direito difuso. Ela é um direito difuso. Dizer que é um direito difuso ela já pede uma rede né? porque uma rede ela te... é invisível também e ela é de uma infinita possibilidade a rede né? Então, vai abrangendo todos. Então a questão ambiental pede redes assim. Redes agora, eu falando me vem a coisa hoje da tecnologia e tal mas, eu também tou pensando em redes que é essa coisa de tu ter muitos atores envolvidos de que o tema é multidisciplinar, falar de meio ambiente hoje tu precisa conversar com as pessoas de diversas áreas e isso em si é uma rede, né? Então,

principalmente isso, tu poder olhar pro fenômeno que a gente tá olhando, seja uma questão de reflorestamento, de conservação, de agricultura familiar, de agroecologia, tu precisa de profissionais de muitas áreas prá conversar então tu precisa desta rede físico e depois hoje. Aí eu repito, acho que vou me repetir aqui essa divulgação essa disseminação de um conteúdo, ela... Aí a rede também do virtual ela tem facilitado muito assim. Não sei se é isso que tu tá perguntando. (no caso da importância da rede nas conquistas ambientais.) Ahh, pronto. Isso me lembrou o documentário que comentávamos ha pouco. O Belo Monte. Isso me lembra desses episódios ambientais, catastróficos assim ... que infelizmente a gente tá vivendo num contexto que, embora tenhamos, pessoas e ministérios públicos atuantes, embora tenhamos, eu vejo que a gente ainda tem políticos sérios, eu vejo isso, mas, o contexto não está muito fácil né? Em termos de meio ambiente não é a maioria, então a rede é que tem funcionado né? Porque quando a gente tem um problema como o Belo Monte, um problema como o que aconteceu esse desastre ecológico último, enfim, tu fica, o cidadão, o sujeito fica se sentindo impotente porque ele não tem a quem recorrer. Quando tu tem que fazer uma denúncia ambiental, quando tu quer, quando tu tem uma ação que tu quer prevenir se tu não conseguir de outra forma, a rede muitas vezes ela inibe algumas ações que a gente não tá conseguindo inibir pela força da lei , tanto porque de novo porque ahh de novo diversas cabeças pensam, muitas pontinhos ligados, é sistêmico, é multidisciplinar tanto por isso quanto pela velocidade que a rede faz o conhecimento circular e as vezes a gente precisa disso, então, a rede tem, a gente tem conseguido inibir algumas ações relacionadas ao meio ambiente, muito mais por causa das redes do que pela força da lei. (quais os problemas mais graves que dificultam a implementaçã das unidades de conservação do corredor da mata atlântica do nordeste?) Ah... essa eu tenho algumas ideias porque a gente perscrutou isso quando a gente foi sistematizar o trabalho pra publicar a gente ouvia as pessoas assim e eu me lembro da sistematização como hoje assim, então, o principal problema é a falta da noção sobre o que seja a Unidade de Conservação. As pessoas não tem noção do que seja não tem noção do que seja, não sabe da importância, e isso leva ao... senso comum, senso comum não das pessoas consideradas senso comum, imaginário não é? De que a Unidade de Conservação é um obstáculo as vezes, ela é o empecilho, ela é o problema, por uma falta total do entendimento do que seja a importância de delimitar essa área e criar condição de proteção, de cuidado dela. Isso é um fator, o outro fator é a gente... a precariedade dos setores de meio ambiente no Brasil, assim. Porque em geral as Unidade de Conservação elas devem ser gestadas por todos, por isso um conselho gestor, tudo bem, mas, ela tem o representante das áreas ambientais, isso é fundamental. E agente... por mais que as vezes, por mais que aquela pessoa tenha vontade de fazer o trabalho, só vontade

não adianta, tu precisa estrutura, aí a precariedade, a falta de estrutura tem dificultado muito a implementação das Unidades, a exemplo, tu delimita a área e muitas vezes leva muito tempo para ela ter o plano de manejo. Muito tempo prá ela ter um conselho, aí ela tem um conselho, como não basta tu formar o conselho, esse conselho precisa ser atuante porque... pra isso ele precisa de um processo contínuo de formação e aí a gente precisa da ação da comunidade que se fragiliza por causa da falta da noção do que quer, uma educação precária como um todo, mas, a gente tem também paralela a isso a atuação desses setores que também daí tem dificuldade de atuar e não pela falta de vontade das pessoas que estão lá necessariamente, mas, a estrutura é muito precária. Não tem vontade política de que isso aconteça. (quais as ações, articuladas em rede, elas podem contribuir na resolução desses problemas?) A gente precisa eleger melhor os nossos representantes políticos porque se falta vontade política tem que tá lá e tem esse compromisso. Acho que isso é importante pensar porque a gente trabalha num sistema representativo. Esse é um ponto. A gente precisa... a palavra não é boa, mas, a gente precisa bombardear as pessoas de educação, educação para conservação, educação ambiental, porque educação ambiental, educação para conservação elas são... elas são eixos transversais de educação, não é dar curso, é, por exemplo, tinha que ter propaganda nisso. Tinha que, nós tínhamos que informar, é como a educação para direitos humanos. A educação para direitos humanos o principal objetivo é fazer com que as pessoas entendam seus direitos assim e colocar isso como se faz propaganda, ao invés de fazer propaganda de creme dental, de cigarro, fazer propaganda do que seja isso, então, é essa educação que me refiro, quando a gente... se tivéssemos uma educação prá isso, nós teríamos uma outra visão do que seja essa área porque eu falei da necessidade de uma vontade política para que esse setor que é responsável pela unidade funcione, os setores ambientais mas, digamos que a gente tenha isso. Se a gente tiver uma população que tenha educação prá conservação e prá meio ambiente, também há uma depredação. Então nós precisamos... eu acho que, prá resolver, eu não sei se é resolver, né? Minimizar, mitigar esses problemas que eu listei tem duas coisas principais associadas que é uma atuação política e que é uma reeducação das pessoas. Esses dois elementos associados... e que a reeducação passa por uma educação política, a propósito, também né? Aí a gente teria uma área que é delimitada, a vontade política né? que passou... tem recurso para fazer plano de manejo, um conselho gestor e manter uma formação continuada e paralelamente, a gente tem por exemplo, as pessoas, a população, que passa a não ver mais aquilo como empecilho, olha, delimitaram agora eu não posso mais usar do jeito que eu gostaria, muitas vezes eu estou perdendo de ganhar dinheiro não usando, né? Uma pessoa muito individualista assim né? Então uma outra mentalidade para entender porque a

gente está protegendo aquilo ali e também reverbera prá quem não quer, inclusive. (dentro disso como essas ações em rede pode...) Então, por exemplo, não sei mas,... então, era um pouco o que eu pensei agora, que tu perguntou, digamos que, enquanto a gente não tem esse bombardeio educativo, a rede está fazendo isso. A rede educa e a rede pressiona. A rede cumpre um papel bem importante de pressionar. Aquilo que eu falava um pouco, hoje se tu não tem uma ação que tu precisa ter pela força da lei, tu vai ter muitas vezes pela pressão da rede. Ela inibe certas atitudes que... enfim, e a rede, além dela então, pressionar, a inibir, ela vai informa, ela mobiliza porque é importante pensar a metodologia das redes, então, se insere na metodologia das redes estratégias de sensibilização, desses sujeitos, atores que, com essas dinâmicas, essa metodologia, as vezes eles se dão conta de metodologias que eles não sabiam, não tinham pensado, e aprendem, estrutura, então ela tem essa possibilidade de pressionar, de inibir, isso é importante. Hoje, no contexto que a gente vive, de total falta de senso, bom senso, ela precisa inibir, precisa pressionar e aí, paralelamente fazer esse trabalho educativo. Quantas vezes os gestores se organizaram, porque todos somos um, né? Ou seja, juntos a gente consegue pensar estratégias que, isoladamente, cada um no setor não tinha conseguido pensar. Juntos pode-se fazer uma... chegar a conclusão que um setor tem um recurso que o outro não tem e daí e compartilhar. Então ela promove o diálogo, a comunicação entre os setores, tá provado que os setores individualizados são mais fracos, se esfacelam e ficam muito mais forte unido, em rede. A rede une também e isso fortalece as pessoas. Acho que também cumpre esse papel. (e hoje, a amane adormecida... se hoje a gente vai fazer um **plano de ação** para essa área focal murici urubu. que componentes e ações poderiam compor esse plano de ação?) Eu acho que... que ações né? a gente sempre tem que fazer um diagnóstico, mesmo a gente sabendo, saindo dali há pouco tempo, tem que voltar a fazer, tem que saber em que pé estão essas pessoas e em que estado está essa mata atlântica da região onde a gente vai trabalhar. Então, um diagnóstico, rápido, participativo que a gente chama do DRP é fundamental aí. Toda a ação prá gente não gastar recurso, tempo, né? toda a ação, prá mim, ela precisa estar obedecendo assim um diagnóstico, então tem que ter um DRP, um diagnóstico prá ver o estado da arte agora, a gente já saiu com um tempo, o que evoluiu, o que estacionou, as demandas hoje, então, isyo. E em cima do resultado disso, do que a gente enxerga aí um planejamento, que contasse com recurso, você sabe que recurso é fundamental, Um planejamento de ações porque a gente saiu a algum tempo desse lugar, nós estamos falando de um lugar que nós transitamos e, a gente tem uma ideia de coisas que nós deixamos ali e sabemos o que naquele momento havia ainda de demandas. A gente poderia pensar num plano a partir daquilo ali. Olha, vamos continuar da onde nós paramos, sabemos

por exemplo quais são os assentamentos que evoluíram, a questão da agrofloresta, e podia ter um plano nesse sentido, mas, a gente corre o risco de chegar lá e a realidade não ser essa, então, qualquer planejamento em cima de um diagnóstico que a gente faria. E não seria difícil um diagnóstico, porque não é um diagnóstico numa região que parte do zero, a gente... por exemplo, a gente podia primeiro fazer um levantamento do que nós temos, sistematizar, bem rapidamente o estado da arte da onde a gente deixou. Isso que eu dei o exemplo, quais são os assentamentos que tinham evoluído em termos da agrofloresta, em termos dos fogões que eles estavam fazendo né? o que, dentro das metas que nós fizemos, onde é que eles estavam nessa região. Aí a gente deixa isso ali e vai checar, daí o diagnóstico é mais rápido, mas, checar se é isso, porque a gente tem um foco né? E aí a gente faz um plano em cima do que a gente concluiu. Eu penso que é isso. (quais seriam os principais parceiros? como supor esses componentes e parceiros?) é... tu pergunta isso, dá um silencio, né?... porque vou ... talvez muito tendenciosa minha, o que me vem agora... tendencioso não mas, muito focado na minha realidade, mas, na atual conjuntura em que nós estamos né? pesada assim... eu acho que a pesquisa científica ainda é ainda é um parceiro, a gente fazer parceria com quem tá, por exemplo, dentro das universidades, que ainda tem um recurso prá trabalhar, condições de trabalhar. Acho é uma parceria assim, né? Mas, isso é mais no sentido dos diagnósticos, da pesquisa. A gente precisa de recursos financeiros sempre e eu fico me perguntando quem seriam os parceiros, a gente tá meio abandonado, o meio ambiente, a gente, o meio ambiente. Estamos assim, completamente abandonados. Pelo contrário a gente está assim numa conjuntura que não só assim abandonou o meio ambiente, mas, está trabalhando contra. Delicado eu falar nisso nesse momento porque estou meio... estou passando pelo que Paulo Freire chama da justa raiva. A gente tá com a justa raiva assim do que está acontecendo assim, a gente não está só abandonado, tem um boicote com relação ao que se faz, né? Então, é tão difícil confiar se a gente vai conseguir uma parceria seja de uma empresa privada, seja do governo, né? mas, não sei, a gente precisa ver. Precisamos de parceria financeira e ver quem tem, efetivamente, interesse em trabalhar em prol do meio ambiente e aí, infelizmente, vou dizer, seja interesse ideológico ou seja aquele interesse bem antropocêntrico porque é uma empresa que tá precisando fazer... tá valendo, se a gente tiver o recurso prá efetivamente trabalhar, teríamos que ver quem é que tem interesse, mas, que precisa parceria prá essa sistematização pesquisa e aí a universidade é uma boa parceira e precisa de parceria em termos de recursos prá gente implementar o trabalho mas, tem. Estou muito chocada com os últimos acontecimentos para pensar em termos de parceria, mas, tem. Parcerias quem sabe

fora daqui, se comova com o que está acontecendo no Brasil, né? Isso é uma possibilidade bem concreta. (pronto, tem mais alguma coisa?) Não. Eu quero agradecer a oportunidade.

16. ENTREVISTA – CFL

Eu presido atualmente o Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, vinculado ao Programa Mab da UNESCO. Aaaa. e... estou a bastante tempo nessa área, nessa instituição, sempre trabalhei com meio ambiente aí nas últimas décadas. E... a RBMA eu acho que sintetiza, pelos seus princípios em integrar a questão da conservação e do desenvolvimento sustentável e conhecimento com a gestão descentralizada e participativa como princípio eu acho que, de uma certa maneira, achei o meu nicho. Sempre acreditei nisso então, hoje prá mim a RB é hoje a referencia que inclusive define grande parte das minhas ações, não só na questão da conservação mas, no próprio desenho da minha vida atual. (pausa, a garçonete...) (Sobre o Pacto Murici, como foi a sua participação no Pacto Murici, como você avalia as ações do Pacto Murici na AMANE. Como poderia ter sido melhor. O Pacto se encerra com a AMANE ou ele continua? Se confirma, como tem sido e como seria.) Olha eu acho assim... Murici continua sendo uma palavra **simbólica** prá questão da proteção da Mata Atlântica, restauração da Mata Atlântica no Nordeste. Então, eu acho que talvez a principal contribuição assim, desse Pacto foi de ... Principais contribuições, primeiro que foi um exercício de integrar ações que eram isoladas de várias instituições e que o Pacto justamente permitiu isso, você cruzar objetivos, pessoas, instituições, cada um com seu perfil, inclusive, eram instituições, organizações não governamentais mas, que com interesses mais localizados, com o foco de cada uma bastante diferente. Então acho que foi um exercício primeiro de pensar como rede, segundo de ter uma visão acho que um pouco mais multidisciplinar, multifocal aí da questão da conservação. Eu acho que eu me lembre, ao menos, foi o primeiro... os projetos do Pacto, foram os primeiros que começaram a tratar aqui a questão do social com a questão da conservação da biodiversidade, de maneira integrada no nordeste e o outro aspecto, acho que chamou a atenção para a existência, em termos nacionais, da Mata Atlântica do Nordeste. Porque, assim, nas décadas de 80 e 90 a Mata Atlântica começou a participar do, vamos falar assim, se não ainda do conhecimento geral, ao menos do imaginário brasileiro sobre seus biomas. Porque antes se falava, praticamente da Amazônia, depois assim, das florestas tropicais, e, a Mata Atlântica ganhou essa coisa... mas, demorou ainda um bom tempo prá que fosse reconhecida, inclusive pelos próprios nordestinos e pessoas de outra região, da existência de uma importante Mata Atlântica no Nordeste. Muito reduzida, ainda muito ameaçada, vamos falar assim, com poucos fragmentos,

com exceção lá do sul da Bahia que era mais marcante, mas, então isso foi **muito graças ao Pacto Murici** eu acho que **essa importância, primeiro, não se perde,** certo? Segundo, o Pacto com a questão da participação, da coordenação pela AMANE, depois. Então, a AMANE é produto do Pacto, certo? Então, uma forma de organizar o Pacto, e dar uma identidade a partir de uma entidade local, porque a maior parte das entidades, com exceção da SNE eram... (...) e depois do CEPAN, no começo a SNE e depois o CEPAN, as outras entidades envolvidas eram de São Paulo, de outras regiões, né? Então eu acho que foi também um cruzamento que deu esse caráter nacional, e que algumas entidades inclusive, com perfil, ou participando de redes de caráter internacional, no caso da WWF, da RBMA, depois da BirdLife, com a SAVE posteriormente, então isso falou assim: ok, acertamos no sentido de falar, isso tem, é um movimento mas, o controle no sentido da qualidade, de prioridade, etc... deve ser dado a partir de uma entidade local, então, isso é uma contribuição. A AMANE ocupou um espaço muito importante, então o Pacto Murici, perguntando... ele morre porque a AMANE... Eu acho que não. Primeiro por boas e más razões, uma das razões é que, por exemplo, a gente não conseguiu implantar Murici (rsrsrs), apesar de um esforço enorme, propostas, projetos, articulações, etc, prá fazer o plano de manejo para implementar, etc, enquanto Estação Ecológica, no caso lá. Mas, eu acho que houve um trabalho muito importante com a questão da comunidade, talvez se não tivesse tido isso daí a área tivesse sido muito mais invadida, muito mais destruída e com certeza muito menos conhecida e divulgada. Então, eu acho que isso fica, quer dizer, está lá, então eles vão falar assim: ainda que pelo que nós não conseguimos eu acho que não pode morrer... O Pacto Murici nesse sentido e depois pelo lado muito positivo eu acho que é esse trabalho que foi plantado na região, também com Serra do Urubu, com a APA, etc .. Ele não se perde, ele está aquém do que todos nós gostaríamos, mas, tem sementes importantes plantadas, tem gente lá que... batalhar . O Brasil conheceu isso daí, teve uma parte de divulgação, inclusive com a mídia nacional, com televisão, etc tal assim... que chamou a atenção e colocou a Mata Atlântica do Nordeste **no mapa da conservação do Brasil.** Que contribuições o Pacto e a AMANE, em seus dez anos deixa para a luta de proteger a Mata Atlântica e outros biomas? Que efeito multiplicador e também, como poderia ter sido melhor? Um pouco retomando então o que estava falando, eu acho que essas contribuições todas, nada disso se perde, tem uma documentação importante, é como assim**, fez história.** A história não se perde, ela acaba servindo de referência inclusive para os novos, até para os que não surgiram ainda contam com essa referência. Como foi assim a FBCN, no Rio de Janeiro, etc... certo? Ok, então hoje não existe não está atuante, mas, ela ajudou a construir o movimento ambientalista, assim

como o Lutzemberg, está morto, mas, com a AGAPAN, ajudou a escrever a história e a influenciar pessoas. Então isso eu acho que talvez seja a maior contribuição. Nessa coisa de colocar a Mata Atlântica no mapa e segundo ela servir de referencia e ela fez história e essa história não se perde. Agora, como é que podia ser mais. Eu acho que houve um esforço muito grande, quase heroico mesmo, em parte às vezes querendo suprir as falhas de governos, muita coisa era governo que devia fazer e enquanto Pacto a gente tentou contribuir claramente prá isso e em parte pelo envolvimento da sociedade civil que ainda tem poucos movimentos, poucas ONGs, por exemplo tal assim. O que podia ter investido mais? Talvez se a gente tivesse investido nisso, vamos formar criado pequenas ONGs, um monte de semear aqui. Eu acho que isso foi, digamos assim, alcançado de outra escala com a questão dos gestores das Unidades de Conservação. Criou uma rede aí de pessoas que estão atuando, e que tem equipes, e que estão em pontos estratégicos, em áreas protegidas e em instituições, etc. Talvez a gente devesse ter investido mais em capacitação para novas ONGs, ou seja, deixar filhotes da AMANE. Esse é o caso de, por exemplo, da SOS Mata Atlântica eu tenho... agora parei de insistir (rsrsrs) mas, que eu acho também, como é entidade grande tinha, vamos falar, uma das missões importante que pudesse ter, era apoiar para que o movimento tivesse mais filhotes na região, então isso era uma coisa que, talvez, se fosse para trabalhar hoje, eu diria que vamos investir nisso daí, né? E digo assim que, na semelhança do que foi feito com a questão dos gestores das Unidades de Conservação, então agora, isso tudo a gente tem de colocar no contexto do nordeste. A Mata Atlântica do Nordeste não é só diferente pelas espécies endêmicas que tem, é pela história, pela política, pela... pelas, digamos assim, pelas fortalezas, em muitos casos e muitas fragilidades, do ponto de vista institucional, certo? Então assim, ter a capacidade de articular isso, e com muito pouco recurso. É... um desafio gigantesco, né?. Então, acho que isso foi feito o que era possível ser feito.Eu não acredito que, naquelas condições que tínhamos, o conjunto das entidades, foi feito o que podia ser feito. Então, daria para fazer mais se tivéssemos outras condições. Seja financeira, seja de estar ocupando postos chaves na política, ou no setor empresarial local e assim por diante, mas, nós estamos lidando com uma complexidade socioeconômica e política muito forte. Então eu acho que a gente conseguiu até avançar bastante nesse sentido. Você participa de outras redes e quais ações são mais efetivas em redes? Qual a importância das ações em rede para as conquistas ambientais? Então, o trabalho em rede eu acho fundamental é... e em especial em dois campos: um que é o campo político, quer dizer, uma coisa de questão de políticas públicas, isso por que, porque em redes você consegue mobilizar muita gente, muitas instituições de uma maneira relativamente fácil, na hora que você está falando uma linguagem comum, ou seja você

compõe uma rede que existe ali, então isso dá muita força nesse sentido, então para um trabalho de ação política, muito mais difícil quando você vai trabalhar com projetos, por exemplo, que implica em recursos humanos, recursos financeiros, gestão de projetos, etc, tal assim, é sempre mais complicado você trabalhar em rede, porque a rede, ela para funcionar ela tem que tá sendo pensada o tempo todo como rede não como somatório de entidades e, as entidades também precisam sobreviver, tem as suas prioridades, tem as suas necessidades, então, existe no campo das políticas públicas talvez o ponto mais rico. Outro é na questão de capacitação, não é? Então assim, a troca de informações, o intercambio de experiências. O campo do conhecimento você enriquece brutalmente através das redes. Você é capaz de formar gentes, trazer mais pessoas, etc, num formato de redes, muito mais fácil e muito mais produtivo em grande parte das vezes, se você está trabalhando em redes e não simplesmente pensando uma entidade e ou outra e coisa e tal assim... e então eu acho que a AMANE fez isso muito bem, aí é a AMANE mesmo, não estou falando de Pacto Murici, etc, tal assim, mas, AMANE enquanto entidade que, vamos falar, coordenava isso, representava isso. Então, nas duas coisas, e terceiro é de na questão de... vamos falar... grandes projetos em comum, então você dá uma certa unidade uma visão mais ampla do que cada uma das entidades. Esse projeto comum, então eu vejo assim, dois exemplos muito claros, da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, né? Que a AMANE e a rede, o Pacto, etc, foram fundamentais dentro de um trabalho de... pensando como colegiado regional, na visão do próprio desenho ... expansão dos princípios da RB, articular sistema de gestão, etc, então acho que isso é... um trabalho muito grande e a mesma coisa e semelhante na proposta de corredor de biodiversidade, que prá mim são duas coisas que se superpõem com os mesmos objetivos, são duas estratégias, com tipo de composição, vamos falar uma rede que tem um tipo de composição e outra rede que tem outro tipo de composição, né? A rede de gestores é centrada nas pessoas que trabalham nas Unidades de Conservação das Áreas Protegidas, e , no caso da RB são um perfil mais, digamos assim, mais amplo, mais abrangente, em termos de instituições ligadas... então, na verdade, eu falei naqueles dois pontos que são muito ricos na questão de políticas públicas e capacitação, etc. e depois assim, como um resultado possível que eu acho que a gente aprendeu também claramente com essa rede daqui é essa questão dos corredores, da parte mesma de articulação institucional, de gestão, pensando em projetos transfronteiriços, projetos mais abrangentes, visão regional, visão de territórios, muito mais amplos. Quais os problemas mais graves que dificultam a implementação das Unidades de Conservação do Corredor e como as ações articuladas em rede podem contribuir na resolução desses problemas? Bom, no geral os problemas, eles são recorrentes no Brasil, né? Então a questão

fundiária, a questão de educação mesmo. Nós não temos uma educação voltada para um convívio, vamos falar assim, um pouco mais civilizados (rsrs), nem com a natureza nem com as cidades, quer dizer, não é diferente, né? então você tem muito pressão sobre essas áreas. Então essa pressão se dá por parte dos ricos e por parte de pobres, por parte de estratégias de sobrevivência em alguns casos, por ganância em outros. Então as motivações são diversas e os agentes são diversos, mas, mostra assim que não é um problemas da área ambiental, é um problema, vamos falar assim, cultural do país que não trata as Unidades de Conservação, não reconhece as Unidades de Conservação como parte do seu modelo de desenvolvimento, como parte da sua autoestima nacional, como parte da sua identidade territorial, então, isso é que devia ter um trabalho acho que de **apropriação** maior pela sociedade sobre a importância dessas áreas, os benefícios que elas trazem para as pessoas, para a sociedade como todo, prá que a sociedade exigisse também, além de fazer a sua parte, exigisse também que os governos, o poder público, também estivessem priorizando mais isso. Enquanto isso não ocorre, fica uma situação realmente muito frágil, aí então assim, sempre vai faltar gente, sempre tem problemas de invasões, ahh... problemas de fiscalização, problemas de caça, problemas de desmatamento, é.. e assim por diante, e agora... então, os problemas são semelhantes em outras áreas do Brasil também. Agora, aqui é acirrado também pela alta concentração de terras historicamente no nordeste. Então você tem também que envolver outros agentes. A gente levantou que, grande parte dos remanescentes significativos de Mata Atlântica pertence a grandes empresas, principalmente a questão das usinas de cana de açúcar, nessa faixa aqui. Diferente no sul da Bahia que tem outros tipos de economia mas, de qualquer jeito, mas, ou seja, aí você tem que trabalhar também com essas... ter uma interlocução também com esses agentes que são os proprietários, vamos falar, dessas áreas. Então a questão dos postos avançados tem um papel muito importante e isso aconteceu também no trabalho da AMANE, trabalhar com a usina X, com a usina Y, etc, porque são os detentores desses remanescente. Onde não é assim a coisa é ainda mais solta, então você não tem uma institucionalidade na área ambiental forte, tem uma questão de política, de interesses, etc, que normalmente são contra isso. Trabalham com outro modelo de desenvolvimento na qual as Unidades de Conservação não fazem parte. São, ainda obstáculos, né? Então, trabalhar isso seria fundamental. Aí pensando num plano de ação, se a gente hoje fosse ter um pensamento lançador buscando o futuro, se hoje a gente fosse desenhar um plano de ação prá Mata Atlântica, prá esse Corredor Nordeste, que componentes e ações comporiam esse plano e quais seriam os principais parceiros desse plano? Então, acho que assim, na verdade, antes de um plano, acho que o que está faltando hoje não é simplesmente um plano

de ação técnico. Você podia dizer quais são os componentes, tem trabalho de educação ambiental, tem trabalho de fortalecimento institucional, tem trabalho de aquisição de terras, tem um fortalecimento da questão de mecanismos para câmara de compensação prá poder gastar o dinheiro arrecadado que não consegue para investir nas Unidades de Conservação, tem uma série aí de componentes que deveriam ter num plano de ação. Só que eu acho que tem um passo atrás que é, que estratégias e que parcerias, né? Então você pergunta aí de quais parceiros, etc e tal assim e eu acho que isso talvez fosse uma parte preliminar, com quem nós podemos contar, certo? Em que sentido nós podemos contar, eu acho que tem que refazer alianças, então eu acho que a gente tem assim diagnósticos pouco fragmentados, mas, falta uma visão política mais geral, de síntese, temos que tirar o sumo do que a gente já conhece em termos de problemas e em termos de boas práticas. Onde é que deu certo? O que que está dando certo? Nós tivemos já no nordeste coisas de trabalhos de ONGs, coisas de trabalhos de governos, coisas de trabalho de empresários, coisas de não sei que... e eu acho que nós não temos a visão de um certo diagnóstico, nesse sentido, de quais são as boas práticas, o que que deu certo numa realidade de nordeste. E claro que, estou falando de nordeste, mas, nordeste é muito diferente, se pensar Ceará, etc, ou se pensar sul da Bahia, nós estamos falando de universos diferentes, então também entender esses universos diferentes, depois... então eu acho que primeiro, conseguir essa síntese de boas práticas e de principais problemas, que é isso que deve orientar as estratégias e, em consequência depois, de um plano de ação. Aí é questão de estratégias, é... as vezes é um pouco difícil você falar de estratégia em momentos de crise, né? Nós estamos no país que está em crise, política, ética, moral é... econômica, etc tudo assim, então certas estratégias que funcionariam no tempo assim mais normal, tudo fica mais difícil num momento assim no país, mas, alguns aspectos nós poderíamos destacar: nós temos uma institucionalidade das secretarias e órgãos de meio ambiente. Eu tentaria assim uma aproximação com eles, segundo nós temos uma coisa... onde está o dinheiro no nordeste? Certo? Nós temos que identificar isso porque nós sempre iremos esbarrar numa questão de recursos para as Unidades, porque elas não estão implantadas, aí você vai falar assim, vamos fazer a sustentabilidade das Unidades, etc. porque nenhuma delas tem condições hoje de falar assim... basta desenvolver o turismo, por exemplo, e ela vai... vamos fazer estratégias de concessão, nem sei se tem gente interessada nisso, em concessão hoje. Não estou dizendo que esse é o caminho, estou dizendo que nós precisamos entender quem poderiam ser, como poderiam parceiros e também do ponto de vista financeiro. A questão dos grandes projetos o GEF, KFW, Banco Mundial, etc, isso existe mas, é muito mais difícil hoje que a umas décadas atrás. O Brasil não estava considerado mais, há um bom tempo como

subdesenvolvido, etc. tal assim, os problemas são outros, não é falta de recursos, é falta de .. corrupções, etc. fontes externas elas tem uma coisa de não é só de trazer x de dinheiro, as vezes o dinheiro que vem de fora é muito menor do que o que a gente coloca aqui dentro nessas parcerias mas, elas garantem a aplicação do recurso, certo? Agora eu acho que assim, pensar qual a cara das nossas unidades? Nós temos uma... São normalmente áreas relativamente pequenas aqui no nordeste, então, em alguns casos, primeiro, tudo quanto é fragmento é importante. Então eu acho que tem que ter um trabalho com municípios, por exemplo, nessas pequenas áreas, então que eu acho que é uma coisa muito pouco trabalhada em geral no Brasil, não é só aqui, mas, aqui, como são muitos fragmentos, ou seja, você está falando numa escala onde o município pode ser grande aliado e viável, segundo, acho que tem assim, nós precisamos levantar essas alternativas de começar a fazer coisas com... vamos falar, com outros proprietários, então, assim, tem que trabalhar, tem que identificar as manchas grandes que são ainda significativas ou potencial de corredores. A gente sabe que por exemplo a questão das usinas é um caminho. Hoje nós não temos uma estratégia para trabalhar com o setor, já teve coisas mais avançadas do que nós temos hoje, assim, há propostas de RPPN, propostas de pensar com o SINDAÇUCAR, pensar com os... ou seja, com esses coletivos de proprietários. Terceiro é que eu acho que, por exemplo, a gente está tendo uma boa experiência com o setor empresarial, com o projeto Ativos Ambientais na RB que prá gente apontou outros caminhos. A conversa com o setor empresarial é outra. Então, como é que transforma aquilo em ativo que é benefício prá eles e para a sociedade. Só ir lá convencer que eles vão fazer uma coisa que é boa para a sociedade, etc, continua sendo uma conversa muito difícil. Eu acho que Tb tem que rever essa forma ... depois tem que rever essa questão de RPPN, né? Acho que teve um esforço grande, foram criadas várias RPPNs e continua sendo uma coisa assim, mas, hoje eu diria: qual o gancho que nós temos hoje prá criar RPPNs? Talvez fortalecer essas políticas de PSA, as políticas mais de estímulo e benefícios fossem um grande caminho porque nós estamos falando de muitas áreas que são áreas pequenas e que estão em propriedades privadas, etc, então, acho que começar a trabalhar e tentar multiplicar isso. As... assim, se tivéssemos, por exemplo, nós não temos, ICMS Ecológico em vários Estados. Pernambuco tem, pois é, mas,estou falando assim, em vários estados da região, ou seja, no Corredor como um todo precisa ter ICMS Ecológico. Estímulo por PSA por exemplo para RPPNs, trabalhar com os municípios, ou seja, eu estou falando em trabalhar numa escala que é um pouco mais pulverizada e baseada em estímulo. Certo? Então eeee... Que dá muito trabalho. Certo? Precisa ter quem banque isso. Certo? É diferente você vai lá e faz uma grande área, etc, mas, não é esse o perfil do que sobrou de mata atlântica aqui

normalmente, então, agora assim, como tratar essas áreas de fragmentos maiores? Eu acho que aí é focar realmente em cima de alguns e tentar **mobilização** de redes, que é política para aquelas entidades que as vezes é o Estado, e as vezes é Governo Federal, buscar realmente criar Unidades de Conservação significativas,certo? Esta base é que eu acho que vai compor os, vamos falar, os nódulos do Corredor, realmente. Então, assim, a outra coisa que aqui praticamente inexiste enquanto política é na questão do uso sustentável da mata atlântica, certo? Tem avançado muito no sul, no sudeste, etc, muito aquém também do que deveria ser, mas, eu não vejo aqui. Quais são os usos? Certo? A questão mesmo do turismo é pouco, pouquíssimo explorado, certo? Então eu acho que é um, outro é em termos de essências nativas, quais são as espécies que poderiam ser usadas, como tratar isso, como ter também cruzar com coisas como agroflorestas, etc... ou seja, então é dentro da questão do uso sustentável. O Corredor não vai ser só de proteção direta, mas, grande parte vai ser de uso sustentável, então quais são os problemas para uso sustentável, eu desconheço aqui nesse momento. Certo? Então pode ser que tenha, mas, são... o diálogo entre os movimentos sociais e os movimentos ambientalistas... Então, mas, eu acho... Existem algumas ações, que são ligadas a agroecologia. Isso. Mas, tem iniciativas interessantes, não somente na Mata Atlântica, como também Caatinga. Na Caatinga também. Mas, não estão articulados com os grupos de conservação. Certo. Articulado, bilateral, então eu acho que isso é uma estratégia que podia ter resultado. E a pergunta é: e porque que não conseguimos? Não houve abertura absolutamente. Será que não era o caso, to pensando assim, talvez a linguagem não fosse a mesma. Disputa de áreas... nicho... Nicho, pode ser, pode ser, é como se, eles estão muito bem obrigado. O orçamento de uma ONG em Serra Talhada é 8 milhões, ou era né? Não, fui lá no ano passado. Abarcando seis municípios. É? Então, pois é... aí eu acho que aí é para ter estratégia para esse tipo de coisa, não sei dizer qual, realmente é a mais adequada, mas, talvez, algumas lideranças... quer dizer, algumas lideranças que pudesse... gente, vamos trabalhar juntos, como é que a gente pode se aproximar, nós estamos tudo do mesmo lado do balcão, nós sofremos as mesmas pressões, nós temos os mesmos adversários normalmente. Certo? Então, quer dizer alguma coisa assim, que ... algo assim, porque, se não são amigos muitas vezes podem virar inimigos, e já tem suficiente na área ambiental... certo? (rsrs) mas, então, eu acho que é muito de pensar em políticas de estímulo, uma visão bem explícita de que os ambientalistas são burgueses, não se preocupam com o povo, com os pobres, os desprovidos... então esses Brasis que não se falam, então isso é uma complicação... certo? então, alguma coisa assim, que ... algo assim, pois que, se não são amigos muitas vezes podem virar inimigos, e já tem suficiente na área ambiental... certo? (rsrs) mas, eu acho que é

uma coisa que é preciso pensar em políticas de estímulo, uma visão explícita de que os ambientalistas são burgueses, não se preocupam com o povo, com os pobres, então esses Brasis que não se falam são como que uma complicação, agora... pois é, mas, talvez ir a algumas lideranças que dão prá conversar, não com aqueles grupos... mas, com algumas lideranças, então vamos sentar e vamos fazer algumas conversas, vamos investir nisso daí, eu acho que seria estratégico, e aí o que a gente poderia fazer juntos. Achar os pontos em comum, gastar menos tempo discutindo pontos divergentes, sim, há. Em síntese, qual a maior contribuição da AMANE e a maior dificuldade? Qual foi o fator positivo e o ponto negativo? É difícil falar assim eeeee... então assim, primeiro, a maior dificuldade eu acho que foi essa coisa de como grande parte das ONGs teve que é a sobrevivência financeira... manter equipe, etc, tem uma coisa que é custeio, então isso gerou inclusive uma dependência de muitos projetos com o governo e com a burocracia do governo, com um sofrimento, com.... sendo que ninguém tem, diferente de órgãos governamentais, você não tem salário garantido no fim do mês, então eu acho que esse processo levou a um desgaste, a um dispêndio de energia etc, que não era, simplesmente vamos discutir a questão ambiental, isso foi feito, então eu acho que isso foi uma coisa que pegou... segundo, que tinha ao mesmo tempo um conselho que tinha... acabou também ... então é o seguinte: como é que se dão as parcerias, as parcerias se dão com quem tem dinheiro para fazer projetos. Não necessariamente, é o projeto mais estratégico, mas, é o projeto que é o viável, certo? então, vamos fazendo, porque tudo isso tá dentro do nosso plano. Nosso plano era amplo o suficiente para caber tudo, agora, só era feito o que tinha dinheiro e aí, sendo feito o que tinha dinheiro, o financiador, digamos assim, é quem define a prioridade, certo? Isso acontece com os editais também, é que diz o seguinte: estou dando dinheiro para educação ambiental, para a comunidade quilombolas, e associação de mulheres quilombolas... Então eu digo ok então isso cabe nessa coisa? Cabe, mas, será que é isso a prioridade que a AMANE deveria tocar, ou ela tinha que fazer isso até para ter o recurso e continuar sobrevivendo? Você acaba não tendo condição de parar e dizer, vou tocar a minha prioridade, certo? Então, tem essa dificuldade até pela própria formação. O conselho inclusive tinha... ok. A Birdlife tem uma coisa focada e tá certo, ela fala eu tenho, por exemplo, recurso prá isso, quer fazer? Queremos, faz parte de nosso plano, está na nossa área de atuação, é coisa importante, ou seja, do ponto de vista desses critérios, está tudo certo. A SOS fala eu quero dinheiro prá isso. Enfim, acaba sendo um somatório e algumas pessoas correndo na ponta prá executar tudo e prá manter assegurar e assim por diante. Como é que podia ter sido diferente? Não sei. É um pouco de análise histórica, porque nós não tínhamos um lastro e nenhuma mantenedora. Certo? Então, ok assim, então vamos lá fazer. Isso é difícil

uma ONG também, agora.... Então eu acho que a dificuldade foi essa e não é diferente de muitas outras ONGs que muitas fecharam, nessa situação, diminuiu o recurso, diminuiu o tipo de recurso ... Tinha prá demanda espontânea, prá demanda induzida... todas essas coisas vão complicando... e a crise que diminuiu o dinheiro geral que era colocado, então, eu acho que o grande problema que acabou pegando foi aí que não conseguiu sobreviver na época, agora a grande contribuição é aqueles pontos que coloquei: é uma referencia, **a mata atlântica do nordeste passou a existir. Essa foi a grande diferença.** Um monte de gente se envolveu e se capacitou, essa é outra grande referência. Eu acho que não é o projeto A ou B, mas, é provar que existia projetos A, B, C, D ou seja, dentro da visão da mata atlântica, tanto na questão social quanto na questão mais diretamente de conservação de espécies e preservação ambiental. Então é isso, acho que não tem... claro que daria para falar muita coisa, analisando os detalhes de certos procedimentos e certos processos mas, por exemplo, o próprio exercício do sistema de gestão, um conselho de várias entidades, muitos também de fora, etc. tinha uma riqueza muito grande por um lado, as discussões, as políticas, a articulação foi uma coisa super legal, e, ao mesmo tempo, que é uma coisa difícil, não é uma turma que está aqui no dia a dia, vamos falar tal assim, né? mas, eu acho que é uma coisa que teve muito mais benefícios do que dificuldades, ou seja, também é uma experiência diferente que a gente fez. Acho que é isso.

17. ENTREVISTA EB

(está vinculada a alguma ong hoje e na época da criação do pacto) Na época, na SNE, hoje eu sou voluntária da SNE. (há quanto tempo atua ou atuou nessa organização?) Trinta e ... trinta anos. (desde 86 né? qual a missão dessa organização que atuou?) Olhe, é... trabalhar no sentido da conservação e preservação da natureza de uma forma geral com alguns focos de trabalho de mata atlântica, recursos hídricos, com atuação também, além do bioma mata atlântica, o bioma caatinga durante uma época mais intensa, mais intensamente né? acho que no geral é isso. (e o que que você acha dessa missão e como ela poderia ser melhor?) Acho que sempre sim, sempre é melhor, durante um bom tempo nós, em alguns momentos, inclusive nós discutimos né? amadurecemos um pouco essa missão ampliamos, acredito, em algumas oficinas e oportunidades de de... investir mais na organização da entidade. (de que maneira essa missão está inserida na sua vida, se coaduna com a sua missão de vida?) Olhe, eu acho que totalmente né? porque assim, eu acho que bem antes da SNE na ASPAN, que nasceu antes da SNE, que é uma entidade também do estado de Pernambuco, nós já éramos militantes no sentido de lutar pelo que a gente acreditava nos vários oportunidades que a

gente teve de lutar por espaço, por essa questão ambiental, né? cuidados com o meio ambiente, algumas lutas bastante... e hoje continua né? nós fazemos bastante ... a SNE faz parte de algumas redes, a exemplo da rede mata atlântica, do conselho nacional da Reserva da Biosfera terminando o mandato mas, ainda faz parte, então, pro dia a dia da gente eu hoje sou mais professora da universidade mas, também para o contexto da universidade, para os meus alunos é... continuamos acreditando na missão da entidade e na missão mesmo de vida, eu acho que... (como você acha que esse trabalho poderia ser melhor?) você fala que trabalho? O trabalho... (da organização, da SNE, dentro dessa missão) Veja, atualmente, a SNE está de certa forma desmobilizada, né? assim, por exemplo, até dois anos atrás eu estive na presidência da SNE e ... trabalhamos com vários projetos na área de mata atlântica por exemplo, mas, atualmente a SNE está sem projetos, mas, assim, é... eu acho que a gente pode fortalecer essa missão, porque independente disso nós continuamos em alguns fóruns né? que são importantes para se discutir a política de meio ambiente tanto em nível do estado de Pernambuco e até por agora, nesse final de ano, nós somos representantes, temos uma representação enquanto uma das entidades do nordeste no CONAMA e fazemos parte no CONSEMA, que é vinculado a SEMAS e, dentro da SEMAS eu coordeno uma câmara técnica de educação ambiental e fazemos parte de uma comissão interinstitucional de educação ambiental, ou seja, nesses contextos todos a gente tá sempre buscando discutir e fortalecendo as políticas na área de meio ambiente, então, de certa forma... na verdade assim o que a gente faz hoje é tão imbricado com outras coisas da vida profissional que termina uma fortalecendo a outra né? aí fortalece a instituição e né? (como foi a sua participação no pacto murici?) Olha, eu acho que nós não tivemos... a minha participação, particularmente nós não tivemos uma participação significativa prá ser sincera, no Pacto Murici. (e como assim... pelo que você viu, como você avalia as ações do Pacto Murici na AMANE?) É... veja... sinceramente eu conheço, conheci da época, mas, as ações da AMANE, mais do que as ações do Pacto, junto com a AMANE. Eu assim não tenho, não tenho... como falar sobre isso. Na verdade eu não vivenciei muito isso. (na realidade o Pacto é o conjunto das organizações que criaram a AMANE e seu conselho... como ela poderia ter sido melhor, se o pacto continua sem a AMANE e se continua, como tem sido e como seria) O que eu posso falar assim ... eu acho que dentro do contexto das discussões da mata atlântica, né? por exemplo, a gente faz parte da rede mata atlântica, onde a gente vivencia mais o cotidiano das organizações da mata atlântica e, raramente, ou quase nunca, se fala do Pacto. Então, a minha... embora logicamente saiba que é... o Pacto ele juntava várias entidades né? mas, talvez falte divulgação do que acontece né? nesse processo, mas, fica muito distante, assim, não sei, na verdade o que que o

Pacto faz, entendeu? Não sei efetivamente o que que acontece, talvez assim precise realmente de uma gestão melhor, mais integrada, mais... eu acho, por exemplo, enquanto havia a AMANE, havia um esforço para fazer isso né? até os vários encontros de gestores que foram feitos, né? então nós tivemos a oportunidade de estar mais junto, de construir junto né?um crescimento, mas, eu acho que, mais puxado pela AMANE né? mais dentro de, logicamente dentro de seus projetos, mas, de lá prá cá, eu realmente não sei o que acontece, não sei... não sei muito sobre o Pacto sinceramente. (na realidade, a AMANE é o braço executivo do pacto e aí a pergunta era se, a AMANE para, o pacto também morre?) É, não deveria, né? (... uma articulação que a sne foi um berço da história, em que tinha um projeto de dez anos, muita coisa foi feita e outras não, o pacto tinha a função de atuar na mata atlântica do nordeste... que contribuições o pacto e AMANE...) Talvez assim... como você falou, um prazo de dois anos... (não, dez anos), dez anos é ainda um prazo curto não é? Quando a gente tem que colocar um tempo e a gente precisa mesmo colocar um tempo, mas, eu acho que muita coisa ainda precisaria amadurecer não é? Prá poder acontecer de uma forma mais adequada e, mais fortalecida até... uma participação por exemplo mais integrada dessas instituições, que eu sinto que, talvez, faltou um pouco né? quer dizer, quando... é claro que as instituições, como a própria SNE tinha seus projetos né? e ... mas assim, num contexto de um pacto, é como se... é como se, esses universos de trabalho que estavam acontecendo nas entidades também, eles não eram muito bem conhecidos nem integrados ao Pacto. Então eu acho que precisasse até de mais tempo né? aliás, eu tenho até um sentimento, que é um sentimento mais particular, é que quando a gente começou a ter um... pique maior de reuniões e de oficinas da rede, um trabalho mais... começou a se delinear, ficar mais claro esse universo e essa possibilidade de integrar, né? aí a coisa, de certa forma, quebrou né? e essa quebra eu acho que foi... eu acho que todo mundo sentiu né? é como se a gente tivesse no crescendo e que de repente a gente viu uma parada, né? as circunstâncias fez com que a coisa parasse, talvez até seja maior o meu sentimento de que hoje eu não tenho mais praticamente notícia do Pacto, entendeu? Não tenho. (...) É como se ele tivesse sido abortado, né? (é, ele não funciona mais, na verdade era a amane que fazia existir uma simbiose. o pacto cria a amane e a amane passa a dirigir o pacto e na hora que a amane se fecha, se inviabiliza, não tinha mais quem mobilize o pacto) É, e sempre precisa disso, de, assim, é preciso que haja, logicamente essa ... que puxa, a gente sabe disso né? quem trabalha nas organizações a gente sabe disso, de que precisa realmente essa liderança, né? e aí vem um rebatimento, uma reflexão, que eu tenho feito, não em função disso só, mas, de outras questões, de outras redes que a gente participa ou participou, dessa certa fragilidade das redes, né? quer dizer, a rede tende a... seus elos tendem a serem

fortalecidos enquanto existe alguma liderança puxando né? quando essa liderança deixa de existir ou é ela frágil então, você começa a ... não quero falar de redes que eu participo, até por questão de ética, mas, assim... eu sinto que a coisa fica muito frágil, e assim sem, de certa forma sem uma linha mais clara de trabalho, a gente ta vivendo um negócio agora bem interessante, não sei se isso entra aqui, depois você tira, se for o caso. Mas, por exemplo, a eleição do CONAMA, é... a eleição do CONAMA a SNE participou do CONAMA durante dois anos e foi reeleita durante mais dois anos. Quem é que faz essa eleição e quem é que vota? Quem vota são as entidades que estão cadastradas no CNEA. Né? então, assim, são entidades que... ninguém chega ali por acaso, chega porque as entidades... se as entidades chegam ali, algumas, que podem ser colocadas como frágeis ou que não, não levam o desejo da grande maioria das entidades é porque alguma coisa está errado, porque quem vota são as entidades, mas, até por conta de uma preocupação dessa , um... há uns seis meses atrás, sabendo que os mandatos das entidades iam acabar agora, como vai acabar, inclusive o da SNE, eu sugeri, conversei com duas pessoas da rede, que, são pessoas que de certa forma tem liderança, da rede mata atlântica, de certa forma tem liderança, de que... tava preocupada precisava... até sugeri, porque tal entidade não se candidata porque que... enfim, não, porque a gente tem outras coisas... enfim, não se valorizou, não se valorizou isso. E na verdade, quer dizer, a gente deixa de ocupar o espaço ou questiona que o espaço está mal ocupado mas, na hora que a gente tem a oportunidade de se organizar prá isso a gente deixa, de certa forma, a coisa passar e depois fica esperneando, então, assim, por exemplo, de repente, eu o ministério atravancou ou agilizou de uma forma maluca esse processo aí louco, né? de que houvesse... de que a eleição acontecesse então, os prazos curtíssimos em que não houve uma divulgação adequada para as entidades que estão cadastradas no CNEA e, aí quando todo mundo começou a perceber isso, todo mundo enlouqueceu. Sabe? A própria rede mata atlântica achou um absurdo, o conselho nacional da reserva, um absurdo total, entende?, mas, assim, se a gente tem redes e as redes são assim teoricamente deveriam estar juntando esforços como é que a gente deixa passa uma coisa tão importante, não é? Aí se tentou adiar o prazo mas, o ministério fechou... e disse não adianta, então a gente tai correndo num processo que a gente não teve muito tempo prá... então, são essas coisas que... realmente (interessante a fala sobre o funcionamento das redes, o que faz com que as redes existam, é recurso, é... porque que em um momento em crise, sem recursos, as pessoas vão procurar sua sobrevivência... o tempo é cada vez mais curto para dedicar as lutas da sociedade civil e as redes...) A impressão que dá, minha vivência que não é pouca com esse tempo de estar envolvida em algumas redes, é que a gente não se planeja, a gente não se organiza, a gente é sempre pego de véspera, nos

problemas e a gente não sabe atuar direito, entende? então a gente fica meio na improvisação, a gente sabe, por exemplo que vai acontecer uma série de coisas, tai taí prá acontecer, né? essa questão da mudança do licenciamento ambiental, todo mundo fica agoniado com isso, mas, não existe uma ... vamos nos debruçar sobre.... o que que é que de mais importante que a gente precisa se debruçar para fortalecer as redes para que a gente possa gritar pelas coisas, conseguir alguma... pelo menos algum barulho. Então, assim, eu tenho me preocupado muito com isso, com essa fragilização. (você já falou que participa de redes...) É, a gente participa da rede de ONGs da mata atlântica, a gente participa do conselho nacional da reserva da biosfera, a gente participa do conselho nacional de meio ambiente, que não é uma rede, mas, um fórum socioambiental, o CONSEMA, desses daí. (que ações são mais efetivas quando realizadas em rede?) Olhe, nesse momento, é até difícil dizer isso, né? mas assim, eu acho que duas questões mais gerais, que é trabalhar em cima de um projeto que seja, de um programa, que seja realmente importante para o Brasil todo, que tenha um referencial, uma potencialidade, que tenha a potencialidade de ser um referencial para outros modelos, por exemplo, a gente tá com um... dentro das redes não é um projeto das redes, mas, várias instituições estão trabalhando com os planos municipais da mata atlântica, então, entender isso como uma coisa importante que está dentro da lei da mata atlântica, que é preciso a gente se organizar não só para fazer os planos, porque, é difícil fazer os planos? É, mas, mais difícil é fazer eles serem implementados, então, tem esse olhar de planejamento futuro sabe? A gente tá com ele... é um exemplo, né? porque, os planos municipais estão acontecendo no Brasil todo, talvez um pouco menos agora, mas, estão acontecendo. Esse ano de 2016 teve um pulo imenso, nos anos de 2015 e 2016, vários municípios estão fazendo isso, mas, continuamos sem fundo municipal da mata atlântica, sem fundo nacional da mata atlântica, entende? que faz com que muitos dos projetos municipais da mata atlântica, esse plano municipais mais outros esbarrem em dificuldades financeiras embora a gente tem lá na lei que existe um fundo mas, que nunca é alimentado, então assim, como é que a gente pode fazer nesse contexto. O fundo é instituído pela lei da Mata Atlântica. Então, o fundo nacional da mata atlântica, ele precisa ser implementado, ele ... tá? Depois a gente pode tá exigindo, querendo, cobrando que haja um fundo municipal ou estadual, mas, a questão é que a gente tem esse fundo da lei da mata atlântica e na verdade, ele não tem... não foi implementado. Então isso dificulta as vezes até a execução dos projetos que estão voltados para a mata atlântica que poderia subsidiar, o recurso desse fundo poderia estar subsidiando esses projetos que é de interesse do país, do interesse das redes. (como você vê a importância das ações em redes para as conquistas ambientais?) Olhe, uma ação que acho importantíssima, realmente assim é a gente é... definir

um universo de ... ações para que a política nacional voltada para a mata atlântica seja efetivada, entende? Então, assim, é como isso que estava falando um pouco, tem um fundo que... tem a lei da mata atlântica e dentro dessa lei, o que que a gente tem que pode se juntar dentro das redes pra cobrar dos governos de uma forma mais madura até, entendeu? Não ficar esperneando, porque as vezes a gente... quando vem o cerceamento, as dificuldades, a gente fica gritando, fica... mas, a gente poderia se organizar um pouco mais nesse contexto das dificuldades das políticas, que passa aí e também, quando falo do fundo é porque existe uma necessidade concreta da gente ter recursos para poder trabalhar com isso prá gente tá mais difícil as ONGs conseguirem trabalhar se não existe recurso. (seria mais uma ação política?) uma ação política para é... (de pressão né?) de pressão. (quais os problemas mais graves que dificultam a implementação das unidades de conservação no corredor da mata atlântica do nordeste?) Olhe, eu acho que um problema que é o de lá mas, de outros lugares é exatamente fazer com que os conselhos gestores funcionem, das unidades, então assim a gente consegue envolver, eu acho que a AMANE fez isso muito bem, né? envolver diversos setores para que participem de uma maneira qualificada dos conselhos, né? mas, o que eu sinto é que, quando a gente sai, é... as coisas não acontecem, a gente acha que vai acontecer porque assim eu vivencio vários projetos desses de planejamento participativo, né? então, é ... durante os processos de planejamento participativo, aí no caso dos conselhos gestores, a gente tem quase a certeza plena de que vai acontecer, porque são tão ricos, são tão fortes que, a gente, poxa... a gente acha que vai acontecer, mas, depois, falta recurso, não é, falta estrutura né? falta um monitoramento do processo que vem depois né? porque a gente sabe que não é só implantar o conselho mas, até porque, parte desse conselho muitas vezes precisa de um apoio mais sistemático, né? e a gente não tem esse apoio sistemático, a gente não tem como dar, então, o governo não dá, aí tem mil coisas né? e a gente também não tem uma... não tem condição de acompanhar. Então termina fragilizando, então eu acho que isso é um dos maiores dificultadores. (mas, os conselhos são liderados pelos governos... passa por uma vontade política dos governantes para implementá-los... quando não há vontade política...) É, mas, eu acho ... e assim, essa decisão política, de fato ou seja, a gente pode até dizer que para os governos, de uma forma geral, não sei se é ser muito grossa... de uma forma geral dos governos, você pega o governo de Pernambuco, é mais interessante dizer todo ano foram criadas unidades de conservação, não é? Do que falar da estrutura e do apoio que essas entidades precisam. Nós temos um caso clássico, né? de Caetés, foi a primeira unidade de conservação, uma das primeiras a serem estruturadas, na década de 70 ou 80, sei lá... e que foi implantada, criada e implantada, e , até hoje, continua os problemas, não tem carro, não tem

pessoas, não é? Existe uma figura que puxa aquilo ali, carrega nas costas, né? não sei que asa imensa é essa que consegue carregar, então assim, enquanto os governos não reconhecerem que precisam investir nisso, é difícil ... é difícil. E aí, claro existe a falta de informação, mais uma vez né? se agente tem redes, essas redes poderiam... o que eu acho é o seguinte: as redes poderiam estar fazendo esse olhar mais concreto de planejamento. Se a gente tivesse que fazer hoje, a gente podia fazer esse olhar, de avaliação, não é? E o que que a gente precisa? Pensando no futuro, pensando no futuro, não é? É como se a gente tivesse, a gente vivesse esse dia a dia, a gente até imagina que pode acontecer essas coisas, mas, reconhecer essas dificuldades e montar estratégias para cobrar. Eu não sei se ia adiantar muito não, porque é como você falou, eu acho que de colocar nas pautas do governo primeiro a questão ambiental, que já não é colocada, da maneira adequada, e depois, dentro da questão ambiental, essa visão né? essa visão de que fazer com que os governos descubram questões extremamente prática de que a água tem a ver com a mata porque até hoje não descobriram isso, então, ... (toda essa crise hídrica e não caiu a ficha...) (como as ações articuladas em rede podem contribuir na resolução desses problemas...) eu acho que já falei, né? (se fossemos começar um plano de ação para a área focal murici urubu, que componentes e parceiros seriam importantes considerar?) Eu não sei muitos detalhes muito a fundo, as experiências das ações da AMANE, mas, eu acho que ... até, a construção dessas ações, do que se tem, do cenário atual, né? do que se fez, avaliação das coisas que não caminharam, né? buscar concretamente junto a população, a alguns conselhos, ao conselho gestor, indicar essas dificuldades, o que deu certo também né? e o que não deu, prá poder, a partir do que foi feito, tentar, tentar avançar não é o reconhecimento das dificuldades, acho que isso é um ponto de partida. (que componentes?) foi criado conselho gestor né? (não de todas as unidades) Conselhos gestores... eu acho que uma delas seria nessa linha de fortalecer os conselhos que foram criados ou criar conselhos,eu acho que, não sei se isso foi feito, mas, chamar a participação mais concreta do poder público não é? A construção da política...o próprio fortalecimento do programa de educação ambiental voltado prá uma mobilização, uma mobilização de participação dessa ... da população local, do entendimento dessa necessidade. (e que parceiros seriam esses, quem buscar?) Eu acho que vocês trabalharam com a universidade, com as prefeituras, né? (pouco...) É, eu acho que trazer esses... principalmente as prefeituras, porque é uma questão local né? então envolver as prefeituras seria fundamental, então eu acho que buscar identificar os atores locais e trazer eles para participar e construir de uma forma mais... mais dentro, né? universidades, ONGs, sei lá.

Vê, na verdade, assim, eu não tenho acreditado muito nas redes, se a gente não fizer um olhar de integração dos diversos elos da rede né? e tá discutindo questões mais... antecipando, a partir do conhecimento da realidade, antecipando o fazer em conjunto eu acho muito difícil que as redes funcionem. Eu acho que é isso. (elas precisam de uma guia?) É, elas precisam de ter alguém que puxe, Né? de alguém, que, não sei se puxe mas, que faça esse olhar da integração ,senão é? Senão é como se você tivesse os elos mas, de certa forma as vezes até, cada um olhando para os seus interesses, não é? Mas, sem olhar para o interesse comum, o interesse mais geral, termina fragilizando a própria rede (eu fico pensando assim que no caso do corredor a rede, chamada de REMA NE, ele foi possível por conta de a uma mobilização, de um interesse, de um grupo e de uma oportunidade que foi de alguma forma cavada, alavancada pelas ONGs, de fontes financiadoras da rede, foram dois projetos da rede, 4 anos de subsídios para rede. não existe almoço grátis... a gente não... as organizações e as pessoas precisamos de fontes). É um dos grandes dificultadores. (quem financiou foi o funbio, via gef, e pda/mma, não é iniciativa privada, é uma visão estratégica mais ampla existe a compreensão da importancia das redes) Na verdade esses programas, PDA, acabou, né? Isso é outra questão porque dentro da realidade do país e da nossa experiência é... um tempo de 4 anos é um tempo curtíssimo, são processos que precisam de mais tempo, né? não é em 4 anos que você vai... (consolidar, e não foi um projeto só, foram dois) É. Então assim, eu acho por exemplo que o próprio investimento que tá havendo agora, esse olhar da GIZ para os planos municipais da mata atlântica né? mas, na verdade assim, eu... prá mim os planos estão sendo, na sua maioria, realmente estão sendo bem feitos, participativos, cuidadosos até, mas, se a gente não der o pulo do gato e começar a montar uma estratégia para ver como esses planos vão ser implantados, vai ser mais um entendeu? É feito a questão das unidades de conservação, a gente pode dizer, ahh... nós em 2014 tínhamos 5, 6 planos na mata atlântica e hoje temos quase 200, sim, mas, e aí? (qual foi implementado?) Pois é, é essa questão, a questão das unidades de conservação a questão dos conselhos gestores, da infra estrutura, da agenda 21, é... dos planos diretores, aliás, de tudo. Então eu acho que a gente pode até dizer que nós somos excelentes em elaborar planos né? mas, na hora H, que é exatamente nessa execução daria um diferencial imenso, daria um diferencial imenso, não é isso? A gente não fez tudinho num foi para que acontecesse? A grande tristeza é essa. (não deixa de entender que, não foi em vão) Não. Com certeza não. (eu falando com os alunos sobre a agenda 21, a carta da terra, podia ser melhor sim, claro, podia ser implementado, mas, de qualquer maneira, é um processo de coleta de informação, de discussão, muitas sementes foram lançadas aí) Muitas. E muitas coisas aconteceram em função disso, sejam de pessoas, se a gente olhar, 20

anos atrás, nos que está muito tempo nessa batalha, a gente pode dizer que houve avanço, mas, a nossa (muito aquém da nossa expectativa) É, muito aquém. A gente tem urgência porque ... tai os nossos rios sendo destruídos, nossa mata amazônica, um avanço impressionante do agronegócio destruindo tudo, né? quer dizer, então a gente... por mais que a gente corresse não conseguisse chegar lá, as coisas chegam muito mais rápido.

18. ENTREVISTA MP

(Você está vinculado a alguma ONG hoje? E na época do Pacto Murici, em qual organização estava vinculado?) ONG hoje... não tenho ligação com nenhuma ONG. Na época... foi quando mesmo? (2004) a ligação que eu tinha era mais com a AMANE assim, né? de participar de projetos, assim, né? Porque em Porto Alegre eu tinha ligação com Amigos da Terra, né? Vários anos lá com ligação, e do Greenpeace, eu contribuo economicamente assim, né? aqueles sócios assim sem maiores ações, há vários anos. (e na amane, você atuou quanto tempo e que período?) Foi 2006, num foi aquele primeiro projeto? 2007 não foi? ... dois mil e ... é que teve outras atuações, aquele outro lá mais recente... né? E teve esse que foi em 2013, aquele lá da usina... (em pedras de fogo, com a louis dryfus comodity) né? E teve outras coisas que eu participei também... é né? do ... daquele que a gente se reuniu lá em Olinda (rede de gestores... você lembra da missão da amane?) É... a missão assim ... acho que tinha haver basicamente com a questão da proteção da mata atlântica mas, isso envolvia outras dimensões assim de ... pedagógica também, de alguma forma, uma atuação nesse sentido de fomentar assim também alguma forma de rede, política mas, basicamente é a missão maior tem haver com essa coisa da proteção e tudo o que envolve isso, a consciência, muitos fatores em torno de... da... proteção, da criação de um... de fomentar essa dimensão de uma rede, de um pacto, coisas nesse sentido, em torno disso, né? Da mata atlântica. (o que você acha dessa missão e como ela poderia ter sido melhor?) Eu acho a missão pelo que se propõe, é adequada, assim né? é, na verdade envolve tantas coisas isso, porque quando vai mexendo apareceu outros aspectos, outros aspectos... dimensão política, dimensão pedagógica, aparece... a missão, a palavra, proteção, ou conservação é... mais limitado mas, quando mexe, tem várias interfaces em torno disso assim, não sei como poderia ser melhor, não consigo, não tenho capacidade prá ver como é que poderia ser melhor... tudo que foi feito assim, o que que poderia ter sido melhor? Eu acho que sim, não sei como poderia acrescentar o que... (de que maneira essa missão está inserida na sua vida e como se coaduna com sua missão de vida?) É... eu desde cedo, coisas que eu me coloquei, que me compreendi, por exemplo, os ... problemas, digamos assim, sociais, o problema civilizatório, ele passa pela dimensão

ambiental, isso desde muito cedo eu percebi, que os problemas de saúde, por exemplo, são desenraizamento, porque eu uso a palavra desenraizamento, os problemas da justiça, são desenraizamento da justiça comunitária, na verdade tem haver com a forma de se relacionar também com a vida, com o ambiente, a cultura não está separada da natureza e... assim desde cedo eu comecei a militar assim, nessa coisa assim. Então, prá mim não é uma área tão... é uma área mas, não é uma coisa tão específica que passa por consumo, passa por saúde, passa por relações humanas. A neurose do sujeito hoje tem haver com a forma como se perderam a dimensão da natureza, não uma mera volta a natureza assim, mas, também porque a parte toda, física da coisa, ela é essencial, né? e que não... eu sei que o conceito de meio ambiente é um conceito sociológico também, né? mas, não é só sociológico, é sociológico e ele é natural né? Então, ele é... prá mim desde cedo essa coisa assim da ... até da conservação mesmo, da recuperação dos espaços naturais, prá mim é fundamental, pro modo de vida das pessoas, hoje eu trabalho assim muito nessa coisa das relações, né? das relações e de uma forma ... muito mais de uma dimensão sociológica dos.. mas, isso passa, a correção disso passa pelo, digamos essa relação social passa pela relação ambiental, assim não tem como separar as coisas... a minha avaliação né? E... e aí quando você vai lutar aí entorno de uma ideia de proteção então vai estar aí de alguma forma contemplado dentro dessa dimensão social. E o social tem que estar olhando também a dimensão ambiental, as duas coisas. (quais as principais dificuldades e oportunidades do trabalho na amane?) Eu acho que, as dificuldades, assim... mas, pelo que ... prá mim ou prá própria instituição assim? pelo que eu vi da instituição é toda essa questão burocrática né? não é? pelo que eu percebi essa coisa de estar sempre ... uma dimensão... burocracia mesmo de toda essa coisa que envolve esses projetos, esses financiamentos, essa coisa meio kafquiana, assim... acho que é um ponto de manutenção, de tudo isso assim... eu acho que parece que esse é o grande desafio assim prás ONGs, né?de se manter, de lidar com toda essa coisa de financiamento, de realização também de ter uma boa autonomia para realizar os projetos assim... é... as dificuldades assim, tem dificuldades que são um pouco assim por exemplo de ter que depender de certas apoios... por exemplo, no caso da Monsanto, uma coisa assim... é um tipo de dificuldade que pode ser é um contexto até é... trabalhado né? podia ter um apoio maior né? Mesmo público, né? E...eu acho assim que as pessoas e o projeto é uma coisa muito bonita assim, as dificuldades tem mais haver com essa coisa toda burocrática, toda, né? As dificuldades e as? (oportunidades da amane enquanto amane no cumprimento da sua missão e oportunidade de quem trabalha na amane) eu acho que oportunidades são assim, uma coisa é que, quem vai trabalhar num lugar desse é um baita espaço de aprendizado, né? Aprendizado como um... a própria... com o grupo com a própria

tua experiência, com o ambiente de trabalho, com os... o projeto em si, de fazer projetos é um ponto importante assim, né? um aprendizado, né? acho que é o principal o aprendizado, que as pessoas que vão lá poder exercer um trabalho que elas gostem tanto é que elas sentem que tem uma utilidade, que elas têm um ambiente muito bom, isso é uma oportunidade também, desenvolver um aprendizado de... em termos de projeto, em termos de grupo, em termos de lidar com as comunidades que foram trabalhadas, assim, né? é... essas são as oportunidades que são fundamentais, além da questão econômica que eu acho que são assim as coisas mais significativas assim da experiência, de poder exercer uma coisa que a pessoa goste e ter um ambiente bom prá isso né? de fazer isso. (como o seu trabalho poderia ter sido melhor?) Hummm, é... hamham... é, a minha primeira, quando iniciei assim naquele de capacitação, na verdade o resultado foi melhor do que eu esperava assim, achei que aconteceram coisas que assim a gente nem esperava que fosse, no sentido positivo que... porque no início você tem sempre aquela expectativa de como é que vai... principalmente na coisa do público alvo tudo, né? da execução e do resultado do trabalho. Prá mim, foi além do que eu esperava, né? Do que foi criado com aquele espírito de grupo, da recepção das pessoas, extremamente positivo, do animo, da energia que circulou, dos resultados materiais, do livro, livros, dos resultados... talvez se tivesse mais tempo prá mim, poderia participar mais em termos de acompanhar mais os processos em outros momentos né? a coisa da rede, eu acho que poderia, faltaria isso assim da minha parte, mais tempo e mais acompanhamento desses processos posteriores dentro dos projetos. (qual a colheita principal que a sua atuação na amane deixa para a sua vida) É isso, nessa direção que eu colocava assim, que esse aprendizado né? Dessa experiência na atuação, dessa forma de atuação, nesse âmbito ambiental, da energia do grupo, né? Acho que, dentro disso, dessa energia, desse animo, né? De ter um projeto se realizando assim, bem realizado e tal, e gerando outras coisas acho que é muito bonito, assim né? perspectiva de outros... realizações assim. (o que mudou no seu trabalho depois da experiência com a AMANE?) Aumentou a compreensão da própria... assim, por exemplo, na coisa do projeto mesmo né? da importância da organização, das dificuldades também ficaram mais claras prá mim, das dificuldades mesmo, ONGs em relação ... a isso que a gente falava, da manutenção, da gestão, a gestão, exatamente, isso fica mais claro assim e um pouco dessa potencia, que eu já tinha um pouco assim, nessa direção... até da ambiental, dos grupos, a potencia, mas, que ficou ... acho que foi um trabalho, a coisa, assim, um ... ambiental mais significativa dessa potencia, da energia do grupo e o envolvimento com o público assim foi uma coisa muito, muito bonita, muito intensa assim, né? que deixa uma marca, a gente tem aquilo na memória uma marca muito positiva mesmo de mobilizar essa energia, tanto interna quanto com o grupo, com

externa, com o grupo assim. (e a questão do pacto, como avalia a questão do pacto na AMANE, o que a AMANE e o pacto deixa em seus dez anos é...) eu teria que retomar um pouco ... é... o que eu acho que eu recordo foi fundamental, o Pacto assim... que esse grupo prá criar e prá manter isso, né? Ao mesmo tempo, que eu me lembro mais de algumas coisas que tu colocavas também dessa dificuldade dessa relação, né? com o ... com as exigências de alguns membros, algumas instituições desse pacto em relação a como ... tipo assim, crio e tem a ingerência, e essa relação entre autonomia e missão dentro de um... de algo que é um grupo que... a missão de cada instituição, mas, eu acho que as coisas elas andaram muito bem assim... na minha avaliação elas foram progredindo muito bem dentro do que se propôs, que eu me lembre, de todas as dimensões de projetos que foram surgindo, foram sendo executados e ... assim o que foi feito lá, mesmo na região também, eu acho que foram coisas que cumpriram assim sua missão, nesse sentido, deixaram muitas marcas, deixaram resultados, efeito multiplicador, isso é muito importante porque mobilizavam uma coisa e outra, aí... exatamente, isso é um ponto fundamental o efeito multiplicador, pedagógico, multiplicador de abrir prá novas frentes, novos projetos. (ação ambiental em rede, você participa de outras redes?) Dá prá gente dizer que tem uma rede restaurativa que a gente criou em Pernambuco né? que é a rede de justiça restaurativa, a gente chama as vezes assim também, não é algo tão formal, mas, a gente tem encontros, né? a implantação em vários ambientes começando na relação da universidade com a vara da infância, aí a rede da justiça restaurativa que a gente o tempo inteiro está ... pessoas e instituições assim... representantes de instituições mas, são pessoas ... são mais instituições, mas, na verdade é um grupo de pessoas que celebra, que traz cursos e divulga e cresceu vertiginosamente assim, em dois anos, essa rede. Tem a rede social dela tem um grupo gestor ... um processo muito bonito assim, tem as dificuldades né? mas, tá crescendo muito envolvendo muita gente, outras varas, ambiente prisional coisa que tá crescendo muito muito forte, essa rede. (que ações voltadas para a questão ambiental você desenvolve em redes? como você usa as redes para desenvolver seu trabalho?) É... assim, dentro dessa rede, especificamente não é... ambiental, né? Mais o conflito e tal, mas, por exemplo, assim é que continua algumas publicações na área ambiental, as publicações continuam. Saiu em dois mil e ... o último foi em 2013, 2014, livro né? mesmo em outras áreas, por exemplo agora escrevi um artigo que fala da ... fala da o uso ... da... a dimensão de lidar com conflitos na área ambiental que retomava isso que foi trabalhada na AMANE né? Conflitos na área ambiental, então fez a ligação entre justiça restaurativa e o aspecto ambiental, né? um artigo num livro internacional que vai saiu já, saiu esse ano e ... não, ele fala... eu até cito ... eu publiquei a experiência da AMANE em outro livro, ética e meio

ambiente, mas, esse eu escrevi próprio... círculos restaurativos com aspecto simbólico, natureza, ambiental e aí e, coisas assim em termos de... por exemplo, eu promovendo nas redes sociais mesmo, fazendo palestras ainda menos, mas, parece algumas coisas na área ambiental, ou quando é saúde, sempre entra meio ambiente prá mim, então... Dei um curso agora, esse ano, sobre saúde prá secretaria de administração, aí entra essa parte, saúde natural aí sobre a questão um pouco também da ambiental e é... por exemplo, é também, foi o ano passado que eu trouxe um amigo meu veio prá cá que é engenheiro solar e tal que trabalha com meio ambiente, fez palestra lá na universidade tentando alguma coisa assim, não tá tão intenso mas, diminuiu mas, ainda tem... nas palestras nos cursos quando dá entra algum aspecto também fala sobre consumo sustentável, por exemplo, e a questão ambiental aí sempre entra porque trabalho a questão do desenraizamento e volta e meio, entra essa questão, desenraizamento envolve saúde, né? desde parto natural, modelo de orgânicos, consumo sustentável e proteção ambiental de alguma forma. (que ações são mais efetivas em redes?) Que ações são mais efetivas em redes, como assim? (dessa sua experiência com o seu trabalho? qual a função da rede, como a rede pode contribuir no seu trabalho?) A rede, é... potencializar as ações, porque fica muitas pessoas, mais gente pode participar ou saber é... troca de experiências, assim é muito grande, troca de experiências é... mesmo a questão por exemplo de saber as denúncias saber o que está acontecendo, mobilizar, formas de mobilizar é... potencializar a força, ela aumenta a força do grupo, né?... é... e ter conexões assim, mais intersetoriais, mais interdisciplinares, conexões de diversos olhares, conexão de saberes, assim, eu diria assim, um maior diálogo de saberes. (e nisso dentro da questão ambiental como poderia ser mais importante. a importância das redes para as conquistas ambientais?) Assim é que hoje há uma dimensão muito virtual das coisas assim, rede, rede virtual também. Eu acho que isso é um aspecto, tem um lado bom mas, também pode limitar assim porque eu acredito muito no encontro assim, como eu não acredito mais que a informação seja capaz mais de transformar, eu não acredito que a informação no nível racional, ela seja capaz de qualquer transformação, ela é o aspecto terciário do processo. Aí eu acredito que as coisas se dão mesmo pelo nível do encontro assim... então, eu acho que é fundamental que se promova o aspecto de encontro, o aspecto corporal, o aspecto vivencial, o aspecto experiencial, por exemplo, a pessoa tem que experienciar, se ela não sente que é... não adianta ela saber que a natureza é importante ela tem que viver, e tem que se sujar, ela tem que entrar nos espaços, ela tem que, tanto socialmente quanto ambientalmente. Se ela não fizer essa experiência física, real, corporal, do que se chama natureza, ela não vai, não vai haver uma transformação. (dentro da sua vivência, quais os problemas mais graves que dificultam a

implementação das unidades de conservação desse corredor? você pode pensar na APA Aldeia Beberibe...) Eu acho que, a maior dificuldade é que essa incorporação dessa sensibilidade ambiental ela não ela não foi suficientemente... não foi suficientemente incorporada, aí eu olho, fundamentalmente como esses gestores principais eu acho que vai se traduzir na coisa da política e do mercado né? que essa questão do mercado, essa coisa da dimensão econômica que atropela as dimensões ambientais tá ligada a isso que estou falando assim eu acho e que prá própria população também como ela perdeu muito esse aspecto então não reconhece mais aquilo como valor então se eu perco também muita essa dimensão de sensibilidade com as coisas da vida, que eu chamo da natureza, ou social eu não reconheço aquilo como valor, aquele que é o político, o cara que representa que tá o... mercado, ele tá fazendo algo que eu também eu desejo então, de alguma forma, pontualmente eu acho que os problemas fundamentais são problemas econômicos, porque é um modelo político econômico porque falta de políticas sérias, não é só falta de política, ... há falta de política mas, a realizar isso ou não passa por essa vontade e realizar essa vontade e essa energia, essa vontade, essa sensibilidade que tem que ser cultivada em termos de... não só em termos desses que tem poder mas, da população (você falou da incorporação da identidade ambiental... se eu tiver no lugar dele eu vou fazer igual ...) é possível não ter sensibilidade suficiente prá... ou... e também um dos pontos fundamentais é o momento de crise e apatia que a gente... , como disse Joana Meise e Brown... que é essa de você não acreditar mais em certas coisa, ter uma série de crises em jogo tendo que resolver problemas muito pontuais internos, da sua casa e da sua sobrevivência e isso gera... porque a apatia também é isso sensibilidade, é outra forma também de não sentir, as pessoas se protegem também então, aí vem notícias sobre destruição ambiental, aí ok, reclama mas, no outro dia é a mesma coisa e ...é há uma dimensão acho que muito séria de apatia nesse sentido, de como proteção, não como uma fé, mas, como proteção, como uma descrença, que o governo vai fazer o que o empresário que vai fazer ... então, porque eu não vou me beneficiar também mesmo que seja algo que possa ser ruim, né? Então, salve-se quem puder, dar um clima dessa forma é... tem que haver um processo muito grande. (como as redes podem ajudar nisso?) Eu acho que elas podem ajudar nisso assim, podem ajudar nisso mas, indo além do aspecto informacional, né? mas, mais no sentido de conectar as energias, eu tou indignado aqui e tu tá lá do outro lado também, daqui a pouco a gente se encontra e aí a gente realiza um projeto, realiza coisas e aí interfere concretamente e vai prá rua e tem uma dimensão política, aí sim, senão não, se for só no nível da informação acho que é muito limitado mas, se for no nível que as pessoas se encontram e potencializam e conseguem corporificar as ações, as sensibilidades e as ações aí sim, aí é fundamental, rede

né? (um plano de ação, um novo projeto, que componentes e parceiros seriam acionados?) Eu acho que, prá isso é fazer um primeiro, ver o que já tem, mapear, quem são esses atores com mais... com vontade ou potencia e mapear outras instituições ou ONGs, etc. Se for pensar em redes é ... partir do que já tá lá e potencializar o que já tá. Pessoas que já tem expertises né? eu acho que o primeiro passo é fazer encontrar esse conjunto de forças e assim, prá ver a possibilidade, interesse, tempo de cada um e partir para coisas mais burocráticas mesmo, de... Vai fazer um **planejamento** e precisa de recursos, precisa de instituições, governos, etc, prefeituras, é... acho que o primeiro ponto seria mapear e encontrar esses ... e desenhar coisas nesses nível bem participativo, né? participativo, olhando as demandas dessas ... o que está acontecendo agora, as dificuldades, os limites por exemplo tem que analisar isso, fazer uma reflexão, né? porque que existiram , os limites acontecem e certas coisas que não funcionam, funcionam melhor em tal lugar e com certos grupos de pessoas, pegar esses grupos, né? agricultores, professores, a gente vê que grupos, as demandas o que que está acontecendo com relação a... que demandas eles tem e que mais era a pergunta? (quais os componentes...) aí sim, claro, olhar esses aspectos todos, de por exemplo ... de geração de renda, coisa do da dimensão pedagógica, que eu acho fundamental. Acho que prá mim isso é ... pedagógica, muito importante... é... certamente a mesma dimensão que envolve, né? proteção, a conservação e como casar com a dimensão da sustentabilidade, né? sustentabilidade que as pessoas reconheçam ali, se envolvam e se reconheçam então naquilo que tenham... que respondam algo das necessidades, porque as pessoas entram nas coisas muito pelo, pela... que aquilo reponde ou não às suas necessidades né? então como que eu vou na direção das necessidades das pessoas? e ao mesmo tempo com a proposta pedagógica que de certas formas de realizar aquelas necessidades, as pessoas entendem que é só daquela forma, elas não sabem que pode haver uma forma mais sustentável então o aspecto pedagógico é importante que ele seja feito, mas, sempre nessa construção participativa né? porque se as pessoas veem como suas necessidades ameaçadas por algo, por exemplo, como da proteção então isso pode não responder aquilo que ela ... algo originário dela, mas, quando ela encontra esse algo, resposta a esse algo originário, mesmo que sejam coisas diferentes do que ela está acostumada... então isso é o aspecto pedagógico é muito importante prá isso participativo, né? aspecto participativo, dialogar, de construção de coletivo de decisões nesses planos, desses instrumentos, dessas formas de avaliar e de ... e os novos passos e uma dimensão de parcerias mesmo é muito importante, ficar isolado assim... parcerias de construir, reconstruir essa rede.

19. ENTREVISTA MT

(Hoje você está vinculado a alguma ONG?) Eu sou membro do conselho deliberativo da Conservação Internacional do Brasil. (Na época da criação do PACTO MURICI...?) Era membro do conselho deliberativo da Conservação Internacional do Brasil. Não tenho certeza se era membro do conselho do CEPAN, possivelmente também membro do conselho do CEPAN. **(Há quanto tempo você estava nessas organizações?)** Eu tenho envolvimento com CEPAN e CI desde 2000. (Você lembra, pode escolher uma delas, qual a missão dessa organização? O que que você acha dessa missão e de que maneira ela está inserida em sua vida, se coaduna com a sua missão de vida.) A missão principal dessas organizações é conservação de diversidade biológica numa perspectiva que a conservação também seja um instrumento de desenvolvimento sustentável. Isso é uma missão que não só é uma missão, mas um valor pessoal, valor esse que eu reproduzo inclusive nas minhas atividades de ensino e pesquisa, não é... (Em síntese, como esse trabalho poderia ser melhor? Qual a peça principal...) O trabalho de conservação biológica e desenvolvimento sustentável? Eu acho que... ele pressupõe, na verdade, resultados práticos, objetivos, importantes no contexto de conservação de diversidade e de desenvolvimento sustentável como toda questão ambiental pressupõe engajamento das pessoas, engajamento da sociedade, isso é um pressuposto para alcançar resultados concretos nesse campo, ou seja, nós temos que criar instrumentos temos pensar em instrumentos que, de alguma forma engajem todos os atores a ... nessa discussão para que a gente consiga resultados concretos. **É o desafio?** É, o desafio é engajar a sociedade, em síntese é isso. (Então, o Pacto Murici, como foi a sua participação no Pacto, como você avalia essas ações no Pacto, como poderia ter sido melhor?) Tem vários níveis de ação, né? um nível de ação foi mais técnico, digamos assim, oferecendo ao Pacto um conjunto de informações não é? Biológicas, geográficas, ou mesmo socioeconômicas, que eu julgo que foram importantes prá gente descrever o cenário, entender o cenário, não é? Eu acho que essa foi a maior contribuição que eu pude dar ao Pacto, via inclusive, o CEPAN, foi de colocar a disposição um conjunto grande de informações não é? Principalmente sobre a relevância biológica da área de atuação do Pacto. Obviamente, tem uma contribuição também mais política, ... de fomentar ou de ser um parceiro na construção das alianças, né... entre os atores para que esse pacto pudesse existir. Eu acho que também essa foi uma contribuição importante digamos, participar desse processo de amarração né? institucional, focado na criação do Pacto. (Como você avalia as ações do Pacto?) Eu acho que as ações do Pacto elas foram muito positivas, em primeiro lugar porque eu entendo que, foi através do Pacto que a

conservação da diversidade biológica e o desenvolvimento sustentável, particularmente da floresta atlântica nordestina, ganhou uma visibilidade, que eu entendo, maior do que já tinha. Então, esse foi o primeiro ganho do Pacto, ele transformou em prioridade de ação a floresta atlântica nordestina. Prioridade de ação para vários atores inclusive... um grande grupo de pessoas, instituições e ONGs que trabalham com a questão da diversidade biológica. Eu entendo que o Pacto jogou, na verdade, a floresta atlântica nordestina na agenda nacional ou mesmo internacional de conservação, com desdobramentos que tem... com desdobramentos que... até os dias de hoje. Então, a floresta atlântica nordestina, de alguma forma, continua sendo uma prioridade para a conservação. Está razoavelmente bem descrita, caracterizada, né? grande parte dos atores entendem sua diversidade biológica. Há toda uma reflexão sobre os desafios, as dificuldades, os instrumentos, prá que essa conservação exista. Eu acho que o limitante do pacto é a própria questão de continuidade, né? mas, continuidade é um desafio que qualquer ação, projeto ou programa de conservação né? então, o pacto, ele não tem... não entendo que ele deixou de existir mas, né? ele perdeu o fôlego, por uma série de circunstâncias, inclusive de reorganização de agendas de vários atores, então, o desafio do pacto e a fragilidade do pacto é a questão da continuidade. (Você acha que o Pacto se encerra com a AMANE ou ele continua?) Não, eu acho que o Pacto continua, né? Pelo menos no envolvimento de várias pessoas, de várias organizações. O pacto mudou de certa forma a prática de vários atores, empresariais, dentro da universidade, de grupos de pesquisa, então, essa mudança de perspectiva, da importância da floresta atlântica nordestina não se perdeu, então, o Pacto continua existindo. (Em síntese, qual a maior contribuição da AMANE e do Pacto Murici, em seus dez anos, para proteger a mata atlântica e outros biomas?) Chamou atenção da sociedade nacional e mesmo de atores internacionais prá a conservação dessa floresta, articulou atores, articulou interesses na conservação dessa floresta, ajudou a mudar a mentalidade de vários atores em relação a como essa floresta e seu capital e humano devam ser tratados, ou seja, o Pacto e a AMANE efetivamente botaram a floresta atlântica nordestina na agenda de vários atores. (**agora entrando na questão de ação ambiental em rede, você participa de outras redes? que ações são mais efetivas em rede? e qual a importância das ações em rede para as conquistas ambientais?)** Atualmente a minha ação em rede está associado muito mais a pesquisa do que a ações de conservação, não é? Mas, é uma pesquisa também de biologia da conservação e ... tanto conservação como ciência hoje impõe desafios, impõe a geração de produtos e resultados que só podem ser alcançados através de um conjunto de atores e de parceiros trabalhando em prol desses objetivos em comum, e que eu entendo, não deixam de ser redes, ou seja, não é possível, sem redes de parceiros alcançar os

principais objetivos, que são geralmente muito ambiciosos no campo da conservação da diversidade biologia ou na geração de conhecimento científico para dar suporte a conservação de diversidade biológica, ou seja, não há como trabalhar sozinho, né? (Quais os problemas mais graves que dificultam a implementação das unidades de conservação no corredor da mata atlântica do nordeste e como as ações articuladas em rede podem contribuir na resolução desses problemas?) Bom, existem problemas em várias escalas, mas, existe um problema que é básico, que é a implementação efetiva das unidades de conservação para que elas exerçam seu papel, cumpram seus objetivos, o que depende de quadros de funcionários capacitados, que depende de recursos financeiros, que depende de treinamentos desses quadros, ou seja, há uma carência muito efetiva de recursos nos órgãos de gestão que são responsáveis pelas unidades de conservação. Eu acho que esse é um gargalo fundamental, não só na floresta atlântica, mas, no que se refere à conservação da biodiversidade e no desenvolvimento sustentável no Brasil, ou seja, as unidades de conservação e a sua implementação, o seu funcionamento, estão muito aquém do necessário e as redes podem ajudar a diminuir, na verdade, esse déficit, ou essa lacuna, ou essa falta generalizada de investimentos que na verdade são, em primeiro lugar, investimentos de ordem pública que está associado as entidades, as agencias que tomam conta das unidades de conservação, então, a rede pode ajudar a... preenchendo algumas dessas lacunas, identificando oportunidades de recursos, de qualificação, de capacitação, chamando atenção da sociedade para a necessidade efetiva de implementação das unidades de conservação, chamando a atenção dos tomadores de decisão para essa necessidade. Então, as redes, elas são... se constituem num parceiro importante prá, digamos, superar esse gargalo que é de natureza... de recursos necessários ao pleno funcionamento das unidades de conservação. (Com relação a ... um pensamento lançador. Imagina se hoje nós tivéssemos a possibilidade de pensar, de fazer um novo PICUS, um novo plano de ação para a mata atlântica do nordeste, quais os principais componentes e ações que poderiam compor esse plano de ação para a área focal Murici – Urubu do corredor da mata atlântica do nordeste, considerando a experiência adquirida?) Eu acho que o objetivo fundamental não muda que é a conservação da diversidade biológica dessa floresta concomitante com a melhoria da qualidade de vida das populações que dependem diretamente ou indiretamente dessa floresta, então eu acho que a missão de promover um desenvolvimento sustentável, baseado em conservação da diversidade biológica, não muda. (Quais os componentes que você acha, hoje?) Um componente fundamental é a conservação da diversidade biológica e um componente fundamental de desenvolvimento econômico rural de base sustentável. (E prá isso, quem seriam os principais parceiros, considerando a

exequibilidade e estratégia física e financeira?) Governo, ONGs, instituições acadêmicas de pesquisa e a representação dos diferentes atores sociais que estão envolvidos nesse processo. (Então na muda muito do projeto de dez anos atrás?) Não. A estratégia está correta, a missão está correta, os atores estão corretos, é uma questão de continuidade né? Continuidade dialogando com as mesmas questões, os mesmos problemas né? Que hoje se tornam cada vez mais importante, associada as mudanças climáticas, vulnerabilidade ambiental e econômica, ou seja, o pacto ele continua ele continua extremamente atual e relevante. O pacto não caducou, não é? Na sua missão, no seu sentido de urgência, na sua perspectiva de uma necessidade real. O pacto precisa de continuidade seguindo aquilo que se propôs, reorganizando forças, rearticulando atores, mas, ele não precisa ser reinventado, o que ele precisa ser é reativado. (Em relação ao corredor, o que você acha dessa iniciativa, que perspectiva se tem de implementação, se esse desenho é o melhor desenho, o que você acha...) Eu não tenho, eu não tenho, eu não tenho nenhuma crítica ou restrição, porque eu acho... e a própria ciência vai nessa direção que a conservação de diversidade biológica e desenvolvimento sustentável precisa ser pensada numa escala regional, esse é o imperativo biológico, político, econômico, social, então eu acho que nós estamos trabalhando numa escala adequada, numa escala espacial adequada, com os melhores instrumentos, com os melhores conceitos que a ciência tem nos colocado a disposição. Então, o desenvolvimento sustentável baseado no conceito de corredor de diversidade biológica não é uma estratégia que caducou. Ela continua atual, é a melhor receita que a biologia da conservação nos dá, não é? **Tem mais alguma coisa que você queira comentar?** Fiquei muito feliz, orgulhoso e honrado de ter participado de todo esse processo.

20. ENTREVISTA RR

Meu nome é RR e a primeira pergunta é se você está vinculado a alguma ONG, eu atualmente não estou vinculado formalmente, como CLT, como outra função de ... empregatícia, mas, atuo em parceria com uma ONG que se chama INSTITUTO EDUCOMÍDIAS trabalha com educomunicação, formação de jovens pro mercado, formação em audiovisual, em mídias de comunicação é... na época do Pacto Murici eu tava no... fazendo o ensino médio rsrs ainda... então não estava... é, 2005, então não estava vinculado a nenhuma organização. Eu atuei na AMANE por seis anos, de 2009 a 2015, então foram seis anos. Qual a missão da AMANE? A missão da AMANE é contribuir para a recuperação e prá proteção da mata atlântica do nordeste, por meio da conservação da biodiversidade e dos benefícios socioambientais e também da,... tendo aí como linha transversal a comunicação. Como poderia ter sido melhor?

Eu acho que a AMANE ... a missão... poderia frisar mais essa questão da .... da educação, né? da educação por meio da... educação ambiental e tal... tinha muito forte em suas ações mas, colocar... enfatizar mais essa questão na missão. (...) É. Porque ai eu vou... porque também isso já é uma visão minha do ... desses anos todos, do ponto forte da AMANE que eu acho que é educação. Mas, eu acho que é uma missão bem completa que só

frisaria mais esse ponto da educação. É... de que maneira essa missão está inserida na sua vida, se coaduna com a sua missão de vida? Eu acho que desde que eu comecei a pensar sobre essa relação do homem com a natureza e de que forma a gente tá inserido nesse processo de .... proteção, de conservação da natureza eu me senti muito é... ligado a essa função da AMANE, quando eu vi pela primeira vez, porque eu acho que era um momento justamente de eu colocar e ver como que era essa missão na minha vida, né? então.... eu acho que essa missão vai muito de acordo com... principalmente com os primórdios das primeiras vezes que eu comecei a pensar que queria ser biólogo e ... nessa área mais ambiental. (...como você entrou muito jovem e como você foi vendo essa missão e a sua repercussão na sua vida) Essa ... missão meio que me ajudou a começar a construir um... talvez um caminho, um conceito, uma abordagem sobre o que é de fato proteger e recuperar e conservar (...) sim, o enfoque, e aí realmente essa missão me ajudou muito e esse enfoque me ajudou muito no... na minha formação, porque eu entrei na AMANE justamente no primeiro ano quando eu estava começando a faculdade né? então todas as minhas atividades e todos os meus ... estudos, todo o exemplo que eu poderia trazer na universidade aí tinha essa coisa importante de ... como na universidade a gente sempre recebe muita informação e vivencia pouco, né? eu, na universidade tinha o oposto também de passar muito das experiências que eu tinha prá trabalho, estudos, grupos... então essa missão me ajudou bastante a construir, me construir no ponto de vista crítico né? do que tava sendo repassado prá mim e do que eu vivenciava eu aprendi na AMANE. Então, por exemplo, quando se debatia muito sobre desenvolvimento sustentável, eu sentia que tinha uma... uma coisa líquida ali, uma coisa muito subjetiva, muito abstrata na fala dos professores, na fala de algumas pessoas que... sabia que tinha uma coisa abstrata, mas, por outro lado, com a minha experiência com a missão da AMANE eu via que existia uma forma de se fazer um desenvolvimento sustentável, que era a partir da... pensar na repartição dos benefícios, de pensar no ... na mata não como um lugar que está separado, mas, um lugar que está inserido no contexto das pessoas que moram ali e tal, então eu vi muita prática desse conceito do que é desenvolvimento sustentável. Então eu acho que, de uma forma essa missão eu me encontrei com essa missão no sentido do que eu já buscava antes prá

fazer o curso, inclusive essa missão me ajudou a me construir enquanto senso crítico de pensar sobre a própria academia... de pensar sobre essas questões, a experiência com a teoria, como essas questões podem caminhar juntas, né? (que atividades e projetos esteve envolvido na AMANE?) Eu comecei fazendo um diagnóstico para um plano de manejo da Estação Ecológica de Murici e isso também foi bem interessante porque eu já pude compreender também na prática o que é cuidar, manejar uma área legalmente protegida não significa só pensar na área como uma coisa isolada biologicamente, mas, ela também tem os processos sociais, os processos... as realidades sociais, as realidades geográficas, então tem vários fatores e aí comecei com essa atividade de diagnóstico depois atividades mais é... relacionadas a administração, como funcionava a estrutura da ONG, da AMANE e... logo em seguida teve um projeto bem interessante também que foi o contato com questão das invasões biológicas e das Espécies Exóticas Invasoras, que também foi um primeiro contato que eu tive com o tema, não tinha tido ainda e ajudei a AMANE a realizar alguns projetos que somente lá em Dois Irmãos, no Parque Dois Irmãos, que era um projeto com a secretaria estadual, que era a SECTMA, e depois disso fiquei envolvido em alguns projetos relacionados a rede de gestores de unidades de conservação e, logo em seguida, da Rede de Gestores do Corredor da Biodiversidade e depois a gente caminhou para alguns projetos de... relacionados a continuação da implementação de plano de manejo e elaborando plano de manejo também, era muito nesses pilares aí de atuação. Em seguida tive mais envolvimento no projeto é.... da instituição mesmo em si, foi quando eu assumi a diretoria executiva, então esses foram os projetos principais que tinha me envolvido. (você destaca algum mais importante?) Todos eles eu sempre tirei alguma experiência assim, 330N? Muito rica, mas, hummm... os relacionados às invasões biológicas foi o primeiro passo para me sentir biólogo de fato, né? exercer a profissão de fato porque eu estava trabalhando em áreas naturais, trabalhando com o manejo, a proteção dessas áreas naturais e ao mesmo tempo, sentindo, refletindo não só da biologia em si, mas, do campo social, do campoa geografia, então, foi um projeto que trouxe conhecimentos, experiência, conhecimento relacionado com experiências e a parceria com a Michele também, foi bem legal assim trabalhar com um biólogo com quem você pode... aprender bastante, então foi legal, a gente tinha várias discussões fora o projeto, a gente tinha eu e ela e era bem interessante, não foi só o projeto em si, no sentido de desenvolver o projeto mas, também as relações que a gente criou né? É... o rede também o Rede de Gestores também foi bem marcante porque aí tinha uma outra visão da coisa que era trabalhar... trabalhar a questão da biologia, da conservação, tudo mais, mas, de uma forma mais sutil, no sentido de ser um trabalho mais de contatos, de articulação, planejamento de ações no âmbito

mais administrativo de planejamento então foi bem interessante também, porque eu não peguei os cursos, não peguei mas, peguei os frutos desses cursos, que é justamente a questão da articulação, e ... era um conceito bem novo prá mim, porque ainda não tinha entrado em contato na universidade com esses conceitos de... redes, é... de ecopedagogia, de vários conceitos assim mais recentes que eu não tinha contato ainda então foi um primeiro contato que foi uma experiência bem marcante. Também veio a ... também veio a... a articulação em rede como ela pode ser uma forma potente de atuação no sentido de contribuir com a conservação da biodiversidade mas, também prá discussão do desenvolvimento sustentável, porque na verdade a mata atlântica e a conservação, tudo isso é feito por pessoas, nada melhor do que trabalhar para que essas pessoas possam se articular e se unir, né? nesse sentido. (quais as principais dificuldades e oportunidades do trabalho da amane?) Acho que em termos de dificuldade é... a maior dificuldade que eu acho é a questão de você acreditar muito num projeto de você saber que aquele projeto pode contribuir de fato para aquela missão que está se propondo e da missão geral da instituição mas, que ele não tem, um aporte, um apoio financeiro no sentido de sustentação financeira da instituição, eu vi isso muito claro, no ano de 2015 quando se começou a falar sobre crise no Brasil e tal... eu via, não só na AMANE, mas, em outras instituições que atuavam no mesmo campo de atuação da AMANE, que ela, que os primeiros cortes dessa questão da crise foi justamente na cultura e na área ambiental né? então ... eu via tanto outras áreas sendo investidas, na área social e tal... mas, na questão do ambiente a gente não tinha um apelo forte no sentido do emocional, do sentido forte das pessoas prá que... um aporte financeiro que para as ações fosse efetivado. Acho que essa foi a maior dificuldade de você tentar impor um projeto, andar com um projeto e ele não ter um aporte financeiro bem estruturado. Uma outra dificuldade do trabalho acho que era a questão do ... da regionalização, né? acho que a AMANE conseguiu muito bem assim, fazer com que o olhar para o nordeste, um olhar para essa área que tem um dos percentuais mais... mais ameaçados do bioma mata atlântica, esse olhar fosse,,, essse o olhar veio prá cá, assim, a AMANE conseguiu que esse olhar viesse mas, as ações ainda ficavam muito sudeste sul e eu acho que, nesse sentido era uma certa dificuldade também porque mata atlântica aqui do nordeste vinha sendo... é como se ela não existisse mais né? na verdade ela existe, cada vez mais com suas dificuldades, seus impactos, suas ameaças mas, ela também tem uma força muito grande de resiliência, e eu acho que essa falta de olhar pra o nordeste talvez tenha sido uma dificuldade também. Eu acho que outra dificuldade que posso destacar é a burocracia dos projetos, que eu acho que fizeram com que essa energia toda que a AMANE tinha e tal, começasse a se perder da gestão mesmo desses projetos que eram projetos do estado, projetos

nacionais também como o FUNBIO, mas, no FUNBIO a gente não via tanta dificuldade nessa questão da burocracia né? aliás quase não tinha burocracia, eles eram muito prestativos, e tinham uma visão de gestão que era muito boa. Mas, no estado, principalmente no estado de Pernambuco essa questão da burocracia era bem... acho que era o que mais deixava todos da equipe prá baixo e sem estímulo de trabalho né? era preciso sempre tá buscando a energia no sentido que aquele projeto era importante, que a gente acreditava naquele projeto prá essa questão da burocracia fosse ultrapassada, mas, era muito... era bem difícil mesmo. E AS OPORTUNIDADES do trabalho da AMANE era sempre... era uma coisa muito forte que era de sempre tá trazendo essas relações né? fortalecendo relações, encontros com outras 332NGs332tuições, com outras pessoas, com outros lugares, então acho que tinha essa coisa muito forte do encontro do fortalecer as relações e de enxergar o potencial dessas relações e o aprendizado também que de tudo isso vinha né? então, eu acho que eu vejo, tinha muito claro isso na minha cabeça. Muitos dos contatos e das relações que eu criei ficam até hoje assim e essa coisa da rede que a AMANE não só propunha, mas, ela também fazia isso na prática muito bem e sempre tá conectando pessoas e lugares no sentido de contribuir para a sua missão, outra oportunidade também que eu vejo é de ... construir um mundo a partir de outra perspectiva, sair de um paradigma daquela visão que a gente tem das coisas que é muito fechada e muito isolada do restante do mundo para um paradigma que vem é... no sentido de abrir um pouco a nossa percepção de que as coisas estão mais conectadas e elas se inter-relacionam, então acho que essa era uma oportunidade de atuar nesse sentido, de trazer uma mudança desse paradigma e uma mudança também social, né? como a gente viu em alguns locais que a gente foi, isso é muito forte em Murici, porque mesmo a gente achando que o trabalho era pouco e era, se não era suficiente mas, hoje a gente vê que... quando a gente passa lá em Murici, nos Assentamentos principalmente, a gente vê que eles são muito gratos ao trabalho, que eles desenvolveram muitos outros projetos a partir dessa visão né? só de trabalhar o conceito e a prática da agroecologia eu acho que já mudou muito esse paradigma de que, numa terra a gente precisa plantar só determinada coisa porque... enfim, aquela planta, aquele meio de subsistência vai ser uma forma mais simples, enfim, uma forma que eles aprenderam com isso né? e aí a forma como a AMANE chegou, a forma como isso foi trabalhado com eles acho que foi importante para que eles continuassem tocando essas práticas, né? Acho que outra oportunidade na AMANE foi de fazer essa inter-relação também entre o local e o global, né? entre o local e o regional, no sentido de que, o que a gente propunha que fosse para o regional a gente também tava fazendo localmente, atuando localmente, então eu acho que era uma oportunidade de olhar por diversas perspectivas, do

micro, do local mas também do macro, regional, então é uma oportunidade também nesse sentido de percepção né? e... acho que outra oportunidade é o fato de se pensar políticas publicas não só aqui no Estado de Pernambuco mas, também em outros Estados. A partir de experiências que, de uma certa forma as políticas públicas elas não enxergavam porque ela ficam muito ali fechadas em si mesmo e não abrem muito a cabeça prá o que tá acontecendo pelo... o entorno então eu acho que a AMANE teve essa oportunidade de pensar e formular políticas públicas como políticas públicas das espécies exóticas de Pernambuco, é... questões como o Sistema Estadual de Unidades de Conservação, então tudo isso foi pensado a partir de experiências de outros estados, de outras ONGs, então era uma oportunidade da gente atuar enquanto sociedade civil para modificar um pouco essas políticas. Como seu trabalho poderia ter sido melhor? Eu acho que... poderia... *deixa eu dar uma pausa prá pensar*... então, eu poderia ter sido melhor, pra mim foi muito forte o trabalho nessa posição de diretoria executiva então eu acho que ele... esse trabalho poderia ter sido melhor no sentido de buscar mais soluções criativas para reverter essa frustração da dificuldade financeira, então eu acho que ....(...) a financeira e a burocracia, sem dúvida. É, o conselho nesse... o conselho não tinha muito contato com o conselho na... até assumir essa posição de ... da diretoria, mas, quando eu assumi, eu realmente vi que tinha uma dificuldade grande aí de relação, não sei da parte deles, não sei, mas, da minha parte era muito no sentido de achar eles um pouco distantes do ... é... de mim, do meu trabalho e tinha uma certa frustração talvez também de achar que não estava correspondendo ao que eles viam, do que eles gostariam que tivesse naquela posição, mas, eu também entendo que era um contexto muito complexo assim, que ... é... quando eu assumi o conselho já estava meio meio desarticulado pelo que eu ouvia falar, ouvia... sentia também um pouco, mas, acho que era uma questão mais complexas que alguns deles já estavam um pouco cansados, da posição de conselheiros e tal e então eu acho que aí... do cansaço aliado ao fato também de talvez eu não estar correspondendo às expectativas deles, eu acho que fez com que essa relação não fosse muito forte, muito... não fosse fortalecida, né? o trabalho poderia ter sido melhor nesse sentido de eu buscar uma relação também é... mais próxima com eles e... mas, ao mesmo tampo deles também tentarem buscar uma relação mais próxima comigo, não é? Mas, dois conselheiros, duas instituições conselheiras foram bem importantes prá mim nesse processo que foram, o CEPAN e a Reserva da Biosfera, o Instituto Amigos da Reserva da Biosfera, que, me ajudaram bastante nesse processo, que também, mesmo eles tinham um certo distanciamento né? então, tinha um pouco essa dificuldade que chegou num momento que eu vi que até esses que estavam me ajudando muito também foram saindo um pouco e eu disse não, eu não posso tocar uma instituição sozinho que é uma associação de

outras instituições não é? Então foi nesse ponto que eu vi que eu poderia enfim, sair e entregar o trabalho. (a colheita principal que a atuação na amane deixa prá minha vida é) ... eu acho que fica muito forte isso do ... vivenciar na experiência, na prática, no cotidiano, mesmo no trabalho conceitos que a gente vê muito, que a gente fala muito que é, conceitos não só em relação a biologia, o trabalho social mas, em relação a gestão, em relação a mudança de paradigma também, então eu via que a colheita principal é que eu acho que, a gente pode sim, de fato, em uma instituição é... aplicar o que a gente acredita e aplicar o que a gente acredita, que é mudança pro mundo, né? então eu acho que essa é a principal coisa que ficou assim pra mim, eu vi na prática que realizando sua missão e realizando alguns conceitos em relação a gestão, de ser uma gestão que tenta ser não só... vertical, mas, uma gestão que tenta ser horizontal, então, quando eu assumi eu também tentei muito buscar, e muito por esse caminho e, é isso. Como você avalia as ações do pacto na AMANE? Eu acho que o Pacto teve uma atuação bem bem interessante no sentido de... ele nasceu com uma proposta , com um objetivo, e aí ele foi se remodulando, ele foi se transformando em outros... desdobramentos, né? então eu acho que foi uma ação bem importante no sentido de repensar sempre que aquele objetivo e transfigurar em realidade quando a gente chegava com projetos e desenvolvia projetos e tinha resultados e a gente avaliava aqueles resultados e via que poderia seguir por outros caminhos, então eu acho que são ações bem interessantes nesse sentido ... Como poderia ter sido melhor? É... ele ... acho que o pacto... ele poderia... ter ... como como o pacto ele se confunde, se confunde não, mas, ele tá muito relacionado à missão da AMANE eu acho que , tem muito haver de como poderia melhorar, porque eles poderiam acreditar mais nas ações educativas, né? nas ações... fortalecer mais essas atuações para desenvolver mais o ... para desenvolver mais essas ações educativas que eu acho que é a grande, uma das coisas que tenho percebido é uma das coisas mais ... também da experiência com a AMANE é que é uma das formas mais efetivas de você realmente começar a se pensar a relação né? como se trabalha com comunidades, como se trabalha com... assentamentos e tal, que é fortalecer essas ações educativas para que os sujeitos ali se transformem de fato. Que contribuições o Pacto Murici e a AMANE em seus dez anos deixam para a luta de proteger a mata atlântica e outros biomas. Eu acho que, as principais contribuições são essa coisa das redes, né? das de, as vezes, pessoas que são tão diferentes, pessoas que são tão diferentes no sentido de... vários sentidos, se juntarem com uma finalidade em comum e acreditar nessa nessa finalidade e... tá sempre agregando mais instituições, tá sempre agregando mais pessoas para que essa ... esse objetivo seja atingido, então eu acho que é isso, é reconhecer que a ... os biomas, a mata atlântica são formados por pessoas e por instituições que as vezes tem alguns problemas e as

vezes a gente precisa também trabalhar esses problemas nas instituições e nas pessoas , por isso as ações educativas são interessantes, mas, só o fato de você reunir pessoas e instituições diferentes isso já dá uma outra visão, as vezes a gente vê muitos acordos e muitos pactos com instituições similares assim e, nesse sentido as instituições tinham uma certa base que era a conservação da biodiversidade mas, elas tinham atuações muito diferentes assim e eu acho que esse... essa, valorizaar essas diferenças pode ser um uma grande contribuição para proteger os biomas e você participa de outras redes, 335NGs e quais? Eu tenho participado ... é.. eu sou associado a AMECICLO que é uma associação de ciclistas do Recife, participo de algumas redes como... a rede a REGA que é uma rede de grupos de agroecologia, uma rede de ações em agroecologia, participo indiretamente assim, mas, de algumas ações e sempre to tentando estar em grupos para formar redes, né? Estou iniciando num grupo agora que é pra criar um grupo na universidade em práticas potentes relacionadas a ecopedagogia e a cura pela natureza e sempre to, acredito muito nessa forma de ... nessa forma de articulação. Que ações voltadas a educação ambiental você realiza em redes, como você usa as redes para desenvolver seu trabalho? É... acho que, acredito que essa participação de redes de agroecologia a gente discute bastante essa coisa da proteção, da manutenção, conservação do ambiente, acho que a própria agroecologia traz um pouco essa visão. É... mas, não era tão forte como na AMANE. Como você usa as redes para desenvolver o seu trabalho... é... acho que as redes tem um potencial forte de acelerar uma determinada ação, então as vezes uma ação que eu poderia fazer sozinho em rede eu acelero mais ainda essa ação, né? então eu estou olhando sempre prá esse tipo de ação, nesse sentido. Que ações são mais efetivas em rede. Eu acho que são ações que carregam uma afetividade assim, quando as pessoas fazem aquilo porque se sentem atraídos, se sentem afetivamente atraídos, tenho percebido muito isso né? e que elas tem um retorno não só financeiros, mas, um retorno em diversos níveis. Qual a importância das ações em rede para as conquistas ambientais eu acho que a importância... se não fossem as redes a área ambiental ela taria bem pior do que tá hoje porque a gente tem políticas públicas e... a gente tem um governo aí que tá... não tem preocupação nenhuma com a questão ambiental, tá sempre querendo é... o governo federal que falo, tá sempre querendo desmobilizar todos o que foi conquistado nesse sentido então, se não fossem as ações em rede, essas redes em agroecologia, essas redes de áreas protegidas, né? que no sul tem bastante, ela sem bem efetivas, as redes aqui no nordeste também se não fossem essa articulação a gente estaria com a situação ambiental bem pior. No sentido de com menos áreas de proteção, menos áreas de proteção, protegidas né, com menos políticas públicas também acho que se não fosse a articulação em rede a gente estaria bem precária nessa questão ambiental em

relação a outros países, por exemplo. *Quais os problemas mais graves que dificultam a implementação das ucs no corredor da mata atlântica do nordeste.* Eu acho que é a ... essa falta de olhar do poder publico pra... e do poder privado também, prá essa... prá essas UCs e não reconhecer que elas podem ser uma fonte de renda também e que elas injetariam muita economia mas que também elas são um aporte de segurança prá o próprio projeto privado projeto é ... do setor governamental então eu acho que os problemas mais graves são... essas... essa falta de visão de que as UCs são importantes, no sentido que elas mantém ali uma... (...) a visão principalmente do governo e do setor privado então eu acho que são os que.. participam da gestão né? mais, mais objetiva, mais direta, mas, claro que isso reflete de uma visão mais geral da sociedade de que a UC é um pouco distante e que ela não traz benefício ela tando ali né? é um pouco essa visão das coisas isoladas ela não faz relação, por exemplo, em relação da UC com a minha vida, por exemplo, como a UC é importante para que eu tenha água na minha casa, como a UC é importante para que eu ... o calor que eu sinto ele não piore, né? então, eu acho que essa falta de visão da importância do governo e do privado tem um pouco a ver com a geral da sociedade. É... na minha experiência com as UCs eu vejo também que é muito dessa coisa da burocracia, né? as vezes é aquela mesma coisa... a burocracia ela enfraquece muito a energia de quem está ali naquela UC, consequentemente enfraquece a energia de quem mora também no entorno ali porque o papel do gestor (... qual o problema da uc no campo) No campo rural? (...) no campo eu acho que é... eu acho que passa um pouco por isso também dessa dessa é... falta de percepção do quanto ela pode ser importante prá, por exemplo, no campo prá otimizar o trabalho do campo e ... mas, também lá no caso de Murici tem a coisa forte da política, do coronelismo que vem de muitos anos então, enfim não existe uma essa coisa da terra é muito muito frágil, assim... existe uma área protegida mas, ao mesmo tempo existe um poder que há muitos anos ali e que não é... não enxerga a área protegida como área protegida, é área dele e pronto, que ele pode fazer o que ele quiser e enfim... Como as ações articuladas em rede podem contribuir para a resolução desses problemas Eu acho que as ações em rede proporcionam ... o desencadear de ideias que podem mudar essas realidades, então, se a gente pensa numa UC que é bem efetiva e que tem boas experiências de manejo e tal, de gestão, então quando a gente traz para a rede isso pode se ampliar e as experiências que são potenciais, que são, que trazem potencia, elas podem se propagar pelas redes adaptando as realidades, então eu acho que as articulações em rede são fundamentais para resolver esses problemas, até quando a gente pensa no contexto lá de Murici é... a relação entre os assentamentos, a gestão, e essas propriedades privadas desses latifúndios, então a gente vê que essa ação em rede... pensar sobre essa ação em rede

melhorou bastante essa relação, né? entre esses setores que dialogavam muito muito insipientemente, assim de maneira muito frágil acho que agora essas relações não são... não é perfeita mas, deu uma grande contribuição para melhorar né? essas relações, então, acho que a gente também trouxe essa questão da rede prá quando a gente fez intercambio entre agricultores entre assentamentos e entre realidades diferentes, então, quando a gente vê outras realidades a gente abre um pouco a cabeça. E também... é... tenta se encaixar dentro daquele contexto, né? então eu acho que elas são fundamentais. (sobre o plano de ação) Eu acho que até partindo dessa reflexão do que foi a AMANE do que foi o Pacto Murici acho que, é... vejo um componente da educação, da educação como a AMANE vinha trabalhando, né? no sentido de uma educação que pense o sujeito como um sujeito que possa ser, que possa enxergar a educação como libertadora, não como uma enxurrada de informações assim, mas, como um auto-conhecimento de como o sujeito se vê ali naquele naquela dinâmica, naquele ciclo e naquela região, é... e uma educação que realmente não só pense a conservação como uma prática que está distante, mas, uma prática que faz parte do cotidiano, uma prática que faz sentido prá ele, então pra fazer sentido precisa de uma é... de uma proposta de trazer uma educação mais profunda no sentido de que aquele sujeito mude os seus hábitos, é.. de acordo com o seu limite, mas, profundamente, né? que isso parta dele, não que venha de fora. Então esse componente que a AMANE já trabalhava bem isso. Outro componente... eu acho que é a valorização das redes né? são as redes, componente das redes, que a gente vê nesse processo de experiência que ela são bem importantes, mas, uma... uma... as redes envolvendo vários setores, setor governamental, setor privado, e pensar também de que maneira a experiência do senso comum, de quem tá ali e... vivenciando todos os dias aquela área, não... isso não é valorizado mas, tentar valorizar mais isso que tá é... mais atuante ali né? acho que outro componente também pode ser... o encontro com propostas que vêm surgindo, demandas que vêm surgindo na sociedade, como por exemplo, a questão do feminismo, a questão das mulheres, o papel das mulheres na conservação, entender um pouco como é, como é essas relações, trazer um pouco essas questões que tão, que tão mais atuais aí né? e.. tentar inserir esses, a questão ambiental, a questão da conservação nesse ... de que forma eles dialogam com esses essas novas questões que estão surgindo aí. Uma ação bem importante prá essa área focal também aí é dialogar de que forma o novo código florestal que a gente tem aí, ele pode fortalecer essas ações, porque a gente tem, a gente teve um contexto também de Cadastro Ambiental Rural, então muitas das questões relacionadas a reserva legal e essa coisa da proteção de uma determinada área poderia ser muito bem trabalhada aí. E principalmente nessa região que tem uma carência dessas questões ligadas a terra e tal, então acho que esses

três componentes seriam bem interessantes: (...) EDUCAÇÃO, REDES e... são quatro né? Educação, Redes, trazer assuntos contemporâneos, dialogar com assuntos contemporâneos que pode ser ... que pode tá dentro de educação, e, dialogar com o Cadastro Ambiental Rural como uma oportunidade, uma oportunidade de fortalecer. *Quais seriam os principais parceiros?* Uma coisa da experiência que eu tenho é que nesse momento que a gente tá agora de crise, enfim, mas, de golpe, de tentar buscar parceiros internacionais pra fortalecer o ... esse plano de ação, acho que tem muitos parceiros que tem de fora e que olham, começando a olhar já há algum tempo prá essas questões melhor do que alguns aqui é... mas, eu acho que os grandes parceiros mesmo são esses grupos de agroecologia que vêm se formando também porque eles estão começando a trabalhar em redes em ações que são pequenas mas, que são muitas ações então seria uma forma também de se agregar a esse tipo de parceiro né? e eu acho que parceiros também são essas ONGs que estão cada vez mais necessitadas, não é? De projetos e de aportes financeiros, fazer com que não só fortaleçam o plano de ação, mas, fortaleçam também essas instituições que estão envolvidas, né? com a questão da conservação da mata atlântica, então eu acho que seria uma via de mão dupla aí com parceiros. (e a gestão do plano, como seria?...) a gestão de um plano de ação... uma gestão nesse novo formato... eu acho que essa gestão em conselho né? acho que ela é bem forte porque pode abranger vários setores que podem trabalhar em conjunto assim, e... ter essa pluralidade porque essas regiões são regiões que têm vários contextos, várias pessoas diferentes, várias instituições diferentes e tentar ... fazer com que isso está um pouco ali e que não é possível mais, mas, o máximo que conseguir nesse conselho para que esse plano de ação seja gerido, acho que é uma gestão interessante, mas, acho que é preciso tenha uma instituição que toque, que lidere. (sobre o pacto e sua distancia da equipe da amane e das bases, ele precisaria chegar ou até que ponto ele poderia chegar, nem a equipe da amane conseguiu introjetar o pacto? O pacto existe sem a amane? A amane pode existir sem o pacto? A dissolução da amane tem a ver com a crise ou foi o sistema de gestão que não conseguiu provocar uma historia diferente? O pacto é uma rede,ela cumpriu a função dela?) Eu acho que ela não cumpriu em sua totalidade, né? mas eu acho que ela... até porque é difícil cumprir em sua totalidade, em um cenário complexo que a gente tem, mas, eu acho que, realmente as vezes ficava ... se sobrepunha, né?o pacto com a AMANE assim e... é... acho que o Pacto ele cumpriu com... no sentido de iniciar alguma coisa numa região que não tinha nada, né? nada assim, no sentido de abrangência e de ações efetivas então, eu acho que essa rede foi importante prá iniciar uma outra forma de gerir, né? uma outra forma de gerir o espaço ali, através das redes, através de tudo isso que a gente falou, mas, acho que ele cumpriu com sua função de iniciar e de instigar outras instituições,

outras pessoas, outras pessoas conhecer também o trabalho dessas outras instituições que não chegavam, não tinham chegado ainda no nordeste, e ele deixou aí muitos frutos, né? acho que ele não cumpriu em sua totalidade porque ele se confundia com a AMANE e com a atuação da AMANE, mas, eu acho que ele cumpriu com o seu papel de iniciar uma coisa que não tinha... não era muito forte, né?

21. ENTREVISTA BP (*lê questionário e responde*)

O trabalho na conservação da biodiversidade. Você está vinculado a alguma ONG hoje? Não. E na época da criação do Pacto Murici em que organização estava vinculado? Na época de criação do Pacto eu não estava vinculado, né? eu estava vinculado a AMANE durante (...) em 2004? Não... eu tinha acabado de entrar na faculdade em 2004, na verdade, em 2008 eu entrei na AMANE, 4 anos depois. *A quanto tempo eu atuei na AMANE e em que período?* Eu atuei na AMANE de março de 2008 a setembro de 2012, foram 4 anos e nove meses, mais ou menos isso, eu acho. *Qual a missão da AMANE, o que você acha da missão e como poderia ter sido melhor?* Bom, a missão da AMANE é... já faz um tempo já... rsrsrs. A missão da AMANE era conservar e restaurar a mata atlântica do nordeste por meio do desenvolvimento sustentável, da conservação da biodiversidade e ... da repartição dos benefícios da sociobiodiversidade da mata atlântica. *O que acha dessa missão e como poderia ter sido melhor?* Olha, essa missão é uma missão que... era um sonho da gente né? era um sonho e era factível né? era um sonho realizável tanto que a gente trabalhou esses 4 anos e 9 meses realizando projetos e captando recursos para atingir esse sonho, atingir essa missão. Isso foi bem possível né? *Como poderia ter sido melhor?* Bem, não sei, não sei como poderia ter sido melhor para o alcance dessa missão, essa que é a ideia né? não sei como poderia ter sido melhor, talvez... é... se a gente tivesse se desgarrado dos projetos e ter conseguido fazer com que a AMANE captasse recursos de forma permanente de outras fontes, sem depender só dos projetos, acho que essa foi a maior dificuldade da gente de gastar muito energia com projeto e tá implementando projeto e tinha que gastar energia com outro projeto para captar recurso e ... a gente tá fazendo um projeto e tinha que gastar energia fazendo outro projeto (...) é, acaba que, a gente não conseguia manter um barco em velocidade de cruzeiro e olhar prá frente e mirar prá frente... tinha sempre que manter o barco andando, a energia da gente era sempre fazer o barco andar. Talvez se a gente conseguisse manter o barco andando e conseguisse olhar prá frente a gente tinha conseguido é... uma visão mais a longo prazo assim de...dos nossos projetos, né? talvez seja minha visão. *É... de que maneira essa missão está inserida na sua vida, se coaduna com a sua missão de vida?* Nossa... rsrs. É, essa missão...

é... assim, trabalhar na AMANE foi minha formação profissional né? eu tinha acabado de me formar, acabado de sair da faculdade entrei na AMANE... eu me formei em 2007, início de 2008 entrei na AMANE. A missão da AMANE hoje é meu pilar é... profissional, a minha base profissional foi construída com base nessa missão da AMANE e... eu sempre dialogo sobre isso. Hoje eu trabalho com cerveja e apesar de ser uma área completamente diferente assim... mas, eu sou vizinho da APA Aldeia Beberibe então dialogo sempre sobre a APA Aldeia Beberibe, junto com a fábrica, a gente fala muito sobre isso, mantenho uma... não consegui ainda fazer um projeto sobre isso mas, (É DENTRO OU É VIZINHO?) é vizinho. a estrada da Mumbeca é o limite oeste da APA. A APA acaba ali na gente, a gente tá no limite da APA. E quando o Parque Dois Irmãos for ampliado, se realmente for concretizado aquela compra do terreno do banco, a gente vai ficar lá mais perto da APA. Faz parte do meu dia a dia, querendo ou não a gente tá sempre falando sobre isso. E sempre quando tem algum parceiro envolvido na área a gente tem uma relação, eu trago a minha experiência da AMANE né? por exemplo, o bagaço e malte da cerveja a gente vende para uma cooperativa de agricultores de Abreu e Lima, então a gente mantém uma relação com eles, tenho contato com eles, é... apesar de não fazer algo na terra deles a gente tem uma relação próxima e eu acho que essa vivência na AMANE, trabalhar com agricultores, trabalhar com prefeitura, trabalhar com múltiplos atores do corredor do nordeste (VOCÊS CAPTAM ÁGUA DE LÁ?) não, a gente não capta água, usa água da COMPESA por enquanto, a gente pensa em fazer um... captar água da chuva dentro do plano mas, para produção de cerveja a gente ou vai furar um poço ou vai comprar água de alguma água mineral que tenha... porque a Estrada da Mumbeca é onde tem quase uma dezena de água mineral, 90% da água mineral de Recife vem de lá, da Mumbeca. Então ou a gente vai comprar água mineral e armazenar ou a gente vai furar um poço, a gente tá vendo a melhor, tá levantando custo prá ver a melhor... *Em que atividades e projetos esteve envolvido na AMANE?* Nossa... eu entrei no projeto do SEBRAE, era SEBRAE que era Repartição de Benefícios da Biodiversidade da Mata Atlântica, projeto do SEBRAE (...) perdi um apêndice... rsrsrs. SEBRAE e ao mesmo tempo entrei como monitor do PDA/Capacitação aí em seguida é... eu me envolvi mais no PDA/Capacitação, saí de monitor passei a ser assessor do projeto, o PDA/Redes, o PDA/ Corredores, as publicações né? as duas publicações da AMANE né?... me envolvi na Serra do Urubu, na SAVE, no CEC, nos dois CECs, Murici, com projeto FUNBIO, né? acompanhei a construção do CEC Murici, é... o CEC de Urubu também acompanhei, acompanhei os FUNBIOs que tiveram, que foram 3, se não me engano, né? teve esse do CEC, teve um outro que eu acho que também foi Repartição dos Benefícios da Biodiversidade, não... o nome agora e teve o ... (...) redes né?

que eu até participei, dei aulas no projeto, edital para instituições e tal, então, todos os cursos do PDA, o Redes, o PDA/ Corredores, os projetos mais... (maiores) É, e o que tava acontecendo na época eu acabava contribuindo, participando, um pouco de tudo, um pouco de tudo..... era tanta coisa acontecendo muito, era muito motivante, na verdade e... enfim, de perceber o quão era vasto, o quão era vasto o quão é vasto essa área da gente, né? a área de conservação, mosaicos também, me envolvi no projeto de Mosaicos, (...) Plano de Manejo, de Murici, Plano de Manejo de Vila d´água, Plano de Manejo de Urubu, da RPPN e... que mais... algumas propostas que a gente fez também... (...) Produzir e Conservar. Uma proposta que a gente fez que foi a proposta da... (APAC também) da APAC nos dois da APAC, né? um que a gente contratou e outro que desistiu, a da APAC tava lá, o do... o outro PDA também, acaba contribuindo um pouco...PDA que era do CEPAN, que a gente participava e teve... Espécies Exóticas acabava colaborando também com o trabalho de Michele, com a parte da publicação também do livrinho da gente de Espécies Exóticas... que mais... deixa eu ver... veio uma coisa em mente agora,... não to lembrando, se lembrar mais... o concurso das espécies, da espécie símbolo do Corredor, fazia parte também do Corredor, do Produzir e Conservar, com o ... é... a CI. O da SOS, da ... da SOS com TNC, da Aliança (...) Fortalecimento Institucional, o curso que eu fiz também pela SOS, pela Aliança. Acho que foi isso. *Quais as principais dificuldades e oportunidades do trabalho na AMANE?* Nossa... as oportunidades acho que era a ... essa diversidade de áreas que a gente podia atuar, tanto na parte da articulação, que eu acho que a AMANE era o player principal do nordeste nisso, ninguém mais fazia isso no nordeste e não foi substituído, acho que ninguém fez, ninguém faz isso mais, era a AMANE que fazia, era a AMANE que dialogava com governo com terceiro setor, era a AMANE que fazia com que o terceiro setor se sentasse na mesma mesa para dialogar. Haviam ONGs que não dialogavam, regiões aqui no nordeste, elas sentavam juntas dialogavam, essa era uma grande oportunidade que a AMANE trazia de network, de compartilhar, de políticas públicas, o SEUC, me envolvi no decreto do SEUC, nem sei se foi aprovado, acho que não (...) é a gente tinha feito uma..., junto com Liza, tinha feito um decreto de alguns artigos, chegou a ir .. aprovado no CONSEMA, foi prá ALEPE e acho que na ALEPE ficou, deve estar até hoje na mesa de alguém na ALEPE. Acho que essa coisa, esse papel da AMANE de ser um articulador era uma grande oportunidade, grande oportunidade de conviver com outros profissionais também né? de dialogar com agricultor, sem terra, de dialogar com ... prefeito, com empresário, de ter essa essa essa gama aí de participação, de aprender a falar e é... um aprendizado que eu tive muito grande na AMANE foi isso no momento de estar falando com um sem terra ali, um cara que tá invadindo a terra, dialogando com ele e hora depois eu tá na

mesa com o prefeito, falando com o gestor do ICMBIO, com o prefeito, com o empresário, ... tentando tirar qualquer conflito que existisse prá gente abrir o diálogo, isso foi muito bom também. Outra oportunidade da AMANE foi o desenvolvimento pessoal, acho que a AMANE era uma instituição que é... pesava muito pelo desenvolvimento dos seus colaboradores, num trabalho de retiro, de biodança, de autoconhecimento, isso não vi em nenhum outro lugar, né? até já ouvi falar mas, nada profundo como a AMANE fazia, então essa era uma oportunidade de desenvolvimento pessoal é... as grandes **dificuldades** acho que eram... talvez isso de a gente ter que manter o barco andando, a gente nunca conseguia parar para olhar o barco andar e conseguir tocar outros projetos, mas, tinha sempre que manter a casa andando, pagar as contas e isso eu acho que era uma grande dificuldade, no dia a dia a gente não sentia, mas, depois que eu saí ... caramba, gasta muita energia com isso, muita energia prá manter a casa pagando, era muita energia gasta (sangue da gente) mandava dez projetos para aprovar três sabe? Isso era muito caro prá gente, mas, era o modelo que a gente tinha adotado prá trabalhar, e que era produtivo, era muito bom, a gente praticava escrever projeto e isso era muito bom também, mas, ao mesmo tempo a gente... é... cansava, né? quando a gente chegava prá fazer o trabalho a gente tava já... a gente já tinha feito dez projetos com dois aprovados e será que é o caminho certo? Será que é isso mesmo? É... esse talvez seja a maior dificuldade do caminho. (Como seu trabalho poderia ter sido melhor?) Rapaz, se eu tivesse sido mais maduro, se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje acho que poderia ter sido melhor. Tava verde, tava é... querendo colaborar da minha forma, isso, bem difícil nisso e querer impor minha maneira, talvez, se eu tivesse é... sido mais maduro, se eu tivesse contribuído mais e por mais tempo. Isso é o que eu penso que poderia ter sido. (Qual a colheita principal que a sua atuação na AMANE deixa para a sua vida?) Nossa... a principal eu acho que é essa visão do ser, interior, né? me auto observar, né? de tentar ver o meu aprendizado de dentro prá fora mesmo e, acho que essa vivencia também de articulação... pra minha vivência profissional, acho que foi um legado assim indescritível acho que assim... é... tudo que você passou pra mim de lidar com algumas situações, de lidar com algumas pessoas, até como você falou agora daquela pessoa... foi difícil com aquela pessoa, né? mas, eu saí vivo, porque podia ter enlouquecido, porque foi é.. eu era novo, não tinha ainda capacidade de respirar e dizer cara, calma, passa, tava muito a flor da pele ainda. Essa colheita de olhar prá dentro de si e olhar pro outro, acho que foi ... apesar de eu não sei disso ainda, mas, acho que foi o principal legado que a AMANE deixou prá mim além da pessoa o profissional né? (faço umas reflexões, é interessante a questão do broker, a amane era um broker de articular em cima com as ongs do pacto, fábio era um broker de articular com camponeses e movimentos sociais e

nesse momento era muito difícil e sutil e exigia muito, estar articulado com essa prática e com essa visão, porque o pacto, ele não se relacionava, então não fazia a articulação com as bases e o meu papel era super importante e exaustivo porque tinha que dar viabilidade e articular com as bases e a cúpula, uma função biarticularda) É. Você tinha que dialogar com a equipe e com o campo, porque você ia pro campo também, um conselho que não era fácil de lidar, instituições que tinham sua história por traz, seus desejos, suas personalidades, seus projetos que as vezes não eram compartilhados, mas, que tavam ali por traz conduzindo a atuação de cada um e que ... era assim, era muito difícil sentar todo mundo na mesma mesa e dialogar todo mundo o mesmo assunto, dentro do mesmo objetivo (é como se a gente tivesse dentro de uma linguagem nova para o agir, mais compartilhada e eles ainda não, no entanto, era quem dava sustentação a gente) tinha que fazer essa ponte né? (*O Pacto Murici e a AMANE. Como você avalia as ações do Pacto Murici na AMANE?* Como assim, do projeto Pacto?...como essas duas figuras dialogavam?) Quando fala pacto o que vem na cabeça primeiro é o projeto, os dez anos de AMANE, os dez anos do Pacto né? e aí vem aquela história que a AMANE surgiu pra implementar o Pacto , o Pacto em si ele era a formalização de um grande projeto de várias instituições, na época eu acho que não estavam as oito... (Estavam as oito, ficaram sete) É, uma saiu fora, né? a SNE saiu né? então naquele momento que se fez um projeto com oito instituições, oito instituições com missões completamente diferentes, com visões de mundo completamente diferentes, mas, que sentaram ali e fizeram um projeto juntos, articulados por você, fizeram um projeto e construíram esse projeto com a visão de dez anos, minha visão era que a AMANE era a responsável por colocar esse projeto prá frente, é tanto que a gente sempre botava nossos projetos que a gente ta ali, isso aqui é um peça de um grande projeto, né? o que a gente argumentou com o SEBRAE, com o FUNBIO, com o PDA, era, olha, a gente tá fazendo isso aqui, mas, isso faz parte de um grande projeto, então prá mim o Pacto era o grande caminho que a AMANE estava percorrendo e que nesse caminho tinham pedras que eram os projetos que a gente escolhia para alcançar ele, prá chegar nele. É... eu acho assim que a AMANE ela surpreendentemente ela conseguiu trilhar o caminho dela dentro do Pacto, dentro dos dez anos do projeto, dentro de dez anos, lógico que, alguns pontos foram alcançados com louvor, com muita sobriedade de que chegamos aqui, cumprimos a missão, outros talvez não tenham sido perpetuados, né? a AMANE ela tinha, ela com ... o Pacto... a AMANE surgiu em 2005, o Pacto foi em 2004, a AMANE surgiu em 2005, em 2008 a gente já tava mantendo a AMANE. (...) Já aprovou o capacitando que ajudou a manter muito a AMANE, boa parte do recurso vinha do Capacitando né? PDA Capacitação né? e... é... essa assim a pergunta é como é que avalia o Pacto na AMANE aí o Pacto na AMANE eu vejo o

conselho agora e a AMANE no Pacto eu vejo trilhando os seus projetos as suas missões e seu planejamento estratégico para seguir aquele grande projeto de 10 anos. Agora, a atuação do conselho, que é o que acho que talvez seja o que veja isso agora, na AMANE, e... que ele é... eles tinham em mente o projeto do Pacto, talvez alguns mais claramente que outros porque mudou os players no conselho, alguns deles, mas, eles não tinham muita é... como é que eu posso dizer, apesar da relação, eles não tinham muita proximidade, não se envolviam tanto, eles procuravam não se envolver. Eles como conselho do Pacto... eles procuravam ser o Conselho do Pacto e não... quebrar uma barreira que a AMANE se propunha a quebrar, que a AMANE fazia com outras instituições como fazia internamente, como a AMANE fazia em seus projetos né? acho que tanto que a gente perguntava, vai ter uma ação de uma instituição do Pacto aqui e a gente não tá sabendo? Que instituição é essa? Tá na cadeira com a gente, a gente é articulador deles aqui no nordeste e vinha ficava, pô! Acho que não sabe o que que é a AMANE. Acho que aconteceu isso com a TNC, né? a TNC veio e é... A SOS também, a SOS bastante mais do que talvez a TNC mas, a gente ficava... a gente é o braço dele aqui, a gente tem a missão de ser o braço dele aqui, então... ele vem faz uma ação aqui e depois nem informa a gente nem usa nossa estrutura prá apoiar ele, nem usa né? nem compartilha, nem usa pra ajudar eles. Então eu sentia que era, por vezes, desmerecida assim sabe? ou eles não entendiam o que era a AMANE, eu achava isso também né? Eu ficava achando isso também. Ou se entendiam, não queriam entender, porque não queria que a AMANE fosse tudo que era, fosse isso também, ia competir com o espaço com eles isso talvez... (sobre o atlas e o mapeamento que a amane não deveria fazer, e que tinha condições de fazer com mais acuidade...) E o que que é isso? (competição...) É que ia assumir uma referencia e que eles iam tirar o foco deles no nordeste não ia ser mais eles, iam usar uma base aqui e a referência não ia ser a SOS, ia ser a AMANE, ia ser a SNE. Eu vejo muito isso hoje trabalhando no ramo da cervejaria, a gente tem um discurso que é o seguinte: eu não quero competir prá aumentar a minha fatia da pizza, eu quero que aumente o tamanho da pizza, então, o trabalho de ONG é esse. O que a gente dizia pro CEPAN, a gente não compete contigo eu quero que tenham mais ONGs mais gente trabalhando, mais projetos, porque prá gente é bom isso, né? não a coisa de competir eu vou ganhar um edital e você não vai ganhar... ou não vou lhe dar o mapeamento, vou ficar com ele, isso é uma visão que desconstrói na verdade, não constrói. Então, hoje, no ramo privado, a gente tem uma visão dessa assim, eu compartilho uma ação com outra cervejaria, a gente compartilha produtos, a gente compartilha sabe? Lógico que não tudo, mas, existe o compartilhamento, não é ... não é a lei do cão. E que talvez, o Pacto no conselho não tivesse essa visão de compartilhamento, sabe? faltava isso, eu acho em

alguns momentos. Como poderia ter sido melhor? Acho que é isso, uma abertura maior, de entender que a AMANE era o braço de implementação do projeto deles aqui no nordeste, as instituições do Pacto independente se o projeto era do Pacto ou não, mas, eles, por serem do Pacto poderiam colocar na mesa: olha, a SOS tem um projeto X aqui no nordeste prá reduzir custo eu mando só aqui um funcionário prá vocês e vocês usam o carro de vocês e vocês apoiam lá e a gente tá junto, a gente compartilha aqui recurso, compartilha também os gastos, acho que faltou isso, o projeto corredor a gente por diversas vezes trouxe a CI, trouxe a CI, trouxe a CI e eles não vestiram a camisa do Corredor, é o que eu sinto, ninguém vestiu a camisa do Corredor (ninguém vestiu mas, a cprh publicou) Publicou? O que? (um documento de ucs com o mapa do corredor) Olha só. Queria ver depois. A gente mapeou, a gente fez um trabalho aqui que ninguém nem olhava para Sergipe, Bahia, que a gente propôs aqui. Ninguém pensou numa visão integrada aqui, sabe? E que eles vieram, contribuíram, e aí? Tão usando? Usaram prá alguma coisa? Foi aproveitável? Eu sinto isso (já tem publicações sobre o corredor, como a tese de larissa e um artigo) Por si só ele vai andar só, foi um trabalho muito grande com muita gente envolvida, a própria Reserva da Biosfera, você mesmo, a AMANE saiu antes há um tempo atrás da reserva por não acreditar mais na estrutura que a reserva estava adotando e acho isso também que a reserva era um modelo de rede que não tava funcionando e a AMANE se propôs a fazer um outro modelo de rede a Reserva acho que até hoje não está funcionando. Há dois anos atrás eu estava na SEMAS de 2013 a 2015 tava na SEMAS, não, passei um ano na SEMAS e um ano no Distrito (de Fernando Noronha), mas, eu vivi a SEMAS, então tava sem coordenação regional, (o colegiado foi extinto, não tinha comitê estadual) sem comitê estadual...tava sem comitê e quem era o comitê, era aquela pessoa que tava na CPRH e foi prá SEMAS e queria levar prá ela... e não é seu. Isso aí é do Estado, o secretário não assumiu o compromisso, e aí? Vira uma agencia de viagem de turismo, vou usar um termo até ... pejorativo, você pegava muito no meu pé quando eu falava isso, mas, eu vejo os velhinhos usando isso aí prá viajar, prá passear, vão pra Brasília, vão pro Rio de Janeiro, fazer uma reunião num barco, fazer uma reunião num sei o que, é uma agencia de turismo... vou ali bater umas fotos, mas, o que estão fazendo realmente? Sim, mas, o que que está fazendo realmente? O que que essa rede está se propondo a fazer? E... eu acho que é... a AMANE propôs uma visão diferente dessa rede, propôs uma visão diferente de trabalho né? tanto que a turma vinha prá cá eles diziam, pô! Vocês trabalham demais, porque a gente tinha em mente que era um recurso público, tinha em mente que a gente tinha que cumprir a missão da gente e que não era fácil cumprir a missão, né? era um trabalho intelectual mas, ao mesmo tempo, usava uma energia física ali de (tinha um compromisso né?) Justamente, um

compromisso com a causa com o projeto, com a comunidade. Sempre que eu pego a estrada eu me recordo as vezes que eu ia prá Murici que eu tentava ser o mais no começo começo, eu brinco que eu batia o meio de campo, chutava pro gol, fazia defesa, cabeceav,a ia no banco trocava o cheque, ia prá Murici, chegava em Murici fazia o trabalho lá e voltava prá cá, então, ficava com a cabeça... cara, né só projeto que dava resultado... então a AMANE deu muito isso prá gente sabe? De ter compromisso com a missão da gente mesmo né? Que contribuições o Pacto Murici e a AMANE em seus dez anos deixam prá luta de proteger a Mata Atlântica e outros biomas? Olha eu acho que é... só o fato da AMANE ter capacitado, vou te falar dos três grandes projetos porque eles foram fundamentais eu acho prá deixar o legado, lógico que os outros projetos contribuíram muito, o CEC, os planos de manejo, mas, o PDA Capacitação, ter mexido com gente do Piauí ao sul da Bahia, o PDA Rede de ter mexido com gente também de vários estados de ter botado prá dialogar órgãos estaduais que não dialogavam, órgãos estaduais que não dialogavam com federais sabe? Empresário não dialogava com universidade e a gente até difícil mensurar isso hoje, que a gente não tá acompanhando, na minha época eu acompanhava, mas, qual o resultado disso hoje nas políticas públicas dos estados? Rio Grande do Norte lançou um SEUC, Pernambuco lançou também um sistema Estadual, mas, fora isso o que foi que surgiu? Que que mais parcerias que surgiram, RPPNs que surgiram os projetos que surgiram? Tem muita coisa aí com certeza, né? esse legado da AMANE ter mexido com a cabeça de muita gente e que a mata atlântica não é só essa pontinha aqui, mata atlântica está nos brejos também aqui mata atlântica está nas cidades, a mata atlântica está nas áreas urbanas né? então acho que esse legado de é... dispersar conhecimento, promover a restauração florestal que a gente promoveu... o lance do projeto da Celpe, tá envolvido no Energia Verde que é um projeto que até eu fico curioso de ir lá prá ver como tá o projeto (tem o dobro das aves que tinha...) É mesmo? E a mata? (tá bem) Pegou bem? E o pasto como tá? Dá vontade de ver aquele pasto, acompanhar. Não é mais pasto. De... até eu quando tava em Noronha encontrei o pessoal da... o Daniel da Neoenergia e tal. E aí ele não lembrava de mim e eu falei: fui da AMANE cara? Pô, o Energia Verde to lembrado, criou também um vínculo com eles, deu certo aqui, não sei se em outros Estados deu certo como deu aqui, aqui deu muito certo. (A SAVE faz um inventário de aves...) Queria ver a mata como é que tá, a floresta, a gente planejando aquela recuperação ali ... queria visitar lá. Isso é um legado importante que a gente deixa também, lá, fez acontecer né? na época tinha muito o discurso dos usineiros que era impossível fazer isso, que era muito caro que não tinha viabilidade, a gente prá demonstrar tinha até parar prá fazer o modulo lá prá dizer olha, foi mais barato fazer isso aqui que plantar três espécies que você ta plantando aí, tá

repondo anualmente as espécies, olha, tão se mantendo, fazendo manutenção básica ali do pasto, ou não, (não precisa mais não) Já sombreou agora é acompanhar então, esse legado pro nordeste, é um marco, é um marco, né? de política pública, de propor é... área de conservação, de colocar prá diálogo, eu me lembro tanto do PDA como das oficinas que a gente fazia no CEC, de colocar prá dialogar ali o cara que é tido como sem terra, como bicho papão e professora da escola e pô, a professora da escola tinha medo de ir na rua e ir na feira deles, porque tinha medo deles que era sem terra e quebrou uma bruta barreira naquele município ali (teve a enchente né?) A enchente. (...) doaram comida na enchente foi muito marcante acompanhar Murici, Branquinha, aquela ... foi muito marcante acompanhar isso e a AMANE fez isso de ir lá no campo mesmo e dizer a situação é complicada, é social, político econômico e que se não fizer isso, não trabalhar com essas pilares, não adianta trabalhar com mata atlântica. A mata atlântica por si só tem muita instituição trabalhando com conservação, *strictu senso*, pesquisa e conservação, e a AMANE ela fazia isso com o desenvolvimento socioeconômico da região, é isso que você, no inicio eu brigava com você, é preciso trabalhar com gente, né? porque se não trabalhasse com gente não adiantava fazer ... captar recurso, fazer plano de manejo, que adianta, porque tava o povo ali, prá produzir alimento... maior carinho também pelas pessoas que eu cruzei lá, o Dão, a Angela (dão ligou prá mim, estão e m gramado...) Foi? Angela? Dão? Fazendo o que? (agroecologia) É mesmo? Tão morando lá em Gramado? É mesmo? (...ligou agradecendo a gente) Carinho... e ó aquela família ali era ... eu fui lá e via... no início, início eu acompanhei a reportagem lá com Beatriz, ganhou até um premio também, e eu acompanhei lá a entrevista de Angela e é emocionante o amor dela pela terra ali e aquela vontade de aprender e a gente falava as coisas prá ela a gente compartilhava com ela e ela pensava sobre aquilo e colocava em prática e quando vê ela tava praticando já. Agroecologia é isso, né? essa mudança de paradigma na vida das pessoas, né? que bom saber que eles estão em outra outra outra realidade, interessante. A própria Irmã Rita do Assentamento e pensar aqueles projetos lá que a gente pensou (...ela continua tocando, o depoimento dela é muito lindo) Imagino, imagino que ela esteja, é muita garra ela né? conhecendo essas pessoas me ajudou a formar quem eu sou hoje pessoalmente, né? pessoas que eu não tinha oportunidade de conviver aqui em Recife, não dessa forma, agricultores que ocuparam a terra, que plantaram, é... eu acho que essa contribuição da AMANE não so para a mata atlântica mas, que eu lembro que na época, que não venham prá caatinga, façam na caatinga também, se inspirem, façam vocês, a gente ajuda vocês a fazer. Eu não sei se na caatinga surgiu algo assim, mas, hoje tem várias pessoas trabalhando na caatinga com agroecologia (A ASA...) A ASA é fortíssima, mas, o ... é... o próprio SERTA tem uma

referencia boa na caatinga né? (A ASA é uma rede...) É verdade. Tem muita coisa acontecendo na verdade e a gente se for olhar prá trás a gente tem uma referencia, dá prá ver uma referencia da AMANE nisso, do que fazia, de mexer com articulação, de mexer com outra visão de mundo também né? A ação ambiental em Rede. Você participa de outras ONGs, redes, quais? No momento não estou participando de nenhuma outra ONG, no momento não estou. Que ações voltadas à proteção ambiental você desenvolve em rede, como você usa as redes prá desenvolver seu trabalho. A rede nossa, a rede de gestores em si, eu não estou... até dois anos atrás eu estava, eu tava lá em Noronha eu usei muito, nos conselhos, minhas intervenções no conselho, os papéis que assumi nos conselhos acabei assumindo alguns grupos de trabalho no conselho. Acabei me envolvendo com o plano de manejo de Noronha, acabei propondo capacitações trazendo um pouco de comunicação não violenta trouxe muito isso pro trabalho lá e... o engraçado é que no meu primeiro dia de trabalho em Noronha, não sei se eu lhe falei isso. Meu primeiro dia em Noronha eu cheguei perdido, quem me levou foi Mariana Maciel, me botou lá na vaga e eu pensava essa guria é muito nova né? me botou aqui na vaga, o mundo inteiro tava querendo essa vaga, vários políticos querendo e ela conseguiu me botar, então, vamos lá. Aí teve um evento em Noronha com Sergio Xavier, com Cacá e tal, lá no Auditório do Tamar, um evento que era uma assinatura, lembra um pouco o Pacto, né?, do Noronha +20, que é um documento de 20 anos de Noronha né? que era muito isso, área de desenvolvimento sustentável, educação, só que envolvia muito da infra estrutura da ilha também, que era o governo do Estado assinando, no caso, a SEMAS, o Distrito Estadual e o ICMBio. E aí quando a gente chega na reunião antes do alinhamento, tava lá Carla Marcon, do ICMBio, fiquei calado, entrei lá calado, ela não me viu. Quando ela levantou a cabeça e me viu assim... eu tava totalmente desconcertado, ela me deixou, se levantou prá falar comigo, me abraçou, o chefe do Parque ficou assim: quem é esse cara? Aí fomos pro auditório, e aí eu tava no auditório na minha e tal, e aí teve um momento que me apresentaram: esse aqui é o novo assessor de articulação da SEMAS em Noronha e aí fui lá prá frente, eu no começo sou meio tímido, depois perco a timidez. Entrei lá na frente todo tímido lá, e aí falaram sobre mim, eu falei um pouco sobre mim também e comecei a falar e aí quando terminei de falar, Carla Marcon pediu a palavra, pegou o microfone, mas, ela me elogiou, me falou do meu trabalho na AMANE, da rede, da capacitação, fiquei emocionado na hora assim, sabe? e depois todo mundo chegou pra mim, rapaz, quem é tu cara? Tu chegou aqui e nossa chefe, coordenadora regional tá largando elogio prá tu sabe? Eu disse olha: foi uma relação que a gente criou dentro do projeto, a gente criou na rede, a gente criou no capacitação, criou no plano de manejo, até depois a chefe da APA de Noronha, foi prá

Brasília aí assumiu os planos de manejo de Murici aí chegou a falar comigo sobre o Plano de Manejo de Murici e aí eu perdi o contato com ela, ela foi prá Washington e voltou, enfim, mas, até pouco tempo atrás, usei total a rede. O que fizemos, me manteve nesse trabalho em Noronha que era um trabalho bem complicado de articulação, meu primeiro ano foi de articulação, depois eu fui para o executivo, mas, esse primeiro ano se não fosse a rede e o capacitação.. me deu ferramentas prá dialogar com tudo aquilo que eu tava participando, eu tinha sido massacrado porque é... era um ambiente, um cargo indicado em um local, um lugar que é uma vitrine e que eu queria fazer o caminho certo e a turma queria, tanto que o governo do Estado não participava dos conselhos, quando a gente começou a ir (CONDEMAI?) Não, era o conselho da APA de Noronha e o Parque de Noronha, o PARNAMAR e a APA de Noronha. A gente começou realmente a participar dos conselhos, né? e dar contribuição no conselho e assumir algumas possíveis lideranças realmente porque são conselhos federais e que já existe uma briga com o federal e estadual lá e que a gente entendia que era outro papel e aquele era o papel do conselho do Parque, distrito na área urbana e no Parque é Parque, a gente tinha que dialogar isso, envolvendo...nossa, eu vi muita coisa lá, me envolvi num projeto prá... mandamos prá SOS esse projeto até, prá viabilizar a captura de sardinha prá...É... que ações são mais efetivas em rede? Como assim, que ações... (É, quando as pessoas estão articuladas em rede o que elas conseguem ser mais efetivas? nas conquistas ambentais) Olha, é... prá ... pras ações ambientais, prá questão ambiental, pro desafio ambiental, a rede ela é... é a espinha dorsal da política pública, é a espinha dorsal tanto da criação da política pública que realmente é... desenvolver uma política em rede e não ser uma coisa unilateral, pensa só pesquisadores, só políticos é... mas, que seja pensado de forma compartilhada, então eu acho que a rede ela se propõe a ela pode se propor a construir essa política de forma... com várias mãos, né? porque a gente consegue chegar mais perto da realidade, por exemplo propor um Sistema Estadual de Unidades de Conservação ou propor uma legislação especifica para manejo de espécie invasora porque não construí-la em rede, construir com vários conhecimentos, do assunto, né? e para implementar mais ainda, a gente não consegue implementar e colocar em prática a teoria se não tiver várias mãos envolvidas no projeto, no processo, seja a universidade, seja o poder público, seja o conhecimento tradicional, seja o campo, seja o empresariado, então a rede eu acho que é fundamental para colocar no chão as ideias, é ali que ... da onde surge as ideias em rede, da onde implanta as ideias em rede também e ... acho que isso é que é o caminho, talvez essa seja a importância de pensar em rede, pensar de forma articulada e de implementar com diferentes saberes também, não é? A partir daí a gente consegue ser mais eficiente nas ações ambientais, né? não adianta

pensar um plano de manejo unilateralmente, pensar o plano de manejo só o na via do órgão conservador, tem que envolver quem tá perto ali também, tem que envolver... é o que a gente fazia em Noronha, ia discutir plano de manejo tinha uma pessoa na equipe do ICMBio, que ela queria porque queria ligar o trator e aprovar tudo, não cara, não tem como, tem que botar o pescador, chama o pescador prá conversar, tem agricultor na Ilha? Botar o agricultor prá conversar. População tradicional, tem? Não tem? Mas, quem que é representante de população antiga aqui? Tenta trazer, se existe um conflito de interesse, tem trazer esse conflito de interesse prá mesa também. A rede ela é esse espaço de é... achar o caminho do *meio. Achar o caminho que seja... é... da viabilidade né? Quais os problemas mais graves que dificultam os problemas das UCs no Corredor da Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste? Nossa... os mais graves? É... acho que, dos mais graves tem a questão da terra, da propriedade, né? a questão fundiária é a questão mais difícil de ser resolvido, inclusive, a* ESEC Murici até hoje tá lá com Renan Calheiros dono de parte da ESEC, deve estar com várias fazendas lá. A AMANE teve dinheiro prá comprar e não conseguiu comprar. A questão fundiária é difícil porque a questão, as vezes se consegue o dinheiro mas, não tem documento. As vezes tem documento mas, se o proprietário não tá envolvido com a conservação daquela área e principalmente se for uma UC de proteção integral tem que se desocupada, tem que ser desapropriada e tem que ser feito isso na forma mais rápida e segura possível hoje, principalmente os poucos refúgios que se tem hoje da mata atlântica e as áreas mais conservadas ... tem que ser retirados, drasticamente falando. Outra outra grande dificuldade que a gente tem é... o próprio governo que é muito letárgico para implementar as políticas públicas, demora muito prá criar um plano de manejo, demora muito para criar um conselho gestor, demora muito prá por em prática mas, tem bons resultados. A APA lá de Guadalupe vinha caminhando bem, tinha plano de manejo, a de Saltinho também, tá andando bem, tinha suas dificuldade ali de terra mas, dialogava no conselho mas, é... eu acho que questão fundiária e a falta das ferramentas, de conselho, de plano de manejo são... o que mais dificulta, quando tem conselho não tem plano de manejo, quando tem plano de manejo não tem conselho então acaba que... o que dificulta a implementação das UCs. Como as ações articuladas em rede pode contribuir com a resolução desses problemas? É isso. O diálogo, as ações em rede podem abrir novos caminhos de diálogo. Podem ... (...) criar pressão para serem resolvidos e criar novos canais de dialogo... não dialogavam. Eu lembro que é... eu não conheci Saltinho antes do capacitação, conheci Saltinho já depois do capacitação, mas, eu sei que mudou, não só porque mudou o gestor, que eu lembro que o gestor que era um pouco mais severo, duro, mas, que Saltinho começou a dar vozes para os agricultores, não eram só

as usinas que tinha voz, porque as usinas, por dias queria tomar o conselho como forma de poder, então, as ações em rede podem abrir esses canais, fazer pressão para serem implementadas e podem capacitar esses gestores que estão ali lidando, ... ali também. (...) Fortalecer, justamente, fortalecer e dar prá eles ferramentas, o cara sentou ali na cadeira de chefe da unidade, mas, ele não é um gestor ainda sabe? não tem a ferramenta de abrir pro diálogo, saber conduzir... e a rede pode fortalecer isso, dele conhecer outras unidades, outros chefes de unidades, outros gestores, né? e abrir a cabeça dele prá outras ideias também. A gente vai falar sobre.... né? (a ideia agora é falar do plano de ação hoje para a área focal murici urubu) Nossa... é... (...) um novo PICUS? eu tava chamando de Pacto mas, na realidade era o PICUS, o Pacto veio para implementar o PICUS, né? olha quais os componentes e ações... Dorinha, eu continuaria a desenvolver o que a gente tava propondo ali, que eram os CECs, os dois CECs como centros de articulação, Murici e Urubu, importante mantê-los como centro de articulação, como centro de ... informação, ter livros disponíveis, tem que fomentar uma população local para se apropriar do conhecimento ali da área também. Eu manteria também um centro de educação aqui para trabalhar com os dois CECs, certo? Manteria essa linha de trabalho com agroecologia também, a produção de alimentos, né? sustentabilidade, pensando no entorno da unidade, como ali no cinturão de amortecimento no entorno das unidade, envolvendo os agricultores na gestão da unidade, na gestão do conselho, fazendo parte do plano de manejo, acho que isso é fundamental. Manteria também um foco em recuperação, já que é uma área que teve uma perda muito grande nos últimos anos e tem grande biodiversidade então eu manteria um projeto de recuperação com universidades fazendo um viveiro ou dois viveiros, mas, isso é uma coisa que a gente não conseguiu finalizar, de ter um viveiro, de ter um viveiro experimental né? porque aí ... hoje o CEPAN é o presidente do Pacto pela mata atlântica, pela restauração da mata atlântica, e a gente não tem um viveiro aqui ainda, modelo, o nordeste não tem um viveiro modelo ainda, e ... educação, agroecologia, restauração, acho que é isso assim. Essa restauração está envolvida com a água também. Acho que é a questão da água na região (olhando o mapa) Essa área pega também Coimbra e Ibateguara né? Coimbra e Ibateguara, é... acho que é isso. Acho que seriam basicamente essas grandes linhas aí, educação, recuperação, e a questão da agroecologia, é fundamental e envolver os jovens na educação, é promover... fortalecer mais essa rede de ... observadores de aves, promover o ecoturismo também na região, mais, porque deve ter mais, promover os guias, porque provavelmente os guias vêm de fora da região, isso talvez seria uma forma de ter recurso na região, fomentar ali uma cooperativa que assuma a venda de passeios guiados, prá... enfim, observação de aves e tal, isso é possível. E... acho que

é isso. (...) Os parceiros? Olha, acho que os parceiros sempre envolvendo as OEMAs, dos dois Estados, CPRH e o IMA, as duas secretarias também, a SEMAS, aqui de Pernambuco está bem aberta para esse diálogo e em Alagoas não sei como é que está mas, tem contato lá, envolver também a secretaria de meio ambiente de lá, o ICMBio por causa das duas regiões, o ... tem que envolver o empresariado local também, as usinas, tem que envolver as usinas, tomar contato lá com as usinas, que já foram estabelecidos... ali em Maraial, que é pertinho, que tem um envolvimento bom e tem uma vontade de fazer um projeto diferente lá também, envolver Maraial, envolver Serra Grande, envolver as outras ... Trapiche acho que não é não. Envolver outras usinas que tenham na região, (...) Trapiche tá aqui no litoral. Envolver também o ... as escolas, fundamental, os municípios, outros municípios também, as prefeituras locais também, envolver secretaria de educação, agricultura se tiver, os movimentos sociais, CPT, Pastoral da Terra, MST, Movimento de camponeses também se tiver, envolver esse pessoal, acho que é isso assim, e as instituições que atuam na região, que ainda atuam na região. (você acha que a amane fechando o pacto também fecha, acaba?) Dora... o Pacto existia porque a AMANE existia, né? o Pacto em si era o conselho, se a AMANE deixa de existir ele deixa de existir. (o pacto é antes da amane, é independente) O Pacto tá pactuado, tá no papel ali que ele existe, mas, ele não existe porque está engavetado. A AMANE é que trazia o Pacto prá mesa e dialogava. Hoje não tem um fórum de diálogo sobre o Pacto, não tem esse espaço de diálogo para o Pacto. As instituições podem até se encontrar em outros projetos mas, não dialogam sobre o Pacto. O CEPAN, por exemplo, toca a agenda deles de restauração, deve tocar junto com a CI, junto com outros parceiros, com a SOS, mas, não trata com o Pacto. Né? e não estão falando sobre o Pacto Murici e nem estão pensando no PICUS. Se o fato da AMANE ter fechado, eu acho que engaveta o Pacto, ele não deixa de existir porque está pactuado, não é? ele tá ali... é um acordo, tá acordado, não teve quebra de acordo, ele existe ainda, porque a AMANE segurava ele e tocava ele. A AMANE conduzia esse acordo.